



Sob a Autoridade Espiritual de Kyabje Kalu Rinpoche

O precioso ornamento da liberação

Gampopa Sönam Rinchen

As Palavras de meu Perfeito Mestre

Patrul Rinpoche



Gampopa Sönam Rinchen

Centro Budista Tibetano **Kagyü Pende Gyamtso** - DF 425 - Condomínio Jardim América - Lotes F1/F3 - G2/G4
Sobradinho II - DF - Cep: 73070 - 023 - Fone: (61) 34 85 06 97 - Site : www.kalu.org.br



Sob a Autoridade Espiritual de Kyabje Kalu Rinpoche

Gampopa Sönam Rinchen

O precioso ornamento da liberação

Um Ensino Supremo semelhante à Jóia Mágica.
Etapas graduais na Via do Grande Veículo

Patrul Rinpoche

As Palavras de meu Perfeito Mestre

Edição KPG do 10-10-2011

Centro Budista Tibetano **Kagyü Pende Gyamtso** - DF 425 - Condomínio Jardim América - Lotes F1/F3 - G2/G4
Sobradinho II - DF - Cep: 73070 - 023 - Fone: (61) 34 85 06 97 - Site : www.kalu.org.br

Índice

KPG 10-10-2011

		Assuntos	Autores - Páginas			
			Gampopa		Patrul R.	Kalu R.
			Port.	Tibetano		
		Introdução geral ao Dharma				9
Parte	Capítulo	"O Precioso Ornamento da Libertação" <i>Homenagem Preliminar</i>	21	1		
I	1	A causa primeira do Despertar : A natureza de Buda	25	5		
II	2	O suporte da Iluminação: A preciosa existência humana	35	13		
		"As Palavras de meu Perfeito Mestre" A dificuldade de obterem-se as liberdades e as riquezas			51	
III	3	A Condição : O Amigo Virtuoso	83	23		
		O Mestre Espiritual			95	
IV		O Método: As instruções do amigo virtuoso	121	33		
	4	1) A Meditação sobre a Impermanência	125	35		
		Meditação Sobre a Impermanência			137	
	5	2a) Os sofrimentos do Samsara	155	45		
		Os sofrimentos do Samsara			175	
	6	2b) Os atos e seus resultados	207	65		
		O Karma ou a causalidade dos atos			221	
		"Ensinaamentos budistas tibetanos" O Karma – Os atos e seus resultados				247
	7	3) O amor e a compaixão	259	79		
	8	4) A Produção da Mente do Despertar I O tipo de indivíduo que pode produzir a Mente do Despertar A tomada de refúgio	273 275	89 91		289
		A Tomada do Refúgio e a Geração da Bodhicitta				303
	9	II - XII A Produção da Mente do Despertar	315	103		
	10-11	Os preceitos da mente do despertar	341-347	135-143		
		A produção da mente do Despertar - Raiz do Grande Veículo			349	
	12	1) A virtude transcendente da Generosidade	405	147		
	13	2) A virtude transcendente da Disciplina	417	159		
	14	3) A virtude transcendente da Paciência	429	169		
	15	4) A virtude transcendente da Coragem	439	177		
	16	5) A virtude transcendente da Concentração	447	185		
	17	6) A virtude transcendente do Conhecimento	463	201		
	18	As 5 Vias	487	227		
	19	Os níveis dos Bodhisattvas	495	233		
V	20	O Fruto : A perfeita budeidade	509	253		
VI	21	A Atividade dos Buddhas	525	267		

Tabela de estudo e práticas seguindo a progressão do texto de Gampopa e as instruções de Kalu Rinpoche

I] **A Causa** : A natureza de Buddha :

_ Ela está presente em todos os seres como a manteiga, o óleo, o ouro.

_ Está mais ou menos próximo: Família do Mahayana: Compaixão e bondade natural.

II] **A Base** ou suporte

O precioso corpo humano

_ Ter as condições e circunstâncias favoráveis para seguir a via.

_ Rara, difícil de obter : preciosa. Dar-lhe um significado.

III] **A Condição**: O amigo de bem

(O mestre espiritual.)

_ Deve ter uma conduta ética pura; muito estudo e prática.

_ Ele é como um guia nos mostra o caminho que devemos seguir.

_ Relação baseada na aspiração e no respeito: colocar suas instruções em prática.

IV] **Os Meios** para atingir a Iluminação: as instruções do mestre espiritual :

Os quatro obstáculos

1) O apego a essa vida.

2) O apego ao ciclo das existências.

3) O apego ao Nirvana para si mesmo.

4) Ignorância dos meios para atingir a Iluminação

Os quatro remédios

1) Meditação sobre a Impermanência

2) : a) Os defeitos do Samsara

: b) As causas e resultados dos atos.

3) O amor e a compaixão.

4) As instruções sobre a Bodhicitta :

_ Base para a prática : _Ser da família do Mahayana _Ter tomado Refúgio

Votos de liberação individual e de Bodhisattva _Bodhicitta da aspiração

A] **Bodhicitta última** : realizada pela meditação.

B] **Bodhicitta relativa** :

1] **Aspiração**

2] **Colocar em prática**: as 6 Paramitas

1) Generosidade

2) Ética

3) Paciência

4) Entusiasmo

5) Meditação

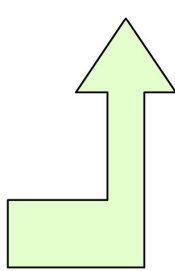
6) Sabedoria

V] **O fruto** : O Estado de Buddha : Tendo seguido os 5 caminhos e as dez terras de Bodhisattva.

VI] **A Atividade Iluminada** : Não intencional, para o bem dos seres, como o sol que brilha para todos.

Estudo : O Dagpo Targyen de Gampopa e o Kunzang Lama de Patrul Rinpoche - Práticas :Tchenrezig em sessões e Lodjong entre sessões.

As fases necessárias para a realização de um objetivo.

	1	2	3
A	<p>1) ト TÔ A Escuta – O Estudo <i>Adquirir uma informação</i></p> <p>2) サ SAM A Reflexão <i>Examinar, analisar.</i></p>	<p>1) チ CHI A Base <i>As preliminares, o suporte, o fundamento da prática.</i></p>	<p>1) タ TA A Visão <i>Compreensão do objetivo e dos meios de realizá-lo.</i></p>
B	<p>3) ゴ GOM A Prática <i>Aplicar, experimentar.</i></p>	<p>2) ラ LAM A Via <i>O Caminho, os processos, os meios que conduzem ao objetivo.</i></p>	<p>2) ゴ GOM A Meditação <i>Colocar em prática, experimentar</i></p>
C	<p>3) ド DRE O Fruto ou Resultado <i>Realização do objetivo.</i></p>		
D			
			<p>3) ト TCHÔ A Conduta <i>Atividade consecutiva. Aplicação, integração na atividade.</i></p>

Introdução geral ao Dharma, o Ensino do Buda

Ensino dado por **Kalu Rimpoché**

Paris, 4 de Abril de 1976, Sala Siem

I Hinayana. A Causalidade, Base, Raiz dos ensinamentos do Buddha

Na morte: _Tudo desaparece como depois de um sonho.
_Não temos nem poder nem liberdade; é o Karma que detém o poder.
_De acordo com os nossos atos virtuosos ou não virtuosos, que renascemos nas classes de seres superiores ou inferiores.
_Só podem ajudar-nos : o karma positivo e as orações do lama.

O Karma positivo e o negativo que produzem todas as experiências.

Os 10 atos nocivos: _Pelo corpo: 1) Matar
2) Roubar
3) Ter má conduta nas relações de casal

_Pela palavra: 1) Mentir
2) Maldizer
3) Proferir palavras ofensivas
4) Tagarelar

_Pela mente: 1) Ter visões errôneas
2) Ter cobiça
3) Ter malevolência

Os 10 atos virtuosos: Pelo corpo, a palavra e a mente, são seus contrários, ex.:

- 1) Proteger a vida
- 2) Praticar a generosidade, etc

Uma conduta ética é necessária; não é suficiente só "meditar sobre a vacuidade"

II Mahayana : A Bodhicitta. A Compaixão (Tab) e a Sabedoria (Shérab)

É preciso desenvolver conjuntamente a Vacuidade e a Compaixão.

A] A vacuidade

1) Exemplos da vacuidade _Nuvens no céu, a chuva, os rios, o oceano, o sonho _Situar o conhecimento.

2) Vacuidade não exclui a causalidade:

_O karma é como um pássaro e sua sombra.
_Causa e fruto são inseparáveis.

3) A origem? _As aparências vêm da mente. _O eu, as aparências, o apego
_A aversão, as emoções. _Onde se encontra o eu ? Este não desaparece; na morte ele vai ao **Bardo**.

B] A compreensão da vacuidade conduz à compaixão.

_A velha mulher cega _Todos os seres foram nossos pais.

III Vajrayana

As fases de desenvolvimento e conclusão permitem alcançar o estado de Buda em uma só vida.

IV Progressão e contexto prático

Nós progredimos pela: 1) Escuta - estudo, 2) Reflexão 3) Prática

As estruturas e os elementos que o permitem:

_Essa é a razão de ser de um centro do Dharma.

Exemplos do Tibet : _As cidades, os mosteiros, os locais de retiro.

No Ocidente : _As vantagens de um centro do Dharma.

Uma atitude não sectária é a de Rimpoché e de seus discípulos.

A utilidade e a importância do lama e do Centro do Dharma.

Introdução ao Dharma, o Ensino do Buddha.

Ensino dado por **Kalu Rinpoche**

Paris, 4 de abril de 1976, Sala Siem, Paris

Este ensino irá expor resumidamente em que consiste aquilo que nós chamamos de Dharma, o ensino do Buda.

I Hinayana:

A Causalidade, Base, Raiz dos ensinamentos do Buda

Há uma citação de Shantideva, o mestre indiano, que diz: "Agora que nós temos este precioso corpo humano, provido de todas as condições favoráveis à prática do Dharma, é necessário tirar proveito desta oportunidade."

Atualmente nós obtivemos o que chamamos de "Precioso corpo humano" que é provido das 18 condições favoráveis à prática do Dharma. Estas são as 8 liberdades e as 10 aquisições. Agora que nós obtivemos esta preciosa existência humana que tem a capacidade de estudar, de compreender e de praticar, se nós aproveitarmos desta oportunidade, nós poderemos, por meio dos renascimentos sucessivos, elevar-nos no caminho da realização. Se nós pudermos fazer isso, poderemos dizer que nós nos utilizamos desta preciosa existência humana de forma significativa.

Que nós utilizemos esta vida humana de forma significativa ou não, de qualquer forma, é necessário se lembrar de que, por sua própria natureza, ela é impermanente. Nós nascemos, crescemos, envelhecemos e seguimos em direção à morte. O que se produz no momento da morte é semelhante àquilo que se produz quando acordamos de um sonho. As aparências do sonho, que nos pareceram tão importantes e tão reais, desaparecem. Igualmente, quando nós morremos, tudo que percebíamos, nossa casa, nossos bens, nossos próximos, nosso companheiro (marido/esposa), tudo aquilo que era querido, desaparece, foge-nos, e encontramos-nos no estado intermediário, o Bardo.

Quando nos encontramos nessa situação, não temos nenhum poder; não temos a liberdade de escolher um renascimento neste ou naquele lugar, de decidir recomeçar uma nova existência humana ou divina. Após a morte, no Bardo, possuir uma existência superior ou inferior é determinado em função do Karma que nós acumulamos na nossa existência presente ou durante nossas existências anteriores. Nós estamos inteiramente sob a influência do karma e não temos praticamente nenhuma liberdade de escolha.

Sabendo que há poucas pessoas que cultivam o karma positivo, há poucas pessoas que podem renascer nas três classes de seres superiores. Como existem muitos que se entregam aos atos negativos, aqueles que renascem nas três classes de seres inferiores são muito mais numerosos. Nós estamos então como na situação de alguém que ficará nu, desprovido de tudo, e que deverá enfrentar inimigos poderosamente armados; nós não poderíamos lutar. O que pode nos ajudar nesse momento é o karma positivo que podemos ter acumulado anteriormente e as orações que podemos endereçar ao nosso lama e as Três Jóias.

Tudo depende, então, do karma; é por isso que, entre os 84.000 ensinamentos diferentes que o Buda enunciou, as instruções sobre a causalidade kármica ("Os atos, suas causas e suas conseqüências") são como a raiz, a base de seus ensinamentos. Em

uma estância enunciada pelo Buda, é dito: "Todos os estados nos quais os seres renascem em condições inferiores ou superiores, tudo isso é produzido pelo poder do karma".

Assim, como tudo depende do karma, é importante saber em que consiste o karma positivo, quais são as ações positivas, em que consistem as ações negativas, e qual é a diferença entre os dois.

1) O karma negativo ou nocivo é acumulado pelas dez ações nocivas, que são:

- | | |
|-----------------------|---|
| Pelo corpo : | 1) Matar;
2) Roubar;
3) Ter má conduta sexual. |
| Pela palavra : | 1) Mentir;
2) Criar discórdia;
3) Fazer uso de palavras ofensivas;
4) Tagarelar. |
| Pela mente : | 1) Ter visões errôneas;
2) Cobiçar;
3) Ter malevolência. |

Essas são as 10 ações nocivas que devemos evitar, esforçando-nos o máximo possível.

As conseqüências ou resultados desses atos são nocivas, ou dolorosas, para si e para os outros. Por exemplo, o fruto de ter tirado uma vida, de ter matado, é primeiramente de renascer em um estado infernal durante um ciclo cósmico, em seguida, renascendo em outras classes de existência, de ter sua própria vida retirada 500 vezes. Ulteriormente, o fruto desse ato será ainda de ter uma vida curta, uma vida com numerosas doenças, obstáculos, etc.

Qualquer uma das ações nocivas que considerarmos terá, portanto, resultados negativos.

2) Agora, quais são as 10 ações virtuosas ?

- | | |
|----------------------|---|
| Pelo corpo: | 1) Parar de matar e proteger a vida.
2) Parar de pegar o que não foi dado, parar de roubar, e praticar a doação
3) Abandonar a má conduta sexual e guardar uma ética de conduta pura. |
| Pela palavra: | 1) Abandonar a mentira e dizer sempre a verdade.
2) Cessar de criar a desarmonia pelas palavras e sempre ser conciliador.
3) Abandonar as palavras ofensivas e sempre fazer uso de uma linguagem amável e agradável.
4) Abandonar a tagarelice, as palavras fúteis, e sempre falar coisas úteis. |

Pela mente:

- 1) Abandonar a cobiça e ser capaz de se satisfazer com o que se tem.
- 2) Abandonar a malevolência, o desejo de fazer mal aos outros e sempre ter uma disposição da mente orientada ao bem do outro.
- 3) Abandonar as visões errôneas, ter confiança nas Três Jóias, desenvolver uma boa compreensão da causalidade kármica e de outros aspectos do ensinamento.

Abandonar, assim, as ações nocivas e cultivar as 10 virtudes, as 10 ações benéficas é o que chamamos de guardar uma ética de conduta.

O melhor é poder guardar toda a ética de conduta ou, senão, guardá-la o tanto possível, que permitirá obter posteriormente, uma excelente existência humana.

Por exemplo, parar de matar e proteger a vida poderá nos permitir, durante os éons, renascer nas existências felizes, divinas e mesmo renascendo como humanos estaremos em uma posição poderosa, teremos riquezas, alegria, sermos desprovidos de doenças, de sofrimentos e teremos a mente feliz.

No nosso mundo existem numerosas tradições espirituais pregando uma ética de conduta que consiste no abandono das diferentes ações nocivas e na prática das ações virtuosas, das quais acabamos de falar. É, portanto, uma característica entre a maioria delas; é um ensinamento que elas têm, por assim dizer, em comum.

Certas pessoas têm às vezes tendência a pensar que não é necessário cultivar uma ética de conduta pura e que é suficiente meditar sobre a vacuidade. Se podemos realmente meditar sobre a vacuidade, a verdade última, é certo que nesse momento não há mais ações nocivas como matar, roubar, ter má conduta sexual, mentir, etc. Entretanto, até o presente, não existiu alguém que pôde alcançar o estado de Buddha somente meditando sobre a vacuidade e é provável que isso não aconteça em um futuro próximo.

A realização da verdade última tem base na verdade relativa e esta é regida pela lei do karma. É, portanto, particularmente importante cultivar as diferentes ações positivas e abandonar as diferentes ações nocivas. Se praticarmos o Dharma teremos que estar atentos.

II Mahayana : A Bodhicitta

Compaixão (tab) e Conhecimento/Sabedoria (Sherab).

Sobre essa base, se seguirmos o ensinamento do Buddha, no âmbito do Mahayana, meditamos sobre o amor e a compaixão. Desenvolvemos a bodhicitta, a mente do despertar que é um ensinamento plenamente notável.

A compreensão da vacuidade é algo que deve apoiar-se sobre o desenvolvimento da compaixão. Da mesma forma, a compaixão se desenvolve apoiando-se sobre a compreensão da vacuidade. Compaixão e vacuidade são dois aspectos complementares que se desenvolvem simultaneamente.

A] O Buda ensinou que todos os fenômenos, todos os objetos de conhecimento são essencialmente vazios, que não há nada que não seja essencialmente vazio.

1) Por vazio entendemos que eles são, por exemplo, semelhantes a sonhos que temos durante à noite. Sua essência é vazia, sua própria natureza não consiste em nada que seja concreto, todas as coisas têm a natureza de aparências ilusórias. Esse caráter vazio ou ilusório dos fenômenos pode ser ilustrado por diferentes exemplos.

Podemos tomar uma nuvem. Ainda que ela apareça e se situe no céu, a nuvem não provém do céu ; ela resulta da junção de diferentes elementos. Quando ela desaparece, igualmente não podemos dizer aonde ela foi. Isso é como um símbolo da vacuidade.

Por outro lado, às vezes chove, dia e noite, ininterruptamente. Poderíamos pensar que há um oceano no céu e que se derrama sobre a terra! Todavia, se sobrevoamos as nuvens de avião constatamos que não é o caso.

Existem também no mundo numerosos rios que aparecem da terra. Poderíamos pensar que com toda a água que sai, a terra deveria se esvaziar, mas não existe fim nem começo para esse processo. Isso pode também ser percebido como um sinal da vacuidade.

Poderíamos dizer que a água tem sua origem no oceano mas a água do oceano não é a mesma que está sobre a terra. A do oceano é salgada, não podemos bebê-la; a água que aparece nos rios e oceanos é diferente desta aqui. Podemos considerar que isso é um símbolo de que todas as coisas são desprovidas de natureza própria, da vacuidade de todas as coisas.

Por outro lado, a água de todos os rios se derrama continuamente no oceano. Poderíamos pensar que o oceano vai se encher, que seu nível vai aumentar e que ele vai transbordar, mas não é assim. Isso também pode ser tomado como símbolo da vacuidade.

Um outro exemplo é o sonho. À noite podemos ter numerosos sonhos que nos aparecem. De manhã, quando acordamos, desaparecem completamente; eles são reabsorvidos na vacuidade.

Por outro lado, desde que somos pequenas crianças, nós passamos numerosos anos na escola onde estudamos e aprendemos muitas coisas. Podemos nos perguntar : onde é que se encontra aquilo que aprendemos ? Está no exterior ou no interior ? Está entre os dois? Não podemos situar esse conhecimento em parte alguma. Isso também pode ser tomado como símbolo da vacuidade.

2) Se todos os objetos de conhecimento são essencialmente vazios, isto não significa, que por serem vazios, não é necessário cultivar as ações positivas e abandonar as ações nocivas.

Para retomar o exemplo dos conhecimentos que nós acumulamos, não podemos situá-los em nós, nem no exterior, nem onde quer que seja ; entretanto, se nós precisarmos desse conhecimento, ele sobrevém à nossa disposição.

E o mesmo é válido para o karma. Comparamo-lo às vezes à sombra de um pássaro que voa no céu; quando o pássaro voa alto podemos pensar que ele não tem sombra; entretanto, quando ele se aproxima e toca o solo, sua sombra torna-se perceptível. A sombra não se separa jamais do pássaro ; e o mesmo vale para as causas e os frutos do karma, eles são inseparáveis.

3) Se todas as coisas, por sua própria natureza, consistem em nada, podemos nos perguntar como surgiram os oceanos, as florestas, os terrenos, as casas, tudo aquilo em que consiste o nosso mundo? Eles aparecem pelo fato de pensarmos em termos do "eu"; do fato de que temos um modo de pensar egocêntrico; eles aparecem da mente.

Quando a mente está em um estado onde há uma apreensão egocêntrica, aparecem, consecutivamente, numerosas aparências ilusórias. Da relação com elas desenvolvem-se o apego, a aversão e um estado de indiferença. E deles provêm o orgulho, o desejo, a cólera, etc., todas as emoções que perturbam a mente.

É necessário examinarmos por nós mesmos quem pensa em termos do «eu» e em termos de "mim". É preciso procurar se esse "mim", e esse "eu", se encontra por exemplo na cabeça? Ele se encontra no olho? No nariz? Na língua? No tronco? Ou ele se encontra na pele? É necessário tentar enxergar em que ele consiste.

Se pensarmos que o eu, o ego, é exclusivamente o corpo, isso quer dizer então que quando morremos e o corpo é enterrado ou queimado, ele desaparece completamente.

Isso não é exato; o pensamento "eu" não desaparece e isso é um sinal de que ele não é assim.

Quando morremos, no corpo físico, que podemos ver, não há mais males, nem sofrimento. O "eu", o "mim" é algo que não pode ser percebido nesse momento; o fato de que não possamos percebê-lo vem precisamente da vacuidade dele. Este "mim", este "eu", não é algo que morra, não é algo que mude; a razão disso é que ele é por natureza vazio.

No momento da morte é primeiramente a respiração que pára, e, em seguida, a mente submerge em um estado de inconsciência. Ela fica absorvida durante um período de aproximadamente três dias.

Após esse período, tem-se novamente uma tomada de consciência; o que percebemos nesse momento é comparável as aparências durante a vida. Podemos ver e reencontrar aqueles que eram nossos vizinhos, nossos próximos, e podemos ir à suas casas. Vemos, nesse momento, estranhos ocupados, pessoas que levam nossos bens, nossas posses. Essa percepção nos induz a uma grande cólera, um ódio, que nos faz recair em um período de inconsciência.

Tentamos nos comunicar com aqueles que nos eram queridos; tomamos suas mãos e tentamos falar com eles mas eles não entendem as perguntas que fizemos e elas ficam sem resposta. Algumas vezes entramos em cólera e outras percebemos que estamos mortos; em seguida quando experimentamos de novo a cólera, recaímos em um estado de inconsciência.

Nesse estado intermediário temos o que chamamos de «corpo mental» e, somente ao pensar em um lugar, como na Índia, por exemplo, encontraremos-nos imediatamente lá. Se pensarmos na América, encontraremos-nos lá, se pensarmos na França, também estaremos lá instantaneamente.

Estando completamente sozinhos, experimentamos continuamente medos, receios, e agonias. Naquele momento, mesmo que o «eu», o «mim» sejam vazios, sem reconhecer sua vacuidade, pensamos-os como agora e somos submetidos a todas essas aparências.

Durante os 7 primeiros dias no Bardo, as aparências que tinham relação com nossa existência precedente aparecem. Durante este período, se temos uma boa conexão com o Dharma, se temos confiança no Lama e nas Três Jóias, se podemos orar a eles, se podemos meditar ou gerar a Bodhicitta, isso pode ser de grande benefício.

Após a primeira semana, as aparências que tinham relação com nossa existência anterior se dissipam gradualmente e começam a aparecer as da nossa vida futura. Se,

por exemplo, ela deve ser animal, como um cavalo, as aparências, as sensações e as percepções que aparecem serão relacionados à uma existência de cavalo.

Uma vez mortos, todas as aparências que temos atualmente desaparecem como aquelas de um sonho quando acordamos.

Como existem numerosas diferenças no karma dos seres, há numerosas diferenças nas experiências e na duração do estado intermediário no Bardo, mas elas não excedem 49 dias.

Após esse período de transição, retomamos nascimento em uma das 6 classes de seres; aquela apropriada ao nosso karma. Tendo renascido, não percebemos nada além das aparências que são características dessa classe de seres específicos e não temos mais a recordação do que havia antes. Não sabemos mais de onde viemos e nossa mente está obscurecida pela ignorância.

É agora, durante esta vida que podemos praticar aquilo que nos será útil para quando estivermos no Bardo, aquilo que nos será útil nas nossas existências ulteriores. O melhor que podemos fazer é praticar o Dharma.

Aquilo que é nocivo são as ações negativas, aquilo que é benéfico são as ações positivas ; não há mais nada que seja útil ou nefasto.

Se pudermos compreender a vacuidade da mente, assim como a de todos os objetos conhecidos, o fato de que eles são semelhantes a um sonho, a uma ilusão, nesse momento poderemos meditar sobre ela.

B] Se temos compreensão da vacuidade, vemos que ela é também a natureza essencial de todos os seres. No entanto, estes estão iludidos ; eles consideram como real aquilo que não é; eles vagam na confusão e sofrem muito. Percebendo isto, experimentamos naturalmente um grande amor e uma grande compaixão por eles.

O amor e a compaixão que temos quando experimentamos a vacuidade poderia ser comparado àquele que sentimos por uma pobre mulher cega extremamente velha; que tem uma perna quebrada, que não possui nem mesmo um bastão para se apoiar. Se víssemos essa velha mulher aproximar-se de um precipício, quase caindo, nós teríamos, neste momento, naturalmente, um pensamento de compaixão por esta mulher, o desejo de lhe ajudar, de fazer alguma coisa para salvá-la.

O Buda ensinou que ao longo de incontáveis existências todos os seres foram nossos próprios pais, nossas próprias mães. É dito que se podemos enumerar os grãos de areia que constituem a Terra, o número de vezes que todos os seres foram nossos pais é algo incontável.

Todos os seres que não têm a sabedoria transcendente, que não compreendem a vacuidade estão sob o domínio da ignorância. Eles são como cegos errantes na confusão e no sofrimento. No exemplo da velha mulher cega, a ignorância seria como a sua cegueira.

Por outro lado, os seres que não compreendem que eles todos tiveram relações de pais e filhos têm aversão um pelo outro, brigam e se molestim reciprocamente. Se percebermos isso, também poderemos ter muita compaixão por eles.

No exemplo, não ter compaixão é simbolizado por não se ter um guia para nos dirigir. Não ter alguém para nos guiar, para nos dizer o que devemos e o que não devemos fazer para progredir, é como essa mulher que não tinha ninguém para lhe mostrar o caminho e que se perdia.

O cajado que essa mulher poderia ter, que lhe permitiria saber se há no terreno um obstáculo, uma pedra ou outra coisa, pode ser comparado ao karma positivo.

Assim, é importante ter uma grande compaixão por todos os seres.

A Compaixão é o método (Tab) e a compreensão da vacuidade é a sabedoria (Sherab). Se tivermos esses dois aspectos, que são o método e a sabedoria, qualquer coisa que fizermos, e que desejarmos, poderá ser alcançado.

III O Vajrayana

O método, os meios ou a compaixão e o conhecimento da vacuidade são os dois elementos que formam a base, o fundamento essencial do Mahayana.

Sobre essa base podemos desenvolver certas práticas que compreendem as fases de desenvolvimento e de realização, que constituem os meios extraordinários do Vajrayana, podendo permitir alcançar o estado de Buda em uma só vida.

IV Progressão e contexto prático

Se podemos assim escutar o Dharma, refletir sobre ele e colocá-lo em prática, nos será possível evitar renascer nos estados de existência desafortunados. Poderemos renascer nas três classes de existência superior e, finalmente, obter a liberação.

E, para reunir essas condições favoráveis, foram fundados no ocidente os centros ou grupos do Dharma.

Uma tal estrutura não existia no Tibet. O contexto social não necessitava desta forma de organização. No Tibet existiam, claro, cidades e vilarejos, como no ocidente, nas quais se poderiam encontrar todos tipos de atividade. As pessoas que queriam se consagrar inteiramente ao Dharma podiam fazê-lo dentro dos monastérios ou no contexto dos retiros solitários. Em um monastério havia monges, que consagravam seu tempo ao estudo e à prática. Aqueles que queriam se consagrar inteiramente à contemplação se retiravam para meditar em um lugar solitário. Não havia a necessidade de um Centro do Dharma, porque se alguém quisesse se consagrar inteiramente ao Dharma, lhe era fácil entrar em um monastério ou ir a um centro de retiro. Ele era, portanto, apoiado pelos seus parentes e próximos, que o ajudavam propiciando-lhe tudo de que ele precisasse. Era fácil encontrar lamas e havia a possibilidade de receber ensinamentos.

Por outro lado, se nos consagrássemos à prática do Dharma, os pais, a família, os amigos se regozijavam-se, eles ficavam muito contentes. Existia no Tibet uma compreensão e uma apreciação da importância e do valor do Dharma que era correntemente aceita e respeitada.

Atualmente, as condições são diferentes nos países onde o Dharma é ainda pouco desenvolvido e compreendido. Às vezes os pais não apreciam-no, às vezes, os amigos, as vezes, os filhos; outras vezes é o meio que causa problemas. O Dharma é ainda muito pouco conhecido e ele pode ter dificuldades ou obstáculos de todos os tipos.

Se quisermos receber ensinamentos de um lama, é necessário ir a um país distante; para visitá-lo, é preciso visto, permissões que são difíceis de obter; é uma dificuldade suplementar. Se há um centro do Dharma no seu próprio país, um lama pode dar os ensinamentos e instruções que são necessários. Por outro lado, se desejamos meditar uma hora ou duas, de manhã ou à noite, se há um centro do Dharma nas proximidades, podemos visitá-lo e nos alegrar. Podemos estudar, praticar e fazer oferendas. É uma coisa que pode ser muito útil, muito importante.

Kalu Rimpoche disse que, mesmo estando muito velho, pensando que era algo de muito útil e importante, aceitou numerosas dificuldades e foi diversas vezes ao ocidente com a intenção de ajudar as pessoas que desejavam estudar e praticar o Dharma. Foi por esta razão que ele fundou diferentes centros do Dharma.

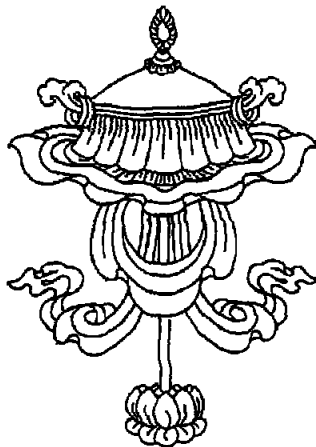
Agora há aqui um bom centro do Dharma; há um lama para dar os ensinamentos e, se for útil, pode até haver outro. Eles poderão vos dar todos os ensinamentos e instruções de que vocês poderão precisar. Se vocês desejam estudar profundamente o Dharma, se vocês desejam estudar o Abhidharma, a Prajnaparamita, ou fazer diferentes práticas, eles poderão também vos dar explicações sobre estes.

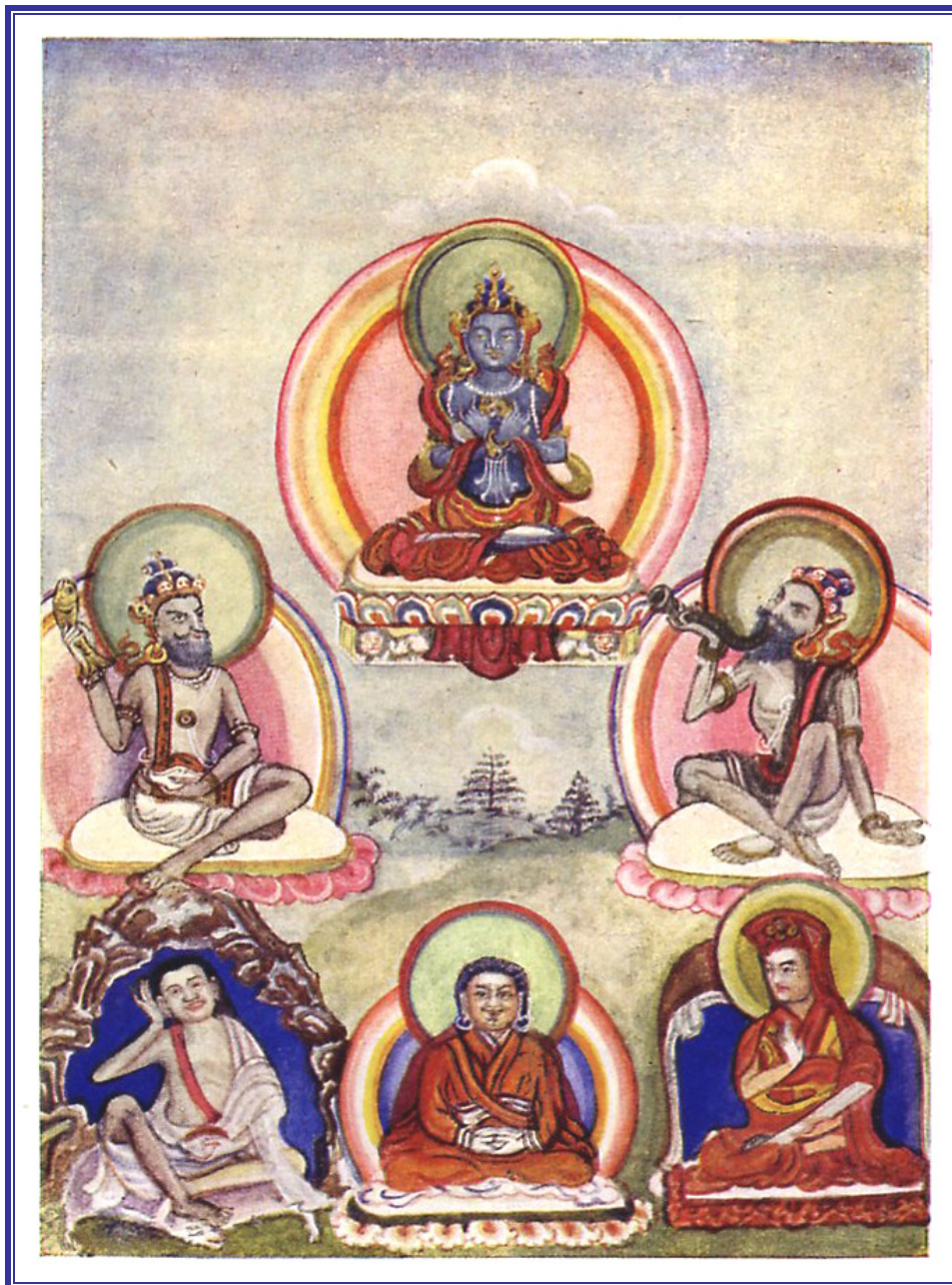
Por outro lado, se Kalu Rimpoche se liga particularmente à linhagem Kagyupa, ele também recebeu ensinamentos, iniciações e tem vínculos com todas as outras escolas. Ele sempre preconizou uma atitude que o nomeou de "Rimé" (não sectário). E o mesmo é válido para seus discípulos. Se há quem queira receber os ensinamentos Kagyupa, isto é possível. Se há quem queira ter instruções ou ensinamentos Gelugpa, Sakyapa ou Ningmapa, isto também é possível.

É preciso dizer também, no que concerne ao Dharma, o simples estudo de livros não é suficiente. É necessário que haja uma transmissão direta por uma linhagem ininterrupta. O lama é, portanto, alguém extremamente importante em um Centro do Dharma.

O centro do Dharma é ele mesmo algo importante. Se todos aqueles que possuem a possibilidade ou os meios puderem ajudar, de diversas maneiras, no funcionamento e no desenvolvimento de um tal centro, ele poderá então se desenvolver e ser de grande benefício para numerosas pessoas.

Terminaremos dedicando o mérito para o bem de todos os seres.





Dordge Tchang
Tilopa Naropa
Milarepa Marpa Gampopa

Gampopa
O precioso ornamento da Liberação

Homenagem Preliminar

"Homenagem ao nobre Manjusri, o jovem príncipe"

Rendo homenagem aos Vitoriosos e seus filhos, do Santo Dharma e do lama, que é a fonte deles. Com base na bondade do senhor Milarepa, para meu bem e dos outros, escrevi este Precioso Dharma, semelhantes à jóia que realiza os desejos.

Introdução

De maneira geral, todos os fenômenos estão no samsara ou no nirvana.

A natureza do samsara é vacuidade, sua manifestação é ilusão e sua característica é o surgimento do sofrimento.

A natureza do nirvana é vacuidade, sua manifestação é o esgotamento e o desaparecimento de toda ilusão e sua característica é a liberação do sofrimento.

- Quem está iludido no samsara?
- Os seres sencientes das três esferas da existência.
- Sobre que base a ilusão se desenvolve?
- Sobre a base da vacuidade.
- Qual é a causa da ilusão?
- A grande ignorância.
- Quais são as modalidades dessa ilusão?
- A ilusão toma a forma de seis reinos, os quais os seres experimentam como realidade objetiva.
- O que seria um exemplo de ilusão?
- O sonho durante o sono.
- Desde quando existe a ilusão?
- Desde que existe um samsara sem começo.
- Que há de errado com essa ilusão?
- A ilusão é a experiência do sofrimento.
- Quando a ilusão se transformará em consciência última?
- Quando o despertar for atingido.
- Pode-se pensar que a ilusão se dissipará por ela mesma?
- Não, porque o samsara não tem fim.

Você pensa que as ilusões se pacificam por si mesmas? Este samsara de natureza ilusória é reputado por ser ilimitado, ter a dimensão de um grande sofrimento e longa duração e não se liberar por si mesmo. Conseqüentemente, a partir de agora esforce-se em obter o Insuperável Despertar.

Apresentação das seis partes da obra

O resumo diz:

O que exatamente é preciso para alcançar o Despertar?

A resposta é dada no resumo seguinte: "Potencialidade, suporte, condição, meios, resultado e atividade: os seis pontos conhecidos por todas as pessoas inteligentes resumem insuperável Despertar."

Devemos, pois, conhecer:

- I A potencialidade do insuperável Despertar.**
- II A pessoa que é o suporte de sua realização.**
- III A condição que o incita a realizá-lo.**
- IV Os meios que o permitem.**
- V Os frutos desta realização.**
- VI A atividade que disto decorre.**

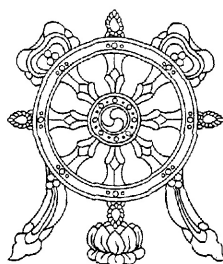
Esses seis pontos serão expostos sucessivamente.

* * *

O resumo diz:

- I A potencialidade do Despertar é a natureza de Buda**
- II O suporte é a preciosa existência humana.**
- III A condição é o amigo virtuoso.**
- IV Os meios são as instruções dele.**
- V O fruto é o corpo perfeito do Buda.**
- VI A atividade se exerce espontaneamente para o bem de todos os seres.**

Esta obra, em vinte e um capítulos, trata do desenvolvimento desses seis pontos.



བློ

༄༅། རྒྱ་ནི་བདེ་གཤེགས་སྣོང་པོ་སྟེ།

Parte I

Capítulo 1

A causa primeira do Despertar :

A natureza de Buda



Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Parte I
Capítulo 1

A causa primeira do Despertar : A natureza de Buda

Todos os seres podem alcançar o Despertar insuperável, pois eles possuem a causa primeira:

A natureza de Buda. – *Citação de textos*

- I Porque o Corpo absoluto, a vacuidade, impregna todos os seres.**
- II Porque no real, a assindade não tem distinções.**
- III Porque todos os seres têm o potencial do despertar.**

1] O potencial interrompido

- 1_Eles estão apegados ao samsara
- 2_Não têm fé
- 3_Não têm consideração pelos outros
- 4_Não têm vergonha de si mesmos
- 5_Não têm compaixão
- 6_Abandonam-se aos atos negativos

2] O potencial incerto

Entrando na família do mestre ou dos textos que eles seguem

3] O potencial dos ouvintes

- 1_Temem o samsara
- 2_Crêem no nirvana
- 3_Não se alegram ao fazer o bem aos outros

4] O potencial dos Budas-para-si

- 4_Além dos precedentes, eles têm um grande orgulho
- 5_Guardam segredo sobre seu mestre
- 6_Amam ficar na solidão

Características dos estados alcançados pelos ouvintes e os Budas-para-si

5] O potencial do Grande Veículo

1) Dois aspectos desse potencial

- a) Potencial inato
- b) Potencial adquirido

2) Sua essência

3) Seus diferentes nomes

4) A razão de sua superioridade

5) Suas duas fases

- a) O potencial não desperto
- b) O potencial desperto

1_As condições desfavoráveis

2_As condições favoráveis

6) As marcas distintivas do Bodhisattva

De acordo com a sua categoria, os seres estão mais ou menos próximos do despertar
Comparações da presença do potencial de Buda: _A prata _O óleo _A manteiga

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Parte I

Capítulo 1

A causa primeira do Despertar: A Natureza de Buda

Lemos nos textos que:

"A causa primeira é a natureza de Buda".

Portanto, é necessário libertar-se do samsara ilusório e atingir o Despertar insuperável. Mas, perguntaremos, como nós, empregando todos os esforços possíveis, poderíamos alcançá-lo? Atingiríamos o Despertar se nos esforçássemos com fervor, já que todos os seres sencientes, dos quais fazemos parte, possuem a natureza de Buda, que é a própria causa da budeidade.

O *Sutra da absorção soberana* afirma:

"A natureza de Buda está presente em todos os seres."

E o *Pequeno Sutra do nirvana*:

"Todos os seres possuem a natureza de Buda."

O *Grande Sutra do nirvana* diz ainda:

"Assim como a manteiga está presente no leite,
A natureza de Buda está em todos os seres."

E o *Ornamento dos sutras*:

"Todos os seres tem a mesma natureza de Buda,
Aquele que a tem purificada se chama Buda."

Por quais razões os seres possuem a natureza de Buda?

- 1] Porque o corpo absoluto, a vacuidade, está em todos os seres;
- 2] Porque na realidade, a natureza de Buda, não tem distinções;
- 3] Porque todos os seres têm o potencial do Despertar.

Por essas **três razões**, os seres têm a natureza de Buda.

Citemos ainda o *Continuum insuperável*:

"Porque o corpo do perfeito Despertar brilha,
Porque a natureza de Buda é indiferenciada,
E porque todos os seres têm o potencial de Buda,
Os seres possuem a natureza de Buda."

1] Quando dizemos que o corpo absoluto, a vacuidade, está em todos os seres, queremos dizer que o Buda é o corpo absoluto, que o corpo absoluto é vacuidade, e que a vacuidade está em todos os seres. Por conseqüência, os seres têm a natureza de Buda.

2] Quando dizemos que, na realidade, a natureza de Buda é indiferenciada, queremos dizer que, entre a natureza de Buda dos Budas e a natureza de Buda dos

seres ordinários, não há distinções entre bom e mau, grande ou pequeno, alto e baixo, conseqüentemente, todos os seres têm a natureza de Buda.

3] Todos os seres têm o potencial do Despertar e pertencem a cinco famílias.
E diferem entre si de acordo com seus potenciais:

- 1) O potencial interrompido,
- 2) O potencial incerto,
- 3) O potencial dos ouvintes,
- 4) O potencial dos Budas-para-si,
- 5) O potencial do Grande Veículo.

Essas cinco famílias representam todos os potenciais do Despertar.

1) Os seres que possuem o potencial interrompido têm, segundo o grande Mestre Asanga, seis características:

- 1_ não tem consideração pelos outros,
- 2_ ignoram o sentimento de vergonha de si mesmos,
- 3_ não têm compaixão, etc.

Mas vejamos como Asanga os descreve:

- 1_ Eles percebem os defeitos do samsara, mas não experimentam o menor desapego;
- 2_ Eles ouvem falar das qualidades dos Budas, mas não sentem a menor fé;
- 3_ Eles ignoram: o consideração com relação aos outros,
- 4_ a vergonha de si mesmos,
- 5_ a compaixão;
- 6_ Eles se entregam sem reservas aos atos negativos, mas não sentem o menor arrependimento.

A budeidade não é atributo daqueles que estão separados da causa.

No *Ornamento dos sutras*, Asanga diz ainda:

"Alguns agem unicamente para prejudicar,
Outros destróem tudo o que é bom,
Outros ainda não têm nenhum dos méritos necessários à liberação:
Aqueles a quem faltam as virtudes, falta-lhes a causa."

Dizendo que aqueles que possuem essas características têm um "potencial interrompido", queremos dizer que permanecerão durante muito tempo no samsara, mas não que nunca atingirão o Despertar. Esforçando-se com diligência, poderão também se tornar Budas.

Como o afirma o *Sutra do lótus branco da compaixão*:

"Suponha, Ananda, que um ser que não está destinado a ultrapassar o sofrimento pense no Buda e lance-lhe uma simples flor no céu. E, então, este ser terá adquirido a possibilidade de atingir o fruto do nirvana. A seu respeito, eu digo que ele caminha em direção ao nirvana e acabará atingindo-o."

2) Os seres cujo potencial é incerto são dependentes das circunstâncias. Seguindo, por exemplo, um amigo de bem, freqüentando ouvintes ou lendo seus sutras, começam a acreditar em sua doutrina, entram, assim, em sua família e atingem o nível de um ouvinte.

Se as circunstâncias os conduzirem em direção à via dos Budas-para-si ou em direção à via do Grande Veículo, eles seguirão estas duas outras vias.

3) Os seres que têm um potencial de ouvinte temem o samsara, crêem no nirvana e só têm um pouco de compaixão.

1_Eles temem os sofrimentos do samsara,

2_Eles acreditam firmemente no nirvana,

3_E não se regozijam no bem dos seres;

Eis as três características do potencial dos ouvintes.

4) Aqueles que têm um potencial de Buda-para-si possuem as três características precedentes, mas, além disso, eles são muito seguros de si mesmos, mantem secreta a identidade de seu mestre e gostam de permanecer sós em lugares desertos.

Cansados do samsara, eles gostam do Nirvana,

Fraca é sua compaixão, enorme seu orgulho,

Seu mestre é um segredo, eles gostam de permanecer sós:

Neles, o sábio reconhece o potencial dos Budas-por-si.

Mesmo quando os seres da família dos ouvintes e dos Budas-para-si estão engajados em sua respectiva via e atingem o seu fruto, esse fruto não é o verdadeiro nirvana. Então, em que situação se encontram? Ainda estão marcados por uma propensão à ignorância e possuem um corpo mental adquirido pelo poder de atos não contaminados. Eles se encontram em estado de concentração profunda, igualmente não contaminada, e, tomando esse estado por nirvana, ali permanecem.

Mas, podemos pensar que, por não se tratar do verdadeiro nirvana, não seria lógico que o Buda tivesse ensinado essas duas vias. Mas, de fato, é lógico. Tomemos a imagem destes comerciantes que partiram para o oceano em busca de pedras preciosas. Durante a viagem, chegam a uma vasta terra árida onde se exaurem e perdem a coragem. Pensam, então, que nunca encontrarão o que procuram e apressam-se em reencontrar seu caminho, quando seu capitão indica milagrosamente uma grande cidade e os convidam a descansarem ali para retomar as forças. O mesmo ocorre com aqueles que não têm coragem. Quando escutam falar da sabedoria dos Budas, o medo se lhes apodera e dizem que deve ser muito cansativo atingir a budeidade, que não serão capazes. Eles não se engajam na via ou, se o fazem, acabam retrocedendo. O Buda lhes mostra então, a via dos ouvintes e aquela dos Budas-para-si, e orienta-lhes a repousar nos dois níveis de Despertar nos quais essas vias chegam.

Lemos no *Lótus branco do sublime Dharma*:

"É assim que todos os ouvintes

Pensam ter atingido o nirvana,

Mas o Buda lhes diz:

Este não é o nirvana, é um lugar de repouso."

Uma vez que tenham descansado no nível dos ouvintes e dos Budas-para-si, o Tathagata, que tem conhecimento disso, exorta-os a atingir a budeidade.

Como ele procede? Com seu corpo, sua palavra e sua mente. De seu coração, emite raios de luz, que pelo simples contato com o corpo mental desses seres, despertam-lhes de sua concentração contaminada. Depois, mostrando-lhes a aparência de seu corpo, e, de sua palavra, ele os exorta nestes termos:

"Monges, o que vocês fizeram não basta, vocês não realizaram sua tarefa; seu nirvana não é o verdadeiro nirvana. Agora, ó monges, aproximem-se do Tathatagata! Escutem-no! Realizem!"

Encontramos a mesma exortação em forma de versos no *Lótus branco do sublime Dharma*:

"Também, monges, hoje eu declaro:
Que este ainda não é o nirvana.
Para atingir a onisciente sabedoria,
Armam-se todos de uma forte coragem
E essa sabedoria será de vocês."

Com essas palavras, os ouvintes e os Budas-para-si produzem pela primeira vez a mente do grande Despertar. Depois, após terem agido como Bodhisattvas durante um número incalculável de kalpas, eles atingem a budeidade. O que aparece também no *Sutra da entrada em Lanka*.

O *Lótus branco do sublime Dharma* diz ainda:

"Estes ouvintes não atingiram o nirvana,
Mas todos tornar-se-ão Budas
Quando tiverem praticado a conduta dos Bodhisattvas."

5) Vejamos agora o que caracteriza o potencial do Grande Veículo:

1_As duas categorias do potencial do Grande Veículo

2_A essência desse potencial

3_Seus diferentes nomes

4_As razões de sua superioridade

5_Seus dois aspectos

6_Suas marcas distintivas

1_Os dois aspectos do potencial do Grande Veículo:

Distinguem-se:

- a) o potencial inato e**
- b) o potencial adquirido.**

a) O potencial inato é a capacidade, que possuímos desde sempre, de fazer nascer todas as qualidades dos Budas. Somos naturalmente dotados desse potencial.

b) O potencial adquirido é a capacidade de tornar-se Buda, que é adquirida cultivando as fontes de bem.

2_A essência desse potencial:

Esses dois potenciais permitem atingir a budeidade.

3_Seus diferentes nomes

Chamamos às vezes esse potencial de "grão", "elemento" ou "natureza".

4_As razões de sua superioridade

O potencial da família do Grande Veículo é eminentemente superior ao das demais. Aquele dos ouvintes e dos Budas-para-si são chamados “inferiores”, pois, para realizá-los plenamente, basta que suprimam o véu emocional.

O potencial do Grande Veículo é supremo, pois ele atinge sua perfeição quando os dois véus se dissipam. Por essa razão, ele supera o potencial dos outros veículos.

5_Seus dois aspectos

Esse potencial pode ser:

a) **desperto ou**

b) **não desperto.**

a) **Ele é desperto** quando “seu fruto é perfeitamente atingido”. Seus sinais são, então, visíveis.

b) **Ele não é desperto** enquanto “seu fruto não foi perfeitamente atingido”. Seus sinais, então, não aparecem.

O que provoca o despertar desse potencial? Seu despertar é produzido quando as condições desfavoráveis estão ausentes e as condições favoráveis, presentes. No caso contrário, o potencial permanece adormecido.

1-**As condições desfavoráveis** são quatro: 1: renascer num estado sem as liberdades, 2: não ter as propensões necessárias, 3: dedicar-se à atividades negativas e 4 : ter uma mente obscurecida.

2-**As condições favoráveis** são duas: 1- A primeira depende do outro: é o fato de receber o ensinamento do Dharma. 2- A segunda depende de si: é uma atitude mental adequada que consiste, entre outras, em aspirar ao bem.

6_ Os sinais distintivos do potencial do Grande Veículo são aqueles que indicam a participação na família dos Bodhisattvas.

Lemos no *Sutra dos dez Dharmas*:

"O potencial dos Bodhisattvas para a mente superior
Reconhece-se por seus sinais,
Como o fogo pela fumaça
E a presença da água, pelos patos."

Quais são os sinais que caracterizam o Bodhisattva? Sem ter aplicado o remédio, no corpo e na palavra, ele é naturalmente suave; sua mente não conhece a hipocrisia; e finalmente, ele é bom com os outros seres e tem fé.

Ainda no *Sutra dos dez Dharmas*:

"Nem violento nem colérico,
E despido de hipocrisia,
Ele ama todos os seres:
Tal é o Bodhisattva."

Além disso, a compaixão pelos seres está em cada um de seus atos, ele tem fé no ensinamento do Grande Veículo, aceita pacientemente as tarefas difíceis e pratica de maneira autêntica as fontes de bem que provêm das seis virtudes transcendentais.

Lemos no *Ornamento dos sutras*:

"Compadecer-se antes de agir,
Ter fé, ser paciente,
E praticar o bem, de forma autêntica:
Tais são as marcas desse potencial."

Dentre os cinco potenciais de Buda, aquele dos Bodhisattvas permite atingir a budeidade em curto prazo. Chamam-no de "causa próxima".

O potencial dos ouvintes e o dos Budas-para-si permitem atingir a budeidade em longo prazo; chamam-nos "causas distantes".

Quanto ao potencial incerto, ele é às vezes causa próxima e às vezes causa distante.

O termo "potencial interrompido" nos remete simplesmente a uma idéia de duração; não significa que a budeidade seja impossível, mas constitui uma "causa extremamente distante".

De onde se deduz que, já que os seres pertencem a uma ou outra dessas famílias, eles possuem a natureza de Buda, e que, pelas três razões citadas acima, essa verdade aplica-se a todos.

À que podemos comparar o potencial de Buda? À prata que se encontra no mineral, ao óleo no grão de sésamo ou a manteiga no leite. De fato, do ser ordinário, é possível fazer um Buda.

ཏེན།

༄༅། ཏེན་ནི་མི་ལུས་རིན་ཆེན་མཚོན།

Parte II

Capítulo 2

O suporte da Iluminação:

A preciosa existência humana



Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação
Parte II : Capítulo 2

O suporte da Iluminação - A preciosa existência humana

I Concernem ao corpo: As 8 Liberdades e as 10 Aquisições

A] As 8 Liberdades:

-Quatro correspondem aos não-humanos:

- 1) Não ter nascido nos infernos
- 2) Não ter nascido como espírito ávido
- 3) Não ter nascido como animal
- 4) Não ser um deus de longa vida

-Descrição das dificuldades específicas da cada condição de existência

-As vantagens dos pequenos sofrimentos humanos:

- a) Eles nos desviam do Samsara b) Diminuem nosso orgulho
- c) Fazem desenvolver a compaixão d) Fazem evitar os atos nocivos e praticar a virtude.

- Quatro correspondem ao nascimento humano:

- 5) Não ter nascido entre os homens ignorantes e bárbaros
- 6) Não ter visões errôneas
- 7) Não ter nascido em um período sem Buda
- 8) Ser desprovido da faculdade da compreensão

B] As 10 Aquisições

-Cinco por si mesmo:

- 1) Nascer humano
- 2) Nascer em um país central
- 3) Ter todas as faculdades
- 4) Não ter uma karma contrário (cometido os atos de retribuição imediata)
- 5) Ter fé no objeto justo (confiança no Dharma)

-Cinco pelos outros:

- 6) A vinda de um Buda ao mundo
- 7) Que ele tenha ensinado o Dharma
- 8) Que os Ensinamentos ainda perdurem
- 9) Que haja pessoas que o pratiquem
- 10) Que existam pessoas que tenham uma atitude benevolente.

A preciosa existência humana reúne as 8 liberdades e as 10 aquisições.

§ Ela é dita "Preciosa" porque, tal como a Jóia dos Desejos, ela é:

1] Difícil de obter: *(Citação de quatro textos)*

- a) Um exemplo: A tartaruga marinha
- b) Para quem ela é ainda mais difícil de obter: Os seres dos três mundos inferiores.
- c) Por que ela é difícil de obter: Resulta da prática da virtude.

2] De um grande benefício: Ela permite realizar o objetivo dos seres qualificados:

Três níveis de qualificações/motivação:

- a) Não cair nos estados inferiores e obter novamente um estado humano ou divino.
- b) Se liberar do Samsara
- c) Obter o estado de Buda para o benefício de todos os seres.

Ela é superior aos estados divinos e mais preciosa do que a jóia que realiza desejos.

§ Obtida a uma grande pena e de um grande benefício: Ela é facilmente destruída

- a) Nada regenera seu princípio vital
- b) Os fatores de morte são numerosos
- c) Ela se esgota momento a momento

§ É por isso que: É necessário considerar o corpo como: -Um bote -Uma montaria -Um servidor

(seguem os 3 tipos de fé)

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação
Parte II : Capítulo 2

O suporte da Iluminação - A preciosa existência humana

II Concernem à mente: Os 3 tipos de fé

_A importância da fé (*citação de 3 sutras*)

A] Classificação: _Existem 3 tipos de Fé

1] A Fé da confiança :

Ela se funda e se desenvolve sobre a compreensão do Dharma.

2] A Fé da aspiração:

Fundada sobre uma visão da insuperável Iluminação, ela desenvolve uma motivação para obtê-la através do percurso da Via do Dharma.

3] A Fé vasta:

É uma confiança lúcida que se desenvolve com referência nas Três Jóias.

-Citação de um texto para confirmar o que foi exposto.

B] Outra Definição: " Aquele que têm Fé não abandona o Dharma":

- a) Por desejo
- b) Por cólera
- c) Por medo
- d) Por ignorância

Dedução / definição: Aquele cuja fé tem essas quatro características é um receptáculo excelente para a realização do supremo atingimento.

C] Os Benefícios desses diferentes tipos de Fé são imensos:

- _Eles fazem desenvolver as qualidades da mente dos seres qualificados superiores.
- _Permitem abandonar os estados sem liberdade.
- _Tornam nossas faculdades vivas e claras.
- _Protegem nossa disciplina.
- _Dissipam as paixões.
- _Nos livram dos ataques de demônios.
- _Fazem descobrir a via da liberação.
- _Fazem desenvolver imensas virtudes.
- _Fazem ver e obter as bênçãos de numerosos Budas.
- _Delas surgem inúmeros benefícios.

-Exposição sustentada pela citação de dois textos.

-Fórmula resumindo a definição do precioso corpo humano:

Então, o que se chama "**A preciosa existência humana**" é aquela cujo corpo é provido dos dois aspectos, que são as Liberdades e as Aquisições, e cuja mente é provida dos três tipos de Fé. Esta é a pessoa que é o suporte para realizar a insuperável Iluminação.

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Parte II

Capítulo 2

O suporte do Despertar: A Preciosa Existência Humana

"O suporte é a preciosa e suprema existência humana".

Considerando que todos os seres possuem a natureza de Buda, podemos nos perguntar se aqueles que pertencem às cinco outras formas de existência não humana – os condenados aos infernos, os pretas, etc. – têm a capacidade de tornarem-se Budas. Não, eles não têm. O “suporte” que permite a realização da budeidade é o que chamamos uma “preciosa existência humana”, ou seja, uma existência provida das oito liberdades e das dez aquisições, assim como uma mente que possua os três tipos de fé. É desta preciosa existência humana que trataremos agora. Nosso estudo será sobre cinco temas: dois relacionados ao corpo e três relacionados à mente:

- 1] As 8 liberdades
- 2] As 10 aquisições
- 3] A fé da convicção
- 4] A fé da aspiração
- 5] A fé vasta

* * *

1] As 8 Liberdades:

Ser “livre” é estar livre das oito servidões que o *Sutra da Fixação da Atenção* descreve da seguinte maneira:

"Ter nascido nos infernos, preta, animal,
Bárbaro, deus de longa vida,
Em uma era sem Buda, tomado por falsas idéias,
Ou idiota: eis as oito servidões."

De que modo estes oito estados são servidões? Os seres dos infernos sofrem sem interrupção, os pretas têm a mente atormentada e os animais têm como marca maior uma extrema estupidez. Além disso, como os seres desses três mundos não sentem nenhuma vergonha nem consideração, seu *continuum* psíquico é impróprio ao bem. Portanto, não têm oportunidade de praticar o Dharma.

Quanto aos deuses de longa vida, não mais possuem percepções. O continuum de sua consciência e todas as suas produções mentais, estando interrompidas, não têm nenhuma oportunidade de praticar o Dharma. O termo “deuses de longa vida” pode também designar os deuses do mundo do Desejo, porque, em comparação aos homens, esses deuses vivem um tempo muito longo.

Podemos igualmente considerar que todos os deuses são em seu conjunto privados de liberdade: são tão apegados à sua felicidade temporária que não têm a possibilidade de se dedicarem ao bem verdadeiro. Vemos, então, que os pequenos sofrimentos humanos que nos afetam no momento não deixam de ter certas utilidades. Eles nos fazem ficar cansados do samsara, pacificam nosso orgulho, fazem com que sejamos compassivos com os outros, atenuam os atos negativos e fazem-nos apreciar o bem.

Como o diz a *Marcha em Direção ao Despertar*:

"Além disso, os sofrimentos têm por virtude
Cansar-nos, expulsar nosso orgulho,
Fazer-nos ter compaixão pelos outros seres do samsara,
Preservar-nos dos maus atos e fazer-nos amar o bem."

Assim, falamos de quatro mundos de existência privados de liberdade. Ademais, entre os seres humanos, são privados de liberdade aqueles que chamamos de "bárbaros", porque têm poucas chances de encontrar seres sublimes; aqueles que mantêm crenças errôneas, porque não vêm no bem a causa dos mundos superiores e da liberação; aqueles que nasceram em um mundo sem Buda, porque não têm ninguém para ensinar-lhes o que convém praticar e o que não se deve fazer; os idiotas, porque são incapazes de compreender por si mesmos os ensinamentos que mostram onde está o bem e onde está o mal.

Não estar sujeito a nenhuma dessas oito servidões constitui o que chamamos as "liberdades perfeitas".

2] As 10 Aquisições

Distinguimos: **1) Cinco aquisições que dependem de si**
 2) Cinco aquisições que dependem do outro.

1) As cinco aquisições que dependem de si :

- 1) Ser um humano,
- 2) Ter nascido num país central,
- 3) Ter todas as suas faculdades,
- 4) Não ter karma contrário,
- 5) Ter fé no objeto justo.

1) Ser "humano" é compartilhar a condição de todos os seres humanos, homens e mulheres.

2) Ter "nascido num país central" é ter nascido em um lugar onde há a possibilidade de seguir seres sublimes.

3) Possuir "todas as suas faculdades" é não ter deficiências de nenhum dos seis sentidos, portanto, poder praticar o virtuoso Dharma.

4) Não ter um "karma contrário" é não ter cometido nesta vida um dos atos de retribuição imediata.

5) Ter "fé no objeto justo" é ter fé em todos os virtuosos Ensinamentos, disciplina e o snnto Dharma ensinado pelo Buda.

2) As cinco aquisições que dependem do outro:

- 1) A vinda de um Buda ao mundo,
- 2) Que ele tenha ensinado o Dharma,
- 3) Que esse Dharma ainda exista,
- 4) Que ele seja praticado,
- 5) Que existam seres plenos de amor pelos outros.

Gozar das dez aquisições que dependem de si e dos outros é o que chamamos “possuir as aquisições perfeitas”.

A preciosa existência humana é a que reúne essas liberdades e aquisições.

Por que “preciosa”?

Porque: **1) é difícil de ser obtida e**
 2) é de uma grande utilidade, ela é comparável à preciosa jóia mágica.

1) No que se refere à dificuldade de ser obtida, lemos no *Pitaka dos Bodhisattvas*:
"É difícil tornar-se um ser humano;
É igualmente difícil obter uma simples vida humana;
É difícil receber o Dharma,
E é igualmente difícil que apareça um Buda."

E ainda, no *Sutra do Lótus Branco da Compaixão*:
"Difícil é o nascimento humano, difíceis de serem obtidas as liberdades perfeitas,
Difícil a vinda de um Buda ao mundo,
Difícil a aspiração ao bem e difíceis de serem obtidas as orações puras."

No sublime *Sutra em Forma de Árvore*:
"É difícil escapar às oito servidões, difícil renascer como homem, difícil gozar das oito verdadeiras liberdades perfeitas, difícil que um Buda apareça, difícil possuir todas as faculdades, difícil escutar o ensinamento de um Buda, difícil encontrar-se em companhia de seres sublimes, difícil encontrar mestres espirituais autênticos, difícil praticar o caminho de maneira autêntica e conforme aos ensinamentos, difícil viver de maneira correta, e difícil, neste mundo humano, praticar conscienciosamente o que é conforme ao Dharma."

A *Marcha em Direção ao Despertar* diz também:
"Estas liberdades e estas aquisições são extremamente difíceis de serem obtidas."

Qual imagem poderia ilustrar a dificuldade de obter tal existência humana?

Para que tipo de ser há esta dificuldade de encontrar?

E que tipo de dificuldade é esta?

Daí os exemplos:

A *Marcha em Direção ao Despertar* responde:

"Assim, diz o Buda, é tão difícil tornar-se um homem quanto uma tartaruga passar sua cabeça por uma argola que esteja boiando nas ondas do imenso oceano."

Qual é a origem desta comparação? Ela está no próprio Buda:

"Suponha que esta terra se transforme totalmente em água e que uma argola seja jogada nela e bóie ao sabor dos ventos em todas as direções. Imagine ainda que uma tartaruga cega, que tenha vivido milhares de anos, suba a superfície uma vez a cada cem anos. Apesar de ser muito difícil que essa tartaruga consiga passar sua cabeça pela argola, ainda assim, isso é possível. Ter uma preciosa existência humana é ainda mais difícil do que isso."

Para quem esta existência humana é tão difícil de ser obtida? Para os seres dos três mundos inferiores?

Por que uma existência dotada das liberdades e das aquisições é **difícil de ser obtida**? Porque resulta da acumulação de atos virtuosos. Quando se nasce nos três mundos inferiores, sem saber como praticar a virtude, passa todo o tempo somente acumulando atos negativos. Em conseqüência, para obter uma preciosa existência humana após ter renascido nos mundo inferiores, é preciso ter um karma em que a parte dos atos negativos não seja dominante e dê seus frutos mais tarde, ao longo de outras vidas.

2) Uma existência humana rica e livre é de grande benefício.

Diz a *Marcha em Direção ao Despertar*:

"Ela permite ao ser humano atingir seu objetivo."

"**Ser humano**" é a tradução do sânscrito *purusha*, que traduz uma idéia de força, de capacidade. Emprega-se esse termo porque uma existência livre e rica dá força, ou oferece a capacidade, de alcançar as formas de vida superiores, bem como o bem último.

Na medida em que essa capacidade seja grande, média ou fraca, distinguimos três tipos de seres humanos.

A *Tocha do Caminho do Despertar* declara:

"Saiba que existem três gêneros de homens:

Os medíocres, os médios e os superiores."

Os seres humanos medíocres têm a capacidade de não cair nos mundos inferiores e de atingir a condição de homem ou de deus.

"O ser humano que, da maneira que for,

Procura, para seu bem pessoal,

A simples felicidade do samsara,

É qualificado de medíocre."

Os seres humanos médios têm a capacidade de liberar a si mesmo do samsara e de obter, assim, um estado de felicidade e de paz.

"O ser humano que, dando as costas à felicidade do vir-a-ser,

E guardando-se dos atos negativos,

Busca a paz apenas para si mesmo,

É qualificado de médio."

Os seres humanos superiores têm a capacidade de tornar-se Buda para bem de todos os seres.

"Alguém que, sentindo seu próprio sofrimento,
Deseje intensamente pôr fim
A todos os sofrimentos dos outros,
É o melhor dos seres humanos."

Para mostrar até que ponto a preciosa existência humana é benéfica, mestre Chandragomin declara:

"Quando um ser humano, tendo obtido a existência humana, semeia méritos,
Esses grãos da liberação do oceano dos renascimentos e do Despertar supremo,
Suas virtudes ultrapassam de longe às da jóia mágica.
Quem pode destruir o fruto que ele colherá?
O caminho tomado pelo homem de grande coragem
Não está ao alcance dos deuses, dos nagas, dos semideuses,
Dos garudas, dos vidyadharas, dos kinnaras, nem dos uragas."

Uma existência humana dotada das liberdades e das riquezas permite renunciar ao mal, fazer o bem, atravessar o oceano do samsara, progredir em direção ao Despertar e atingir a budeidade perfeita. Ela é, portanto, muito superior à existência dos deuses, dos nagas, e assim por diante. Ela é mesmo superior à preciosa jóia mágica.

Como é difícil de ser obtida e proporciona grandes benefícios, é qualificada de "preciosa".

Todavia, embora difícil de ser obtida e benéfica, essa existência é extremamente facilmente destruída já que ninguém pode prolongar a duração de sua vida nem restaurar seu princípio vital, as causas de morte são inúmeras e a vida não é estável nem num único instante.

Lemos na *Marcha em Direção ao Despertar*:

"É ingenuidade ficar feliz em pensar,
Que não morreremos hoje,
Pois é certo que esse momento chegará.
Isto é certo"

Visto que esta existência é ao mesmo tempo tão útil, tão difícil de ser encontrada e tão fácil de ser destruída, consideremo-la como um navio no qual iremos atravessar o oceano do samsara.

"Sobre o navio da existência humana,
Pode-se atravessar o grande rio do sofrimento.
Como vocês terão dificuldades em encontrá-lo,
Ignorantes que são, quando ele se apresentar, não durmam!"

Ou ainda, consideremos esse corpo humano como um animal de sela e fujamos o mais rápido possível do perigoso caminho dos sofrimentos do samsara.

"Sobre o cavalo de uma existência humana pura,
Escapem do desfiladeiro do samsara."

Ou, ainda, pensemos que nosso corpo é um servo e empreguemo-lo na prática do bem.

"Este nosso corpo humano
É bom para servir."

Os 3 tipos de Fé

Entretanto, para seguir estes conselhos, é necessário ter fé. Sem fé, diz-se, nada pode acontecer de positivo no continuum da mente. O *Sutra dos Dez Dharmas* esclarece:

"Os homens sem fé
Não desenvolvem boas qualidades,
Assim como uma semente queimada
Não germina."

E o *Sutra de Avatamsaka*:

"Os seres deste mundo que não têm fé
Não podem conhecer o Despertar do Buda."

Portanto, tenham fé, como a *Imensa Manifestação* recomenda:

O Buda declarou: " Aplique-se na fé, Ananda! É a súplica que o Tathagata lhe dirige".

Como descrever a fé? Distinguimos três formas de fé:

1) a fé da confiança

2) a fé da aspiração

3) a fé vasta.

3] A Fé da confiança

Esse tipo de fé se desenvolve sobre o suporte: o tema dos atos e seus frutos, a verdade do sofrimento e a verdade da origem do sofrimento. É a certeza de que os atos positivos geram a felicidade no mundo do desejo, que os atos negativos resultam em sofrimentos neste mesmo mundo, que os atos imutáveis produzem a felicidade nos dois mundos superiores, e que os atos e as paixões (que constituem a origem do sofrimento) geram os cinco agregados contaminados do sofrimento.

4] A Fé da aspiração

É a fé daquele que, tendo constatado o caráter eminentemente precioso do Despertar insuperável, deseja percorrer com respeito o caminho para obter o Despertar.

5] A Fé vasta

Esse tipo de fé tem como objeto as Três Jóias. É um sentimento de interesse, de respeito e de alegria com relação ao Buda que ensina o caminho, do Dharma que é o caminho, e a Sangha constituída pelos companheiros na prática do caminho.

Lemos no *Abhidharma*:

"O que é a fé? A fé é uma confiança, um desejo e uma alegria intensa no pensamento do karma, de seus frutos, da verdade e das Três Jóias."

E na *Guirlanda de Jóias*:

"Aquele que não renuncia ao Dharma
Por desejo, por cólera, por medo,
Ou por ignorância, diz-se que tem fé.
Ele é, seguramente, o melhor dos recipientes."

Não renunciar ao Dharma por desejo é não abandoná-lo, mesmo quando nos é oferecido em contrapartida alimento, dinheiro, mulheres, reinos ou qualquer outro presente suntuoso.

Não deixar o Dharma por cólera é não abandoná-lo por causa de um ser que já nos tenha prejudicado e que nos faça novamente muito mal, da maneira que for.

Não renunciar ao Dharma por medo é não abandoná-lo mesmo sob a ameaça de todos os dias termos cinco onças¹ de nossa própria carne cortada por cada um de trezentos guerreiros.

Não renunciar ao Dharma por ignorância é não abandoná-lo, mesmo quando nos dizem que o karma, o fruto dos atos, as Três Jóias, tudo isso é falso, que é inútil praticar o Dharma, e que é melhor renunciá-lo.

Quem se comporta desse modo nessas quatro situações tem fé e constitui um excelente recipiente para realizar o bem último.

As três formas de fé advêm de incomensuráveis virtudes: elas permitem gerar a atitude mental dos seres sublimes, emancipar-se dos estados de existência onde não se goza de nenhuma liberdade, possuir as faculdades sensoriais e mentais aguçadas e claras, evitar as infrações à disciplina, colocar um fim nas emoções negativas, preservar-se das forças malevolentes, encontrar o caminho da liberação, acumular imensos méritos, encontrar inúmeros Budas, ser abençoado por eles, e muitas outras coisas ainda. Os benefícios produzidos por esses três tipos de fé são propriamente inconcebíveis.

Lemos na *Tocha das Três Jóias*:

"A fé nos Vencedores e no seu Dharma,
A fé na atividade dos Bodhisattvas
E no insuperável Despertar,
É a atitude mental dos grandes seres."

Além disso, os Budas aparecem e ensinam àqueles que têm fé, como afirma o *Pitaka dos Bodhisattvas*:

"Quando os bodhisattvas têm fé, os Budas sabem que eles são dignos recipientes para o ensinamento; eles lhes aparecem e lhes mostram perfeitamente o caminho dos bodhisattvas."

Assim, o ser dotado da preciosa existência humana, isto é, dotado de um corpo que possui as liberdades e as riquezas e uma mente que possui os três tipos de fé, constitui o "suporte" favorável para a realização do Despertar insuperável.

¹ Unidade de peso inglesa.



Patrul Rinpoche (1808-1887)

Patrul Rinpoche
“As Palavras de meu Perfeito Mestre”

A dificuldade de obter as liberdades e as riquezas

I A maneira de ouvir

1] A atitude mental

1) Vasta intenção

-Diferentes motivações

2) Vastos meios hábeis

As cinco perfeições: 1- O lugar. 2- O instrutor. 3-A assembléia. 4-O Dharma. 5- O tempo.

2] A conduta

1) O que se deve evitar

1- Os três defeitos do recipiente:

1. virado para baixo.
2. furado.
3. contendo veneno.

2- Os seis obscurecimentos:

1. Orgulho. 2. Falta de fé. 3. Ausência de esforço. 4. Distração.
5. Tensão interna. 6. Desencorajamento.

3- As cinco más maneiras de reter:

1. Reter as palavras sem o sentido. 2.O sentido, sem as palavras.
3. Reter sem compreender. 4. Reter em desordem.
- 5.Reter de maneira errônea.

2) Condutas a adotar

1- As quatro representações:

1. Considerar-se doente. 2. O Buda é o médico. 3. O Dharma, o remédio.
4. Aplicar-se com assiduidade traz a cura.

2- As seis virtudes transcendentais:

São praticadas no estudo e ensinamento.

3-Outros comportamentos

II As instruções propriamente ditas:

1] As oito liberdades essenciais *(Não ter nascido nas esferas sem oportunidades)*

- 1) Não ter nascido nos infernos.
- 2) Não ter nascido como pretas.
- 3) Não ter nascido como animais.
- 4) Não ter nascido entre os bárbaros.
- 5) Não ter nascido como deuses de longa vida.
- 6) Não ter visões errôneas.
- 7) Nascer em um kalpa ausente de Buda.
- 8) Ser idiota.

2] As riquezas relacionadas ao Dharma:

1) As cinco riquezas individuais

- 1- Ter nascido humano.
- 2- Num país « central ».
- 3- Ter todas as faculdades.
- 4- Não ter karma contrário.
- 5- Ter fé no Dharma.

2) As cinco riquezas circunstanciais

- 1- Ter havido um Buda.
- 2- Que ele tenha ensinado o Dharma.
- 3- Que o Dharma subsista.
- 4- Que o Dharma seja ainda praticado.
- 5- Que existam Mestres compassivos.

A] As oito servidões circunstanciais:

- 1- Estar dominado pelos cinco venenos.
- 2 -Ser estúpido.
- 3- Ser mal guiado.
- 4- Ser preguiçoso.
- 5- Ter mau karma.
- 6-Ser escravizado.
- 7- Ser amedrontado.
- 8- Ser hipócrita.

B] As oito servidões incompatíveis com a liberação:

- 1- Estar preso.
- 2- Ser mau.
- 3- Não ter consideração.
- 4- Não ter fé.
- 5- Ter má-conduta.
- 6- Não ter interesse.
- 7- Quebrar os votos.
- 8- Quebrar os samayas.

- Examinar atentamente se possuímos em totalidade estas 34 liberdades e riquezas.

-Caso positivo: não os desperdiçar e praticar o Dharma autêntico. Caso contrário: esforçar-se na busca.

-Numerosas causas e condições são necessárias para realizar algo; mesmo que fazer um chá.

3] Imagens que ilustram a dificuldade de obtenção:

- Imagem da tartaruga no oceano e do jogo de ervilhas.

4] Comparações numéricas:

- Os seres nos mundos inferiores são inumeráveis e os dos mundos superiores são pouco numerosos, como estrelas em pleno dia.
- Mesmo entre os seres humanos, aqueles que possuem a preciosa existência humana são muito raros.
- Existem diferentes existências humanas.
- Como causas temos inumeráveis atos positivos, que produzem frutos.
- Não se poderá encontrar novamente tais condições favoráveis.
- Dessa maneira, é necessário aplicar-se ao Dharma com diligência desde agora.

Patrul Rinpoche
As Palavras de meu Perfeito Mestre

Capítulo I

A dificuldade de encontrar as liberdades e as riquezas

O principal assunto do capítulo, o ensinamento sobre como é difícil encontrar as liberdades e vantagens, é precedido de uma explicação sobre a maneira correta de ouvir qualquer instrução espiritual.

I A Maneira Adequada de Ouvir o Ensinamento Espiritual

A maneira adequada de ouvir os ensinamentos tem dois aspectos:

- 1] A atitude correta**
- 2] A conduta correta**

1] A atitude correta

A atitude correta combina:

- 1) A vasta atitude da bodhicitta, a mente do despertar.**
- 2) A vasta habilidade dos meios do Mantrayana Secreto.**

1) A Vasta Atitude da Bodhicitta

Não há um único ser no samsara, este imenso oceano de sofrimento, que ao longo de tempos sem princípio, não tenha sido nosso pai ou mãe. Quando foram nossos pais, só pensavam em cuidar de nós com a maior bondade possível, protegendo-nos com grande amor e oferecendo-nos o melhor da sua comida e roupas.

Todos esses seres, que foram tão bondosos conosco, querem ser felizes, mas não sabem como colocar em prática o que produz a felicidade, as dez ações positivas. Nenhum quer sofrer, mas eles não sabem como evitar as dez ações negativas que estão na raiz de todo sofrimento. Seus mais profundos anseios e o que verdadeiramente fazem se contradizem. Pobres seres, perdidos e confusos, como um cego abandonado no meio de uma planície vazia!

Digamos a nós mesmos: “É pelo bem-estar deles que vou escutar o Dharma profundo e colocá-lo em prática. Vou levar todos esses seres, meus pais, atormentados pelas aflições dos seis reinos da existência, ao estado de Budeidade onisciente, libertando-os de todo o fenômeno cármico, tendências habituais e sofrimentos de cada um dos seis reinos.” É importante ter essa atitude cada vez que escutemos ou pratiquemos os ensinamentos.

Sempre que fizermos algo positivo, não importa se de maior ou menor importância, é indispensável acentuar isso com os três métodos supremos. Antes de começarmos, gerar a bodhicitta como um meio hábil para assegurar que a ação se torne uma fonte de benefícios para o futuro. Enquanto estivermos realizando a ação, evitar estar envolvido em qualquer conceituação, para que o mérito não possa ser destruído pelas circunstâncias. No final, selarmos a ação adequadamente com a dedicação de mérito, que assegurará que este cresça ainda mais continuamente.

A maneira segundo a qual ouvimos o Dharma é muito importante. Mas, ainda mais importante, é a motivação com a qual o ouvimos.

"O que faz uma ação ser boa ou ruim?
Não é sua aparência, nem se é grande ou pequena,
Mas a motivação boa ou má por trás dela."

Não importa quantos ensinamentos ouvimos, estarmos motivados por interesses ordinários – como desejo de grandeza, fama ou qualquer outra coisa – tal não é a maneira do Dharma autêntico. Assim, em primeiro lugar, é mais importante olharmos para nosso interior e mudarmos nossa motivação. Se pudermos corrigir nossa atitude, os meios hábeis permearão nossas ações positivas, e teremos ingressado no caminho dos grandes seres. Se não pudermos, poderemos pensar que estamos estudando e praticando o Dharma, mas isso nada mais será do que uma aparência da coisa real. Portanto, sempre que escutarmos os ensinamentos e sempre que praticarmos, seja meditando sobre uma divindade, fazendo prosternações e circundações, ou recitando mantras – ainda que um único *mani* – é sempre essencial gerar a bodhicitta.

2) A Vasta Habilidade dos Meios: A Atitude do Mantrayana Secreto

A *Tocha dos Três Métodos* diz sobre o Mantrayana Secreto:

"Tem o mesmo objetivo, mas é livre de toda confusão,
É rico em métodos e sem dificuldades.
É para aqueles com faculdades aguçadas.
O Veículo do Mantra é sublime."

Pode se entrar no Mantrayana por muitos caminhos. Ele contém muitos métodos para acumulação de mérito e de sabedoria, e meios hábeis profundos para tornar manifesto o potencial em nós, sem que tenhamos que passar por grandes dificuldades. A base para esses métodos é a maneira pela qual dirigimos nossas aspirações:

"Tudo é circunstancial
E depende inteiramente da aspiração de cada um."

Não consideremos o lugar onde o Dharma está sendo ensinado, o mestre, os ensinamentos etc., como ordinários e impuros. Enquanto ouvimos, mantenhamos claramente as cinco perfeições na mente:

O lugar perfeito é a fortaleza do espaço absoluto, chamada Akanistha, "O Mais Elevado". O mestre perfeito é Samantabhadra, o Dharmakaya. A assembléia perfeita são os bodhisattvas e as divindades masculinas e femininas da linhagem da mente dos Conquistadores e da linhagem simbólica dos Vidyadharas.

Ou podemos pensar que o lugar onde o Dharma está sendo ensinado é o Palácio da Luz de Lótus da Gloriosa Montanha Acobreada, que o mestre que ensina é Padmasambhava de Oddiyana, e que nós, a audiência, somos os Oito Vidyadharas, os Vinte e Cinco Discípulos, e os dakas e dakinis.

Ou consideremos que esse lugar perfeito é a Terra Pura Oriental, Alegria Manifesta, onde o perfeito mestre Vajrasattva, o Sambhogakaya perfeito, está ensinando a assembléia das divindades da Família Vajra e os Bodhisattvas masculinos e femininos.

Igualmente bom, o lugar perfeito onde o Dharma está sendo ensinado pode ser a Terra Pura Ocidental, Bem-Aventura, o mestre perfeito, o Buda Amitabha, e a

assembléia, os Bodhisattvas masculinos e femininos e as divindades da família do Lótus.

Em qualquer dos casos, o ensinamento é sempre o do Grande Veículo e o tempo é a roda da eternidade que gira desde sempre.

Essas visualizações são para ajudar-nos a entender como as coisas são na realidade. Não é que estejamos criando temporariamente alguma coisa que na verdade não existe.

O mestre incorpora a essência de todos os Budas dos três tempos. Ele é a união das Três Jóias: seu corpo é a Sangha, sua palavra é o Dharma, e sua mente, o Buda. Ele é a união das Três Raízes: seu corpo é o Lama, sua palavra é o Yidam, sua mente é a Dakini. Ele é a união dos três kayas: seu corpo é o Nirmanakaya, sua palavra é o Sambhogakaya, sua mente é o Dharmakaya.

Ele é a corporificação de todos os Budas do passado, a fonte de todos os Budas do futuro e a representação de todos os Budas do presente. Como ele tomou como discípulos seres degenerados como nós, que nenhum dos mil Budas deste Bom Kalpa poderia ajudar, sua compaixão e generosidade excedem a de todos os Budas.

"O mestre é o Buda, o mestre é o Dharma,
O mestre é também a Sangha.
O mestre é aquele que tudo realiza.
O mestre é o Glorioso Vajradhara."

Nós, como a assembléia reunida para ouvir os ensinamentos, usamos a base de nossa própria natureza búdica, o suporte da nossa preciosa vida humana, a circunstância de ter um amigo espiritual e o método de seguir o seu conselho, para nos tornarmos Budas do futuro.

Como diz o *Hevajra Tantra*:

"Todos os seres são Budas,
Mas isso está oculto pelas impurezas adventícias.
Quando as impurezas são purificadas, a Budeidade é revelada."

2] A conduta correta

A conduta correta ao ouvir os ensinamentos é descrita em termos:

- 1) Do que evitar**
- 2) Do que fazer**

1) O Que Evitar:

As condutas a evitar incluem:

- 1_ Os três defeitos do pote**
- 2_ Os seis obscurecimentos**
- 3_ Os cinco modos errôneos de reter**

1_ Os Três Defeitos do Pote

- a) Não ouvir é ser como um pote virado para baixo.
- b) Não ser capaz de reter o que se ouve é ser como um pote com um furo.
- c) Misturar emoções negativas com o que se escuta é ser como um pote com veneno.

a) O pote virado para baixo. Quando estamos escutando os ensinamentos, ouçamos o que está sendo dito e não nos deixemos distrair por mais nada. De outra forma, seremos como um pote virado para baixo, no qual o líquido está sendo derramado. Mesmo que estejamos fisicamente presentes, não escutamos uma única palavra do ensinamento.

b) O pote com um furo. Se apenas escutamos, sem nos lembrarmos de nada do que ouvimos ou entendemos, seremos como um pote com um furo: não importa quanto líquido seja derramado nele, nada consegue permanecer. Não importa quantos ensinamentos escutemos, nunca conseguiremos assimilá-los ou colocá-los em prática.

c) O pote contendo veneno. Caso escutemos os ensinamentos com uma atitude errônea, como o desejo de nos tornarmos grandes ou famosos, ou com uma mente impregnada dos cinco venenos, o Dharma não só não poderá nos ajudar, como também vai se transformar em algo que não é Dharma, assim como o néctar derramado em um pote contendo veneno.

É por isso que o sábio indiano, Padampa Sangye, disse:

"Escute os ensinamentos como um cervo ouvindo música;
Contemple-os como um nômade do norte tosquiando um carneiro,
Medita neles como um mudo saboreando comida;
Pratique-os como um yak faminto comendo grama;
Alcance o fruto dos ensinamentos, como o sol surgindo por detrás das nuvens."

Quando escutarmos os ensinamentos, deveríamos ser como um cervo, tão extasiado pelo som da vina que não percebe o caçador escondido atirando uma flecha envenenada. Juntamos as palmas das mãos e escutemos com cada poro do corpo arrepiado e olhos cheios de lágrimas, nunca permitindo outro pensamento no caminho.

Estar fisicamente presente, mas deixar a mente vagar, seguindo os pensamentos, não é conveniente. Do mesmo modo, não convém "abrir a porta do tesouro das palavras ociosas", nem manter a boca e os olhos ocupados em outros lugares. Ao ouvir os ensinamentos, deveríamos parar até mesmo de recitar preces, contar mantras, ou quaisquer outras atividades meritórias que poderíamos estar realizando.

Depois de ter escutado adequadamente um ensinamento dessa maneira, é importante também reter o significado do que foi dito sem jamais esquecê-lo, e colocá-lo em prática continuamente.

Como o Grande Sábio disse:

"Eu mostrei-lhes os métodos
Que conduzem à liberação.
Mas vocês deveriam saber
Que a liberação depende de vocês."

O mestre dá ao discípulo instruções explicando como escutar o Dharma e como aplicá-lo, como abandonar as ações negativas, como executar as positivas e como praticar. Compete ao discípulo lembrar das instruções, sem nada esquecer, colocá-las em prática e realizá-las.

Apenas ouvir o Dharma talvez seja de algum benefício. Mas a menos que nos lembremos do que ouvimos, não teremos o menor conhecimento quer das palavras, quer do significado do ensinamento – o que não é diferente de nada ter ouvido.

Lembramo-nos dos ensinamentos, mas os misturamos com nossas emoções negativas. Assim, eles nunca serão o Dharma puro. O inigualável Dagpo Rinpoche diz:

"A menos que pratiquemos o Dharma de acordo com o Dharma,
O próprio Dharma torna-se a causa de maus renascimentos."

Rejeitemos cada pensamento errôneo em relação ao mestre e ao Dharma, não critiquemos ou ofendamos nossos irmãos espirituais e companheiros, estejamos livre do orgulho e do desdém, abandonemos todos os maus pensamentos. Tudo isso é causa de renascimentos inferiores.

2_ Os Seis Obscurecimentos

No *Raciocínio Bem Explicado*, é dito:

"Orgulho, falta de fé, ausência de esforço,
Distração externa, tensão interior e desencorajamento:
Esses são os seis obscurecimentos."

Evitemos estes seis: acreditarmos orgulhosamente que somos superiores ao mestre que está explicando o Dharma; não confiarmos no mestre e em seus ensinamentos; falharmos em nos aplicarmos no Dharma; distrairmo-nos por eventos externos; focalizarmos os cinco sentidos interiormente com muita intensidade; e ficarmos desencorajados quando, por exemplo, um ensinamento é muito longo.

De todas as emoções negativas, o orgulho e a inveja são as mais difíceis de reconhecer. Assim, examinemos a mente minuciosamente. Qualquer sentimento de que há algo especial, por menor que seja, quanto às nossas qualidades mundanas ou espirituais, vai nos tornar cegos em relação às nossas faltas e sem consciência das boas qualidades dos outros. Desse modo, renunciemos ao orgulho e sempre tomemos uma posição humilde.

Se não tivermos fé, a entrada para o Dharma estará bloqueada. Dos quatro tipos de fé, tenhamos como objetivo a fé irreversível.

Nosso interesse pelo Dharma é a base do que vamos alcançar. Assim, dependendo do nosso grau de interesse (superior, médio ou inferior), tornaremos-nos um praticante superior, médio ou inferior. E se não estivermos interessados no Dharma, não haverá resultados. Como um provérbio diz:

"O Dharma não é propriedade de ninguém. Ele pertence a quem se empenha mais."

O próprio Buda obteve os ensinamentos à custa de centenas de dificuldades. Para obter um único verso de quatro linhas, cavou buracos na própria carne para servir como oferendas de lamparinas, enchendo-os com óleo e colocando neles milhares de pavios em chamas. Saltou numa fossa em chamas e cravou mil pregos de ferro no corpo.

Mesmo que você tenha que enfrentar infernos ardentes, navalhas com lâminas afiadas, procure o Dharma até a morte.

Portanto, ouça os ensinamentos, com grande esforço, ignorando calor, frio e outras dificuldades.

A tendência da consciência estar ocupada o tempo todo com os objetos dos seis sentidos é a raiz de todas as alucinações do samsara e a fonte de todo sofrimento. É assim que a mariposa morre na chama da lamparina, porque sua consciência visual é atraída por formas; é como o cervo, morto pelo caçador, porque sua audição é atraída pelos sons; é como a abelha, engolida por plantas carnívoras, seduzida por seu cheiro; é como o peixe, pego pela isca, seu sentido do paladar atraído pelo sabor; é como os elefantes que afundam no pântano, porque adoram a sensação física do contato com a lama.

Da mesma forma, sempre que estivermos ouvindo o Dharma, ensinando, meditando ou praticando, é importante não seguir as tendências do passado, não alimentar emoções sobre o futuro e não deixar que nossos pensamentos presentes se distraiam com o que estiver em nossa volta.

Como Gyalse Rinpoche diz:

"Suas alegrias e pesares passados são como desenhos na água:

Nenhum traço deles permanece. Não corra atrás deles!

Mas se surgirem na mente, reflita em como o sucesso e o fracasso vêm e vão.

Existe algo em que você pode confiar além do Dharma, recitador de mani?

Seus projetos e planos futuros são como redes arremessadas em um rio seco:

Nunca trarão o que você quer. Limite seus desejos e aspirações!

Mas se surgirem na mente, pense em quão incerto é quando você vai morrer:

Você teve tempo para qualquer outra coisa além do Dharma, recitador de mani?

Suas preocupações temporais são como cálculos realizados durante o sonho.

Como todos esses esforços são despropositados, deixe-os de lado.

Pense até mesmo nos seus ganhos honestos sem nenhum apego.

As atividades não têm essência, recitador de mani!

Entre as sessões de meditação, aprenda a controlar assim todos os pensamentos que surgem dos três venenos;

Até que todos os pensamentos e percepções surjam como o Dharmakaya,

Isso é indispensável – lembrando-se disso quando precisar,

Não dê rédeas aos pensamentos ilusórios, recitador de mani!"

Também é dito:

"Não convide o futuro. Se você o fizer,

Você será como o pai da Lua Famosa!"

Isso se refere à história de um homem pobre que encontrou uma grande provisão de cevada. Ele a colocou em um grande saco, amarrou-o num caibro do telhado, deitou-se embaixo dele e pôs-se a imaginar:

“Esta cevada vai me tornar realmente rico,” pensou. “Quando estiver rico, arrumarei uma esposa para mim... Ela terá um filho... Como deverei chamá-lo?”

Nesse momento, a lua apareceu e ele decidiu chamar seu filho de Lua Famosa. Entretanto, durante todo esse tempo um rato esteve roendo a corda que estava segurando o saco. A corda repentinamente se rompeu, o saco caiu e o homem morreu.

Tais sonhos sobre o passado e futuro nunca chegarão à fruição, sendo apenas uma distração.

Abandonemo-los todos. Estejamos atentos e escutemos com cuidado.

Não nos concentremos exageradamente, pegando palavras e pontos isoladamente, como um urso dremo escavando em busca de marmotas – cada vez que pegamos um item, esquecemos o precedente, nunca entendendo o todo. Muita concentração também nos faz dormir. Ao invés disso, guardemos um equilíbrio entre tensão e relaxamento.

Certa vez, no passado, Ananda estava ensinando Srona a meditar. Srona teve grande dificuldade em fazer isso corretamente. Algumas vezes ele ficava muito tenso, algumas vezes muito relaxado. Srona foi discutir a questão com o Buda, que lhe perguntou: “Quando você era um leigo, você era um bom tocador de vina, não era?”

“Sim, eu tocava muito bem.”

“A sua vina soava melhor quando as cordas estavam frouxas ou quando estavam muito esticadas?”

“Soava melhor quando não estavam nem muito esticadas, nem muito frouxas.”

“É o mesmo para a sua mente,” disse o Buda. E praticando segundo o conselho, Srona atingiu seu objetivo.

Machik Labdrön diz:

"Esteja firmemente concentrado e livremente relaxado:

Eis aqui um ponto essencial da Visão".

Não deixemos que a mente fique muito tensa ou interiormente muito concentrada; deixemos os sentidos ficarem naturalmente liberados, equilibrados entre tensão e relaxamento.

Não deveríamos cansar de ouvir os ensinamentos. Não nos sintamos desencorajados quando tivermos fome ou sede durante um ensinamento muito longo, ou quando tivermos que suportar o desconforto causado pelo vento, sol, chuva etc. Estejamos alegres porque agora temos as liberdades e as riquezas de uma vida humana, porque encontramos um mestre autêntico, e porque podemos ouvir as instruções profundas.

O fato de que estamos neste momento ouvindo o profundo Dharma, é o fruto do mérito acumulado ao longo de inumeráveis kalpas. É como se comêssemos apenas uma refeição em cada cem ao longo de nossa vida.

Então, é imperativo que escutemos com alegria, prometendo tolerar o calor, o frio e quaisquer provações e dificuldades que possam surgir, para receber esses ensinamentos.

3_ Os cinco modos errôneos de lembrar

- 1 - Evite lembrar-se das palavras e esquecer seu significado,
- 2 - Ou lembrar-se do significado e esquecer-se das palavras.
- 3 - Evite lembrar-se de ambos, mas sem entendimento,
- 4 - Evite lembrar-se delas fora de ordem,
- 5 - Ou lembrar-se delas incorretamente.

1-Não devemos dar muita importância às frases de efeito elegantes, sem nada fazer para analisar os significados profundos das palavras, como uma criança colhendo flores. Palavras, apenas, não são benéficas para a mente.

2-Por outro lado, não sejamos indiferentes ao modo pelo qual os ensinamentos são expressos, tratando-os como sendo apenas palavras e, portanto, dispensáveis. Se assim o fizermos, mesmo que entendamos o significado profundo, não teremos os meios para expressar o significado. Palavras e significado terão perdido sua conexão.

3-Se lembrarmos dos ensinamentos sem identificar os diferentes níveis – significado expediente, significado real e significado indireto –, ficaremos confusos sobre a que as palavras se referem. Isso poderia nos conduzir para longe do Dharma verdadeiro.

4-Se lembrarmos-nos deles fora de ordem, misturaremos a seqüência adequada dos ensinamentos, e a cada vez que os ouvirmos, explicarmos-los, ou meditarmos neles, a confusão se multiplicará.

5-Se nos lembrar incorretamente do que foi dito, incontáveis idéias errôneas proliferarão. Isso corromperá nossa mente e falsificará os ensinamentos. Evitemos todos esses erros e lembremo-nos de tudo – as palavras, o significado e a ordem dos ensinamentos – apropriadamente e sem nenhum erro.

Não importa quão longo e difícil possa ser um ensinamento, não nos sintamos desanimados ou nos perguntemos se não vai terminar; persevere. E por mais curto e simples que ele seja, não o desvalorize como algo elementar. Lembrarmos-nos perfeitamente de ambos, palavras e significados, na ordem correta e com tudo corretamente conectado, é, assim, indispensável.

2) Condutas a adotar:

A conduta a ser adotada enquanto escutamos os ensinamentos é explicada da seguinte maneira:

- 1) As quatro metáforas,**
- 2) As seis perfeições transcendentais e**
- 3) outros modos de conduta.**

1) As quatro metáforas:

O *Sutra em Forma de Árvore* diz:

"Nobre, você deveria pensar em si mesmo como alguém doente,
No Dharma como o remédio,
No amigo espiritual como um hábil médico,
E na prática diligente como o meio para se curar."

Nós estamos doentes. Desde tempos sem princípio, neste imenso oceano de sofrimento que é o samsara, temos sido atormentados pela doença dos três venenos e o seu fruto, os três tipos de sofrimento.

Quando as pessoas estão seriamente doentes, elas vão se consultar com um bom médico. Elas seguem o conselho do médico, tomam quaisquer medicamentos que ele prescrever, e fazem tudo que puderem para vencer a doença e ficarem bem.

Da mesma maneira, deveríamos curar-nos das doenças do karma, das emoções negativas e do sofrimento, seguindo as prescrições daquele médico experiente, o mestre autêntico, e tomar o remédio do Dharma.

Seguir um mestre sem fazer o que ele diz é como desobedecer ao médico, não dando chances para que ele trate da nossa doença. Não tomar o remédio do Dharma – isto é, não colocá-lo em prática – é como ter inumeráveis medicamentos e prescrições debaixo da cama, mas nunca tocá-los. Isso nunca vai curar nossa doença.

Hoje em dia, as pessoas dizem cheias de otimismo: “Lama, olhe para mim com compaixão!”, pensando que mesmo que elas tenham feito muitas coisas terríveis, nunca terão que sofrer as conseqüências. Elas acham que o mestre, em sua compaixão, vai arremessá-las para cima, para os reinos divinos, como se estivessem arremessando um seixo. Mas quando falamos do mestre olhando-nos com compaixão, o que isso realmente significa é que ele tenha nos aceitado amorosamente como discípulos, que ele nos dê suas instruções profundas, abra nossos olhos sobre o que fazer e o que não fazer e nos mostre o caminho para a liberação, caminho que foi ensinado pelo Conquistador. Que maior compaixão poderia haver? Compete a nós tirar ou não vantagem dessa compaixão e seguir o caminho da liberação.

Agora que temos este nascimento humano livre e bem dotado, agora que sabemos o que devemos e não devemos fazer, nossa decisão neste momento crítico, quando temos a liberdade para escolher, marca o momento decisivo que irá determinar nossa sorte, para melhor ou pior, até bem longe no futuro.

É crucial que escolhamos entre o samsara e o nirvana de uma vez por todas e coloquemos as instruções do nosso mestre em prática.

Os oficiantes de cerimônias em vilarejos farão você acreditar que no seu leito de morte você ainda poderá ir para cima ou para baixo, como se você estivesse conduzindo um cavalo pelas rédeas. Mas, nesse momento, a menos que você já tenha dominado o caminho, o vento feroz de suas ações passadas lhe estarão perseguindo, enquanto, pela frente, uma escuridão negra e aterrorizante precipita-se em sua direção, ao mesmo tempo em que você é conduzido sem esperança para baixo, para o longo e perigoso caminho do estado intermediário (bardo). Os incontáveis intendentess do Senhor da Morte estarão perseguindo você, gritando, “Mate! Mate! Bate! Bate!” Como poderia tal momento – quando não houver lugar algum para correr e nenhum lugar para se esconder, nenhum refúgio e nenhuma esperança, quando você estiver desesperado e não tiver idéia do que fazer – como poderia tal momento ser o momento decisivo no qual você terá o controle de ir para cima ou para baixo?

Como o Grande de Oddiyana diz:

"Quando a iniciação estiver sendo dada ao cartão marcado com o seu nome, será muito tarde!

Sua consciência, já vagando pelo estado intermediário como um cachorro atordoado, vai achar muito difícil até mesmo pensar nos reinos superiores".

De fato, o momento decisivo, o único momento em que podemos realmente nos dirigir para cima ou para baixo, como se estivéssemos conduzindo um cavalo pelas rédeas, é agora mesmo, enquanto ainda estamos vivos.

Como ser humano, nossas ações positivas são mais poderosas do que as de outros seres. Isso nos proporciona, por um lado, uma oportunidade aqui e agora, nesta vida atual, de nos desembaraçarmos do renascimento de uma vez por todas. Mas as nossas ações negativas são mais poderosas também. Assim somos bem capazes igualmente de assegurar, por outro lado, que jamais nos liberemos das profundezas dos reinos inferiores. Portanto, agora que encontramos o mestre, o médico hábil e o Dharma, o elixir que conquista a morte, este é o momento de aplicarmos as quatro metáforas, colocando os ensinamentos que ouvimos em prática e trilhando o caminho da liberação.

O *Tesouro das Preciosas Qualidades* descreve quatro noções errôneas que devem ser evitadas e que são o oposto das quatro metáforas que mencionamos:

Humanos pérfidos e maus

Aproximam-se do mestre como de um cervo almiscarado.

Tendo extraído o almíscar, o Dharma perfeito,

Plenos de alegria escarnecem do samaya.

Tais pessoas comportam-se como se o mestre espiritual fosse um cervo almiscarado, o Dharma fosse o almíscar, elas mesmas os caçadores, e a prática assídua o meio de matar o cervo com uma flecha ou uma armadilha. Elas não praticam os ensinamentos que receberam e não sentem gratidão pelo mestre. Usam o Dharma para acumular ações negativas, o que as conduzirá para baixo, como uma pedra em direção aos reinos inferiores.

2) As Seis Perfeições Transcendentes

No *Tantra da Completa Compreensão das Instruções sobre Todas as Práticas do Dharma*, é dito:

"Faça excelentes oferendas tais como flores e almofadas,
Arrume o local e controle sua conduta,
Não maltrate nenhum ser vivo,
Tenha genuína fé no mestre,
Ouça as instruções sem distração
E questione-o a fim de dissipar suas dúvidas;
Essas são as seis perfeições transcendentais de um ouvinte."

Uma pessoa ouvindo ao ensinamento deveria praticar as seis perfeições transcendentais da seguinte maneira:

Prepare o assento do mestre, coloque almofadas sobre o assento, ofereça um mandala, flores e outras oferendas. Essa é a prática da generosidade.

Limpe o local ou quarto depois de cuidadosamente ter tirado a poeira com água, e abstenha-se de toda conduta desrespeitosa. Essa é a prática da disciplina.

Evite maltratar os seres sencientes, mesmo os menores insetos, e suporte o calor, o frio e outras dificuldades. Essa é a prática da paciência.

Deixe de lado quaisquer visões errôneas sobre o mestre e o ensinamento e escute com grande alegria e com fé genuína. Essa é a prática da diligência.

Ouçã as instruções do lama sem distração. Essa é a prática da concentração. Faça perguntas para clarear quaisquer hesitações ou dúvidas. Essa é a prática da sabedoria.

3) Outros modos de conduta

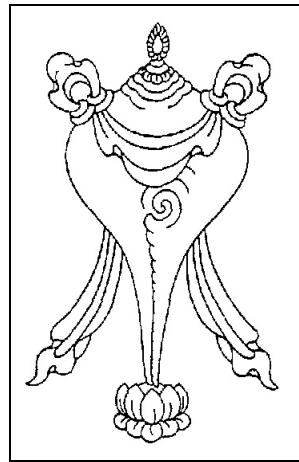
Todas as formas de conduta desrespeitosas devem ser evitadas.

O *Vinaya* diz:

"Não ensine os que não têm respeito,
Que cobrem suas cabeças ainda que em boa saúde,
Que carregam bengalas, armas e pára-sóis,
Ou cujas cabeças estejam envoltas em turbantes."

E os *Jatakas*:

"Tome o assento mais baixo.
Cultive o comportamento digno por meio da disciplina.
Com os olhos cheios de alegria,
Beba as palavras como néctar
E esteja completamente concentrado.
Essa é a maneira de ouvir os ensinamentos."



II O Ensino propriamente dito:

Explicação sobre como é difícil encontrar as liberdades e as riquezas.

O principal objeto do capítulo é explicado em quatro sessões:

- 1] Reflexão sobre a natureza da liberdade,
- 2] Reflexão sobre as riquezas particulares relacionadas ao Dharma,
- 3] Reflexão sobre as imagens que mostram o quanto é difícil encontrar as liberdades e riquezas, e
- 4] Reflexão sobre comparações numéricas.

1] Refletindo sobre a natureza da Liberdade:

Em geral, aqui, liberdade significa ter a oportunidade para praticar o Dharma e não ter nascido em um dos oito estados em que não há essa oportunidade. Ausência de liberdade se refere àqueles oito estados em que não existe tal oportunidade:

- 1_Ter nascido nos infernos,
- 2_Ter nascido no reino dos *pretas*,
- 3_Ter nascido como um animal,
- 4_Ter nascido como um deus de longa vida,
- 5_Ter nascido como um bárbaro,
- 6_Ter visões errôneas,
- 7_Ter nascido quando não houver um Buda,
- 8_Ter nascido surdo ou mudo.

Esses são os oito estados sem liberdade.

1_Os seres renascidos no inferno não têm a oportunidade de praticar o Dharma porque eles estão constantemente atormentados por intenso frio ou calor.

2_Os *pretas* não têm a oportunidade de praticar o Dharma por causa do sofrimento que eles experimentam pela fome ou sede.

3_Os animais não têm oportunidade de praticar o Dharma porque são submetidos à escravidão e sofrem pelos ataques de outros animais.

4_Os deuses de longa vida não têm oportunidade de praticar o Dharma porque gastam seu tempo em um estado sem percepção.

5_Aqueles que nascem em países periféricos não têm oportunidade de praticar o Dharma porque a doutrina do Buda é desconhecida em tais lugares.

6_Aqueles que nascem como *thirtikas* ou com visões errôneas similares não têm oportunidade de praticar o Dharma porque suas mentes estão muito influenciadas por essas crenças equivocadas.

7_Aqueles que nascem durante um kalpa negro não têm a oportunidade de praticar o Dharma porque eles nunca nem mesmo ouvem sobre as Três Jóias, e não podem distinguir o bem do mal.

8_Aqueles que nascem mudos ou mentalmente deficientes não têm a oportunidade de praticar o Dharma porque suas faculdades estão incompletas.

1_2_3_: Os habitantes dos três reinos inferiores sofrem constantemente com calor, frio, fome, sede e outros tormentos, como resultado de suas ações negativas passadas; eles não têm oportunidade de praticar o Dharma.

4_ Bárbaros são todos aqueles que vivem nos trinta e dois países periféricos, tais como Lo Khata; são todos os que consideram prejudicar os outros como um ato de fé e cujas crenças selvagens vêem o tirar a vida como algo bom. Essas pessoas que habitam territórios remotos têm forma humana, mas suas mentes carecem de correta orientação e elas não podem se harmonizar ao Dharma. Herdando de seus antepassados costumes perniciosos tais como o de se casarem com suas mães, vivem de uma forma que é o exato oposto da prática do Dharma. Tudo que fazem é mau, e é em técnicas e atividades prejudiciais, tais como matar insetos e caçar bestas selvagens, que eles verdadeiramente se sobressaem. Muitos deles caem nos reinos inferiores assim que morrem. Para tais pessoas não há oportunidade de praticar o Dharma.

5_ Os deuses de longa vida são aqueles que estão absorvidos em um estado sem percepção. Seres nascem neste reino como resultado de sua crença em que a liberação é um estado em que todas as atividades mentais, boas ou ruins, estão ausentes, e por meditem sobre esse estado. Eles permanecem em tais estados de concentração por grandes kalpas.

Mas, uma vez que o efeito das ações passadas que produziram essa condição tenha se exaurido por si mesmo, eles renascem nos reinos inferiores por causa de suas visões errôneas. Eles, também, não têm nenhuma oportunidade de praticar o Dharma.

6_ O termo **visões errôneas** inclui, em geral, as crenças eternalistas e niilistas, que são visões contrárias e estrangeiras ao ensinamento do Buda. Tais visões corrompem nossas mentes e nos impedem de aspirar ao autêntico Dharma, a tal ponto que não mais teremos a oportunidade de praticá-lo. No Tibete, como o segundo Buda, Padmasambhava de Oddiyana, confiou a proteção da terra às doze Tenma, os próprios *tirthikas* não foram capazes de penetrar. Entretanto, qualquer um cujo entendimento seja como o dos *tirthikas*, e contrário àquele do autêntico Dharma e dos mestres autênticos, estará por isso privado da oportunidade de praticar de acordo com os ensinamentos verdadeiros.

O monge Sunaksatra permaneceu vinte e cinco anos como atendente do Senhor Buda, e mesmo assim, como não tinha a mínima fé e mantinha apenas visões errôneas, acabou renascendo como *preta* em um jardim de flores.

7_ Nascer em um kalpa negro significa nascer em um período durante o qual não há um Buda. Em um universo onde nenhum Buda apareceu, ninguém nunca ouviu sobre as Três Jóias. Como não há Dharma, não há oportunidade de praticá-lo.

8_ A mente de uma pessoa nascida surda ou muda pode não funcionar adequadamente e o processo de ouvir os ensinamentos, expô-los, refletir sobre eles e colocá-los em prática está impedido. A expressão surdo-mudo refere-se normalmente a uma disfunção da fala. Torna-se uma condição sem a oportunidade de praticar o Dharma quando a comum habilidade humana de utilizar e compreender a linguagem está ausente.

Essa categoria também inclui, portanto, aqueles cuja inabilidade mental os tornam incapazes de compreender os ensinamentos e assim os priva da oportunidade de praticar o Dharma.

2] Refletindo sobre as riquezas particulares relacionadas ao Dharma:

Sob esse título estão incluídas:

- 1) **As cinco riquezas individuais e**
- 2) **As cinco riquezas circunstanciais.**

* * *

1) **As cinco riquezas individuais**

- 1_Nascer humano,
- 2_Em um lugar central,
- 3_Com todas as faculdades,
- 4_Sem um estilo de vida conflituoso e
- 5_Com fé no Dharma.

Sem uma vida humana, não seria possível nem mesmo encontrar o Dharma. Então este corpo humano é a riqueza do suporte.

Caso se tenha nascido em uma região periférica onde o Dharma é desconhecido, ele nunca seria encontrado. Mas se a região em que se nasceu é um lugar central quanto ao Dharma, nesse caso então se tem a riqueza do lugar.

Não ter todas as faculdades dos sentidos intactas seria um obstáculo à prática do Dharma. Caso se esteja livre de tais incapacidades, tem-se a riqueza de possuir as faculdades dos sentidos.

Caso se tenha um estilo de vida conflituoso, está-se sempre imerso em ações negativas e em desacordo com o Dharma. Como se possui agora o desejo de praticar ações positivas, essa é a riqueza da intenção.

Caso não se tenha fé nos ensinamentos do Buda, não se sentirá nenhuma inclinação pelo Dharma. Ter a habilidade de voltar a mente para o Dharma, como se está fazendo agora, constitui a riqueza da fé.

Como essas cinco riquezas precisam estar completas em relação à nossa própria constituição, elas são chamadas de cinco riquezas individuais.

1_Para praticar o real e autêntico Dharma, é absolutamente necessário ser um ser humano. Agora, suponha que não se tivesse o suporte de uma forma humana, mas se tivesse a mais elevada forma de vida nos três reinos inferiores, a de um animal – mesmo o mais belo e altamente valorizado animal conhecido pelo homem. Se alguém dissesse ao animal: "Recite Om Mani Peme Hung uma vez, e você se tornará um Buda," o animal seria incapaz de entender essas palavras ou de entender o seu significado, nem seria capaz de proferir uma palavra. De fato, mesmo que o animal estivesse morrendo de frio, ele seria incapaz de pensar no que fazer a não ser deitar-se encolhido, enquanto um homem, não importa quão fraco, saberia como se abrigar numa caverna ou embaixo das árvores, e juntaria madeira e faria fogo para aquecer sua face e suas mãos. Se os animais são incapazes de coisas tão simples, como eles poderiam mesmo conceber a prática do Dharma?

2_Deuses e outros seres do mesmo tipo, não importa quão superiores sejam suas formas físicas, não apresentam as exigências necessárias para receber os votos pratimoksa, e, assim, não podem assimilar o Dharma em sua totalidade.

A respeito do significado de lugar central, deve-se distinguir entre uma região central geograficamente e um lugar que é central em termos de Dharma.

Geograficamente falando, a região central é dita geralmente ser o Assento Vajra, em Bodhgaya, na Índia, no centro de Jambudvīpa, o Continente do Sul. Todos os mil Budas deste Kalpa Afortunado vão atingir o despertar lá. Mesmo na destruição universal ao fim do kalpa, os quatro elementos não podem danificar esse lugar, e ele permanecerá ali como que suspenso no espaço. No seu centro cresce a Árvore do Despertar. Esse local, com todas as cidades da Índia em volta, é, portanto, considerado a região central em termos geográficos.

Em termos de Dharma, um lugar central é onde quer que o Dharma – os ensinamentos do Senhor Buda – exista. Todas as outras regiões são consideradas periféricas.

Em um passado distante, no tempo em que o Senhor Buda veio para este mundo e enquanto a sua Doutrina ainda existia na Índia, aquela terra era central tanto em termos de geografia como de Dharma. Entretanto, agora que ela caiu nas mãos dos *tirthikas* e a Doutrina do Conquistador desapareceu naquela região, no que diz respeito ao Dharma até mesmo Bodhgaya é um local periférico.

Nos dias do Buda, o Tibete, o País das Neves, era chamado de "região periférica do Tibete", porque era uma terra escassamente povoada, onde a Doutrina ainda não tinha se difundido. Mais tarde, a população cresceu pouco a pouco, e lá reinaram muitos reis que eram emanções de Budas. O Dharma apareceu pela primeira vez no Tibete durante o reinado de Lha-Thotori Nyentsen, quando o *Sutra das Cem Invocações e Prostrações*, a fôrma de uma tsa-tsa e outros objetos caíram sobre o telhado do palácio.

Cinco gerações mais tarde, de acordo com profecias de que ele compreenderia o significado do sutra, apareceu o Rei do Dharma Songtsen Gampo, uma emanção do Sublime Compassivo (Tchenrezig). Durante o reinado de Songtsen Gampo, o tradutor Thönmi Sambhota foi enviado para a Índia para estudar suas línguas e escritas. Quando retornou, introduziu o alfabeto no Tibete pela primeira vez. Traduziu para o tibetano vinte e um sutras e tantras de Tchenrezig (Avalokiteshvara), *O Poderoso Segredo*, e vários outros textos. O rei exibiu múltiplas formas de si mesmo e, juntamente com seu ministro Gartongtsen, usou meios miraculosos para defender seu país. Tomou como rainhas duas princesas, uma chinesa, outra do Nepal, que trouxeram com elas numerosas representações do corpo, da palavra e da mente do Buda, incluindo as estátuas chamadas Jowo Mikyö Dorje e a Jowo Shakyamuni, as verdadeiras representações do Buda. O rei construiu o conjunto de templos conhecidos como Thadul e Yangdul, dos quais o principal era o Rasa Trunlnang. Dessa maneira ele estabeleceu o Budismo no Tibete.

Seu quinto sucessor, o Rei Trisong Detsen, convidou cento e oito panditas para o Tibete, incluindo Padmasambhava, o Mestre de Oddiyana, o maior dos detentores dos mantras, inigualável nos três mundos. Como suporte de representações da forma dos Budas, Trisong Detsen construiu templos, incluindo "o imutável e espontaneamente surgido" Samye. Como suporte da palavra do Buda, o autêntico Dharma, cento e oito tradutores, incluindo o grande Vairotsana, aprenderam a arte da tradução e traduziram todos os principais sutras, tantras e shastras então correntes na nobre terra da Índia. Os "Sete Homens de Teste" e outros foram ordenados monges, formando a Sangha, como suporte da mente do Buda.

Daquele tempo até os dias de hoje, os ensinamentos do Buda brilharam como o sol no Tibete e, apesar dos altos e baixos, a Doutrina do Conquistador nunca foi perdida em ambos os seus aspectos, transmissão e realização. Então, o Tibete, no que diz respeito ao Dharma, é um país central.

3_ Uma pessoa a quem falte qualquer uma das cinco faculdades dos sentidos, não preenche os requisitos necessários para tomar os votos monásticos. Além disso, alguém que não tenha a boa fortuna de ser capaz de ver representações do Conquistador para inspirar sua devoção, ou de ler ou escutar os preciosos e excelentes ensinamentos como material para estudo e reflexão, não será completamente capaz de receber o Dharma.

4_ O estilo de vida conflituoso refere-se, estritamente falando, aos estilos de vida de pessoas nascidas em comunidades de caçadores, prostitutas e assim por diante, que estão envolvidas nestas atividades negativas desde bem jovem. Mas na verdade também inclui qualquer um cujo pensamento, palavra e ação sejam contrários ao Dharma – pois mesmo aqueles não nascidos em tais estilos de vida podem facilmente encontrar-se neles mais tarde. É então essencial evitar fazer qualquer coisa que seja conflituosa com o Dharma autêntico.

5_ Caso se tenha fé não nos ensinamentos do Buda, e sim em deuses poderosos, nugas e assim por diante, ou em outras doutrinas tais como aquelas dos *tirthikas*, então, não importa quanta fé se deposite neles, nenhum deles pode protegê-lo dos sofrimentos do samsara ou do renascimento nos reinos inferiores. Mas caso se tenha adquirido uma fé corretamente justificada na Doutrina do Conquistador, que une transmissão e realização, é-se sem dúvida um vaso adequado para o verdadeiro Dharma. E essa é a maior das cinco riquezas individuais.

2) As cinco riquezas circunstanciais

- 1_ Um Buda apareceu
- 2_ Um Buda ensinou o Dharma
- 3_ Seus ensinamentos ainda existem
- 4_ Seus ensinamentos podem ser seguidos
- 5_ Há aqueles que têm bom coração em relação aos outros.

1_ Aqueles que não nasceram em um kalpa brilhante, um no qual um Buda apareceu, nunca ouviram falar do Dharma. Mas nós estamos agora em um kalpa no qual um Buda apareceu, então nós possuímos agora a riqueza da presença particular do mestre.

2_ Ainda que um Buda tenha surgido, se não tivesse ensinado, ninguém se beneficiaria. Mas como o Buda girou a Roda do Dharma de acordo com os três níveis, temos a riqueza do ensinamento do Dharma.

3_ Embora ele tenha ensinado, se sua doutrina tivesse se extinguido, não estaria aqui para nos ajudar. Mas o período durante o qual a doutrina vai permanecer ainda não terminou, então nós temos a riqueza do tempo.

4_ Mesmo que os ensinamentos ainda existam, a menos que os sigamos, não nos são de benefício. Mas desde que conhecemos o Dharma, possuímos a riqueza de nossa própria boa fortuna.

5_Ainda que engajados no Dharma, sem a circunstância favorável de ser aceito por um amigo espiritual, ignoraríamos a essência do Dharma. Mas como um amigo espiritual nos aceitou, possuímos a riqueza de sua extraordinária compaixão.

Como esses cinco fatores precisam estar completos em relação a circunstâncias outras que não nossas próprias, eles são chamados de cinco riquezas circunstanciais.

1_O tempo que leva para o universo ser formado, permanecer existindo, ser destruído e permanecer em um estado de vacuidade é chamado de kalpa. Um kalpa no qual um Buda perfeito aparece no mundo é chamado "kalpa luminoso", enquanto um kalpa no qual um Buda não aparece é chamado de "kalpa obscuro".

Há muito tempo, durante o grande Kalpa da Alegria Manifesta, trinta e três mil Budas apareceram. Cem kalpas obscuros se seguiram. Então, durante o Kalpa Perfeito, 800 milhões de Budas apareceram, novamente seguido por uma centena de kalpas sem Dharma. Então 840 milhões de Budas apareceram durante o Kalpa Excelente, depois do qual houve 500 kalpas obscuros. Durante o Kalpa Agradável de Ver, 800 milhões de Budas apareceram, e então houve 700 kalpas de obscuridade. Sessenta mil Budas apareceram durante o Kalpa Jubiloso. Então veio o nosso próprio kalpa, o Bom Kalpa.

Antes de nosso kalpa surgir, este cosmo de um bilhão de universos era um imenso oceano em cuja superfície apareceram mil lótus de mil pétalas. Os deuses do mundo de Brahma perguntaram-se como isso podia acontecer e, por sua clarividência, entenderam que significava que durante este kalpa mil Budas apareceriam. "Este será um bom kalpa," disseram, e "Bom" tornou-se seu nome.

Desde a época em que o tempo de vida dos seres era de oitenta mil anos e o Buda Destruidor do Samsara apareceu, até a época em que os seres vão viver por tempo incalculável, e o Buda da Infinita Aspiração surgirá, mil Budas terão tomado seu lugar neste mundo no Assento Vajra, no centro do Continente de Jambudvīpa. Cada um atingirá a perfeita Budeidade lá e girará a Roda do Dharma. Desta maneira nosso kalpa presente é um kalpa luminoso.

Ele será seguido por sessenta kalpas periféricos, obscuros, e depois disso, no Kalpa dos Vastos Números, dez mil Budas vão aparecer. Depois, mais dez mil kalpas vão se seguir.

Nesta alternância entre kalpas luminosos e obscuros, se nascermos durante um kalpa obscuro, nunca nem ouviríamos que houvesse algo como as Três Jóias.

Além disso, como o Grande de Oddiyana assinalou, o Mantra Secreto Vajrayana em particular é raramente ensinado:

"Há muito tempo, durante o primeiro kalpa, o Kalpa da Completa Disposição, os ensinamentos do Mantrayana Secreto foram enunciados pelo Buda conhecido como Rei-que-já-veio e conseguiram grande reputação. Os ensinamentos que temos agora, os do presente Buda Shakyamuni, incluem também o Mantrayana Secreto. Após dez milhões de kalpas, durante o Kalpa da Disposição das Flores, o Buda Manjushri virá, como eu vim agora, para revelar os ensinamentos do Mantra Secreto em larga escala. Isso será desse modo porque os seres nesses três kalpas são recipientes adequados para os Mantras Secretos, e a razão pela qual os ensinamentos do Mantrayana não aparecem em outras épocas é que os seres dessas épocas não são aptos para utilizá-los."

Neste Bom Kalpa, no tempo presente, quando a duração da vida humana é de uma centena de anos, o perfeito Buda Shakyamuni veio ao mundo, e então este é um kalpa luminoso.

2_Suponha que o Buda tivesse vindo, mas ainda estivesse em meditação e não tivesse ensinado Dharma. Como a luz do seu Dharma não teria aparecido, sua vinda não faria diferença para nós. Seria como se ele não tivesse vindo.

Ao atingir o total e perfeito Despertar no Assento Vajra, nosso Mestre exclamou:

"Encontrei um Dharma como a ambrosia,
Profundo, tranqüilo, simples, não composto, radiante.
Se eu explicá-lo, ninguém vai entender,
Então, permanecerei aqui em silêncio na floresta".

Em conseqüência, por sete semanas ele não ensinou, até que Brahma e Indra suplicaram-lhe que girasse a Roda do Dharma.

Além disso, se aqueles que detêm os ensinamentos autênticos não os explicam, seria difícil para o Dharma ser de qualquer real benefício para os seres. Um exemplo é o grande Smrtijnana da Índia, que veio para o Tibete porque sua mãe renasceu em um dos infernos efêmeros. Seu intérprete morreu na jornada, e Smrtijnana, que estava perambulando pela província de Kham, incapaz de dizer uma palavra no idioma, tornou-se um pastor e lá morreu sem ter sido de muito benefício para ninguém. Quando Jowo Atisha chegou ao Tibete mais tarde e soube o que aconteceu, gritou: "Que triste! Tíbetanos, seu mérito é fraco! Em nenhum lugar na Índia, Leste ou Oeste, havia um pândita melhor que Smrtijnana", e, juntando as mãos, chorou.

Para nós, o Buda Shakyamuni girou a Roda do Dharma em três níveis e, manifestando um número inconcebível de formas de acordo com as necessidades e capacidades daqueles a serem ajudados, conduz os discípulos, através dos nove veículos dos seus ensinamentos, em direção à maturidade e à liberação.

3_Mesmo durante um kalpa no qual um Buda tenha aparecido e dado ensinamentos, uma vez que o tempo de duração desses ensinamentos tenha chegado ao fim e o autêntico Dharma que ele ensinou tenha desaparecido, seria exatamente o mesmo que um kalpa obscuro. O período entre o desaparecimento dos ensinamentos de um Buda e os ensinamentos do próximo Buda a serem transmitidos é descrito como "desprovido de Dharma". Em lugares afortunados, onde os seres têm o mérito adequado, pratyekabuddhas aparecem, mas a doutrina não é ensinada ou praticada.

Nos dias atuais ainda temos os ensinamentos do Buda Shakyamuni. Seu grau de sobrevivência segue uma seqüência dez vezes maior. Primeiro, existem três períodos, cada um com quinhentas partes. Durante este tempo, aparecem os "ensinamentos do coração de Samantabhadra", que é o fruto. Depois, vêm três períodos de quinhentas partes para a realização. Esses são seguidos por três períodos de quinhentas partes para a transmissão. Finalmente, um período de quinhentas partes surge quando apenas os símbolos são retidos. No total, completam-se dez períodos, cada um de quinhentas partes. Atualmente, atingimos o sétimo ou oitavo período. Vivemos em uma época de aumento das cinco degenerescências – as da duração de vida, crenças, emoções, tempo e seres. Apesar de tudo, a doutrina de transmissão e realização ainda existe. Como ela ainda não morreu, ainda possuímos a riqueza de ter o Dharma na sua integralidade.

4_ Que a Doutrina ainda esteja presente, entretanto, é irrelevante, a menos que se faça uso dela – assim como o sol que nasce e, embora ilumine o mundo todo, não faz a menor diferença para um homem cego. Da mesma forma que as águas de um grande lago não podem acabar com a sede de um viajante que chega à suas margens a menos que ele de fato beba a água, o Dharma da transmissão e da realização não pode penetrar, por si mesmo, na mente dos seres.

a) Buscar o Dharma só para se proteger da doença e influências negativas nesta vida, ou por temer os sofrimentos dos três reinos inferiores em vidas futuras, é chamado de "Dharma como proteção contra os medos", e não é a maneira correta de se estabelecer no caminho.

b) Buscar o Dharma meramente para ter comida, roupas, etc, nesta vida, ou para obter a agradável recompensa de um renascimento divino ou humano na próxima, é chamado de "Dharma das boas aspirações".

c) Entrar no Dharma entendendo que a totalidade do samsara não tem significado, esforçando-se para achar um caminho para se liberar dele, é chamado "engajar-se no Dharma tomando o caminho pelo bom fim".

5_ Mesmo que se comece a praticar o Dharma, isso seria inútil caso não se tenha sido aceito por um amigo espiritual.

A Sabedoria Transcendente Condensada diz:

"O Buda e os ensinamentos dependem do amigo espiritual.

Assim disse o Conquistador, corporificação suprema de todas as boas qualidades."

O ensinamento do Buda é imenso, suas transmissões são numerosas, e abrange um inesgotável espectro de tópicos. Se não contarmos com as instruções essenciais de um mestre, nunca saberíamos como condensar os pontos essenciais dos ensinamentos e colocá-los em prática.

Certa vez, quando Jowo Atisha estava no Tibete, Khu, Ngok e Drom perguntaram a ele: "Para alguém alcançar liberação e completa onisciência, o que é mais importante: as escrituras canônicas e seus comentários, ou as instruções orais de um mestre?"

"As instruções do Mestre", respondeu Atisha.

"Por quê?"

"Porque quando for tempo de fazer a prática – mesmo que se possa explicar todo o Tripitaka de memória e que se seja muito hábil em metafísica – sem a orientação prática do mestre o indivíduo e o Dharma se separam".

"Então", continuaram eles, "o principal ponto das instruções do mestre é guardar os três tipos de votos e o esforço em fazer o bem com o corpo, a palavra e a mente?"

"Isso não tem a menor utilidade", respondeu Atisha.

"Como pode ser?", eles perguntaram.

"É possível ser capaz de guardar os três votos perfeitamente, mas a menos que se esteja determinado a se liberar dos três mundos do samsara, isso só criaria causas adicionais do samsara. Seria possível esforçar-se dia e noite para fazer o bem com o corpo, a palavra e a mente, mas caso não se saiba como dedicar o mérito para o perfeito despertar, dois ou três pensamentos errôneos são suficientes para tudo destruir inteiramente. Pode-se ser mestres e meditadores, cheios de piedade e erudição, mas se

a mente não estiver afastada das oito preocupações ordinárias, tudo o que se fizer será apenas para esta vida presente, e não se encontrará o caminho que ajuda para as vidas futuras."

Isso ilustra o quanto é importante estar sob os cuidados de um mestre, um amigo espiritual.

Observando a própria vida e circunstâncias, cada uma das oito liberdades e das dez riquezas, caso se ache que todas estas condições favoráveis estão presentes, tem-se o que é conhecido como "uma existência humana dotada com as dezoito liberdades e riquezas".

Entretanto, o Onisciente Rei do Dharma Longchenpa, em seu *Tesouro que Satisfaz os Desejos*, especifica dezesseis condições adicionais que impossibilitam qualquer oportunidade de praticar o Dharma.

A) Oito circunstâncias intrusivas e

B) Oito propensões incompatíveis

É importante não cair em seus domínios. Em suas palavras:

- A)** 1_Estar movido pelas cinco emoções, 2_Ser estúpido, 3_Estar sob o domínio de influências negativas. 4_Ter preguiça. 5_Estar sob efeito de ações negativas passadas. 6_Ser servo de outros. 7_Buscar proteção dos perigos, e 8_Ter uma prática hipócrita:

Essas são as oito circunstâncias intrusivas que não permitem liberdade.

- B)** 1_Estar limitado pelas amarras. 2_Viver em flagrante depravação. 3_Não estar insatisfeito com o samsara. 4_Não ter nem um pouco de fé. 5_Ter prazer em ações negativas. 6_Não ter interesse no Dharma, 7_Ser negligente com os votos e samayas:

Essas são as oito propensões incompatíveis que não permitem liberdade.

A) As oito circunstâncias intrusivas que não deixam liberdade para a prática do Dharma.

1_As pessoas nas quais os cinco venenos – isto é, as emoções negativas, como ódio dos inimigos, apego a amigos e parentes, e assim por diante – são extremamente fortes, poderiam desejar de tempos em tempos poder praticar algum tipo de Dharma verdadeiro. Mas os cinco venenos são muito fortes, dominando suas mentes a maior parte do tempo e impedindo-as de realizar o Dharma adequadamente.

2_Seres muito estúpidos, sem o menor sinal de inteligência, podem entrar no Dharma, mas, sendo incapazes de compreender uma única palavra dos ensinamentos ou seu significado, nunca serão capazes de estudar, refletir e meditar sobre eles.

3_Uma vez que pessoas foram tomadas como discípulas por um falso amigo espiritual que ensina a visão e a ação de uma maneira pervertida, suas mentes serão conduzidas por caminhos errôneos e não estarão de acordo com o verdadeiro Dharma.

4_As pessoas que querem aprender o Dharma, mas são muito preguiçosas, sem nenhum traço de diligência, nunca irão realizá-lo porque estão muito enganados em sua própria indolência e procrastinação.

5_Os obscurecimentos e ações negativas de algumas pessoas são tais que, apesar do esforço que colocam no Dharma, falham em desenvolver qualquer uma das corretas qualidades de suas mentes. A grande quantidade de ações negativas as oprime e elas perdem a confiança nos ensinamentos sem se dar conta de que isso se deve às suas próprias ações passadas.

6_Aqueles que estão escravizados por outro, e perderam sua autonomia, podem querer receber o Dharma; mas os que os dominam não lhes permitem praticar.

7_Algumas pessoas entram no Dharma por medo desta vida presente – medo de que lhes possa faltar comida ou roupas, ou experimentar outras aflições. Mas como elas não têm uma convicção profunda no Dharma, abandonam-se aos velhos hábitos e envolvem-se com coisas que não são o Dharma.

8_Outros são impostores que, através de um falso Dharma, tentam ganhar posses, serviços e prestígio. Na frente dos outros assumem a aparência de praticantes, mas em suas mentes estão interessados apenas nesta vida. Logo, eles estão longe do caminho da liberação.

Essas são as oito circunstâncias que tornam impossível continuar praticando o Dharma.

B) As oito propensões incompatíveis que não dão liberdade para praticar o Dharma.

1_Pessoas que estão firmemente presas a compromissos mundanos: riqueza, prazeres, crianças, parentes e assim por diante, estão tão preocupadas com os árduos esforços envolvidos nessas coisas, que não têm tempo para praticar o Dharma.

2_Algumas pessoas não têm o menor traço de humanidade, e sua natureza é tão depravada que são incapazes de melhorar seu comportamento. Mesmo um mestre espiritual genuíno acharia muito difícil colocá-las no nobre caminho. Como os seres sublimes do passado disseram: "As habilidades de um discípulo podem ser moldadas, mas não o seu caráter básico".

3_Uma pessoa que não sinta a menor consternação ao ouvir sobre os renascimentos inferiores e os males do samsara, ou diante dos sofrimentos desta vida presente, não tem qualquer determinação para se liberar do samsara, julga, assim, não ter nenhuma razão para se engajar na prática do Dharma.

4_Não ter nenhuma fé no verdadeiro Dharma, ou no Mestre, interrompe qualquer acesso aos ensinamentos e barra a entrada no caminho da liberação.

5_Pessoas que têm prazer em ações prejudiciais ou negativas, e que falham em controlar seus pensamentos, palavras e ações, são desprovidos de quaisquer nobres qualidades e se afastaram do Dharma.

6_Algumas pessoas estão tão interessadas em valores espirituais e no Dharma quanto um cachorro em comer grama. Como elas não sentem entusiasmo pelo Dharma, as qualidades deste nunca irão se desenvolver em suas mentes.

7_ Qualquer um que, tendo entrado no Veículo Básico, quebre seus votos e compromissos com a bodhicitta, não tem outro lugar para ir a não ser os reinos inferiores. Ele não escapará dos estados onde não há oportunidade de praticar o Dharma.

8_ Qualquer um que, tendo entrado no Veículo do Mantra Secreto, quebre seus compromissos de samaya com o mestre, irmãos e irmãs espirituais, causará sua própria ruína e a deles, destruindo quaisquer perspectivas de realização.

Essas são as oito propensões que levam ao afastamento do Dharma e apagam a lamparina da liberação.

Antes que esses dezesseis fatores, que não dão oportunidade para a prática, tenham sido cuidadosamente rejeitados, as pessoas nestes tempos decadentes podem achar que têm todas as liberdades e riquezas e que são verdadeiros praticantes do Dharma. Entretanto, o chefe, no alto de seu trono; o lama, sob o seu pára-sol; o eremita, na solidão da sua montanha; o homem que renunciou aos assuntos de Estado, e qualquer um que possa ter uma elevada opinião sobre seu próprio valor – cada um pode pensar que está praticando o Dharma, mas enquanto estiver sob o poder dessas condições limitadoras adicionais, ele não está no caminho verdadeiro.

Então, antes de cegamente assumir as formas do Dharma, primeiro verifique cuidadosamente o seu próprio estado para ver se tem ou não todos os trinta e quatro aspectos das liberdades e das riquezas. Se tiver todos, regozije-se e reflita profundamente sobre eles repetidamente. Lembre-se que, agora que finalmente ganhou estas liberdades e riquezas, tão difíceis de encontrar, não se pode desperdiçá-las; o que quer que aconteça, se praticará o Dharma autêntico. Se achar, entretanto, que alguns aspectos estão faltando, tente adquiri-los pelo meio que for possível.

Em todos os momentos, deveria-se fazer o esforço de examinar cuidadosamente se se tem ou não todos os elementos das liberdades e das riquezas. Caso se falhe em checar, e qualquer um desses elementos estiver faltando, se estará perdendo a chance de praticar o Dharma de modo verdadeiro. Afinal, mesmo a execução de uma única pequena tarefa do dia-a-dia requer o concurso de muitas condições e materiais mutuamente reunidos. É alguma surpresa que a realização do nosso objetivo último – o Dharma – seja impossível sem a conjunção de muitos fatores interconectados?

Imagine-se um viajante que queira fazer um chá. A feitura do chá envolve muitos elementos diferentes – o recipiente, a água, a madeira, o fogo, e tudo o mais. Desses, é impossível acender apenas o fogo, sozinho, sem uma pederneira, alguma substância inflamável, as mãos do viajante, e assim por diante. Se uma única destas coisas estiver faltando, a substância inflamável, por exemplo, então ter tudo o mais não é de nenhuma utilidade. Simplesmente não se tem o que é necessário para fazer o chá. Da mesma maneira, se só um elemento das liberdades e das riquezas estiver faltando, não há nenhuma possibilidade de se praticar o Dharma autêntico.

Ao checar a mente cuidadosamente, vai se ver que mesmo as oito liberdades e dez riquezas básicas são muito difíceis de serem obtidas, e que ter todas as dez riquezas é ainda mais raro do que ter todas as oito liberdades.

Alguém nascido como humano, com todas as faculdades intactas e em uma região central, mas que esteja envolvido em um estilo de vida conflituoso com o Dharma e que não tenha fé nos ensinamentos do Conquistador, tem apenas três das riquezas. Se obtivesse uma das duas outras, ainda teria apenas quatro. Agora, ter um estilo de vida em que não haja nenhum conflito com o Dharma é extremamente difícil.

Se qualquer um dos pensamentos, palavras e atos de uma pessoa for negativo, e se seus motivos estiverem orientados para esta vida, então, de fato, mesmo que ela tenha a reputação de ser um homem bom e erudito, seu estilo de vida está em conflito com o Dharma.

O mesmo se aplica às cinco riquezas circunstanciais. Se um Buda tiver vindo, tiver ensinado o Dharma e os ensinamentos ainda existirem, mas a pessoa não tiver entrado no Dharma, ela tem apenas três das riquezas. Aqui novamente, "entrar no Dharma" não significa simplesmente pedir algum ensinamento e este ser recebido. O ponto inicial do caminho da liberação é a convicção de que a totalidade do samsara é sem significado e ter a genuína determinação de se liberar dele. Para percorrer o caminho do Grande Veículo, o essencial é ter deixado surgir genuinamente a bodhicitta. O mínimo é ter tamanha fé inabalável nas Três Jóias Preciosas, que nunca se renuncie a elas, nem para salvar a própria vida. Sem isso, simplesmente recitar preces e usar vestes amarelas não é prova de que se entrou no Dharma.

Certifique-se de que você sabe como identificar cada uma dessas liberdades e riquezas, e verifique se você mesmo as possui. Isso é de crucial importância.

3] Reflexão sobre imagens que mostram a dificuldade de encontrar as liberdades e riquezas

O Buda disse que é mais difícil para um ser obter um nascimento humano do que uma tartaruga, vinda das profundezas do oceano, colocar por acaso sua cabeça na abertura de uma argola de madeira agitada por enormes ondas na superfície.

Imagine todo o cosmos de um bilhão de universos como um vasto oceano. Flutuando nele está uma argola de madeira, um pedaço de madeira com um buraco que pode ser fixado em torno dos chifres dos bois de tração. Esta argola, lançada para lá e para cá pelas ondas, algumas vezes para leste, outras para oeste, não permanece no mesmo lugar nem por um instante. Lá no fundo, nas profundezas do oceano, vive uma tartaruga cega que sobe para a superfície apenas uma vez a cada cem anos. Que a argola e a tartaruga possam se encontrar é extremamente improvável. A argola é inanimada; a tartaruga não está intencionalmente procurando por ela. A tartaruga, sendo cega, não tem olhos com os quais possa localizar a argola. Se a argola ficasse em um único lugar, poderia haver a chance de a tartaruga a encontrar, mas a argola está em constante movimento. Se a tartaruga gastasse todo o seu tempo nadando na superfície, poderia ser, talvez, que ela cruzasse com a argola; mas, ela só sobe à superfície a cada cem anos. As chances de a argola e de a tartaruga se encontrarem são assim, extremamente pequenas. Não obstante, por pura sorte a tartaruga ainda poderia passar o pescoço pela argola.

Mas, os sutras dizem que mais difícil do que isso é obter uma existência humana com todas as liberdades e riquezas.

Nagarjuna expressa em seu *Conselho para o Rei Surabhibhadra*:

"É altamente improvável que uma tartaruga possa, por acaso, surgir através de uma argola lançada num imenso oceano;
E, comparado ao nascimento animal, há muito menos chance
De se obter uma vida humana. Então, ó Senhor dos Homens,
Pratique o Dharma autêntico para fazer sua fortuna frutífera!"

E Shantideva diz:

"O Buda declarou que, assim como uma tartaruga que por acaso possa colocar
Sua cabeça em uma argola vagando em um imenso oceano,
Este nascimento humano é difícil de encontrar."

A dificuldade de obter um nascimento humano é também comparada a de impedir que ervilhas jogadas sobre um muro liso rolem, ou de empilhar ervilhas sobre a ponta de uma agulha, até mesmo uma única delas! É importante conhecer essas comparações, que são do *Sutra do Nirvana*, e outras similares em outros textos.

4] Refletindo sobre as comparações numéricas

Quando se considera a quantidade relativa dos diferentes tipos de seres, pode-se perceber que nascer humano é muito difícil. Como ilustração, diz-se que se os habitantes dos infernos fossem tão numerosos quanto as estrelas no céu noturno, os *pretas* não seriam mais numerosos do que as estrelas visíveis durante o dia; que se houvesse tantos *pretas* quanto estrelas durante a noite, haveria tantos animais quanto estrelas durante o dia; e que se houvesse tantos animais quanto estrelas à noite, haveria tão somente tantos deuses e humanos quanto estrelas durante o dia.

Também é dito que existem tantos seres nos infernos quanto as partículas de poeira em todo o mundo, tantos *pretas* quanto as partículas de areia no Ganges, tantos animais quanto grãos de cereais em um barril de cerveja, e tantos asuras quanto flocos de neve em uma nevasca – mas que o número de deuses e humanos é tão pequeno quanto as partículas de poeira na unha de um dedo.

Tomar a forma de qualquer ser dos reinos superiores já é bem raro, mas, ainda mais raro, é uma vida humana completa com todas as liberdades e riquezas. Podemos ver por nós mesmos, em qualquer momento, quão poucos seres humanos existem comparados aos animais. Pensemos quantos insetos vivem num pedaço de terra no verão, ou formigas num único formigueiro – dificilmente existem tantos humanos no mundo todo. Mas, mesmo na humanidade, podemos ver que, comparados a todas as pessoas nascidas em regiões afastadas, onde os ensinamentos nunca apareceram, os nascidos em lugares onde o Dharma se espalhou são extremamente raros. E mesmo entre estes, existem apenas alguns poucos que possuem todas as liberdades e riquezas.

Com todas estas perspectivas em mente, deveríamos estar plenos de alegria por ter todas as liberdades e riquezas completas.

Uma vida humana pode ser chamada de uma "preciosa vida humana" somente quando está completa com todos os aspectos das liberdades e das riquezas, e, a partir de então, torna-se verdadeiramente preciosa. Mas, enquanto qualquer um desses aspectos estiver faltando, então, não importando quão extensos possam ser nosso conhecimento, erudição e talento em coisas ordinárias, não teremos uma preciosa vida humana. Teríamos o que é chamada de uma vida humana ordinária, mera vida humana, miserável vida humana, vida humana sem significado, ou "vida humana que retorna de mãos vazias".

É como falhar em usar uma jóia que realiza todos os desejos a despeito de tê-la nas mãos, ou como retornar de mãos vazias de uma terra cheia de ouro precioso.

"Encontrar uma jóia preciosa

Não é nada se comparado a encontrar esta preciosa vida humana.

Veja como aqueles que não estão entristecidos pelo samsara
Jogam a vida fora!
Ganhar um reino inteiro
Não é nada se comparado a encontrar um mestre perfeito.
Veja como os que não têm devoção
Tratam o mestre como seu igual!
Receber o comando de uma província
Não é nada se comparado a receber os votos de Bodhisattva.
Veja como os que não têm compaixão
Lançam seus votos fora!
Governar o universo
Não é nada se comparado a receber uma iniciação tântrica.
Veja como os que não guardam os samayas
Jogam fora suas promessas!
Encontrar um Buda
Não é nada se comparado a ver a verdadeira natureza da mente.
Veja como os que não têm determinação
Afundam de novo no engano!"

As liberdades e riquezas não surgem por acaso ou coincidência. São o resultado de uma acumulação de mérito e de sabedoria amalhadas ao longo de muitos kalpas.

O grande erudito Trakpa Gyaltzen diz:

"Esta livre e bem favorecida existência humana
Não é o resultado da sua grande habilidade.
Ela surge do mérito que você acumulou."

Ter obtido uma vida humana apenas para estar totalmente envolvido em más atividades, sem a menor noção do Dharma, é ser inferior aos reinos inferiores. Como Jetsun Mila disse para o caçador Gönpö Dorje:

"Ter as liberdades e fortunas do nascimento humano é dito normalmente ser precioso, Mas quando eu vejo alguém como você, isso não me parece de jeito nenhum precioso."

Nada tem mais poder para nos levar para baixo, aos reinos inferiores, do que uma vida humana. O que fazemos com ela, agora mesmo, depende somente de nós.

"Bem usado, este corpo é nossa balsa para a liberdade.
Mal usado, este corpo prende-nos ao samsara.
Este corpo é servidor tanto do bem como do mal."

É através do poder de todo o mérito que acumulamos no passado que obtivemos agora esta vida humana completa com suas dezoito liberdades e riquezas. Negligenciar a única coisa essencial – o supremo Dharma – e, ao invés, tão somente consumir a vida, adquirindo comida e roupas e satisfazendo as oito preocupações mundanas, seria um desperdício inútil daquelas liberdades e riquezas. Quão ineficaz é esperar até que a morte esteja sobre nós para então nos batermos no peito com remorso por termos feito a escolha errada, como é dito no *Caminho do Bodhisattva*:

"Assim, tendo encontrado as liberdades de uma vida humana,
Se eu agora falho em me treinar na virtude,
Que maior estupidez poderia existir?
Como eu poderia me trair mais?"

Esta vida atual, então, é a fronteira em que podemos escolher entre o bem definitivo ou o mal definitivo. Se não fizermos uso dela agora mesmo, para alcançar a fortaleza da natureza absoluta durante esta vida, nas vidas futuras será muito difícil obter tais liberdades novamente. Se nascermos em qualquer uma das formas de vida dos reinos inferiores, nenhuma idéia de Dharma vai nunca nos ocorrer. Muito confusos para saber o que fazer e o que não fazer, cairemos infinitamente mais e mais fundo nos reinos inferiores.

Então, dizendo-nos que agora é o momento de nos esforçarmos, meditemos o tempo todo, aplicando os três métodos supremos: começar com o pensamento da bodhicitta, realizar a prática sem nenhuma conceituação, e dedicar o mérito no final.

Como medida do quanto esta prática nos deixou verdadeiramente convictos, deveríamos ser como Geshe Chengawa, que despendeu todo o seu tempo praticando, sem nunca dormir. Geshe Tonpa lhe disse: "Seria melhor você dormir, meu filho. Você vai acabar ficando doente." "Sim, eu deveria descansar", Chengawa respondeu. "Mas quando penso como é difícil encontrar as liberdades e riquezas que nós temos, não encontro tempo para descansar." Ele recitou 900 milhões de mantras de Miyowa e fez isso sem dormir durante toda a sua vida. Deveríamos meditar até que exatamente este tipo de convicção surgisse em nossa mente.

Possuo as liberdades, mas sou pobre no Dharma, sua essência.

Ingressei no Dharma, mas desperdiço o tempo fazendo outras coisas.

Conceda-me suas bênçãos, a mim e aos seres tolos como eu,

Para que possamos atingir a verdadeira essência das liberdades e riquezas.



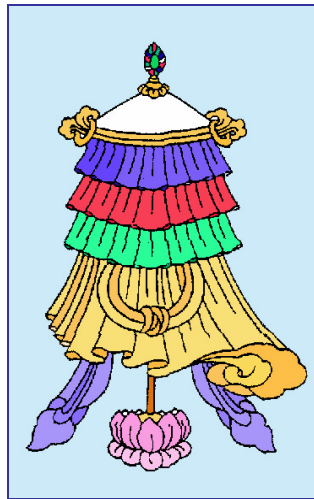
རྟེན།

༄༅། རྟེན་ནི་དགོ་བའི་བཤེས་གཞུང་ཡིན།

Parte III

Capítulo 3

A Condição : O Amigo Virtuoso





O precioso ornamento da Liberação

Parte III

Capítulo 3

A Condição: O Amigo Virtuoso

I Razão de sua necessidade

- 1) **Justificativa de acordo com os textos.**
- 2) **Justificativa pela lógica.**
- 3) **Justificativa pelos exemplos.**

- a) Como um guia
- b) Como uma escolta
- c) Como um barqueiro

II Diferentes categorias / A distinção dos mestres espirituais

- 1) Uma pessoa específica / o amigo virtuoso, um ser comum
- 2) Um Bodhisatva de alto nível
- 3) O Nirmanakaya do Buda / Corpo de Emanação
- 4) O Samboghakaya / Corpo de Perfeita Felicidade

III Suas características:

- 1) **Do Buda**
- 2) **Dos Bodhisatvas de alto nível**
Seus 10 poderes
- 3) **O ser comum:**
Com 8 qualidades
Com 4 qualidades
Com 2 qualidades

IV Estabelecer com ele uma relação correta

- 1) Pelo respeito, pelas honras e pelo serviço
- 2) A reverência e a devoção / a aspiração e o respeito
- 3) A diligência na prática / a prática e a assiduidade
_Modo de receber os ensinamentos

V Os Benefícios

Gampopa:
O Precioso Ornamento da Liberação

Parte III

Capítulo 3

A Condição: O Amigo Virtuoso

Diz-se que:

"A causa circunstancial é o amigo virtuoso".

Considerando que possuímos este perfeito suporte que permite alcançar o Despertar, sem um amigo virtuoso– qualificado de “causa circunstancial” – que nos encoraja a realizar este Despertar, será difícil tomarmos este caminho. Por quê? Porque estamos habituados a agir de modo negativo e esta tendência está demasiado enraizada em nós. Por isso devemos seguir o amigo virtuoso.

A maneira de segui-lo é resumido em cinco pontos:

- I As razões para seguir um amigo de bem**
- II As quatro categorias de amigos virtuosos**
- III Características de cada um**
- IV As maneiras de seguir um amigo virtuoso**
- V Os benefícios que recebemos seguindo um amigo virtuoso**

* * *

I As razões para seguir um amigo virtuoso

Para mostrar que é necessário seguir um amigo virtuoso, iremos recorrer:

- 1] às escrituras,**
- 2] ao raciocínio,**
- 3] a diversos exemplos.**

1] Justificativa através das escrituras

Lemos na *Prajnaparamita resumida*:

"Os bons discípulos que respeitam os mestres espirituais
Deveriam sempre seguir mestres qualificados
É graças a estes últimos que chegarão à realização."

E na *Prajnaparamita em oito mil versos*:

"Assim, o grande Bodhisattva que quer tornar-se Buda no Despertar,
autêntico e perfeito, deve inicialmente aproximar-se de um amigo
virtuoso, segui-lo e servi-lo."

2] Justificativa através do raciocínio

O indivíduo que aspira à onisciência deve seguir um amigo virtuoso, pois, por si mesmo, não sabe como fazer as acumulações e purificações dos véus. Um exemplo disso são os Budas dos três tempos. Um exemplo contrário são os Budas-para-si.

Para explicar isso:

Para obter o perfeito estado de Buda devemos reunir todas as acumulações de mérito e sabedoria. Os meios de reuni-las depende do amigo virtuoso. Nós também devemos purificar todos os véus: das paixões e do que deve ser conhecido. Os meios de abandonar esses véus também dependem de um amigo virtuoso.

3] Justificativa através de exemplos

O amigo virtuoso é comparável: a) a um guia que pode orientar quando se percorre um caminho que é desconhecido, b) a uma escolta em território perigoso e c) a um barqueiro que permite atravessar um grande rio.

a) O exemplo do guia

Sem guia, em uma estrada desconhecida, corre-se o risco de tomar uma direção errada, de afastar-se do caminho correto ou perder-se. Com um guia, estes perigos desaparecem e pode-se chegar ao destino sem desperdiçar passos. Do mesmo modo, para engajar-se na via do Despertar insuperável e atingir a budeidade, na falta de guia, isto é, sem um amigo virtuoso do Grande Veículo, corre-se o perigo de tomar a má direção dos *tirthikas*, desviar-se em direção à via dos ouvintes ou perder-se na via dos Budas-para-si. Afastando-nos dos perigos, o amigo virtuoso nos permite atingir a cidade da onisciência.

Lemos na *Vida de Shrisambhava*:

"O amigo virtuoso é um guia, pois nos leva à via das virtudes transcendentais."

b) O exemplo da escolta

Quando nos aventuramos sem escolta em uma região arriscada, infestada de bandidos ou de animais ferozes, colocamos em perigo nosso corpo, nossa vida e nossos bens. Em contrapartida, acompanhados de guerreiros corajosos, não corremos nenhum perigo. Do mesmo modo, uma vez na via do Despertar, se, para acumular méritos e sabedoria e atingir a cidade da onisciência, não estivermos escoltados por um amigo virtuoso, corremos o risco de sermos despojados de nossos méritos pelos bandidos interiores – emoções negativas e pensamentos – e bandidos externos – demônios, falsos guias e outros escroques – correndo o perigo de perder o acesso aos mundos felizes. Por isso, diz-se:

"Se o bando de ladrões das emoções negativas
Encontrar uma oportunidade, apoderar-se-á dos méritos,
E cortará o acesso as vidas felizes."

Se, ao contrário, contarmos com a permanente escolta de um amigo virtuoso, não perderemos nem a riqueza dos méritos nem a via dos mundos felizes, e acabaremos alcançando a cidade da onisciência.

A *Vida de Shrisambhava* diz:

"O amigo virtuoso protege todos os méritos do Bodhisattva"

E também na *Vida do laico Achala*:

"Os amigos virtuosos são como uma escolta,
Pois eles conduzem a todos até o estado da onisciência."

c) O exemplo do barqueiro

Se, para atravessar um grande rio, tomarmos um barco sem condutor, correremos o grande risco de acabar no fundo deste rio ou sermos levados pela corrente sem alcançarmos a outra margem. Isto não acontecerá se um barqueiro estiver ali para nos ajudar. Assim, para atravessar o oceano do samsara, mesmo embarcados no navio do Dharma, na ausência de um amigo virtuoso, giraremos no samsara, levados por sua correnteza.

"Sem timoneiro, o barco não pode alcançar a outra margem.
Mesmo dotados de todas as qualidades,
Sem mestre espiritual, não se chega ao fim do samsara."

Mas, com a ajuda de um amigo virtuoso, atravessaremos o oceano do samsara até a terra firme do Nirvana. Por essa razão, o *Sutra em forma de árvore* diz:

"O amigo virtuoso é como um timoneiro, pois ele permite atravessar o grande rio do samsara."

Portanto, é por todas essas razões que devemos seguir o amigo virtuoso.

II As quatro categorias de amigos virtuosos

O amigo virtuoso será:

- 1) Um ser comum,
- 2) Um bodhisattva que tenha atingido uma grande terra,
- 3) Um Buda em corpo de emanção
- 4) Um Buda em corpo de perfeita felicidade.

Estas diferentes categorias estão relacionadas a nossa situação pessoal. Assim, quando somos iniciantes, somos incapazes de seguir um Buda ou um Bodhisattva das terras sublimes. Tomamos, então, como amigo virtuoso um ser comum.

Quando tivermos eliminado a maior parte dos véus karmicos, estaremos em condições de ter como amigo virtuoso um Bodhisattva das terras sublimes.

A partir da "grande via da acumulação", podemos ter como amigo virtuoso um Buda em corpo de emanção, e uma vez que tenhamos atingido uma das terras sublimes, podemos ter como amigo virtuoso um Buda em corpo de perfeita felicidade.

Destes quatro tipos de amigos virtuosos, qual é aquele que, no início, tem mais bondade por nós? Enquanto permanecermos prisioneiros do obscuro calabouço das emoções negativas, não podemos ter como amigo virtuoso seres sublimes; não podemos tampouco encontrá-los. Inicialmente, encontramos um ser comum que ilumina a via, graças à chama de sua palavra, depois encontramos seres sublimes. O amigo virtuoso cuja benevolência é inicialmente maior é, portanto, o ser comum.

III Características de cada um

1) **Um Buda** é um ser livre em grau supremo porque está liberado dos véus, e sua sabedoria é perfeita porque possui a dupla onisciência.

2) **Os Bodhisattvas** que atingiram os altos níveis, do primeiro ao décimo bhumi, tem vários tipos de sabedoria e purificação. A partir da oitava terra, os Bodhisattvas possuem dez poderes que lhes permitem cuidar dos outros: o poder sobre a duração da vida, permitindo que permaneçam vivos quanto tempo desejarem; o poder sobre a mente, de entrar no estado de absorção de sua escolha; o poder sobre os objetos, fazendo chover sobre os seres incontáveis objetos de valor; o poder sobre o karma, transformando as circunstâncias nas quais um karma particular deveria ser vivido – o mundo, o nível do mundo, o tipo de existência, o lugar de nascimento, etc; o poder sobre o nascimento, de renascer no mundo do Desejo sem nunca perder a sua concentração e, uma vez nascidos, de não serem contaminados pelas falhas deste mundo; o poder da intenção, de transformar, por exemplo, a terra em água conforme sua vontade; o poder do desejo, de fazer que todos os desejos que tenham sejam em intenção ao bem do outro e que eles se realizem; o poder sobre os prodígios, de realizar inúmeros milagres com objetivo de inspirar os seres; o poder da sabedoria, de conhecer perfeitamente as coisas, seu sentido, seus nomes, com completa segurança de poder explicá-las; o poder sobre o Dharma, de expor, através de palavras, frases e estrofes, em todas as línguas, os ensinamentos dos sutras e outros textos, dizendo com justeza aquilo que convém, e de tal maneira que um único e mesmo discurso seja compreendido na língua de cada um, satisfazendo inteiramente a todos conforme a disposição de suas mentes.

3) **O amigo virtuoso comum** é caracterizado por

- a) oito,
- b) quatro ou
- c) duas qualidades.

a) No que se refere ao primeiro caso, citemos as *Terras dos bodhisattvas*:

"Se ele possui oito qualidades particulares, o Bodhisattva é um amigo virtuoso realizado. Quais são essas oito qualidades? Ele segue a disciplina dos Bodhisattvas, estudou muito os textos da via dos Bodhisattvas, e compreendeu o seu sentido, é cheio de amor, ignora o medo, é paciente, não se cansa nunca e pode, com a ajuda de palavras, transmitir o sentido."

b) O segundo dos casos é descrito da seguinte maneira no *Ornamento dos sutras*:

"Imensamente erudito, ele esclarece as dúvidas,
Suas palavras merecem ser guardadas, pois mostra as duas realidades:
Tal é o perfeito guia Bodhisattva".

Seus ensinamentos são muito extensos, pois ele estudou muito. Ele esclarece todas as dúvidas, pois seu conhecimento é grande. Suas palavras merecem ser guardadas, pois ele realiza a tarefa dos seres sublimes. Enfim, ele mostra, por um lado, as características daquele que é inteiramente submetido às emoções negativas e, por outro lado, a natureza do que é purificado.

c) Quanto ao amigo virtuoso comum dotado de duas qualidades, *A Marcha em direção ao Despertar* diz:

"O amigo virtuoso, sempre,
É qualificado no Grande Veículo
E nunca abandona, mesmo correndo risco de vida,
A suprema disciplina dos Bodhisattvas".

Portanto, ele é qualificado no sentido do Grande Veículo e mantém os votos dos Bodhisattvas.

IV Como seguir um amigo virtuoso

Uma vez que se tenha encontrado um amigo virtuoso, há três maneiras de segui-lo: honrando-o e servindo-o; cultivando a fé e o respeito com relação a ele, e praticando assiduamente o que ele ensina.

1) O servir e o honrar.

Honramo-lo, prosternando-nos diante dele, erguendo-nos ao vê-lo, e curvando-nos quando passar, ficando à sua direita, falando-lhe com respeito e no momento oportuno, contemplando-o, sempre, sem cansaço, etc. O exemplo a seguir é aquele do jovem mercador Sudhana com seus amigos virtuosos.

De fato, o *Sutra em forma de árvore* declara:

"Nunca deixe de contemplar os amigos virtuosos, pois é difícil vê-los, difícil é que apareçam, e difícil é encontrá-los."

Servimos o amigo virtuoso, oferecendo-lhe alimento, roupas, abrigo, uma cama, remédios, se estiver doente, riquezas e tudo o que tenha sido obtido de acordo com o Dharma, sem preocupar-se com o seu próprio corpo nem com sua vida. O exemplo a ser seguido, neste caso, é o do sublime Sempre em Lágrimas.

Na *Vida de Shrisambhava* é dito:

"Alcançamos o Despertar dos Budas, servindo nosso amigo virtuoso."

2) Cultivar a fé e o respeito.

Consideremos nosso amigo virtuoso como o próprio Buda, não desobedecendo nenhuma de suas instruções e sejamos cheios de devoção, respeito e fé por ele, a exemplo do grande pândita Naropa com seu amigo Tilopa.

Lemos na *Mãe dos vencedores*:

"Com assiduidade, respeite teu amigo virtuoso; cheio de uma confiança alegre, venere-o!"

Quando nosso amigo virtuoso age como mestre dos meios hábeis, não tenhamos pensamentos negativos, redobremos, ao contrário, nosso respeito por ele, de acordo com o exemplo que encontramos na história do rei Anala.

3) Praticar assiduamente o que ele ensina.

Escutemos seus ensinamentos, pensemos neles e meditemos: é a melhor maneira de alegrá-lo.

O *Ornamento dos sutras* diz claramente:

"Segui-lo, quer dizer praticar o que ele ensina:
É assim que o alegamos verdadeiramente."

Quem alegra seu amigo virtuoso atingirá a budeidade, como está escrito na *Vida de Shrisambhava*:

"Quem alegra seu amigo virtuoso atingirá o Despertar de todos os Budas."

Como solicitar seus ensinamentos? Respeitando três etapas: prévia, principal e final. A etapa prévia consiste em se preparar, cultivando a atitude da mente de Despertar; a etapa principal consiste em considerar a si mesmo como um doente, o Dharma como um remédio, o amigo virtuoso como um médico e a prática assídua como o tratamento; a etapa final consiste em evitar as "três falhas do receptáculo"; a falha do receptáculo virado, a falha do receptáculo furado e a falha do receptáculo que contém veneno.

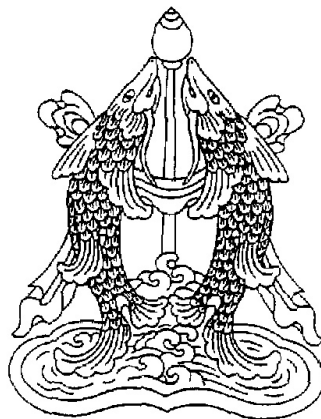
V Os benefícios que recebemos seguindo um amigo virtuoso.

Eles são descritos também na *Vida de Shrisambhava*:

"Nobre discípulo, o Bodhisattva que é guiado pelo amigo virtuoso não pode cair nos mundos inferiores. O Bodhisattva perfeitamente protegido por um amigo virtuoso não cai nas mãos de amigos nefastos. O Bodhisattva perfeitamente alimentado por um amigo virtuoso não abandona os ensinamentos do Grande Veículo. O Bodhisattva cujo amigo de bem cuida com autenticidade ultrapassará para sempre o estado dos seres comuns."

E na *Mãe dos Vencedores*:

"O grande Bodhisattva que é guiado pelo amigo virtuoso atingirá prontamente a budeidade no perfeito Despertar insuperável."



Patrul Rinpoche
“As Palavras de meu Perfeito Mestre”

O Mestre Espiritual

I O exame do Mestre

_Qualidades necessárias ao Mestre

_Os Mestres que devemos rejeitar

- 1) Aqueles que são como a pedra de moinho em madeira
- 2) Aqueles que se assemelham à rã de poço
- 3) Os guias insensatos
- 4) Os guias cegos

_Os perigos de se seguir um mau Mestre

_Considerar o verdadeiro Mestre como o Buda

II A maneira de seguir o Mestre

_Comparações

As três maneiras de agradar o Mestre

_Exemplo de Naropa

_Comportamentos na presença do Mestre

III Aprender com o Mestre

1) O exame do Mestre

_O Mestre ao qual somos ligados por nossas vidas passadas e o karma

2) Seguir o Mestre

3 Aprender com o Mestre

- a) História do ‘Sempre em Lágrimas’
- b) Tilopa e Naropa
- c) Marpa e Milarepa

_Conclusões

Patrul Rinpoche
“As Palavras de meu Perfeito Mestre”

A maneira de seguir um mestre espiritual

Nenhum sutra fala de um ser que tenha atingido o estado de Buda, sem ter tido a orientação de um mestre espiritual. Pode-se constatar igualmente, por si próprio, que ninguém jamais fez nascer em si as qualidades adequadas aos níveis e as vias corretas, à sua maneira e esforços próprios. No que se refere a se engajar no caminho da liberação e da onisciência, todo o ser, inclusive nós mesmos, mostram um talento particular em descobrir falsos caminhos, como cegos perdidos, sem amigos, no meio de uma estepe deserta. Ninguém jamais trouxe jóias de uma ilha de tesouro sem ter recorrido a um navegador. Na verdade é necessário recorrer a um amigo espiritual, o verdadeiro guia que conduz ao despertar e à onisciência.

Isto é feito em três tempos: inicialmente examina-se o Mestre, depois se segue seu passo e finalmente faz-se o aprendizado de seus atos e realizações.

I O exame do Mestre

Os seres ordinários, na maior parte do tempo, são facilmente influenciados por seus amigos e por todas as situações que se apresentam. É por isso que devemos, em todas as circunstâncias, seguir um Mestre.

Suponhamos um tronco de árvore comum caído no coração de uma floresta de sândalo do Malaya. Ao fim de muitos anos, ele acabará por absorver o agradável odor do sândalo; por mais ordinário que ele seja, ele passará a exalar o perfume. Analogamente, ficando próximo a um ser sublime, rico em qualidades, recenderemos o perfume de suas virtudes e todo nosso comportamento será idêntico ao dele.

"Como na floresta, sobre o monte Malaya,
Um tronco de árvore comum tombado impregnar-se-á
Do odor do sândalo das folhas e dos galhos,
Assim, você se torna idêntico ao Mestre que você segue"

Nestes tempos degenerados, é difícil encontrar um mestre que possua todas as qualidades descritas nos preciosos tantras. É indispensável, todavia, que o Mestre que vamos seguir possua as seguintes qualidades:

Qualidades necessárias ao mestre

Sua mente é pura por não haver transgredido nenhum dos preceitos relativos às três categorias de votos - exteriormente, votos individuais de despertar; interiormente, os votos de bodhisattva e, secretamente, os votos tântricos. Ele estudou muito e não ignora nada dos sutras, tantras e shâstras. A compaixão o impregna a ponto de amar cada um dos inumeráveis seres como seu único filho. Ele é versado exteriormente nas práticas do Tripitaka e, interiormente, naquelas das Quatro Secções Tântricas. Ele atualizou em seu ser as extraordinárias qualidades liberadoras e de realização, apoiando-se na internalização vivenciada da essência dos ensinamentos. Ele é generoso, sua linguagem é agradável, ensina a cada um segundo suas necessidades e age de acordo com o que ensina: assim ele possui os quatro atrativos e pode juntar em torno de si discípulos afortunados:

"Ainda que seja difícil, nestes tempos decadentes,
Encontrar um Mestre que possua completamente
Todas as qualidades de acordo com o Dharma,
Confie naquele que, sobre a base pura
dos três votos, dos quais ele segue todos os preceitos,
estudou muito e sua mente está plena de grande compaixão.
Versado em todos os ritos do Tripitaka e dos Mantras Tântricos,
Que ele possua o fruto puro da sabedoria
De realização e de liberação,
Atraídos pelas flores brilhantes de suas quatro qualidades,
Discípulos afortunados vão se juntar como as abelhas em torno dele,
E o seguirão"

Quanto ao Mestre particular que ensina a profunda essência das instruções do Veículo Adamantino dos Mantras Secretos, os preciosos tantras o descrevem assim:

Sua mente atinge completo amadurecimento pelo rio de poderes de desenvolvimento de uma transmissão ininterrupta da linhagem. Ele não transgrediu nenhum dos pontos de samaya e os votos tomados no momento da iniciação. Sua mente, que é ocupada por poucas emoções negativas e pensamentos, é calma e disciplinada. Ele assimilou o senso integral dos tantras, da via e do resultado dos Mantras Secretos Vajrayana. Ele alcançou todos os sinais de sucesso, nas fases de acesso e realização da prática, tal como a visão dos yidams.

Tendo experimentado por si mesmo a natureza da realidade, ele despertou. Com o coração cheio de compaixão, ele se interessa unicamente pelo bem dos outros. Desapegado dos desejos da vida mundana, ele tem pouca atividade ordinária. Concentrado nas vidas futuras, ele pensa no Dharma com assiduidade. Vendo o sofrimento no samsara, ele experimenta uma grande tristeza e encoraja o mesmo sentimento nos outros. Habilitado a guiar seus discípulos, ele utiliza para cada um os métodos que forem convenientes. Enfim, ele tem as bênçãos da linhagem para realizar as instruções de seu Mestre.

"O Mestre que dá as instruções especiais
Guarda o samaya das suas iniciações.
Calmo, ele interiorizou o sentido,
De cada um dos tantras: base, caminho e fruto.
Ele tem os sinais de acesso e de realização.
Sua realização o faz um ser livre,
Tesouro de compaixão, consagrado aos outros.
Ele não é atarefado. Pensa somente no Dharma.
Cansado deste mundo, ele incentiva os outros a se sentirem assim.
Mestre em todos os meios, abençoado pela linhagem,
Os siddhas vêm rápido àquele que segue um tal Mestre."

Os mestres que devemos rejeitar

De outro lado, há outros tipos de Mestres que devemos evitar:

1) Os Mestres que se assemelham a uma pedra de moinho feita em madeira:

Eles não possuem as mínimas qualidades trazidas pelo estudo, reflexão e meditação, porém acreditam que eles e sua descendência são superiores às dos demais e defendem a sua casta como os brâmanes. Ou seja, eles pouco estudaram, refletiram ou meditaram. E sua intenção não é perfeitamente pura para trabalhar em prol de suas vidas futuras, mas o fazem por motivos mundanos. Esses Mestres, preocupados unicamente com esta vida, são comparados a uma pedra de moinho, feita de madeira, pois eles são incapazes de domar a natureza de seus discípulos.

2) Os Mestres que se assemelham a rãs de poços:

Ainda que eles sejam desprovidos de qualquer qualidade que os distingam dos seres ordinários, as pessoas com uma fé estúpida os elevam, sem exame, a um pedestal. Eles não têm as qualidades de um ser sublime e assemelham-se a uma rã que vive dentro de um poço.

Um dia a rã recebe a visita de uma outra que vivia na beira de um grande oceano.

"- De onde você vem? - pergunta a rã do poço".

- Do grande oceano - responde.

- Qual o tamanho de teu oceano?

- Ele é muito grande.

- Você quer dizer, como um quarto de meu poço?

- Mais que isto!

- A metade, portanto.

- Não, é ainda maior!

- Então...é como o poço?

- Oh! Mais que isto.

- Não é possível! É preciso que eu veja.

As duas rãs partiram juntas. Conta-se que, à vista do oceano, a rã de poço desmaiou, sua cabeça estourou.

3) Os guias insensatos:

Seus conhecimentos são mínimos, pois eles não permaneceram perto de Mestres eruditos e não fizeram esforços para estudar os sutras e os tantras. Suas fortes emoções negativas, junto com as fracas memória e vigilância, o fazem relaxar em seus votos e samayas. Ainda que eles sejam por natureza mais vis que os seres ordinários, eles entregam-se à imitação da grandiosidade da conduta dos siddhas. Coléricos e ciumentos, eles rompem a corrente de amor e compaixão. Destes amigos de bem, dizemos que são guias insensatos que levam aos maus caminhos.

4) Os guias cegos:

Chamamos assim aqueles que em particular não têm nenhuma qualidade a mais que as nossas e nos quais o amor e a compaixão da mente do despertar são deficientes. Eles não sabem nos abrir os olhos sobre o que se deve e o que não se deve fazer.

"Como brâmanes, eles defendem a sua casta,
Em sua posição, temendo o declínio.
Tomam os estudos com objetivo incorreto.
Um tal guia assemelha-se a uma pedra de moinho feita em madeira.

O menor ser vulgar é em tudo seu semelhante.
Mas uma fé idiota, o faz um ídolo.
Os ganhos e as honras lhe inflam o orgulho.
Este amigo assemelha-se a uma rã de poço.

Pouco instruído, ele negligencia os votos e samayas.
Vulgar é a sua mente, mas grandiosos são os atos.
Ele rompeu o elo de amor e piedade.
Com um guia louco, nossos maus atos proliferam,
Sobretudo, se sem qualidades que ultrapassem às nossas.
E sem a mente do despertar, este Mestre de renome
Este capitão cego, erra quem o segue.
Com um falso amigo, vagueamos na noite."

O perigo de seguir maus mestres

O Grande Oddiyana nos previne:

"Não sondar o Mestre
É beber veneno.
Não sondar o discípulo
É saltar no precipício."

O Mestre é aquele no qual depositamos nossa confiança para todas as próximas vidas, aquele que nos ensina o que deve e o que não deve ser feito. Se nós encontramos um falso Amigo de Bem e lhe temos confiança, sem o ter observado, nós desperdiçaremos os méritos adquiridos durante toda uma vida, bem como a chance de ter obtido uma existência humana livre e afortunada. Isto equivale a tomar uma serpente venosa, enrolada junto a uma árvore, como uma sombra desta árvore. Quem se aproximar, morrerá.

"Assim, o devoto esgota seus méritos
Não examinando seu Mestre com grande cuidado.
Enganando-se, tomando uma serpente por uma sombra,
Ele desperdiça seus breves instantes de liberdade."

Considerar o verdadeiro mestre como Buda

Quando, após um exame minucioso do Mestre, constatamos, sem erro possível, que ele tem todas as qualidades precedentemente explicadas, é para nós como o Buda em pessoa, que devemos sempre considerar. Esse Mestre em que todas as qualidades estão reunidas é a encarnação da Sabedoria Compassiva de todos os Budas das dez direções. Ele reveste-se de uma aparência humana para o bem dos seres.

"O Mestre, possuindo todas as qualidades,
É a Sabedoria compassiva de todos os Budas
Que tomou a forma humana a fim de ajudar todos os seres.
A incomum fonte de todos os siddhas."

Então, esse verdadeiro Mestre pode habilmente guiar as pessoas ordinárias que necessitem de sua ajuda e convive cotidianamente com elas, mas, em realidade, sua mente de sabedoria é aquela do Buda e, portanto, totalmente diferente da mente dos demais. Cada um dos seus atos é de uma mente realizada, que age unicamente de acordo com a natureza daqueles que ele deve ajudar; também é eminentemente sublime entre todos. Hábil em cortar as hesitações e as dúvidas, ele suporta pacientemente todas as ingratidões e desencorajamentos de seus discípulos, como faria a mãe de um único filho.

"A primeira vista, aparentemente, ele é como todos.
Mas, em realidade, ele é muito diferente.
Sua realização o faz o mais nobre de todos.
Hábil em cortar suas dúvidas, ele suporta com paciência.
Todos os seus desencorajamentos e toda a ingratidão."

O Mestre que possui todas essas qualidades é com um grande navio que nos permite atravessar o oceano do samsara. Ele é como um guia que nos mostra sem falhar o caminho da liberação e da onisciência.

É como uma chuva de néctar apagando o braseiro do karma e das emoções negativas. É como o sol e a lua, pois ele dissipa as trevas da ignorância e difunde as luzes do Dharma.

Ele é como a terra, pois ele suporta pacientemente a ingratidão e o desencorajamento, e sua visão e ações são muito vastas.

Fonte de qualidades que são úteis nesta vida e trazem felicidade para a próxima, ele é como a Árvore-das-aspirações. Semelhante a um perfeito vaso, ele é o tesouro da inconcebível variedade dos veículos e doutrinas que cada um pode precisar. Fonte das Quatro Atividades em sua multiplicidade, ele as manifesta para cada um, segundo suas necessidades.

Ele assemelha-se à Jóia das Aspirações. Semelhante a um pai ou uma mãe, ele ama de igual maneira cada um de seus inumeráveis seres, sem apego por seus próximos, nem ódio por seus inimigos. Semelhante a um grande rio, sua imensa compaixão corre para o conjunto dos seres, cujo número é infinito como o espaço; é apressado em socorrer aqueles que sofrem e não têm protetores.

Sua alegria é estável como o Monte Supremo: não pode ser alterada pelo ciúme nem sacudida pelos ventos da crença na realidade das aparências. Sua imparcialidade, que nem o apego, nem o ódio podem perturbar, é como uma nuvem que derrama sua chuva sem discriminação.

"Navio que conduz para além deste mundo,
Guia infalível sobre a via suprema,
Chuva de néctar que extingue o braseiro das emoções e do karma,
Lua e sol findando a noite da ignorância,
Imensamente paciente, ele assemelha-se à terra.
Árvore das aspirações que oferece bênçãos e felicidade,
O perfeito vaso que contém o tesouro do Dharma,
Melhor que a Jóia Mágica, ele pode tudo proporcionar.
É um pai, uma mãe, ama cada um da mesma maneira.
Compaixão vasta e viva, diríamos um grande rio.
Inabalável alegria, eis aqui o Rei dos Montes.
Firme imparcialidade, ele é como a nuvem."

Um tal Mestre é igual a todos os Budas por sua compaixão e seu poder de bênçãos. Quem se liga a ele de tal maneira será Buda no espaço de uma só vida. Mesmo aqueles que criam uma má conexão, verão o fim do samsara.

"Um tal Mestre é igual a todos os Budas.
Mesmo quem o fere é colocado no caminho da felicidade.
O homem, confiando nele com fé sincera,
Receberá como chuva as virtudes elevadas e aquelas do verdadeiro bem."

II A maneira de seguir o mestre

"Filho de família nobre, você deve pensar em si próprio como doente."

Assim começa a série de comparações do *Sutra em Forma de Árvore*.

As pessoas doentes se colocam sob os cuidados de um médico competente. Aqueles que viajam em caminhos perigosos têm uma escolta de bravos. Aqueles que desejam proteger-se dos inimigos, malfeitores e bestas ferozes procuram ajuda de companheiros. Os mercadores que partem para uma ilha garantem sua segurança junto ao capitão do navio. Aqueles que tomam um barco para atravessar o rio confiam no barqueiro. Da mesma forma, para nos proteger da morte, do nascimento e das emoções negativas, devemos seguir um Mestre, um amigo de bem.

"Confiamos no Mestre por medo dos inimigos
Que são os nascimentos, a morte e as emoções negativas.
Da mesma forma, o médico se reporta à doença,
O viajante, a uma escolta,
Aos reforços, o homem amedrontado,
Os comerciantes, ao capitão,
E ao barqueiro, os passageiros."

Suponhamos um discípulo de grande coragem, decidido a nunca desagradar a seu Mestre, ainda que ao custo de sua própria vida, possua uma inteligência bastante sólida, que sirva a seu Mestre sem levar em conta seu corpo ou sua vida, obedecendo a todas suas ordens sem se preocupar com ele mesmo; essa pessoa será liberada unicamente pela devoção que ela tem por seu Mestre.

"Aquele que, bem armado com uma inteligência estável,
Serve a seu Mestre em detrimento de sua própria existência
E, sem se preocupar com ele mesmo, o obedece em tudo,
Será iluminado apenas por sua devoção."

Devemos seguir nosso Mestre com uma fé tão profunda que vejamos nele o próprio Buda, com discernimento e conhecimentos suficientes para que reconheçamos o pensamento que motiva seus atos hábeis. Sejamos capazes de reter tudo o que ele nos ensina. Devemos experimentar uma grande compaixão, plena de amor por todos aqueles que sofrem e não têm protetor. Devemos respeitar os votos e os samayas recebidos de nosso Mestre, acalmar e disciplinar o corpo, a palavra e a mente para aceitar tudo que fazem nosso Mestre e nossos irmãos espirituais. Nossa generosidade deve chegar a ponto de doar ao Mestre tudo que possuímos. Nossa percepção de todas as coisas deve sempre ser pura/isenta, e não crítica e contaminada. (visão deverá ser tão pura que pensamos raramente em encontrar defeitos nele). Enfim, devemos evitar desagradá-lo; agir mal nos causará vergonha, embaraço.

"Fé, inteligência, grandes conhecimentos e compaixão,
Respeito aos votos e aos samayas,
Corpo, palavra e mente disciplinados,
Espírito largo e generosidade, visão pura
e sentimento justo de vergonha."

O *Sutra em Forma de Árvore* e outros textos recomendam igualmente agir sempre e em todas as circunstâncias em conformidade com os desejos do Mestre; a ser hábil de forma a nunca fazer nada que o desagrade; como um cavalo perfeito, não experimentar nunca a cólera ou o rancor para com ele; mesmo depois de uma reprimenda severa, como o navio, não deixar de ir nunca aonde é necessário para levar suas mensagens ou prestar serviços a outros; como a ponte, suportar todas as tarefas, boas ou más, que nos confia; como a bigorna, suportar o calor, o frio e todas as dificuldades; como servidor, obedecer a cada uma de suas ordens; como o varredor, não ser orgulhoso, mas permanecer humilde; como o touro de chifres cortados, renunciar à arrogância em respeito a todos.

"Ser hábil para nunca desagradar o Mestre,
Como o bom cavalo, aceitar suas advertências;
Ir, sem cansar, aonde ele desejar, tal como o barco
Agradável ou não, suportar tudo como uma ponte;
Ser como a bigorna, aceitando calor e frio,
Obedecer às suas ordens como um servidor;
Como um varredor, não ter orgulho algum;
E, touro descornado, sem a menor arrogância;
Assim segue-se o Mestre, explicam os sutras".

As três maneiras de agradar o Mestre

Há três maneiras de agradar ao Mestre ao servi-lo. A melhor, chamada oferenda da prática, consiste em aplicar com coragem, desprezando as dificuldades, tudo o que ele ensina. A do meio, consiste em colocar a seu serviço corpo, palavra e mente. A última, consiste em lhe oferecer coisas materiais: objetos, alimentos, riquezas, etc.

"A quarta Jóia, para bem honrar,
Servir e respeitar, uma vez que todas as suas ações
De palavra e de corpo não se perderão jamais...
Dos três serviços, a prática é a melhor."

Entre todas as ações do nosso Mestre, por mais estranhas que sejam, reconhecemos os meios hábeis.

Quando o grande pândita Naropa estava no cume da erudição e das realizações, seu yidam anunciou-lhe que o Mestre que ele tivera em suas vidas sucessivas era um ser sublime chamado Tilopa e que ele deveria partir para o leste (Índia Oriental) para o reencontrar.

Naropa deslocou-se imediatamente, mas ao chegar ao oriente não tinha idéia de como achar Tilopa. Perguntou por ele à gente da terra, mas ninguém o conhecia.

"Não há, nestas partes, ninguém chamado Tilopa?", insistiu ele.

"Existe um Tilopa, o Sem-casta, ou o Mendigo." Naropa pensou: "As ações dos siddhas são incompreensíveis. Deve ser ele que está aqui". Então, perguntou onde vivia Tilopa, o Mendigo.

"Junto àquele muro em ruínas lá embaixo, de onde vem a fumaça", responderam.

Quando chegou ao local indicado, achou Tilopa sentado em frente a uma tina de madeira, na qual havia ainda alguns peixes vivos e outros mortos. Tilopa pegou um peixe, assou-o na fogueira, colocou-o na boca e estalou seus dedos. Naropa prosternou-se diante dele e pediu a Tilopa que o aceitasse como discípulo.

"Sobre o que você está falando? Falou Tilopa. "Sou apenas um mendigo!". Porém, Naropa insistiu e assim Tilopa o aceitou.

Naquele momento, Tilopa não estava matando aqueles peixes porque tinha fome e não poderia encontrar outra coisa para comer. Os peixes são completamente ignorantes sobre o que fazer e o que não fazer, criaturas com muitas ações negativas. Tilopa tinha o poder de liberá-los. Ao comer a carne dos peixes, fazia um elo com o estado de consciência deles, o qual poderia então transferir para o puro campo de Buda.

A maioria dos grandes siddhas indianos, tal como Saraha, um comerciante de flechas, ou Savaripa, um caçador, adotaram uma aparência extremamente ordinária, comum aos sem-casta. Por isso, é importante não interpretar equivocadamente qualquer das ações de seu Mestre e treinar-se para vê-lo sempre de forma pura.

"Não interprete de forma equivocada a maneira como ele age.

A maioria dos siddhas da Índia viveu

Como malfeitores comuns, do gênero sem-casta,

Mais degenerados do que o mais inferior dos inferiores."

As pessoas que ignoram esse ponto continuamente se equivocam e criticam o que seu Mestre faz. Teriam, assim é dito, achado errado até mesmo o Buda se tivessem de viver com ele durante um longo tempo.

O monge Sunaksatra foi o meio-irmão de Buda. Serviu-o por vinte e quatro anos e sabia de cor todas as doze categorias de ensinamentos dos *pitakas*. Entretanto, viu tudo o que o Buda fez como algo decepcionante e, eventualmente, chegou à errônea conclusão de que, à parte a aura de quase dois metros de largura, não havia diferença entre o Buda e ele.

"À parte aquela luz que circundava seu corpo por quase dois metros de largura,

Nunca havia eu visto, em vinte e quatro anos como seu servo,

Nem sequer o valor de uma semente de sésamo nas suas qualidades especiais.

Sobre o Dharma, eu sei tanto quanto vós – e nunca mais serei seu servo!"

Assim dito, deixou-o. Após isso, Ananda tornou-se seu discípulo pessoal. Ele perguntou ao Buda onde Sunaksatra iria renascer.

"No tempo de uma semana" - o Buda respondeu, "a vida de Sunaksatra chegará ao fim e ele renascerá como *preta* num jardim florido".

Ananda foi ver Sunaksatra e contou-lhe o que Buda havia dito. Sunaksatra pensou consigo: "Algumas vezes, suas mentiras tornam-se verdade, e, portanto, por sete dias serei cauteloso. No final da semana, eu o farei engolir suas palavras." Ele passou a semana em jejum. Na véspera do sétimo dia, sua garganta ficou muito seca, e bebeu um pouco d'água. Porém, não pode digerir a água adequadamente e morreu. Ele renasceu num jardim florido como um *preta* com todas as nove marcas da feiúra.

Sempre que se vê falhas em alguma coisa que o seu sublime Mestre faz, deve sentir-se profundamente embaraçado e envergonhado de si mesmo. Ao refletir que a sua própria visão mental é que é impura, e que todas suas ações são absolutamente falhas e defeituosas, fortaleça sua pura percepção sobre seu Mestre e aumente a fé.

"Sem ter dominado suas próprias emoções,
Olhar os erros nos outros é um imenso erro.
Embora ele soubesse de cor os doze tipos de ensinamentos,
O monge Sunaksatra consumiu do poder do mal,
Viu as ações do Buda como decepcionantes.
Pense sobre isso cuidadosamente e corrija-se."

Quando o Mestre parece estar furioso consigo, não se zangue. Ao contrário, lembre-se que ele deve ter visto alguma falha sua e viu que este é o momento para corrigi-lo como uma queimadura na pele. Quando sua raiva for abatida, vá a ele, confesse suas falhas e faça um voto de não repeti-la.

"Se seu Mestre parece zangado, conclua que ele viu uma falha sua.
Acolha-a para correção juntamente com as reprimendas.
Confesse e faça voto de nunca repeti-la.
Assim, Mara não terá poder sobre os sensatos".

Na presença de seu Mestre, levante-se logo que ele assim o fizer, ao invés de permanecer sentado. Quando ele se sentar, pergunte depois sobre seu bem-estar. Quando pensar que deve haver alguma coisa que ele possa precisar, nesse exato momento leve-lhe algo que possa agradá-lo.

Ao andar com ele como seu discípulo, evite caminhar à frente dele, pois isso seria dar as costas para seu Mestre. Porém, não caminhe atrás dele, porque estaria pisando sobre seus passos. Nem ande à direita, já que estaria assumindo o lugar de honra. Ao contrário, mantenha-se respeitosamente à sua esquerda, mas ligeiramente atrás. Caso o caminho seja arriscado, não seria errado pedir-lhe permissão para ir à sua frente.

Como no caso do assento do Mestre e sua conveniência, nunca pise em sua almofada e não monte em seu cavalo. Não abra as portas de forma violenta, nem as bata ao fechar. Use-as de forma gentil. Abstenha-se de todas as expressões de vaidade ou descontentamento na sua presença. Evite também mentiras, palavras falsas e desnecessárias, rir e brincar, fazer-se de bobo, ou ter conversas irrelevantes e desnecessárias. Aprenda a comportar-se de maneira controlada, tratando-o com respeito e admiração e nunca o desvie para o descaso.

"Não fique sentado quando o Mestre está de pé.
Assim que ele sentar-se, leve-lhe de forma solícita todas as suas necessidades.
Nunca caminhe à sua frente, nem atrás, nem à sua direita.
Desrespeitar seu trono ou assento afetará seu mérito.
Não bata portas; nem se comporte desrespeitosamente ou em atitude desagradável;
Evite mentiras, risos, conversas tidas por malévolas ou irrelevantes.
Sirva-o com compostura do corpo, da palavra e da mente."

Se existir gente que critica ou odeia o seu Mestre, não os trate como amigos. Se for capaz de mudar a atitude de alguém que não tenha fé nele ou que o deprecia, então o faça. Entretanto, se for impossível, evite ser muito aberto ou familiarizar-se com tal gente.

"Não trate como amigos aqueles que criticam
Ou odeiam seu Mestre. Mude suas mentes se puder.
Se falar francamente com eles, a poderosa influência
Das ações erradas deles prejudicará a sua própria samaya."

Todavia, há muito tempo para gastar com o grupo de seu Mestre ou com seus irmãos e irmãs vajra; esteja cômodo com ele, como um cinto confortável. Engula sua própria importância e junte-se no que for necessário fazer, misturando-se facilmente como o sal na comida. Quando as pessoas falarem de forma rude consigo ou provocarem uma discussão, ou quando as responsabilidades a serem assumidas por si forem muito grandes, esteja pronto para suportar, como um pilar.

“Como um cinto, seja uma companhia confortável;
Como o sal, misture-se facilmente;
Como um pilar, suporte incansavelmente seu peso;
Sirva assim seus irmãos vajra e os servos de seu Mestre.”

III Seguindo o exemplo da realização e ações do Mestre

Quando estiver perfeitamente familiarizado com a maneira de seguir seu mestre, você será como um cisne deslizando suavemente sobre um lago imaculado, desfrutando de suas águas sem torná-las turvas; ou como uma abelha num jardim de flores, retirando néctar das flores e saindo sem deteriorar suas cores ou fragrância. Obedece totalmente ao seu mestre, sem nunca se sentir entediado ou cansado, seja receptivo e por meio de sua fé e constância tenha certeza de que você absorveu todas as suas qualidades de conhecimento, reflexão e meditação, como o conteúdo de um perfeito recipiente sendo derramado dentro de outro.

“Como um cisne nadando sobre um lago perfeito,
Ou uma abelha provando o néctar das flores,
Sem nunca reclamar, mas sempre receptivo a ele,
Sempre sirva a seu mestre com uma conduta exemplar.
Por meio dessa devoção, você experimentará todas as suas qualidades.”

Enquanto seu mestre sublime acumular grandes ondas de mérito e sabedoria por meio de seus atos de Bodhisattva, e nós juntarmos nossa própria participação com o mesmo objetivo, a mínima oferenda material ou esforço do corpo, ou da palavra, ou somente sua oferta de alegria, pelas mínimas coisas que ele faz, trará a você tantos méritos quantos os que nascem da intenção superior do mestre.

Certa vez, conta-se que havia dois homens viajando para o Tibet central. O único alimento que um deles trazia era um punhado de tsampa de feijão grelhado. E ele deu a seu companheiro, misturando-a com abundante quantidade de tsampa de cevada branca do outro. Vários dias depois, o viajante em melhor situação disse ao seu companheiro de viagem, “Nesse meio tempo, provavelmente, tua tsampa deve ter acabado.”

“Vamos verificar” disse o outro. Assim eles fizeram, e ainda restava um pouco de tsampa de feijão. Apesar de eles terem verificado várias vezes, a tsampa de feijão nunca terminava, então no final eles repartiram toda a tsampa igualmente.

É dessa forma, simplesmente por oferecer uma pequena contribuição em favor de uma ação positiva de alguém, ou por participar física ou verbalmente, você pode obter tantos méritos quanto eles obtiverem. Especificamente, servir o mestre em suas necessidades diárias, trazer mensagens para ele, ou apenas varrer seu aposento, são infalíveis meios de acumular méritos.

“Todas as ações compatíveis com a atividade do mestre sagrado
Verdadeiramente comprometido na atividade do despertar
Acumulando por isso, mérito e sabedoria,
Todos os esforços para servi-lo, seja conduzindo suas mensagens ou
mesmo varrendo o seu aposento,
Serão frutíferos – esse é o melhor caminho de acumulação.”

De todas as fontes supremas de refúgios ou oportunidades para acumulação de mérito não há nenhuma superior ao mestre. Especialmente quando ele está dando uma iniciação ou ensinamento, pois a compaixão e as bênçãos de todos os Budas e Bodhisattvas das dez direções são derramadas em sua sagrada pessoa e ele torna-se inseparável de todos os Budas. Nesse momento específico, portanto, oferecer a ele apenas um bocado de comida é mais poderoso que centenas ou milhares de oferendas feitas em momentos ordinários.

Na prática das deidades da fase de geração, há muitas formas diferentes de deidades sobre as quais se pode meditar, mas a natureza de todas elas não é outra senão a do seu mestre raiz. Se você sabe disso, as bênçãos virão rapidamente. Todos os meios pelos quais a sabedoria se desenvolve na fase de perfeição dependem somente do poder da sua devoção a seu mestre e de suas bênçãos, e consiste em dar à luz à sabedoria da realização do mestre dentro de você. A essência do que deve ser compreendido em todas as fases da prática, incluindo as fases de geração e perfeição, é, portanto, corporificada no mestre em si. É por isso que todos os sutras e tantras descrevem-no como sendo o Buda em pessoa.

“Porque ele é o refúgio e o campo de mérito?
A essência do que está a ser realizado,
Na fase de geração e perfeição,
Pelos yogas internos e externos,
É tornar-se como o mestre
É por isso que todos os sutras e tantras dizem
que ele é o próprio Buda.”

Apesar da mente sublime de um mestre ser inseparável daquela de todos os Budas, para nos guiar, seus discípulos, impuros como somos, ele se manifesta na forma de um ser humano ordinário. Então, enquanto nós o temos em pessoa, devemos tentar, ao máximo, fazer tudo o que ele nos diga e unir nossas mentes com a sua por meio dos três tipos de serviços.

Há aqueles que, ao invés de servir, respeitar e obedecer a seus mestres enquanto eles ainda estão vivos, passam a fazê-lo assim que eles morrem, meditando sobre uma imagem que alguém fez deles. Eles procuram ao redor um sentido profundo, sem devoção ao mestre. Sem orar para que as qualidades de liberação e realização sejam transferidas para eles. É isso que denominamos a contradição entre o praticante e a prática.

Encontrar e ser guiado por nosso mestre no estado intermediário não quer dizer que ele venha fisicamente, e somente pode ocorrer por força da conexão já criada por nossa própria ilimitada devoção, pelo poder dos votos e pelo poder da compaixão e do mestre. Então, se você não tem devoção, não obstante a perfeição do mestre, ele não estará lá para te guiar no estado intermediário.

“A maioria dos idiotas que contemplam sua imagem
e meditam sobre ele
Mas não o honram enquanto está presente em pessoa
Afirmam meditar sobre o modo de ser, mas não conhecem a mente do
mestre.
Que aflição quando a prática contradiz o praticante!
Sem devoção, encontrar o mestre no estágio intermediário seria um
espanto!”

Em primeiro lugar, você deve ser hábil para observar o mestre. Isso significa que antes de comprometer-se com ele por meio de iniciação e ensinamentos, você deve examiná-lo com cuidado. Você deve verificar se ele possui todas as características de um mestre e, então, segui-lo. Se algumas estiverem faltando, não o siga. Mas, a partir do momento em que você começa a segui-lo, aprenda a ter fé nele e vê-lo com percepção pura, pensando apenas em suas virtudes e vendo qualquer coisa que ele faça como sendo positiva. Procurar defeitos nele apenas trará doenças inconcebíveis.

1) Examinar o mestre

Examinar o mestre num sentido geral é averiguar se ele possui ou não todas as qualidades descritas nos sutras e tantras. Em particular, é imprescindível que ele tenha a bodhicitta, a mente do despertar. Assim, examinar o mestre poderia ser resumido em somente uma questão: ele possui ou não a Bodhicitta? Se ele possui, ele fará tudo o que for melhor para seus discípulos nesta vida e nas vidas por vir, e aqueles que o seguem só terão benefícios. O Dharma ensinado por esse mestre está vinculado ao Grande Veículo, podendo somente conduzir pela via autêntica. Por outro lado, no mestre em que falta a Bodhicitta ainda há desejos egoístas, e assim não pode transformar adequadamente as atitudes dos seus discípulos. O Dharma que ele ensina, embora possa parecer profundo e maravilhoso, será útil somente para as preocupações comuns desta vida. Assim, esta única questão resume todos os outros pontos a ser averiguados em um mestre. Se o coração do mestre é repleto em Bodhicitta, siga-o, não se importe com sua aparência externa. Se a ele falta Bodhicitta, não o siga, não obstante sua desilusão com o mundo, sua determinação em ser livre, sua prática assídua e sua conduta.

Para pessoas comuns como nós, entretanto, nenhum montante de cuidadoso exame poderia nos revelar as qualidades extraordinárias desses seres sublimes que ocultam sua verdadeira natureza. Entrementes, há charlatões dissimulando santos realizados, hábeis na arte do engano. O maior de todos os mestres é aquele com o qual estamos ligados por vidas anteriores. Para esses, o exame é desnecessário. Simplesmente encontrando-o, simplesmente ouvindo sua voz – ou mesmo o seu nome pode tudo transformar num instante e incitar tal fé, que cada pêlo em nossos corpos erigem e nossas percepções são imediatamente transformadas.

Rongtön Lhaga disse a Jetsun Milarepa, “O lama de suas vidas passadas é o melhor de todos os seres, o rei dos tradutores conhecido como Marpa Lotsawa. Ele vive em um eremitério em Trowolung no Sul. Vá e o procure!”

Apenas ouvir o nome de Marpa foi suficiente para despertar em Milarepa, das profundezas de seu ser, uma fé extraordinária. Ele pensou: “Devo encontrar este mestre e tornar-me seu discípulo, mesmo que isto custe minha vida”. Ele contou que no caminho, logo que o encontrou, Marpa veio ao seu encontro solicitando para arar o

campo. Quando Mila primeiro o viu, não o reconheceu como seu mestre. Entretanto, por um momento todos seus agitados pensamentos ordinários cessaram e ele permaneceu paralisado.

Geralmente, o mestre que encontramos é determinado pela pureza ou impureza de nossas percepções e o poder de nossas ações passadas. Assim, seja qual for o tipo de pessoa que ele possa ser, nunca deixe de considerar como um verdadeiro Buda o mestre o qual, através da sua bondade, recebestes o Dharma e orientação pessoal. Pois sem as condições corretas criadas por nossas ações passadas nunca teremos a boa sorte de encontrar um excelente mestre. Além disso, se suas percepções são impuras, não poderemos mesmo encontrar o Buda em pessoa e ainda assim seremos incapazes de perceber as qualidades que ele possui. O mestre que encontramos pelo poder de nossas ações passadas, e cujos benefícios recebemos, é o mais importante de todos.

2) Seguir o mestre

Na fase intermediária, verdadeiramente seguindo o mestre, obedeça-o em tudo e desconsidere todas as privações, calor, frio, fome, sede, etc. Ore por ele com fé e devoção. Peça seus conselhos para tudo que fizer. O que ele lhe disser, coloque em prática, confiando nele plenamente.

3) Aprender com o Mestre

A fase final, emulação da realização e ações do mestre, consiste em examinar cuidadosamente a maneira como ele se comporta e fazer exatamente como ele faz. Como se costuma dizer, “Toda ação é uma imitação; age melhor aquele que melhor o imita”. Poderia se dizer que a prática do Dharma é imitar os Budas e Bodhisattvas do passado. Como o discípulo está aprendendo a ser como o seu mestre, ele necessitará assimilar verdadeiramente a realização deste e o modo de portar-se. Uma vez que o discípulo aprende a ser como seu mestre, ele deve impregnar-se de seus pensamentos e atos.

Assim como o tsa-tsa reproduz fielmente todos os padrões esculpidos pelo molde, do mesmo modo o discípulo deve se assegurar que ele ou ela adquira qualidades idênticas, ou pelo menos muito próximas das qualidades do mestre.

Qualquer um que, em primeiro lugar, examine seu mestre cuidadosamente, então o siga, e finalmente emule sua realização e ações, sempre estará na via autêntica, venha o que vier.

“No começo, examine o mestre cuidadosamente;

No meio, siga-o atentivamente;

No fim, emule habilmente sua realização e ação.

Um discípulo que assim faz está no caminho autêntico.”

Uma vez tendo encontrado um amigo de bem com todas as qualidades necessárias, siga-o sem qualquer preocupação com a vida – assim como o Bodhisattva Sadaparudita (Sempre Em Lágrimas) seguiu o Bodhisattva Dharmodgata (Dharma Sublime), o grande pândita Naropa seguiu o supremo Tilopa, e Jetsun Milarepa seguiu Marpa de Lhodrak.

a) A história de Sadaprarudita *(Sempre Em Lágrimas)*

Primeiramente, aqui está o relato de como o Bodhisattva Sadaprarudita se tornou discípulo de Dharmodgata. Sadaprarudita estava procurando pelo Prajnaramita, os ensinamentos da sabedoria transcendente.

Um dia, sua procura o levou a uma solitária terra devastada, onde ele ouviu uma voz vinda dos céus dizendo, “Filho afortunado, vá para o leste e ouvirá o Prajnaramita. Vá sem se importar com cansaço, sono ou letargia, calor ou frio, ou se é dia ou noite. Não olhe nem para a direita nem para a esquerda. Em seguida receberá o Prajnaramita contido nos livros de um monge que personifica e ensina o Dharma. Neste momento, filho fortunado, siga e apegue-se àquele que lhe ensina o Prajnaramita, considere-o seu mestre e venere seu Dharma. Mesmo se o ver desfrutando dos prazeres dos sentidos, compreenda que Bodhisattvas são realizados, e nunca perdem sua fé.”

Ao ouvir essas palavras, Sadaprarudita pôs-se a caminho para o leste. Não havia andado muito quando constatou ter esquecido de perguntar que distância deveria percorrer – e não tinha qualquer idéia de como encontrar seu mestre do Prajnaramita. Chorando e lamentando-se, ele se comprometeu a ignorar cansaço, fome, sede e sono, dia ou noite até ter recebido os ensinamentos. Ele estava determinado, como uma mãe que perdeu seu único filho. Ele estava obstinado com uma única questão: quando ouviria o Prajnaramita?

Naquele momento, a imagem de um Tathagata surgiu atrás dele e louvou a sua busca pelo Dharma. “A quinhentas léguas daqui,” o Tathagata complementou, “há uma cidade chamada Cidade das Brisas Perfumadas. Ela é feita de sete preciosas substâncias. É circundada por quinhentos parques e possui todas as perfeitas qualidades. No centro daquela cidade, no cruzamento de quatro caminhos, está a morada do Bodhisattva Dharmodgata. Ela também é feita por sete preciosas substâncias, e tem circunferência de uma légua. Lá, nos jardins e em outros lugares de deleite, vive o Bodhisattva, o grande ser Dharmodgata, com seu séquito. Em companhia de sessenta e oito mil mulheres ele desfruta dos prazeres dos cinco sentidos, sobre os quais possui pleno domínio, com felicidade, fazendo tudo o que gosta. Durante o passado, presente e futuro, ele ensina o Prajnaramita àqueles que lá estão reunidos. Vá até ele, e você poderá dele ouvir os ensinamentos”.

Sadaprarudita não podia, agora, em nada pensar a não ser no que tinha acabado de ouvir. Da posição exata onde ele estava podia ouvir o Bodhisattva Dharmodgata ensinando o Prajnaramita. Ele experimentou numerosos estados de concentração mental. Ele percebeu os diferentes mundos das dez direções do universo, e viu inumeráveis Budas ensinando o Prajnaramita. Eles entoaram cantos de louvores à Dharmodgata antes de desaparecerem. Plenos de alegria e devoção pelo Bodhisattva Dharmodgata, Sadaprarudita refletiu sobre como ele poderia chegar à sua presença.

“Sou pobre,” pensou. “Não tenho nada com que possa honrá-lo, nem roupas ou jóias, nem perfumes ou grinaldas, nem outros objetos para prestar reverência ao amigo espiritual. Assim venderei a carne do meu próprio corpo e, com o dinheiro recebido, honrarei o Bodhisattva Dharmodgata. Através do samsara sem fim, vendi a própria carne inumeráveis vezes; um infinito número de vezes, também, fui cortado em pedaços e destruído nos infernos onde meus próprios desejos me conduziram – mas jamais para receber ensinamento como este ou para honrar tão sublime mestre!”

Ele foi para o meio do mercado e começou a gritar, “Quem quer um homem? Quem quer comprar um homem?”

Mas espíritos do mal, invejosos por Sadaprarudita se submeter a tais provações por interesse no Dharma, tornou todos surdos a suas palavras. Sadaprarudita, não encontrando ninguém com interesse em comprá-lo, foi a um canto e sentou-se em lamento, lágrimas verteram dos seus olhos.

Indra, rei dos deuses, então decidiu testar sua determinação. Tomando a forma de um jovem brâmane, apareceu diante de Sadaprarudita e disse, “Eu não necessito de um homem inteiro. Eu preciso somente de um pouco de gordura humana e tutano para uma oferenda. Se puder me vender eu o pagarei”.

Enlevado, Sadaprarudita tomou uma faca afiada e cortou seu braço direito até jorrar sangue. Então cortou toda a carne de sua coxa direita, e, quando preparava para esmagar os ossos contra uma parede, a filha de um rico mercador o viu do andar superior da sua casa e rapidamente correu em sua direção.

“Nobre, por que está infligindo dor em si mesmo?” Perguntou. Ele explicou que desejava vender sua carne para fazer uma oferenda ao Bodhisattva Dharmodgata.

Quando a jovem o perguntou que benefício seria alcançado com tal homenagem, Sadaprarudita respondeu, “Ele me ensinará os meios hábeis dos Bodhisattvas e o Prajnaparamita. Então, se eu praticá-los, alcançarei a onisciência, possuindo as numerosas qualidades de um Buda e poderei compartilhar o precioso Dharma com todos os seres”.

“Isso é certamente verdadeiro”, disse a jovem, “que cada uma das qualidades merece uma oferenda de tantos corpos quanto os grãos de areia do Ganges. Mas por favor, não se corte desta maneira! Eu lhe darei o que for necessário para que honre o Bodhisattva Dharmodgata e irei com você para vê-lo, criarei o mérito que me capacitará a atingir as mesmas qualidades também”.

Quando ela terminou de falar, Indra reassumiu sua própria forma e disse a Sadaprarudita, “Eu sou Indra, Rei dos Deuses. Vim para testar sua determinação. Eu te darei o que você quiser; basta pedir.”

“Conceda-me as qualidades não usurpáveis dos Budas!” Sadaprarudita respondeu.

“Isso eu não posso te conceder,” disse Indra. “Tal coisa não está nos limites do meu domínio.”

“Neste caso, não há necessidade de se preocupar em recompor o meu corpo,” disse Sadaprarudita. “Invocarei as preces da verdade”. Pelas preces das predições dos Budas que nunca retornam ao samsara, pela verdade da minha suprema e inabalável determinação, e pela verdade das minhas palavras, possa meu corpo reassumir seu estado original!”

Com estas palavras, seu corpo voltou a ser exatamente como antes. E Indra desapareceu.

Sadaprarudita foi com a filha do mercador até a casa de seus pais e lá lhes contou sua história. Eles forneceram a ele numerosos bens materiais que seriam necessários para sua oferenda. Assim, ele, juntamente com a filha do mercador e seus pais, acompanhados por quinhentas criadas e todo seu cortejo, rumaram em carruagens na direção leste, e chegaram na Cidade das Brisas Perfumadas. Lá ele viu o Bodhisattva Dharmodgata pregando o Dharma a milhares de pessoas. Essa visão o preencheu com a felicidade que o monge experiencia quando imerso em absorção

meditativa. Todo o grupo desceu das carruagens e se dirigiu ao encontro de Dharmodgata.

Naquela ocasião Dharmodgata havia construído um templo para o Prajnaparamita. Era feito por sete materiais preciosos, decorado com sândalo vermelho e coberto com detalhes em pérolas. Em cada uma das quatro direções estavam posicionadas pedras preciosas como lâmpadas e incensórios de prata dos quais fluuavam oferendas perfumadas de incenso de madeira de aloé negro. No centro do templo estavam quatro cofres adornados com jóias contendo os volumes do Prajnaparamita, feitos de ouro e escrito com tinta de lápis-lazúli.

Ao ver deuses e homens fazendo oferendas, Sadaprarudita fez indagações e então, acompanhado pela filha, o mercador e quinhentas servas, rendeu homenagens à Prajnaparamita.

Eles, então, se aproximaram de Dharmodgata, que estava dando um ensinamento para seus discípulos e honraram-no com todas suas oferendas. A filha do mercador e suas servas fizeram os votos de Bodhisattva. Sadaprarudita perguntou de onde haviam vindo e para onde tinham ido os Budas que ele tinha visto. Dharmodgata respondeu recitando o capítulo que ensina que os Budas nem vêm nem vão. Ele saiu de seu assento e foi para os seus próprios aposentos, onde permaneceu no mesmo estado contínuo de concentração por sete anos.

Ao longo de todo este período, Sadaprarudita, a filha do mercador e as quinhentas servas renunciaram tanto ao sentar quanto e ao deitar, permanecendo permanentemente de pé. Estando imóveis ou caminhando, suas mentes só pensavam no momento em que Dharmodgata sairia de sua concentração e ensinaria novamente o Dharma.

Quando aqueles sete anos estavam quase no fim, Sadaprarudita ouviu os deuses anunciando que em sete dias o Bodhisattva Dharmodgata sairia do seu estado de concentração e começaria a ensinar novamente. Sadaprarudita, a filha do mercador e as quinhentas servas varreram todo o local, num raio de quinhentas milhas, onde Dharmodgata iria ensinar. Quando ele começou a respingar água no chão para assentar o pó, Mara e espíritos malévolos fizeram toda a água desaparecer. Assim Sadaprarudita cortou sua veia e respingou seu próprio sangue no chão, e a filha do mercador e suas quinhentas servas fizeram o mesmo. Indra, rei dos deuses, transformou seu sangue em madeira de sândalo vermelho dos reinos celestiais.

Finalmente, o Bodhisattva Dharmodgata chegou e sentou no trono de leão que Sadaprarudita e os outros tinham tão perfeitamente preparado. Ele expôs o Prajnaparamita. Sadaprarudita experienciou seis milhões de estados diferentes de concentração e teve a visão de um infinito número de Budas – uma visão que nunca mais saiu dele, mesmo em seus sonhos. É dito que ele agora reside na presença do Buda perfeito chamado Aquele que Proclama o Dharma com Voz Melódica Inexaurível.

b) Tilopa e Naropa

De maneira análoga, o grande pandita Naropa suportou incomensuráveis provações enquanto seguia Tilopa. Como vimos antes, Naropa encontrou Tilopa, que estava vivendo como pedinte, e pediu a ele que o aceitasse como seu discípulo. Tilopa aceitou-o e levou-o aonde quer que fosse, mas nunca o ensinou qualquer Dharma. Um dia, Tilopa levou Naropa para o topo de uma torre de nove andares e perguntou-lhe: "Tem alguém que pode pular do topo deste prédio para obedecer a seu mestre?" Naropa pensou consigo mesmo, "Não tem ninguém mais aqui, então ele deve estar fazendo a pergunta a mim." Então ele pulou do topo do prédio e seu corpo esfaqueou-se no chão, causando imensa dor e sofrimento. Tilopa veio a ele e o perguntou, "Você está com dor?" "Sim eu estou sofrendo, eu não sou mais do que um cadáver..." Assim, com a benção de Tilopa, ele se restabeleceu completamente e seguiram adiante.

"Naropa, faça fogo!" ordenou-lhe em outra ocasião. Quando o fogo estava aceso ele começou a colocar farpas de bambu, nas quais ele havia colocado óleo. "Para obedecer às ordens de seu mestre, é necessário suportar provações deste tipo..." disse ele. Cravando as farpas de bambu sob as unhas das mãos e dos pés de seu discípulo. Todas as articulações tornaram-se rígidas. Naropa experimentou uma dor intolerável. O Mestre o abandonou por alguns dias e depois retornou e retirou as farpas de bambu. Dos ferimentos saiu uma grande quantidade de sangue e pus. Novamente o Mestre deu sua benção e seguiram adiante.

"Naropa, disse ele outro dia, eu tenho fome, vá mendigar alimento!" Naropa foi a um local onde havia vários camponeses alimentando-se. Ele recebeu como esmola um crânio repleto de sopa e levou a seu Mestre. Este pareceu ficar muito satisfeito. "Há algum tempo, eu o sirvo", Naropa disse a si mesmo, "eu nunca vi o Mestre tão contente assim!" Desta maneira ele pensou que caso fosse mendigar novamente, ele poderia talvez trazer um pouco mais de sopa, e partiu com o crânio nas mãos. Ora, os trabalhadores haviam retornado ao campo, deixando o resto da sopa ali. "Mais vale roubá-la." Pensou ele. Naropa pegou a sopa e partiu correndo. Mas os homens o viram, o pegaram e o espancaram quase à morte. E deixaram-no sofrendo mil dores e incapaz de se levantar durante vários dias. Novamente seu Mestre chegou, deu sua benção e seguiram adiante.

"Naropa", disse ele outra vez, "eu preciso de muitas riquezas. Vá, portanto roubar!" E assim ele foi roubar um homem rico, mas ele foi preso por isto e espancado quase até a morte. Alguns dias se passaram... O Mestre retornou e perguntou a Naropa se ele estava sofrendo. Tendo recebido a mesma resposta das outras vezes, ele deu sua benção e seguiram adiante.

Naropa passou, dessa maneira, num só corpo, doze provações maiores deste tipo e dez menores, todas diferentes.

Mas um dia, estas provações terminaram. Tilopa lhe pediu para ir buscar um pouco de água, enquanto ele preparava o fogo. Quando Naropa retornou, ele ficou de pé e pela mão esquerda ele pegou Naropa pela nuca e pediu para que ele levantasse a cabeça. Com a mão direita ele pegou uma de suas sandálias e bateu com elas na frente de Naropa, que desta maneira perdeu a consciência, desmaiando. Quando ele recobrou os sentidos, todas as qualidades de seu Mestre haviam surgido nele. Mestre e discípulo tornaram-se, assim, idênticos na mesma realização.

As vinte e quatro provações do grande pândita Naropa foram os meios de eliminar seus véus, pois, de fato, tratavam-se de instruções de seu Mestre. Estas ações, por si mesmas, são infrutíferas e não têm nada a ver com o Dharma. O Mestre não havia dito uma só palavra de ensinamento e o discípulo não havia feito nenhuma prática, nem mesmo uma prostração. Todavia, desde quando ele havia encontrado o Mestre realizado, apesar de todas as dificuldades, ele obedeceu a todas as suas ordens. Graças a isso, ele pôde eliminar seus véus e deuse a realização.

Não há prática de Dharma maior que obedecer a seu Mestre e os benefícios são imensos. Em contrapartida, desobedecê-lo, ainda que discretamente, é uma falta extremamente grave.

Um dia, Tilopa proibiu Naropa de aceitar o posto de guarda-pândita de Vikramashila. Mas algum tempo depois que Naropa havia chegado a Maghada, um dos guarda-pânditas morreu. Como não havia ninguém que fosse capaz de combater os *tirthikas* em lógica, todos suplicaram a Naropa para tornar-se o protetor da porta do norte. Eles tanto insistiram, que Naropa aceitou. Ora, logo que um *tirthika* apresentou-se, Naropa debateu dias em vão com ele. Ele invocou seu Mestre. Um dia Tilopa lhe apareceu, com o olhar fixo e severo. “Sua compaixão está bem magra, por retardar tanto a sua vinda” começou Naropa... “Eu não te proibi de ser guarda-pândita?” disse Tilopa “Doravante, visualize-me sobre sua cabeça e debata fazendo o gesto do dedo apontado na direção do *tirthika!*” Assim feito, Naropa foi o vencedor e colocou fim a todos os debates provocados pelos *tirthikas*.

c) Marpa e Milarepa

Agora veremos como Jetsun Milarepa seguiu Marpa de Lhodrak. Na região de Ngari Gunghang, viveu um homem rico de nome Mila Sherab Gyaltzen. Esse homem tinha um filho e uma filha, mas foi o filho cujo nome era Mila Thöpa-ga, “Mila, boa notícia” que tornar-se-ia Jetsun Mila. Quando as duas crianças eram ainda pequenas, o pai faleceu. Seu tio, cujo nome era Yungdrung Gyaltzen, apropriou-se de toda a riqueza e posses que eles haviam herdado. As duas crianças e sua mãe partiram sem alimento nem dinheiro e foram submetidas a várias dificuldades. Mila aprendeu a arte do encantamento e a fazer tempestade de granizo com os mágicos Yungtön Trogyal de Tsang e Lharge Nupchung e fez morrer seus dois primos junto com outras trinta e três pessoas, fazendo a casa desabar. Quando as pessoas do local ficaram encolerizadas, ele causou uma tempestade e fez cair granizo na altura “de três muros de barro”.

Mais tarde, arrependido de seus maus atos, ele decidiu praticar o Dharma. Tomando o conselho do Lama Yungtön, ele foi ver um adepto da Grande Perfeição de nome Rongtön Lhaga, e pediu-lhe instruções.

“O Dharma que eu ensino” disse o Lama, “é a Grande Perfeição. Sua raiz é a conquista desde a origem, seu ápice é a conquista da realização e o fruto, a conquista do Yoga. Se alguém medita durante o dia, este alguém pode tornar-se um Buda no mesmo dia; se alguém medita durante a noite, este alguém pode tornar-se um Buda na mesma noite. Seres afortunados, cujas ações passadas criaram condições favoráveis de não terem necessidade de meditar, eles são liberados simplesmente por ouvir. É um Dharma destinado às pessoas cujas faculdades são eminentemente superiores.”

Depois de receber as iniciações e instruções, Mila pensou consigo mesmo “Eu tive duas semanas para obter os sinais de sucesso na magia. Sete dias foram suficientes para ter o domínio do granizo. Agora, aqui, receber o ensinamento é mais fácil, pois se você meditar durante o dia, você se torna um Buda neste dia; se você meditar à noite, você se torna um Buda nesta noite e para aqueles cujas ações passadas criaram condições favoráveis, não há necessidade de meditar. Sendo assim, como eu encontrei este ensinamento, eu obviamente devo ser alguém com boas ações passadas. Então posso ficar na cama sem meditar.” Assim, o praticante e o ensinamento separaram-se.

“É verdadeiro o que você me diz” disse o Lama a ele depois de alguns dias. “Você é realmente um grande transgressor e eu tenho enaltecido meu ensinamento um pouco demais. De agora em diante, eu não vou mais ensiná-lo. Você precisa ir à Trowolung em Lhodrak, onde há um discípulo direto do siddha Naropa. Ele é um excelente mestre, o rei dos tradutores, Marpa. Ele é o siddha da Nova Tradição dos Mantras e é sem igual nos três mundos. Como um elo kármico os une, desde vossas vidas passadas, vá vê-lo, portanto”. Somente o som do nome de Marpa, o Tradutor, foi suficiente para a mente de Mila envolver-se numa inexprimível alegria. Seu corpo ficou transbordante de grande êxtase em cada poro de sua pele; e uma imensa devoção o dominou, enchendo seus olhos de lágrimas. Ele partiu, se perguntando quando encontraria o mestre face à face.

Agora, Marpa e sua esposa tinham ambos sonhos extraordinários. Marpa soube que Jetsun Mila estava a caminho. Ele seguiu então para o vale para aguardar sua chegada, fingindo estar arando o campo. Mila encontrou primeiro o filho de Marpa, Tarma Dodé, que estava cuidando do gado. Seguindo mais à frente, ele viu Marpa, que estava arando. O momento em que ele o viu, ele experimentou uma tremenda e inexprimível alegria e êxtase, por um instante seus pensamentos ordinários cessaram. Ainda assim, ele não se deu conta de que era o Lama em pessoa e explicou que ele havia vindo para encontrar Marpa.

“Eu o apresentarei à ele” Marpa respondeu: “Are este campo para mim.” Deixou para ele uma jarra de cerveja e partiu. Mila sorveu a cerveja até a última gota, quando ele terminou, o filho do Lama veio para chamá-lo e partiram juntos.

Quando Mila foi levado à presença do Lama, ele colocou os pés de Marpa sobre a sua cabeça e exclamou: “Oh Mestre! Eu sou um grande transgressor do Oeste, eu te ofereço meu corpo, palavra e mente. Por favor, alimente-me, vista-me e ensine-me o Dharma. Dê-me o caminho para tornar-me Buda nesta vida.”

“Não é minha culpa que você se reconheça como um homem mau.” Marpa respondeu: “Eu não te pedi para acumular más ações na minha conta. O que é isto tudo de errado que você tem feito?” Mila contou a ele toda a história em detalhes. “Muito bem - Marpa consentiu, por oferecer seu corpo, palavra e mente. Mas você não pode ter tudo. Eu vou te dar alimento e vestimenta e você que procure o Dharma em outro lugar; ou, então, você recebe o Dharma de mim e procura pelo resto em algum outro lugar. Escolha. Se você escolher o Dharma, depende somente de sua perseverança tornar-se um Buda nesta vida ou não.” “Se este é o caso - disse Mila - como eu vim pelo Dharma, eu procurarei por provisões e roupa em outro lugar”. Ele ficou ali alguns dias e foi mendigar em todo o Lhodrak superior, o que lhe rendeu vinte e uma medidas de cevada. Ele usou quatorze delas para comprar um pote de cobre de quatro alças. Colocou seis medidas num saco, e retornou para oferecê-las à Marpa.

Quando ele colocou a cevada no chão, fez o aposento tremer. Marpa levantou-se.

“Você é forte, pequeno devoto?” Disse ele. “Você está tentando nos matar fazendo a casa cair apenas com suas mãos? Leve o saco de cevada para fora daqui!” Ele deu um chute do saco, e Mila teve de levá-lo para fora. Um pouco mais tarde, ele ofereceu ao Mestre o pote vazio.

Um dia Marpa disse a ele: “Os homens de Yamdrok Taklung e Lingpa estão atacando muitos dos meus fervorosos discípulos que vêm me visitar desde U e Tsang, e roubando suas provisões e oferendas. Envie uma tempestade de granizo sobre eles! Você agirá assim pelo Dharma e eu lhe darei instruções posteriormente.”

Mila fez cair devastadores temporais de granizo em ambas aquelas regiões e foi então pedir os ensinamentos.

“Pensa você que eu lhe darei ensinamentos que eu trouxe da Índia com tão grande custo em troca de três ou quatro tempestades de granizo? Se você quer realmente o Dharma, deixe um encantamento no povoado do morro de Lhodrak. Eles atacam meus discípulos de Nyalorong e estão sempre me tratando com falta de respeito. Quando houver um sinal de que sua palavra mágica funcionou, eu lhe darei as instruções orais de Naropa, que conduzem a Budeidade numa única vida e corpo.”

Quando os sinais do maligno encantamento surgiram, Mila retornou e solicitou o Dharma.

“Huh! É para honrar tua acumulação de ações negativas que você clama que deseja estes ensinamentos orais que eu tive que buscar, nunca tendo levado em conta o risco para meu próprio corpo e vida – estas instruções ainda aquecidas com o hálito das Dakinis? Imagino que você esteja brincando, e acho isto cômico. Qualquer outro te mataria! Agora, traga aquela gente das montanhas de volta à vida e devolva ao povo de Yamdrok suas colheitas. Você terá seus ensinamentos se o fizer – de outra forma não fique mais em torno de mim !”

Mila, completamente abalado com estas reprimendas, sentou-se e derramou lágrimas amargas. Na manhã seguinte, Marpa veio vê-lo. “Fui um pouco rude com você ontem à noite.” disse ele. “Não fique triste. Dar-lhe-ei as instruções pouco a pouco. Seja paciente! Uma vez que você é um bom trabalhador, gostaria que você me construísse uma casa para dar a Tarma Dodé. Quando você tiver terminado, eu lhe darei as instruções, e providerei você com comida e roupas também”.

“Mas o que farei se eu morrer neste meio tempo sem o Dharma?” Perguntou Mila.

“Ficarei responsável de fazer com que isto não aconteça,” Marpa disse. “Meus ensinamentos não são elogios inúteis, e uma vez que você obviamente tem uma extraordinária perseverança, quando você tiver posto minhas instruções em prática veremos se você pode alcançar a budeidade em uma única vida”.

Depois de novos encorajamentos na mesma linha, Mila construiu três casas uma após a outra: uma circular a leste do monte, uma semicircular a oeste e uma triangular ao norte. Mas a cada vez, assim que a casa era terminada, Marpa repreendia Mila furiosamente, e fazia com que ele demolisse o que quer que ele houvesse construído e levasse a terra e as pedras que ele tinha usado de volta ao lugar onde as encontrara. Uma ferida aberta surgiu no dorso de Mila, mas ele pensou, “Se eu mostrá-la ao Mestre, ele apenas reclamará comigo. Poderia mostrar a sua esposa, mas ela pensaria que quero me vangloriar.” Assim, chorando, sem reclamar e não mostrando seus ferimentos, ele implorou à Damema, esposa de Marpa, que o ajudasse a pedir os ensinamentos. Ela pediu a Marpa para ensinar a ele, e Marpa respondeu: “Dê-lhe uma boa refeição e traga-o aqui!” Ele deu a Mila a transmissão e os votos de refúgio. “Tudo

isto”, disse, “é o que é chamado de Dharma básico. Se você quiser as instruções extraordinárias do Mantrayama Secreto, veja o que você tem que fazer.” E contou-lhe uma versão breve da vida e das provações de Naropa. “Será difícil para você fazer o mesmo”, concluiu. Ao ouvir estas palavras Mila sentiu uma devoção intensa que lhe fez fundir-se em lágrimas, e com forte determinação ele fez votos de seguir o que quer que seu mestre lhe dissesse.

Alguns dias mais tarde, Marpa foi caminhar e levou Mila com ele como seu servo. Ele foi para o sudoeste e chegando a terreno favorável, disse, “Construa-me uma casa cinza, quadrada com nove pavimentos de altura, com um pináculo no topo, completando dez. Você não terá que demolir este edifício, e quando você tiver terminado eu lhe darei os ensinamentos. Dar-lhe-ei também provisões quando você for para o retiro praticar.”

Mila já havia cavado as fundações e começado a construção quando três dos discípulos mais avançados de seu mestre vieram ao local. Para diversão, eles rolaram uma enorme pedra para ele que foi incorporada às fundações. Quando ele havia concluído os dois primeiros andares, Marpa veio vê-lo e perguntou-lhe de onde viera a pedra em questão. Mila contou-lhe o que acontecera.

“Meus discípulos praticando o yoga de duas fases não podem ser seus servos!” Marpa gritou. “Ponha aquela pedra lá fora e coloque-a de volta no lugar. Novamente, Mila demoliu a casa inteira, começando pelo topo. Ele removeu a grande pedra das fundações e colocou de volta onde ela havia sido encontrada.

Então Marpa disse a ele, “Agora traga-a aqui novamente e ponha-a de volta no lugar onde estava.”

Então Mila arrastou-a de volta para o terreno e colocou-a exatamente no mesmo lugar onde estava antes. Ele prosseguiu a construção até completar o sétimo piso, momento em que teve um ferimento na sua cintura.

“Agora deixe de construir essa torre.” disse Marpa, “e, ao invés, construa-me uma galeria, uma casa de doze andares com um templo.”

Então Mila construiu e no momento em que terminou a galeria, havia surgido um ferimento na parte baixa de suas costas (nos rins).

Nesta época, Metön Tsönpo de Tsagrang pediu a Marpa a iniciação de Samvara, e Tsurtön Wangé de Döl pediu-lhe a iniciação de Guhyasamaja. Nas duas ocasiões, Mila, imaginando que suas duas construções tinham lhe assegurado o direito a receber iniciações, tomou assento nas cerimônias, mas tudo o que recebeu de Marpa foram golpes de mão e reprimendas, tendo sido expulso nas duas ocasiões. Suas costas estavam, agora, com uma grande ferida com sangue e pus escorrendo de três pontos diferentes. Apesar disso, ele continuou trabalhando, agora, carregando de frente as cestas de terra, sobre o peito.

Quando Ngoktön Chödor de Shung chegou para solicitar a iniciação Hevajra, a esposa de Marpa deu a Mila uma grande turquesa de sua herança pessoal. Usando isso como sendo sua oferenda para a iniciação, Mila colocou-se entre a fileira de candidatos mas, como antes, o mestre repreendeu-lhe e deu-lhe uma sova, e ele não pôde receber a iniciação.

Nesse momento ele não teve nenhuma dúvida: ele nunca receberia qualquer ensinamento. Ele saiu perambulando sem direção. Uma família em Lhodrak Khok emprestou-lhe para leitura o livro *A Sabedoria Transcendente em Oito Mil Versos*. Ele leu a história de Sadaprarudita e isso o fez pensar. Ele compreendeu que, por causa do

Dharma, ele deveria aceitar todas as dificuldades e agradecer seu mestre por fazer qualquer coisa que ele ordenasse.

Então, ele retornou mas, de novo, Marpa o recebeu com abusos e pancadas. Mila ficou tão desesperado que a esposa de Marpa enviou-o ao Lama Ngokpa, que lhe deu algumas instruções. Mas, enquanto ele meditava, nada acontecia, uma vez que ele não tinha obtido o consentimento de seu mestre. Marpa ordenou-lhe que voltasse ao Lama Ngokpa e então retornasse.

Um dia, durante um banquete de oferenda, Marpa repreendeu severamente Lama Ngokpa e outros discípulos e quase chegou a ponto de bater neles.

Mila pensou consigo mesmo, “Com meu karma ruim, não apenas causo sofrimento para mim mesmo, como, agora, estou trazendo dificuldades para o Lama Ngokpa e para a consorte do meu Guru. Uma vez que estou acumulando cada vez mais ações prejudiciais sem receber nenhum ensinamento, será melhor eu acabar comigo mesmo.”

Ele preparou-se para cometer suicídio. Lama Ngokpa estava tentando detê-lo quando Marpa reuniu e acalmou ambos. Ele aceitou Mila como discípulo, deu-lhe excelentes ensinamentos e o nome de Mila Dordje Gyaltsen, “Mila Estandarte Vitorioso Adamantino.” Ao dar-lhe a iniciação de Samvara, ele fez o mandala de suas sessenta e duas deidades claramente aparecer. Mila então recebeu o nome secreto Shepa Dorje, “Diamante de Riso,” e Marpa transmitiu todas as iniciações e instruções a ele como o conteúdo de um pote sendo vertido dentro de outro. Após isto, Mila praticou nas mais difíceis condições, e atingiu todas as realizações comuns e supremas.

Foi assim que todos os pânditas, siddhas e vidyadharas do passado, na Índia e no Tibet, seguindo um amigo espiritual que foi um mestre autêntico, fazendo tudo o que ele dizia, alcançaram a realização inseparável, aquela que o mestre possui.

Por outro lado, é uma falta muito grave não seguir o mestre com uma mente completamente sincera, livre de engano. Nunca se deve perceber qualquer de seus atos negativamente. Nunca se deve lhe dizer sequer uma pequena mentira, pois isto é uma falta muito grave.

Uma vez um discípulo de um grande siddha estava ensinando o Dharma para uma multidão de discípulos. Seu mestre então chegou, vestido como um mendigo. O discípulo estava muito embaraçado de prosternar-se diante dele em frente de toda a multidão e, então, ele fingiu não tê-lo visto. Naquela noite, tendo a multidão se dispersado, ele foi ver seu mestre e prosternar-se diante dele.

“Porque você não se prosternou diante de mim antes?” perguntou seu mestre.

“Eu não o vi,” ele respondeu mentindo.

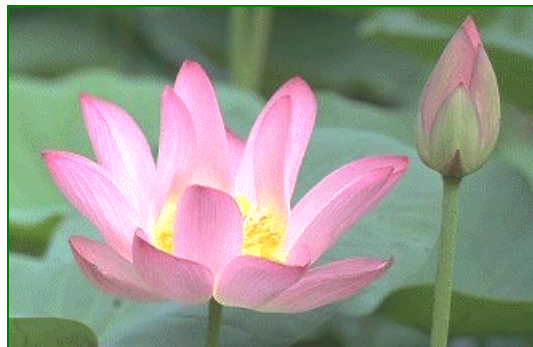
Imediatamente os seus dois olhos caíram no chão. Ele implorou perdão e contou-lhe a verdade, e com uma bênção o mestre restaurou sua visão.

Há uma história semelhante sobre um mahasiddha indiano Krsnacarya. Um dia, ele estava viajando pelo mar na companhia de numerosos discípulos, quando um pensamento chegou à sua mente, “Meu mestre é um verdadeiro siddha, mas sob o ponto de vista geral, sou melhor do que ele, porque sou mais rico e tenho mais discípulos.” Mais adiante, seu barco afundou no oceano. Desesperado, ele rezou para seu mestre, que apareceu em pessoa e salvou-o do afogamento.

“Esse foi um lembrete para a sua arrogância,” disse o mestre. “Tivesse eu tentado juntar riqueza e discípulos, eu também os teria. Mas eu escolhi não fazer isso.”

Incomensuráveis multidões de Budas já vieram aqui, mas sua compaixão não pode nos proteger: nós ainda estamos no oceano de sofrimento do samsara. Incontáveis grandes mestres realizados apareceram desde tempos primórdios, mas nós não tivemos a boa sorte de desfrutar de seus compassivos cuidados, ou mesmo de encontrá-los. Nesses dias, os ensinamentos de Buda estão chegando ao fim. As cinco degenerescências se desenvolvem e mesmo que tenhamos uma preciosa existência humana, estamos presos pelas ações negativas e não sabemos o que devemos ou não fazer. Ora, nesta época em que nós perambulamos como homens cegos sozinhos numa planície vazia, nossos amigos espirituais, os mestres supremos, pensam em nós com sua ilimitada compaixão, e de acordo com as necessidades de cada um de nós, aparecem na forma humana. Apesar de, na sua realização, eles serem Budas, em suas atividades eles se adaptam a nossa natureza para agir. Com sua habilidade, eles nos aceitam como discípulos, nos introduzem ao supremo Dharma, abrem nossos olhos para o que nós devemos fazer e o que não devemos fazer, e, infalivelmente, enfatizam o melhor caminho para a iluminação e onisciência. Em verdade, eles não são diferentes do Buda em si mesmo; mas comparados com o Buda, sua bondade em cuidar de nós é ainda maior. Sempre tente, portanto, seguir seu mestre da forma correta, com os três tipos de fé.

"Eu encontrei um mestre sublime,
Mas me deixei enganar pela sua aparência ordinária.
Eu encontrei o caminho supremo,
Mas perambulei por caminhos que não levam a lugar algum.
Abençoe a mim
E a todos aqueles com as mesmas características negativas
Para que nossas mentes possam ser domadas pelo Dharma."



ཐབས།

ཨ། ཐབས་ནི་དེ་ཡི་གདམས་ངག་སྟེ།

Parte IV

Capítulos 4 - 19

O Método : As instruções do Amigo Virtuoso



Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Parte IV

O método : As instruções do Amigo Virtuoso

"As instruções do Amigo Virtuoso constituem o método."

Possuímos a causa primeira do Despertar: a natureza de Buda. Ora, estamos passando de uma vida a outra desde os tempos sem começo e sobreveio-nos de receber a preciosa existência humana e encontrar a causa circunstancial do Despertar, um amigo de bem. Por que, então, fomos impedidos até este momento de nos tornarmos Budas? Por que caímos no domínio dos quatro obstáculos à budeidade. Quais são esses quatro obstáculos? O apego às experiências desta vida, o apego à felicidade do futuro, o apego à paz do Nirvana e o desconhecimento dos meios para atingir a budeidade.

Como eliminar esses quatro obstáculos? Escutando as instruções de um Amigo Virtuoso e colocando-as em prática.

Quais são essas instruções? Existem quatro instruções:

- 1] A meditação sobre a impermanência
- 2] A meditação sobre as dificuldades do samsara e sobre o fruto dos atos
- 3] A meditação sobre o amor e a compaixão
- 4] A produção da mente de Despertar

_A meditação sobre a impermanência é o remédio ao apego às experiências desta vida.

_A meditação sobre as dificuldades do samsara e sobre o fruto dos atos é o remédio ao apego à felicidade do futuro.

_A meditação sobre o amor e a compaixão é o remédio ao apego à pacífica felicidade do Nirvana.

_Quanto aos ensinamentos sobre a produção da mente de Despertar, eles remediam a nossa ignorância sobre os meios de atingir a budeidade.

Tudo está incluído nestes ensinamentos, da tomada de refúgio à meditação sobre a irreabilidade do eu, dos indivíduos e das coisas, ou ainda, tudo o que advém das cinco vias e das dez terras do Despertar. Alguns desses ensinamentos servem de suporte à produção da mente de Despertar, outras explicam sua finalidade, outros ainda tratam da produção da mente de Despertar propriamente dita, dos preceitos que se ligam a ela, dos seus benefícios ou de seu resultado.

Portanto, não há um só aspecto do Grande Veículo que não esteja incluído na produção da mente de Despertar.

Ora, o depositário de todas essas instruções é o amigo de bem.

O *Sutra em forma de árvore* declara:

"O Amigo Virtuoso é a fonte de todo ensinamento benéfico."

E:

"A onisciência repousa sobre as instruções do Amigo Virtuoso."

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Parte IV

Capítulo 4

ཨ། མི་རྟག་པ་བསྐྱེམ་པ་བཤད་པ།

A Meditação

Sobre

A impermanência



Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Capítulo 4

A Meditação sobre a Impermanência

Os quatro sinais da Impermanência

- 1) Tudo o que foi acumulado, termina se dispersando
- 2) Tudo o que foi construído, termina desmoronando
- 3) Tudo o que foi reunido será separado
- 4) Tudo o que nasce termina morrendo

I Os diferentes aspectos da Impermanência

II Como meditar sobre a Impermanência

1] A Impermanência do Universo

1) Impermanência grosseira

Destruição do Universo pelo fogo, água e vento

2) Impermanência sutil

As quatro estações, o sol e a lua e cada instante.

2] Impermanência dos seres contidos no Universo

1) Impermanência dos outros

Todos os seres dos três mundos são efêmeros

2) Impermanência de si

Tirar a lição do que acontece aos outros

- 1_Meditar sobre a morte
- 2_Meditar sobre os sinais da morte
- 3_Meditar sobre o fluxo da vida
- 4_Meditar sobre a separação

Meditar sobre a morte de 9 maneiras:

1_A morte é certa

1. Não há quem não morra
2. O corpo é um fenômeno composto
3. O tempo que nos resta, diminui a cada segundo
_Imagens da flexa, da correnteza e do condenado.

2_Sua hora é imprevisível

1. A duração da vida não está fixada
2. O corpo não tem substância
3. As causas que acarretam a morte são numerosas

3_Então, nada é de alguma utilidade

1. Nem o alimento
2. Nem a família, nem os amigos
3. Nem mesmo o corpo

As lições a serem tiradas sobre a impermanência dos outros

III Os benefícios da meditação sobre a Impermanência

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Capítulo 4

Meditação sobre a impermanência

Vejam, primeiramente, a meditação sobre a impermanência, que é o remédio contra o apego às experiências desta vida.

De maneira geral, tudo o que é composto é impermanente, assim como o Buda declara:

"Ó monges, todos os compostos são impermanentes."

O que se entende por essa declaração? Que aquilo que é acumulado acaba por se dispersar; o que é construído, por se desmoronar; o que é unido, por se desunir; e o que nasce, por morrer.

Citemos os *Capítulos ditos intencionalmente*:

- 1) Tudo o que é acumulado, ao final, se dispersa,
- 2) E o que se constrói acaba por desmoronar,
- 3) O que é reunido acaba por se separar
- 4) E o que é vivo, desaparece na morte.

* * *

Para meditar sobre a impermanência, consideraremos:

- I Os diferentes aspectos da impermanência**
- II Como meditar sobre a impermanência**
- III Os benefícios da meditação sobre a impermanência**

* * *

I Os diferentes aspectos da impermanência

Observaremos a impermanência sob dois aspectos:

- 1] A impermanência do universo e 2] A dos seres que ele contém.
 - 1] Na impermanência do universo, distinguiremos:
 - 1) A impermanência grosseira e 2) A impermanência sutil.
 - 2] Na impermanência dos seres, vislumbraremos:
 - 1) A impermanência do outro e 2) A nossa.

II Como meditar sobre a impermanência

Meditaremos sobre a impermanência, considerando, inicialmente:

- 1] A impermanência do universo e, em seguida,
- 2] Aquela dos seres que ele contém.

1] A impermanência do universo

1) A impermanência grosseira

A partir do mandala do vento, na base, até sob os deuses da Quarta Concentração, ao alto, não existe absolutamente nada de consistente ou imutável. Às vezes, os mundos que se encontram abaixo dos deuses da Primeira Concentração são consumidos pelo fogo; às vezes, aqueles que se encontram abaixo dos deuses da Segunda Concentração são arrastados pela água; e, às vezes, tudo o que se encontra abaixo dos deuses da Terceira Concentração é destruído pelo vento.

A destruição pelo fogo não deixa nem mesmo cinzas, como quando queimamos manteiga. As devastações provocadas pela água não deixam nenhum resíduo, como se tivessem dissolvido sal. Após a passagem do vento, nada subsiste, como quando uma borrasca varre a poeira.

Lemos no *Abhidharma*:

"Há sete destruições pelo fogo
Contra uma destruição pela água
Quando tiverem se sucedido sete destruições pela água,
Será o vento que arrastará tudo."

O mundo da Quarta Concentração não é destruído nem pelo fogo nem pela água nem pelo vento. Destruir-se-á por si mesmo quando os seres que o habitam não estiverem mais ali.

O *Abhidharma* diz ainda:

"Eles são impermanentes, pois seus palácios,
Assim como seus ocupantes, aparecem e desaparecem."

Portanto, parece evidente que nosso mundo atual será destruído pelo fogo, assim como previu o *Sutra solicitado pelo laico Viradatta*:

"No final de um kalpa, nosso universo,
Que tem o espaço como natureza, tornar-se-á novamente espaço.
O próprio monte Meru será calcinado e destruído."

2) A impermanência sutil

Esta última designa a impermanência:

- a) das quatro estações,
- b) dos nasceres e pores de sol e da lua, assim como
- c) a impermanência de cada instante.

a) Quando a primavera chega, o sol atenua-se, sua cor fica vermelha, e a vegetação brota. Mas isso não dura. Com o verão, a terra úmida se cobre de verde, árvores e plantas cobrem-se de folhas. Mas de novo tudo muda. Com o outono, o sol endurece e toma uma cor ocre; árvores e plantas dão seus frutos. Depois vem o inverno, a terra gela e fica branca, as plantas secam e caem. E tudo recomeça...

b) A impermanência e a mudança também nos são demonstradas pelo nascer e pôr do sol: quando o sol surge, o mundo se ilumina e desperta. Depois a noite cai, mergulhando todas as coisas nas trevas.

c) A impermanência de cada instante designa o fato de que, de um instante a outro, o universo não é mais o mesmo. A sucessão de elementos semelhantes, como o movimento de uma cascata, dá a aparência da duração.

2] A impermanência dos seres que povoam o universo

1) A impermanência dos outros

Todos os seres dos três mundos são efêmeros.

O *Imenso Desabrochar* declara:

"Os seres dos três mundos são efêmeros como as nuvens no céu."

2) Nossa impermanência pessoal

"Eu também não posso permanecer aqui para sempre: será necessário que eu também parta." Através disso, tomamos consciência, observando o que acontece conosco e aprendendo com o que acontece com os outros.

Examinemos a nós mesmos, meditando:

- a) sobre nossa morte,
- b) sobre seus sinais precursores,
- c) sobre o tempo que nos resta para viver e
- d) sobre a separação.

a) Meditar sobre nossa própria morte é pensar: "Eu não posso permanecer muito tempo neste mundo, será preciso que eu parta para outro mundo."

b) Meditar sobre os sinais de sua própria morte é pensar: "Minha força vital vai se esgotar, minha respiração vai parar, meu corpo será apenas um cadáver e minha mente irá errar em outros lugares."

c) Meditar sobre o escoamento de nossa vida é pensar: "Desde o ano passado, um ano já passou; desde outro dia, um mês; desde ontem, um dia, e minha vida reduziu-se, como num piscar de olhos. Um instante acaba de passar e minha vida perdeu mais um instante." A *Marcha em direção ao Despertar* insiste:

"A vida não pára de decrescer;
Dia e noite ela diminui,
E nada nunca vai aumentá-la.
Então, como eu poderia não morrer?"

d) Meditar sobre a separação é pensar: "Eu não poderei permanecer sempre em companhia de meus amigos, de meus parentes, de minhas riquezas, de meus bens, de meu corpo e tudo o que eu tanto estimo. Logo precisarei abandoná-los".

Diz a *Marcha em direção ao despertar*:

"Ignorando que eu devo partir
Deixando tudo para trás (...)."

Ou ainda, meditemos sobre a morte de “nove maneiras”:

Em três etapas:

- A) Pensemos que a morte é certa,
- B) Que sua hora é imprevisível e que
- C) Então nada terá utilidade.

* * *

A) Nossa morte é certa por três razões:

- 1) Porque não existe ninguém no passado que não esteja morto,
- 2) Porque o corpo é um fenômeno composto, e
- 3) Porque o tempo que nos resta a viver diminui a cada segundo.

* * *

1) Ninguém nunca escapou da morte:

Ashvaghosha exclama:

"Você já encontrou, na terra ou nos céus,
Seres que tenham nascido e que nunca morreram?
Ouviu falar deles? Você duvida disto?"

Os próprios *rishis*, dotados de poderes milagrosos e de uma grande clarividência, não podem encontrar um meio de fugir para um lugar onde não se morre. Todos morrem. Então, o que dizer de nós?

Escutemos ainda Ashvaghosha:

"Os grandes *rishis* dotados de quádrupla visão
Que até os confins do céu podem ir,
Em um país sem morte nunca poderão chegar."

Mas não é tudo: os seres sublimes como os Budas-por-si, os grandes ouvintes e os *arhats* acabam eles mesmos abandonando seus corpos. Inútil, então, mencionar os seres comuns como nós.

Nos *Capítulos ditos intencionalmente*, podemos ler:

"Se mesmo os Budas-por-si.
E os ouvintes dos Budas
Devem abandonar seus corpos
O que dizer dos seres comuns?"

Há algo mais convincente ainda: os próprios Budas, que vieram à terra dotados das marcas maiores e menores, e cuja natureza é indestrutível como o diamante, abandonam, finalmente, seu corpo de aparição. Uma vez mais, o que dizer de nós mesmos?

Ashvaghosha pergunta:

"Considerando que mesmo o corpo dos Budas,
Sem exceção, este corpo adamantino dotado
Das marcas maiores e menores, é efêmero,
Seria preciso mencionar o corpo dos outros seres,
Tão ociosos quanto os troncos das bananeiras?"

2) A morte é inevitável, já que **nosso corpo é composto** e que todo composto é impermanente e destrutível, como podemos ler nos *Capítulos ditos intencionalmente*:

Os compostos são impermanentes, sujeitos ao nascimento e à destruição.

Nosso corpo, que é minimamente incomposto, é efêmero e não pode escapar à morte.

3) Enfim, a morte é inevitável, considerando-se que, segundo após segundo, **a vida esgota-se inexoravelmente**. Cada instante que passa diminui a duração de nossa vida e aproxima-nos um pouco mais da morte.

Mesmo se isso não é evidente, a morte aproxima-se inexoravelmente como:

- a) uma flecha lançada por um poderoso arqueiro,
- b) uma torrente que desce de uma montanha ou
- c) a execução à qual o prisioneiro é levado.

a) Quando o arqueiro lança sua flecha, esta segue em direção ao alvo sem fazer a menor pausa. Do mesmo modo, a vida se aproxima rapidamente da morte, sem deter-se um único instante.

A corda mal se distende,
A flecha do hábil arqueiro
Voa em direção ao alvo sem nunca parar.
O mesmo acontece com a vida dos homens.

Assim falam os *Capítulos ditos intencionalmente*.

b) A imagem da torrente que desce das encostas sem descanso ilustra mais claramente ainda como a vida não pode suspender seu curso um único instante.

"Amigos, a vida escoo, rápida,
Como uma torrente descendo a montanha.
Mas os seres pueris não têm consciência disso
E embriagam-se, arrogantes, com suas riquezas."

Lemos ainda no *Dharani do precioso pináculo da grande assembléia*.

E, sempre nos *Capítulos ditos intencionalmente*:

"Como a correnteza de um grande rio,
A vida escoo sem retorno."

c) A terceira imagem é aquela do condenado cuja morte se aproxima a cada passo em direção ao local de suplício. Citemos o sublime *Sutra da árvore*:

"Tal como os passos do condenado que caminha para o suplício,
Cada um de nossos passos aproxima-nos da morte."

E os *Capítulos ditos intencionalmente*:

"Como o condenado que está certo de sua morte
E para o qual cada passo é um passo em direção à morte,
Assim o homem segue em sua vida."

B) No presente, vemos a incerteza da hora da morte.

A morte tem três causas:

- 1) A duração da vida não é fixa,
- 2) O corpo não tem nenhuma consistência e
- 3) As causas que resultam na morte são abundantes.

* * *

1) Enquanto a vida tem uma duração fixa para os seres humanos dos outros continentes, **a duração da vida é incerta** em nosso continente Jambudvipa.

"Aqui, ela não é fixa: no final será de dez anos,
Enquanto que no início ela era incalculável."

Explica o *Abhidharma*:

Os *Capítulos ditos intencionalmente* descrevem esta incerteza:

"Alguns morrem no ventre de sua mãe,
Outros morrem ao nascer,
Alguns, quando sabem apenas engatinhar,
E outros quando podem correr,
Alguns, jovens; outros, velhos,
E alguns ainda na força da idade,
Mas pouco a pouco todos desaparecem."

2) **"O corpo não tem nenhuma consistência"**: unicamente composto de trinta e seis matérias imundas, ele não possui nada de consistente, de firme e sólido, como explica a *Marcha em direção ao Despertar*:

"Desprendo, primeiramente,
Mentalmente, a pele.
Depois, com a espada do conhecimento,
Separo a carne dos ossos,
Abro em seguida os ossos,
Investigo sua medula,
E pergunto-me então:
Existe algo de consistente?"

3) **Os fatores da morte, digamos, são numerosos**. De fato, não há nada que não possa se transformar em causa de morte para si mesmo ou para os outros, como podemos ler na *Carta a um amigo*:

"Nesta vida varrida pelo vento de mil maus
E mais precária ainda que uma bolha sobre a água,
É milagroso, após ter dormido,
Inspirando, expirando, despertar-se disposto."

C) Não há nada que sirva no momento da morte:

- 1) Nem o alimento,
- 2) Nem as riquezas,
- 3) Nem a família, nem os amigos, nem mesmo o corpo.

* * *

1) Nem o alimento nem as riquezas,

Diz a *Marcha em direção ao Despertar*:

"Tendo adquirido inúmeros bens
E saboreado muitas delícias,
Como um homem saqueado pelos ladrões,
Nu e de mãos vazias, eu partirei."

As riquezas são não apenas inúteis no momento da morte, mas são prejudiciais durante esta vida e nas vidas seguintes. Durante nossa vida, elas nos fazem sofrer, pois devemos lutar por elas, protegê-las contra os ladrões, e tornamo-nos seus escravos. E nas vidas seguintes, a plena maturação dos atos aos quais elas nos obrigaram, irão nos lançar nos mundos inferiores.

2) Os amigos e a família também quase não são úteis neste momento.

A *Marcha em direção ao Despertar* diz, com efeito:

"Quando chega a hora da morte,
Nenhuma criança te protege;
Nenhum pai, nenhuma família,
Podem oferecer-te refúgio."

Não somente nossos parentes não nos ajudam no momento da morte, mas também nos prejudicam nesta vida e nas seguintes. Nesta vida, o temor de que morram, que fiquem doentes ou fracassem atormenta-nos. Nas vidas seguintes, a plena maturação dos atos que realizamos por eles lançar-nos-á em mundos inferiores.

3) Quanto ao corpo, ele não vale nada. Nem por suas qualidades, nem por si mesmo, ele não nos servirá no último momento. No que se refere às suas qualidades, compreendemos que, mesmo fortes e corajosos, não poderemos afastar a morte; mesmo rápidos na corrida, não poderemos fugir dela; mesmo sábios e bem falantes não poderemos escapar dela com discursos brilhantes. A morte é semelhante ao sol que se põe atrás das montanhas: ninguém pode retê-la nem adiá-la. O corpo por si mesmo é inútil, como o lembra a *Marcha em direção ao Despertar*:

"Este corpo, que você conquistou com grande esforço.
Que você cobriu e nutriu de cuidados,
Os cães e as aves de rapina devorarão,
Ele será calcinado, e aprodrecherà na água.
Ou se esconderá em um buraco: ele não lhe seguirá."

Não somente o corpo é inútil no momento da morte, mas é fonte de problemas nesta vida e nas seguintes. Nesta vida, não suportamos ficar doente, sentir calor, frio, fome ou sede; tememos ser molestados, aprisionados, feridos, massacrados e tudo isso nos causa grandes sofrimentos. Em nossas vidas futuras, o karma que teremos criado por causa de nosso corpo mergulhar-nos-á nos mundos inferiores.

Eis as lições que podemos tirar da impermanência dos outros:

Cada vez que vemos alguém morrer, cada vez que ouvimos falar de um falecimento ou que pensamos nisso, meditemos sobre essa morte como se fosse a nossa.

Primeiramente, imaginemos que somos testemunhas da morte de alguém, de alguém próximo, por exemplo. Alguém forte, com a pele brilhante, que se sente bem e não pensa na morte, mas eis que uma doença mortal o atinge e que seu vigor o abandona. Ele não pode nem mesmo sentar-se, seu rosto perde todo brilho, suas faces estão lívidas, sente dores, e nada pode deter sua doença nem diminuir o seu sofrimento. Sua dor é insuportável e não se atenua.

Remédios e tratamentos não têm efeito; rituais e cerimônias não o ajudam mais. Ele sabe que vai morrer, que não há nada a fazer. Em torno dele comprime-se uma última vez o círculo de parentes e amigos. Ele toma sua última refeição, e diz suas últimas palavras. Tome consciência, então, que você é igual a esta pessoa, da mesma natureza, que possui as mesmas características e que obedece às mesmas leis.

Quando o moribundo tiver dado seu último suspiro, pouco importa que tenha sido amado, que fosse insubstituível, ele não é mais digno de permanecer em sua casa um único dia. Amarram-no sobre uma padiola, escoram-no firmemente e o levam. Então, alguns de seus parentes e amigos abraçam o cadáver e se agarram a ele, alguns se desmancham em lágrimas com a face contra a terra, alguns desmaiam, enquanto outros aconselham: "Você perdeu a razão, isto é apenas terra e pedras!" Tomemos consciência que o cadáver atravessou a porta e não voltará mais, em nenhuma circunstância, e reflitamos como no parágrafo anterior.

Procedamos da mesma maneira imaginando que, uma vez que o corpo tenha sido colocado no jazigo, nós o veremos roído pelos vermes, devorado pelos cães e o chacais, os ossos espalhados.

Que os mesmos pensamentos sobrevenham-nos cada vez que ouvirmos falar da morte dos outros, quando soubermos que alguém morreu ou que há um morto em algum lugar.

Pensando na morte de alguém, lembremo-nos de todos aqueles, jovens ou velhos, de nossa região, de nossa cidade ou de nossa casa, com quem vivemos e que no momento não estão mais entre nós. Procedemos novamente como já mencionamos, lembrando-nos que, por pouco, poderíamos ter a mesma sorte.

Podemos ler em um Sutra:

"Considerando que nunca saberemos,
O que virá primeiro,
O próximo dia ou o mundo seguinte,
Melhor é consagrar-se à próxima vida
Do que fazer planos para amanhã."

III Os benefícios da meditação sobre a impermanência

A compreensão de que todos os compostos são efêmeros anula nosso desejo incontrolado por esta vida, reaviva nossa fé, sustenta nossa coragem, livra-nos rapidamente do apego e da raiva, ajuda-nos a realizar a igualdade de todas as coisas.

Meditação Sobre a Impermanência

I A impermanência do Universo

II A impermanência do conteúdo: os seres

III A impermanência dos seres sublimes

IV A impermanência dos reis dos seres

V A impermanência ilustrada por múltiplos exemplos

_As estações do ano

_Os ricos e poderosos

_Os quatro sinais da impermanência

1) O que nasce deve morrer

2) O acumulado será dispersado

3) O que foi unido será separado

4) O que foi construído deverá ser demolido

VI A incerteza das circunstâncias da morte

VII Meditação orientada sobre a impermanência

_Meditar sobre a morte

_O único, portanto, útil: O Dharma

_Benefícios:

_Dá coragem

_Conduz ao Dharma

_Conduz à realização

Patrul Rinpotche
As Palavras de meu Perfeito Mestre

A impermanência da vida

"Vendo no triplo mundo uma magia efêmera,
Rejeitasteis as obras profanas como um escarro
E, com valentia, seguistes os passos dos anciãos.
Ó Mestre incomparável, a vossos pés me prosterno!"

A forma de escutar será a mesma para o capítulo precedente.

O assunto compreende sete meditações sobre a impermanência: considerar-se-á, sucessivamente,

- I O Universo exterior, que é o receptáculo**
- II Seu conteúdo, que são os seres em geral**
- III Os seres sublimes**
- IV Os reis dos seres**
- V Múltiplos exemplos ilustradores da impermanência**
- VI A incerteza relativa às circunstâncias da morte**
- VII Refletir-se-á, enfim, sobre a impermanência com uma grande determinação.**

* * *

I A impermanência do Universo, o receptáculo exterior

O Universo, esse receptáculo fabricado pelo karma comum dos seres, esse recinto sólido que contém os quatro continentes, o Monte Supremo, os lugares celestes, e que dura todo um kalpa é, contudo, impermanente: não escapará da destruição final por sete fogos e água.

A destruição pelo fogo

Quando neste grande kalpa o momento da destruição tenha chegado, os seres que povoam o Universo desaparecerão progressivamente até aqueles que, sob os deuses da Segunda Concentração, não reste mais um único! Em seguida sete sois se levantarão girando no céu.

O primeiro queimará todas as árvores frutíferas das florestas. Com a chegada do segundo, todos os pequenos rios e todos os tanques serão secados; com o terceiro, serão todos os grandes rios; com o quarto, todos os grandes lagos, mesmo o Manasarovar; com o quinto sol, serão os oceanos exteriores que se evaporarão até uma profundidade de cem milhas, depois, pouco a pouco, duzentas, setecentas, mil, dez mil, e, enfim, oitenta mil milhas, até que não reste sequer o suficiente para encher a marca de um casco. Quando os seis sóis brilharem, a Terra inteira e suas montanhas nevadas serão queimadas; com o sétimo, será o Monte Supremo, os quatro continentes,

os oito subcontinentes, as sete montanhas de ouro e o círculo de montanhas de ferro. E tudo isto se fundirá em uma única chama.

Voltando-se para a base, o fogo abarcará todas as regiões infernais. Elevando-se, consumirá até o palácio celeste de Brahma, já vazio, e então os jovens deuses da Clara Luz gritarão amedrontados: "Que imenso braseiro!", os deuses idosos responderão para lhes sossegar: "Não chorem! Quando tiver atingido o Mundo de Brahma, ele se deterá, como já aconteceu..."

A destruição pela água

Após esta destruição pelo fogo em sete graus, formar-se-ão nuvens de chuva junto aos deuses da Segunda Concentração e choverá até a altura de uma canga, depois de um "arado", e tudo, a partir dos deuses da Clara Luz, se dissolverá como o sal na água.

A destruição pelo vento

Uma vez que a sétima destruição pela água tenha acontecido, um sopro em forma de vajra cruzada se elevará da base do Universo e destruirá tudo que se encontra sob os dez deuses da Quarta Concentração, como o vento espalha a poeira.

É assim que serão aniquilados os inumeráveis sistemas cósmicos que comportam seu Monte Supremo, seus quatro continentes, seus lugares celestes e formam os milhões de mundos de um Universo, e todos estes se fundirão, finalmente, num só espaço.

Face a um tal nada, perguntamos sinceramente como seria possível que fôssemos permanentes e sólidos, com nossos corpos humanos semelhantes aos dos insetos de um fim de estação!

II A impermanência dos seres *(que habitam o Universo)*

Não existe um único ser, desde o cume do Universo até a sede dos infernos, que possa escapar à morte!

Eis o que diz a *Carta de Consolação*:

"Já encontrei, sobre a terra ou nos céus,
Seres que tenham nascido, mas que não morram?
Escutaste falar disto? Tu mesmo tens dúvidas?"

Uma vez que tudo que nasce é destinado à morte, não se pergunta sequer se alguém vai morrer ou não, a mais forte razão é que não se vê pessoa alguma que "nasceu e não morreu", nem também se ouviu falar disso.

Além do mais, porque nascemos num fim de tempos sobre o Continente de Jambu – um lugar onde a duração da vida é incerta – a morte virá muito depressa. Apenas nascemos e nossa vida já se encurta. O demônio Senhor da Morte se aproxima inexoravelmente, sem parar um segundo, como a sombra das montanhas no crepúsculo, deixando-nos na incerteza do momento e do lugar de nosso falecimento.

Morreremos amanhã? Esta noite? Podemos morrer mesmo neste instante, entre dois movimentos de nossa respiração...

Diz-se nos *Capítulos ditos intencionalmente*:

"Quem sabe se amanhã mesmo
Vós não ireis morrer...
Desde então preparai - vos;
Vós não tendes amizade
Com o grande exercito
Do Senhor da Morte."

E Nagarjuna disse também:

" Se esta vida, sobre a qual bate o vento de mil males,
É mais precária ainda que uma bolha sobre a água,
É milagroso, depois de ter dormido,
Inspirando e expirando, levantar-se disposto!"

Uma vez que a morte pode surgir entre uma expiração e uma inspiração tranqüilas enquanto se dorme com deleite, é milagroso não morrer durante o sono e se levantar sentindo-se bem. Mas os homens acham tudo muito natural!

Pensamos que será necessário, é certo, morrer um dia, mas, como não estamos convencidos da incerteza do momento da morte, pensamo-nos permanentes, e esperanças e temores ligados a nossos projetos nos distraem frequentemente.

As qualidades do corpo não nos acompanham

Ou, uma vez que lutamos apaixonadamente pelo bem estar, a felicidade e o renome nesta vida, subitamente o demônio, Mestre da Morte, nos agarra com seu laço negro ... Arre! Tudo é inútil quando nos encontramos ante aquele que morde os lábios e mostra os dentes: nem um exército de bravos, nem a força do poderoso, nem os bens do rico, nem o discurso do sábio, nem o corpo da bela, nem o corredor veloz... Poderemos adoececer num cofre metálico sem falhas, rodeado de centenas de milhares de bravos armados com armas de aço e apontando suas armas e suas flechas, ainda assim não encontraremos meio algum de salvar ou de dissimular nem uma ponta de cabelo... O Mestre da Morte, o Senhor dos Defuntos, passará sua corda negra em volta de nosso pescoço. A face azulada e os olhos brancos de lágrimas, ele segurará a cabeça e, agitando os membros sobre nossa cama, não poderemos senão deixar-nos arrastar sobre o grande caminho da via seguinte.

Nada pode deter a morte

O bravo não poderá lançar suas tropas, o poderoso não poderá dar a ordem. Impossível de seduzir com riquezas, menos ainda de fugir ou se esconder; refúgio algum o protegerá, ninguém para nos proteger, nada de Meios nem de compaixão. Quando o tempo de nossa vida estiver esgotado, o rei dos médicos virá em pessoa e não poderá adiar nossa morte.

Em conclusão: pratique o Dharma

Desde hoje, pois, não nos deixemos tomar pela preguiça nem pela moratória, meditemos sinceramente acerca da impermanência pensando sobre a necessidade de praticar o Dharma autêntico, a única coisa realmente útil no momento da morte.

III A impermanência dos seres sublimes

No Bom Kalpa atual, Vipashyn, Shikhin e cinco outros Budas já vieram com sua *entourage* de Auditores e de Arhats em número inconcebível e se abriram para o bem dos inumeráveis seres que deverão socorrer, graças aos ensinamentos dos Três Veículos. Mas não se encontra hoje senão o que resta da doutrina do Vencedor Shakyamuni: todos os Budas passaram ao nirvana e seus ensinamentos, o Dharma, desapareceram progressivamente.

Os numerosos grandes Auditores da atual doutrina, cada um rodeado de quinhentos Arhats, também passaram, um a um, para além do sofrimento, numa esfera onde não sobra mais nada dos agregados.

Outros ainda vieram: os Quinhentos Arhats que compilaram as palavras do Buda na Índia, os Seis Ornamentos e os Dois Supremos, os Oitenta Siddhas e outros homens que moldaram as virtudes do Caminho e dos quais a clarividência e os poderes miraculosos eram ilimitados. Não resta deles hoje em dia senão as histórias que se contam.

É o mesmo aqui no Tibet, o País das Neves. Na época, quando o Segundo Buda veio de Oddiyana, fez girar a Roda do Dharma, que amadurece e libera, apareceram os Vinte e Cinco Discípulos, “O Rei e os Súditos” – assim como os Vinte e Quatro Siddhas de Yerpa. Mais tarde, foram So, Zur e Nup da Tradição Antiga, Marpa, Mila e Dhakpo da Nova Tradição, e inumeráveis outros Mestres sábios e perfeitos. A maior parte eram siddhas: eles dominaram os quatro elementos, podiam materializar o invisível e fazer desaparecer a matéria. Realizaram toda sorte de milagres. Eles não podiam ser nem queimados nem afogados, a terra não os destruía e eles não caíam nos precipícios: eram liberados dos males que os quatro elementos podem causar.

Um dia, em que Jetsun Mila observava o silêncio na gruta de Nyeshangkatia, no Nepal, chegaram numerosos caçadores. Eles lhe perguntaram se ele era homem ou fantasma e como ele não respondeu e permaneceu imóvel, o olhar fixo, eles começaram por lhe arremessar uma descarga de flechas envenenadas. Nenhuma o traspassou. Eles o jogaram no rio, depois no precipício, mas ele voltou e sentou-se lá mesmo onde estava antes. Eles amontoaram, em seguida, madeira sobre seu corpo e atearam fogo, mas não conseguiram fazê-lo queimar...

Numerosos foram os seres possuidores de tais poderes. Eles acabaram, entretanto, todos por se conformar com a impermanência, se bem que no presente não reste deles senão a história. Que dizer, então, de nós!

Conclusões

Por causa de um karma nefasto, impulsionados por vento das circunstâncias funestas, entramos em um padrão seguindo nossas más tendências. Somos aprisionados na materialidade dos quatro elementos e deixamos nossa mente depender de uma máquina imprópria. Ignorantes do momento, do lugar onde o espantalho que é o nosso corpo ilusório se desfará, meditemos o quanto é necessário, desde agora, nos exortar às práticas benéficas do corpo, da palavra e da mente!

IV A impermanência dos reis dos seres

Mesmo os deuses e os rishis que podem viver durante um kalpa e cujo esplendor é perfeito não podem se subtrair à morte. Os reis dos seres como Brahma, Indra, Vishnu, Ishvara e outros grandes deuses que vivem durante um kalpa, seus corpos medem até uma ou duas milhas, seu esplendor e seu poder fazem empalidecer o sol e a lua, mas eles não podem escapar à parada mortal.

Isto é o que diz o *Tesouro de Qualidades*:

"Mesmo Brahma, Indra, Maheshvara e os soberanos universais

Não sabem como escapar ao Demônio da morte.

Mesmo os rishis divinos ou humanos, dotados dos cinco tipos de clarividência e do poder milagroso de voar nos céus, não podem, no fim das contas, escapar da morte."

Lê-se na *Carta de Consolação*:

"Os grandes rishis dotados do quádruplo dom visionário

Até os confins do céu podem muito bem voar.

Num país sem morte, eles não poderão ir."

Cá em baixo, entre os homens, encontram-se também soberanos universais que foram ao apogeu da força e da riqueza. Na Índia, a partir de Mahasammata, sucederam um número inconcebível de soberanos que regeram sobre o Continente de Jambu. Houve também os três Palácios, os trinta e sete Chandras e uma multidão de reis poderosos e ricos em todas as partes no país...

O mesmo no Tibet. Começando pelo rei Nyathrl Tsenpo, que emanou de uma linhagem divina. Houve os Sete Namlathri, os Seis Salaleg, os Oito Barlades, os Cinco Tsiflatsen, os Treze Kyipe Dungrap, os Cinco Shintu Kyipe Dungrap e outros soberanos. Sob a regência do rei dhármico Songtsen Gampo, um exército mágico submeteu todas as regiões que se estendem do Nepal à China.

O poder e a riqueza dos grandes reis é impermanente

O rei Thrisong Detsen colocou sob seu poder os dois terços do Continente de Jambu e sob Repalchen construiu-se um obelisco de ferro às margens do Ganges para marcar a fronteira entre a Índia e o Tibet... Diversos reinados, tais como os da Índia, da China, do Gesar, do Iran tornaram-se vassalos do Tibet e, durante as festividades do Ano Novo, os embaixadores desses países dominados deviam passar um dia em Lhasa. Tal era o poder do Tibet. Hoje não existe senão narrativas desses fatos.

Comparadas à grandeza do passado, nossas casas, nossos bens, nossas jóias, nosso poder, breve, tudo isto que no presente nos estimamos, não tem mais importância que um ninho de abelhas. Como todas essas coisas poderiam permanecer estáveis?

V A impermanência ilustrada por vários exemplos

Impermanência dos kalpas

De maneira geral, crescimento e declínio dentro dos kalpas ilustram a impermanência. Há muito tempo, durante o primeiro kalpa, não havia, no céu, nem sol nem lua; todos os homens se iluminavam com sua própria luz tinham a sua própria luz. Eles se movimentavam milagrosamente no espaço, seus corpos mediam várias milhas e eles se alimentavam de néctar. Ainda que sua felicidade seja comparada

àquela dos deuses, ela declinou pouco a pouco sob o efeito das ações e de seus atos negativos e os homens tornaram-se o que são atualmente.

À medida que suas emoções sejam ainda grosseiras, sua longevidade e seu mérito decrescem continuamente, até que eles não vivam mais de dez anos.

A maioria dos seres que vivem no Continente de Jambu desaparecerá quando chegar o tempo das doenças, da guerra, da fome. Quando uma manifestação do Buda Maitreya houver ensinado aos sobreviventes o abandono do homicídio, sua altura atingirá a altura de cinquenta centímetros e sua vida, que durará vinte anos, aumentará pouco a pouco, até atingir oitenta mil anos, e então o protetor Maitreya surgirá, se tornará Buda e fará girar a Roda do Dharma.

Quando dezoito ciclos de crescimento e declínio houverem terminado, os homens viverão um número incalculável de anos, e então o Buda Aspiratione Infinita virá. Ele permanecerá tanto tempo quanto as vidas de mil Budas do Bom Kalpa e suas ações para o bem dos seres equivalerão às somas dos demais. Finalmente, nosso kalpa conhecerá também a última destruição. Vemos, ao examinar todas essas variações, que os kalpas também não escapam à impermanência.

As estações

A impermanência encontra-se também na mudança das estações. No verão, todos os prados são verdes, cada chuva que cai é como néctar e todos os seres gozam de bem estar e de maravilhosa felicidade. Crescem nuvens de todas as cores e acredita-se estar junto aos deuses. Com o outono, chega o vento polar, o verde muda de tonalidade, os frutos, as flores se ressecam pouco a pouco. No inverno, toda a terra fica dura como rocha, todas as águas ficam geladas e o vento glacial sopra em todas as partes. Poder-se-ia passar vários dias a cavalo, sem encontrar uma só destas flores que crescem no verão.

Assim, o outono segue ao verão, o inverno segue ao outono e a primavera, ao inverno; as estações seguem-se sem nunca se assemelhar e são efêmeras. Medindo todos os instantes que se sucedem, ontem e hoje, manhã e noite, este ano e o próximo ano... percebe-se que nada é estável.

Todos aqueles que conhecemos

Olhemos, em particular, nas regiões, vilas ou monastérios, como quanto nada escapa à impermanência. Certos homens que, em tempos passados, eram ricos e prósperos encontram-se agora desprovidos; outros que eram pobres e fracos são agora poderosos e prósperos.

Em cada uma de nossas famílias, pais, avós, bisavós de gerações precedentes foram extintos um após outro. Só restam seus nomes. Um número de nossos irmãos e irmãs também morre e nós não mais sabemos onde eles se encontram.

Vários que no ano passado eram poderosos, ricos e influentes, que eram como os ornamentos de uma região, não são hoje nada além que nomes. E aqueles que agora são poderosos, ricos e da elite, suscitando o desejo das pessoas ordinárias, ninguém sabe se eles o serão no próximo ano, em um mês ou no instante seguinte. Entre os animais domésticos, carneiros, cabras, cães, quantos estão mortos? Quantos restam? Observando o que, enfim, eles se tornam, constata-se que eles também não escapam à impermanência.

Não há uma só pessoa que, estando viva há cem anos, não esteja morta agora, e todos aqueles, que vivem no presente no Continente de Jambu, desaparecerão.

Os 4 sinais da impermanência

Portanto, não há absolutamente nada animado ou inanimado que seja estável ou permanente:

- 1) Tudo o que nasce é impermanente e morre;
- 2) Tudo o que se acumula é impermanente e se dispersa;
- 3) Todo o que foi reunido é impermanente e se separa;
- 4) Tudo o que se constrói é impermanente e desaba; tudo o que foi montado é impermanente e cai...

É assim que tudo, inimigos e próximos, prazer e sofrimento, bem e mal, pensamentos, tudo é efêmero.

* * *

1) Tudo o que nasce deve morrer

Tão alto quanto o céu, tão poderoso quanto o brilho, tão rico quanto um nâga, tão belo quanto um deus, tão arrebatador quanto um arco-íris; quem ou o que quer que saibamos, quando a morte subitamente nos surpreende, não temos um só segundo de liberdade e nos encontramos nus; os braços cruzados e as mãos vazias incapazes de nos separar de nossas riquezas, nossos amigos, nossos íntimos, nossa *entourage*, nossos discípulos, nossos distritos, nossas regiões vassaladas, o de comer e o de beber e todas as comodidades. Nós, assim, sós e abandonados, parecemos um pêlo que se tira da manteiga.

Ainda que se fosse um lama à frente de milhares de monges, não se poderia conduzir nenhum consigo; caso se fosse governante de milhares de distritos, não se poderia levar o menor serviçal; ainda que se possuísse todas as riquezas da terra, não se poderia levar uma agulha ou fio...

É necessário abandonar nosso corpo querido, este corpo que, em nosso viver, esteve talvez vestido de sedas e brocados, a boca cheia de cerveja ou de chá, grande e belo como o corpo de um deus, mas que no presente é aquilo que denominamos cadáver: assustador, sombrio e pesado.

“Este assustador objeto que denominamos cadáver
Está desde já presente neste corpo que é nosso...”

disse Jetsun Mila.

Prendem-nos com uma corda, escondem-nos atrás de uma cortina, calçam-nos com terra e pedras e emborcam nossa tigela no travesseiro. Tão caro e precioso quanto possamos ter sido, não somos, agora, nada além do que causa de náusea.

Agora, com uma pilha de suaves peles no lugar do travesseiro, logo que dormimos alguns instantes, não nos sentimos à vontade e devemos nos virar à direita e à esquerda. Mas depois da morte, teremos a face colocada sobre uma pedra ou um tufo de ervas, o mesmo se repetiria, caso nossa cabeça se encontrasse num caminho de terra...

Está entre nós quem, chefe de família ou de grupo talvez diga: “Sem mim, todos estes seres deixados por conta própria morreriam simplesmente de fome ou frio, os inimigos lhes matariam, ou ainda eles seriam levados por uma inundação. Todos os bens, toda a felicidade ou conforto que eles possuem, é unicamente a mim que eles devem”.

De fato, quando estivermos mortos, entre estas pessoas, não há ninguém que não se sentirá aliviado quando tiver conseguido se desvencilhar de nosso cadáver, queimando-o, jogando-o na água ou abandonando-o numa vala comum.

No momento da morte, ser-nos-á necessário errar sem companhia no bardo e então nosso único refúgio será o Dharma. É por isto que, desde já, lembremo-nos sempre da necessidade de fazer ao menos uma mínima prática do Dharma.

2) Tudo o que se acumula é chamado a se dispersar

Poderia acontecer que um certo rei que tivesse poder sobre todo o Continente de Jambu acabasse como um mendigo. Muitas pessoas começam suas vidas cheias de riqueza e acabam morrendo de fome depois de ter perdido tudo. Aquele que, ano passado, tinha alguns animais, se tornou um mendigo este ano por causa das epidemias ou porque nevou muito. Aquele que ontem era poderoso e rico, hoje se dedica à mendicância, depois que um inimigo destruiu seus bens.

Se estes múltiplos exemplos tornam-se para nós tantos ensinamentos concretos, compreendamos que nos é impossível guardar eternamente nossos bens e nossas riquezas. Pensemos, portanto, sem cessar em fazer “provisões de generosidade”.

3) Tudo o que é unido, não permanece assim e se separa

Somos como estas pessoas de diversas regiões que se reúnem aos milhares ou dezenas de milhares cada vez que há um grande comércio ou um grande encontro religioso e todos terminam deixando-se para retornar às suas casas. Mestres e discípulos, patrões e serviçais, benfeitores e protegidos, amigos espirituais, irmãos e irmãs, esposos, mesmo que no presente vivamos juntos no amor, todos deveremos nos separar, é inevitável. Vindo a morte ou circunstâncias violentas, não temos mais a certeza de não nos deixarmos no mesmo instante...

Uma vez que amigos espirituais, esposos e todos aqueles que estão unidos por outros laços serão separados pelo imprevisto, um do outro, evitemos a cólera, as conversas fúteis, as críticas e os golpes. Como não temos a certeza de ter companhia por longo tempo, pensemos que este instante, sendo breve, é com amor que é necessário viver junto e cuidarmos uns dos outros.

Escutemos Padampa Sangye:

“Efêmeros são os esposos, como os clientes de uma feira.

Portanto, não se batam, nem se insultem, pessoas de Tingri!”

4) Tudo o que foi construído, se desmorona

As cidades e os mosteiros desertos, que tempos atrás encontravam-se em expansão, prósperos e bem conservados, servem atualmente de ninho de pássaros. Mesmo Samyeling de três níveis, que foi edificado milagrosamente no reinado de Thrisong Detsen e consagrado pelo segundo Buda vindo de Oddiyana, foi destruído pelo fogo em um dia. Por ocasião do reinado de Songtsen Gampo, o Palácio da Montanha Vermelha rivalizava com o de Indra, mas atualmente não resta nem mesmo a pedra da fundação... Então, para quê conservamos bem e de forma tão cara nossas cidades, nossas casas e nossos mosteiros que se assemelham a ninho de insetos!

Pensemos, antes, do fundo de nossos corações, em aplicar até o fim as “quatro metas” dos Kadampas, como faziam os Kagyupas de outrora que deixavam o país de seus pais e adotavam aquele de outros, viviam aos pés de um rochedo; tinham por companheiros os animais selvagens e não se inquietavam por alimentos, roupas ou renome.

“Oriente profundamente vossa mente para o Dharma.
O Dharma para o desapego.
O desapego para a morte.
E a morte, para uma gruta deserta.”

A elite e os exércitos heróicos não duram

Mândhala, o imperador universal, fazia girar a “roda de ouro” que fornecia o poder sobre os quatro continentes; ele reinava sobre as regiões divinas dos Trinta e Três Deuses, partilhava o trono de Indra, o rei dos deuses, podia esmagar os antideuses nos combates. Mas caiu finalmente sobre a Terra e morreu sem satisfazer seus desejos.

Podemos também constatar, por nós mesmos, que na *entourage* dos reis, dos lamas ou dos chefes, entre os altos funcionários e todos aqueles que detêm poder e influência, não há pessoa alguma que assim permaneça para sempre. Numerosos são os poderosos que fazem aplicar a lei num ano e os vemos na prisão no ano seguinte... Para quê o poder efêmero?

Tomemos, antes, a resolução de atingir a perfeita budeidade que ignora para sempre degenerescência e declínio e merece as oferendas dos seres ordinários e dos deuses!

As relações com amigo e inimigos são impermanentes

Inimigos e próximos são impermanentes. Um dia, o sublime Katyâna mendigava por alimento. Ele havia encontrado um pai de família que tinha uma criança sobre seus joelhos. Esse homem se regalava com um peixe e lançava pedras a uma cadela que mastigava as espinhas do peixe. Ora, com sua clarividência, o Mestre viu assim: o peixe havia sido pai do homem nesta vida, a cadela era a reencarnação de sua mãe e um inimigo que ele havia matado numa vida passada, havia renascido, por retorno do karma, como seu filho. E Katyâna clamou:

“Devora seu pai e fere sua mãe.

Tem nos joelhos, o inimigo que o matou.

Uma mulher mastiga os ossos de seu esposo...

Diante do samsara, tenho o desejo de me tomar de risos!”

Nesta vida temos inimigos mortais que, mais tarde, se tornam bons amigos, pais ou próximos, nossas relações mais íntimas. Ao contrário, vêem-se pessoas com laços familiares que se odeiam e fazem todo tipo de mal que podem um ao outro, pela menor bagatela, a mínima das posses. Vêem-se os esposos e os próximos que, pelos motivos mais insignificantes e fugazes, tornam-se inimigos e agridem-se. Uma vez que toda amizade e inimizade são efêmeras, devemos repetir sem cessar que é necessário exercitar o amor e a compaixão pelos outros.

O status social é impermanente

As situações felizes ou infelizes não duram. Muitos conhecem a felicidade e a opulência durante a primeira metade de suas vidas, mas passam a segunda na miséria e sofrimento. Muitos começam na carência e terminam felizes. Muitos são mendigos no início de suas vidas e reis no fim!

O tio de Jetsun Mila havia convidado sua nora e dera uma alegre festa. À noite, sua casa desabou e ele gritou de dor. Acontece-nos um número inconcebível de mal aventuras semelhantes.

As dificuldades que se suporta pelo Dharma e que foram acompanhadas de numerosos sofrimentos terminaram todas por trazer uma felicidade insuperável, assim que elas foram concluídas pelos vencedores do passado ou a Jetsun Mila...

Em desforra, as riquezas que se reúne fazendo o mal podem momentaneamente tornar-nos felizes, mas elas causam sempre, no final, sofrimentos intermináveis. Outrora, no reino de Apârantaka, houve uma chuva de grãos durante sete dias, depois uma chuva de roupas; por sete outros dias ainda choveram substâncias preciosas. Finalmente, todo o mundo encontrou a morte sob uma chuva de terra e renasceu nos mundos inferiores.

A felicidade e o sofrimento passam. Não nos prendamos a esperanças e medos; rejeitemos todo o bem estar, a felicidade e as riquezas deste mundo como um escarro. Meditemos com convicção sobre a necessidade de aceitar o sofrimento acarretado pelas provas e a coragem que se manifesta para praticar o Dharma e sigamos nisto, a exemplo dos Vencedores do passado.

“Deixar esperanças e medos e meditar com coragem.”

Aspirações, comportamentos, modos de vida, impermanentes, podem mudar, em mal, mas também em bem

Bem e mal são impermanentes. Reunir-se-ia neste baixo mundo a autoridade verbal, a eloquência, a erudição, o sucesso, a força e a inteligência e isso não teria como durar. Quando os méritos que nós acumulamos se esgotarem, todos os nossos pensamentos se tornarão negativos e nós não teremos sucesso em nada mais. Nós sofreremos, os outros nos denigrem e nos desprezam: é isto tudo o que advém de nós. Numerosos são aqueles que não têm mais a mínima qualidade, o pouco que eles possuíam, se esgotou.

Muitos outros que se diziam sem talento ou bom senso, hipócritas ou mentirosos, encontram-se na opulência. “Os velhos escroques tomam o primeiro lugar” – diz o provérbio. E confiamos neles, considerando-os bons e dizendo que fazem uso da reflexão.

Neste quadro do Dharma, fala-se do sábio realizado que se fez aluno; do homem desapegado do mundo que se dispõe a acumular bens ou ainda do instrutor religioso que se torna pai de família, quando eles atingem a velhice. Muitos homens que, no início de suas vidas, renunciaram a todas as atividades deste mundo, acumulam cuidadosamente riquezas no final.

Inúmeros outros, que no início de suas vidas ensinaram o Dharma, tornam-se, no final, caçadores, ladrões e bandidos. Numerosos outros ainda, que foram abades de um monastério e observaram as regras de disciplina monástica, tornam-se pais de família numerosa em seus dias de velhice.

Outros igualmente numerosos que começam fazendo somente o mal e que no final, praticam somente o divino Dharma, atingem a realização ou engajam-se na vida boa no momento da morte e em seguida não cessam de progredir.

Logo, nossos pensamentos presentes, bons ou maus, são desprovidos, mesmo um só instante, de permanência e de estabilidade. Apesar disso, se as pessoas comuns nos tomam por qualquer um de bem, se os serviçais se põem a servir-nos, nós nos omitimos de examinar nossa mente com atenção suficiente.

Nossa lassidão samsárica e nosso desejo de nos liberarmos são intermitentes e superficiais, nossa prática do Dharma não é senão enganadora, mas somos orgulhosos de nossa importância, nos ensorbecemos de orgulho. Ficamos excitados por nossa

própria aparência, satisfeitos com todos os nossos atos. Essa é a armadilha manifesta dos demônios. Vamos banir a crença no eu, façamos emergir a Sabedoria do não-eu.

Uma vez que, bons ou maus, todos os pensamentos são efêmeros até que tenhamos atingido o primeiro grau de Bodhisattva, meditemos sem cessar sobre a morte e a impermanência. Analisemos nossos próprios defeitos, fiquemos sempre humildes, cultivemos o desgosto pelo samsara e a determinação de nos libertarmos dela. Treinemo-nos em ser apaziguadores, disciplinados e atentos. Aprendamos a ser constantemente afligidos e cansados, pelo pensamento da impermanência, dos compostos e dos sofrimentos do samsara.

Façamos destas palavras de Jetsun Mila uma experiência viva:

“Na minha gruta, neste país sem ninguém
Estou triste e minha pena é sem fim...
Ó Mestre, budeidade de sempre,
Minha devoção por vós, não me tireis jamais...”

Senão, nossos pensamentos passageiros poderão tomar um caminho imprevisível. Era uma vez um homem a quem os próximos se tornaram os inimigos e que se engajou no Dharma. Ele se chamava Gelong Thangpa e praticava a meditação. Quando ele havia moldado sua energia e sua mente, ele foi capaz de voar pelos ares. Um dia em que os pombos chegaram em grande número para comer os alimentos das oferendas, veio-lhe à mente a idéia de que, se ele tivesse um exército semelhante, poderia aniquilar seus inimigos.

Ora, ele não conduziu esses maus pensamentos sobre a Visão e, quando mais tarde ele foi se estabelecer no país, tomou o comando de um exército!

Pensem assim: mesmo se a idéia do Dharma nos aflorou momentaneamente graças a um Mestre ou um amigo de bem, os pensamentos dos seres comuns são tão fugazes que nós devemos fazer do Dharma nosso guia de todos os dias e nossa prática deve durar toda a vida.

Estejamos convencidos, refletindo sobre esses exemplos, que do pináculo da existência até as regiões infernais, nada é sólido e permanente. Por natureza, tudo muda, tudo passa pelo crescimento e pelo declínio.

VI A incerteza das circunstâncias da morte

Para nós, homens do Continente de Jambu, a morte é uma certeza desde o momento de nosso nascimento. Entretanto, as circunstâncias que a induzem são imprevisíveis. Todo mundo ignora quando, onde, como e por que causa morrerá.

Neste mundo, se existem poucos fatores de vida, em compensação os fatores de morte abundam.

“Inumeráveis são os fatores da morte
E pouco numerosos são os fatores da vida
Os quais, além disso, tornam-se fatores de morte”,

disse Aryadeva.

Numerosas, pois, são as ocasiões de perder a vida: fogo, água, veneno, precipícios, bandidos, caças e tantos outros perigos. Ao contrário, os fatores da vida não são senão um punhado. Mesmo a alimentação, as vestimentas, todas as coisas que consideramos como favoráveis à manutenção da vida podem, por sua vez, causar a

perda. Acontece frequentemente de os alimentos, que se esperaria serem úteis ao corpo, entranhem a morte, seja porque são tóxicos, seja porque são mal digeridos.

Mais particularmente, vivemos numa época em que a maioria das pessoas tem um grande desejo de alimentos carnosos e desfrutam a carne e o sangue sem moderação. Podem escapar das doenças que provocam os “espíritos vermelhos” malévolos e da carne avariada. Ainda mais, como alimentação e conduta más favorecem o desenvolvimento de cálculos, de fleumas, de edemas, não se contam mais as causas de morte.

Em busca de riquezas, de renome e outras glórias, parte-se para o combate ao inimigo, aproxima-se de bestas ferozes, atravessa-se imprudentemente os rios, envolve-se em inumeráveis situações que provocam a morte.

Ignoramos assim o momento do evento fatal provocado por essas diferentes circunstâncias. Há aqueles que morrem no ventre materno, outros morrem ao nascer, outros ainda morrem numa idade em que se arrastam pelo chão, outros na juventude, outros, enfim, quando são velhos e decrepitos.

Alguns morrem sem que se tenha tempo de se lhes dar remédios ou lhe trazer socorro, outros ficam doentes por anos sentados na poltrona, olhando os vivos com seus olhos de além túmulo, e morrem descarnados. Numerosos são aqueles que morrem por acidente, comendo, falando ou trabalhando; existem aqueles que se suicidam....

No meio dessas múltiplas causas de morte, a duração da vida é tão débil como a de uma vela colocada numa corrente de ar. A morte é iminente e acomete subitamente. Amanhã renascemos, talvez como um animal com seus cornos na cabeça ou com presas no canto da boca.

Estejamos, pois, convencidos de que o momento de nossa morte e o lugar de nosso renascimento são incertos.

VII Meditação orientada sobre a impermanência

Meditemos sobre a morte sempre e em todas as circunstâncias. Enquanto estivermos em pé, sentados ou deitados, pensemos que estamos realizando nossa última ação aqui em baixo e meditemos assim com convicção! Quando nos deslocamos, perguntemo-nos se morreremos lá em baixo, ou se estamos certos de voltar para onde nos encontramos. Se nos colocamos no caminho ou se paramos para repousar, perguntemo-nos se não será aqui que morreremos. Onde quer que estejamos, perguntemo-nos se não será o lugar de nossa morte.

À noite, quando nos deitarmos, perguntemo-nos se não vamos morrer durante a noite em nossa cama e se está bem evidente que nos levantaremos no dia de amanhã. Ao levantarmos no dia seguinte perguntemo-nos se morreremos durante o dia. Não há certeza de que voltaremos a nos deitar à noite. Meditemos sobre a morte ardentemente e do fundo do coração. Façamos como os geshes Kadampas de antigamente que, a cada instante, não sonham senão com a morte e, à noite, antes de dormir, não recuperam as brasas para seu fogo, pensando que não terão talvez mais necessidade delas amanhã. Eles também deixam suas tigelas viradas.

Meditar simplesmente sobre a morte entretanto não é suficiente. Uma vez que no momento da morte a única coisa útil é o Dharma, é necessário, sem jamais se

apartar da lembrança e da vigilância, exorbitar-se na sua prática de maneira autêntica, reconhecendo que as atividades do samsara não têm sentido algum.

Uma vez que a união da mente e do corpo é impermanente, não nos apropriemos disto que não é senão um empréstimo. Andando, como os caminhos são impermanentes, dirijamo-nos para o Dharma. “A mente não é perturbada”, precisa a Prajnâpâramita Abreviada, “quando se vigia o olhar pousado à distância de uma canga”. Como os lugares são impermanentes, pensamos, quando não nos movemos, que nos encontramos no campo puro de Buda. Como a bebida e os prazeres são impermanentes, alimentemo-nos de concentração profunda. Quando dormimos, nosso sono é impermanente; purifiquemos nossas ilusões enganosas na Clara Luz.

Quando somos ricos, nossas riquezas são impermanentes; tentemos ainda mais obter as sete riquezas supremas. Próximos, amigos e família são impermanentes; incitemo-nos à renúncia num lugar solitário. Posições altas e renome são impermanentes; permaneçamos sempre humildes. Nossas palavras são impermanentes; incitemo-nos a recitar mantras e orações. Fé e vontade de se liberar são impermanentes; esforcemo-nos para ter engajamentos firmes. Conceitos e pensamentos são impermanentes; aprendamos a ter uma boa natureza.

Experiências e realizações são impermanentes; estendâmo-las até o esgotamento dos fenômenos no real. É então que o nascimento e a morte não estão mais correlacionados e que se possui uma certeza alegre da idéia de morrer: tem-se a fortaleza da imortalidade e se é parecido com os abutres que cobrem as alturas do céu. Não há mais necessidade, de hoje em diante, de meditar com tristeza sobre o fato de que se morrerá.

Pode-se cantar com Jetsun Mila:

“Amedrontado pela morte, fui às montanhas.

Por força de meditar sobre a hora incerta,

Agarrei-me ao baluarte imortal do Imutável.

No presente, meu medo da morte foi bem ultrapassado!”

E o inigualável Dhakpo Rimpoche nos ensina isto:

“Na partida, é preciso ser perseguido pelo medo do nascimento e da morte como um cervo que escapou de uma armadilha; a meio caminho é preciso nada ter a arrepender-se, mesmo que se morra, como o aldeão que trabalhou o campo com desvelo; no final é preciso ser feliz como alguém que terminou uma grande empreitada.”

“Inicialmente é preciso saber que não há tempo a perder, como caso se houvesse sido tocado por uma flecha em uma parte vital, em seguida é preciso meditar sem pestanejar sobre a morte, como uma mãe que perdeu seu único filho; é preciso saber que não há nada a fazer, como um pastor, cujo rebanho foi arrebatado pelo inimigo.

O Baghavân explica:

“Meditar longamente sobre a impermanência é fazer oferendas a todos os Budas.

“Meditar longamente sobre a impermanência é ser confortado por todos os Budas.

“Meditar longamente sobre a impermanência é receber as instruções de todos os Budas.

“Meditar longamente sobre a impermanência é ser abençoado por todos os Budas.

“As marcas do elefante são as mais notáveis; da mesma forma, a impermanência é a idéia mais importante sobre a qual um budista pode meditar”.

No *Vinaya*, o Buda precisa:

“Vale mais por um único breve instante lembrar-se da impermanência dos compostos do que oferecer um banquete com todos os tipos de boas iguarias a cem de meus discípulos semelhantes a vasos perfeitos, tais como Shariputra e Maudgalyayana.”

A mais importante prática

Eis, de forma análoga, o que Geshe Potowa respondeu a um discípulo leigo que lhe perguntou qual seria a prática mais importante do Dharma, caso se quizesse fazer apenas uma:

“Supondo-se que não se faça senão uma prática, é necessário escolher a meditação sobre a impermanência:

"A meditação sobre a morte e a impermanência, inicialmente, nos faz entrar no Dharma; em seguida, nos empurra para a prática do bem; enfim, ela nos ajuda a realizar a igualdade de todas as coisas.

“E ainda: a meditação sobre a impermanência, inicialmente, nos faz cortar os laços que nos amarram a esta vida; em seguida, ela nos incita a nos despregar do samsara em todos os seus aspectos; enfim, ela nos ajuda a tomar o caminho do nirvana.

"E ainda: a meditação sobre a impermanência, inicialmente, nos faz ter fé; em seguida, nos empurra a empregar nossa coragem; enfim, ela nos ajuda a engendrar o Conhecimento.

"E ainda: a meditação sobre a impermanência, até a convicção, inicialmente, nos faz buscar o Dharma; em seguida, nos impulsiona a praticar; enfim, ela nos ajuda a alcançar o objetivo.

"E ainda: a meditação sobre a impermanência, até a convicção, inicialmente, suscita em nós coragem 'semelhante a uma armadura'; em seguida, nos impulsiona para a coragem em ação; enfim, ela nos ajuda na Prática da coragem irreversível.”

Padampa Sangye diz também:

“A convicção de nossa impermanência inicialmente nos faz entrar no Dharma; em seguida, ela é o açoite da coragem; ela nos faz, enfim, realizar o Corpo Absoluto luminoso”.

Ajuda-nos a não nos tornarmos um praticante débil

Eis porque, caso não se esteja sinceramente convencido da impermanência, por mais que se receba os ensinamentos e os pratique, isto não servirá senão para produzir um praticante débil.

Escutemos ainda Padampa Sangye:

“Não vi um único praticante tibetano que pensasse em sua morte; portanto, não vi um único que permanecesse sempre no caminho! Quando penso no prazer que eles aceitam, em geral, ao acumular a fortuna após haver vestido o hábito amarelo, pergunto-me se eles querem pagar em víveres ou em riquezas o Mestre da Morte!

Tendo visto sua forma de amearhar toda sorte de coisas excelentes, pergunto-me se eles têm a intenção de distribuir luvas nos infernos! Há! Há! Quando vejo estes praticantes tibetanos tenho vontade de rir:

"Os mais instruídos são os mais orgulhosos!
Os bons meditantes amontoam víveres e riquezas!
Os solitários são os mais atarefados!
E aqueles que renunciam a seus países ignoram a humildade!
Ei-los, os praticantes débeis
Que se comprazem nos atos nocivos!"

Ainda que eles constatem a morte dos outros, não se dão conta de que eles próprios vão morrer; eis a minha primeira censura."

O prelúdio de todas as práticas

A meditação sobre a impermanência é, pois, o prelúdio para todas as práticas do Dharma! A qualquer um que lhe perguntasse como dissipar as circunstâncias adversas, Geshe Potowa respondia:

"Pense longamente na morte e na impermanência, e quando estiver seguro de dever morrer, não terá mais dificuldades para abandonar os atos nocivos, não terá mais dificuldade de praticar os atos benéficos. Após isto, medite longamente sobre o amor e a compaixão, e quando sua mente estiver impregnada deles, não será difícil agir para o bem dos seres. Depois disto, medite muito sobre o modo de ser de todas as coisas, a vacuidade, e quando estiver convencido, não terá mais problemas para dissipar as ilusões!"

Tendo se convencido, dessa forma, da impermanência, todas as atividades desta vida nos desgostarão profundamente, como um prato oleoso enfastia qualquer um que tenha náusea.

Meu honrado Mestre repetia frequentemente: "Quando vejo o que quer que seja de elevado, de poderoso, de rico ou de arrebatador neste mundo, não tenho por isso nenhum desejo, pois li a vida dos seres sublimes de antigamente para me impregnar um tanto, ainda que seja pouco, do pensamento da impermanência; não tenho instrução mais profunda a dar.

O arbusto

Até que ponto devemos nos impregnar da impermanência? É preciso ter a convicção de Geshe Krarak Gomchung: ele tinha ido meditar na solidão do Jomo Kharak, no Tsang. Diante da entrada da gruta, havia um arbusto espinhoso que lhe prendeu a vestimenta. Ele começou a se perguntar se seria necessário cortá-la, depois ele disse a si mesmo: "Depois de tudo, pode ser que eu morra no interior da gruta, não sei se sairei de lá; é mais importante que eu me ocupe com a minha prática". E deixou o arbusto. Como ele passou pela entrada novamente, o mesmo incidente se reproduziu e ele pensou que, desta vez, ele não sabia se ele retornaria ao interior... Assim, vários anos se passaram e ele tornou-se um Mestre realizado. Quando ele partiu, o arbusto continuava lá...

Meu Mestre contou também a história sobre o Vidyadhâra Jigme Lingpa: não havia caminhos para descer para o pequeno lago às margens do qual ele residia no outono, durante a passagem da estrela Rishi, o que tornava o acesso e a estada muito difíceis. Porém, quando lhe foi perguntado se seria necessário construir uma escada,

ele respondeu: “Por que tanto pesar, uma vez que vós não sabeis se vós dormireis aqui amanhã?” Assim ele falava da impermanência.

Por não termos uma tal atitude, nossa prática, preparada no cultivo da mente do despertar, deve consistir-se de modificar a nossa mente de diversas maneiras, até que nós estejamos realmente impregnados do pensamento da impermanência. Ela terminará com o selo da dedicatória. Esforcemo-nos, assim, por todos os meios, em caminhar sobre os rastros dos seres sublimes de outrora.

“A impermanência é fato, mas eu acredito que tudo dure;
Acredito ser ainda jovem, no limiar da velhice.
Abençoe-me junto de todos os meus semelhantes que se enganam,
Para que nós vejamos que nada dura!”



Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Parte IV

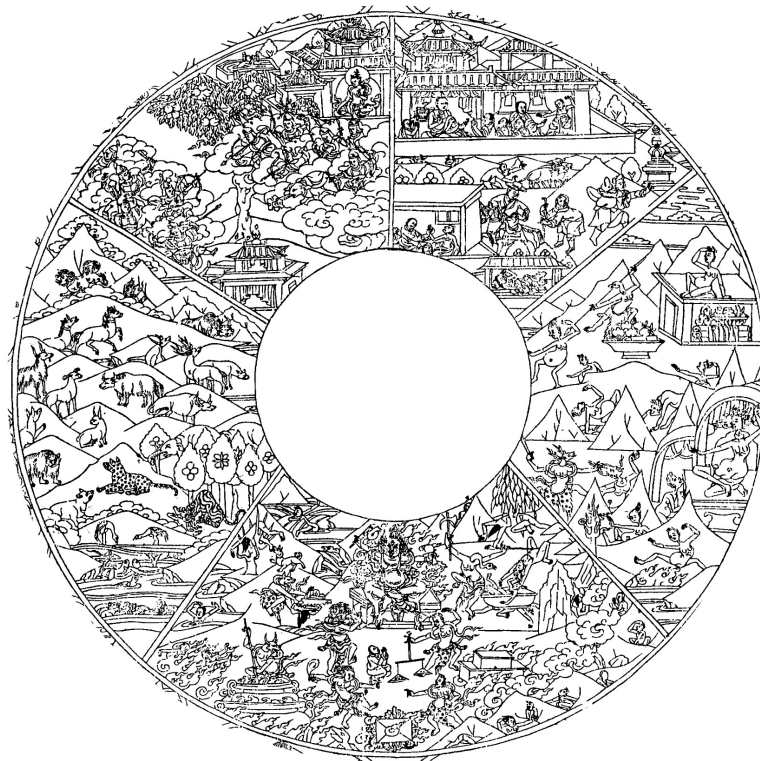
Capítulo 5

ཨ། འཛོལ་བའི་ཉེས་དམིགས་སྒྲོམ་པ་བཤད་སྟེ།

A Meditação

Sobre

Os sofrimentos do Samsara



Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Capítulo 5

Meditação sobre os sofrimentos do Samsara

Os três tipos de sofrimentos:

I O sofrimento em formação

II O sofrimento da mudança

III O acúmulo de sofrimentos

1] Natureza dos três tipos de sofrimento

2] Características desses sofrimentos

I] O sofrimento em formação

II] O sofrimento da mudança

III] O acúmulo de sofrimentos

A] Os sofrimentos dos mundos inferiores (apresentados em quatro pontos)

a) Como se subdividem.

b) Onde se encontram.

c) Quais são os sofrimentos.

d) Quanto tempo se vive lá.

1_ Os 18 infernos

a) Os 8 infernos ardentes:

1_ O inferno das ressurreições

2_ O inferno das linhas negras

3_ O inferno da reunião e do esmagamento

4_ O inferno dos prantos e urros

5_ O inferno dos grandes prantos e urros

6_ O inferno ardente

7_ O inferno extremamente ardente

8_ O inferno dos tormentos insuperáveis

b) Os infernos vizinhos

1_ O fosso de brasas

2_ O pântano imundo

3_ A estrada de lâminas de barbear

4_ O rio sem passagem a pé

c) Os 8 infernos frios

d) Os infernos efêmeros

2_ Os pretas

3_ Os animais

B] Os sofrimentos dos mundos superiores

1_ Os sofrimentos dos seres humanos

a) Os sofrimentos do nascimento

b) Os sofrimentos da velhice

c) Os sofrimentos da doença

d) Os sofrimentos de estar separado de quem se ama

e) O sofrimento de encontrar aqueles que não amamos

2_ Os sofrimentos dos semi-deuses

3_ Os sofrimentos dos deuses

Gampopa
O precioso ornamento da Liberação

Capítulo 5

Os sofrimentos do Samsara

“Que me importam a impermanência e a morte!”, diríamos, talvez. “Não nos prometeram renascer? Quando eu tiver renascido, terei o corpo e as riquezas perfeitas dos homens e dos deuses. Como isso não me seria suficiente?” Essa reflexão mostra que somos apegados à felicidade do futuro. Para remediar esse apego, eis como meditar sobre as dificuldades do samsara, as quais se referem a três tipos de sofrimento:

- I O sofrimento em formação**
- II O sofrimento da mudança**
- III O acúmulo dos sofrimentos**

Para dar uma imagem desses sofrimentos, diremos que o sofrimento em formação é comparável a um fruto verde; o sofrimento da mudança, a um prato de arroz misturado com veneno; o acúmulo dos sofrimentos, ao aparecimento de um abcesso em um tumor.

* * *

1] Natureza dos três sofrimentos

O sofrimento em formação é uma sensação neutra; o sofrimento da mudança, uma sensação de prazer; e o acúmulo dos sofrimentos, uma sensação de dor.

* * *

2] Características desses sofrimentos

I O sofrimento em formação

Esse sofrimento nos é apresentado a partir do momento em que tomamos posse de nosso corpo kármico. Os seres comuns não o sentem, do mesmo modo como quando estamos sob o domínio de uma dor violenta, não sentimos uma leve dor na orelha ou em qualquer outra parte. Contudo, aqueles que “entraram na corrente” e os outros seres sublimes percebem esse sofrimento como uma leve dor na orelha ou em outra parte, da qual voltamos a ter consciência quando a dor violenta desaparece.

Tomemos uma outra imagem. Um fio de cabelo sobre a palma da mão não provoca nem incômodo nem dor, mas não seria a mesma coisa se ele estivesse no olho. As pessoas comuns já abrigam o sofrimento em formação mas não o percebem como um sofrimento, enquanto que os seres sublimes (o olho) sentem-no intensamente.

Lemos no *Comentário do Abhidharma*:

"Se o fio de cabelo que está sobre a mão
Estivesse em meu olho,
Ele me incomodaria, eu sentiria dor.
Os seres pueris, assim como a mão,
Não compreendem o sofrimento em formação.
Os seres sublimes, como o olho,
Sentem o sofrimento."

II O sofrimento da mudança

No samsara, toda felicidade acaba em sofrimento: tal é o "sofrimento da mudança".

É dito no *Sutra do lótus da compaixão*:

"O reino dos deuses é fonte de sofrimento;
Também aquele dos seres humanos."

Mesmo sendo soberano universal do mundo dos homens, essa situação acabaria por se transformar em sofrimento, como constata a *Carta a um amigo*:

"Mesmo depois de ter sido rei universal,
Voltamos a ser servos do samsara."

Se chegarmos a ter o corpo e as riquezas de Indra, o rei dos deuses, acabaremos por morrer e cair novamente nos mundos inferiores:

"Mesmo tendo sido Indra, digno de adoração,
Novamente o karma nos faz cair sobre a terra."

Mas isto não é tudo. Mesmo se somos libertados do mundo do Desejo, para atingir a felicidade das absorções meditativas, a exemplo de Brahma, o soberano dos deuses, e de outros ainda, também acabamos por cair novamente.

"O próprio deus Brahma, depois de ter gozado
Da felicidade livre de apego,
Deve sofrer por sua vez as dores contínuas
De queimar como madeira no fogo do inferno."

III O acúmulo dos sofrimentos

Nos mundos superiores, como nos mundos inferiores, ao sofrimento ligado ao próprio fato de possuir um corpo kármico acrescentam-se vivos sofrimentos manifestos.

A] Os sofrimentos dos mundos inferiores

Os mundos inferiores são aqueles:

- 1_Dos infernos;
- 2_Dos *pretas*;
- 3_Dos animais.

* * *

Veremos:

- 1) Como se subdividem,
- 2) Onde se encontram,
- 3) Quais são os seus sofrimentos,
- 4) Quanto tempo se vive neles.

* * *

Os 18 infernos

Existem 18 infernos:

- a) Oito infernos ardentes,
- b) Oito infernos frios,
- c) O conjunto dos infernos efêmeros,
- d) O conjunto dos infernos vizinhos.

* * *

a) Os infernos ardentes

Esses infernos encontram-se abaixo de nosso continente de Jambudvîpa, pois numerosos são os seres de nossa dimensão que caem ali. Imediatamente abaixo se encontra o inferno dos Tormentos Intransponíveis, acima do qual alinham-se sucessivamente o inferno Extremamente Incandescente, o inferno Incandescente, o inferno dos Grandes Prantos e Urros, o inferno dos Prantos e Urros, o inferno da Reunião e do Esmagamento, o inferno da Linhas Negras e o inferno das Ressurreições.

O *Abhidharma* precisa:

"A vinte mil *yojanas* sob nosso mundo
Encontra-se o inferno dos Tormentos Intransponíveis,
Sobre o qual outros se alinham."

Quais são os sofrimentos que se experimenta nesses infernos? Aqueles evocados em cada um de seus nomes.

1) No inferno das Ressurreições, os seres são acorrentados uns aos outros, e são trespassados e feridos até a morte. Depois um vento frio eleva-se, ressuscitando os mortos. E tudo recomeça até que se chegue ao fim do período de permanência ali.

2) No inferno das Linhas Negras, linhas negras são marcadas sobre o corpo, depois eliminam-se essas linhas com serras e machados incandescentes.

"Alguns são cortados com tesouras,
Outros com machados, com dor insuportável."

3) No inferno da Reunião e do Esmagamento, os seres são todos aglomerados e depois esmagados entre montanhas ou muros de metal. No primeiro caso, montanhas em forma de cabeça de carneiro surgem de duas direções opostas para moer os infelizes que se encontram entre elas. Quando se afastam, um vento frio eleva-se, os corpos voltam a sua forma inicial e o mesmo suplício recomeça.

A *Carta a um discípulo* precisa:

"Tão grandes como montanhas,
Dois longos chifres de carneiro apavorantes
Entrechocam-se pulverizando
Todos os corpos que se encontram entre eles."

Alguns são esmagados entre bacamartes de metal, jorrando uma onda de sangue tão grande como o volume de quatro rios.

A *Carta a um amigo* diz ainda:

"Alguns são moídos como sésamo,
Os outros, reduzidos a grãos de farinha."

4) No inferno dos Prantos e Urros, os seres se consomem, dando gritos de terror.

5) No inferno dos Grandes Prantos e Urros, seus gritos são ainda mais terríveis.

6) No inferno Incandescente, eles são supliciados pelo fogo e por muitas outras maneiras: bronze fundido é jogado em suas bocas, calcinando-lhes as entranhas; uma lança cheia de pontas os empala até o alto do crânio.

7) No inferno Extremamente Incandescente, as torturas ultrapassam as precedentes em horror. O bronze e outros metais em fusão queimam a pele e a garganta dos condenados, e chamas saem dos seus nove orifícios. Ou ainda, eles são empalados sobre tridentes que os atravessam do ânus ao alto do crânio e da planta dos pés aos ombros.

"Outros fervem no bronze líquido
Comprimidos uns contra os outros.
Alguns são empalados sobre tridentes de ferro
Terrivelmente quentes e cheios de pontas."



O inferno dos Tormentos Insuportáveis

8) O inferno dos Tormentos Insuportáveis consiste em uma gigantesca estrutura feita de ferro terrivelmente quente, larga e alta, de vinte mil *yojanas*, de onde os seres são precipitados, caindo em imensos caldeirões que medem vários *yojanas*, cheios de bronze e de cobre líquidos, mantidos em ebulição por fogueiras insuportáveis acesas em todas as partes.

"Alguns mergulhados em gigantescos caldeirões de ferro
Até o alto do crânio, fervem como grãos de arroz."

Como nesse lugar sofre-se sem descanso, fala-se de inferno dos Tormentos Intransponíveis.

Quanto tempo vive-se nesses infernos?

"No inferno das Ressurreições e nos cinco seguintes,
O dia e a noite duram tanto quanto uma vida entre os deuses do Desejo,
E a duração de uma vida nesses infernos
Vale o mesmo tanto que aquela desses deuses."

A duração de vida entre os deuses do paraíso dos Quatro Grandes Reis* equivale a um dia no inferno das Ressurreições. Trinta desses dias formam um mês, e doze meses, um ano; os seres desse inferno vivem quinhentos de seus anos, isto é, 162×10^{10} anos kármicos.

Uma vida no paraíso dos Trinta e três Deuses equivale a um dia no inferno das Linhas Negras, onde os condenados vivem mil de seus anos, isto é 1296×10^{10} anos humanos.

Uma vida no paraíso Sem Querela equivale a um dia no inferno da Reunião e do Esmagamento, onde a vida dura dois mil anos, isto é, 10368×10^{10} humanos.

Uma vida no paraíso Alegre equivale a um dia no inferno dos Prantos e Urros, onde a vida dura oito mil anos, isto é 663952×10^{10} anos humanos.

Uma vida no paraíso Uso da Magia dos Outros equivale a um dia no inferno Incandescente, onde a vida dura dezesseis mil anos, isto é, 5308416×10^{10} anos humanos.

No inferno Extremamente Incandescente, a vida dura um meio-kalpa intermediário*, e, no inferno dos Tormentos Intransponíveis, um kalpa intermediário.

Um meio-kalpa para o inferno Extremamente Incandescente, e um kalpa intermediário para o dos Tormentos Intransponíveis.

b) Os infernos vizinhos

Dispostos nos quatro pontos cardeais, eles circundam os quatro infernos incandescentes.

1_Primeiramente, há o fosso de brasas onde se afunda até os joelhos. Os seres dos infernos vão ali buscar um lugar de repouso, mas mal colocam um pé ali e sua pele, sua carne e seu sangue se destroem inteiramente. Ao retirarem o pé, ele retorna à sua forma original.

2_Ao lado, encontra-se o segundo inferno vizinho, um pântano de lama imundo composto de cadáveres em liquefação. O líquido pulula de vermes brancos com cabeça negra, cujo esporão afiado fere até o osso.

3_No terceiro inferno vizinho, os sofrimentos são causados por uma larga estrada guarnecida de lâminas de barbear, uma floresta com folhas de lâminas de espada, cães marrons, a *shalmali* de ferro e corvos com o bico metálico.

4_Ao lado, encontra-se o quarto inferno vizinho, um rio sem vau, cheio de cinzas lamacentas em ebulição nas quais se é cozido enquanto que, sobre as margens, homens armados impedem a todos de sair.

Os oito infernos são flanqueados de dezesseis outros suplementares,
A saber, em cada uma das quatro direções,
Uma aduela de brasas, um pântano podre,
Uma estrada de lâminas e um rio.

Podemos perguntar se os guardiões com aspecto humano, os seres com bico de corvo e outros cérberos infernais são ou não seres dotados de consciência. Os Vaibhashikas acreditam que sim, enquanto que os Sautranikas* pensam o contrário. Para os Yogacharins é o espírito dos próprios condenados que se manifesta sob esses diversos aspectos por causa de seus atos negativos.

Essa opinião é corroborada pela seguinte citação da *Marcha em direção ao Despertar*:

"As armas dos seres infernais,
Quem intencionalmente as fabricou?
Quem construiu o solo de ferro incandescente?
E os braseiros, de onde surgiram?
O Buda diz que todas essas coisas
Provêm dos pensamentos maléficos."

c) Os infernos frios

Eles são chamados de: 1) inferno dos Abscessos, 2) inferno dos Abscessos Rompidos, 3) inferno do Bater de Queixo, 4) inferno das Lamentações, 5) inferno dos Grunhidos, 6) inferno das Rachaduras semelhantes a Utpalas, 7) inferno das Rachaduras semelhantes ao Lótus e 8) inferno das Rachaduras semelhantes ao Grande Lótus.

Onde eles se encontram? Abaixo de nosso continente de Jambudvipa, em frente aos grandes infernos.

Quais são os sofrimentos desses infernos? Aqueles que seus nomes evocam. Os dois primeiros descrevem as mudanças que o frio intolerável provoca nos corpos: surgem abscessos, que depois se rompem. Os três seguintes evocam os sons que são produzidos sob a ação deste insuportável frio. Os três últimos indicam novamente as mudanças sofridas pelo corpo: no sexto inferno frio, a pele, toda azul, arrebenta, formando feridas com cinco ou seis rachaduras semelhantes aos lótus azuis. No sétimo, a pele passa de azul a vermelho e arrebenta, formando feridas com dez rachaduras ou mais, como os lótus brancos. No oitavo, a pele, toda carmesim, forma feridas com cem rachaduras ou mais, que lembram o aspecto dos grandes lótus.

A duração de vida nos infernos é ilustrada por uma imagem que o próprio Buda utilizou:

"Suponham, monges, que uma cuba do país de Magadha, com capacidade de oitenta medidas de sésamo, esteja cheia até a borda. Suponham que retiramos um grão a cada cem anos. E então, monges, (...) o tempo que será preciso para esgotar as oitenta

medidas de sésamo será relativamente curto comparado à duração de vida dos seres no inferno dos Abscessos, pois eu não saberia dizer quanto tempo viverão ainda. Ora, monges, a vida no inferno dos Abscessos Rompidos é vinte vezes mais longa (...)."

E assim por diante, até:

"Ó monges, com relação ao inferno das Rachaduras semelhantes aos Lótus, a vida no inferno das Rachaduras semelhantes aos dos Grandes Lótus é vinte vezes mais longa."

O que o mestre Vasubandhu resume assim:

"O tempo para esvaziar uma cuba de sésamo
Retirando-se um grão a cada cem anos:
Tal é a duração da vida no inferno dos Abscessos;
Em cada inferno, a vida é multiplicada por vinte."

Se uma cuba cheia corresponde à medida do inferno dos Abscessos, será preciso esvaziar vinte dessas cubas para o inferno dos Abscessos Rompidos, quatrocentas para o inferno do Bater de Queixos, oito mil para o inferno das Lamentações, cento e sessenta mil para o inferno dos Grunhidos, três milhões e duzentos mil para o inferno das Rachaduras semelhantes a Utpalas, sessenta e quatro milhões para o inferno das Rachaduras semelhantes aos Lótus e um trilhão e duzentos e oitenta milhões para o inferno das Rachaduras semelhantes aos Grandes Lótus.

d) Os infernos efêmeros

Esses infernos podem ser criados pelo karma de inúmeros seres, mas também de um ou dois seres somente. Eles assumem aspectos diversos e não ocupam lugares precisos. Eles existem nos rios, nas montanhas, nos desertos, ou ainda, sob a terra. Alguns se encontram em lugares habitados pelos homens, como aquele inferno descoberto pelo sublime Maudgalyayaniputra*. Dentre outros infernos efêmeros que se encontram em lugares desertos, mencionaremos aquele onde vive o venerável Sangharakshita.

Nos infernos efêmeros, a duração da vida é indeterminada.

2_ Os pretas

Trata-se de Yama, o rei dos *pretas*, e de seus súditos.

Onde eles vivem? Yama mora a quinhentas *yojanas* abaixo de Jambudvipa, e seus súditos em diversos locais incertos, como os desertos.

Os moradores de Yama dividem-se em três grupos:

- 1) Aqueles cujos vícios, exteriores, manifestam-se naquilo que comem e bebem;
- 2) Aqueles cujos vícios são interiores;
- 3) Aqueles cuja alimentação é nefasta.

Quais são os seus sofrimentos? Ainda que alguns *pretas* possuam poderes milagrosos e gozem de uma abundância de bens semelhante a dos deuses, vejamos:

1) Para os *pretas* cujos vícios são exteriores e manifestam-se naquilo que comem, tudo o que devem comer e beber parece-lhes pus e sangue. Ou ainda, eles não podem usufruir desses alimentos, pois outras criaturas impedem que deles se aproximem.

2) Os *pretas* cujos vícios são interiores não são vítimas de seres que os impedem de se alimentar, mas eles mesmos são incapazes de beber e comer.

Alguns, cuja boca é miúda como um buraco de agulha
E o estômago, tão grande como uma montanha, sofrem de fome,
Mas eles não podem ingerir nem mesmo
O menor detrito jogado no lixo.

3) Os *pretas* para os quais os alimentos são nefastos formam dois grupos: os que sofrem de “guirlandas de labaredas” e os que se alimentam de imundices.

Os primeiros são queimados por tudo que absorvem. Os segundos comem excrementos, bebem urina ou cortam sua própria carne para devorá-la, a exemplo dos *pretas* que Shrona* descobriu em um lugar deserto.

Quanto tempo esses seres vivem? Eles podem viver até quinhentos anos, mas para eles, um dia e uma noite correspondem a um mês para os humanos.

Os *pretas* vivem quinhentos anos e, para eles, um dia vale um mês.

3_Os animais

Os animais podem se dividir em quatro grupos:

- 1) Os animais providos de um grande número de patas,
- 2) Os quadrúpedes,
- 3) Os bípedes,
- 4) Os animais sem patas.

Onde eles moram? Nas águas, nas planícies e nas florestas, mas, a maior parte deles, nos grandes oceanos.

Quais são seus sofrimentos? De serem subjugados, abatidos e de devorarem-se entre si. Os animais subjugados são aqueles que os homens domesticaram.

"Contra sua vontade, eles são subjugados
Com pontapés, socos, chicotadas e ganchos de ferro."

Dentre os animais que são abatidos, encontram-se os cervos e outros animais selvagens.

"Eles são mortos por causa de suas pérolas, sua lã,
Seus chifres, seu sangue, sua carne ou sua pele."

A maioria dos animais que se devoram entre si vive nos grandes oceanos.

"Eles devoram tudo o que passa diante de seus olhos."

A duração de vida dos animais é indeterminada. Alguns podem viver até um kalpa intermediário.

"Os animais que vivem mais tempo vivem um kalpa."

B] Os sofrimentos dos mundos felizes

Iremos analisar separadamente

1_ Os sofrimentos dos seres humanos,

2_ Os sofrimentos dos semideuses,

3_ Os sofrimentos dos deuses.

* * *

1_ Os sofrimentos dos seres humanos

Distinguem-se oito tipos de sofrimentos humanos, descritos de acordo com o *Sutra da entrada na matriz*:

Assim:

- 1) O nascimento é sofrimento,
- 2) A velhice é sofrimento,
- 3) A doença é sofrimento,
- 4) A morte é sofrimento,
- 5) A separação daquilo que amamos é sofrimento,
- 6) O encontro com o que não amamos é sofrimento,
- 7) A não obtenção do que desejamos é sofrimento,
- 8) a dificuldade de proteger o que possuímos é sofrimento.

1) Os sofrimentos do nascimento

O nascimento é o ponto de partida de todos os outros sofrimentos. Dizemos que há quatro maneiras de nascer, mas a principal, que nos diz respeito, é o nascimento a partir de uma matriz. Nesse tipo de nascimento, no momento em que abandonamos o Bardo do Devir para penetrar na matriz de uma mãe, atravessamos as seguintes etapas dolorosas:

Todos os seres do bardo têm poderes milagrosos. Eles podem se deslocar no espaço e, como os deuses, ver o lugar, mesmo de longe, de seu nascimento. Por causa de seu karma, quatro fenômenos enganadores impõem-se à sua percepção: um vento violento, uma chuva torrencial, um céu nublado ou o assustador ruído de uma multidão.

Do mesmo modo, segundo seu karma positivo ou negativo, uma das seguintes dez imagens, todas igualmente ilusórias, irá se impor a eles: terão a impressão de entrar em um palácio, de trepar no alto de uma casa de vários andares, de subir em um trono, de entrar em uma cabana de palha, de deslizar em uma casa de folhas, de abrir passagem entre folhagens, de enfiar-se em uma floresta, de insinuar-se em um buraco na parede ou de penetrar entre as hastes de palha.

Quando uma dessas impressões se impõe, eles vêem de longe seus futuros pais que estão se unindo, e dirigem-se a eles. Se tiverem conquistado muitos méritos e forem destinados a um renascimento superior, eles vêem o palácio, o alto da casa ou o trono. Se possuírem um mérito médio e forem prometidos a um renascimento médio, eles vêem a cabana de palha, a casa de folhas, a folhagem ou a floresta. Quanto àqueles que não têm nenhum mérito e terão um renascimento inferior, verão o buraco na parede ou as hastes de palha. Cada um precipita-se então para o lugar que lhe corresponde. Aqueles que serão do sexo masculino sentem um apego por sua futura

mãe e aversão pelo pai. Aqueles que serão do sexo feminino, irão apegar-se ao seu pai, detestando sua mãe. Tomados por esse duplo sentimento de atração e repulsa, a consciência do bardo mistura-se aos elementos impuros do pai e da mãe.

Acredita-se que, a partir de então, essa consciência permanecerá trinta e oito semanas na matriz. Alguns falam de oito, nove ou dez meses. Para outros, essa duração não é fixa e é possível ficar até sessenta anos no ventre materno.

Durante a primeira semana da gestação, o embrião, que tem o aspecto do amido de arroz ou da nata que se forma sobre o leite coalhado, tem o sentimento de ferver ou de fritar em uma panela quente. Sua consciência, ligada à sensação tátil, experimenta insuportáveis sofrimentos. Nesse estado, ele tem o nome de "geléia mole".

Na segunda semana, aparece uma energia chamada "toda tátil" que, por seu contato com a matriz, manifesta os quatro elementos. Nesse estado, o embrião é chamado de "geléia firme". Ele parece leite coalhado ou manteiga firme.

Na terceira semana, aparece uma outra energia chamada "tesouro", esta, agindo sobre a matriz, manifesta plenamente os quatro elementos, e nesse estado, chamado "oblongo", o embrião tem o aspecto de uma colher de metal ou de uma formiga.

Na sétima semana, a energia "giratória" faz aparecer os braços e as pernas. O feto sofre, então, como se um homem vigoroso lhe puxasse os membros, enquanto que um outro o aplaina com golpes de barra de ferro.

Na décima primeira semana, a matriz produz uma energia chamada "que abre", que leva a formação dos nove orifícios do corpo e provoca uma dor semelhante àquela quando enfiamos um dedo em uma ferida aberta.

Quando a alimentação da mãe, desequilibrada, é, por exemplo, muito fria, o feto sente uma dor como se fosse abandonado sobre o gelo. Se sua alimentação é demasiada temperada, demasiada ácida, etc., ele sente dores correspondentes.

Se a mãe come muito, ele tem a sensação de estar sendo esmagado entre rochedos. Se ela não come suficientemente, ele se sente como se estivesse flutuando no ar.

Se ela caminha precipitadamente, salta ou cai, ele sente como se caísse da encosta de uma montanha. Quando ela faz muito amor, ele tem a impressão de estar apanhando com um chicote de espinhos.

Na trigésima sétima semana, o feto passa a ter consciência de encontrar-se no interior da matriz. Ele acha o local sujo, mal cheiroso, obscuro e se sente aprisionado. Ele se cansa e sente vontade de sair dali.

Na trigésima oitava semana, uma energia chamada "que lembra as flores" surge na mãe. Ela muda a posição do feto e o dirige para a porta de nascimento. Nesse momento, ele sente como se estivesse sendo arrastado por uma engrenagem metálica.

Até então, o feto ferveu e fritou no calor da mãe como em uma panela quente. Sacudido por vinte e oito energias diferentes, ele se desenvolve graças à quintessência da alimentação da mãe, começando por seu sangue, passando do estado de "geléia mole" àquele em que seu corpo é completo.

O que o *Sutra da entrada na matriz* enuncia assim:

"Inicialmente geléia mole, torna-se bola de carne

De bola de carne torna-se forma oblonga.

De oblongo torna-se firme, e quando sua firmeza é perfeita,

Sua cabeça aparece, e seus quatro membros.

Seus ossos são constituídos e seu corpo é formado:

Tudo isto resulta da ação do karma."

Então se manifesta a energia chamada "retornante". Ela inverte o corpo, posicionando a cabeça para baixo, e a criança sai com os braços estendidos, sentindo como se passasse pelo orifício de uma fieira. Às vezes, a criança pode nascer morta ou a mãe a morrer no parto.

Quando o recém-nascido cai no chão, ele sofre como se tivesse sido jogado em um fosso de espinhos. Quando é lavado, ele sente como se não tivesse pele e como se estivesse sendo esfregado no canto de uma parede.

Explicamos quanto tempo permanecemos no ventre da nossa mãe, nossos sofrimentos ali, e de que maneira esse local nos parece pequeno, tenebroso e sujo. Suponhamos, agora, que nos proponham ficar três dias e três noites dentro de uma latrina, hermeticamente fechada, recebendo como recompensa, na manhã do quarto dia, três medidas de ouro: nenhum dentre nós seria capaz de aceitar uma proposta semelhante, independente do tamanho de sua avidez.

Ora, a *Carta a um discípulo* diz que os sofrimentos do feto são piores ainda:

"Nu, dentro da matriz, sob um odor insuportável,
Ele se encontra comprimido e na escuridão absoluta,
Como se estivesse fechado em um inferno,
Ele deve, dobrado ao meio, sofrer enormemente."

Perguntamo-nos, então, quem ousaria, convencido do que foi dito acima, penetrar uma única vez que seja em uma matriz.

2) Os sofrimentos da velhice

Os sofrimentos da velhice são inúmeros mas podemos resumi-los em dez, sendo que nove estão associados às modificações do aspecto de nosso corpo, dos cabelos, da pele, da tez, da força, do prestígio, da abundância, da saúde e das faculdades mentais, o décimo refere-se ao próprio esgotamento da vida.

Outrora firme e reto, o corpo se dobra. Curvo, torto mesmo, o velho deve apoiar-se em uma bengala para andar. Mesmo se eram negros como azeviche, os cabelos embranquecem e caem. Outrora suave como um véu de Benares e fina como uma seda da China, a pele engrossa e torna-se coriácea. Ela se enrugua e forma pregas de rugas que lembram as torças de um rolo de couro. E mesmo se era clara, outrora, como um lótus que acaba de desabrochar, a tez torna-se azulada, ou lívida como uma flor murcha.

A energia e a alegria do passado se degradam, depois desaparecem. A força física enfraquece, e não é mais possível fazer nada que apresente alguma dificuldade. Com o declínio das faculdades mentais, não há mais nenhuma atividade que possa despertar o entusiasmo. Suas faculdades sensoriais enfraquecem e o idoso não percebe mais nada, a menos que não esteja completamente confuso.

Talvez tivesse sido um objeto de admiração antes, ou de veneração: presentemente ele desperta o desprezo daqueles que têm um quarto de suas qualidades; ele chega mesmo a desagradar pessoas com as quais nunca teve nenhuma relação; os jovens zombam dele e ele provoca vergonha em seus filhos e netos.

Quanto mais velhos, menos bens e riquezas temos. O corpo não sente mais o menor calor que seja e, ao paladar, nada mais é delicioso. E quando algo em particular apetece a um idoso, será difícil encontrar alguém disposto a lhe trazer esta iguaria ou que venha buscá-lo para que possa ir experimentá-la.

Então ele é atacado pela pior das doenças, a velhice, e esta atrai todos os outros males.

Ele esquece o que acabou de dizer ou fazer, seu comportamento é estranho e sua mente é confusa. Seu fôlego é sofreado, ele suspira. Considerando que todos os elementos que o compõem se degeneraram, a morte está próxima.

O *Imenso Desabrochar* diz:

"A velhice enfeia mesmo as belas formas,
A velhice rouba o esplendor, enfraquece a força,
A velhice acaba com a felicidade e traz sofrimento,
A velhice nos rouba nosso brilho e nos leva à morte."

3) Os sofrimentos da doença

Os sofrimentos da doença são também inúmeros, mas podemos resumi-los em sete: as dores violentas, os tratamentos médicos penosos, os remédios com gosto amargos, a impossibilidade de beber e de comer o que desejamos, a obrigação de seguir a prescrição de um médico, o esgotamento das riquezas e o medo de morrer.

Ou como diz o *Imenso Desabrochar*:

Torturado, esmagado pelo peso de mil dores
A doença caminha como um *preta* com forma humana.

4) Os sofrimentos da morte

Os sofrimentos da morte são também incontáveis, como explica o *Sutra dos conselhos ao rei*:

Grande rei, quando o mestre da morte o espeta com sua estaca, o moribundo perde toda sua arrogância; ele não tem mais refúgio, nem protetor, nem escolta. A doença o corrói, a sede o atanaza, seu rosto se torce e, impotente, ele agita seus membros. Maculado de saliva, de muco, de urina e de vômitos, ele ronca. Abandonado pelos médicos, ele pernoita em seu último leito e perece nas ondas do samsara. Os esbirros de Yama aterrorizam-no. A boca e as narinas abertas, ele dá seu último suspiro e deixa este mundo para o próximo: é a grande migração. Ele se afunda nas trevas profundas, cai em um abismo sem fundo, ele submerge em um oceano infinito. Arrastado pelo vento do karma, ele avança para um lugar onde perde o pé. Ele não pode mais dividir suas riquezas. 'Pai! Mãe! Filhos! Como eu sofro!' Neste momento, ó grande rei, não há outro refúgio, outro protetor e outra escolta além do Dharma.

5) O sofrimento de se separar daquilo que amamos

A morte de um pai, de uma mãe, de um filho ou de um outro ser querido mergulha-nos na tristeza, nos tormentos, nas lamentações, nos gritos de aflição, isto é, em sofrimentos sem fim.

6) O sofrimento de encontrar o que não se ama

O encontro de um inimigo detestável gera conflitos, combates, agressões e milhares de outros sofrimentos.

Quanto aos dois últimos sofrimentos, eles são fáceis de serem compreendidos.

2_Os sofrimentos dos semi-deuses

Além de sofrer quase como os deuses, os semideuses padecem por serem orgulhosos e ciumentos, por discutirem entre si e agredirem-se. Assim, podemos ler:

"Como, por natureza, eles detestam a glória dos deuses,
Experimentam, mentalmente, grandes sofrimentos."

3_Os sofrimentos dos deuses

1) Os deuses do mundo do Desejo sofrem por terem que disputar com os semideuses, por não poderem satisfazer todos os seus desejos, por perder a coragem, por serem mutilados, vencidos, mortos, expulsos, por morrerem e serem rebaixados.

Quando os deuses morrem, cinco sinais premonitórios manifestam-se: suas roupas ficam sujas, seus colares de flores murcham, suas axilas transpiram, seu corpo exala um odor ruim e não se satisfazem mais com seu domínio.

2) Os deuses dos mundos da Forma e do Sem Forma não sentem sofrimentos, mas pelo fato de morrerem e não poderem escolher seu renascimento, sofrem por renascerem em condições miseráveis.

Assim, nos mundos felizes e nos paraísos, quando o karma favorável esgota-se, só se pode recair nos mundos inferiores.

O samsara é, portanto, um lugar de grande sofrimento, comparável a uma casa em chamas.

Lemos no *Sutra da Entrada na matriz*:

"Pobre de mim! Mil vezes pobre de mim! Este futuro, este oceano do samsara é um braseiro, um grande, imenso, gigantesco braseiro, não há um único ser que ele não consuma. Qual é, portanto, este fogo que incendeia o samsara? É o fogo do desejo, da raiva e da ignorância; o fogo do nascimento, da velhice, da doença e da morte; o fogo do desgosto, das lamentações, da mente infeliz e atormentada. Eis os fogos que, sem trégua, o incendeiam e o consomem. Eis porque ninguém pode dele escapar."

Reconhecendo os vícios do samsara, a pretendida felicidade do futuro não nos seduzirá mais.

Como declara o *Sutra do encontro do pai e do filho*:

"Quando vemos as dores do samsara,
Somos tomados por uma imensa lassidão.
Aterrorizados com a prisão dos três mundos,
Procuramos todos os meios para dele escapar."

Mestre Nagarjuna faz observações análogas:

"Já que assim é o samsara, não há nenhum bom nascimento,
Seja divino, humano,
Preta, animal ou ser dos infernos.
Saibam que todo nascimento encerra mil tormentos".

Patrul Rinpoche
“As Palavras de meu Perfeito Mestre”
“Os sofrimentos do samsara”

I Os sofrimentos do samsara em geral

II Os sofrimentos das seis classes de seres

1] Os infernos

A] Os 8 infernos ardentes:

- 1) O inferno das ressurreições
- 2) O inferno das linhas negras
- 3) O inferno da reunião e do esmagamento
- 4) O inferno dos choros e urros
- 5) O inferno dos grandes choros e urros
- 6) O inferno ardente
- 7) O inferno extremamente ardente
- 8) O inferno dos tormentos insuperáveis

B] Os infernos vizinhos:

- 1) O fosso das brasas
- 2) O pântano dos cadáveres putrescentes
- 3) A planície erizada de armas
- 4) A floresta de árvores com folhas de sabres
- A colina de *shalmali* de ferro

C] Os 8 infernos frios:

- *Duração da vida nesses locais*

D] Os infernos efêmeros

2] Os pretas

A] Aqueles que vivem agrupados

- 1) Os *pretas* cujos vícios são exteriores
- 2) Os *pretas* cujos vícios são interiores
- 3) Os *pretas* cujos vícios são particulares

B] Aqueles que se movem no espaço

3] Os animais

A] Aqueles que vivem agrupados

B] Aqueles que vivem dispersos:

- 1) Os animais selvagens
- 2) Os animais que dependem dos homens
- Reflexão sobre seus sofrimentos

C] Os animais domésticos

4] Os sofrimentos humanos

A] Os três sofrimentos fundamentais

- 1) O sofrimento da mudança
- 2) A acumulação de sofrimentos
- 3) O sofrimento em formação

B] Os principais sofrimentos humanos

- 1) O nascimento
- 2) A velhice
- 3) A doença
- 4) A morte
- 5) Medo de encontrar os inimigos
- 6) Medo de perder aqueles que amamos
- 7) Não obter aquilo que se deseja
- 8) Suportar aquilo que não se deseja

5] Os sofrimentos dos Semi-deuses

6] Os sofrimentos dos Deuses

Patrul Rinpoche
“As Palavras de meu Perfeito Mestre”

Os sofrimentos do Samsara

“Vós compreendeis a falta de sentido das atividades samsáricas.
Plenos de compaixão, consagrai-vos ao bem dos outros.
Não desejeis nem o samsara nem o nirvana.
Vós agireis segundo o Grande Veículo.
Ó Mestre inigualável, a vossos pés me inclino!”

Escutar-se-á este capítulo como os precedentes.
Ele comporta uma reflexão sobre:

- I Os sofrimentos do samsara;**
- II Uma reflexão própria a cada uma das seis classes de seres.**

* * *

I Os sofrimentos do samsara em geral

Como foi explicado precedentemente, mesmo que nós tenhamos recebido as liberdades e as riquezas tão difíceis de adquirir, nós não podemos perdurar: nós sucumbimos à impermanência e à morte.

Mesmo se desaparecêssemos após a morte, como o fogo que se extingue ou a água que evapora, permanecer-se-ia ainda no samsara. A morte não nos aniquila: nos é necessário renascer novamente. Pelo fato de renascermos, não saímos do samsara.

O Samsara

O samsara, ou círculo, pode ser comparado ao torno de oleiro, à roda de um moinho de água ou ao pote no qual uma mosca esteja prisioneira: de um ponto a outro, gira-se em círculos. A mosca acuada no pote fechado, onde ela quer que ela voe, não pode sair. Da mesma maneira, quando se renasceu nos mundos superiores ou inferiores, sempre se está no samsara. A parte alta do pote representa os mundos superiores divinos e humanos e a parte de baixo, os três mundos inferiores. Diz-se que o samsara é um círculo em que se vive girando, renascendo de lugar em lugar, nos seis domínios da existência, segundo os atos imperfeitos, sejam eles benéficos ou nocivos.

Todos os seres foram nossas mães

Desde os tempos sem começo, nós erramos nos locais do samsara onde todos os seres, sem nenhuma exceção, foram, a cada vez, pais, mães, amigos, inimigos ou simplesmente contemporâneos uns dos outros. É dito, nos sutras, que se um só ser quisesse recensear suas mães, cada uma representada por uma bolinha de terra do tamanho de uma baga de *genevrier* (tipo de fruto muito pequeno), a terra inteira não seria suficiente.

É o que expressa o protetor Nagarjuna:

“Faltaria terra, se nós contássemos nossas mães.

Em bolinhas de barro do tamanho dos pequenos frutos de *genevrier*.”

Nós já experimentamos os sofrimentos do samsara

Desde a noite dos tempos em que erramos no samsara, não existe uma só forma de vida que nós já não tenhamos experimentado. Por causa do desejo, nós cortamos cabeças e membros em número incalculável. Se nós pudéssemos reunir em patas das formigas e de outros pequenos insetos o que nós já fomos outrora, nós faríamos um monte mais alto que o Monte Supremo.

Se todas as lágrimas que nós já vertemos quando passamos frio, fome ou sede, por não termos alimento ou vestimenta fossem acumuladas, ao invés de evaporar, elas ultrapassariam em quantidade de água os grandes oceanos exteriores. Assim como o cobre em fusão que nós engolimos quando estivemos nos infernos, ultrapassa o volume dos quatro oceanos.

No entanto, aqueles que o desejo e o apego acarretam ainda encadeamentos nos mundos samsáricos sem deixá-los um só segundo, devem suportar, nesse ciclo sem fim, sofrimentos ainda mais numerosos.

Mesmo se, graças a qualquer karma meritório, nós vivemos muito tempo, com um corpo e riquezas perfeitas como Brahma ou Indra, nós não poderíamos, no final, evitar a morte, seguida pelos sofrimentos dos mundos exteriores. Quando nesta existência, a felicidade limitada de ter poder, saúde e outros prazeres, nos lograram durante alguns anos, meses ou dias; assim que nós esgotamos nossos méritos passados, nós nos encontraremos desprovidos de tudo e miseráveis; ou ainda, nós devemos experimentar as dores insuportáveis dos mundos inferiores... Qual é, portanto, o sentido desta felicidade atual, semelhante a um sonho que cessa ao despertarmos? Aqueles que, no imediato, parecem gozar de conforto e felicidade graças aos efeitos de qualquer pequeno mérito, não poderão fazê-lo durar um segundo a mais quando seu karma for esgotado.

Existem mesmo reis entre os deuses que gozam a vontade dos cinco prazeres dos sentidos do alto de seus tronos de pedras preciosas, ornamentado com divinos tecidos, mas quando a sua vida finda, tombam a cabeça primeiro, no tempo de um piscar de olhos ou de um sorriso, no solo de metal ardente das regiões infernais, e vivem doravante no sofrimento. E o mesmo ocorre com os deuses do sol e da lua, que clareiam os quatro continentes, que terminam por renascer nestes continentes entre trevas tão densas que eles não podem ver se seus membros estão estendidos ou flexionados. Nós não podemos confiar nas aparências da felicidade no samsara.

Sejamos, pois, persuadidos de que nesta vida aqui, devemos, a todo preço, nos liberar do oceano de sofrimento que é o samsara e atingir a felicidade da budeidade perfeita. Façamos desse pensamento, uma experiência viva por meio de uma prática que inclua os três métodos supremos.

II Os diferentes sofrimentos das seis classes de seres

1] Os 18 infernos

A] Os oito infernos ardentes

Esses oito infernos são superpostos como os andares de uma casa, do inferno das ressurreições que se encontra mais ao alto, até o mais inferior, o inferno dos tormentos insuperáveis. O solo e entorno de todos esses infernos são com ferro vermelho dos fornos e não há um só lugar no qual se possa tranqüilamente colocar os pés. É uma fornalha como no coração de uma chama.

1) O inferno das ressurreições

O karma aparece lá, entre as brasas que recobrem o solo de ferro incandescente, os seres tão inumeráveis quanto os flocos de neve de uma tempestade glacial. Impelidos por sua tendência de reproduzir seu karma de agressividade que os levou a estes locais, cada um vê o outro como um inimigo mortal e animado por um ódio recíproco, eles agriem-se. Brandindo armas inconcebíveis, que são também fantasmas criados por seu karma, eles dão inúmeros golpes até que a morte venha. Então, do céu ressoa uma voz: "Ressuscitem!" E logo voltam a se agredir e seu sofrimento consiste nesta alternância de mortes e ressurreições.

Duração de suas vidas

Quanto tempo eles vivem lá? Cinqüenta anos humanos correspondem a um dia no mundo dos deuses da Assembléia dos Quatro Grandes Reis. Trinta desses dias, faz um mês, e doze meses, um ano, quinhentos desses anos divinos equivalem a um dia no inferno das ressurreições ou de novo a doze meses cada um com trinta dias, fazendo um ano; é necessário sofrer quinhentos anos.

2) O inferno das linhas negras

Lá, os ajudantes de ordem do Mestre dos Mortos deitam o condenado como um grande carvão em brasa sobre o solo de ferro vermelho. Eles esquadrinham a pele em quatro, oito, dezesseis, trinta e duas linhas negras e separam em partes usando uma serra queimante. Os corpos esquartejados se reconstituem logo para serem novamente picados e isso se repete inúmeras vezes. Tal é o sofrimento nesse inferno onde se vive mil anos, sabendo que um dia corresponde a mil anos no mundo dos Trinta e Três Deuses, para os quais equivale a cem anos humanos.

3) O inferno da reunião e do esmagamento

Lá, inumeráveis condenados são jogados em pilões de ferro grandes como vales. Os ajudantes de ordem do Mestre dos Mortos erguem seus martelos de ferro em brasa, grandes como o Monte Supremo, e quando eles os abaixam, os condenados gritam e choram antes de sucumbir aos ferimentos, em sofrimentos de um terror inimaginável. Quando os martelos são erguidos, eles ressuscitam para novamente sucumbir aos mesmos tormentos.

Às vezes, todas as montanhas que cercam o vale têm a aparência de cabeças de animais: cervos, antílopes, cabras, carneiros, que foram mortos outrora. As pontas dos chifres em chamas se chocam umas contra as outras, virando os inúmeros condenados

caídos ali por força de seu karma, e quando eles se chocam, todos são mortos. As montanhas se separam de novo e os condenados retornam à vida para serem novamente esmagados.

Tais são os sofrimentos nesse inferno da reunião e do esmagamento, onde é necessário ficar dois mil anos, sabendo que um dia corresponde a dois mil anos dos deuses Sem Contestação, nos quais um dia vale duzentos anos humanos.

4) O inferno de choros e urros

Fechados em um prédio de ferro vermelho sem porta, se é cozido e grita-se chorando de dor por se ter a idéia de que não se pode sair dali jamais. Isso dura quatro mil anos, sabendo que um dia nesse local corresponde a quatro mil anos dos deuses Alegres, para os quais um dia corresponde a quatro mil anos humanos.

5) O inferno dos grandes choros e urros

Os ajudantes de ordem do Mestre dos Mortos, numerosos, armados e medonhos, empurram inumeráveis condenados dentro dos prédios de ferro incandescentes de duplas muralhas e os espancam imensamente com golpes de martelo e outras armas. Ali, as portas exterior e interior têm reboco de metal em fusão e os condenados urram de desespero, pois mesmo que eles pudessem sair pela primeira porta, eles não passariam na segunda. Isso dura oito mil anos, sabendo que, nesse inferno, um dia equivale a oito mil anos no céu Magia Alegre, onde um dia equivale a oitocentos anos humanos.

6) O inferno ardente

Existem inúmeros condenados que sofrem por terem sido postos para cozinhar em cadinhos de ferro grandes como o *trichiliocome*, onde se ferve o bronze em fusão. A cada vez que eles vêm à superfície, os ajudantes de ordem os pegam com um gancho de ferro e os espancam com golpes de marreta; à parte há raros instantes em que perdem os sentidos e desfrutam de um não sofrer; mas fora desse estado, suas dores são terríveis e duram dezesseis mil anos, sabendo que um dia nesse inferno equivale a dezesseis mil anos no céu Uso da Magia dos Outros, onde um só dia equivale a mil e seiscentos anos humanos.

7) O inferno extremamente ardente

Ali, os condenados se encontram em casas de ferro incandescente. Os ajudantes de ordem do Mestre dos Mortos lhes enfiam os tridentes de ferro vermelho nos calcanhares e no ânus e os fazem sair pelos ombros e pelo vértex da cabeça. Exteriormente, os corpos são enrolados por coberturas de ferro, igualmente incandescentes. E qual não é a sua dor! Isso dura um meio kalpa intermediário, uma duração inexprimível de anos humanos...

8) O inferno dos tormentos insuperáveis

Ele consiste de um prédio de ferro incandescente que circundam dezesseis infernos vizinhos suplementares. Os ajudantes de ordem do Mestre dos Mortos jogam os inúmeros condenados no centro de uma montanha de fragmentos de ferro semelhante à brasa sob a ação dos foles de pele de tigre e leopardo, e corpos e chamas tornam-se um só. A dor é extrema e, fora esta crise de desespero, se percebe um pouco mais que nada que lembre um corpo. Uma idéia fixa tem lugar na mente dos condenados, a de escapar, mas eles não podem nunca. Acontece que eles pensam

poder escapar, pois às vezes o braseiro se entreabre, mas eles são imediatamente atacados por golpes de lança, de bastão, de martelo e outras armas pelos trabalhadores do inferno, que lhes fazem sucumbir a todas as dores dos sete infernos precedentes, como o de se ver derramar bronze líquido e fervente dentro da boca. Lá a vida dura um kalpa intermediário. Por não haver em nenhum outro lugar, tormentos superiores que estes, denomina-se este inferno de Tormentos Insuperáveis. Ali renascem unicamente aqueles que cometeram os cinco atos de efeito imediato ou aqueles que, adeptos do Veículo dos Mantras, alimentaram visões errôneas do Mestre do Diamante.

B] Os infernos vizinhos

Nos quatro horizontes do inferno dos Tormentos Insuperáveis encontra-se um fosso cheio de brasa, um pântano cheio de cadáveres putrescentes, uma planície eriçada de armas e uma floresta de árvores com folhas de sabre. Fosso, pântano, planície e floresta encontram-se na parte leste, ao sul, à oeste e ao norte, o que totaliza dezesseis. No sudeste, cresce a árvore *shalmali* de ferro, assim como no sudeste, noroeste e nordeste.

1) O fosso das brasas

Os condenados que estiveram no inferno dos Tormentos Insuperáveis e tiveram o seu karma purificado, quando eles daí partem, vêm ao longe os fossos sombrios. Eles adentram muito contentes, mas, em lá chegando, penetram mais adentro num fosso cheio de fragmentos incandescentes que calcinam suas carnes e ossos.

2) O pântano dos cadáveres putrescentes

Da mesma maneira, eles vêm um rio. Tendo sido assados num braseiro durante todo um grande kalpa, eles têm uma tal sede, que essa visão os alegra e eles se aproximam para aplacá-la. Mas onde está a água? Existem somente cadáveres putrescentes, de cavalos e de cães, onde insetos pululam, e se decompõem exalando horríveis miasmas. Os condenados encontram-se desta forma engolidos por esta lama até o vértex de suas cabeças, ao mesmo tempo em que vermes de mandíbula de metal os devoram.

3) A planície de armas eriçadas

Livres novamente, eles se vão e vêm, muito felizes, uma planície verdejante. Porém, é na verdade uma planície de armas eriçadas o local onde eles se encontram. O solo é coberto de lâminas afiadas de ferro incandescentes, que crescem como erva e transpassam cada pé que ali posa, mas tão logo o pé se eleva, ele se cura.

4) A floresta de árvores com folhas de sabre

Novamente livres, os condenados se alegram à vista de uma agradável floresta na qual eles adentram. Mas o que lhes vem dessa agradável floresta? Eles se encontram dentro de um bosque cujas árvores têm sabres com folhas. Seus troncos de ferro são eriçados de sabres, que agitados pelo vento, cortam os corpos dos condenados em pequenos pedaços. Os corpos se curam e depois são novamente picotados.

A colina de *shalmali* de ferro

É aí que renascem os religiosos de conduta descuidada, as pessoas que não respeitam os seus votos, os que quebram os seus votos de castidade e aqueles que se entregam a uma má conduta sexual. Seu karma os leva aos pés da terrível colina de *shalmali* de ferro. Eles vêem no alto seus antigos companheiros de carreira que os chamam. Então quando eles sobem e os encontram, todas as folhas que crescem na árvore de ferro viram-se para baixo e os transpassam. Chegando ao alto, os corvos, os abutres e outros pássaros lhes arrancam os olhos para então chupá-los. Mas aí do pé da colina, novamente os chamam. Eles descem e todas as folhas agora lhes transpassam o peito parte por parte. Uma vez embaixo, terríveis homens e mulheres de ferro os abraçam, engolem suas cabeças e mastigam seu cérebro que escorre lentamente parte por parte de suas mandíbulas...

Estudar minuciosamente: imaginar-se lá e desenvolver a Bodhicitta

Estudem os sofrimentos dos oito infernos quentes, dos dezesseis infernos vizinhos suplementares e a colina de *shalmali* de ferro. Retiremo-nos em um local solitário, fechemos os olhos e imaginemos que nós realmente nascemos nas esferas infernais. Quando sentirmos o mesmo medo e o mesmo sofrimento como se lá estivéssemos, pensemos assim: “É possível, então, que tendo eu não nascido ali, que meu medo e meu sofrimento sejam um nada, quando imagino sucumbir a esses sofrimentos?” Nesse momento é impossível enumerar os seres que vivem nesses locais e que foram meus pais e mães em minhas vidas passadas... Não é certo que meus pais, meus próximos e meus amigos desta vida, uma vez mortos, não renasçam lá. Ora, as causas principais de renascimento nesses locais são os atos ditados pelo ódio e eu mesmo, nesta vida e nas outras, acumulei um número incalculável desses atos. Eu estou certo de renascer lá mais cedo ou mais tarde. No presente, eu recebi uma existência humana dotada de liberdades e riquezas, encontrei um Mestre autêntico, recebi profundas instruções e assim tenho a possibilidade de realizar a budeidade; devo obstinar-me em praticar os métodos que me permitirão nunca mais renascer nos mundos inferiores.

Desenvolver arrependimento, resolução, confissão e compaixão

Voltemos sempre a este pensamento. Plenos de arrependimentos, confessemos nossos crimes passados e tomemos a firme resolução de não acumular, mesmo com o risco de nossas vidas, estes atos que conduzem aos infernos. Com uma imensa compaixão por aqueles que estão sob as rédeas, oremos para que todos sejam libertos neste mesmo instante, dos mundos inferiores. Meditemos assim, aplicando os três métodos supremos, completamente.

C] Os oito infernos frios

Nesses locais, o solo e as cercanias são montanhas com neve e geleiras que a tormenta coloca totalmente em trevas. Os condenados sofrem por estarem nus no frio.

- 1) no inferno das Bolhas; o corpo se cobre de bolhas que inflam e estouram;
- 2) no inferno das Bolhas Rompidas, suas bolhas estouradas tornam-se feridas;
- 3) no inferno do Estalar de Dentes, a ação do frio torna-se insuportável e os condenados estalam os dentes;

- 4) no inferno das Lamentações, suas queixas não se interrompem mais;
- 5) outros têm a voz alterada, longos grunhidos são emitidos, esse é o inferno dos Grunhidos;
- 6) nos infernos das fendas semelhantes às das Flores Uptala, sua pele torna-se azulada e se parte em quatro pétalas;
- 7) no inferno das fendas semelhantes às dos Lótus, o frio ataca e o corpo fica em carne viva, escarlate e se parte em oito pétalas;
- 8) enfim nos infernos das fendas semelhantes às dos Grandes Lótus, o vermelho de sua carne escurece e o corpo se parte em dezesseis, trinta e dois e depois em inumeráveis pétalas. Nas feridas de suas peles e de sua carne rompida escorrem vermes de mandíbulas metálicas e são assim devorados. Essas são as diferentes dores às quais deram-se essas oito denominações. São os infernos frios.

Duração de vida nesses locais

Imaginemos uma cuba que possa conter cerca de quatrocentos litros, (372 litros em Kosala), cheia de grãos de gergelim. Uma vida no inferno das Bolhas dura o tempo que seria necessário para esvaziar a cuba, retirando um grão a cada mil anos deste inferno.

Nos outros infernos frios a duração da vida e os sofrimentos são multiplicados por vinte a cada nível. Assim a vida é vinte vezes mais longa no inferno das Bolhas Rompidas que nos infernos das Bolhas e vinte vezes mais longa ainda no inferno do Estalar de Dentes, etc.

Aplicar a reflexão a si : confissão, engajamento, compaixão e Bodhicitta

Inicialmente, tomemos mentalmente esses sofrimentos sobre nós mesmos e meditemos. Digamos a nós que, no presente, aqui entre os humanos, se nós não podemos suportar a dor do frio ficando nu no vento polar do inverno um só instante, como poderíamos suportar ter um nascimento em tais locais? Confessemos nossas faltas, prometamos não repeti-las e tenhamos compaixão pelos seres que estão nesses locais. Como sempre, não nos esqueçamos a prática dos três métodos supremos.

D] Os infernos efêmeros

Esses locais e os sofrimentos que ali se encontram não são frios. Pode-se ser esmagado entre dois rochedos, prensados em pedras, imobilizado no gelo, cozido em água fervente, queimado no fogo, ou ainda, quando alguém retalha um tronco, acreditar que se está cortando os membros. Pode-se também sofrer identificando seu corpo com objetos utilitários, como, por exemplo, um pilão, uma vassoura, uma panela, uma porta, um pilar, uma lareira, uma corda. Citemos o caso do peixe que Lingje Repa viu no lago Yamdrok e aquela da rã que o siddha Thagtong Gyelpoo descobre no interior de uma pedra.

Quando a dakini Yeshe Tsogyal meditava em Yamdrok, um *bönpo* jogou uma moeda de ouro puro que se transformou num lago. Esse lago é o Lago Azul Turqueza, um dos quatro famosos lagos. Ele é tão grande, que para se sair de Lunggangchem, onde ele começa, e chegar até Zemagyaru, onde ele termina, são necessários vários dias de caminhada. Um dia o grande siddha Lingje Repa olhava o lago e colocou-se a chorar dizendo: “Ai! Ai! Não abuse de oferendas, não abuse!” Como lhe foi solicitado uma

explicação, ele respondeu: “Existe neste lago a consciência reincarnada de um Lama que abusou de oferendas, ele está sofrendo de forma atroz num inferno efêmero.” E quiseram vê-lo. O siddha num passe de mágica secou o lago num instante. Havia ali, um grande peixe, tão grande que tocava toda a borda. Pululando de pequenas bestas que lhe roíam, ele se contorcia com dores intoleráveis. Alguém lhe perguntou se poderia haver um mal karma. “Tsangla Tanakchem (o Lama de Cabelos Negros) disse Lingje Repa”.

Este Lama cuja eficiência e bênçãos da palavra haviam sido extremamente poderosas e que, de um simples olhar, aliviava aqueles que maus espíritos importunavam, tornou-se objeto de veneração nas quatro províncias de Ü e de Tsang, mas quando lhe aconteceu de fazer a transferência de consciência de um morto, ele trouxe, para cada *phat*, um grande número de cavalos e bois que haviam pertencido ao defunto...

Um dia, o siddha Thangtong Gyelpo fazia um exercício de canais de energia num rochedo que se partiu em dois. No interior, havia uma grande rã que abria sua boca negra em intervalos regulares. Inumeráveis pequenas bestas estavam agrupadas sobre ela e lhe roíam o corpo, infligindo assim sofrimentos insuportáveis. Desejou-se saber a razão. Thangtong Gyelpo explicou que aquele que havia renascido era um sacrificador de animais.

Não contradizer engajamento e comportamento

Olhemos os Lamas atuais: cada vez que um benfeitor mata um carneiro grande e gordo, cozinha a garganta, os rins e o sangue e serve tudo sobre as costelas de um iaque ainda em tremores, nossos lamas levam seu xale sobre a cabeça e sugam essas entranhas como bebês (para fazer boa figura). Eles utilizam sua faca e cortam pedaços de carne em torno dos ossos e os comem de maneira displicente. Enfim, da boca escorre gordura, a cabeça entre a fumaça e coberta com uma bizarra barba ruiva que ele não apresentava antes, eles se vão com ânimo vivo. Mas numa vida futura, qual não será sua miséria quando, nos infernos efêmeros, deverão pagar com seu próprio corpo, a dívida por ter comido os corpos de outrem nesta vida.

Em outra ocasião, o grande abade de Ngor, Peldem Chökyong, que estava em Dege, colocou numerosos monges na borda do rio Flecha de Prata e lhes pediu para não deixar passar nada. À noite, eles viram um grande tronco de árvore que flutuava na água. Tendo pegado, eles o levaram ao abade dizendo que eles não viram nada além disto. “Corte-o” disse-lhes. Dessa maneira, eles encontraram no interior do tronco uma grande rã que um enxame de pequenas bestas estavam roendo. Depois do ritual de purificação, o abade declarou que aquele era o antigo tesoureiro de Dege, chamado Pogyé.

Mesmo que, atualmente, eles sejam muito poderosos, os chefes e os alto-funcionários que vivem na comunidade deveriam agir de forma circunspecta, pensando nos infernos efêmeros.

Nos tempos do Bhagavan, o açougueiro de uma cidade fez o voto de não matar animais à noite. Assim ele renasceu num inferno efêmero. À noite, sua felicidade era extrema, ele vivia numa bela e agradável casa, cercado de quatro belas mulheres que lhe serviam bebida e comida bem como ofereciam outros prazeres. Mas de dia, as paredes se transformavam em ferro ardente e as quatro mulheres em terríveis cadelas manchadas que lhe devoravam.

Igualmente, outrora, Shrona pôde ver um marido infiel que tendo feito o voto de não cometer adultério durante o dia, sofria à noite, ao contrário do açogueiro.

Discussões entre os monges

Havia um agradável monastério no qual viviam cerca de quinhentos monges. Quando tocava o sino para a refeição de meio-dia, o monastério se transformava num prédio de ferro ardente e os monges golpeavam-se com suas tigelas e xícaras, tornadas, assim, armas. Quando a hora da refeição passava, eles se separavam e tomavam os seus lugares. Ora, era o pleno efeito kármico das discussões que no tempo do Buda Kashyapa haviam opostos esses monges na hora da refeição.

Lição a se tirar da meditação sobre os infernos

Os oito infernos quentes, os oito infernos frios, os infernos efêmeros e os infernos vizinhos são denominados os dezoito domínios infernais. Estudemos bem: 1) seu número; 2) quanto tempo se vive lá; 3) quais são os sofrimentos que se passam lá; 4) as causas que determinam o renascimento; 5) pensemos com compaixão nos seres que lá se encontram e 6) esforcemo-nos por colocar em serviço para que doravante nem nós mesmos, nem os outros, renasçamos nesses locais.

Escutar e compreender são insuficientes

Caso se contente em escutar e compreender sem viver uma experiência real, torna-se um destes praticantes entediados que os seres sublimes criticam e os eruditos reprovam...

Havia, uma vez, um monge muito contente consigo mesmo por sua boa conduta que foi visitar o Mestre Shang Rimpoche. O Mestre lhe perguntou qual Dharma ele conhecia.

- "Eu escutei imensamente os ensinamentos".

- "Então me diga: quais são as dezoito esferas infernais?"

- "Ora! Os oito infernos quentes, os oito infernos frios, o que totaliza dezesseis. E dezoito com os Karmapas de Capuz Vermelho e Negro".

Não era por falta de respeito que ele contava os Karmapas nos infernos. Ele havia simplesmente esquecido as palavras "infernos efêmeros" e "infernos vizinhos". Como na época os Karmapas de chapéu negro e vermelho eram muito célebres, ele os incluiu por inadvertência em sua conta. Quando se chega lá, existe uma razão para se ter vergonha. Que dizer então da prática dos ensinamentos, se nós não conhecemos nem mesmo as palavras!

2] Os Pretas:

Distinguem-se os:

A] Pretas que vivem agrupados e

B] Os que se movem no espaço.

* * *

A] Os pretas que vivem agrupados:

Eles podem sofrer de taras:

- 1) Exteriores;
- 2) Interiores ou
- 3) Particulares.

1) Os pretas cujos vícios são exteriores:

Esses *pretas* sofrem de uma fome e de uma sede extrema. Séculos e séculos se passaram sem que eles sequer ouçam a palavra água. Constantemente obcecados por alimento e bebida, eles procuram sem jamais encontrar.

Acontece-lhes de, às vezes, ver um riacho de água clara que corre ao longe. Suas articulações são tão frágeis que elas não suportam o peso de seus ventres e a grandes custas eles se movimentam até que, completamente esgotados, chegam à borda do riacho. Mas seu sofrimento é grande e quando eles se dão conta, vêem que a água evaporou e não há ali nada além que cascalho.

Às vezes, são árvores frutíferas que eles vêem. Como na maneira precedente, eles se aproximam, mas uma vez que lá chegam, só encontram troncos ressecados.

Algumas vezes, eles vêem alimentos, bebidas e riquezas excelentes em abundância, mas tudo é guardado por numerosos homens armados que os perseguem e os golpeiam violentamente.

No verão, mesmo a lua os queima; no inverno, mesmo o sol é glacial e esta sensação é para eles a causa de extremos tormentos.

Um dia em que Shrona foi à região dos *pretas*, sua avareza o afetou tanto que ele foi acometido de uma febre. Com a boca completamente seca, ele se dirigiu para a porta de um castelo de ferro onde havia um terrível personagem todo negro com os olhos vermelhos. "Onde há água?" perguntou Shrona. Com estas palavras, formou-se em torno deles um grupo de *pretas* semelhantes com as bocas calcinadas que lhes suplicavam: "Grande Ser Perfeito, dê-nos água!"

"_Eu não a encontrei, disse ele, vocês é que devem me fornecê-la."

"_O que é que você está dizendo? exclamaram os *pretas*. Há doze anos que nós renascemos nesta região e nós nunca ouvimos, exceto hoje, a palavra água..."

2) Os pretas cujos vícios são interiores:

Suas bocas não são maiores que um buraco de agulha. Mesmo que eles pudessem beber toda a água dos grandes oceanos, no tempo que ela penetra em suas gargantas, que são tão finas quanto a crina de cavalo, o calor de seu hálito a evaporaria. Se eles têm sucesso ao engolir, ainda que seja um pouco, seu estômago, que é tão grande quanto um país, não é preenchido. E se acontece de se satisfazerem, eles se agrupam durante a noite e o fogo calcina seus pulmões, o coração e todas suas

entranhas. Quando querem se movimentar com seus desmesurados ventres, suas pernas finas como talos de ervas, não os pode suportar, o que os faz sofrer imensamente.

3) Os *pretas* cujos vícios são particulares:

Esses *pretas* têm dentro de seus corpos inúmeras pequenas bestas que os devoram. Eles podem igualmente sofrer inúmeros outros males cujas características e intensidade são variáveis.

Assim, um dia, Shrona esteve no país dos *pretas* e encontrou em um palácio uma mulher de corpo bem feito, bela e agradável ao olhar, ornada de pedras preciosas. Em cada um dos pés de seu trono, havia um *preta* preso. Ela ofereceu alimento a Shrona recomendando-lhe para que não desse esmola à esses *pretas*, nem mesmo uma mínima migalha. Ora, enquanto Shrona comia, os *pretas* se puseram a mendigar. O que ele primeiro ofereceu, se transformou em palha. Ao segundo, o que ele ofereceu se transformou numa bola de ferro; o terceiro recebeu sua própria carne e o quarto, pus e sangue... De volta, a mulher gritou: "Eu não lhe recomendei para não oferecer nada a eles. Seria a vossa compaixão superior a minha?"

"_Qual o elo que existe entre eles e vós?" perguntou Shrona.

"_Este aqui era o meu marido, aquele lá era o meu filho, aquela ali, minha sobrinha e o último, minha serva."

"_Qual o karma que os trouxe aqui?"

"_Os habitantes do continente de Jambu são muito céticos, vós não me acreditaríeis..."

"_Como eu não acreditaria, se vejo com meus próprios olhos?"

Então a mulher contou: "Eu era brahmane na minha cidade. Uma noite na qual as estrelas estavam particularmente propícias, eu estava preparando alguns deliciosos pratos, quando recebi a visita do grande e sublime Katyâyana, que vinha ali pela esmola. Eu tive fé nele e lhe dei esmola, depois eu disse a mim mesma que meu marido gostaria de dividir comigo a alegria deste mérito. Regozije-se comigo pela esmola que dei ao grande e sublime Katyâyana, O Filho do Mestre", eu lhe disse, mas ele ficou encolerizado: "Você não ofereceu nada ainda aos brahmanes, você nem mesmo apresentou suas homenagens à família e aos amigos e você deu do melhor em esmola a um religioso de cabeça raspada. Deve-se encher sua boca com palha!"

"Eu fiz a mesma proposta ao meu filho, que também se irritou: "Teu raspado deve comer uma bola de ferro!"

"Nesta noite, meus próximos me ofereceram pratos deliciosos, mas minha sobrinha os devorou e deixou-me o pior. Eu lhe pedi para que confessasse, mas ela contou-me esta mentira: 'Antes comer minha própria carne que tocar num prato que te foi destinado!' Enfim, minha serva, que havia comido os pratos que ela deveria ter levado a minha família, me disse que ela preferiria beber pus e sangue que me roubar alimentos"...

"Eu fiz o voto de renascer lá, para vê-los onde eles sucumbiam aos respectivos efeitos de seus karmas e foi assim que eu me tornei uma poderosa *preta*. Se eu não tivesse feito este voto, a esmola que eu ofereci a um ser sublime teria me feito renascer no mundo dos Trinta e Três Deuses..."

"Se vós fordes a minha cidade, diga a minha filha, que é prostituta, que vós vistes seus pais".

Ela o incumbiu de lhe dizer que ela estava seguindo um mau caminho cujos efeitos kármicos serão desagradáveis e que ela deveria renunciar a sua má conduta.

"Caso ela não acredite, diga-lhe que na antiga casa de seu pai existem quatro potes cheios de ouro, um cajado de ouro e um pote de ablução para os monges. Que ela tome para fazer tempos em tempos, oferendas ao grande e sublime Katyâyana e que ela pronuncie nossos nomes, distribuindo os méritos; isso reduzirá nosso karma até que ele se esgote completamente."

Um dia, o Mestre Jitâri estava viajando. Ele encontrou uma *preta* mulher de corpo repulsivo que tinha quinhentas crianças. "Meu marido partiu para o Trono de Diamante, para coleta de alimentos, mas isso já faz doze anos e ele ainda não retornou. Se vós fordes lá, diga-lhe que se ele não retornar rápido, nossos pequenos morrerão de fome".

"_Como é teu marido? perguntou o Mestre, todos os *pretas* se assemelham, eu o reconheceria?"

"_Não é possível se enganar, ele tem uma boca enorme, um nariz achatado e é vesgo... ele possui as marcas repugnantes."

Quando Jitâri foi ao Trono de Diamante, ele viu um noviço fazendo oferendas de água e alimento. Em uma horda de *pretas* que davam , coices uns nos outros, ele reconheceu aquele que procurava. Ele transmitiu a mensagem de sua mulher e o *preta* respondeu: "Há doze anos eu erro, mas nada encontrei, exceto uma vez, quando um monge puro deixou cair o muco, mas eu não consegui muito pois éramos vários para disputá-lo..." Jitâri detalhou que nesta batalha por um muco, os outros *pretas* lhe produziram numerosos ferimentos.

Tomemos sobre nós em pensamento os diversos tormentos que afligem os espíritos ávidos. Onde quer que eles renasçam, são principalmente a fome e a sede. Constatemos quantos de nós sofremos por jejuar ainda que seja durante uma só manhã. O que nós nos tornaríamos se nos acontecesse de renascer num local onde, por numerosos anos, nós não escutaríamos nem mesmo a palavra água?

Ora, as principais causas de um tal renascimento são a avareza e a oposição à generosidade alheia. Como nós agimos assim um número incalculável de vezes, nós devemos todos nos colocar em obra para que este karma não nos faça renascer em locais semelhantes.

Devemos refletir sobre tudo isso e meditar aplicando totalmente os três métodos supremos.

B] Os *pretas* que se movem no espaço

São eles, entre outros, os *tsen*, os "reis", os fantasmas, os *jungpos*, os demônios "goules", os gnomos, todos aqueles que vivem no terror e na alucinação. Ruminando sem cessar maus pensamentos, seu único esforço consiste em prejudicar e eles são muito numerosos, e uma vez mortos caem no fundo dos mundos inferiores tais como os infernos. Em particular, acontece-lhes uma vez por semana, sentir todas as dores de suas mortes: doença, ferimento por arma, sufocamento, etc. Como eles querem se livrar de seus tormentos sobre os outros, onde quer que eles estejam, fazem maldades, sem acudir. Felizes, correm na frente de seus antigos amigos, de seus próximos, mas provocam neles doenças, delírios e outros sofrimentos indesejáveis.

Mágicos poderosos os enterram, os queimam e fazem neles rituais de projeção: eles se encontram bloqueados nas trevas subterrâneas durante o tempo de um kalpa, se

consomem no fogo de oferenda e são atingidos por grãos de mostarda e outros pós de pedra que fazem voar suas cabeças em cem fragmentos e seus corpos em mil partes. Nunca escapam ao sofrimento.

Para os *pretas* as percepções são falsas: no inverno o sol é frio e no verão a lua é ardente. Alguns têm formas de pássaros, de cães, de outros animais, mas têm um aspecto repugnante. Inconcebíveis são seus sofrimentos.

Apliquemos cada um dos três métodos supremos para novamente tomar mentalmente esses sofrimentos sobre nós e cultivar por eles o amor e a compaixão.

3] Os animais:

Distinguem-se:

- A] Os animais que vivem agrupados,**
- B] Os que vivem dispersos**

* * *

A] Aqueles que vivem agrupados

Nos grandes oceanos exteriores, vivem os peixes, monstros marinhos, moluscos, tartarugas, vermes e outros animais fervilhando como grãos de sorgo num tonel de cerveja. Existem serpentes e monstros de um tamanho tão grande, que seus corpos são numerosas vezes maiores que o Monte Supremo. Outros animais são pequenos como partículas de poeira ou a ponta de uma agulha. Todos experimentam sofrimentos sem fim.

Os maiores alimentam-se dos menores. Os menores roem os maiores. Os menores são numerosos e vivem dentro de um maior e se servem dele com alimento. Alguns nascem nos continentes, onde o sol brilha, onde eles não podem nem mesmo ver se seus membros estão estendidos ou flexionados. Estúpidos e ignorantes, os animais não compreendem nada do que é preciso adotar ou rejeitar e renascem nos locais onde o sofrimento não tem limite.

B] Aqueles que vivem dispersos

Aqueles que tiveram um renascimento entre os deuses e os homens sofrem sem cessar por serem estúpidos e subjugados. Os da espécie dos *nâgas* são atormentados pelos *garudas* e chuvas de areia calcinante, sofrem por serem idiotas, ferozes e venenosos.

1) Os animais selvagens que encontramos nos países dos homens em particular vivem constantemente sob o medo. Cada bocada de alimento é ingerida com inquietação. Eles devoram-se uns aos outros e numerosos são aqueles que os matam: caçadores, animais ferozes, etc. Os gaviões matam os pequenos pássaros, os pequenos pássaros matam os insetos, eles acumulam continuamente o mal karma de matarem-se entre si.

Os caçadores são *experts* na arte de torturar e de fazer morrer. Redes de pesca, armadilhas, arapucas, fuzis... Numerosos são os perigos que freqüentemente ameaçam a vida dos animais. Matam-se alguns por causa de seus chifres, pele e outros produtos

de seus corpos: as ostras pelas suas pérolas, o elefante pelas suas presas e seus ossos; os tigres, leopardos, lontras e as raposas pelas suas peles, os ovibos pelo seu almíscar. Matam-se outros como o asno e o iaque selvagens pela sua carne e seu sangue... Grande é o seu sofrimento, uma vez que seus corpos são a causa de sofrimentos.

2) Quanto aos animais que dependem dos homens eles são estúpidos e quando seu carrasco, de faca na mão, aproxima-se deles e lhes põe o olhar, de forma exorbitante, nem mesmo pensam em fugir. Eles o fazem ordenhar, colocar arreios, castrar, furar o nariz, prender a arados e nenhum escapa a esses sofrimentos de escravidão. Continua-se a encarregar os cavalos cujo dorso são uma só ferida e ainda os matam. Quando não podem mais avançar, se jogam pedras neles. E não nos vem à cabeça a idéia de que eles possam penar ou estar doentes.

Explora-se o grande gado e as ovelhas até sua morte. Quando estão muito velhos, são mortos e vendidos. Assim são prometidos ao açougue e a morte natural lhes é desconhecida.

Colocar-se em seus lugares: Amor e Compaixão

Assim, os animais vivem inconcebíveis sofrimentos. Quando nós vemos um ser torturado (por sua morte), coloquemo-nos mentalmente em seus lugares e pensemos em detalhe, tudo o que sofreu. Consideremos, com uma imensa compaixão, a todos aqueles que, de maneira geral, renasceram entre os animais. Mais particularmente se nós temos animais domésticos, ocupemo-nos dele com bondade e amor. Como não existe um só ser, até mesmo os pequenos insetos, que não sinta prazer ou dor, ou que não tenha sido nossos pais e mães, cultivemos por eles o amor e a compaixão numa prática que inclua cada um dos métodos supremos...

Onde quer que se renasça entre os mundos inferiores, se sofre intensamente e por muito tempo. A estupidez, a ignorância e a ausência de todo pensamento dhármico, fazem com que elaborem novas causas de nascimento nesses mesmos lugares. E uma vez que lá se renasça, é difícil sair. Por isso, como nesta vida e nas outras acumulamos uma imensidão de atos que são com certeza causa de lá renascermos, apliquemo-nos sinceramente em arrependermos-nos de nossas ações passadas, de confessa-las e, doravante evitá-las. Consideremos com uma intensa compaixão os seres que vivem nesses mundos e dediquemo-nos os efeitos dos méritos que nós acumulamos no curso dos três tempos. Oremos para que eles sejam libertos das más esferas e cultivemos a mente do Despertar.

Desenvolver a Boddhicitta:

“Agora que eu encontrei o Dharma do Grande Veículo, eu tenho a possibilidade de percorrer uma via que conduz ao meu próprio bem e ao dos outros. Praticarei, portanto, esse Dharma com coragem, desprezando as dificuldades e conduzirei todos os seres que povoam os três mundos inferiores pelos campos puros do Buda”.

Para adquirir um tal poder, oremos às divindades e aos Mestres, invocando seu socorro e suas bênçãos. Dediquemo-nos aos seres, ao mérito assim adquirido e rapidamente apliquemos os três métodos supremos.

Podemos nos interrogar se os três renascimentos inferiores são os únicos que são dolorosos e se nas esferas superiores tudo é somente bem estar e felicidade. Ah, bem! A felicidade não existe nos mundos superiores.

4] Os sofrimentos humanos

O homem padece de três sofrimentos fundamentais nos quatro grandes rios de sofrimento que são o nascimento, a velhice, a doença e a morte; ele sofre do medo de encontrar os inimigos que odeia, do medo de ser separado de seus próximos bem-amados, de suportar o indesejável e de não obter o que deseja.

A] Os três sofrimentos fundamentais

1) O sofrimento da mudança

O bem estar que nós gozamos atualmente, em um instante se transforma em dor. Nós sentimo-nos muito bem, satisfeitos, saciados depois de uma refeição benéfica para o corpo, mas quando temos parasitas dentro do ventre, nós somos bruscamente tomados por violentos espasmos... Quando estamos felizes e um inimigo leva nossas riquezas e nosso gado, um incêndio destrói nossa casa, uma doença ou um demônio mórbido e violento subitamente se manifesta ou do exterior nos chegam más notícias; tudo isto nos mergulha instantaneamente na infelicidade.

De maneira geral, nada do que está nestes locais samsáricos assemelha-se à saúde, felicidade, ou ainda não há um átomo de constância ou de estabilidade; finalmente, nada escapa ao sofrimento.

Portanto, desgostemo-nos.

2) A acumulação de sofrimentos

Mesmo quando estamos mergulhados na infelicidade, um outro sofrimento vem e nos sucumbe. À lepra se juntam as úlceras; às úlceras, as feridas; à morte do pai, se junta a da mãe; à agressão do inimigo, a perda de um ente querido... De sorte que, onde quer que renasçamos no samsara, é somente para passar o tempo acumulando sofrimento, sem um instante de felicidade.

3) O sofrimento em formação

Mesmo aqueles que, entre nós, pensam estar bem e aparentemente não sofrem, estão, de fato, totalmente mergulhados no processo de sofrimento. Nosso alimento, nossa vestimenta, nossas casas, nossos intensos prazeres, nossos ornamentos, nossas festas, tudo isto é produzido por atos nocivos e todas as nossas atividades não são nada além que a utilização desses atos. Por consequência, cada umas dessas coisas só pode ter como resultado o sofrimento. Tomemos o exemplo do chá e da *tsampa*.

O chá é cultivado na China. No momento do plantio e quando se cortam as folhas, é impossível enumerar quantos pequenos animais são mortos. Para levar o chá até Tartseto, cada carregador leva consigo 62 *khag*, que são sustentados na testa por uma correia. Mesmo quando o osso do crânio já está aparente, o carregador continua. A partir de Dothok, o *dzo*, os iaques e as mulas assumem essa tarefa. O dorso desalinhado, o peito afundado e os pêlos arrancados, os inconcebíveis sofrimentos da escravidão. Quando é hora de fazer o escambo, os homens encontram-se somente em disputas, desonestidade e fraudes. O chá é trocado, na maior partes das vezes por produtos animais como a lã de carneiro ou o couro de cordeiro. Ora, no verão a lã pulula de pulgas, carrapatos e grupos de pequenos animais que, no momento da tosa, morre, a maioria, decapitada, cortados em dois, eviscerados. Aqueles que não morrem,

ficam escondidos na lã, onde cozinham lentamente. Tudo isso conduz os autores a maus renascimentos...

Vejam agora o couro dos cordeiros. Os carneiros que acabaram de nascer tem todos os órgãos dos sentidos e sentem prazer e dor. E é nesse momento de plena saúde em que gozam os primeiros instantes de vida, que eles são abatidos. Talvez eles sejam animais estúpidos; todavia, eles não gostam da morte, sua vida lhes agrada e eles sofrem quando os matamos. Quanto às ovelhas, quando matamos seus filhotes, a dor é exemplo vivo da mãe que acabou de perder seu único filho. Se nós não refletimos sobre o fato que nós compramos tais produtos e os utilizamos, nós compreendemos que um gole de chá só pode contribuir para nosso renascimento nos mundos inferiores.

Vejam o exemplo da *tsampa*. Inicialmente, o arado traz à superfície todos os pequenos animais que vivem sobre a terra e enterram todos aqueles que vivem na superfície. Os bois atados ao arado, onde quer que sigam, são perseguidos por corvos e outros pássaros que se alimentam destes pequenos animais. Quando se irriga o campo, todos aqueles que vivem na umidade são dispersos na terra seca e todos aqueles que vivem no seco, morrem encharcados. Quando é tempo da sementeira, da colheita e do refino, mata-se ainda um outro número incalculável. Quando nós pensamos nisso, é uma verdadeira poeira de insetos que se come.

Um outro fato é: ainda que se considere a manteiga, o leite e os outros alimentos que denominamos os “três brancos” e os “três doces” como alimentos puros, desprovidos de mal, na realidade esses produtos custam a morte da maioria dos bebês iaques, dos bezerros ou dos cordeiros. Aqueles que são mortos são presos desde o nascimento com uma corda em torno de seus pescoços sem que sequer tenham mamado uma só gota de leite de suas mães. Quando eles não devem se movimentar, eles são presos uns aos outros. Rouba-se seu alimento e água, privando-os de cada gota de leite com o qual se faz a manteiga e o queijo apoderando-se da quintessência do corpo da mãe, que é a força vital do pequeno. Abandonam-se os dois entre a vida e a morte. Na primavera, as velhas *dri* não podem nem mesmo levantar-se em suas acomodações no estábulo, de tanto que estão enfraquecidas. Os pequenos, em sua maioria, simplesmente morrem de fome. Aqueles que sobrevivem, frágeis e esqueléticos têm o comportamento hesitante: diria-se que estão semimortos, de tanto que a força lhes falta.

Assim, tudo isso que hoje achamos agradável, tal como o alimento e a vestimenta, todos os bens e todas as riquezas às quais nós podemos pensar, tudo é produto de atos nocivos. No final das contas, nós devemos recolher o fruto nos infinitos sofrimentos dos mundos inferiores. Em consequência, tudo o que parece ser o bem estar atual é sofrimento em formação.

B] Os principais sofrimentos humanos

1) Os sofrimentos do nascimento

Os seres humanos do Continente de Jambu nascem de uma matriz, a consciência do ser no bardo que, na condição de *gandharva*, penetra no esperma paterno unindo-se ao sangue materno e passa pela experiência dolorosa dos estados embrionários: geléia viscosa, geléia mais firme, forma de amêndoa, rígido, forma de fava, etc. Uma vez que todos os membros, apêndices e órgãos dos sentidos estejam formados, fechado num útero estreito, malcheiroso e totalmente escuro, o feto sofre

como um homem jogado dentro de uma solitária. Quando a sua mãe se alimenta de algo quente, ele sofre como se o queimasse. Quando ela absorve algo frio, ele sofre como se tivesse sido jogado na água gelada. Quando ela está deitada, ele sofre como se estivesse sendo esmagado sob uma colina. Quando ela tem o estômago cheio, ele sofre como se estivesse imobilizado entre dois grandes rochedos. Quando ela tem fome, ele sofre como se caísse de um precipício. Quando ela caminha, senta ou mexe-se, ele sofre como se o vento o levasse...

Em seguida, quando terminam os meses de gestação, a energia kármica da existência encaminha o feto para o parto. Impulsionado através da porta de nascimento, ele sofre com se um vigoroso atleta o pegasse pelos pés e o jogasse contra a parede.

No momento de vencer a estrutura óssea, o bebê sofre como se passasse pelo furo de uma fieira. Se o orifício é muito estreito, ele morre ou ainda a mãe e o filho morrem juntos. De qualquer maneira eles sofrem a angústia da agonia...

Como diz o grande Oddiyâna:

“Mãe e filho estão ambos a caminho da morte.

Boca à parte, todas as articulações maternas se abrem.”

Uma vez nascida, a criança sofre de múltiplas maneiras. No trabalho de parto, ele sofre como se fosse esmagado dentro de um buraco cheio de espinhos das amoreiras selvagens. Quando a placenta se desprende, ele se sente como se estivesse sendo esfolado vivo. Limpá-lo de seus excrementos é como se fosse chicoteado com espinhos. Quando a mãe o põe no colo, ele se sente como um pequeno pássaro levado por um gavião. Passar-lhe manteiga no alto do crânio (para ajudar a fechar as fontanelas) é como amarrá-lo e jogá-lo num buraco profundo... Em seguida, quando é colocado no berço, ele se sente mergulhado numa lama suja e quando a fome, a sede ou a doença o assalta, ele não tem outro recurso senão chorar.

Quando é adolescente, temos a impressão provisória de crescer, mas de fato, cada dia nossa vida se esgota e nós nos aproximamos da morte. Entregues às atividades mundanas, sempre inacabadas que se sucedem como marola sobre a água, nosso grande sofrimento vem do fato que todas as atividades estão exclusivamente ligadas a atos nocivos e, por isso, são causa de renascimentos inferiores.

2) Os sofrimentos da velhice

Assim, preocupados com as marcas samsáricas, desprovidas de sentido e nunca concluídas, o homem, de forma breve e sem se dar conta, encontrar-se-á nos sofrimentos da velhice. Seu corpo perde pouco a pouco todo o vigor. Ele não pode mais digerir os alimentos que antes achava deliciosos. Sua visão é curta, ele não pode mais ver o que está distante ou o que é pequeno. Sua audição diminui, ele não ouve mais de forma fiel. Sua língua está anquilosada, não sente mais o gosto do que come ou bebe, assim como não pode articulá-la adequadamente. Com o enfraquecimento de seu “órgão mental”, sua consciência mergulha no esquecimento e no embotamento. Quando perde os dentes, não pode mais mastigar as coisas duras e repete palavras ininteligíveis... Não pode mais sentir calor com vestimentas leves, pois seu corpo perdeu o calor natural. Não pode mais carregar nada pesado, pois não é mais forte o suficiente para levantar o peso. Não pode mais aproveitar os prazeres dos sentidos, mesmo que ainda tenha vontade. Torna-se irritável e perde rapidamente a paciência devido à degenerescência dos canais e da energia. Desdenhado por todos, se desencoraja e sofre. A perturbação dos elementos que compõem o corpo engendra uma

fartura de doenças e problemas. Para o velho, andar, sentar, mexer-se lhe exige um esforço considerável.

Escutemos Jetsun Mila:

“Você se levanta, como se desenterrasse um pino, é o um.

Você caminha como se espiasse um pássaro, é o dois.

Você se senta como um fardo que é solto, é o três.

Quando essas coisas estão juntas, avó,

Você não é nada além de uma triste mulher cujo corpo ilusório está minguando.”

“Tua pele se recolhe, você se cobre de rugas, é o um.

Carne e sangue te deixam, teus ossos criam saliências e você está totalmente arruinada, é o dois.

Idiota, surda, cega, embotada, é o três. Então, três coisas que, combinando-se, fazem de ti uma avó.

Que torna feia uma frente com rugas de cólera.”

“Um pesado espólio de farrapo, é o um.

Alimentos e bebidas frias e insípidas, é o dois.

A pele de animais nos quatro cantos da cama, é o três.

E então três coisas que, reunidas, fazem de ti avó,

Uma 'iluminada' que homens e cães pisam nos pés.”

Quando se levanta, o velho, não podendo fazer nada num só movimento, toma apoio de suas duas mãos sobre o solo como se arrancasse uma estaca cravada numa terra dura. Quando caminha, seu dorso curvado o impede de elevar a cabeça. Levantando-se, repousa os pés com lentidão, locomove-se precavidamente como uma criança que espreita um pássaro. As articulações de seus braços e de suas pernas lhe trazem dores. Não pode sentar-se lentamente e cai de uma só vez, tombando como um fardo cuja correia foi solta. Seus músculos se atrofiam, sua pele se amassa, seu corpo e sua face se cobrem de rugas, Sua carne e seu sangue ressecam, todas as articulações aparecem, suas maçãs do rosto e todas as saliências ósseas criam pontas. Com o declínio da memória, o velho torna-se idiota, surdo e cego, tem a mente em desordem e totalmente embotada.

Não mais tendo forças, nem vontade de agradar, suas vestimentas lhe parecem pesadas, e assim parte em frangalhos.

Como se alimenta de restos e perde o sentido do paladar, todos os alimentos são frios e insípidos.

Ele se sente pesado e tudo lhe é difícil, tanto que não pode deixar o leito sobre o qual se recolhe nas quatro direções.

Então, a decrepitude exterior do corpo ilusório lhe provoca o desencorajamento e um grande sofrimento.

Sua beleza e brilho de sua face se extinguem, sua pele se enruga abundantemente e sua frente se cobre de vilãs rugas de cólera. Todos o desdenham e passam sobre sua cabeça, mas, não podendo se levantar, o velho não reclama mais como um “iluminado” para o qual o limpo e o sujo não existem mais.

Não suportando os sofrimentos da velhice, aspira morrer, mas a proximidade da morte é uma fonte de grande medo. Tudo somado, a velhice traz sofrimentos comparáveis àqueles dos mundos inferiores.

3) Os sofrimentos das doenças

O corpo é composto de quatro elementos. O desequilíbrio entre eles provoca todos os tipos de doenças, como aquelas do ar, da bile da fleuma, e essas doenças determinam uma sensação dolorosa.

Às penas, se é tocado pelas dores vivas e intermitentes das doenças que nos fazem tombar sem forças, como um pássaro atingido por uma pedra, mesmo que se seja jovem, vigoroso, esplêndido. Do fundo de seu leito, tem todas as dores do mundo ao fazer o mínimo movimento. O simples fato de explicar onde está sentindo dor, a voz é reticente e vem do fundo de suas entranhas. No lado esquerdo, sobre o ventre ou sobre o dorso, o doente nunca se sente bem. Ele não tem mais vontade de beber ou de comer. À noite, não pode mais dormir; e os dias como as noites lhe parecem longos. Ele deve se submeter contra a vontade aos tratamentos desagradáveis – medicamentos amargos, apimentados ou ácidos, sangrias ou cauterizações. Ele se amedronta ao pensar que, estando doente, poderá morrer. Sob o poder das influências mórbidas e do mal karma, perde o controle de sua mente e segue de alucinação em alucinação. Acontece-lhe mesmo de se matar, de se jogar no vazio. Quanto aos leprosos e aos epiléticos, eles são como mortos vivos; rejeitados pelos homens, vêem sua decrepitude física e moral...

Os doentes não podem geralmente cuidar de si mesmos. Amargos pelo seu mal, não estão nunca satisfeitos com que os outros fazem por eles e seu caráter se torna duro. Quando a doença tem um curso longo, o assistente se cansa, não lhe obedece mais e constantemente as dores do doente estão presentes...

4) Os sofrimentos da morte

O moribundo não consegue se levantar do leito onde se encontra mergulhado. Não tem mais vontade de se alimentar nem de beber. O tormento de sentir a morte o faz esquecer toda a alegria e dissipa sua coragem e sua segurança. Depois vem o tempo das alucinações. É a hora da grande “mudança” na qual a família e os amigos fazem um círculo em torno do doente, mas não tem o poder de retardá-la. E assim está totalmente só para experimentar os sofrimentos da morte. Mesmo possuidor de inúmeras riquezas, não pode levar nada consigo. Não pode se desapegar, mas elas não podem segui-lo. Os remorsos lhe dominam ao se lembrar de suas maldades. Ao pensar nas dores dos mundos inferiores, fica aterrorizado. Senhor medíocre que a morte surpreende! E enquanto as percepções da vida desaparecem, ele se torna frio pouco a pouco...

Se for um homem mau, morre batendo no peito, cobrindo com marcas de unha, pois se recorda dos maus atos e tem medo de renascer nos mundos inferiores e se arrepende de não ter praticado o Dharma, a única coisa que é útil no momento da morte, quando estava livre para fazê-lo.

“O malfeitor que se vê morrer
É um Mestre em causalidade kármica.”

Antes mesmo que esteja morto, os mundos inferiores vêm até ele. Tudo o que percebe, lhe amedronta, e todo o que sente é dor. Os elementos de seu corpo se dissolvem. Respira com dificuldade. Seus membros se movem. Suas idéias se perdem. Quando os olhos se viram, ele transpassa. O Mestre dos Mortos vem ao seu encontro. As aparições do bardo surgem: não há mais protetor, nem refúgio.

Não é certo que nesse momento, no qual se parte nu, as mãos vazias, não chegue hoje. Nada nos protege então, exceto o Dharma, a única coisa que com certeza é útil no momento da morte.

“No ventre materno pense no Dharma.

Uma vez nascidos, pense no Dharma da morte!”

Sendo jovem ou velho a morte nos pega de imprevisto, é necessário que desde o nascimento, se pratique o Dharma útil, nesse momento.

Até o presente, esquecidos da morte, nós estamos ocupados em submeter nossos inimigos, de proteger nossos amigos, de gerenciar nossas casas e nossos bens materiais. Mas reflitamos: esconde-se um grande defeito no fato de se passar nosso tempo obedecendo ao apego, à ignorância e ao ódio, ao se ocupar de seus amigos e seus próximos.

5) O medo de encontrar os inimigos que odiamos

Mesmo se nós passamos todo nosso tempo supervisionando nossos bens dia e noite, assaltante de dia, ladrão à noite, cães selvagens, lobos e outras espécies ferozes, tudo acontece sem apelo.

De maneira geral, quanto mais nós temos riquezas, maior é o sofrimento interminável de guardá-las, protegê-las ou fazê-las aumentar.

Nagarjuna escreveu:

“Por elas nos fazemos sofrer ao guardá-las, protegê-las ou fazê-las aumentar.

Saiba que as riquezas são fonte de miséria sem fim!”

Escutemos Jetsun Mila:

“As riquezas,

Tornam-te feliz, de início, e outros a desejam.

O tanto que tenhas, não estais satisfeitos.

Então, em seguida, a avareza o aprisiona.

Não mais poderás ter um final virtuoso.

Toda esta prata atrai inimigos e demônios.

E de teu dinheiro guardado, é outro que se aproveita.

Ele torna-se, para finalizar, o diabo que toma a tua vida.

Ocupar-se das riquezas inimigas, isso é um desprazer!

E termino com esta carga samsárica:

Este desejo do demônio, eu não o quero!”

Nossas posses valem, portanto, os sofrimentos que lhes são proporcionais. Quando se tem, por exemplo, um cavalo, temos medo que um inimigo o domine, que um ladrão o pegue, que ele não tenha sua ração de feno: então vemos que um simples cavalo pode fazer sofrer muito. O mesmo para um carneiro, caso se possua, não seria ele um saco de chá? Deve-se sucumbir aos sofrimentos que implicam a posse de um saco de chá...

Uma vez que, como diz o provérbio, “sem riquezas, não se tem inimigos” e se está em paz, nós deveríamos nos inspirar na história dos Vencedores de outrora e cortar todo o apego aos bens e as riquezas. Façamos como os pássaros que vivem do que encontram e não nos liberemos da prática do Dharma. Que isso seja o tema de nossa meditação.

6) O medo de ser separado dos seres que amamos:

Todos os seres do mundo, que giram no samsara, se ligam àqueles que estão a seu lado e detestam aqueles que são estrangeiros. Tomando partido dos próximos, sua *entourage*, seu povo, seus amigos e seus companheiros, passam por numerosos sofrimentos por eles. É dado que aqueles aos quais somos ligados por laços familiares ou de amizade são impermanentes e consagrados à separação; que a maioria morre; que erram no exterior, sofrem por causa de um inimigo ou de outras circunstâncias; seus sofrimentos nos afetam mais do que se fossem nossos. Em particular, os pais têm uma tal afeição por seus filhos que eles sempre têm medo que sintam frio, fome ou sede, estejam doentes ou morram. Eles prefeririam morrer a vê-los sofrer. Por eles, experimentam as dores morais.

Em realidade, ainda que nós padeçamos do medo de ser separados dos amigos e dos próximos que nos são caros, olhando bem, não é evidente que eles o sejam realmente. Os pais pretendem amar seus filhos, mas sua maneira de amar sendo errada, acabam causando-lhes mal. Dando-lhes riquezas, casando-os para a vida, prendendo-os aos ciclos do samsara, eles os ensinam várias maneiras de cometer atos nocivos, como aqueles que permitem vencer os inimigos, proteger seus amigos ou aumentar suas riquezas. E então os levam às profundezas dos mundos inferiores. Não se pode encontrar atitude mais nociva!

Quanto a nossas crianças, meninos e meninas, eles começam a perceber a essência de nossos corpos e em seguida nos tiram o pão da boca, e para terminar, eles levam as riquezas de nossas mãos. Nós devemos bem amá-los, e eles nos agridem de volta. Nós lhes damos sem contar tudo o que nós reunimos durante toda a vida, a despeito dos atos nocivos, do sofrimento e da má reputação, mas eles não estão satisfeitos de forma alguma. Ofereceu-se uma grande medida de dinheiro, o mais puro, e eles não experimentaram nem mesmo a alegria de uma pessoa comum a quem se dá um pouco de chá. Tudo o que eles sabem dizer é que tudo o que pertence ao seu pai, pertence a eles também. Nossas irmãs e nossas filhas consomem avidamente nossas riquezas sem se contentar com aquilo que oferecemos. Mais se lhes dá, mais elas reclamam. Elas irão levar até mesmo a bela pedra colorida que serve de marca em nosso chapéu! No melhor dos casos, elas contribuem à prosperidade dos outros, mas não são de nenhuma ajuda. E, no mínimo, elas retornam à casa dos pais encontrando-os infelizes.

Quanto aos demais próximos a nós, estes nos consideram como deuses e fazem o que eles podem para nos ser úteis em tudo: para termos o que for necessário, para que tudo se passe bem conosco e que tudo seja perfeito. Mesmo quando não temos nenhuma necessidade, eles nos oferecem presentes. Porém se a ruína nos chega, ainda que não tenhamos causado nenhuma contrariedade, eles nos olham como inimigos e em resposta aos benefícios, nos oferecem maldades.

Filhos, filhas, família e próximos não tem o mínimo sentido.

Escutemos Jetsun Mila:

“ Para começar, um filho é um pequeno deus sedutor.
Quando os amamos até não mais poder,
Depois ele solicita o que lhe é devido com veemência.
Damo-los tudo, mas ele nunca está contente.
Leva um estrangeiro para casa.
E caça seus gentis pais.

Seu pai o chama, mas ele não responde.
E à sua mãe, se faz de surdo.
Para terminar, não são nada além que vizinhos distantes...
É se destruir, ao invés de educar, os ingratos!
Engendrar nossos inimigos, isto é desagradável!
Eu joguei fora as águas sujas do samsara:
Não quero crianças mundanas!”

E ainda:

“Inicialmente, uma filha é uma pequena deusa que sorri.
Monopoliza com autoridade todos os tesouros.
Depois, impenitente, solicita humildemente o que lhe é devido.
E rouba abertamente seu pai.
E sua mãe, discretamente.
Nunca está contente com o que lhe é dado.
Ela desespera seus gentis pais.
Enfim, uma ogra de face vermelha.
Ela irá, ao máximo, aumentar a glória de um outro.
E, no mínimo, ela trará infelicidade aos seus pais...
As ogas de nossa perdição, como isto é desprazer!
Findas as penas sem retorno:
Essas filhas, causa de miséria, eu não desejo!”

Enfim:

“Os amigos, gostamos muito de vê-los e lhes sorrimos;
O vale ressoa com 'venha, portanto' e 'sente-se!'.
Depois, chegam os convites;
Um empréstimo por um devolvido, segundo o ditado.
Para terminar, o desejo e o ódio vão até vós...
Esses tristes companheiros incitadores de problemas são desagradáveis.
Terminei com os tomadores de refeição às custas alheias de minha prosperidade:
Eu não quero mais amigos mundanos!”

7) O medo de não obter o que se deseja

Neste mundo, não existe ninguém que não queira ser feliz e se sentir bem. Todavia, ninguém conhece a satisfação desse desejo. Com a esperança de ser feliz, nós construímos uma casa, mas ela desmorona e nós morremos sob os escombros. Contando acalmar nossa fome, nós ingerimos alimentos que nos tornam doentes e colocam a nossa vida em perigo. Nós esperamos a vitória e, chegando ao combate, nós nos fazemos matar. Partimos para fazer comércio pensando nos proveitos, mas um adversário nos esmaga e somos reduzidos à mendicância... Quaisquer que sejam os esforços e a energia que nós despendemos na esperança de ser felizes e ricos nesta vida, se nós não tivermos o karma necessário, não chegaremos mesmo a satisfazer nossa fome imediata e traremos sofrimentos a nós e aos outros. O único resultado dos quais estamos certos é o de estar presos nas profundezas dos mundos inferiores. É por essa razão que uma faísca de mérito vale mais que uma montanha de esforços! Tão boas que sejam as atividades samsáricas, não levam ao sucesso jamais! Todos os esforços que nós possamos fazer neste sentido, desde a noite dos tempos nunca trouxeram outro resultado além de sofrimento. Se dirigirmos todos os esforços

mundanos de toda uma vida para o Dharma, nós seríamos desde já Budas ou, em todo caso, nós nunca mais iríamos experimentar os sofrimentos dos mundos inferiores, definitivamente.

No presente, conhecemos a fronteira do que é preciso adotar e o que é preciso rejeitar. Cessemos de ter grandes esperanças nas empreitadas samsáricas, sempre inacabadas, e façamos uma prática da qual temos certeza de um fim: aquela do Dharma autêntico.

8) O medo de se submeter ao que não se deseja

Ainda que, neste mundo, nenhum de nós deseje o sofrimento, experimentamos sem cessar. Certos homens, por causa de seus atos passados, tornam-se vassalos de um rei ou escravos de um rico. Escravizados contra a sua vontade, não têm um só instante de liberdade. Pela menor falta, são abatidos por sofrimentos e não podem reagir. Caso os levem para serem imediatamente executados, sabem que não poderão nem mesmo fugir.

Assim, sempre nos acontece o que não desejamos. Foi o que escreveu Longchempa, o Grande Onisciente:

“Desejaríamos sempre ficar com nossa família e nossos próximos.
Mas é certo que nós os deixaremos.
Desejaríamos sempre guardar nossa boa casa e nosso leito macio.
Mas é certo que os deixaremos.
Desejaríamos sempre gozar de saúde e felicidade,
E de nossos bens, mas é certo que os perderemos.
Desejaríamos sempre guardar nosso corpo humano com suas liberdades
E riquezas, mas é certo que morreremos.
Desejaríamos sempre ficar próximo do bom Mestre
Para escutar o Dharma, mas é certo que o deixaremos.
Desejaríamos sempre ficar com nossos bons amigos espirituais
Mas é certo que nos separaremos.
Vistamos desde hoje a armadura da coragem.
É o tempo de embarcar para a ilha da Felicidade da qual nunca se parte!
Ó meus amigos, animados por uma sincera fadiga,
O ímpio mendigo que sou vos exorta nestes termos...”

Bens, riquezas, saúde, felicidade e renome têm por origem os atos benéficos de outrora. Se tivermos um bom karma, eles apresentar-se-ão espontaneamente, mesmo se não os desejamos. No caso contrário, nossos esforços e nossas penas serão vãs, nossos desejos não serão satisfeitos e atrairemos o indesejável. É por isto que aqueles que não praticam o verdadeiro Dharma, apoiando-se na inesgotável riqueza que é o contentamento, ainda que se esteja engajado no Dharma, se liberam para as atividades puramente mundanas. Esses são os autores de seus infortúnios e desagradam os seres sublimes, como canta Jetsun Mila:

“O Vencedor, senhor dos homens, ensinou de maneira geral,
O Dharma pode findar com as oito preocupações,
Mas aqueles que se tomam por eruditos
Não estão cada vez mais preocupados?”
“O Vencedor ensinou as regras da disciplina
Para se liberar das obras mundanas.

Mas os monges que observam essa disciplina
Não estão cada vez mais atarefados?”

“Ele ensinou a arte de viver dos rishis de outrora
Para se desapegar de seus próximos.

Mas aqueles que atualmente vivem em eremitérios
Não tem ainda mais desejo de serem admirados?”

“Nunca pensamos que morreremos.

E nos perguntamos no que o Dharma poderá servir.”

Nos tempos de decadência, os homens que nasceram nos quatro continentes em geral e mais particularmente sobre o Continente de Jambu, não conhecem um só átomo de felicidade e vivem no sofrimento. No presente, ainda, cada ano, cada mês, cada noite, cada refeição, cada manhã que passa marca uma etapa a mais na decadência. Este kalpa torna-se cada vez pior, o ensinamento do Buda e a felicidade dos seres degrada-se gradualmente. Que esta reflexão nos torne desgostosos!

E mais, o continente de Jambu é um local kármico por excelência. Tudo, bom e mau, agradável ou desagradável, bem e mal, Dharma e não-Dharma, tudo é incerto.

Observemos tudo isso, constatemos com nossos próprios olhos, depois adotemos e rejeitemos o que convém. É o conselho do Onisciente Longchempa:

“Olhe, às vezes, o que percebeis como circunstâncias favoráveis
Reconhecendo que elas são vossas projeções, vós fareis amigos de vossa prática.

Olhe, às vezes, as circunstâncias desfavoráveis que vos prejudicam.

Isto é um ponto essencial para não mais ser atraído pelas ilusões enganadoras.

Olhe às vezes, seus amigos e os Mestres dos outros.

Com isso, vós aprendereis e vos incitareis à prática.

Olhe, às vezes, os prodígios dos quatro elementos no espaço.

Vós sabereis como o esforço se suprime na natureza da mente.

Olhe, às vezes, seu país, vossa casa e vossos bens.

Sabendo que são ilusórios, vós findareis com vossa atração pelas alucinações.

Olhe, às vezes, os bens e as riquezas dos outros.

Vendo somente objetos de piedade, vós não tereis mais desejos samsáricos.

Examinando a natureza de tudo que vós percebeis,

No múltiplo, vós abolireis a perturbação que consiste em se comprazer na realidade das coisas”.

Portanto, coloquemos as palavras em prática.

5] Os sofrimentos dos semi-deuses

Em regra geral, as riquezas e prazeres dos semideuses rivalizam com as dos deuses. No entanto, os semideuses tomaram o hábito de serem ciumentos, de contestar e de combater nas suas vidas precedentes e com este karma. Todavia, eles renasceram e esse fato desencadeia um ciúme extremo. Mesmo entre eles, disputam por territórios e províncias e seu constante desacordo os mergulha em batalhas e conflitos perpétuos.

Quando levantam os olhos para os deuses, vêem que suas riquezas e seus prazeres são perfeitos e que uma árvore-das-aspirações satisfaz plenamente suas necessidades e seus desejos. Constatando, entre outros, que essa árvore mergulha suas raízes no mundo dos semideuses, eles tornam-se insuportavelmente ciumentos. Vestindo suas armaduras, empunhando suas armas, eles partem para a guerra com os deuses. Estes últimos vão então para a floresta que torna-agressivo, e tomam também suas armaduras e suas armas. O elefante divino Muito-Firme tem trinta e três cabeças. Sobre a cabeça central está Indra, o soberano dos deuses, e sobre as outras seus trinta e dois ministros. Inconcebíveis legiões os rodeiam. Entre gritos de aclamação, seu esplendor é insustentável. Durante o combate, eles fazem chover suas armas: vajras, rodas, lanças, flechas, etc. seus poderes mágicos lhes permitem levantar grandes montanhas e se servir delas como projéteis. Em razão de seus karmas, os deuses são sete vezes maiores que os homens, mas os semideuses são menores. Os deuses não morrem, exceto quando são decapitados; porém, seu néctar divino cura rapidamente todos os ferimentos. Mas os semideuses morrem, como os humanos, como, por exemplo, quando são atingidos em um órgão vital. Dessa forma, eles perdem numerosas batalhas. Quando, entre outros estratégias, os deuses enviam seu elefante Toda-Proteção com uma roda de espadas atada à tromba e embriagado, os semideuses são mortos às centenas de milhares. Seus cadáveres descem rapidamente ao longo do Monte Supremo e caem nos Grandes Lagos Ondulantes, que tomam a cor de sangue.

Assim, unicamente ocupados em se agredirem, os semideuses vivem num mundo que não escapa ao sofrimento. Meditemos sobre sua sorte com sinceridade.

6] O mundo dos deuses

Em geral, os deuses desfrutam de suas vidas, de riquezas, de um bem-estar e felicidade perfeitos. Entretanto, como passam seu tempo divertindo-se, eles não têm o pensamento de praticar o Dharma. Mesmo com a duração de um kalpa, suas vidas parecem durar apenas uma fração de segundo e, quando estão distraídos e esgota-se o karma são confrontados com a morte. Os deuses das seis esferas divinas do Mundo do Desejo, desde o céu Assembléia-dos-Quatro-Grandes-Reis até o Uso-daMagia-dos-Outros, devem todos submeter-se aos sofrimentos da morte e da transmigração.

Quando um desses deuses se aproxima do fim, a luz de seu corpo, que lhe tornava visível à milhas de distância e lugares, perde seu brilho. Ele que nunca deixava de estar sentado no trono, agora isso lhe é desagradável: não tem mais vontade, não se sente à vontade. As flores divinas que ele portava em colares e não morriam, agora elas estão murchas. Suas vestimentas, mesmo que eles as usassem por muito tempo, nunca se sujavam, mas agora se encontram sujas, sem brilho. Os deuses não transpiravam, agora eles suam. Quando os cinco sinais "pré-corredores" da morte aparecem, sofre por compreender que, mesmo ele, vai morrer. Amigos e deusas também o sabem, mas não podem mais se aproximar. De longe, eles jogam flores e se vão formulando

aspirações: “Que tu possas, quando estiveres morto, renascer junto aos homens, aplicar-se ao bem e renascer novamente entre os deuses!”

Sozinho então, a dor o domina e ele olha, com seu olho divino onde vai renascer. Caso se trate de uma esfera dolorosa, os tormentos da queda o abatem antes mesmo do que aqueles da morte estejam dissipados. Desesperado por estes sofrimentos multiplicados por dois ou três, deve ficar sete dias divinos a se lamentar – e sete dias junto aos Trinta e Três Deuses correspondem a setecentos anos humanos. Durante todo esse tempo, ele se lembra de seu bem-estar e sua felicidade no passado; porém não tendo o poder de permanecer, sofre por ter que transmigrar, e a visão do local de seu próximo renascimento o domina. A isso se juntam os sofrimentos da queda propriamente dita, e essas duas dores que se fixam em sua mente ultrapassam aquela dos infernos.

Nas esferas divinas superiores, o sofrimento da morte e da transmigração não é sentido de maneira evidente. Todavia quando seu karma de impulsão estiver esgotado, os deuses caem nos mundos inferiores como se tivessem sido tirados de seu sono.

“O deus Brahma, ele mesmo, depois de desfrutar
A felicidade livre de apego,
Deve submeter-s,e na sua vez, a dores contínuas.

Disse Nagarjuna.

Assim, onde quer que se renasça entre os seis estados de existência, tudo tem a natureza do sofrimento, tudo é uma superabundância de sofrimento, tudo está nas engrenagens do sofrimento. Não há um só momento de descanso, um só átomo de felicidade neste sêxtuplo mundo que se assemelha a um fosso cheio de brasas, uma ilha povoada de ostras, um abismo marinho, a ponta de uma arma, um fosso de riquezas...

Lê-se no Sutra das Recoleções:

“Os condenados dos infernos sofrem por serem queimados.
Os *pretas* são consumidos pela fome e sede.
Por se devorar entre si, os animais padecem.
E o homem, por ter uma vida efêmera.
Os semideuses sofrem com as guerras e as contestações.
Ninguém experimenta, no círculo das existências,
Um instante de felicidade, pois também está preso.”

O protetor Maitreya diz também:

“Existe tanta felicidade nos cinco estados de existência.
Quanto doces fragrâncias nos consultórios.”

E o Grande Oddiyâna:

“Neste círculo, é dito, nunca se encontra
Felicidade, nem como uma ponta de agulha.
E mesmo, se acontece que se tenha um pouco,
Sucumbe-se ao sofrimento de o ver mudar.”

Tendo meditado sobre essas palavras, vejamos a futilidade dos mundos samsáricos. Onde quer que se renasça, do pináculo da existência às profundezas dos infernos, não há intervalo de felicidade. Como um doente do fígado a quem se apresenta um prato com muita gordura, sejamos nós desgostosos!

Não nos contentemos em compreender e estudar todos os sofrimentos. Tomemos-los mentalmente sobre nós até viver uma experiência convincente. Armados

de tal certeza, nós não teremos mais esforço a fazer para evitar o mal e ter prazer no bem: isso virá naturalmente.

Nanda, o sobrinho do Bhagâvan, era muito ligado à sua mulher e não desejava renunciar ao mundo. Graças aos meios hábeis, o Buda o convenceu finalmente a entrar no Dharma e tornar-se monge, mas ele não soube seguir os preceitos. Então, quando se preparava para fugir, o Bhagâvan o transportou milagrosamente para uma montanha nevada diante de uma macaca estropiada. "Entre ela e sua mulher Pundarîka, qual é a mais bela?" Perguntou à Nanda.

"-É minha mulher! Respondeu. A outra não pode nem mesmo ser comparada a ela!"

"-Então venha ao mundo dos deuses!"

Quando chegaram lá, o Bhagâvan sentou-se num canto e disse a Nanda para ir ver. Os deuses, cada um em seu palácio, estavam cercados de jovens deusas que desfrutavam de conforto, de felicidade e riquezas inconcebíveis. Entretanto, havia um palácio que, apesar da presença de numerosas deusas, não se via nenhum deus. Nanda perguntou o porquê. Foi-lhe respondido que o rei encontrava-se junto aos homens, um certo Nanda, sobrinho do Bhagâvan, que seguia a disciplina monástica, que este karma lhe valia renascer entre os deuses e que este palácio pertencia a ele. Com o coração em festa, Nanda retornou para junto do Bhagâvan que lhe perguntou se ele havia visto o reino dos deuses. "Sim" -fez ele.

"- Então, quem você acha mais bela, tua mulher ou uma jovem deusa?"

"- As filhas dos deuses são muito mais belas. Suas belezas ultrapassam a de Pundarîka o tanto que a dela ultrapassa o da macaca estropiada.""

Retornando para junto dos humanos, Nanda observou perfeitamente a disciplina monástica. O Bhagâvan dirigiu-se então aos monges: "É para renascer nos locais divinos que Nanda renunciou ao século, mas vós vos tornastes monges com a intenção de transcender à miséria; ele e vós não tomastes a mesma via. Não se entretenham mais com ele, não falem sobre intimidades, não sentem-se mais sobre o mesmo assento!" Todos os monges obedeceram. Nanda ficou profundamente desolado. Perguntou a Ananda, como irmão caçula, se ainda o amava e não o rejeitaria como os outros monges o fizeram. Mas quando ele foi procurá-lo, este se levantou e afastou-se. Nanda lhe perguntou a razão de sua atitude e Ananda lhe reportou as palavras do Bhagâvan. Nanda se abateu de tristeza. Então o Bhagâvan veio lhe propor visitar os infernos. Através de um outro milagre, ele o levou até lá e pediu para que olhasse.

Nanda visitou todos os locais infernais, ele encontrou-se num local onde numerosos operários do Mestre dos Mortos cercavam uma panela vazia na qual as chamas dançavam. Ele perguntou porque não havia mais ninguém além deles. Eles responderam que um sobrinho do Bhagâvan chamado Nanda que seguia a disciplina monástica para ganhar a felicidade dos deuses renasceria ali mesmo depois de provar a felicidade de um renascimento celeste, quando os efeitos de seus méritos estivessem esgotados... Amedrontado, Nanda retornou e disse a si mesmo que, se renascesse mais tarde junto aos deuses para finalmente parar nos mundos inferiores, não tinha nenhum sentido e aprovou o desejo de libertar-se. Tendo visto os infernos com seus próprios olhos, não transgrediu o menor preceito e o Bhagâvan deu-lhe como exemplo, seu discípulo que controlava melhor os sentidos.

Sem ir até os infernos para vê-los com seus próprios olhos, o simples fato de ver uma imagem gera em nós o medo e reforça nosso desejo de liberação. É por esta razão

que o Bhagâvan pediu para que se desenhasse na porta dos monastérios da Comunidade uma roda dividida em cinco representando o Samsara.

“Se uma imagem dos infernos, ou uma descrição,

Podem nos amedrontar, o que devem sentir.

Aqueles que sofrem o pleno efeito insuportável de seus atos?!”

Disse o protetor Nagarjuna.

Reflitamos assim aos múltiplos tipos de sofrimento samsáricos e retornemos às profundezas de nós mesmos, de todas as atividades de nossas vidas mundanas. Se nós não renunciarmos a estas atividades, podemos nos vangloriar de praticar, isto não será o verdadeiro Dharma.

Renunciar às atividades mundanas:

Atisha estava a ponto de deixar este mundo quando um yogui veio lhe pedir a permissão de meditar após sua partida.

"- Mesmo se você meditar, será isto o Dharma?" respondeu Atisha

"- Então, posso ensinar?"

O Mestre respondeu a mesma coisa.

- "Que farei, portanto?" Continuou o yogui

- "Confie tudo a vosso Mestre e renuncie a esta vida!"

Conta-se que um religioso estava fazendo circumboluções em torno do monastério de Radreng quando encontrou Geshe Tönpa que lhe disse: “Venerável, é bom fazer as voltas, mas valeria mais a pena praticar verdadeiramente o Dharma?” O religioso pensou que seria mais importante ler os sutras do Grande Veículo que fazer circumboluções. E foi ler os sutras na galeria da biblioteca. “É bom ler o Dharma, disse-lhe Tönpa, mas não valeria mais a pena praticá-lo verdadeiramente?” O monge refletiu novamente: Isto quer dizer que é mais importante absorver-se no recolhimento meditativo que ler os sutras...” Mais tarde, retomando a leitura, sentou-se em seu leito com os olhos semicerrados. Então Tönpa disse: “É muito bom meditar, mas não valeria mais a pena praticar verdadeiramente o Dharma?” O monge clamou: “Precioso Geshe, como devo me tornar para praticar?

- "Venerável, renuncie a esta vida, renuncie, portanto!"

Quando todas as nossas atividades mundanas nos encaminham para as esferas dolorosas do samsara durante esta vida para sempre, cortemos as amarras que nos prendem a esta última. Quando não houver mais que um Mestre autêntico que possa nos dar com exatidão os conselhos necessários para realizar o despertar numa vida seguinte, deixemos cair com tudo que lhe pertencer: pais, próximos, amigos ordinários e íntimos, alimento, riquezas e comodidades.... Contentemo-nos com o alimento e a vestimenta que se apresentam e pratiquemos o Dharma!

Escutemos Padampa Sangye:

“As coisas materiais são como as nuvens e as brumas; não acredite que elas durarão para sempre!

Tudo o que tem renome é semelhante a um eco, não realize vosso renome, realize o Dharma!

As belas vestimentas são como os arco-íris; vista-se humildemente e pratique!

Nosso corpo é um saco de pus, de sangue e serosidades: não o valorize!

Mesmo os alimentos deliciosos se transformam em excrementos: não dê muita importância à alimentação!
Os fenômenos apresentam-se como nossos inimigos; habite, portanto num eremitério ou nas montanhas!
Quando os espinhos da ilusão penetram na mente, experimente-os como iguais.
Desejos e necessidades vêm de nós mesmos; supervisione vossa mente!
A preciosa jóia não se encontra em nós; não se apegue aos alimentos e às riquezas!
Muitas palavras produzem contestações; fiquem como os mudos!
Esta mente está apta por si mesma a fazer o bem; não se deixe guiar pelo seu ventre!
As bênçãos jorram da mente; invoque o Mestre e o vosso Yidam!
Ficando muito tempo no mesmo lugar, veremos erros até mesmo no Buda; não fique muito tempo no mesmo lugar!
Conduza-se humildemente e renuncie ao orgulho!
Nós não podemos nos eternizar aqui; faça, portanto o que se faz em pouco tempo!
Esta vida é como um albergue; não construa uma fortaleza onde você somente repousa!
Nada é útil; libere-se, portanto à vossa prática! Nós não sabemos quando nossos corpos serão comidos pelos vermes ou desaparecerá; não vos deixeis levar pelas aparências desta vida!
Amigos e próximos se assemelham a pássaros sobre um galho, não se apegue!
A fé nascida da convicção é semelhante a uma fundação excelente; não a abandone na poeira das emoções negativas!
Esta existência humana é semelhante à preciosa jóia-dos-desejos, não a deixe ao ódio dos inimigos!
Este samaya é como uma torre de guarda; não a manche com faltas!
Assim vosso Mestre do Diamante está presente entre vós; não deixe, portanto o Dharma na ociosidade!

Benefícios dessa meditação

Assim, para praticar verdadeiramente o dharma, é necessário a todo custo reconhecer que o samsara, em todos seus aspectos, não tem nenhum sentido. Ora, a causa de tal pensamento é a meditação sobre os sofrimentos do samsara. Meditemos, portanto, até que esse pensamento esteja ancorado no fundo de nós. Teremos sucesso quando tivermos a convicção de Geshe Thangpa.

Um dia, um de seus servos próximos lhe declarou: "Os outros dizem que vós tendes uma cabeça lúgubre".

- "Quando se pensa nos sofrimentos dos três mundos do samsara, como posso ter uma cabeça feliz?", replicou.

Conta-se que Langri Thanpa nunca sorriu exceto uma vez, quando ele olhava um camundongo que tentava em vão levantar uma turquesa colocada sobre a sua mandala. Ele chamou –“tsik-tsik” umas amigas ajudaram e se puseram a empurrar, puxar...

Benefícios e conclusão

Essa meditação sobre os sofrimentos do samsara é, portanto o fundamento de todas as qualidades da Via; é ela que: 1) desencadeia o interesse pelo Dharma; 2) que dá fé na causalidade kármica; 3) que faz renunciar a esta vida; e 4) que gera o amor e a compaixão pelos seres...

O Bhagâvan, ele mesmo, começava cada ensinamento por estas palavras: “Ó monges, esta vida é sofrimento!” Ele mostrava, com isso, a necessidade de reconhecer esta verdade. Meditemos até que nós a tenhamos completamente a integrado!

“Vejo que o samsara é sofrimento, mas eu o amo apaixonadamente.
Receio o abismo dos mundos inferiores, mas procedo mal.
Abençoe-me, e a todos meus semelhantes que estão desorientados,
Para que renunciemos a esta vida!”



Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Parte IV

Capítulo 6

ཨ། ལས་འབྲས་ཡོངས་སུ་བསྟན་པ།

Os atos e Seus resultados



Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Capítulo 6

Os atos e seus resultados

Introdução

I Os diferentes atos e seus efeitos

II Características de cada um desses atos

Segundo: A] *Suas diferentes formas*
 B] *Seus efeitos*
 C] *Os atos mais graves*

1] Os dez atos negativos e seus efeitos

1) Os atos negativos cometidos pelo corpo

- 1_ O homicídio ou destruir a vida
- 2_ O roubo ou tomar o que não lhe foi dado
- 3_ A má conduta sexual

2) Os atos negativos cometidos pela palavra

- 1_ A mentira
- 2_ A calúnia
- 3_ As palavras ofensivas
- 4_ As palavras inúteis

3) Os atos negativos cometidos pela mente

- 1_ A cobiça
- 2_ A maldade
- 3_ As visões errôneas

2] Os atos meritórios e seus efeitos

3] Os atos imutáveis

III A responsabilidade sobre seu próprio karma

IV A herança kármica

V Como pequenos atos produzem grandes efeitos

VI A impossibilidade da perda dos atos

Conclusões

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Capítulo 6
Os frutos dos atos

Neste capítulo estudaremos qual é a origem dos sofrimentos. Todos eles resultam do karma poluído.

Lemos no *Sutra dos cem karmas*:

"É a diversidade do karma que cria a diversidade de seres."

No *Sutra do lótus branco da compaixão*:

"O universo é produzido pelo karma;

É o karma que o faz aparecer.

Os seres são produzidos pelo karma;

É ele que os diferencia."

E no *Abhidharma*:

"A multiplicidade dos mundos é produto do karma."

O que é o karma? O *Condensado do Abhidharma* responde:

"A impulsão mental e o ato que dele resulta."

O *Abhidharma* diz ainda:

"O karma é designado pela impulsão mental e seu resultado."

E o *Tratado fundamental da Via Mediana*:

"O karma, ensinou o supremo rishi,

É a impulsão mental e seu efeito."

Para definir esses dois elementos, diremos que a impulsão é o ato mental, e seu efeito, os atos físicos e verbais. O *Abhidharma* precisa:

"A impulsão mental é o ato mental;

O que ele produz é o ato físico ou verbal."

* * *

Vejamos, agora, como os atos se apresentam e quais são seus efeitos.

- I Os diferentes atos e seus efeitos;**
- II Características de cada um desses atos;**
- III A responsabilidade sobre seu próprio karma;**
- IV A herança kármica;**
- V Como pequenos atos produzem grandes efeitos;**
- VI A impossibilidade da perda dos atos.**

* * *

I Os diferentes atos e seus efeitos

Distinguem-se três tipos de atos e seus efeitos correspondentes:

- 1] Os atos negativos;
- 2] Os atos positivos;
- 3] Os atos imutáveis.

II Características de cada um desses atos

1] Os atos negativos e seus efeitos

Existe um grande número de atos negativos, mas podemos resumir-los em dez:

Três tipos para o corpo

- | | |
|------------------------|---|
| 1) o homicídio | 1 |
| 2) o roubo | 2 |
| 3) a má conduta sexual | 3 |

Quatro para a palavra:

- | | |
|--------------------------|---|
| 1) a mentira | 4 |
| 2) a calúnia | 5 |
| 3) as palavras ofensivas | 6 |
| 4) as palavras inúteis | 7 |

E três para a mente

- | | |
|-----------------------|----|
| 1) a cobiça | 8 |
| 2) a maldade | 9 |
| 3) as visões errôneas | 10 |

Estudaremos:

- A] diferentes formas assumidas por cada um desses atos;
- B] Seus efeitos;
- C] As instâncias onde são particularmente graves.

1) O homicídio ou destruir a vida.

A] Mata-se: 1) por desejo, 2) por raiva ou 3) por ignorância.

1) Alguns seres são mortos pelo desejo por sua carne, sua pele, ou simplesmente em um jogo; mata-se por dinheiro ou para proteger a si mesmo ou aos próximos.

2) Mata-se por raiva as pessoas que, por exemplo, detestamos ou nos ameaçam.

3) Mata-se por ignorância para realizar oferendas ou por razões semelhantes.

- B] Esses atos têm três efeitos:
- 1) O pleno efeito;
 - 2) O efeito conforme a causa;
 - 3) O efeito condicionante.

- 1) O pleno efeito da morte é renascer em um dos infernos.
 - 2) O efeito conforme a causa é uma vida curta e com muitas doenças, quando se renasce como ser humano.
 - 3) O efeito condicionante é renascer em um lugar miserável e de mau augúrio.
- C] A morte mais grave é aquela do próprio pai ou de um Arhat.

2) O roubo, ou tomar o que não lhe foi dado.

- A] Existe 1) o roubo à força, 2) o roubo às escondidas e 3) o roubo pela trapaça.
- 1) O primeiro consiste em apoderar-se de algo por meio do uso da autoridade, sem que a vítima tenha alguma culpa e deva ser punida.
 - 2) No segundo tipo de roubo entra-se sorrateiramente em uma casa, por exemplo, roubando sem ser visto.
 - 3) Quanto ao terceiro tipo de roubo, engana-se os outros se utilizando uma balança adulterada, medidas falsas e outros subterfúgios.
- B] O efeito do roubo também é triplo:
- 1) O pleno efeito é renascer como preta.
 - 2) O efeito conforme a causa é a pobreza, quando se renasce como ser humano.
 - 3) O efeito condicionante é renascer em um lugar onde a geada e o gelo não param de cair.
- C] O roubo mais grave consiste em apoderar-se das posses de um Amigo de Bem ou das Três Jóias.

3) A má conduta sexual.

- A] Existem três tipos de desvio sexual:
- 1) Por consangüinidade, 2) Por traição e 3) Por razões éticas.
- 1) O primeiro consiste em manter relações sexuais com a própria mãe, irmã ou um outro parente próximo.
 - 2) O segundo, em manter relações sexuais com uma pessoa que já tenha um compromisso com outra.
 - 3) A terceira compreende cinco tipos de relações sexuais consideradas impróprias, mesmo quando praticada com o cônjuge: por via incorreta, isto é, com a boca ou o ânus; em um local inadequado, isto é, próximo a um amigo de bem, em um templo, diante de um *stupa* ou em um lugar muito freqüentado; em um momento inoportuno, isto é, quando se fez um voto de reparação-purificação, durante a gravidez, o aleitamento, ou em pleno dia; com uma freqüência exagerada, isto é, mais do que cinco vezes seguidas; de uma maneira inconveniente, isto é, pela força e pela violência. As relações sexuais pela boca ou pelo ânus com pessoas do mesmo sexo, assexuadas, bissexuais, etc, também fazem parte do desvio sexual.

- B] 1) O pleno efeito desses atos é renascer como preta.
2) O efeito conforme a causa é encontrar como cônjuge um inimigo cheio de ódio, quando se renasce como ser humano.
3) O efeito condicionante é renascer em local repugnante.
- C] O pior é praticar o desvio sexual com uma mulher que é ao mesmo tempo a própria mãe e uma Arhat.

4) A mentira

- A] Diferenciamos:
- 1) A mentira que leva à anulação dos votos monásticos, chamada mentira dos mestres mundanos.
 - 2) A mentira grave, que é útil a si próprio e prejudicial aos outros.
 - 3) A mentira benigna, que não ajuda nem prejudica ninguém.
- B] 1) O pleno efeito da mentira é renascer como animal.
2) O efeito conforme a causa é ser freqüentemente criticado, quando se renasce como ser humano.
3) O efeito condicionante é um mau hálito nos futuros renascimentos.
- C] A pior das mentiras consiste em dizer alguma coisa falsa para difamar um Buda, ou ainda, mentir para seu Amigo de Bem.

5) A calúnia

- A] Há 1) A calúnia brutal, que consiste em criar a discórdia entre dois amigos, pronunciando palavras difamatórias em sua presença.
2) A calúnia dissimulada, que conduz ao mesmo resultado, recorrendo-se a elogios hipócritas.
3) A calúnia oculta.
- B] 1) O pleno efeito da calúnia é renascer nos infernos.
2) O efeito conforme a causa é ser separado dos amigos, quando se renasce como ser humano.
3) O efeito condicionante é renascer em um lugar de relevo acidentado.
- C] A pior das calúnias consiste em pronunciar palavras desagradáveis para dividir a nobre sangha.

6) As palavras ofensivas

- A] Há: 1) Palavras que ferem diretamente, que consistem em dizer abertamente a alguém os seus defeitos;
2) As palavras que ferem dissimuladamente, que são misturadas a propósitos frívolos ou a zombarias.
3) As palavras que ferem indiretamente, proferidas diante de um amigo ou algum próximo que queremos ofender.

- B] 1) O pleno efeito das palavras que ferem é renascer em um inferno.
2) O efeito conforme a causa é ouvir todas as espécies de proposições desagradáveis, quando se renasce como ser humano.
3) O efeito condicionante é renascer em uma terra salobra ou árida, entre pessoas malfeitoras.
- C] As piores palavras que ferem são aquelas que proferimos contra os pais ou um ser sublime.

7) As palavras inúteis

- A] Há: 1) Palavras inúteis enganosas, como as recitações e outros rituais dos tirthikas.
2) Palavras inúteis mundanas, sem propósito adequado.
3) Palavras verdadeiras que, no entanto, servem para expor o Dharma à pessoas desrespeitosas ou inaptas a recebê-lo.
- B] 1) O pleno efeito é renascer como animal.
2) O efeito conforme a causa é o descrédito, quando se renasce como ser humano.
3) O efeito condicionante é renascer em um local onde as estações não seguem o ritmo da natureza.
- C] As piores das palavras inúteis são as que distraem aqueles que querem praticar o Dharma.

8) A cobiça

- A] Distinguimos três tipos de cobiça:
1) A primeira é o apego imoderado a própria vida, sua classe social, sua aparência física, suas qualidades, suas riquezas, que leva a pensar: “Não existe ninguém que esteja a minha altura”.
2) A segunda é o desejo de possuir o que os outros têm de melhor.
3) A terceira é o desejo de apropriar-se do que não pertence a ninguém, como as riquezas escondidas sob a terra.
- B] 1) O pleno efeito da cobiça é renascer como preta.
2) O efeito conforme a causa é ser escravo do desejo, quando se renasce como ser humano.
3) O efeito condicionante é renascer em um local onde as colheitas são de má qualidade.
- C] A pior das cobiças consiste em querer retirar daqueles que renunciaram a seus bens o pouco que lhes restou.

9) A maldade

- A] 1) Há a maldade raivosa, como o desejo de matar alguém porque o odiamos, durante uma guerra, por exemplo.
2) Há a maldade invejosa, como o desejo de matar um rival ou de prejudicá-lo por temor que ele se torne melhor do que nós.
3) Há a maldade rancorosa, como o desejo de matar alguém ou de prejudicá-lo porque ficamos obcecados com a lembrança do mal que nos causou.
- B] 1) O pleno efeito da maldade é renascer em um inferno.
2) O efeito conforme a causa é ser dominado pela raiva, quando se renasce como ser humano.
3) O efeito condicionante é renascer em um local onde o alimento é amargo e pesado.
- C] A pior das maldades consiste em premeditar um crime de retribuição imediata.

10) As visões errôneas

- A] As visões errôneas se referem:
1) à causalidade dos atos; 2) verdade da Via e 3) às Três Jóias.
1) A primeira visão errônea consiste em não acreditar que os atos positivos produzem a felicidade, e os atos negativos, a infelicidade.
2) A segunda consiste em pensar que a prática da Via não leva à interrupção do sofrimento.
3) A terceira consiste em considerar as Três Jóias uma mentira e criticá-las.
- B] 1) O pleno efeito das visões falsas é renascer como animal.
2) O efeito conforme a causa é encontrar-se sob o domínio da ignorância, quando se renasce como ser humano.
3) O efeito condicionante é renascer em uma região em que as plantações não frutificam.
- C] O pior não é somente promover falsas crenças, mas considerá-las superiores às outras.

Acabamos de descrever os efeitos dos atos em geral, mas **de um modo mais detalhado** podemos considerá-los de três maneiras:

- 1] De acordo com a emoção negativa subentendida pelo ato,
 - 2] De acordo com a frequência do ato
 - 3] De acordo com o seu destinatário.
- 1] _Se o ato negativo é realizado sob o domínio da raiva, ele conduz ao renascimento em um inferno.
_Se ele é motivado pelo desejo, o renascimento será como *preta*.
_Quando motivado pela ignorância, renasce-se como animal.

Lemos na *Guirlanda de jóias*:

"Pelo apego torna-se *preta*,
A raiva leva aos infernos,
E a ignorância leva, sobretudo, ao renascimento como animal."

- 2] Se repetirmos um ato negativo um número incalculável de vezes, renasceremos nos infernos.
Se o repetirmos com freqüência, renasceremos como *preta*.
E se o praticarmos esporadicamente, renasceremos como animal.
- 3] Se a vítima de nossos atos negativos é um ser ou um objeto especial, renasceremos em um dos infernos.
Se ela tem uma importância média, renasceremos como *preta*.
Se sua importância é pequena, renasceremos entre os animais.

Para concluir esta exposição sobre a causalidade dos atos negativos, citemos novamente a *Guirlanda de jóias*:

"São negativos os atos provocados
Pelo desejo, a raiva e a ignorância:
Eles são a fonte de todos os sofrimentos
E de todos os estados de existência inferiores."

2] Os atos meritórios e seus efeitos

A] Os dez atos positivos consistem em abandonar os dez atos negativos. Em termos práticos, tratar-se-á de: proteger a vida do outro; ser generoso; ter uma conduta sexual pura; dizer honestamente a verdade; reconciliar aqueles que não se entendem; falar de modo calmo, disciplinado e verídico; ter propósitos bons; ter poucos desejos e satisfazer-se com o que se possui; meditar sobre o amor e os outros sentimentos altruístas; e aderir ao que é autêntico.

B] O efeito dos atos meritórios é igualmente triplo.

1_ Seu pleno efeito é renascer no mundo do Desejo, entre os deuses e os homens.

2_ O efeito conforme a causa é, por exemplo, gozar de uma longa vida se, ao recusar-se matar, protege-se a vida alheia.

3] O efeito condicionante é renascer, no caso da renúncia ao assassinato, em um local onde os objetos utilitários são poderosos e de boa qualidade.

Concluiremos esta exposição sobre a causalidade dos atos meritórios com uma outra citação da *Guirlanda de jóias*:

"São positivos os atos que provêm
Da ausência de desejo, de raiva e de ignorância:
Eles levam aos mundos felizes
E à felicidade em todas as vidas."

3] Os atos imutáveis e seus efeitos

Os atos imutáveis têm como causa a acomodação aos estados de absorção meditativa, e como efeito essas mesmas absorções como “locais” de renascimento.

As absorções comportam oito concentrações em um dos dezessete níveis dos deuses da Forma ou em um dos quatro níveis dos deuses do Sem Forma.

Quais são as respectivas causas de cada um desses renascimentos?

Sua causa geral é a prática dos dez atos benéficos. Além disso, para renascer como um deus no mundo de Brahma, é preciso meditar sobre a via dos preparativos da primeira concentração, sem incapacidade nem impedimento. Isso constitui a causa decisiva. Também é preciso ter meditado sobre a própria primeira concentração, a qual é acompanhada de pensamento, análise, de alegria e de bem-estar – o que constitui a causa final. Se a meditação final recai sobre a concentração particular, renascemos no mundo do Grande Brahma.

Para renascer dentre os deuses da Pequena Luz e os outros deuses da Segunda Concentração, a causa decisiva é a meditação sem impedimento sobre a via dos preparativos da segunda concentração. A causa final é a meditação sobre a própria segunda concentração, a qual é isenta de pensamento e de análise, mas acompanhada de alegria e bem-estar.

O esquema é idêntico para as causas decisivas das concentrações seguintes.

Para renascer como um deus do Pequeno Mérito ou como um outro deus da Terceira Concentração, a causa final é a meditação sobre a própria terceira concentração, a qual é isenta de alegria, mas acompanhada de bem-estar.

Para renascer como um deus do mundo Sem Nuvens ou como um outro deus da Quarta Concentração, a causa final é própria meditação sobre a quarta concentração, a qual é ao mesmo tempo isenta de pensamento, de análise, de alegria e de bem-estar.

Ao separarmos-nos das quatro concentrações, alcançamos o “espaço infinito”. Pelo poder da meditação sobre esse estado, renasce-se como um deus do Espaço Infinito.

Afastando-nos desse novo estado, chegamos à “consciência infinita”. Meditando sobre esta última, renascemos como um deus da Consciência Infinita.

Se nos separamos deste novo estado, chegamos ao “sem nada”. Meditando sobre este último, renascemos como um deus do Sem Nada.

Separando-nos novamente desse estado, atingimos o estado “sem percepção nem ausência de percepção”. Meditando sobre ele, renascemos como um deus do Nem Percepção ou Nem Ausência de Percepção.

O que entendemos por “atingir um estado afastando-nos de um outro estado”?

É a renúncia aos estados inferiores, pois a progressão dirige-se à ausência de desejo.

“Espaço Infinito” é o outro nome para o espaço, a consciência, etc., que são os objetos da concentração? Não, os três primeiros estados se chamam “Espaço Infinito”, etc., porque a entrada na absorção é acompanhada pelo pensamento do espaço infinito, e assim por diante; mas esse pensamento é ausência da própria absorção.

O quarto estado tira seu nome do fato de que nele possuímos uma percepção tênue: nenhuma percepção clara, mas tampouco ausência total de percepção.

De modo geral, as oito concentrações principais das quais acabamos de tratar correspondem à focalização perfeita de uma mente positiva.

Como conclusão da exposição, sobre a causalidade dos atos imutáveis, citaremos uma vez ainda a *Guirlanda de Jóias*:

"As concentrações infinitas e sem forma
Fazem experimentar a felicidade de Brahma e dos outros deuses
semelhantes."

Assim, o que produz os fenômenos do samsara são os três tipos de karma poluído.

III A responsabilidade sobre seu próprio karma

Cada um colhe o fruto de seus próprios atos, pois os atos produzem seus efeitos nos agregados daquele que é responsável por eles, e não em outra parte.

Como afirma o *Condensado do Abhidharma*:

"O que entendemos por ter a responsabilidade sobre seu próprio karma?
Que nós mesmos experimentamos o pleno efeito de nossos atos e que,
conseqüentemente, não o dividimos com mais ninguém.
Esta é a responsabilidade por seu próprio karma."

Se não fosse assim, os atos que realizamos poderiam permanecer sem conseqüências para nós, e, paralelamente, seria possível herdar um karma do qual não se é autor.

Os sutras dizem:

"Os atos realizados por Devadatta não podem produzir seus
efeitos sobre a terra, a água ou os outros elementos. Eles o produzem
apenas sobre os agregados e as fontes de consciência do próprio
Devadatta. Quem mais poderia colher seus frutos?"

IV A herança kármica

Os frutos dos atos positivos e negativos são, respectivamente, e sem erro possível, a felicidade e o sofrimento. Quando se realizam atos positivos, colhe-se a felicidade; quando se comete atos negativos, colhe-se o sofrimento.

Por essa razão, o *Condensado do Abhidharma* declara:

"Como experimentamos nosso destino kármico? Vivendo o pleno efeito
dos atos que realizamos, pois cada ato, bom ou ruim, recai sobre seu
autor."

E o *Sutra da fixação da atenção*:

"O bem produz felicidade,
E o mal, o sofrimento.
Dos bons e maus atos
A causalidade foi claramente demonstrada."

E o *Sutra solicitado por Surata*:

"Ao grão apimentado, fruto semelhante.
Grão açucarado produzirá fruto suave.
Por meio dessas imagens, o sábio compreenderá
Que o fruto do mal é ardente, e o do bem, doce."

V Como pequenos atos produzem grandes efeitos

Começemos pelos atos negativos. Diz-se que podemos permanecer em um inferno, sofrendo durante tempo equivalente àquele em que tivemos maus pensamentos.

Lemos na *Marcha em direção ao Despertar*:

"Aquele que, com relação ao seu benfeitor, um Boddhisatva,
Nutre maus pensamentos
Permanecerá nos infernos, diz o Muni,
Uma quantidade de kalpas equivalente aos seus maus pensamentos."

Do mesmo modo, afirma-se que cada palavra negativa produz quinhentas vidas de sofrimentos. Os *Capítulos ditos intencionalmente*:

"O menor dos delitos
Pode produzir, no mundo seguinte,
Grande medo e grande desastre,
Como se fosse um veneno."

Um pequeno ato positivo poderá igualmente produzir grandes efeitos.

Nos *Capítulos ditos intencionalmente*, lemos ainda:

"Por menor que seja o bom ato
Poderá produzir, no mundo seguinte, grande felicidade
E a conquista de grandes objetivos,
Como os grãos que dão frutos perfeitos."

VI A impossibilidade de se perder os atos

A menos que se aplique o antídoto apropriado, é impossível que o karma seja destruído ou se perca sem dar frutos. Assim será durante incontáveis kalpas. O karma que permanece latente durante um tempo considerável também irá se manifestar um dia, quando se apresentarem as circunstâncias favoráveis.

Assim, o *Sutra dos cem karmas* afirma:

"Os atos dos seres nunca se perdem,
Mesmo depois de cem kalpas.
Quando as condições se encontrarem reunidas,
Produzem seus efeitos."

Do mesmo modo, o *Sutra da fixação da atenção* diz:

"O fogo pode a rigor ser frio,
O vento deixar-se pegar no laço,
O sol e a lua caírem na terra,
Mas os atos nunca deixarão de dar seus frutos."

Quando ficamos atormentados pelos sofrimentos do samsara e acreditamos na causalidade dos atos, temos uma atitude de espírito de um ser humano médio:

"Aquele que renuncia à felicidade do samsara,
Dá as costas aos atos negativos,
E que trabalha apenas por sua própria paz,
É um homem qualificado como médio."

Sobre esse tema, estudaremos o exemplo das sete filhas do rei Krikin.

Patrul Rimpoche
“As Palavras de meu Perfeito Mestre”

O Karma ou a causalidade dos atos

I Os 10 atos nocivos que devemos rejeitar

1] Os 3 atos nocivos pelo corpo

1) O assassinato :

- a) Os quatro fases do ato
- b) Responsabilidade direta e indireta

2) O roubo ou tomar o que não lhe foi dado

- a) Pela força
- b) Às escondidas
- c) Pela trapaça

3) O desvio sexual

2] Os 4 atos nocivos pela palavra

1) A mentira

- a) A mentira comum
- b) A mentira grave
- c) A mentira dos falsos Mestres

2) A calúnia

- a) A calúnia aberta
- b) A calúnia oculta

3) As palavras violentas

4) A tagarelice

3] Os três atos nocivos pela mente

1) A cobiça

2) A maldade

3) As visões errôneas

- a) A descrença na causalidade dos atos
- b) O eternalismo
- c) O niilismo

A] Os piores atos:

1) Matar

2) Ter visões errôneas

B] O resultado dos 10 atos nocivos

Os 4 efeitos dos atos:

1) O pleno efeito

2) O efeito de acordo com a causa

- a) O efeito ativo
- b) O efeito passivo

3) O efeito condicionante

4) O efeito prolífico

II Os atos benéficos que devemos realizar

_Os atos benéficos _Seus efeitos

III A natureza kármica de todas as coisas

_O karma nos segue _Pequenas causas, grandes efeitos
_A intenção e o ato _Examinar sua mente
_Karma passado, presente e futuro _Karma e vacuidade

Conclusões: _Evitar os atos nocivos e praticar os atos benéficos
 _A todo instante, praticar a memória e a vigilância

Patrul Rinpoche
“As Palavras de meu Perfeito Mestre”

O Karma ou a causalidade dos atos

“Renunciando ao mal, optando pelo bem,
Vós obedeceis à lei de causalidade.
Vossa prática segue a ordem ascendente dos Veículos,
E vossa Via autêntica vos libera de todo o desejo.
Ó inigualável Mestre, a vossos pés me inclino!”

Escutar-se-á este capítulo da mesma maneira que os demais.

O ensinamento compreende três partes:

- I Os atos nocivos que devemos rejeitar;**
- II Os atos benéficos que devemos realizar;**
- III A natureza kármica de todas as coisas.**

* * *

I Os 10 atos nocivos que devemos rejeitar

São os bons e maus atos que acumulamos que nos fazem renascer nos mundos superiores ou inferiores do samsara, sendo este produzido pelo efeito desses atos. Como não há outro responsável e o acaso está fora de questão, apliquemo-nos sempre em toda circunstância para rejeitar o mal e optar pelo bem, uma vez que tenhamos examinado os respectivos efeitos.

1] Três concernem ao corpo:

- 1) O assassinato,
- 2) O roubo,
- 3) O desvio sexual.

2] Quatro são concernentes à palavra:

- 1) A mentira,
- 2) A calúnia,
- 3) As palavras violentas,
- 4) A tagarelice.

3] Três são do domínio da mente:

- 1) A cobiça,
- 2) A maldade,
- 3) As visões errôneas.

* * *

1] Os três atos nocivos do corpo

1) O assassinato

Matar é destruir o princípio de vida de um outro ser, qualquer que seja: homem, animal ou outro, com intenção de obter um resultado.

1) Partir para o combate e matar um inimigo, como fazem os guerreiros, é matar pelo ódio;

2) abater um animal selvagem para comer sua carne e vestir sua pele, é matar por desejo;

3) matar sem conhecer o princípio da causalidade do bem e do mal, ou acreditando que se realizou uma boa ação, como os *tirthikas*, é matar por ignorância;

Entre esses diferentes maus atos, matar seu pai, sua mãe ou um Arhat são os três atos que denominamos "crimes de efeito direto", pois provocam o renascimento no inferno dos Tormentos Insuperáveis, sem passar pelo bardo.

Alguns entre nós pensamos somente nos atos realizados com as próprias mãos e imaginam nunca ter matado nenhum ser. Mas, em realidade, não existe ninguém de alta ou modesta condição, forte ou fraco, que não tenha esmagado um número incalculável de insetos enquanto caminhava. Pensemos em particular nos lamas e nos monges quando vão estar com os seus benfeitores e que estes lhes servem animais que mataram e cozinham. Nossos religiosos são tão apegados ao gosto da carne que eles se deliciam com grande prazer sem o menor remorso, nem a mínima compaixão. Nesse caso, o mal feito ao destruir a vida recai sobre o benfeitor e sobre o convidado, sem nenhuma diferença. Para as pessoas importantes e os altos funcionários, matamos igualmente um grande número de animais para as recepções, chás e outras circunstâncias. Matam-se inumeráveis seres nas casas dos ricos. Seu gado e seus carneiros são todos abatidos à medida que envelhecem; nenhum morre de morte natural. E ainda mais: no verão, esse gado e esses carneiros destroem um número incalculável de insetos, moscas, formigas, etc. Até os peixes e as rãs, que são comidos junto com a forragem, esmagados pelas patas ou engolidos pelos dejetos dos cavalos e vacas. Ora, o demérito desses atos recai também sobre o proprietário. E mais ainda: os cavalos, os bovinos e os carneiros são uma fonte de malefícios inesgotáveis. Eles comem todos os pequenos animais: cobras, rãs e pequenos pássaros, etc. No verão, os milhares de insetos que vivem em sua lã são todos mortos no momento da tosa. No inverno, na época do abate, são mortos quase a metade dos carneiros; os outros foram mortos desde o nascimento. Quanto às ovelhas, utiliza-se seu leite e seus filhotes até que, já velhas, não tenham nenhuma força vital. Então todas são mortas e utiliza-se sua carne e sua pele. Os machos de três ou quatro anos têm o destino de serem abatidos, onde quer que sigam. Quando os carneiros são abatidos, as pulgas de seus corpos morrem aos milhões. Isto resulta em que o proprietário de uma centena de carneiros pode estar certo de renascer uma vez nos infernos.

As mulheres, por sua vez, na ocasião de seus casamentos, fazem matar inúmeros carneiros: envio do dote, pedido de casamento à família do esposo, recepção para acolher, etc. É evidente que a partir desse dia, cada visita à casa paterna custará a vida de um animal. Quando essas mulheres são convidadas por seus amigos ou seus próximos, se lhes é servido algo diferente de carne é como se não pudessem sentir o gosto. Hipócritas, dão a impressão de não poderem mover as mandíbulas! Mas quando se mata um carneiro e se coloca diante delas uma grande porção de peito e

vísceras, aí se apresentam as ostras de face vermelha que se sentam, empunham uma faca e comem fazendo a língua estalar. Partem no dia seguinte com a carcaça cheia de sangue como um caçador que retorna para casa.

As crianças matam também em suas brincadeiras, conscientemente ou não, muitos animais. No verão, o simples fato de caminhar batendo com um bastão de bambu ou um chicote de couro no solo provoca inúmeras mortes.

Nós, os humanos, que passamos nosso tempo matando de diversas maneiras, não somos diferentes dos ogros. Nós somos piores, se pensarmos que matamos vacas para aproveitar de sua carne e de seu sangue depois de toda uma vida nos servindo e nos alimentando com seu leite como mães.

O ato de matar é completo quando comporta as quatro fases de um ato nocivo. Tomemos o exemplo do caçador que mata um animal selvagem. No momento em que vê um cervo ou um boi almiscarado, por exemplo, ele sabe com certeza se tratar de um animal selvagem.

É a base do ato; a consciência de que se trata de um ser sensível. Em seguida, o desejo de abater é então a intenção de matar. Com um fuzil, um arco ou outra arma, atira numa área vital do animal; isso é a passagem ao ato de matar. Assim, ele interrompe a vida do animal, rompe a união de seu corpo e sua mente: é o que se denomina o ato final, interromper a vida.

Tomemos agora o exemplo de um carneiro doméstico. O senhor da casa começa ordenando aos serviçais ou ao açougueiro matar um carneiro. Sabe se tratar de um ser sensível, um carneiro: isto é a base do ato.

Quando decidiu mentalmente o abate, teve a intenção de abater.

Quando o matador parte com sua corda; prende rapidamente o carneiro, vira-o de cabeça para baixo, prende suas patas com tiras de couro e enrola a corda em torno de seu pescoço, ele passa ao ato de matar, enforca animal, infligindo-lhe uma abominável tortura.

Quando, finalmente, o animal está morto, com os olhos ejetados e cheios de lágrimas, ele leva o cadáver para diante da casa; ele então realizou o ato final de interromper a vida.

O animal é logo destrinchado com uma faca. O tremor que agita sua carne é o sinal que a energia totalmente impregnada, não teve ainda tempo de deixar o corpo, e é o animal quase vivo que é colocado para cozinhar antes de saciar o homem. Todas as contas feitas, isso significa o mesmo que comer um ser vivo. Não há, portanto, nenhuma diferença entre nossa atitude e aquela dos animais ferozes.

Ação parcial

Suponhamos que hoje tenhamos a intenção de matar um animal ou que falemos sobre isso, sem, contudo cometer o ato: a falta não é tão grave quanto a de realizar o ato principal, mas quando temos uma relação com um ser sensível e que nosso desejo é matar, dois elementos dos atos nocivos estão presentes. Como a forma que aparece em um espelho, esse malefício desde já nos causa mácula.

Responsabilidade

Alguns imaginam que somente quem comete o mal, aquele que mata com suas próprias mãos, e não quem deu a ordem ou ainda se este último é culpado, sua falta seja mínima. Ora, todos aqueles que se comprazem do ato, obtêm o mesmo karma negativo que aquele que realizou o ato, e ainda por mais forte razão aquele que o instigou.

É igualmente necessário saber que o peso do ato cometido por um grupo não é repartido entre os culpados: recai sobre cada um deles em sua integralidade.

2) O Roubo ou tomar o que não lhe foi dado

Existem três maneiras de roubar:

- 1) Pela força,
- 2) Às escondidas e
- 3) Pela trapaça.

1) Roubar pela força, é tomar qualquer coisa com autoridade, de forma ilegítima, como fazem os poderosos tais como os reis, ou pela força do número, com um exército, por exemplo.

2) Roubar às escondidas, é tomar qualquer coisa discretamente, como fazem os ladrões, num local onde não pode ser visto o proprietário, e guardar para si.

3) Roubar pela trapaça, é a ocasião das transações, mentir para enganar os outros ou se apropriar de seu dinheiro utilizando falsos pesos, falsas medidas ou outros subterfúgios.

Atualmente, pensamos que podemos usar o comércio ou métodos semelhantes para agir de maneira desonesta com os outros, a partir do ponto em que acreditamos não roubar no sentido próprio da palavra. Como se, quando houvesse uma falta sobre isso, nossa mente não seria tocada. Mas pelo fato de enganar os outros, todo proveito que se realiza desta maneira não se diferencia do roubo.

Os lamas e os monges atuais, em particular, não vêem nenhum mal, nenhuma falta em fazer comércio; é assim que passam suas vidas, pretendendo ter sucesso em suas carreiras. Entretanto, não há nada pior que esse negócio para corromper a mente de um lama ou de um monge. Essa atividade os distrai sem cessar e eles se tornam apáticos ao pensamento de estudar, eliminar seus obscurecimentos ou fazer outras práticas, além da falta de tempo. E passam fazendo suas contas quase até a noite. É assim que eles destroem os fundamentos de sua devoção e seu desejo de se libertar e de sua compaixão. Encontram-se, assim, na empreitada de seu próprio extravio.

Um dia, Jetsun Mila, chegou a um monastério onde passou a noite deitado diante da porta de uma célula. O monge que ocupava essa célula refletia sobre seu leito a maneira que iria vender o cadáver de uma vaca que seria morta no dia seguinte. "A cabeça me renderá tanto, este omoplata vale isto, as espáduas valem aquilo, os joelhos, ainda tanto". Avaliava todas as partes da vaca, exteriores e interiores. Quando o dia levantou, havia calculado tudo, exceto o preço do rabo, e não teve tempo de fazer a soma. Levantou-se rapidamente, fez suas devoções e ofereceu as tormas. Quando chegou junto de Jetsun, que ainda dormia, exclamou com desprezo: "Você pretende praticar o Dharma, mas está ainda dormindo, incapaz de praticar ou de recitar o que quer que seja!"

- "Eu não durmo sempre assim, "replicou Jetsun", mas eu passei a noite refletindo sobre a maneira de vender uma vaca que me pertence e será morta. Só encontrei tempo de dormir agora de manhã..." Assim, colocou o dedo na falta oculta do outro e depois deixou o lugar.

Veja como os homens que atualmente que passam todo seu tempo fazendo comércio são perturbados e distraídos dia e noite por seus cálculos e suas cogitações e,

quando chega o momento da morte, partem com a mente totalmente tomada por essa ilusão.

E mais, exceto pelas visões falsas e a má conduta sexual, o comércio os leva a cometer completamente os dez atos nocivos. De fato, eles encontram diversas maneiras de valorizar sua mercadoria, e mesmo quando ela é de má qualidade, contam mentira sobre mentira. Eles afirmam que certo comprador já propôs tal ou tal soma, mas não aceitaram, pois aquele era o preço de custo. Se querem comprar alguma coisa que já é objeto de negociação entre duas outras pessoas, utilizam a calúnia para provocar a discórdia entre as duas partes. Denigrem os artigos de seus concorrentes, discutem sobre dívidas, ou seja, proferem palavras violentas. Têm propósitos inúteis, declarando sem razão que tal artigo é muito caro ou negociando sem ter a intenção de comprar. Desejosos daquilo que os outros possuem, gostariam que se lhes fosse dado e se entregam à cobiça. Desejando que os outros tenham perdas, têm pensamentos maldosos. Enfim, quando vendem carneiros ao açougue, eles os matam.

Quando os negócios não caminham bem, suas mercadorias e as dos outros são perdidas e todo mundo fica em dificuldades. Terminam morrendo de fome após prejudicar a si mesmos e aos outros.

Se tiverem algum sucesso, não estarão nunca contentes com aquilo que ganham. Se possuíssem as riquezas de Vaishravana, teriam prazer em seu comércio nocivo. Desenvolvem toda sua vida nessas distrações e quando vem o momento da morte, batem no peito. Seu negócio se tornou a pedra que os leva para o fundo das existências inferiores. Não há nada pior que o comércio, para acrescentar sem interrupção atos nocivos e corromper nossa natureza! Pensa-se sempre em enganar os outros, como se procurasse por agulhas entre as facas de pontas afiadas. Se seguirmos ao encontro da bem-aventurança da mente do despertar, tendo maus pensamentos em estado latente, os atos nocivos se multiplicam ao infinito.

O ato de roubar comporta também quatro elementos como o precedente. Basta oferecer um pouco de alimento a caçadores ou a bandidos para dividir com eles o mal por ter roubado ou matado.

3) A má conduta sexual

Isso diz respeito aos laicos. A disciplina dos dez atos benéficos foi estabelecida outrora no reino de Songsten Gampo. Compreende as regras que deviam ser seguidas pelos laicos e religiosos. No presente, trata-se das regras que governam a conduta dos laicos que como laicos que são, devem seguir uma ética. Os monges, de sua parte, devem abandonar totalmente o ato sexual.

A má conduta sexual mais grave é levar alguém a romper seus votos. As outras faltas são variadas e associadas às pessoas, locais e circunstâncias particulares: masturbar-se, ter relações sexuais com alguém que é casado ou já comprometido, com uma pessoa livre em pleno dia, com alguém que está de jejum ritual de um dia, com uma pessoa doente, uma mulher grávida ou em sofrimento, durante a menstruação, logo após o parto, em locais onde hajam representações das Três Jóias, com os pais ou a família, com uma menina ainda fora da puberdade e, enfim, pela via oral ou anal, etc.

3) As palavras violentas

Proferir palavras violentas é, por exemplo, denunciar os vícios físicos de alguém tratando-lhe por caolho, surdo, cego, etc.

É também revelar a falta oculta de alguém. São todas palavras más, mesmo ditas com doçura, que tornam o outro infeliz.

E ainda, fazer diversas propostas desagradáveis em presença de um Mestre, Amigo de bem ou ser sublime é uma falta grave.

4) A tagarelice

Tagarelar é falar coisas que diriam respeito ao Dharma, mas que não o são. Por exemplo, os ritos tântricos dos brâhmanes. Contar histórias de prostitutas, cantar canções de amor. Falar muito, fora de propósito, de assuntos como a guerra, banditismo, que suscitem o desejo ou o ódio. Em particular, distrair alguém de suas preces ou de suas recitações com palavras inúteis é tão grave que se interrompe assim sua acumulação de méritos.

As diversas intrigas que têm a aparência de surgir naturalmente e de forma espontânea são na maioria das vezes, se olhadas de perto, motivadas pelo desejo ou o ódio. Assim a gravidade da falta é proporcional ao apego ou ao ódio que se suscita em sua mente ou na dos outros.

Às preces e aos mantras aos quais se misturam propósitos inúteis são sem efeito, qualquer que seja o número de vezes que os recitemos. E isso é particularmente verdadeiro no que diz respeito às diversas conversas que circulam na Comunidade reunida. O mérito do conjunto de participantes e benfeitores pode também ser destruído pelo ato de um só tagarela.

Na Índia, de maneira geral, somente estão autorizados a utilizar os bens da Comunidade aqueles que respeitam a disciplina ou estão livres de obscurecimentos. O Bhagâvan não permitiu isso aos demais. Mas, atualmente, apenas recitando um ou dois rituais tântricos, utiliza-se de todas as “oferendas negras” que se apresentem. Obter oferendas por meio de rituais tântricos sem ter recebido as iniciações, preservado o samaya, dominado a Criação e a Perfeição ou mesmo concluído a recitação dos mantras, é como declamar sem a devida consideração os Mantras Secretos, à maneira dos *bônpos*. Isto é, por consequência uma falta grave. A oferenda negra é comparável a uma bola de ferro incandescente. Se ela alegra um homem comum que não disponha de mandíbulas de metal que representa a união da Criação e da Perfeição, ele se queima e se destrói.

É dito:

“A oferenda negra é como uma lâmina corta-vida:

Ao abusar dela, corta-se a artéria vital da liberação”.

Estas pessoas que conhecem somente as palavras e que não têm o domínio das duas fases da meditação, não recitam esses textos corretamente. Em particular, o ponto mais importante de um ritual é a “abordagem”. Ora, quando esse momento chega, abre-se o “tesouro da tagarelice”, passa-se o tempo em diversos assuntos inúteis ligados ao desejo ou ao ódio, prejudicando-se assim a si mesmo e aos outros. É importante, portanto, que os lamas e os monges renunciem à tagarelice e esforcem-se em recitar seus mantras, abstendo-se de qualquer outra palavra.

3] Os três atos nocivos da mente

1) A cobiça

Cobiçar é mentalmente apropriar-se de coisas agradáveis que pertencem a outros, desejando que sejam nossas. É procurar como obtê-las. É desejar possuir as riquezas dos outros.

2) A maldade

Ter pensamentos de malevolência é querer fazer mal a alguém, por ódio ou cólera. É também estar descontente com a opulência dos outros e desejar que não tenham bem-estar, felicidade ou qualidades. É se alegrar quando qualquer coisa indesejável lhe ocorre. É todo pensamento nocivo direcionado a ele.

3) As visões errôneas

As visões errôneas designam:

1_ A descrença na causalidade dos atos;

2_ O eternalismo;

3_ O niilismo.

1) Pensar que fazer o bem não é útil e fazer o mal não é nocivo, é não acreditar na lei do karma.

O eternalismo e o niilismo são apanágio dos *tirtikas*. Distingue-se em grosso modo trezentas e sessenta visões falsas, que se pode reagrupar em sessenta e duas visões más, as quais se resumem em eternalismo e niilismo.

2) Os eternalistas acreditam na permanência de si e na de um criador do Universo, tal como Ishvara, Vishnu, etc.

3) Os niilistas acreditam que todas as coisas surgem delas mesmas e que não há vida anterior, vida futura, karma, ou liberação.

Diz-se na Doutrina de Vishnu Negro:

“O sol que brilha, o curso da água que desce,
Os grãos redondos, os espinhos longos e afiados,
A plumagem de cores variadas e brilhantes do pavão,
Nada os criou, surgiram de si mesmos”.

Quando o sol se eleva no leste, ninguém veio para lhe fazer aparecer. Ninguém empurra o rio que corre. Ninguém rolou os grãos que são redondos, nem afiou os espinhos cujas pontas são longas e afiadas. A plumagem de cores variadas do pavão, ninguém as desenhou. Tudo apareceu espontaneamente. É assim que, no mundo, tudo o que se percebe como agradável ou doloroso, bom ou mau, surgiu sozinho. Karma passado, vidas anteriores e vidas futuras não existem.

Fazem parte das visões errôneas: considerar essas doutrinas como verdadeiras e as seguir, ou ainda pensar que a palavra do Buda, as instruções do Mestre ou os textos dos eruditos são falsos, duvidar deles ou lhes criticar.

A] Os piores atos

1) O assassinato;

2) As visões errôneas

É dito:

“Não há mal maior que tirar a vida.

Dos dez maus atos, o pior é a visão errônea”.

1) Dado que não existe ninguém, exceto nos infernos, que não tenha medo de morrer e nada no mundo é mais caro que nossa vida, matar é extremamente nefasto. Lê-se no Sutra das reações que nós devemos pagar com quinhentas vidas nossas, por cada uma vida que destruimos; ou ainda, para cada ser que matamos, devemos ficar um kalpa intermediário num inferno.

Cometer atos nefastos, como o de matar, colocando-os na conta das obras meritórias, tais como a construção de um suporte das Três Jóias, é mais grave ainda. “Erguer um suporte das Três Jóias, fazendo o mal, diz Padampa Sangye, é ter desprezo pela vida futura.”

Quando se pretende realizar um ato benéfico, se oferece aos lamas convidados ou a uma assembléia de monges, carne de animais que foram abatidos, e benfeitores e beneficiários compartilham da falta de ter destruído a vida. Quando um benfeitor convida a fazer uma oferenda impura, aqueles que a recebem, aceitam uma subsistência imprópria. No total, o mal sobrepõe-se ao bem. A menos que tenhamos o poder de ressuscitar as vítimas, o mal que fazemos destruindo a vida nos macula obrigatoriamente bem como nos prejudica, não duvidemos disso, na vida dos Mestres e sua atividade (Mestres e discípulos são indissociados). Se não somos capazes de conduzir a consciência dos seres à Grande Felicidade, evitemos a todo custo matar!

2) Estar sobre a influência das visões errôneas é um instante que vem quebrar todos os votos e nos subtrair da comunidade budista. É também causar o desaparecimento de nossa existência humana livre.

A partir do momento em que nossa mente está maculada por visões errôneas, mesmo o bem que fazemos não nos leva à liberação, e não temos mais ninguém a quem confessar o mal que cometemos.

B] O resultado dos atos nocivos

Os quatro efeitos dos atos

Cada um dos dez atos nocivos tem quatro efeitos:

1) O pleno efeito;

2) O efeito conforme a causa;

3) O efeito condicionante;

4) O efeito prolífico.

* * *

1) O pleno efeito

Segundo as emoções:

Qualquer um dos atos nocivos que cometemos por cólera nos faz renascer num inferno; se for pelo desejo, renascemos junto aos *pretas* e se for pela ignorância, junto aos animais. Devemos em seguida submetermo-nos aos sofrimentos respectivos desses mundos inferiores.

Segundo a freqüência:

Pode-se dizer também que uma longa acumulação de atos motivados pelo desejo, cólera ou ignorância extrema, faz renascer em um inferno. Se essa impulsão é menos forte, torna-se um *preta* e se é fraca, torna-se um animal.

2) O efeito segundo a causa

Se estivermos libertos dos mundos inferiores para onde fomos impulsionados pelo pleno efeito de nossos atos e aproveitamos agora, de uma existência humana; ou se estamos sempre nos mundos inferiores, é necessário submetermo-nos aos diferentes sofrimentos, conforme a causa do karma condicionante.

Distinguem-se, de acordo com a causa:

- 1) Efeito ativo;
- 2) Efeito passivo.

* * *

1) O efeito ativo conforme a causa (*tendências*)

O efeito ativo surge de acordo com os atos que cometemos.

Se matamos outrora, ainda gostamos de matar. Se roubamos, ainda gostamos de roubar, e assim segue. Isto explica porque certos homens matam desde a infância, todos os insetos que encontram; essa alegria em matar corresponde a atos similares cometidos no passado. Os homens, sobre a influência de seus diferentes karmas, desde a sua mais tenra idade, de maneiras diferentes. Gostam de matar, gostam de roubar; porém, outros não gostam de agir dessa maneira e, ao contrário dos demais, tem o prazer em fazer o bem. Essas tendências são o que resta de um karma passado ou dito de outra forma, dos efeitos conforme a causa. É por isso que podemos dizer:

“Veja neste corpo vossos atos de outrora.

E em vossos atos presentes, onde vós renascereis.”

Mesmo entre os animais, se os falcões, os lobos e outros ainda têm o prazer em matar, ou os ratos de roubar, é porque cometeram atos semelhantes no passado.

2) O efeito passivo conforme a causa

Existem dois efeitos passivos para cada um dos dez atos nocivos.

1- Se matamos no passado, nossa vida presente será curta e teremos muitas doenças. Os bebês que morrem ao nascer mataram em tempos passados e sofrem o efeito conforme a causa. E morrerão outras numerosas vezes após o nascimento. E também, quando os seres são atormentados desde a infância por numerosas doenças das quais não se livram e morrem, é porque mataram ou atingiram outrem no passado.

No lugar de procurar transformar as circunstâncias presentes, confessemos principalmente nossa conduta passada e façamos os votos de não mais agir desta maneira. Esforcemo-nos em aplicar os remédios para o mal karma: praticar atos benéficos e rejeitar os atos nocivos.

2- Se roubamos, seremos pobres. Se tivermos um pouco de riquezas, elas nos serão tomadas, roubadas, seremos obrigados a dividir com os inimigos e rivais. Isto porque aqueles que, no presente, não têm nem riquezas nem bens, agirão de forma melhor produzindo uma centelha de méritos do que fazendo esforços grandes como as montanhas. Se em seguida à nossa falta de generosidade no passado, nosso destino não é sermos ricos, grandes esforços nesta vida serão em vão. Observemos que a maioria dos ladrões e bandidos recebe, cada um deles, seus maus atos. Seu relatório deveria ser tão gigantesco que a Terra não poderia conter. Ora, aqueles que se entregam por toda sua vida ao roubo e a banditismo acabam todos morrendo de fome! Vejamos também que aqueles que fazem comércio ou se apropriam dos bens da comunidade, não aproveitam de seus ganhos, tão consideráveis que sejam...

Em contrapartida, muitas pessoas que aproveitam dos efeitos de sua generosidade passada são providos de riquezas em toda sua vida sem fazer o mínimo esforço. Se desejamos ser ricos, entreguemo-nos assiduamente às oferendas e à caridade!

No Continente de Jambu, domínio kármico por excelência, a maioria dos atos que realizamos no início de nossa vida produzem o efeito no fim, mesmo imediatamente, se estamos na presença de circunstâncias ou seres excepcionais. Em consequência, aplicar-se em tomar o que não lhe foi dado, roubando ou se entregando ao comércio fraudulento com esperança de tornar-se rico, é agir ao encontro de sua intenção. Não sairemos do mundo dos *pretas* durante kalpas e kalpas e, nesta vida mesmo, quando o karma se manifestar, nos tornaremos cada vez mais pobres e maus. Se possuímos alguma riqueza, não teremos o poder de aproveitá-la. Qualquer que seja a nossa fortuna, nossa avareza aumentará e teremos o sentimento de nada possuir. Nossos bens serão a causa dos atos nocivos. Nos tornaremos como os *pretas* guardiões de tesouros: não poderemos aproveitar de nossas riquezas. Se olharmos mais de perto, as pessoas aparentemente ricas que não utilizam livremente seu dinheiro para o Dharma, fonte de felicidade e bem-estar nesta vida e nas seguintes, têm o alimento e as vestimentas mais pobres que os pobres! Eles colhem desde já um karma de acordo com a causa que corresponde àquele dos *pretas*, e que provém de suas doações impuras.

3- Como resultado da má conduta sexual, obtém-se, é dito, um cônjuge feio, negligente, um verdadeiro adversário.

A maioria dos esposos que não páram de disputar e brigar denuncia o mau caráter de seu parceiro. A verdade é que sofrem o efeito conforme a causa de sua má conduta sexual passada. Eles não devem, portanto, se odiar, mas reconhecer a maturação de seus atos passados e fazer prova de paciência.

Escutemos Padampa Sangye:

“Efêmeros são os esposos, como os clientes de uma feira...”

Não vos ataqueis nem vos insulteis, pessoas de Tingri!”

4- O efeito passivo da mentira nos valerá sermos criticados e enganados tanto o mais. Se no presente somos acusados e criticados indevidamente, isso é resultado de

mentiras. No lugar de colocarmo-nos em cólera e injuriar nosso interlocutor, sejamos gratos: ele nos permitiu esgotar o efeito de numerosos atos negativos.

Jigme Lingpa declara:

“O inimigo que nos traz um mal contra um bem, trabalha para nosso progresso espiritual.

Sua censura injusta é o chicote que nos incita à virtude.

Uma vez que o Mestre destrói nossos apegos e nossos desejos.

Consideremo-lo como alguém a quem nunca poderemos ser grato o suficiente.”

5- O efeito conforme a causa da calúnia nos valerá um grupo de acompanhantes e empregados que não se entendem e nos agridem.

A maior parte do tempo, os monges, os lamas, a *entourage* de pessoas dos chefes e os empregados da casa não se entendem com seus mestres. O que se pede para fazer, não obedecem e replicam violentamente. Os empregados de pessoas comuns agem de forma semelhante e não entendem quando são encarregados de alguma tarefa, ainda que seja fácil, é necessário repetir a ordem duas ou três vezes. Quando finalmente o mestre da casa se põe em cólera e lhes fala com brutalidade, é lentamente e com má-vontade que vão realizar sua necessidade. Quando o trabalho está terminado, não avisam. Estão continuamente de mau humor. O Mestre recolhendo os resultados de suas calúnias passadas, deve se esforçar em arrepender-se da má conduta e apaziguar seu ressentimento assim como os demais.

6- Se pronunciarmos palavras violentas, ouviremos constantemente propostas desagradáveis e o que dissermos provocará discussões. A palavra violenta é, em regra geral, a mais grave dos quatro atos nocivos pela palavra. Como diz o provérbio: “As palavras não são flechas nem espadas, mas partem a mente em pedaços.”

Fazer surgir o ódio na mente de outrem ou, pior ainda, pronunciar uma só palavra má no encontro de um ser excepcional nos leva por um grande número de kalpas nos mundos inferiores. Um brâhmane chamado Kapila havia insultado, em tempos passados, os monges do Buda Kâshyapa, tratando-lhes por “cabeças de cavalo”, “cabeças de boi” e outros nomes similares. Ele renasceu na forma de um monstro marinho, tipo de peixe de dezoito cabeças e teve que guardar esta aparência durante um kalpa antes de transmigrar e ir dar nos infernos. Um noviço que havia tratado um outro noviço de “cadela” renasceu quinhentas vezes num corpo de tal animal. Os exemplos deste tipo são numerosos. Aprendamos, portanto sempre falar de maneira doce!

Como, em particular, nós não sabemos sob quais traços se escondem os indivíduos sublimes e os boddhisatvas, engajemo-nos a perceber todo mundo de maneira pura e fazemos elogio de suas qualidades. Maldizer um boddhisatva ou falar mal dele “é mais grave que matar todos os seres dos três mundos”, é dito.

“Denegrir os boddhisatvas é mais nefasto

Que matar todos os seres dos três mundos;

Confesso minha acumulação insensata de atos nocivos!”

7- O efeito conforme a causa da tagarelice é que nossas palavras não são acreditadas e não tem nenhum poder. As pessoas que não nos acreditam, mesmo que digamos a verdade, e quando falamos no meio da multidão nos falta segurança.

8- Pelo efeito da cobiça, nossas intenções não se realizarão, e teremos que nos submeter a circunstâncias indesejáveis.

9- Por causa de pensamentos maldosos, viveremos no medo e sofreremos numerosos males.

10- Por causa das visões errôneas, persistiremos nos dogmas nefastos. Enfim, o engano nos valerá uma mente atormentada.

3) O efeito condicionante

O efeito condicionante afeta o nosso meio ambiente.

Se matarmos, renascemos em locais desagradáveis e perigosos, com ravinas e precipícios.

O roubo nos fará renascer num local onde o gelo e o granizo compromete nossa colheita, onde as árvores não têm frutos, onde reina a fome.

Por causa da má conduta sexual, deveremos habitar num meio repugnante, cheios de excrementos e lama.

Por causa da mentira, nossa riqueza será inconstante, nossa consciência estará sempre confusa e nos encontraremos diante de situações e objetos amedrontadores.

A calúnia nos forçará a viver numa região difícil de atravessar, pleno de profundas ravinas, de desfiladeiros rochosos e outros acidentes de relevo.

As palavras violentas nos farão renascer num local difícil de viver, com pedra, cascalho e espinhos.

Por causa da tagarelice, trabalharemos na terra sem sucesso e as estações serão inversas e inconstantes.;

Por causa da cobiça, nossas colheitas serão ruins e sofreremos numerosos males ligados ao lugar e as estações nefastas.

Os pensamentos maldosos nos farão renascer em um local onde existem perigos e prejuízos abundantemente.

Por causa das visões errôneas, teremos um pouco de riquezas e não teremos protetor nem refúgio.

4) O efeito prolífico

O efeito prolífico designa a multiplicação dos atos nocivos que realizamos. Leva a um encadeamento de sofrimentos intermináveis ao longo de nossas vidas sucessivas e a agravação contínua do mal karma. Erraremos sem fim no samsara.

II Os atos benéficos que devemos realizar

De maneira geral, os dez atos benéficos são o voto sincero de não mais cometer os dez atos nocivos – matar, roubar, etc –, conhecendo os malefícios.

Não é necessário fazer esse voto diante de um Mestre ou um abade. Decidir, por exemplo, que para sempre, em tal lugar ou em tal momento, não se matará tal ou tal ser é em si um ato benéfico. Todavia, essa promessa feita diante de um Mestre, de um Amigo de bem ou de um suporte das Três Jóias se tornam extremamente poderosos.

Simplesmente se abster de matar não é suficiente, é necessário de toda maneira engajar um voto. É por isso que mesmo os laicos que não podem parar definitivamente de matar, terão os benefícios engajando-se a cada ano a não mais matar, por exemplo, durante o primeiro mês de *Hor* –, mês de milagres - ou o quarto – mês de *Saga*, – ou ainda a cada lua cheia ou lua nova ou durante um ano, um mês, um dia.

Outrora, o açougueiro de uma cidade, fez na presença do sublime Katyâyana, o voto de não matar a noite. Ele renasceu em um inferno efêmero. De dia, sofria em uma casa de ferro ardente e a noite, ficava feliz em um palácio, cercado de deusas.

O que denominamos dez atos benéficos consistem, portanto, em abandonar os dez atos nocivos e praticar os atos benéficos que são seu antídoto, a saber: depois de renunciar a matar, devemos proteger a vida dos seres; depois de renunciar a roubar, devemos praticar a generosidade; depois de ter abandonado a má conduta sexual, devemos seguir as regras da disciplina. São os três atos benéficos do corpo. Depois de ter abandonado a mentira, devemos dizer a verdade; depois de abandonar a calúnia, devemos apaziguar nosso ressentimento; depois de abandonar as palavras violentas, devemos falar de maneira agradável; depois de abandonar a tagarelice, devemos recitar preces. São os quatro atos benéficos da palavra. Depois de abandonar a cobiça, devemos praticar a generosidade; depois de abandonar a maldade, devemos cultivar a benevolência; depois de abandonar as visões errôneas devemos praticar a visão autêntica. São os três atos benéficos da mente.

O pleno efeito desses atos é o renascimento em um dos três mundos superiores.

O efeito ativo conforme a causa é que teremos prazer em fazer o bem em todas as nossas vidas, e nosso mérito aumentará sem cessar.

O efeito passivo conforme a causa ao renunciar a roubar teremos uma vida longa e teremos poucas doenças. Renunciando a roubar, tornaremos-nos ricos e não temeremos nem inimigos nem ladrões. Renunciando à má conduta sexual, teremos um belo cônjuge e poucos rivais. Renunciando à mentira, seremos elogiados e amados por todos. Renunciando à calúnia, teremos companhia e servidores respeitosos. Renunciando às palavras violentas, ouviremos propostas agradáveis. Se renunciarmos à tagarelice, nossas palavras serão escutadas. Se renunciarmos à cobiça, nossas aspirações se realizarão. Renunciando aos pensamentos maldosos, não sofreremos de nenhum mal. Renunciando às visões errôneas, teremos em nós a justa Visão.

O efeito condicionante, ligado ao lugar, é o contrário daquele dos atos nocivos correspondentes: os locais onde renasceremos possuirão todas as qualidades perfeitas.

O efeito prolífico é que todos nossos atos benéficos ganharão amplidão real e nossa boa fortuna não terá fim jamais.

III A natureza kármica de todas as coisas

A inconcebível quantidade de felicidade e sofrimentos diversos que cada ser experimenta, do auge da existência até o local dos infernos, provém unicamente dos atos benéficos ou nocivos que acumulou no passado.

Lê-se no *Sutra dos cem karmas*:

“A felicidade e a infelicidade dos seres
Provém do karma, ensina o Muni.
Os diferentes karmas criam os diferentes seres
Engajando-os em todos os tipos de erraticidade.
Vasta é a trama do karma!”

O karma nos segue

Nada do que possuímos pela força, poder ou riquezas, nos seguirá. Quando morrermos levamos conosco o karma positivo e o negativo que tivermos acumulado nesta vida e cuja força nos impulsionará aos mundos superiores e inferiores do samsara.

Lê-se no *Sutra das Instruções do Rei*:

“Ó Rei, quando chega o momento de partir,
Bens, próximos e amigos não podem nos seguir.
Mas onde forem os seres ou onde quer que cheguem.
O karma os perseguirá como faz sua sombra.”

Embora o efeito de nossos atos atuais, bons ou maus, possa não se manifestar imediatamente, ele não se perde nunca. Seremos submetidos a ele quando todas as condições estiverem reunidas.

“O karma dos seres não pode jamais se perder,
Mesmo após cem kalpas.
Quando as condições encontrarem-se reunidas,
Produzir-se-á o efeito”.

Lê-se no *Sutra dos Cem Karmas* e no *Tesouro das Preciosas Qualidades*:

“O karma, que não deixa os seres jamais.
É com a sombra da águia que voa alto no céu.
Ainda que não a vejamos de maneira evidente,
É claro que aparecerá quando as condições estiverem presentes”.

Quando um pássaro plana muito alto no céu, sua sombra não é visível, porém isto não quer dizer que não exista. Onde o pássaro pousar finalmente, sua cor escura aparecerá subitamente. E mais, não podemos escapar do karma bom ou mal que produzimos, mesmo se não seja imediatamente manifesto.

E ainda, como poderíamos nós, seres comuns, não possuímos karma se somos obrigados a admitir que mesmo os Budas e os Arhats, que eliminaram todos os véus do karma e as emoções, os possuam?

O exército de Virûdhaka, o rei de Shrâvasti, apareceu um dia na cidade dos Shâkyas e massacrou oitenta mil homens. Ora, no mesmo momento, o Bhagâvan sofria com uma dor de cabeça. Seus discípulos lhe perguntaram a razão. “Outrora”, ele contou, “os Shâkyas eram pescadores. Eles matavam e comiam muitos peixes. Um dia, pegaram dois peixes e não mataram logo mas os deixaram pendurados. Quando estavam secos, esses dois peixes contorcendo-se de dor fizeram este voto: 'Pelo fato destes homens nos matarem, ainda que sejamos inocentes, possamos nós os matar um

dia, quando eles também não terão feito nada de mal'. O resultado kármico foi que eles tiveram um renascimento na forma do rei Virûdhaka e seu ministro Matropakâra; os outros peixes mortos tornaram-se suas tropas e hoje massacraram os Shâkya. Na época, eu era criança de um dos pescadores. Olhando os dois peixes colocados para secar se contorcer de dor, eu comecei a rir, o que hoje me vale esta dor de cabeça. Sem as qualidades que possuo hoje, eu também teria sido morto pelas tropas de Virûdhaka”.

Uma outra vez, o Bhagâvan foi ferido no pé por uma farpa de acácia, pois, numa vida em que foi Boddhisatva, ele matou um certo Homem-Negro-de-Javeline.

Citemos ainda a história de Maudgalyâyana. Ele era o melhor de todos os ouvintes do Bhagâvan e possuía poderes miraculosos, no entanto, foi morto por vagabundos por causa de seu karma.

O sublime Shâriputra e o grande Maudgalyâyana iam sempre aos outros mundos, como aqueles dos infernos ou dos *pretas*, para trabalhar para o bem dos seres. Um dia que estavam nos infernos, Pûranakâshyapa, um mestre *tîrthika* que havia renascido lá e sofria inúmeros tormentos, disse-lhes: “Vós dois, nobres homens, quando estiverem de retorno para junto dos humanos, digam aos meus discípulos que o Mestre Pûranakâshyapa renasceu nos infernos. Diga-lhes de minha parte, que não é a Via dos Vagabundos que conduz ao bem, mas aquela dos Shâkya; nossa religião é falsa, que eles a abandonem e sigam o filho dos Shâkya! Sobretudo, diga-lhes que quando fizeram oferendas na *stupa* que construíram para meus ossos, fizeram cair sobre mim uma chuva de ferro vermelho. Que eles parem, portanto!” Então aqueles que eram denominados: Dois Nobres Companheiros foram para junto dos homens. Shâriputra chegou primeiro, e foi contar aos *tîrthikas* as palavras de seu Mestre, mas como não era seu karma: não o escutou. Quando Maudgalyâyana chegou, perguntou a Shâriputra se ele havia transmitido bem a mensagem de Pûranakâshyapa. “Sim, respondeu ele, mas não disseram nenhuma palavra.” Maudgalyâyana, partiu declarando que uma vez que eles não haviam entendido, iria ele mesmo lhes falar. Quando isto ocorreu, os *tîrthikas* se puseram em cólera. “Ele não se contenta em nos insultar, 'disseram'; ele critica também nosso Mestre! Vamos atingi-lo!” Então eles se maltrataram e se esmagaram como um pacote comum de lama, antes de abandoná-lo. Inicialmente, mesmo a ponta de seus cabelos não podia ser abalada pelos três mundos reunidos, e por razão ainda maior, pelos golpes dos vagabundos. Ora, ele foi esmagado pelo seu karma. “Como poderia fazer um milagre, 'disse ele', se nem mesmo a idéia me passou”. “Ele se tornou semelhante a um homem comum. Shâriputra o envolveu em vestes monásticas e o levou. Chegando na floresta de Jetavana, gritou: “Não suportarei ouvir que meu amigo está morto, ainda mais vê-lo!” E passou para além do sofrimento junto de numerosos Arhats. E, logo, Maudgalyâyana entrou também no nirvana.

Havia antigamente na Cachemira um monge chamado Rawaiti. Era clarividente e possuía poderes miraculosos. Tinha numerosos discípulos. Um dia, estava tingindo com açafraão uma vestimenta religiosa em uma clareira, quando um laico da vizinhança à procura de seu veado perdido, viu a fumaça na mata e aproximou-se. Encontrando o monge fazendo fogo, perguntou a razão daquilo. “Estou tingindo vestimentas religiosas”, respondeu o monge. O homem levantou a tampa e olhou. “É carne!” gritou ele. O monge por sua vez viu carne também. O homem foi ver o rei. “Senhor, este homem roubou meu veado, dê-lhe a punição!” O rei fez jogar Rawati num fosso. Alguns dias mais tarde, a vaca do laico encontrou o veado e o homem retornou.

“Senhor, este homem é inocente, liberte-o” pediu o homem. Mas o rei esqueceu e não fez nada durante seis meses, até o dia em que numerosos discípulos do monge que haviam atingido os poderes miraculosos chegaram voando. “Este monge é íntegro, tens a obrigação de libertá-lo”, disseram eles ao rei. O rei foi libertar o monge. Tomado de grande remorso e vendo-o extenuado, exclamou: “Cometi um ato extremamente nefasto por tardar de tal forma em realizar meu dever!”

“-Não tem nenhum problema”, disse o monge, “é o fruto de meus próprios atos”.

“_Qual é este karma?”, perguntou o rei.

“_Outrora, no curso de uma vida de ladrão, furtei um veado. O proprietário lançou-se à minha procura e fugi deixando o animal perto de um Buda-para-si que meditava numa clareira. O homem levou o Buda-para-si e fechou-o num fosso durante seis dias. O pleno efeito de meu ato me valeu passar numerosas vidas sofrendo nos mundos inferiores. Os sofrimentos que passei agora nesta vida marcam seu fim.”

Agora, uma outra história que aconteceu na Índia com o rei Gautamîputra. O filho deste rei recebeu um dia de sua mãe uma vestimenta de seda sem costura. Não quis usá-la logo em seguida. “Colocarei quando herdar o reino” - explicou ele.

“_Você não herdará nunca o reino” disse a mãe. “É necessário que o rei morra! Ora, seu pai e o Mestre Nagarjuna, tendo a mesma vida, seu pai não morrerá enquanto Nagarjuna viver, como este domina a duração da vida, seu pai não morrerá nunca. É por isto que vários de seus irmãos já estão mortos sem ter herdado o reino.”

“_O que posso fazer?”, perguntou a criança.

“_Pergunte ao Mestre Nagarjuna para lhe dar sua cabeça. É um Boddhisatva, ele aceitará. Não vejo outra solução.”

O filho foi ver Nagârjuna e lhe pediu a cabeça.

“Corte-a e leve-a”, disse o Mestre. A criança pegou uma faca e atingiu o pescoço, mas não cortou nada: foi como se a lâmina tivesse atingido o espaço. “As armas não podem me matar, explicou o Mestre, eu me purifiquei deste karma há quinhentas existências. Mas um dia, tirei a vida de um inseto quando fui cortar uma erva *kusha*. Como o pleno efeito deste ato não está ainda esgotado, decapite-me com um golpe de erva *kusha*. A criança pegou um ramo dessa erva e quando o atingiu a cabeça rolou pela terra. Nagârjuna passou ao Nirvana com estas palavras:

“Eu me vou agora para o Tempo de Felicidade,
Mais tarde voltarei novamente neste corpo.”

Pequena causa, grandes efeitos

Assim, os indivíduos sublimes devem eles mesmos submeter-se ao pleno efeito de seus atos. Como seria possível que nós, que desde a noite dos tempos, giramos no samsara onde acumulamos inumeráveis atos nocivos, possamos um dia ser libertados continuando a agir desta forma? Uma vez que nos será difícil libertarmo-nos dos mundos inferiores, evitemos sempre os mínimos maus atos e apliquemo-nos em praticar todos os atos benéficos possíveis, até os mais insignificantes.

Se não fazemos esse esforço, cada instante de conduta nefasta nos conduzirá a numerosos kalpas de existência nos mundos inferiores. Então, não subestimemos o mínimo mau ato, perguntando que mal eles poderiam nos fazer.

Escutemos Shantideva:

“Se para um pequeno mal que não toma um instante,
É preciso um kalpa inteiro em Avîchi,

É preciso dizer? Vistos nossos maus atos imemoriais,
Os mundos superiores não são acessíveis!”

Lê-se no *Sábio e o louco*:

“Não trate de maneira leve
Os menores atos nocivos:
As menores fagulhas,
Fazem incendiar as montanhas de erva!”

Uma vez que mesmo os pequenos benefícios proporcionam grandes resultados, não os desprezemos.

Foi no tempo em que o rei Mândhata era um miserável. Um dia, ele seguia para ver um casamento, levando um punhado de favas, quando encontrou o Buda Kshântisharana, que estava na cidade. Tomado de grande devoção, ele lançou as favas. Quatro delas caíram na tigela de esmola do Buda e duas outras tocaram seu coração. O pleno efeito desse ato foi seu renascimento como soberano no Continente de Jambu. Graças aos quatro grãos caídos na tigela, governou os quatro continentes durante oitenta mil anos. Por uma das favas que tocou o coração do Buda, foi um soberano da Assembléia-dos-Quatro-Grandes-Reis durante oitenta mil anos ainda. Graças ao segundo, reinou no paraíso Trinta-e-Três durante trinta e sete vidas de Indra.

Também é dito que lançando uma simples flor no céu onde o Buda foi visualizado, compartilha-se o trono de Indra durante um tempo difícil de mensurar.

É por isto que *O sábio e o louco* diz:

“Não trateis de maneira leve
Vossos menores atos bons:
As gotas de água se juntando,
Completam uma grande jarra!”

Crescimento dos atos

No *Tesouro de Preciosas Qualidades*:

“A maneira da semente da árvore *ashota*,
Da mesma maneira que a da mostarda do campo,
Que apesar de sua dimensão faz aparecer uma árvore
Em que a cada ano, os galhos crescem uma milha,
Não é necessário descrever como
Crescem as ações úteis ou nefastas.”

A semente da árvore *ashota* não é maior que um grão de mostarda, mas essa árvore cresce tão rápido que seus galhos crescem cada ano mais ou menos uma milha. No entanto, é dito que esta imagem não sustenta a comparação com o crescimento dos atos benéficos e nocivos...

A menor transgressão das regras de disciplina dá lugar a grandes sofrimentos por aí afora. Um dia, o rei dos nâgas chamado Elâpattra veio com o aspecto de um imperador universal ver o Bhagâvan. O Bhagâvan disse nestes termos: “Não te foi suficiente, portanto, ter prejudicado o ensinamento de Kâshyapa, você deseja ainda prejudicar o meu? Escute, portanto o Dharma de tua própria forma!”

_Muitos me fizeram mal para que eu o fizesse –respondeu o nâga.

O Buddha se colocou sob a proteção de Vajrapâni. Uma grande serpente de numerosas milhas apareceu. Sobre a cabeça crescia uma grande árvore *elâpattra* que o esmagava com seu peso e de cujas raízes pululavam insetos, fazendo-o sofrer com

medo. Perguntou-se a razão ao Buda. “Outrora, no tempo de Kâshyapa, ele era monge” explicou ele. “Um dia sua vestimenta foi arrancada por um grande *elâpattra* que crescia no caminho. Ele se colocou fortemente em cólera, e tendo desprezo pelos preceitos, cortou a árvore. Veja agora o resultado de seu ato.”

A intenção e o ato

Entre todos os fatores que fazem que um ato bom ou mau produza um karma negro ou branco, grave ou benigno, somente a intenção importa. Tomemos a imagem seguinte: se a raiz de uma árvore é medicinal ou venenosa, o tronco e as folhas também o serão. Não é possível que folhas medicinais cresçam sobre raízes venenosas. Se nossa intenção não é perfeitamente pura e provém do apego ou do ódio, o que realizamos mesmo aparentemente benéfico é, de fato, nefasto. Em contrapartida, com uma intenção pura, mesmo os atos que tem um aspecto mau; serão, em realidade, benéficos.

Lê-se no *Tesouro das Qualidades*:

“A raiz aciona o crescimento de forma idêntica,
Se venenosa ela é, que dizer dos brotos?
O que torna o ato benéfico ou nocivo não é sua aparência,
Nem sua dimensão: é a intenção boa ou má que a anima.”

É por esta razão que existem momentos onde os Boddhisatvas, os Filhos dos Vencedores, são autorizados a cometer realmente os sete atos nocivos do corpo, da palavra, mas tendo seus pensamentos puros, sem o menor desejo egoísta. Citemos por exemplo a história do Capitão-de-Grande-Coração que matou o Homem-Negro-de-Javeline e aquela do jovem brâhmane Jyotîrasa que rompeu seu voto de castidade com uma mulher, igualmente filha de um brâhmane.

Ora, nosso Instrutor, portanto, em uma vida precedente, havia sido o Capitão-de-Grande-Coração. Ele ia partir para o mar com quinhentos mercadores, quando no caminho, um bandido malfeitor de nome Homem-Negro-de-Javeline veio com a intenção de matá-los. O capitão pensou que se um só homem tiraria a vida de quinhentas pessoas que eram Boddhisatvas definitivos, passaria um número incalculável de kalpas nos infernos. Tomado por uma imensa piedade, decidiu que não havia outra solução além de matá-lo e se deixou ser condenado, por sua vez. Ora, colocando em execução seu magnânimo pensamento, adquiriu setenta mil kalpas de mérito. Aparentemente, o ato era nocivo: o Boddhisatva havia cometido um homicídio verdadeiro. Em realidade, o ato era poderosamente benéfico, uma vez que, sem o menor desejo pessoal, havia no imediato salvado a vida de quinhentos mercadores e utilmente poupado os sofrimentos do inferno ao Homem-Negro-de-Javeline.

Em tempos passados, um brâhmane de nome Jyotîrasa que vivia na floresta há muito tempo observando os votos de celibato, foi mendigar numa cidade. Uma filha de brâhmane caiu perdidamente apaixonada por ele a ponto de quase se suicidar. Tomado por uma grande compaixão por ela, desposou-a e, assim fazendo, adquiriu quarenta mil kalpas de mérito.

Matar ou romper seu voto de castidade são, portanto permitidos a tais seres. Em contrapartida, os mesmos atos motivados pelo apego, o ódio ou a ignorância não são permitidos às pessoas.

Um Boddhisatva com a mente vasta e sem o menor desejo pessoal pode igualmente roubar pessoas ricas e avarentas, para em seus nomes oferecer bens às Três Jóias ou aos mendicantes.

A mentira é igualmente permitida se servir para proteger a vida de um ser que está para ser morto ou os bens das Três Jóias. Mas não se serve para enganar as pessoas em seu próprio interesse.

A calúnia é permitida, por exemplo, para separar dois bons amigos os quais um gosta de fazer o bem e outro gosta de fazer o mal, caso se tema que o segundo, mais forte, influencia o primeiro. Mas ela não é permitida para separar duas pessoas que simplesmente se entendem.

Pode-se usar palavras violentas para levar o Dharma por métodos fortes àqueles que não se pode converter pela docilidade, ou para combater a falta oculta de um discípulo. "O Mestre supremo", disse Atisha, "é aquele que combate a falta oculta; as instruções supremas são aquelas que a tocam". Em contrapartida, as palavras violentas no desprezo dos outros não são permitidas.

A tagarelice é permitida para levar habilmente ao Dharma certas pessoas que gostam de falar e que não se interessariam se calando; mas não se é causa de distração para si mesmo ou para os outros.

Quanto aos três atos nocivos da mente, eles não são nunca permitidos a quem quer que seja, uma vez que não é possível transformar em bem por meio da intenção pois um mau pensamento, uma vez surgido, produz o mal.

Examinar sua mente

O único autor do bem ou do mal é, portanto a mente. Examinemo-la sem cessar, pois freqüentemente um pensamento bom ou mal, mesmo sem se manifestar pelo gesto ou pela palavra, produz um efeito considerável. Se nossos pensamentos são bons, alegremo-nos e façamos mais e mais o bem. Se são negativos, confessemos-nos imediatamente: "Como é possível que eu seja mau? Como posso ter tais pensamentos depois de ter escutado tantos ensinamentos? De agora em diante, devo fazer tudo para não mais recidivar."

Verifiquemos também nossa intenção no momento de realizar um ato benéfico. Se ela é boa, devemos agir. Se nosso ato é motivado pelo desejo de rivalizar com os outros, por hipocrisia ou por sede de renome, apressemo-nos em mudar nossa atitude e apliquemo-nos na mente do Despertar. Se não temos nenhum meio de lá chegar é melhor deixar nosso ato meritório para mais tarde.

Uma manhã, Geshe Bem esperava a visita de numerosos benfeitores e preparava seu altar de forma bela diante dos suportes das Três Jóias. Examinando sua intenção, ele viu que não era pura: ele procurava unicamente impressionar seus benfeitores. Assim mandou um punhado de poeira sobre as oferendas dizendo: "Monge, fique sentado sem procurar pavonear-se!" Quando Padampa Sangye ouviu a história exclamou: "O punhado de poeira de Bem Kunggyel é a melhor oferenda de todo o Tibet!"

Observemos sempre nossa mente de forma atenta.

Não existe nenhum ser comum sobre esta terra que não pense ou aja assim, movido por uma má intenção, mas se reconhecemos imediatamente o mal realizado, confessemos-lo e façamos o voto de não recidivar, pois não ficaremos "em sua companhia".

Um dia, Geshe Bem estava junto de seus benfeitores. Em certo momento eles saíram. Então lembrou que não havia mais chá e decidiu roubar para prepará-lo em seu eremitério. Mas quando colocou a mão no saco, reconheceu seu pensamento e chamou seus benfeitores: "Estou roubando" –gritou, "corte-me o punho!"

Atisha declarou em relação a ele: “Não estou maculado pela mínima falta após ter me engajado na Via da libertação individual. Cometi uma ou duas praticando os preceitos do Grande Veículo. E se cometi faltas leves no Veículo do Diamante dos Mantras Secretos, nem faltas nem quedas me acompanharam um só dia. Em viagem, cada dia que tinha um mau pensamento, pegava uma mandala de madeira que trazia comigo e confessava logo fazendo o voto de não recomeçar”.

Geshe Bem participava um dia de uma reunião de numerosos geshe em Penyulgyel. Num certo momento, oferecia-se à assembléia leite coalhado. Geshe bem, que se encontrava no meio do grupo e via os monges da primeira fila receberem uma grande porção, e pôs-se a pensar: “Este leite coalhado é bom, ficando aqui estou arriscando não receber minha parte...” Mas logo percebeu: “Espécie obcecada por leite coalhado!” -disse a si mesmo, trazendo sua tigela de volta. Quando o servente chegou nele, recusou sua parte. “Minha mente má já o tomou!” – explicou. É certo que não havia cometido o mínimo mal desejando tanto leite coalhado quanto os demais monges puros, mas considerou unicamente seu desejo egoísta e não o tomou.

Se examinarmos sempre nossa mente desta maneira, adotando o que é bom e rejeitando o que é mau, nossa mente tornar-se-á apta a fazer o bem e tudo que pensarmos será positivo.

Outrora, um brâhmane chamado Drakhen examinava continuamente sua mente. Quando tinha um mau pensamento, colocava uma pedra preta sobre um local; quando tinha um bom pensamento, colocava uma pedra branca. No início, colocava somente pedras pretas. Depois, como progredia, adotando e rejeitando o que devia com determinação, chegou o momento no qual as pretas estavam em igual número que as brancas. Finalmente, havia colocado mais pedras brancas. É por isso que devemos sempre nos armar da memória e da vigilância, devemos desenvolver o antídoto benéfico e não mais nos macular com o mínimo ato nocivo.

Karma passado, presente e futuro

Mesmo se, durante esta vida, não adquirimos mal karma, o número de nossos atos que temos no samsara sem começo não é visível e o karma que nos resta a experimentar é ainda inconcebível. Alguns sofrem quando só fazem o bem e treinam-se na Vacuidade, pois o karma latente que devia lhes fazer renascer nos mundos inferiores se manifesta sobre o efeito do remédio e amadurece nesta vida.

Lê-se no *Sutra do Diamante que Corta*:

“Os Boddhisatvas que praticarão o Conhecimento Transcendente serão atormentados, torturados, pois seu karma de sofrimento que deveria submetê-los mais tarde, amadurecerá nesta vida”.

Ao contrário, alguns só fazem o mal e recolhem no imediato o fruto de um pouco de karma benéfico que deveriam aproveitar no futuro. Tempos atrás, no país de Aparântaka, caiu uma chuva de pedras preciosas durante sete dias, depois caíram sucessivamente vestimentas e grãos. Finalmente, todo o mundo foi esmagado sob uma chuva de terra e renasceram em um inferno.

Quando os seres que agem bem sofrem, e aqueles que agem mal estão felizes, trata-se sempre do resultado de seus atos passados. Uma vez que os atos bons e maus que realizamos no presente produzirão seus efeitos em nossa próxima vida ou naquelas que se seguirão, é importante estar convencido da existência do karma e constantemente rejeitar e adotar o que convém.

Karma e "Vacuidade"

Não desprezemos a causalidade utilizando a linguagem dhármica das Vias. O Grande Oddiyâna diz a este respeito: "Grande Rei, nos Mantras Secretos que ensino, a Via é primordial, mas não deixe a ação depender dela: vós tombareis na Via negra dos demônios que proclama que não há nem bem nem mal. Não permita tampouco a Via ser influenciada pela ação: envolvidos pela materialidade e suas características, vós não atingireis nunca a liberação... "É por isso que minha Visão é tão alta quanto o céu e minhas ações mais finas que a farinha."

Devemos ser minuciosos com o karma, qualquer que seja nossa Visão, ou realização do Modo-de ser.

Um dia, alguém perguntou a Padampa Sangye: "Quando se realiza a Vacuidade, os atos nocivos nos afetam?"

_Quando se realiza a Vacuidade, cometer atos nocivos seria um absurdo. A realização da Vacuidade e a compaixão surgem simultaneamente."

Se não queremos, portanto, praticar o verdadeiro Dharma, tomemos o primeiro lugar na conduta em relação ao karma e façamos a experiência da Visão e da Ação paralelamente.

Jetsun Mila nos mostra até que ponto devemos imprimir em nós essas instruções sobre o karma. Um dia, seus discípulos lhe perguntaram: "Todas as ações de Jetsun que consideramos ultrapassam a compreensão das pessoas comuns. Precioso Jetsun, queira nos dizer se não fostes, desde o início, uma manifestação de Vajradhara, de um Buda ou de um Boddhisatva?"

"_Se vós me tomeis por uma manifestação de Vajradhara, de um Buda ou de um Boddhisatva", respondeu Jetsun, "isso prova que vós não tendes fé em mim, desta maneira vós sabereis ter as visões mais falsas no sentido do Dharma. Comecei acumulando atos extremamente nefastos usando mágicas e granizo. E logo pensei que não tinha outra escolha que renascer nos infernos. Então pratiquei o Dharma com uma energia inabalável e pude fazer em mim qualidades extraordinárias graças aos métodos profundos dos Mantras Secretos. Se você não chega a fazer esforços pelo Dharma, é porque você não tem a causalidade dos atos. Todas as pessoas comuns, tendo a coragem, terão a mesma energia que eu, se uma tal fé jorra do fundo deles mesmos. Neste momento, as qualidades se manifestarão e as tomaremos, elas também, por manifestações do Buda ou de um Boddhisatva".

É por haver a fé na lei de causalidade que Jetsun Mila, por ter acumulado maus atos, foi persuadido de que renasceria nos infernos. Graças a esta fé, praticou o Dharma com uma tal determinação difícil de encontrar, na Índia como no Tibet, com uma história igual a esta de provas e seus esforços. Suscitemos em nós uma tal fé.

Conclusões

Realizemos sempre e em todas as circunstâncias todos os atos benéficos possíveis, mesmo os mais ínfimos, aplicando os três métodos supremos. Façamos o voto de não mais cometer o mínimo ato nocivo, mesmo sob o risco de nossa vida.

Pela manhã ao nos levantarmos, não nos coloquemos imediatamente de pé, como o gado nos estábulos. Relaxemos nossa mente ainda quando estivermos no leito. Olhemos para o nosso interior e examinemos de maneira atenta nossa mente. Se, durante a noite, tivermos cometido atos nocivos em sonho, devemos nos arrepender e confessá-los. Se, em contrapartida, são atos benéficos, alegremo-nos para o bem dos seres. Cultivemos a mente do Despertar com este pensamento: "Hoje, farei todo o bem

e evitarei todo o mal que eu puder, a fim de que todos os seres, cujo número é infinito, atinjam a perfeita budeidade”.

À noite, no momento de dormir, não devemos nos perder no inconsciente, sem preparação, mas devemos ficar relaxados em nosso leito e fazer o mesmo exame: “O que, portanto, tiro de positivo deste dia? Quais os atos benéficos que realizei?” Se tivermos feito o bem, alegremo-nos e dediquemo-los para que todos os seres atinjam a budeidade. Se fizemos o mal, devemos nos arrepender de ser nocivos e destruir a nós mesmos. Devemos confessar e fazer o voto de não recidivar.

Graças à memória e a vigilância em todos os instantes, não devemos nos prender aos fenômenos do mundo exterior e aos seres como se tivessem uma realidade sólida. Mudando nossa atitude mental, consideremo-las como uma manifestação de aparições irreais.

Coloquemos nossa mente no caminho positivo e correto, ficando assim apto a agir bem: isto é em essência, o objetivo e o resultado das quatro reflexões que livram nossa mente do samsara, explicadas anteriormente. Agindo assim, todos os atos benéficos que realizamos serão naturalmente ligados aos métodos supremos.

É dito: “Uma pessoa benéfica é como uma árvore medicinal: aqueles que confiam, saem ganhando. Uma pessoa má é como uma árvore venenosa: aqueles que confiam, são todos destruídos”. Graças a uma atitude mental correta, teremos a capacidade de dirigir na direção do verdadeiro Dharma todos aqueles que tem elos conosco. O imenso mérito que teremos para nós mesmos e para os outros, não cessarão de crescer. Dessa maneira, não teremos nunca renascimentos nos mundos inferiores, onde se cai quando há regressão. Obteremos a existência extraordinária dos deuses e dos homens. Mesmo a região onde residirá o detentor de tal ensinamento receberá méritos e fortuna e será dia e noite protegido pelos deuses.

Conheço todos os aspectos da causalidade, mas pouco acredito neles.
Muito estudei o Dharma, mas sem praticá-lo.
Abençoe-nos, junto de todos os meus semelhantes que agem ma,
Para que com o Dharma nossa mente se torne indissociada.



Kalu Rinpoche
Ensinamentos budistas tibetanos

O Karma – Os atos e seus resultados

Introdução

Os diferentes tipos de atos e seus frutos ou resultados :

- 1] O fruto plenamente maduro
- 2] a) O fruto em ações análogas
b) O fruto em experiências análogas
- 3] O fruto em relação ao meio ambiente

I O Karma negativo

1] Os atos nocivos realizados pelo corpo

- 1) Suprimir a vida, matar
- 2) Apropriar-se do que não lhe foi dado, roubar
- 3) A má conduta sexual

2] Os atos nocivos realizados pela palavra

- 1) A mentira
- 2) Criar a discórdia pela maledicência
- 3) O uso de palavras ofensivas
- 4) As palavras fúteis

3] Os atos nocivos da mente

- 1) O desejo ou cobiça
- 2) A maldade
- 3) Ter visões errôneas

_Os 10 atos particularmente nocivos

_Diferenças qualitativas e quantitativas do karma negativo

- | | |
|--|---------------------------------------|
| § De acordo com a emoção dominante | § De acordo com o número de atos |
| § De acordo com a mistura com atos positivos | § De acordo com o destinatário do ato |
- _Os atos se amplificam se não nos arrependemos

II O karma positivo. Origem

1] Os atos benéficos realizados pelo corpo

- 1) Renunciar a matar e proteger a vida
- 2) Renunciar a roubar e ser generoso
- 3) Abandonar a má conduta sexual

2] Os atos benéficos da palavra

- 1) Abandonar a mentira e dizer a verdade
- 2) Renunciar a criar a discórdia e ser reconciliador
- 3) Abandonar o uso de palavras ofensivas e falar com doçura
- 4) Abandonar as palavras fúteis e falar com propriedade

3] Os atos benéficos da mente

- 1) Abandonar a cobiça e ter contentamento
- 2) Abandonar o desejo de prejudicar e ser bondoso
- 3) Abandonar as visões errôneas

III O karma da imobilidade

Relação entre os graus de meditação e os renascimentos divinos

- | | |
|---|---|
| § O karma cria as experiências do Samsara | § Karma introdutor e karma complementar |
| § Os frutos kármicos no tempo | § Diferentes maneiras de acumular karma |
| § Ação e intenção | § Karma coletivo e karma individual |
| § Exemplos de combinações kármicas | § O karma fundamento do ensinamento do Buda |

_Imagem da árvore que realiza as aspirações

Kalu Rinpoche
Ensinamentos budistas tibetanos

O Karma – Os atos e seus resultados

O Karma

O Karma é atividade: a lei de encadeamento das causas e as conseqüências dos atos.

As seis classes de seres dos três mundos, com sua diversidade de alegrias e tristezas são aparências ilusórias que se manifestam pelo poder do karma. Esse karma pode ser negativo, positivo ou de imobilidade.

I] O Karma negativo

Consiste em dez atos não virtuosos ou nocivos que provêm das seis emoções perturbadoras da mente: 1) O desejo, 2) a aversão, 3) a estupidez, 4) a avareza, 5) o ciúme, 6) o orgulho; que podem ser efetivados por três portas: o corpo, a palavra e a mente.

1] Os atos negativos do corpo:

1) Suprimir a vida, matar. Pode-se fazê-lo pelo desejo ou apego: às riquezas, à carne, peles, ossos, almíscar, etc afim de se proteger ou de proteger seus próximos; pelo ódio, matando os adversários ou os rivais; ou, enfim pela estupidez, fazendo por exemplo, a oferenda de uma vida considerando esse ato como virtuoso.

O fruto desse ato, 1) que acontece (karmicamente) em pleno amadurecimento é um nascimento em um inferno; 2) ao retomar um nascimento humano, esse ato pode ainda ter por frutos ações e experiências que lhe são análogas as primeiras serão ter prazer em matar e a segunda, ter uma vida curta afligida por numerosas doenças e por numerosas existências ter que pagar este ato com a própria vida, 3) enfim, resulta do poder de tal ato um meio ambiente de desfiladeiros e barrancos, ameaçando a vida.

2) Apropriar-se do que não lhe foi dado, roubar. Pode-se fazê-lo: 1) abertamente e sem enganar, fazendo uso da força ou de seu poder; 2) às ocultas, sem ser visto ou conhecido; ou 3) enganando pela trapaça, fraudando nos pesos e medidas.

Os diferentes frutos dessa ação são: 1) em pleno amadurecimento kármico, um nascimento entre os espíritos ávidos; 2) ao retomar um nascimento humano, o fruto consiste em: 1) ações-similares-à-sua causa é ter prazer em roubar; 2) experiências análogas: ser pobre e necessitado; enfim 3) o fruto em relação ao meio ambiente é um país onde o gelo e o granizo são abundantes.

3) A má conduta sexual: 1) transgredir as interdições familiares (por exemplo, incesto com sua mãe ou com sua irmã); 2) faltar aos seus engajamentos (por exemplo o adultério); ou 3) enfim, transgredir as prescrições do Dharma: não é preciso ter relações sexuais, mesmo com a sua própria mulher; tê-las na proximidade de um Lama, de um templo ou de uma stupa; tê-las numerosas vezes seguidas; tê-las quando se tomou um voto (ainda que temporários) de castidade; ou ainda quando a mulher está grávida.

Os frutos de tais atos são: 1) em pleno amadurecimento kármico, um nascimento entre os espíritos ávidos. 2) ao retomar um nascimento humano, os três tipos de frutos vistos anteriormente serão: ter uma esposa desagradável e semelhante a uma inimiga; ter descontentamento e ser sempre atraído por outras mulheres; 3) nascer em um país de muita poeira.

2] Os atos nocivos da palavra

1) A mentira: 1) pode-se mentir a respeito de sua realização espiritual; 2) enganar a outrem, 3) de maneira banal.

Os quatro tipos de frutos são: um nascimento animal; ou, ao retomar um nascimento humano, gostar de mentir, ter freqüentemente por verdade aquilo que é falso, ter mau hálito e renascer num local de relevo acidentado e de temperaturas excessivas.

2) Criar a discórdia por maledicência: pode-se fazer abertamente; na presença de dois amigos que se deseja ver separados; de maneira indireta ou insidiosa; ou ainda às escondidas de uma das partes.

Os frutos de tal ato são respectivamente: um nascimento no inferno; ou, ao retomar um nascimento humano, gostar de criar a discórdia, ser separado de seus amigos e renascer num país de relevo acidentado.

3) O emprego de palavras ofensivas: elas podem ser atiradas na face do interlocutor, misturadas com gracejos ou consistir em mencionar diretamente aos nossos amigos os seus defeitos.

Os diferentes frutos são, gradualmente: nascer no inferno, ter prazer em usar palavras vis, ouvir conversas e sons desagradáveis e renascer num país rochoso, quente, seco, espinhoso e ainda onde os desfiladeiros são numerosos.

4) As palavras fúteis incluem: 1) a prática de recitações de um religião que não é a nossa; 2) falar muito sem razão; 3) dar explicações sobre o Dharma àqueles que não o respeitam.

Os resultados são: de início, um nascimento animal; ou, ao retomar um nascimento humano, ter uma linguagem vulgar; usar palavras que desagradam a todos e ter um nascimento em um país onde as estações são desreguladas.

3] Os atos nocivos da mente

1) O desejo, a cobiça: pode tomar a forma de um grande apego ao que já é seu, quer seja a família, seu corpo ou seus bens; ou consistir em desejar que os bens alheios tornem-se nossos; ou pode ser ainda querer estender seu poder exclusivo a coisas que se deseja mas que não pertençam a nenhuma pessoa em particular.

Os frutos são, respectivamente: um nascimento entre os espíritos ávidos; ou, ao retomar um nascimento humano, ter numerosos apegos; não poder realizar suas aspirações e nascer num país onde os cereais se desenvolvem mal.

2) A malevolência, o desejo de prejudicar; podem nascer da cólera, ou do ciúme, tal como quando se manifesta nos confrontos de ciúme ou do ressentimento.

Os resultados são respectivamente: um nascimento no inferno; ao retomar um nascimento humano, ser colérico por natureza; ser, sem motivo, tratado como inimigo por todos e nascer num país de estreitos precipícios, onde o alimento, a habitação e as culturas são difíceis.

3) Ter visões errôneas a respeito do Dharma: elas podem consistir em ter por falsas a lei de causa e efeito do karma ou as explicações doutrinárias feitas a partir do ponto de vista da verdade-relativa-que-tudo-mascara ou do ponto de vista da verdade absoluta; ela podem também se referir às Três Jóias (Triratna).

Os resultados são respectivamente: um nascimento animal; ou, ao retomar existência humana, não ter inclinação por nenhum estudo; ser estúpido, incapaz de compreender o que quer que seja e nascer num país miserável onde os frutos não crescem jamais.

Os dez atos particularmente nocivos

Entre os atos nocivos, é ensinado que são particularmente graves:

- 1_Matar seu pai, sua mãe ou seu mestre espiritual,
- 2_Roubar os bens das Três Jóias,
- 3_Ter relações sexuais com alguém cujos votos o interditem,
- 4_Caluniar um Tathagata (Buda) ou enganar seu Lama com mentiras,
- 5_Criar discórdia entre os membros da sangha ou entre companheiros de estudo do Dharma,
- 6_Dizer palavras ofensivas a nossos pais ou a um ser santo,
- 7_Distrair, por uma conversa fútil, aqueles que querem praticar o Dharma,
- 8_Ambicionar os bens destinados às Três Jóias,
- 9_Ter uma tal maldade que se está pronto a cometer uma das cinco ações incomensuravelmente nocivas,
- 10_E ter visões errôneas divergentes que produzam discussões.

Diferenças qualitativas e quantitativas do karma negativo

§ Pode-se considerar que cada uma das seis emoções perturbadoras da mente produza mais particularmente um tipo de nascimento: o ódio, no inferno; a avareza, entre os espíritos ávidos; a ignorância, como animais; o desejo, como homens; o ciúme, como os *asuras* e o orgulho, como os deuses.

§ Por outro lado, a acumulação de numerosos atos nocivos induzem ao estado infernal; um número médio induz ao mundo dos espíritos ávidos; um pequeno número, o dos animais.

§ Se os atos benéficos são misturados com ações nocivas, seguindo suas forças respectivas, ter-se-á renascimento numa das três classes de seres superiores.

§ De acordo, também, com qual tipo de ser o ato nocivo tenha sido dirigido, ou seja, um ser superior ou médio, ou inferior, a consequência é um nascimento em um inferno, entre os *pretas* ou os animais.

§ Enfim, é ensinado que até o ponto de arrependermos-nos, a força do ato nocivo continua aumentando.

II O Karma positivo

Provém do que é virtuoso ou benéfico: o amor, uma disposição de mente orientada para o bem do outro, desejos modestos e o contentamento com o que se tem.

1] Os atos benéficos do corpo

1) Renunciar a matar e proteger a vida tem por fruto em plena maturidade kármica, nascer deus ou homem. O fruto consiste em ações-análogas-à-sua-causa é uma mente pouco inclinada a matar ou que goste de proteger a vida. O fruto-consiste em experiências-análogas-à-sua-causa é uma vida longa, sem doença, feliz e dotada de numerosas riquezas; o fruto-em-relação-ao-meio-ambiente é um país agradável e que nos satisfaz.

2) Renunciar a roubar e ser generoso tem por fruto tornar-se rico e poderoso, como um rei ou homem influente. Retomando o nascimento de homem comum, gostar-se-á de praticar a generosidade, ter-se-á maravilhosas riquezas e se nascerá em um país onde os bens e alimentos serão perfeitos.

3) Abandonar a má conduta sexual e guardar comportamento disciplinado tem por fruto nascer deus, retomando nascimento humano, ter amigos belos e graciosos com os quais se está em harmonia e sempre satisfeito e nascer num local agradável.

2] Os atos benéficos da palavra

1) Abandonar a mentira e dizer a verdade tem por fruto nascer deus ou homem, gostar de falar com franqueza, de ver suas palavras tidas com verdadeiras por todos e nascer em um país de relevo regular onde os frutos amadurecem no tempo adequado.

2) Renunciar a criar discórdia e se colocar como reconciliador tem por fruto nascer como deus ou homem; sempre gostar de ver reinar o bom entendimento, de ver todo mundo ter suas palavras tidas com verdadeiras e agradáveis e nascer em um país onde o gelo e o granizo são raros, onde é fácil obter o alimento e os bens que se deseja adquirir.

3) Abandonar o emprego de palavras ofensivas e falar com doçura, tem por efeito nascer deus ou homem; gostar de falar gentilezas, ouvir palavras agradáveis, estar cercado por pessoas que lhe fazem elogios e nascer em um país de clima ameno e temperatura uniforme.

4) Abandonar as palavras fúteis e falar com discernimento tem por fruto nascer deus ou homem; gostar de falar pouco, ter palavras de estima que agradam os outros e nascer num país agradável, com relevo e temperatura moderados.

3] Os atos benéficos da mente

1) Abandonar a cobiça e ter desejos modestos e contentamento tem por fruto nascer deus ou homem, estar sempre satisfeito com o que se tem; ser feliz, vendo realizar o que se deseja e nascer num país agradável.

2) Abandonar o desejo de prejudicar e ser bondoso tem por fruto nascer deus ou homem; ser bom para todos os seres; ser tratado por todos com gentileza e ver

todos os seus desejos realizarem-se; e nascer em um país onde surge tudo que é necessário e desejado.

3) Abandonar as visões errôneas tem por fruto renascer como homem ou deus, gostar de estudar com energia; nascer em um local onde se é estimado por sua inteligência e sua grande sabedoria, em um país fértil onde os alimentos são saborosos.

III O Karma da imobilidade

A causa deste karma é meditar sobre os estados-de-estabilidade-de-mente-que-se torna-equânime. O fruto é a obtenção de diversos nascimentos em um estado de estabilidade de mente. Estas meditações sobre os estados-de-estabilidade-de-mente-que-se-torna-equânime têm por base a prática dos dez atos benéficos que devem ser previamente algo corrente. Essas meditações têm oito diferentes níveis, em cada um dos quais uma fase preparatória nos introduz no corpo de uma prática. Existem, portanto, oito corpos de prática que são oito estados diferentes de imersão da mente (samadhi).

1) O primeiro é caracterizado pela presença de cogitação de exame discriminativo, de alegria e felicidade. Tendo meditado nesse estado de absorção, permanece-se no primeiro-grau-de-concentração-no-qual-a-mente-é-estável (Dhyana).

2) Quando se abandona cogitação e exame discriminativo e se experimenta ainda alegria e felicidade permanece-se no segundo grau de concentração.

3) Quando a alegria é abandonada e resta somente a felicidade, permanece-se no terceiro grau de concentração.

4) Enfim, pelo estado de absorção no qual toda cogitação, todo exame discriminativo, todas as alegrias são abandonadas, permanece-se no quarto grau de concentração.

A esses quatro graus de concentração correspondem os nascimentos nos quatro níveis dos deuses do mundo da forma sutil.

Quando se desprendem-se desses quatro graus de concentração, pode-se nascer (como deus num mundo sem forma) nos quatro domínios de extensão (cujos nomes evocam os modos imperfeitos de realização da vacuidade que lá se desenvolvem). Assim, pode-se nascer no domínio do espaço ilimitado; quando se desprende desse primeiro, pode-se ainda nascer no domínio da consciência ilimitada; depois no domínio sem nada; e enfim, no domínio onde não há nem percepção nem não-percepção.

Cada vez, é reconhecendo a característica insatisfatória de um grau que se desprendem dele; e todos os graus sucessivos são assim desprovidos de apego. Esses oito estados de absorção são os estados de uma mente virtuosa que habita sobre algo único.

§ O criador do samsara

Tudo que existe no samsara foi produzido pelos três tipos de karma impuro (impuro, pois implica a distinção de um sujeito, de um objeto e de um ato).

Em resumo, a raiz do ciclo das existências (Samsara) é a ignorância (quer dizer o não reconhecimento da verdadeira natureza da mente). Da ignorância vem a apreensão dualista (de um objeto por um sujeito); depois, a partir desta: de lado do conhecimento-em-modo-distintivo, ou consciência, aparecem as diferentes emoções perturbadoras da mente (*klesha*) e de outro lado, aquele da suprema consciência (*jnana*)

aparece o conhecimento superior (*prajna*), a fé, a compaixão e a benevolência. Estas diferentes emoções perturbadoras e suas diferentes qualidades de mente produzem respectivamente: para as primeiras, os sofrimentos das três classes de seres inferiores e, para as seguintes, a felicidade das três classes de seres superiores. Em conjunto, elas produzem todas as condições incertas e variadas que podem fazer experimentar o karma misto de virtude e vício.

Como os diferentes atos produzem diferentes resultados, diferentes tipos de seres são produzidos por diferentes tipos de atos.

§ *Karma introdutor e karma complementar*

Suas combinações são tais que se o karma-introdutor-que-induz-um-modo-de-existência pode até ser virtuoso, mas se o karma complementar que conclui a determinação desse estado for não virtuoso, pode-se, por exemplo, ter um nascimento humano mais pobre.

Se inversamente, o karma introdutor é não virtuoso e o karma complementar, virtuoso, pode-se, por exemplo, ter um nascimento animal e ter grandes riquezas, tal com um ser da classe dos nâgas.

Se esses dois karmas, introdutor e complementar, são virtuosos, pode-se, por exemplo, nascer rei-pontífice (Chakravartin) e se todos os dois são virtuosos, pode-se ter nascimento num inferno.

§ *Frutos kármicos no tempo*

Os frutos kármicos-experimentados-de-maneira-visível (nesta vida mesmo) são aqueles que vêm de intenções e atos que vêm de intenções e de atos que adquirem uma importância extrema, sendo dirigidas para o que é sagrado, como o Buda, etc. Assim, Devadatta (que tentou por várias vezes e conseguiu uma vez tocar com uma pedra o Buda Sakyamuni) teve que experimentar durante a vida o fogo do inferno. De outra parte, fez crescer um campo espigas de ouro para um casal que com um bom pensamento, ofereceu uma refeição a pessoa pura que era Sariputra (o grande discípulo do Buda Sakyamuni).

Os frutos experimentados-após-o-renascimento são aqueles que vêm das cinco faltas ilimitadas e das cinco faltas quase ilimitadas. Elas são experimentadas logo após esta vida.

Todos os outros frutos são experimentados em outro momento, quer dizer eles serão experimentados ulteriormente, depois de três ou quatro vidas.

§ *Diferentes maneiras de acumular karma*

Pode-se fazê-lo seja agindo, fazendo com confiança, por exemplo, oferendas às Três Jóias ou matando um homem com cólera, ou ainda sem agir: alegrando-se pelos bons ou os maus atos alheios.

Pode-se também, agindo, não acumular karma, meditando, por exemplo, com a mente distraída.

E mais, uma má intenção pode estar junto com uma boa ação: com no caso de se construir um prédio sagrado para adquirir renome. Inversamente, uma boa intenção pode estar presente a um mau ato, como, por exemplo, bater em nossos próximos ou lhes dizer palavras ofensivas com o objetivo de ajudá-los.

§ Karma coletivo e karma individual

Todos os seres deste mundo acumularam karma comum que faz com que o universo lhes apareça de maneira similar. Esse tipo de karma é denominado coletivo-produtor-de-aparências.

Todavia, as diferenças dos locais, de corpos, de felicidade e de tristeza que são específicos a cada ser são a manifestação de um karma próprio de cada um, que é o individual-produtor-de-experiências.

§ Exemplos de combinações kármicas

Quando os frutos do bom karma foram esgotados, experimenta-se o mau; assim, o início da vida pode ser feliz e seu fim infeliz, ou inversamente.

Se, em uma existência precedente, protegeu-se a vida, pode-se agora viver muito tempo. Mas se, no mesmo tempo, agredimos ou tratamos alguém com brutalidade, arisca-se ser freqüentemente mau.

Se em uma existência precedente, praticou-se a generosidade, mas igualmente desejamos mal a alguém, nesta vida poder-se-á ser rico, mas arrisca-se ter numerosos inimigos.

Se em uma vida anterior, renunciou-se ao adultério, mas criou-se a discórdia, poder-se-á ter, nesta vida, uma mulher perfeita, mas haverá o risco de desentendimento.

Se, precedentemente, abandonou-se o emprego de palavras ofensivas, mas também se ambicionou os bens alheios, poder-se-á, nesta vida, ser tratado amavelmente por todos, porém arrisca-se ser pobre.

Se, anteriormente, se fez oferendas e praticou-se a generosidade, mas igualmente houve o ciúme, poder-se-á nascer com pais ricos, mas arrisca-se tornar-se necessitado nesta vida mesmo.

Se, anteriormente, pouco se praticou a generosidade, ter-se-á um nascimento de pais pobres, mas se igualmente respeitou, honrou e protegeu pai, mãe e mais velhos, poder-se-á ser poderoso, louvado e respeitado por todos.

Se praticou-se a generosidade, mas o Dharma nos desagradou, poder-se-á nascer rico mas arrisca-se ter visões errôneas concernentes à Doutrina.

Se realizou-se, fazendo oferendas ou praticando a generosidade, atos virtuosos de grande força mas também se fez, sob o domínio do ciúme e outras emoções perturbadoras da mente, desejos maldosos, poder-se-á nascer provido de grande poder e grandes riquezas mas arrisca-se de os utilizar para fazer atos nocivos de grande envergadura.

Mesmo se não se praticou muitos atos virtuosos, mas morreu com fé, poder-se-á nascer em uma família religiosa.

Se inicialmente agiu-se de acordo com o Dharma, com fé e compaixão, hoje família, corpo e bens têm todas as qualidades requeridas. Portanto, praticando-se agora ainda o Dharma, poder-se-á rapidamente progredir na via da iluminação.

§ *Os fundamentos do budismo.*

Nós teremos penetrado nos fundamentos da doutrina budista quando tivermos adquirido a certeza da inevitável interdependência das causas e efeitos do karma.

“A árvore que realiza todos os desejos
Tem, por raiz, uma disposição de mente desapegada do samsara,
Que aspira somente à libertação.
Fé e compaixão formam seu tronco.
O abandono do mal e a prática do bem formam seus galhos.
Todas as virtudes, suas folhas.
Suas flores são a realização dos pontos essenciais.
Das duas fases de desenvolvimento e consumação da meditação,
Nasce seu fruto: o perfeito estado de Buda.”



Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Parte IV

Capítulo 7

ཨ། བྱམ་པ་དང་སྣོང་རྗེ་བསྟན་པའི་ལེན།

O amor

e

A compaixão





Tchenrezig: personificação da compaixão do Buddha

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação
Capítulo 7

O Amor e a Compaixão

A] O Amor ilimitado

- I As diferentes formas de amor**
 - 1] O amor referente aos seres
 - 2] O amor referente à natureza das coisas
 - 3] O amor sem referência
- II O objeto do amor**
- III Em que consiste o amor**
- IV Como meditar sobre o amor**
 - 1] Meditar sobre a benevolência e nossa mãe**
 - 1) A bondade por nos ter dado a vida
 - 2) A bondade por ter se dedicado a nós
 - 3) A bondade por nos ter mantido vivos
 - 4) A bondade por nos ter educado
 - 2] Pensar que todos os seres foram nossas mães**
 - 3] Cultivar o desejo de torná-los felizes**
- V Os sinais de sucesso do treinamento no amor**
- VI As virtudes da meditação sobre o amor**

B] A Compaixão

- I As diferentes formas de compaixão**
 - 1] A compaixão referente aos seres
 - 2] A compaixão referente à natureza das coisas
 - 3] A compaixão sem referência
- II O objeto da compaixão**
- III Em que consiste a compaixão**
- IV Como meditar sobre a compaixão**
 - 1] Meditar em que todos os seres foram nossas mães
 - 2] Meditar em que eles experimentaram todos os tipos de sofrimentos
 - 3] Desenvolver o desejo de que eles sejam liberados dos sofrimentos e suas causas
- V Os sinais de sucesso na meditação da compaixão**
- VI As virtudes dessa meditação**

Gampopa :
O Precioso Ornamento da Libertação

Capítulo 7

O amor e a compaixão

Estudaremos agora a meditação sobre o amor e a compaixão, que é o antídoto do apego à paz do nirvana.

Apegar-se à felicidade da paz do nirvana é aspirar a ele somente para si e, por falta de amor aos outros seres, não agir em benefício deles. Essa atitude é própria do Pequeno Veículo:

"Para o meu bem pessoal, devo abandonar
O bem de muitos seres.
Colocando muito alto meu interesse pessoal,
Eu o realizo no grau supremo."

Ao contrário, quando o amor e a compaixão estão incorporados em nós, nossa afeição pelos seres é tal que não suportamos aspirar somente à nossa libertação pessoal. Portanto, meditemos sobre o amor e a compaixão. Mestre Manjushrikirti dizia:

"O adepto do Grande Veículo não deve um único instante renunciar ao amor e à compaixão."

E ainda,

"Fazer o bem aos outros é cuidar deles com amor e compaixão, e não com ódio."

* * *

A] O amor ilimitado

- I As diferentes formas de amor**
- II O objeto do amor**
- III Em que consiste o amor**
- IV Como meditar sobre o amor**
- V Os sinais de sucesso no treinamento do amor**
- VI As virtudes da meditação sobre o amor**

* * *

I As diferentes formas de amor

Distinguimos três tipos de amor:

- 1] Referente aos seres;**
- 2] Referente à natureza das coisas;**
- 3] Sem referência.**

O *Sutra dito por Akshayamati* explica:

“O amor que tem como referência os seres é aquele dos Bodhisattvas que acabaram de produzir a mente do Despertar.

O amor que tem como referência a natureza das coisas é aquele dos Bodhisattvas que se dedicaram à ação.

O amor sem referência é aquele dos Bodhisattvas sem-retorno.”

Aqui, estudaremos somente a primeira forma de amor.

II O objeto do amor

Esse amor tem como objeto a totalidade dos seres.

III Em que consiste o amor

Ele consiste em desejar que os seres encontrem a felicidade.

IV Como meditar sobre o amor

Meditamos sobre o amor, apoiando-nos no sentimento de gratidão. Pensamos na bondade dos outros. A pessoa que, nesta vida, manifestou-nos a maior benevolência foi nossa mãe. É ela que nos concebeu, que esforçou-se por nós, cuidou de nós e educou-nos.

Conforme aparece na *Prajnaparamita em oito mil instâncias*:

“Por quê? Porque nossa mãe concebeu-nos, esforçou-se muito, permitiu-nos continuar vivos e demonstrou-nos o que era necessário saber neste mundo.”

1] A bondade de ter-nos dado a vida

Nosso corpo não surgiu repentinamente com seu tamanho definitivo, seus músculos bem formados e sua tez perfeita. Começando pelos estados de geléia mole e de geléia mais firme, pouco a pouco ele foi se formando no ventre de nossa mãe, retirando a substância de sua carne e de seu sangue. Desenvolveu-se, absorvendo a quintessência de seu alimento. E pôde constituir-se, infligindo em nossa mãe todo tipo de opróbrios, doenças e dores.

Uma vez nascidos, aí então éramos mais mesquinhos ainda, ela cuidou de nós até que estivéssemos grandes e fortes.

2] A bondade de ter se dedicado a nós

Não chegamos vestidos e paramentados, de posse de toda nossa herança e víveres. Além de nossa boca para berrar e nosso ventre vazio, não possuíamos absolutamente nada. Desembarcamos em um lugar desconhecido onde todo mundo nos era estranho. Então, alimentando-nos ela aplacou nossa fome e dando-nos de beber saciou nossa sede. Ela nos vestiu para nos proteger do frio e doou-nos seus bens para que não ficássemos completamente desprovidos.

Isto não quer dizer que uma mãe dá ao seu filho aquilo que ela não necessita. Ao contrário, ela se priva de comer, de beber, de guardar e utilizar o que quer que seja para dar-lhe conforto em sua vida presente, ou mesmo realizando oferendas para que se torne rico em sua vida seguinte. Na verdade, ela cria seu filho sem preocupar-se com sua própria felicidade presente nem com sua felicidade em suas vidas futuras.

Isto não quer dizer tampouco que aquilo que dá ao seu filho ela o obteve facilmente e com prazer. Ao contrário, ela o obteve a custas de ações negativas, de sofrimentos e de cansaços de todo tipo. Ela comete atos negativos quando, para alimentar seu filho, pesca ou caça. Ela sofre quando tem que realizar negócios ou trabalhar nos campos, quando, noite e dia, a geada lhe serve de calçado e as estrelas de chapéu; quando ela tem como montaria apenas suas pernas e como único chicote a fita de suas tranças; quando ela dá aos cães a carne de sua perna e aos homens a carne de seu rosto. E tudo isso, por causa de seu filho.

Mais ainda, ela cuida de um estranho que ela não sabe nem de onde veio nem o que se tornará e demonstra-lhe muito mais amor que aos seres benevolentes como seu pai, sua mãe ou seu amigo de bem. Ela o contempla com afeição, o envolve com calor, afaga-o com os dedos e dirige-lhe palavras ternas: "Meu pequeno! Meu tesouro! Como mamãe é feliz!"

3] A bondade por ter-nos mantido vivos

No começo, não sabíamos nos alimentar, não tínhamos força para executar qualquer tarefa difícil; éramos como larvas, indolentes, incapazes e estúpidos. Ora, ao invés de nos abandonar, nossa mãe colocou-se a nosso serviço. Ela nos colocou sobre seus joelhos, protegeu-nos do frio e da água, impediu-nos de cair no vazio e afastou-nos de todos os perigos. Por medo de nos ver morrer ou ficar doentes, ela fez adivinhações, estudos astrológicos, rituais, leituras de textos sagrados, práticas espirituais: protegeu nossa vida de muitas maneiras inconcebíveis.

4] A bondade por ter-nos educado

No início, não tínhamos experiência de vida nem éramos seguros de nós mesmos nem capazes de compreender tudo com um único olhar. Além de chamar nossos pais, chorando e agitando nossos braços e pernas, não sabíamos fazer mais nada. Também foi nossa mãe que nos ensinou tudo: a comer, vestir-nos, caminhar, falar. Ela nos ensinou a dizer: "minha" e depois "mamãe". Ela nos ensinou a fazer diferentes objetos e transmitiu-nos muitos outros conhecimentos, tornando-nos iguais ou comparáveis a ela em todos os domínios.

Ora, ela não foi nossa mãe apenas nesta vida. Considerando que giramos no samsara desde os tempos sem começo, ela foi nossa mãe um número incalculável de vezes.

Como o afirma o *Sutra do samsara sem começo*:

"Suponham que façamos com a terra, as pedras, as plantas e as florestas do mundo inteiro, bolinhas do tamanho de uma baga de sabina, e suponham que durante este tempo alguém conte quantas dessas bolas foram feitas. Se, por um lado, seria até possível chegar ao fim desse cálculo, por outro, seria impossível saber quantas vezes o mesmo ser foi nossa mãe."

A *Carta a um amigo* também o diz:

"A terra não seria suficiente se contássemos nossas mães
Com bolas de argila do tamanho de uma baga de sabina."

Cada vez que um ser foi nossa mãe, ele demonstra a benevolência que acabamos de descrever.

Visto que a bondade de uma mãe é incomensurável, cultivemos tanto quanto possível o desejo sincero de agradar seu coração, de ser-lhe útil e de fazê-la feliz.

Em seguida, pensemos que não somente todos os seres foram nossas mães, mas que todas essas mães tiveram para conosco a bondade que acabamos de abordar.

Até onde encontramos esses seres?

Até os confins do espaço, como o diz o *Sutra da oração da boa ação*:

“Tão longe quanto se estende os confins do céu, há seres.”

Cultivemos com a melhor de nossas capacidades, o único e sincero desejo de ajudar a todos e fazê-los felizes. Quando estivermos completamente tomados por esse desejo, possuiremos o verdadeiro amor.

Segundo o *Ornamento dos sutras*:

“O Bodhisattva se comporta com cada um como se fosse seu filho único.

Com grande amor, do seu eu mais profundo, ele deseja sempre poder socorrê-lo.”

V Os sinais de sucesso no exercício do amor

Se a força desse amor chega a nos arrepiar a pele e deixa nossos olhos cheios de lágrimas, ela é qualificada de "grande". E quando esse amor é o mesmo por todos os seres, ele é qualificado de "incomensurável".

O exercício do amor será completo quando não aspirarmos mais à felicidade pessoal, mas unicamente à felicidade dos outros.

VI As virtudes da meditação sobre o amor

As virtudes desse exercício são inúmeras, como declara o *Sutra da chama da lua*:

“Uma infinidade de oferendas variadas

Preenchendo milhares de universos

E oferecidas ao mais sublime dos seres

Não podem comparar-se a um pensamento de amor.”

O mérito de meditar um instante sobre o amor é propriamente incalculável, como ensina a *Guirlanda de jóias*:

“A doação três vezes por dia de pratos longamente preparados

Não pode ser igualada em méritos a um simples instante de amor.”

Até o Despertar, a meditação sobre o amor proporciona oito benefícios que a *Guirlanda de jóias* descreve assim:

“Deuses e humanos nos amarão

E nos protegerão;

Ficaremos felizes

E experimentaremos inúmeras delícias;

Estaremos ao abrigo dos venenos e das armas;

Alcançaremos nossos objetivos sem esforço

E renasceremos no mundo de Brahma:

Mesmo se não tivermos atingido a liberação,

O amor nos trará esses oito benefícios.”

Acrescentemos ainda que essa meditação sobre o amor é excelente, tanto para proteger a si mesmo, como mostra a história do brâmane Mahadatta, como para proteger aos outros, como na história do rei Maitribala.

B] A compaixão

Uma vez que tenhamos nos dedicado ao amor, não será difícil proceder da mesma maneira com relação à compaixão.

- I **As diferentes formas de compaixão**
- II **O objeto da compaixão**
- III **Em que consiste a compaixão**
- IV **Como meditar sobre a compaixão**
- V **Os sinais de sucesso na meditação sobre a compaixão**
- VI **As virtudes dessa meditação**

* * *

I **As diferentes formas de compaixão**

Distinguem-se três tipos de compaixão:

- 1] **Referente aos seres;**
- 2] **Referente à natureza das coisas;**
- 3] **Sem referência.**

A **compaixão que se refere aos seres** aparece quando se reflete sobre os sofrimentos dos mundos inferiores e dos outros estados de existência.

A **compaixão que se refere à natureza das coisas** surge quando se está familiarizado com as quatro verdades e quando, ao reconhecer os dois tipos de causalidade, deixa-se de acreditar que as coisas são permanentes e têm uma existência em si. Consta-se a terrível confusão dos seres que não estão conscientes desta realidade, e somos tomados pela compaixão.

A **compaixão sem referência** manifesta-se quando, pela meditação, damos conta que tudo é vacuidade: sente-se então uma compaixão fora do comum por todos os seres que acreditam na existência real das coisas.

Diz-se que:

“Quando o Bodhisattva, em meditação estável,
Aperfeiçoou a mente do Despertar pela força do hábito,
Experimenta uma compaixão fora do comum
Pelos seres possuídos pelo demônio
Da crença na realidade das coisas.”

Quanto a nós, meditemos sobre a primeira forma de compaixão, aquela que tem como referência os seres.

II O objeto da compaixão

Essa compaixão tem como objeto o conjunto dos seres.

III Em que consiste a compaixão

Ela consiste no desejo de que todos sejam liberados de seus sofrimentos e das causas de seus sofrimentos.

IV Como meditar sobre a compaixão

Medita-se sobre a compaixão assimilando todos os seres `a nossa própria mãe atual. Imaginamos que, aqui mesmo onde estamos, pessoas podem causar uma grande dor a nossa mãe, ou imaginamos, ainda, que ela sente um frio terrível e que seu corpo está coberto de abscessos que supuram e estouram: não sentiríamos uma piedade infinita por ela?

Ora, é certo que os seres que renasceram nos infernos foram todos nossas mães. Como poderíamos não sentir compaixão por eles, quando são torturados desse modo? Meditamos então sobre o desejo de liberá-los de seus sofrimentos e das causas de seus sofrimentos.

Novamente, se vemos que nossa mãe sente fome e sede, que ela está doente, paralisada de medo e de pavor, e que ela perdeu toda a sua coragem, seremos invadidos por uma imensa piedade.

Ora, é certo que aqueles que renasceram no mundo dos *pretas* foram todos também nossas mães. Quando eles submergem em todos os seus sofrimentos, como não sentir compaixão? Meditemos então sobre a compaixão, o desejo que todos sentem de ser liberados do sofrimento.

Suponhamos ainda que nossa mãe esteja velha e fraca, que seja forçada a trabalhar como escrava sem poder reagir; imaginemos que ela seja espancada, que apanhe e que sinta muitas dores. Não sentiríamos piedade por ela?

Ora, os seres que renasceram no mundo dos animais, é certo que foram nossas mães, sem exceção. Quando sofrem desse modo, como não sentir compaixão por eles? Meditemos, portanto, sobre o desejo de vê-los todos liberados de seus sofrimentos.

Imaginemos, agora, que nossa mãe encontra-se na beira de um precipício cuja profundidade seja de mil léguas. Ela não desconfia disso e não há ninguém para preveni-la do perigo. Que piedade! Ela está prestes a cair e vai sofrer terrivelmente nesse abismo de onde ela não poderá nunca mais sair!

Ora, os homens, os deuses e os semideuses encontram-se à beira do imenso precipício dos mundos inferiores. Não têm consciência disso e não sabem renunciar aos atos negativos. Não possuem um amigo de bem. Eles vão cair e sentir os sofrimentos dos mundos cuja existência é infeliz, de onde é muito difícil liberar-se, como poderíamos não sentir compaixão por eles? Meditemos novamente sobre o desejo de vê-los todos liberados de seus sofrimentos.

V Os sinais de sucesso na meditação sobre a compaixão

A prática da compaixão terá trazido seus frutos quando tivermos cortado as amarras do amor próprio e experimentarmos o desejo real - não somente em palavras - de que todos os seres sejam liberados de seus sofrimentos.

VI As virtudes dessa meditação

As virtudes da meditação sobre a compaixão são inúmeras, segundo a *Apresentação da realização de Avalokita*:

“Existe uma coisa que, mesmo que fosse a única que possuíssemos, seria capaz de reunir todas as qualidades de Buda na palma de nossa mão. O que é? A grande compaixão.”

O *Sutra da compaixão que resume perfeitamente o Dharma* diz o mesmo:

“Assim o é, ó Bhagavan: ali onde se encontra a preciosa roda do rei universal, o conjunto de suas tropas mantém-se reunido. Do mesmo modo, ó Bhagavan, ali onde reina a grande compaixão dos Bodhisatvas, todas as qualidades dos Budas estão presentes.”

E o *Sutra secreto dos Tathagatas*:

“Senhor dos Segredos, a onisciente sabedoria tem sua fonte na compaixão.”

Quando, por amor, quisermos que os seres sejam felizes e, por compaixão, que sejam liberados de todo sofrimento, não nos contentaremos com a idéia de ter a paz apenas para nós mesmos. Contentar-se com a idéia de atingir a budeidade pelo bem dos seres, eis o antídoto ao apego à paz do nirvana.

Quando amor e compaixão tiverem se enraizado em nós e quando amarmos os outros mais que a nós mesmos, teremos alcançado, a exemplo do brâmane Mahadatta, a atitude dos melhores seres humanos.

“Aquele que, compreendendo seu próprio sofrimento,
Desejar absolutamente que cessem
Todos os sofrimentos dos outros
É o melhor dos seres humanos.”



Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

A produção da Mente do Despertar

(Bodhicitta)

- I O tipo de indivíduo que pode produzir a Mente do Despertar
- II A definição de Mente do Despertar
- III Os diferentes níveis da Mente do Despertar
- IV O objetivo da Mente do Despertar
- V As causas de aparição da Mente do Despertar
- VI Junto a quem tomar os votos da Mente do Despertar
- VII O Ritual dos Votos
- VIII Os benefícios por se ter produzido a Mente do Despertar
- IX Os males ligados ao abandono da Mente do Despertar
- X As causas de perda da Mente do Despertar
- XI Restauração dos Votos da Mente do Despertar quando se a perdeu
- XII Os preceitos da Mente do Despertar
 - 1] Os preceitos da Mente do Despertar em aspiração
 - 2] Os preceitos da Mente do Despertar em ação: os três treinamentos
 - 1) Apresentação resumida das 6 Virtudes transcendentais
 - 2) Apresentação detalhada das 6 Virtudes transcendentais
 - 1) A virtude transcendente da generosidade
 - 2) A virtude transcendente da disciplina
 - 3) A virtude transcendente da paciência
 - 4) A virtude transcendente da coragem
 - 5) A virtude transcendente da concentração
 - 6) A virtude transcendente do conhecimento

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Parte IV
Capítulo 8

ཨ། བྱང་ལྷུང་མཚོག་ཏུ་སེམས་བསྐྱེད་པའི་ཚོས་རྣམས་བཤད་པ།

A Produção da Mente do Despertar

ཨ། སྐབས་འགྲོ་བཤད་པ།

A tomada de refúgio



Gampopa
"O Precioso Ornamento da Liberação"

Capítulo 8

I O tipo de indivíduo que pode produzir a Mente do Despertar

1_ O potencial do Grande Veículo

2_ A tomada de refúgio

Introdução: Em que e por que tomar refúgio?

Explicação da tomada de refúgio nas Três Jóias

I Os diferentes tipos de tomada de refúgio

1] A tomada de refúgio comum 2] A tomada de refúgio extraordinária

II Os tipos de indivíduos que tomam refúgio

1] Os indivíduos comuns 2] Os indivíduos extraordinários

III Os objetos nos quais se toma refúgio

1] O objeto comum: As Três Jóias

1) A jóia do Buda

2) A jóia do Dharma

 a) O Dharma de transmissão b) O Dharma de realização

3) A jóia da Sangha

 a) A comunidade dos indivíduos comuns

 b) A comunidade sublime

2] O objeto extraordinário

1) O objeto presente diante de si

2) O objeto perfeitamente realizado

3) O refúgio último

 a) Porque o Buda é o refúgio último

 b) Porque existem três refúgios

IV A duração da tomada de refúgio

1] A duração comum 2] A duração extraordinária

V A motivação

1] A motivação comum 2] A motivação extraordinária

VI O ritual do refúgio

1] O ritual comum

2] O ritual particular

 1) Preparação 2) Ritual principal 3) Conclusão

VII O efeito da tomada de refúgio

VIII Os preceitos da tomada de refúgio

1] Os três preceitos gerais

2] Os três preceitos particulares

3] Os três preceitos aferentes

IX Os (8) benefícios da tomada de refúgio

3_ Os votos de libertação individual

I As 4 categorias de votos

II Por que é necessário respeitá-los

1] Comparações 2] Citação de textos 3] Justificativa pela razão

III Os votos se situam em 3 níveis

IV Os votos de libertação individual dos Bodhisattvas

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

A produção da mente do Despertar

Neste capítulo desenvolveremos a maneira pela qual se produz a mente voltada para o Despertar supremo. Para isso, estudaremos:

- I O tipo de indivíduo que pode produzir a mente do Despertar
- II Definição de mente do Despertar
- III Os diferentes níveis de mente do Despertar
- IV O objetivo da mente do Despertar
- V As causas do aparecimento da mente do Despertar
- VI De quem se recebe o voto da mente do Despertar
- VII O ritual do voto
- VIII Os benefícios por se ter produzido a mente do Despertar
- IX As dificuldades relacionadas ao abandono da mente do Despertar
- X As causas da perda da mente do Despertar
- XI Restauração do voto da mente do Despertar quando a abandonamos
- XII Os preceitos da mente do Despertar

* * *

Capítulo 8

I O tipo de indivíduo que pode produzir a mente do Despertar

Qual indivíduo representa o suporte favorável à produção da mente voltada ao Despertar supremo?

Para a mente de Despertar em ação será:

- 1] Um ser dotado do potencial do Grande Veículo,
- 2] Um ser que tomou refúgio nas Três Jóias,
- 3] Um ser que observa um dos sete votos de liberação individual
- 4] Um ser que cultiva a mente de Despertar de aspiração.

Para a mente do Despertar em aspiração, basta preencher as duas primeiras condições.

Por que essas condições? Porque lemos nas *Terras dos Bodhisattvas* que a intenção deve preceder à ação; e na *Chama da via do Despertar*, que o refúgio deve preceder a mente do Despertar de aspiração, e que, antes de praticar a mente do Despertar de ação, é indispensável fazer os votos de liberação individual.

Lemos também no *Tesouro do Abhidharma* que, para receber os votos de liberação individual, é preciso, primeiramente, tomar refúgio. As *Terras dos Bodhisattvas* afirmam que quando não se possui o potencial do Grande Veículo, não se pode produzir a mente do Despertar supremo.

Portanto, é preciso que todas as condições estejam reunidas para poder produzir a mente do Despertar.

1] O potencial do grande veículo

De modo geral, é necessário possuir o potencial do Grande Veículo. Mas é preciso, mais particularmente, que esse potencial seja "despertado". Para mais detalhes sobre esse tema, remeteremos às explicações dadas precedentemente.

2] A tomada de refúgio

Devemos tomar refúgio em uma divindade de nosso mundo, como Brahma, Vishnu ou Shiva, ou ainda nos potentes espíritos e nos *nâgas* que assombram as montanhas, os penhascos, os lagos, as árvores ou alguns recantos particulares de nossas regiões? Não, pois esses seres não são refúgios, e nenhum deles tem o poder de nos proteger.

Como lemos em um sutra:

"Os seres ordinários tomam como refúgio
Os deuses das montanhas, das florestas,
Dos parques, das rochas e das árvores sagradas,
Mas estes refúgios não são soberanos."

Então, tomaremos refúgio em nossos pais e nossos amigos, os quais nos amam e ficam felizes em nos ajudar? Não, pois eles também não podem nos proteger, como lemos no *Sutra das manifestações de Manjushri*:

"Pai e mãe não são teu refúgio,
Assim como teus amigos e teus próximos.
Todos te abandonarão
Para ir onde lhes parece bom."

Por que esses seres não podem nos oferecer refúgio? Porque, para poder proteger aos outros, é preciso estar livre do medo e isento de sofrimentos. Ora, eles não estão.

Apenas o Buda é completamente livre de sofrimentos; apenas o Dharma leva à budeidade, e apenas a Sangha pode acompanhar-nos na prática do Dharma. Tomemo-los, portanto, como refúgio.

O texto precedente prossegue assim:

"No Buda, que livra do medo
E protege os seres sem refúgio,
No Dharma e na Sangha, comunidade suprema,
Hoje eu tomo refúgio."

As Três Jóias têm, certamente, a capacidade de proteger-nos, mas como ter a prova que o farão se nelas tomarmos refúgio? Essa dúvida é inútil, pois, assim como afirma o *Grande Sutra do nirvana*:

"Aqueles que tomaram refúgio nas Três Jóias
Não sentirão mais medo."

Explicação da tomada de refúgio nas Três Jóias

- I As diferentes tomadas de refúgio**
- II O tipo de indivíduo que toma refúgio**
- III O objeto no qual se toma refúgio**
- IV A duração do refúgio**
- V A motivação**
- VI O ritual do refúgio**
- VII O efeito da tomada de refúgio**
- VIII Os preceitos da tomada de refúgio**
- IX Os benefícios da tomada de refúgio**

* * *

I As diferentes tomadas de refúgio

A tomada de refúgio pode ser: ordinária e extraordinária.

II O tipo de indivíduo que toma refúgio

Os seres que tomam refúgio são de dois tipos: os indivíduos ordinários, que têm medo dos sofrimentos do samsara e consideram as Três Jóias como divindades; e os indivíduos extraordinários que gozam de uma experiência humana perfeita e possuem o potencial do Grande Veículo.

III O objeto no qual se toma refúgio

O objeto no qual se toma refúgio pode ser:

- 1] Ordinário**
- 2] Extraordinário.**

* * *

1] O objeto ordinário: as Três Jóias

1) A Jóia do Buddha é o Desperto, o Desabrochado, o Vencedor, o Realizado, o Transcendente, aquele que possui a liberdade, a sabedoria e a grandeza perfeitas.

2) A Jóia do Dharma é dupla: compreende o Dharma de transmissão, que corresponde às doze categorias de ensinamentos do Buda, e o Dharma da realização, que corresponde à verdade da Via e à verdade da cessação do sofrimento.

3) A Jóia da Sangha também é dupla: a comunidade dos indivíduos ordinários, representada pela reunião de pelo menos quatro monges de disciplina pura, e a comunidade sublime, composta de oito tipos de seres despertos.

2] O objeto extraordinário

Ele é triplo: **1) O objeto presente diante de si,**
2) O objeto perfeitamente realizado
3) A realidade última.

* * *

1) O objeto presente diante de si será: para o Buda, as representações dos tathagatas; para o Dharma, os livros do Grande Veículo; e para a Sangha, a comunidade de Bodhisattvas.

2) O objeto perfeitamente realizado designa o Buda, o possuidor dos três corpos; o sublime Dharma, pacífico e para além do sofrimento; e a Sangha dos Bodhisattvas das terras sublimes.

3) Do ponto de vista da realidade última, o refúgio é o Buda, e apenas ele, assim como o declara o *Continuum insuperável*:

"Na verdade absoluta, o único refúgio dos seres é o Buda."

Por que o Buda é o refúgio último?

"Porque o Muni possui o corpo absoluto
E porque é a última Sangha."

Ou ainda, os Budas são os refúgios supremos, pois eles não têm nem começo nem fim, eles são totalmente puros, são isentos de desejo e possuem o corpo absoluto. São também os refúgios supremos porque a comunidade dos três veículos atinge seu objetivo último no corpo absoluto último e totalmente puro.

O Dharma e a Sangha não são o refúgio último ?

Segundo o *Continuum insuperável*:

"Ambos: Dharma e a nobre comunidade
Não são o eterno e supremo refúgio."

Por que? Porque o Dharma ensinado é um conjunto de palavras e de textos que abandonamos ao fim da Via, do mesmo modo como abandonamos o barco uma vez que tenhamos atravessado o rio. O Dharma de realização possui, por sua vez, dois aspectos, a "verdade da via" e a "verdade da cessação". Sob seu aspecto da verdade da via, ele é condicionado, portanto, efêmero e ilusório. Tampouco é o refúgio último. Quanto à verdade da cessação, segundo os ouvintes e os Budas-para-si, trata-se de uma extinção comparável àquela da chama. Não sendo nada, não será o refúgio último.

Enfim, a própria Sangha toma refúgio no Buda por medo do samsara. Visto que ela conhece o medo, ela também não é o refúgio último.

Assim como declara o *Continuum insuperável*:

"Abandonados, fracos,
Nulos ou sujeitos ao medo,
Ambos: Dharma e a nobre comunidade
Não são o supremo e último refúgio. "

Mestre Asanga afirma:

"Existe apenas um único refúgio que é sem fim, permanente, imutável, supremo e autêntico: o Tathagata, o Arhat, o Buda autêntico e perfeito."

Pensarão que o que afirmamos mais acima é uma contradição, isto é, que existem três refúgios. Responderemos que os três refúgios são métodos destinados a guiar os seres.

Lemos no *Sutra da grande liberação*:

“Resumindo, o refúgio é único, mas por razões de método, ele é triplo.”

Então, como ele é "triplo por razões de método"?

O *Continuum insuperável* explica da seguinte maneira:

"Sobre a base dos três veículos,
Das três funções e das aspirações,
Os três refúgios foram estabelecidos
Para destacar aquele do mestre,
O ensinamento ou aprendizagem."

Os três refúgios são estabelecidos em função de três qualidades, de três veículos, de três funções e de três aspirações.

Para os indivíduos que pertencem ao veículo dos Bodhisattvas e aqueles que consideram o Buda o mais importante, o refúgio é o Buda, a fim de mostrar as qualidades do Mestre, daí a fórmula: "Eu tomo refúgio no Buda".

Para os indivíduos que pertencem ao veículo dos Budas-para-si e aqueles que desejam dar a ênfase ao Dharma, a fim de mostrar as qualidades do ensinamento., daí a fórmula: "Eu tomo refúgio no Dharma, de modo supremamente livre do desejo".

Para os indivíduos que pertencem ao veículo dos ouvintes e aqueles que desejam dar um papel maior à Sangha, o refúgio é a Sangha, a fim de mostrar as qualidades da aprendizagem. Daí a fórmula: "Eu tomo refúgio na Sangha, a melhor das comunidades".

Essa apresentação dos três refúgios segundo três objetivos e em função dos diferentes tipos de indivíduos foi ensinada pelo Buda somente no nível da verdade relativa, a fim de levar os seres a envolverem-se gradualmente com a prática dos diferentes veículos.

IV A duração do refúgio

Toma-se refúgio durante:

- 1] Um período "ordinário", isto é, até a morte,
- 2] Um período "extraordinário", até o coração do Despertar.

V A motivação

A motivação pode ser:

- 1] Ordinária: toma-se refúgio porque consideramos insuportável nosso próprio sofrimento;
- 2] Extraordinária: porque consideramos insuportável o sofrimento dos outros.

VI O ritual do refúgio

- Existe **1] Um ritual comum**
2] Um ritual especial.

1] No ritual comum, o discípulo se dirige ao Mestre em sua prece. O Mestre dispõe as oferendas diante dos símbolos das Três Jóias. Ou então, na ausência dos objetos necessários, ele imagina as Três Jóias no espaço e, mentalmente, prosterna-se diante delas e presta-lhes homenagem com oferendas. Depois, seguindo o mestre, o discípulo repete três vezes com sinceridade:

“Budás e Bodhisattvas, voltem sua mente para mim!
Mestre, vós também, penseis em mim!
Eu, a partir de agora e até que atinja o coração do Despertar,
Tomo refúgio no Buda, tomo refúgio no Dharma, supremamente
livre do desejo; tomo refúgio na Sangha, a mais sublime das
comunidades.”

2] O ritual especial comporta três etapas:

- 1) Preparação;**
- 2) Corpo da prática;**
- 3) Conclusão.**

1) Durante a **preparação**, o discípulo oferece a um amigo de bem digno de ser seguido uma mandala com flores e apresenta-lhe seu pedido. Se o discípulo possui o potencial do Grande Veículo e demonstra ser um receptáculo favorável, o mestre concede-lhe seu acordo. Na primeira noite, ele instala os símbolos das Três Jóias e coloca diante deles oferendas, depois ele apresenta ao discípulo as vantagens de tomar refúgio e os inconvenientes de não fazê-lo.

2) Na segunda noite, acontece o **ritual principal**

a) O discípulo considera, inicialmente, que os símbolos que têm à sua frente são realmente as Três Jóias. Ele se prosterna diante deles, presta-lhes homenagem com oferendas, depois, seguindo o mestre, ele repete três vezes:

“Budás e Bodhisattvas, voltem sua mente para mim!
Mestre, vós também penseis em mim!
Eu, a partir de agora e até ter atingido o coração do Despertar,
Refugio-me no senhor Buda;
Tomo refúgio no Dharma, que é supremamente livre do desejo
E leva à paz do nirvana;
Tomo refúgio na sublime Sangha dos Bodhisattvas que não
voltam mais, a melhor das comunidades.”

b) Depois o discípulo convida o refúgio perfeitamente realizado, imagina-o como se ele estivesse ali em pessoa, prosterna-se e faz-lhe oferendas. Em seguida, como uma total confiança, ele toma refúgio três vezes como precedentemente.

c) Enfim, para tomar refúgio na realidade absoluta, ele presta homenagem, faz oferendas e toma refúgio, considerando os três pólos do ato totalmente puro; todos os fenômenos são desde sempre insubstanciais e desprovidos de essência; o reconhecimento de que o mesmo ocorre com o Buda, o Dharma e a

Sangha constitui o refúgio inesgotável, permanente e imutável, assim como descreve o *Sutra solicitado pelo rei dos nagas Anavatapta*:

“O que é tomar refúgio sem fabricações mentais? Saber que todas as coisas são desprovidas de realidade, e mesmo que não têm nem forma nem características, que são não-conhecíveis, constituindo a autêntica budeidade, é tomar refúgio no Buddha. Considerando que todas as coisas procedem do espaço absoluto é tomar refúgio no Dharma. E ver a identidade do condicionado e do incondicionado é tomar refúgio na Sangha”.

3) A terceira noite é consagrada à conclusão do ritual, o qual consiste em fazer às Três Jóias uma oferenda de agradecimento.

VII O efeito da tomada de refúgio

Esse efeito é descrito da seguinte maneira no *Ornamento dos sutras*:

"Ele protege de todos os maus,
Dos mundos inferiores, dos métodos imperfeitos,
Dos veículos inferiores
E da crença na realidade dos compostos perecíveis.
Portanto, ele é o refúgio supremo. "

O refúgio ordinário protege de todos os maus, dos três mundos inferiores, dos métodos imperfeitos e da crença no eu. O refúgio extraordinário protege de tudo, mesmo dos veículos inferiores.

VIII Os preceitos da tomada de refúgio

Há nove preceitos: **1] Três preceitos gerais;**
 2] Três preceitos particulares;
 3] Três preceitos aferentes.

1] Três preceitos gerais

1) Esforçar-se em honrar sempre as Três Jóias, oferecendo-lhes a preferência sobre aquilo que comemos;

2) Nunca renunciar às Três Jóias, mesmo correndo perigo de vida ou por causa de uma recompensa;

3) Tomar refúgio sem interrupção, evocando as qualidades das Três Jóias.

2] Três preceitos particulares

1) Após ter feito do Buda seu refúgio, não se tomará refúgio em outras divindades.

O *Grande Sutra do nirvana* declara:

Aquele que faz do Buda seu refúgio
É um autêntico budista laico,
Ele não tomará refúgio
Em nenhuma outra divindade.

2) Quando se toma refúgio no Dharma, não se cometerá mais o menor dos males contra os seres.

Lemos nos sutras:

"Aquele que fez do Dharma seu refúgio
Não pensará nunca mais em prejudicar o outro."

3) Quando se toma refúgio na Sangha, não se seguirá mais os *tirthikas*. Citemos novamente os sutras:

"Quem fez da Sangha seu refúgio
Não tomará o partido dos *tirthikas*."

3] Três preceitos aferentes.

1) O respeito às representações do Tathagata, símbolos da Jóia do Buda seria apenas um fragmento de *tsa-tsa*;

2) O respeito aos livros e compilações de textos do Dharma supremo, símbolos da Jóia do Dharma seria apenas um trecho desses textos;

3) Considerar com respeito as vestes concebidas pelo Buda, símbolos da Jóia da Sangha, seria apenas uma peça suplementar de tecido amarelo.

IX Os benefícios da tomada de refúgio

Distinguimos oito benefícios:

- 1) permite o acesso à via interior, a do Buda;
- 2) constitui o suporte de todos os votos;
- 3) elimina todo mal que cometemos no passado,
- 4) protege dos obstáculos causados pelos seres humanos e não humanos;
- 5) traz a realização de todos os desejos;
- 6) produz imensos méritos;
- 7) impede de cair em mundos inferiores;
- 8) permite atingir prontamente o Despertar perfeito.

* * *

3] Os votos de libertação individual

A terceira condição necessária para produzir a mente de Despertar é fazer os votos de libertação individual. Existem quatro categorias de votos e oito tipos de indivíduos a quem se destinam. Aqui, se os votos de um dia não são considerados, para tomar os votos de libertação individual deve-se adotar qualquer um dos sete tipos de votos restantes.

Os sete votos de libertação individual são os votos de monge ou de monja, os de aspirante à monja, os de noviço, homem ou mulher, e os de budista laico, homem ou mulher.

Diz-se nas *Terras dos Bodhisattvas*:

“Os sete tipos de libertação individual tomados de modo autêntico são: os de monge, de monja, de aspirante à monja, de noviço, homem ou mulher, e de devoto laico, homem ou mulher. Saiba que eles se referem tanto à vida laica como à vida religiosa”.

Por que é necessário respeitar os votos de libertação individual para fazer o voto de mente de Despertar em ação? Pode-se explicar essa questão por meio de:

- 1) comparações;
- 2) citações;
- 3) raciocínio.

1) Começemos pela comparação. Você recebe um grande soberano universal e o convida a sentar-se. Você não o receberá em um local sujo, cheio de excrementos e de outras imundices, mas em uma bela e agradável casa, cuidadosamente limpa, decorada com jóias e muitos outros enfeites. Do mesmo modo, não podemos produzir a mente de Despertar e pedir que tome um lugar em nós se nosso *continuum* psíquico está poluído pelo mal e se não evitamos atos negativos do corpo, da palavra e da mente. Para acolhê-la, nosso corpo, nossa palavra e nossa mente devem estar isentos de máculas dos atos negativos e nosso corpo deve estar ornamentado com a disciplina dos votos.

2) Citemos, agora, os textos.

Lemos no *Ornamento dos sutras*, na seção consagrada à mente de Despertar:

"Os vastos votos servem-lhe de suporte."

Aqui, os sete votos são ditos "vastos" em oposição ao voto de um dia, que é "curto" por sua duração. Os textos qualificam, portanto, os sete votos de suporte à produção da mente de Despertar.

Citemos, então, a *Chama da via do Despertar*:

"Àqueles que observam continuamente
Os sete votos de libertação individual,
É permitido, e não aos outros,
Fazer o voto de Bodhisattva."

O suporte dos votos de Bodhisattva é, portanto, algum dos votos de libertação individual.

3) Como isso pode ser justificado pelo raciocínio? Os votos de libertação individual consistem em renunciar aos atos que prejudicam os outros, assim como as

causas desses atos, e o voto de Bodhisattva consistem em fazer o bem. Ora, é impossível fazer o bem sem deixar de fazer o mal.

Talvez, dirão que não é lógico que os votos de liberação individual sirvam de suporte aos votos de Bodhisattva, considerando-se que os seres assexuados ou bissexuais, os deuses e os outros seres similares que não podem receber os votos de liberação individual, não poderão receber os votos de Bodhisattva. Do mesmo modo, não é lógico tampouco que os votos de liberação individual sirvam para manter a continuidade dos votos de Bodhisattva, já que os primeiros são anulados com a morte, o que não é o caso dos segundos.

Como resposta, diria que os votos de liberação individual situam-se em três níveis, segundo a intenção que subentendem.

1) Se, no momento em que se recebe um dos sete votos, aspira-se fruir a felicidade nos três mundos do samsara, o discípulo qualifica-se como dotado de "bom desejo".

2) Quando se deseja a liberação para sempre dos próprios sofrimentos, a disciplina é então qualificada de "renúncia dos ouvintes".

3) Quando se aspira ao grande Despertar, a disciplina é chamada "disciplina segundo os votos de Bodhisattva".

Os dois primeiros tipos de votos não podem servir de suporte aos votos de Bodhisattva. De fato, os seres bissexuados ou assexuados, os deuses e os outros seres similares não podem recebê-los; assim, esses votos se anulam no momento da morte; e enfim, eles não podem ser restaurados, pois são ausentes. Em contrapartida, a disciplina dos votos de Bodhisattva pode ser seguida pelos seres bissexuados ou assexuados, os deuses e outros seres similares, ela não é anulada no momento da morte, e ela é restaurada quando ausente. Ela serve, portanto, de suporte tanto no recebimento do voto de Bodhisattva como à sua continuidade.

Por isso o comentário do *Ornamento dos sutras* diz:

“Qual é o suporte desta mente de Despertar?
São os votos de disciplina dos Bodhisattvas.”

Assim podemos concluir que esse suporte é necessário para produzir a mente de Despertar, mas não obrigatoriamente para mantê-la, assim como a disciplina da concentração é necessária como suporte para atingir a disciplina não poluída, mas não para mantê-la.

Para receber o voto de liberação individual dos Bodhisattvas, não há um ritual particular. Se, inicialmente, adota-se a disciplina dos ouvintes e em seguida acrescenta-se a intenção particular da mente de Despertar, esses votos se transformam naturalmente em votos de Bodhisattva, pelo fato da intenção inferior ser abandonada, mas não a renúncia aos atos negativos.

Assim, qualquer um que possua o potencial do Grande Veículo, que fez das Três Jóias seu refúgio e que observa um dos sete votos de liberação individual constitui um suporte favorável para produzir a mente do Despertar.

Patrul Rinpoche
“As Palavras de meu Perfeito Mestre”

Parte II
As preliminares especiais ou interiores

A tomada de refúgio
Pedra de fundação de todas as Vias.

* * *

I Os diferentes aspectos da tomada de refúgio

1] A fé

- 1) A fé inspirada
- 2) A fé de aspiração
- 3) A fé de convicção

2] A intenção

II A maneira de tomar refúgio

_Introdução

_Preliminar especial - não traduzida

III Preceitos e benefícios

1] Os preceitos da tomada de refúgio

- 1) As três coisas que devem ser abandonadas
- 2) As três coisas que devem ser realizadas
- 3) Os três preceitos suplementares

2] Os benefícios da tomada de refúgio

Patrul Rinpoche
“As Palavras de meu Perfeito Mestre”

Parte II
As preliminares especiais ou interiores

A tomada de refúgio
Pedra de fundação de todas as Vias

"Coroado pelas Três Jóias do refúgio exterior,
Vós tereis realmente realizado as Três Raízes de refúgio interior.
E tornado manifesto os Três Corpos do refúgio absoluto:
Ó Mestre inigualável, a vossos pés me inclino!"

I Os diferentes aspectos da tomada de refúgio

1] A fé

Se a tomada de refúgio é, de maneira geral, o acesso a todos os ensinamentos e prática, o acesso à tomada de refúgio, ela mesma, é a fé. É importante, portanto, começar por ter uma fé sólida para se tomar refúgio. Distinguem-se três aspectos da fé: 1) a fé inspirada; 2) a fé da aspiração; e 3) a fé da convicção.

1) A fé inspirada

A fé inspirada é aquela que se sente quando estamos em um templo onde estão expostos numerosos suportes do Corpo, da Palavra e da Mente dos Vencedores; quando se está na presença dos Mestres, Amigos de Bem, seres sublimes ou quando se ouve falar de suas qualidades e de suas vidas: se sente inspirado ao pensar em sua imensa compaixão.

2) A fé da aspiração

Essa fé é o desejo de estar livre dos sofrimentos dos mundos inferiores quando se ouve falar sobre isto; de gozar a felicidade dos renascimentos superiores e da libertação quando ela nos é descrita; de se entregar aos atos benéficos quando se conhece o benefício e de abandonar os atos nocivos quando se vê o malefício.

3) A fé da convicção

A fé da convicção é aquela que vem do fundo do coração pelas Três Jóias quando conhecemos suas qualidades e seu poder de bênção fora do comum. É essa confiança total que se tem nas Três Jóias e somente nelas, quando se sabe que elas são sempre e em toda circunstância nosso refúgio infalível, quer estejamos felizes ou infelizes, doentes, febris, mortos ou vivos.

“A fé da convicção traz bênçãos.

A ausência de dúvida satura todos os desejos”.

Diz o Precioso Mestre de Oddiyâna.

Assim, a fé é como um grão de onde provém toda a qualidade do que é benéfico. Sem fé, o grão é como se estivesse queimado.

Lê-se em um Sutra:

“Em todos aqueles em que falta a fé
Não se obtêm qualidades.
Como um grão queimado,
Não pode germinar”.

A fé é a mais nobre das sete riquezas supremas.

“A preciosa roda da fé
Dia e noite gira na via do bem”.

Ela é a mais preciosa das riquezas, o tesouro de onde surgem infinitas virtudes, o pé que nos faz avançar na via da liberação, a mão que recolhe todas as coisas positivas.

“A fé é jóia, tesouro, perna suprema,
É a mão que recolhe todas as virtudes”.

Benefícios e bênçãos dependentes da fé

A compaixão e as bênçãos das Três Jóias são inconcebíveis, mas dependem da fé e da devoção que faz com que elas penetrem em nós. Com uma fé e devoção superiores, se tem uma recepção superior da compaixão e de bênçãos do Mestre e das Três Jóias. Com uma fé e devoção medianas, se tem uma recepção mediana. Com uma fé e devoção inferiores, se recebe um pouco de compaixão e de bênçãos. Com uma ausência total de fé e de devoção, não se recebe absolutamente nada. Será inútil, para aquele que não tem fé, encontrar um Buda, ele mesmo, e de ser aceito como discípulo! Lembremo-nos das histórias do monge Boa Estrela e Devadatta, o primo de Bhagâvan...

A compaixão do Buda ignora toda distância. Mesmo atualmente, se alguém invoca com uma fé e devoção sincera, terá diante de si o Vencedor, ele mesmo, e receberá as bênçãos:

“O Muni está presente diante daqueles
Que o invocam com veneração:
Ele dá iniciações e bênçãos”.

O Grande Oddiyâna diz também:

“Para todos aqueles que têm fé em mim.
Não vou a parte alguma, durmo diante de sua porta.
Pois minha vida não conhece a morte.
Diante de cada fiel existe um Padma!”

A compaixão do Buda penetra em todas as coisas quando se tem a fé da convicção.

A história da velha senhora que se tornou Buda graças a um dente de cão que lhe foi dado

Era uma vez uma velha senhora que tinha um filho comerciante. Ele ia freqüentemente à Índia para seus afazeres. Um dia, a velha senhora disse ao seu filho: “É na Índia que está o Trono de Diamante, de onde vem o perfeito Buda. Traga-me alguma relíquia maravilhosa que será o suporte para minhas prosternações!” Apesar dos numerosos pedidos de sua mãe, o filho esqueceu de trazer o que ela havia pedido.

Um dia em que ele se preparava para retornar à Índia, sua mãe lhe disse:

“Se você não me trouxer desta vez algo que possa servir de suporte à minhas prostrações, te matarei sob teus olhos”.

Na Índia, o filho se ocupou com seus afazeres e mais uma vez esqueceu. Quando estava chegando em casa, lembrou-se das palavras de sua mãe. “Que devo fazer?” – disse a si mesmo. “Eu não lhe trouxe nenhuma relíquia. Se entrar em casa com as mãos vazias, ela vai me matar...” Olhando em volta de si, viu um crânio de cão na beira do caminho. Arrancou um dente, envolveu-o numa estola e foi oferecer a sua mãe.

“Aqui está um canino do Buda, o qual te servirá como suporte de tuas preces,” - disse ele. A velha senhora acreditou. Ela teve fé neste dente como se fosse realmente um dente do Buda. Sem parar, prosternou-se fazendo oferendas e do dente do cão surgiram pérolas milagrosas. Quando a velha senhora morreu, apareceu uma cúpula de luz radiante entorno dela...

É certo que um dente de cão não tem o poder de abençoar, mas o poder da fé da velha senhora era tal que atraiu as bênçãos do Buda. E logo, esse dente não era diferente de um autêntico dente do Buda.

Outrora, na região de Kongpo havia um homem simples de mente chamado Jowo Ben. Ele foi ao Tibet Central para encontrar Jowo Rimpoche. Quando chegou diante de sua estátua não havia nem guardião nem pessoa alguma. Vendo a comida e as lâmpadas misturadas à manteiga das oferendas, pensou que, para sua refeição, Jowo Rimpoche deveria com certeza pôr a massa das tormas na manteiga fundida das lâmpadas e que essas lâmpadas estavam acesas para que a manteiga não endurecesse. “Devo fazer como Jowo Rimpoche” - pensou. E pôs a *tsampa* das oferendas na manteiga fundida das lâmpadas, e comeu. “Que bom lama tu és”, disse ele, vendo a face de Jowo, “os cães trazem as provisões alimentares que te oferecem, e você sorri; o vento sopra nas lâmpadas, e você sorri... Eis aqui minhas botas, eu as confio a ti, guarde-as bem, vou girar em torno de ti!” Retirou as botas e as colocou diante da estátua.

Enquanto Ben percorria o Circuito Intermediário entorno do templo, o guardião percebeu as botas. Ele se preparou para jogá-las fora, quando a estátua se pôs a falar: “Não jogue fora as botas! Elas me foram confiadas por Ben de Kongpo!”

Quando este chegou de suas circumboluções, pegou as botas. “Você é verdadeiramente alguém que se pode chamar de um bom lama!” – disse ele à estátua. “Portanto, venha até nós no ano que vem! Matarei um velho porco para fazer um ensopado e prepararei a cerveja com a velha cevada...” Jowo aceitou.

Ben retornou para casa. “Convidei Jowo Rimpoche” - disse ele à sua mulher. “Como não sei quando ele chegará, nunca se esqueça de ver se ele chegou”.

Um ano se passou. Um dia em que ela pegava água do rio, a mulher de Ben viu claramente o reflexo de Jowo Rimpoche na água. E de maneira muito rápida, correu para dizer ao seu marido que ela tinha acabado de ver alguma coisa. Não seria seu convidado? Ben foi até a borda do rio e viu Jowo Rimpoche cintilar na água. Acreditando que ele havia caído, mergulhou para socorrê-lo, pegou a estátua e conseguiu levá-la.

Enquanto caminhava para ir até a casa de Ben, chegaram diante de um rochedo. “Não entrarei na casa de um laico” – disse a estátua. Não querendo ir mais longe, desapareceu na pedra.

Este lugar onde Jowo estava chama-se Dole Jowo e o rio no qual seu corpo apareceu Chu Jowo. Todos vieram se prosternar e fizeram oferendas dizendo que o poder da bênção deste lugar é idêntico ao de Jowo de Lhasa.

Foi pelo poder da fé sólida que Ben recebeu a compaixão do Buda. Ainda que tenha comido a manteiga das lâmpadas e o alimento das oferendas, e que tenha colocado as botas diante de Jowo – maus atos diante de outras circunstâncias - sua fé produziu tais benefícios.

A realização efetiva da verdade absoluta, do Modo-de-Ser, depende, ela também, unicamente da fé, como diz o sutra:

“Ó Shâriputra, é somente pela fé que se realiza a verdade absoluta”.

As bênçãos do Mestre e das Três Jóias penetram em nós pelo poder de uma fé fora do comum: conhece-se agora a realização autêntica, contempla-se o Modo-de-Ser tal como ela é. Neste momento, adquire-se uma confiança, uma fé irreversível fora do comum, em seu Mestre e nas Três Jóias. É assim que a realização do Modo-de-Ser e a fé tomam apoio uma sobre a outra.

Antes de deixar Jetsun Mila, Dhakpo Rimpoche lhe perguntou em que momento poderia guiar os seres. “Um belo dia,” - respondeu Jetsun Mila, “você conhecerá uma realização que dará uma visão superior, diferente daquela que você tem neste momento da natureza da mente. Terás, então, a firme convicção de ver em mim, teu velho pai, um Buda real. Este será o momento de guiar os outros”.

As receptividades para a compaixão e as bênçãos do Mestre e das Três Jóias dependem, portanto, integralmente da devoção que temos e da fé que se experimenta neles.

Um dia, Atisha foi interpelado por um discípulo: “Conceda-me uma bênção!”.

– “Filho displicente” – respondeu o Mestre, “conceda-me um pouco de devoção...”

Vê-se que é indispensável possuir uma confiança absoluta, sem nenhuma inconstância, produzida por uma fé e uma devoção fora do comum. É ela que dá acesso à tomada de refúgio.

2] A intenção

Animado por uma tal fé, pode-se tomar refúgio com três intenções diferentes:

1) Tomar refúgio tendo como única preocupação a felicidade dos deuses e dos homens por ter medo do sofrimento dos mundos inferiores – o dos *pretas*, os infernos e dos animais - é o que se denomina por “refúgio dos pequenos seres”.

2) Tomar refúgio nas Três Jóias tendo como única preocupação atingir a paz do nirvana e a sua própria liberação de todos os sofrimentos do samsara, quando se reconheceu que, no círculo das vidas, toda existência elevada ou inferior é de natureza dolorosa – é o que se denomina “refúgio dos seres medianos”.

3) Quando se observou que todos os seres mergulhados no imenso oceano de sofrimento deste samsara sem fim são atormentados por insuperáveis dores, tomar refúgio para estabelecê-los na insuperável e onisciente budeidade perfeitamente completa – é o que se denomina “refúgio dos grandes seres”.

Escolhamos agora tomar refúgio com esse estado de mente mais vasto, animados pelo desejo de estabelecer a infinidade de seres na perfeita budeidade.

a) A simples felicidade dos deuses e dos homens pode, no momento, assemelhar-se à verdadeira felicidade, mas na realidade, não está livre de sofrimento. Quando os efeitos do bom karma dos mundos superiores se esgotam, recai-se nos destinos inferiores... Que necessidade temos nós de ocupar-nos de uma felicidade que dura somente um instante?!

b) Quanto a obter só para si a paz do nirvana dos Ouvintes e dos Budas-para-si, sem trabalhar para o bem dos seres que, desde a noite dos tempos, foram nossos pais e nossas mães e caíram no oceano do samsara, isso é inconveniente.

c) Tomar refúgio nas Três jóias desejando que todos os seres atinjam a budeidade é a via dos grandes seres, o acesso a imensuráveis méritos. É, portanto, o método que nós devemos seguir.

“Tal é o desejo de ser útil
Às inumeráveis categorias de seres”.

Lê-se na *Guirlanda de jóias*.

II A maneira de tomar refúgio

No Veículo comum, toma-se refúgio no Buda como instrutor; no Dharma como via e na Comunidade como companhia na via.

No Veículo particular dos Mantras Secretos, toma-se refúgio, de maneira geral, fazendo ao seu Mestre oferendas de seu corpo, palavra e mente, tomando os yidans como suporte e as dakinis por companhia.

A tomada de refúgio especial, própria do método supremo da Essência Adamantina, é a via rápida que consiste em utilizar os canais sutis com Corpo de Manifestação; a transformar as energias em Corpo de Glória e purificar as essências em Corpo Absoluto.

A tomada de refúgio última é infalível no Modo-de-Ser indestrutível e consiste, por uma decisão clara, em tomar como objeto de realização em si mesmo os três aspectos da Sabedoria que se encontram na mente daqueles nos quais se toma refúgio – Essência Vazia, Natureza Luminosa e Compaixão Onipresente.

(Observação: No texto original existe a descrição da prática específica que não foi traduzida.)

III Preceitos e benefícios

1] Os preceitos da tomada de refúgio

Existem:

- 1) três coisas a abandonar;
- 2) três coisas a realizar;
- 3) três atitudes suplementares a observar.

* * *

1) Três coisas a abandonar

a) “Quando se tomou refúgio no Buda, não se deve render homenagens às deidades que giram no samsara”. Não tomemos refúgio para nossas vidas futuras, não façamos oferendas, não nos prosternemos diante dos deuses dos não budistas, dos *tirthikas*, tais com Ishvara e Visnu, que não estão livres dos sofrimentos do samsara. Mais ainda diante dos deuses locais, dos mestres-do-solo, ou seja, todos os deuses e espíritos mundanos e poderosos.

b) “Quando se tomou refúgio no Dharma, não se deve mais prejudicar os seres”. Não façamos mal aos outros, mesmo em sono, esforcemo-nos custe o que custar em protegê-los.

c) “Quando se tomou refúgio na Comunidade, não se deve vincular aos *tirthikas*”. Não nos associemos com aqueles que, como os *tirthikas*, não acreditam na doutrina dos Vencedores e seu propagador, o perfeito Buda. Porém, isso não se refere aos *tirthikas* no Tibet, mas aqueles que insultam e criticam nosso Mestre e o Dharma e denigrem os ensinamentos dos profundos Mantras Secretos, ou seja, aqueles que agem com os *tirthikas*, a quem não devemos nos associar.

2) As três coisas a realizar

a) Quando se tomou refúgio no Buda, honremos, com respeito, ainda que seja um fragmento de estátua quebrada que o represente. Devemos trazê-la no alto da cabeça, deixando-a em local apropriado e a identifiquemos à Jóia do Buda, ela mesma, tenhamos fé nela, e percebendo-a de maneira pura.

b) Quando tomamos refúgio no Dharma, respeitemos até mesmo um pedaço de tecido de algodão que guardou os textos das Escrituras; levemos ao alto da cabeça considerando que se trata da Jóia do Dharma, ela mesma.

c) Quando se tomou refúgio na Comunidade, consideremos tudo que simbolize, ainda que seja uma peça da vestimenta vermelha ou amarela, como a Jóia da Comunidade, ela mesma. Devemos honrá-la com respeito no alto de nossa cabeça, devemos colocá-la em um local adequado, percebendo-a de maneira pura.

3) Os três preceitos suplementares

a) Consideremos nosso Mestre, nosso Amigo de Bem, ele que nos ensina o que devemos adotar ou abandonar, como a Jóia do Buda. Não caminhemos sobre sua sombra e esforcemo-nos em servi-lo e honrá-lo.

b) Consideremos toda palavra desse sublime Mestre como a Jóia do Dharma. Aceitemos tudo o que disser sem desobedecê-lo no que quer que seja.

c) Consideremos seu entourage, seus discípulos e nossos companheiros da conduta pura como a Jóia da Comunidade. Respeitemo-los fisicamente, verbalmente e mentalmente e não os façamos nunca sofrer, ainda que seja só um instante!

No Veículo do Diamante dos Mantras Secretos, mais particularmente, o Mestre é a figura central do refúgio: seu corpo é a Comunidade, sua palavra o Dharma, sua mente o Buda. Reconheçamos nele a união essencial das Três Jóias. Vejamos o bem em todas as suas ações. Devemos segui-lo com uma confiança absoluta e esforcemo-nos em orar sem cessar. Sabendo que renunciamos ao refúgio integralmente se nós o desagradamos fisicamente, verbalmente ou mentalmente, esforcemo-nos sempre a agradá-lo graças a grandes esforços.

De maneira geral, o que quer que nos advenha de agradável ou desagradável, bom ou mau, doenças ou sofrimentos, confiemo-nos unicamente à Jóia que é nosso Mestre.

Vejamos todo bem estar como vindo da compaixão das Jóias. É dito que tudo que é agradável e meritório neste mundo, da mínima brisa ao mais forte calor atmosférico, representa a compaixão e a benção do Buda. Assim como o ínfimo pensamento de bem surgindo em nossa mente provém do poder inconcebível de suas bênçãos.

Lê-se na *Entrada na Prática dos Boddhisatvas*:

“Como na noite negra e o céu enevoado.
Um clarão ilumina um instante todas as coisas,
O poder do Buda faz surgir aqui embaixo
Um fugidio instante de pensamento meritório.”

Reconheçamos em toda coisa útil ou agradável a compaixão do Buda.

Quando uma doença ou um sofrimento nos aflige, quando um demônio ou um adversário nos faz obstáculo, quando uma infelicidade, qualquer que seja, nos acontece, dirijamos nossas preces às Três Jóias, e não façamos nenhuma outra prática. Mesmo se devemos seguir um tratamento médico ou realizar um ritual de cura, vejamos nesses métodos a atividade das Três Jóias.

Reconheçamos em todas as aparências a manifestação das Três Jóias, exerçamos a fé e as percepções puras.

Quando nosso trabalho e outras ocupações nos chamam em algum lugar, sigamos rendendo homenagem ao Buda e às Jóias na direção que tomamos. Façamos sempre da tomada de refúgio nossa prática cotidiana, que nossa fórmula seja aquela da Essência do Coração ou aquela conhecida sob o nome de “quádrupla tomada de refúgio”, comum a todos os Veículos:

“Eu me refugio no Mestre!
Eu me refugio no Buda!
Eu me refugio no Dharma!
Eu me refugio na Comunidade!”

Façamos aos outros elogios pela tomada de refúgio e lhes facilitemos essa prática. Coloquemos nossa confiança e a dos outros nas Três Jóias, para esta vida e as seguintes, e apliquemo-nos na tomada de refúgio.

Antes do sono, visualizemos em nosso coração as divindades descritas anteriormente, e passemos ao sono concentrado nelas. Caso não consigamos, pensemos

que nosso Mestre e as Três Jóias, plenos de amor e compaixão por nós, estão realmente sobre nosso travesseiro. Entremos no sono com fé no coração, percebendo-os de maneira pura e pensando neles sem cessar.

Quando estivermos à mesa, visualizemos as Três Jóias em nossa garganta e ofereçamo-lhes o sabor daquilo que estamos comendo e bebendo. Caso não consigamos, façamos oferendas da primeira bocada e o do primeiro gole de nossa refeição pensando: “às Três Jóias”.

Quando, por exemplo, tivermos uma vestimenta nova, antes de usá-la, elevemo-la acima de nós, oferecendo-a a Três Jóias. Depois, devemos vesti-la com um pensamento que é um presente que elas nos deram.

Façamos também a oferenda mental de todos os objetos exteriores que percebemos e achamos agradáveis e desagradáveis: jardins floridos, cursos de água límpida, belos lares, bosques charmosos, imponentes riquezas, homens e mulheres belas e adornados de jóias...

Indo pegar água, comecemos espargindo algumas gotas, oferecendo-as às Três Jóias.

Tudo o que nos acontece de agradável ou desagradável nesta vida – bem estar, felicidade, renome, ganhos, etc. – provém da compaixão das Três Jóias. Ofereçamo-las com devoção guardando uma visão pura.

Ofereçamo-las todas as fontes de mérito que acreditemos: prosternações, oferendas, meditações sobre as divindades, recitações de mantras, etc., e dediquemo-las ao bem de todos os seres.

Rendamos todos os cultos possíveis em sua honra, na lua cheia, na lua nova, nos seis momentos importantes do dia (*dus drug*)...Não deixemos nunca passar as celebrações periódicas em honra das Três Jóias.

O que quer que nos aconteça, felicidade ou sofrimento, não nos esqueçamos jamais de tomar refúgio nas Três Jóias. Se, por exemplo, quando de um pesadelo, o medo nos invade, mas chegamos a tomar refúgio, saberemos igualmente fazê-lo no bardo...

Devemos agir até atingir este resultado, ou seja, tenhamos confiança nas Três Jóias somente e nunca abandonemos a tomada de refúgio, mesmo que isso custe nossa vida.

Havia uma vez na Índia um laico budista que os *tîrthikas* haviam feito prisioneiro e o fizeram negar as Três Jóias: “Renuncie a tomar refúgio nelas e deixaremos tua vida salva. Senão, nós o mataremos”.

– “Se renunciar,” respondeu ele, “será somente palavra, e não do fundo do coração!”

Então eles o mataram. Devemos nos conduzir como esse devoto laico, custe o que custar.

Se nós abandonarmos o refúgio nas Três Jóias, poderíamos fazer as práticas mais profundas, mas não pertenceríamos mais à Comunidade budista. “É a tomada de refúgio, digamos, que faz a diferença entre o budista e o não budista”.

Certamente, existem os *tîrthikas* que de maneira atenta, evitam todo ato nocivo, praticam a meditação sobre as divindades, sobre os canais e as energias. Chegam a realizações comuns, porém, não sabendo tomar refúgio nas Três Jóias, ignoram o caminho da liberação e não podem jamais escapar do samsara.

Entre a multiplicidade de ensinamentos dos sutras e dos tantras, não houve nenhum que Jowo Atisha ignorasse ou não tivesse lido; mas pensando que no início somente a tomada de refúgio era importante, esse foi o único ensinamento que dava aos seus discípulos. Era chamado o Pândita do Refúgio.

É, portanto, necessário, a partir do momento em que nos engajamos no caminho da liberação e nos tornamos budistas, praticar a tomada de refúgio e aplicar-se nos preceitos, sem jamais abandoná-los; mesmo sob o perigo de nossas vidas.

Lê-se nos sutras:

“Quem tomou refúgio no Buda.
É um verdadeiro devoto laico.
Não irá jamais procurar refúgio
Em outra divindade.
Quem tomou refúgio no Dharma,
Não terá jamais um pensamento maldoso.
Com refúgio na Comunidade,
Não se associará mais com os *tîrthikas*”.

Entre todos, alguns se vangloriam de ser discípulos das Três Jóias, mas não têm nenhum respeito, por exemplo, pelos seus suportes simbólicos. Considerando as pinturas, as estátuas que representam o Buda ou os livros que contêm as palavras como riquezas materiais, eles fazem comércio, colocam-lhes em penhor... Essas pessoas cometem falta muito grave ao extorquir dinheiro em nome das Três Jóias.

E também, criticar ou sublinhar os defeitos dos desenhos ou de estátuas representando o Buda, caso não se esteja restaurando-as, avaliando dimensões e proporções, é também uma falta grave que é necessário evitar cometer.

Colocar sobre o solo os volumes que contêm as Palavras Excelentes, passar por cima, folheá-los com os dedos cheios de saliva e todo comportamento não respeitoso desse tipo, são maus atos muito graves.

É dito pelo Buda:

“Quando vier o fim dos quinhentos períodos,
Minha presença tomará a forma dos escritos.
Considerais-os com a mim idênticos,
E tenham respeito para com eles”.

“Não é necessário colocar Imagens sobre as Palavras”, diz um ditado profano. De fato, entre todos os suportes do Corpo, da Palavra e da Mente do Buda, os suportes da Palavra nos ensinam o que convém adotar e rejeitar. Os responsáveis pela continuidade da Doutrina afirmam que esses suportes, não sendo diferentes em nada do Buda, são eminentemente sublimes. Na verdade não é assim. A maioria de nós não pensa que o vajra e o sino sejam suportes das Jóias e não objetos comuns. O vajra representa a mente do Buda, as Cinco Sabedorias. O sino traz a imagem de Vairochana – do ponto de vista dos tantras inferiores – ou Vajradhâtivîshvarî – de acordo com os tantras superiores – seja o Corpo do Buda. As oito sílabas-gérmens das oito esposas são a escritura ela mesma, e o sino simboliza a Palavra do Buda, o som do Dharma. Vajra e sino têm, juntos, características do Corpo, Palavra e Mente do Buda.

Em particular, esses dois objetos representam absolutamente todas as mandalas do Veículo do Diamante dos Mantras Secretos. Desprezar esses objetos de samaya é uma falta grave; devemos venerá-los sem cessar.

2] Os benefícios da Tomada de refúgio

A tomada de refúgio é o suporte de todas as práticas. Pelo simples fato de tomar refúgio, plantamos em nós a semente da liberação, afastamos de nós todo o mal e acrescentamos o bem que tivermos acumulado. A tomada de refúgio é o suporte de todos os votos, fonte de todas as qualidades. Temporariamente, ela nos assegura a proteção das divindades benfeitoras e a satisfação de todas as aspirações. Ela nos oferece o constante pensamento das Três Jóias e a lembrança de nossas vidas passadas. Ela nos traz a felicidade nesta vida e nas seguintes, e enfim a budeidade. É dito que os benefícios são inumeráveis...

Lê-se nas *Setenta Estâncias sobre o refúgio*:

“Cada um é livre para tomar os votos,
À exceção daqueles que não tomaram refúgio”.

Tomar refúgio é, portanto, a base indispensável de todos os votos de liberação individual: dos monges, noviços e laicos. O refúgio corretamente tomado é também a preliminar necessária a toda produção de mente de Despertar e a toda iniciação do Veículo do Diamante dos Mantras Secretos. É absolutamente indispensável começar mesmo um ritual de purificação-reparação de um dia para a tomada de refúgio. É, portanto o suporte de todos os votos e de todas as qualidades.

O simples fato de ouvir a palavra “Buda” ou de criar um vínculo, ainda que mínimo, com qualquer que seja suporte do Corpo, Palavra ou Mente do Buda semeia em nós a semente da liberação e nos conduz finalmente para além da dor. Que dizer então se tomamos refúgio com uma fé consciente das qualidades das Três Jóias?

O porco da stupa

Encontra-se no Vinaya a história de um porco que fazendo a volta numa stupa, enquanto perseguia um cão, semeou em si a semente da liberação.

Conta-se também a história de “três pessoas que se tornaram Buda graças a um *tsa-tsa* de argila”.

Era uma vez um homem que viu em seu caminho um *tsa-tsa* de argila. “Se ficar aqui” - pensou ele, “a chuva o destruirá; vou remediar”. Cobriu com uma velha sola de couro que arrastou para ali. Uma outra pessoa passou no mesmo local. “Não é conveniente que esse resto de couro desagradável cubra um *tsa-tsa*” – disse ele e o retirou.

Aquele que havia recoberto o *tsa-tsa* com o resto de couro e aquele que o retirou, herdaram cada um, um reino em suas vida seguinte, como fruto de suas boas intenções.

“É dito que aquele que, com um coração puro,
Colocou sobre a cabeça do Muni um pedaço
De sola e aquele que a retira,
Obteve, em seguida, cada um reino”.

No total, aquele que fabrica o *tsa-tsa*, aquele que o recobre e aquele que o descobre, todos os três obtêm temporariamente a felicidade dos mundos elevados, todos semeando em si a semente da liberação final e aproximando-se assim progressivamente da budeidade.

A tomada de refúgio nos afasta do mal que tivermos acumulado: é fato. Tomar refúgio com uma fé sincera e intensa nas Três Jóias reduz ou mesmo esgota o karma

nocivo já adquirido. Doravante, graças às bênçãos compassivas das Três Jóias, nossos pensamentos orientam-se para o bem e não cometemos mais nenhum mal.

Tal é a história do rei Ajâtashatru, que matou seu pai, porém mais tarde tomou refúgio nas Três Jóias. Ele experimentou as dores do inferno durante uma semana e foi em seguida liberado.

Devadatta cometeu três crimes cujo efeito segue à morte imediatamente. Mesmo que sofresse as queimaduras infernais ainda quase vivo, teve fé nos ensinamentos do Buda e clamou: “Desde a medula de meus ossos, me refugio agora no Buda!” O Bhagavân declarou que ele iria, graças às suas palavras, tornar-se o Buda-para-si Rupachen.

Tendo recebido, graças à bondade de um Mestre ou Amigo de Bem, o Dharma autêntico e desejando pelo menos um pouco praticar o bem e cessar de fazer o mal, se agora nós nos aplicamos em tomar refúgio nas Três Jóias, nossa mente estará abençoada e todas as qualidades da Via (fé, visão pura, fadiga do samsara, fé no karma etc) não cessarão de desenvolver-se.

Se, ao contrário, negligenciamos a tomada de refúgio em nosso Mestre e nas Três Jóias e pouco nos preocupamos em lhes fazer preces, qualquer que seja a profundidade de nossa fadiga, de nossa determinação de nos liberarmos e outras qualidades, seriam suficientes: um engano de talento, uma mente fraca e um falacioso discurso interior encontram-se reunidos para que passemos do bem ao mal sem dificuldade... Saibamos, portanto, que para cortar doravante o fluxo dos atos nocivos, não há meio melhor que a tomada de refúgio!

Vejamos agora um outro ponto. É dito: “Os demônios têm particularmente ódio contra aqueles que perseveram na prática”. E ainda: “Quando uma prática é profunda, os demônios negros também o são”.

De fato, nós já atingimos o tempo da decadência. Aqueles que meditam sobre o sentido profundo e realizam atos extremamente benéficos são objeto de falaciosas seduções desta vida, solicitações de sua família e amigos que os retêm, circunstâncias adversas provocadas pela doença e forças obstrutoras. Eles sofrem o assalto da dúvida e de racionalizações. Todos os tipos de obstáculos à prática vêm ludibriar e demolir o conjunto de suas boas ações. Se então eles se esforçam sinceramente em tomar refúgio nas Três Jóias como antídoto a esses males, tudo o que se opõe à sua prática se transformará em circunstâncias favoráveis e seus méritos não cessarão de crescer.

Os laicos pretendem se garantir de toda doença e também todo seu gado durante um ano, fazendo apelo a alguns lamas e seus discípulos que não receberam nem iniciações nem transmissões pela leitura e não praticam nenhuma recitação de base. Esses oficiantes abrem a mandala de qualquer divindade irada. Sem passar pelas fases meditativas de Criação e de Perfeição, arregalam os olhos como pires e se colocam numa insuportável cólera contra uma figura de gesso. Fazem “oferendas vermelhas” de carne e sangue gritando: “Pegue-os! Mate-os! Vocês verão um pouco! Golpeiai-os!”- que tornam agressivos aqueles que os ouvem. Todas as contas feitas: “Convidar as divindades de Sabedoria para proteger os mundanos é como tirar o rei de seu trono e o fazer varrer!” disse Jetsun Mila.

E Padampa Sangye: Eles constróem uma mandala dos Mantras Secretos nos estábulos de cabras dos cidadãos e pretendem que isso seja um remédio!”

Tais práticas envenenam os Mantras Secretos tornando-os como os ritos bönpos.

Quanto às “atividades de liberação”, elas concernem àqueles que não têm nenhum interesse egoísta. Eles são autorizados, no começo, a trabalhar de forma poderosa no bem da Doutrina e dos seres, a “libertar” os inimigos e os construtores-de-obstáculos que cometem um dos dez atos perniciosos. Todavia, uma tal prática realizada de maneira parcial, com ódio autêntico, em seu próprio interesse ou daquele de outro, é incapaz de liberar outrem e coloca o oficiante em um renascimento infernal.

Fazendo sacrifícios de sangue sem praticar as fases de Criação e de Perfeição e sem observar os samayas, não se saberá realizar as divindades de Sabedoria nem os Protetores do Dharma. Em revanche, os deuses e os demônios das esferas negras irão se reunir para aproveitar das oferendas e das tormas que são apresentadas. Parecerão concordar com alguma melhora imediata, mas acabarão sempre por causar muitos eventos indesejáveis.

Tenhamos, portanto, confiança nas Três Jóias. Fazendo apelo aos lamas e aos monges que pacificaram e dominaram sua mente solicitando-lhes repetir cem mil vezes a tomada de refúgio, nós encontraremos a melhor das proteções: seremos colocados sob a asa das Três Jóias. Não nos acontecerá nada de indesejável durante esta vida e todos os nossos desejos serão imediatamente satisfeitos. As divindades benfeitoras nos protegerão e aquelas que fazem mal, os demônios e os construtores-de-obstáculos, não poderão se aproximar.

Era uma vez um ladrão que após ser preso, recebeu um severo golpe de bastão. Aquele que o corrigia acompanhava cada golpe com uma frase da tomada de refúgio: “Eu me refugio no Buda!” e pam! “Eu me refugio no Dharma!” e pam!...Quando ele fez entrar tudo isso na cabeça dele, soltou o ladrão. A fórmula de refúgio, inseparavelmente vinculada aos golpes era claramente impressa na mente dele. O infeliz parou sob uma ponte para dormir. Logo acima chegou um grupo de demônios. “Existe alguém aqui que toma refúgio nas Jóias!” gritaram eles, e partiram...

Lê-se no *Sutra Imaculado*:

“Se o mérito de tomar refúgio tivesse um corpo,
O céu não seria suficiente para contê-lo”.

E no *Prajñâpâramita abreviado*:

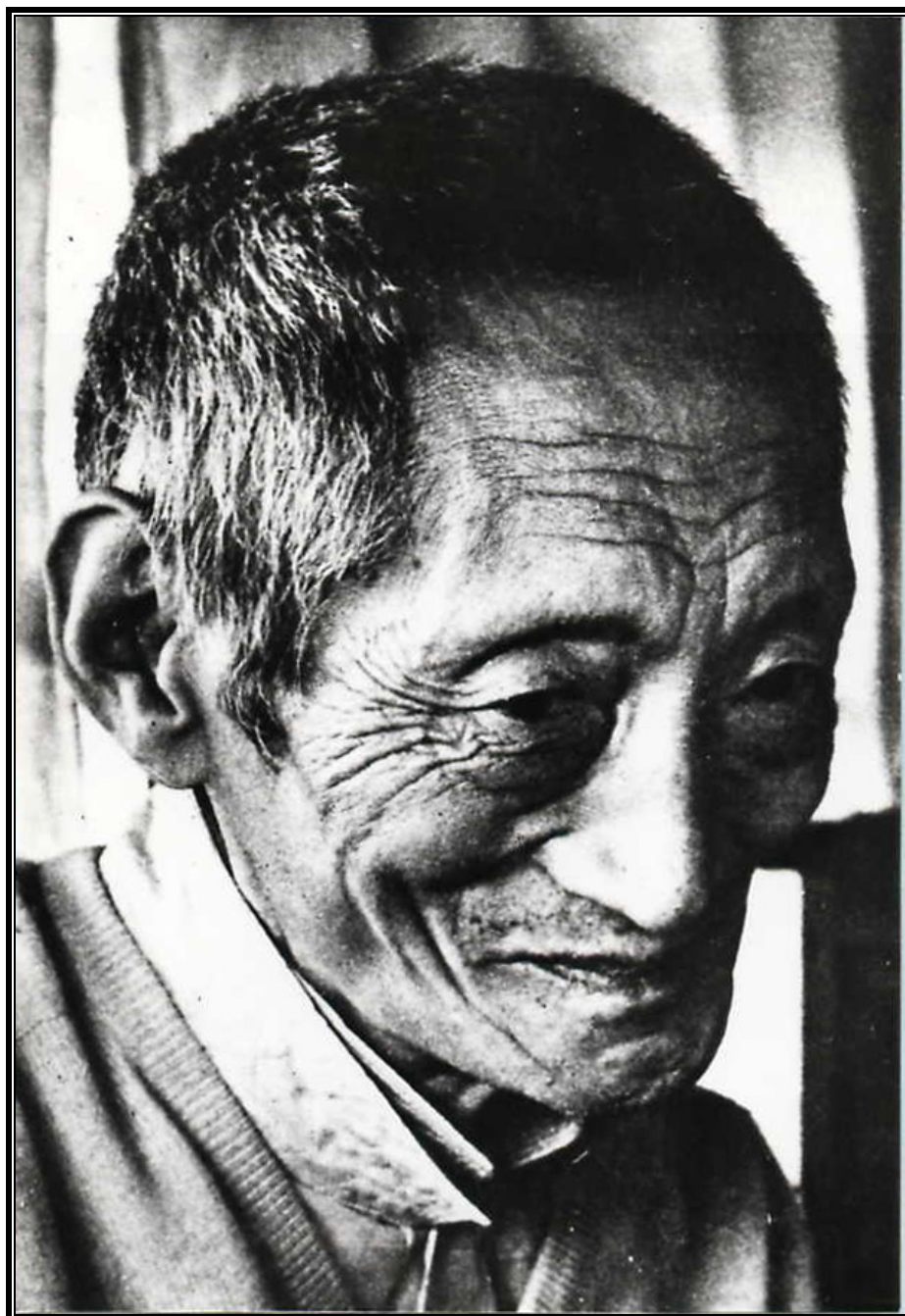
“Se de tomar refúgio o mérito tivesse forma,
Transbordaria do vaso dos três mundos:
Como avaliar com um quarto de litro.
O aquático tesouro do imenso oceano!”

O *Sutra do Coração do Sol* acrescenta:

“Dez milhões de demônios não podem matar
O ser que faz do Buda o seu refúgio.
Mesmo se transgrediu a disciplina
E sua mente está atormentada,
Ele irá, é certo, além dos nascimentos!”

Entreguemo-nos, portanto, com ardor a essa tomada de refúgio que é o suporte de todas as práticas, pois seus benefícios são incomensuráveis.

"Tomo os Três refúgios, mas sem a fé sincera.
Do triplo treinamento, não tenho os votos.
Abençoe-me, com todos os seres sem coração
Que a mim se assemelham,
A fim de que tenhamos uma fé irreversível."



O Venerável Kalu Rinpoche

A Tomada do Refúgio e a Geração da Bodhicitta

Por O Senhor do Refúgio Kalu Rinpoche

Nos tempos atuais, somos extraordinariamente afortunados, não somente por termos obtido um precioso corpo humano, um precioso nascimento humano, mas também, tendo isso como base, por termos entrado pela porta do Dharma, despertado a fé pelos seus ensinamentos e termo-los verdadeiramente praticado.

A porta de entrada aos ensinamentos do Buda-Dharma é a tomada de refúgio nas três jóias (Buda, Dharma, Sangha). Se alguém vai ao refúgio sem fé nas três jóias, mas sim em deidades mundanas (isto é, deidades não iluminadas), e inconsciente das qualidades das Três Jóias, logo, ele não é um praticante do Buda-Dharma.

Portanto, é dito que a raiz dos ensinamentos do Buda é a fé no Buda, no Dharma e na Sangha. Porque sem fé neles, a pessoa não terá convicção quanto a validade dos ensinamentos, e, faltando essa convicção, assim como faltando convicção nas qualidades da Sangha, ela estará indisposta ou incapaz de estudar os ensinamentos. Mesmo se a pessoa persistir em estudá-los, até certo ponto, será como jogos de crianças.

A palavra em tibetano para as três jóias, *könchok*, significa literalmente “raro e supremo”. A primeira sílaba, *kön*, significa “raro”. Isso aponta para o fato de que o Buda, o Dharma e a Sangha são como os mais raros diamantes, visto que até mesmo para ouvir seus nomes é necessária uma conexão cármica e mérito, quanto mais para ser capaz de desenvolver fé neles e de receber seus ensinamentos.

A segunda sílaba, *chok*, significa “supremo” ou “melhor” e, novamente como o diamante do exemplo, as Três Jóias são supremas visto que, confiando-se nelas, todas as suas necessidades e desejos, assim como a liberdade insuperável, podem ser alcançados.

A essência da mente é o vazio; a natureza da mente é verdadeiramente a união indivisível do vazio, claridade e consciência. O nome que é dado ao verdadeiro estado de natureza da mente é *yeshe* ou sabedoria [algumas vezes traduzido como consciência primordial], algo que todos os seres possuem. No entanto, os seres vivos não reconhecem a real natureza de sua mente de ser o que ela é. Essa falta de reconhecimento é como jogar lama ou areia dentro de água pura; ela se torna manchada ou suja. Quando a falta de reconhecimento está presente, a pessoa não mais fala em *yeshe*, ou sabedoria, ela fala em *namshé* ou consciência. Mas a distinção entre esses dois estados da mente não é nada além da presença ou da falta de reconhecimento pela mente de sua própria natureza.

O fracasso da mente em reconhecer a sua própria natureza é o que significa o termo *marikpa*, ou ignorância, o primeiro nível de obscuridade ou de engano da mente. Como resultado dessa ignorância, aparece na mente a imputação de um “eu” e um “outro”, o outro que é concebido como algo diferente da mente. Essa aparente dualidade, que temos tido desde os tempos sem começo e que nunca irá parar [até a iluminação], é o segundo nível de obscuridade, a obscuridade dos hábitos [tendência habitual].

Com base nessa apreensão dualística, surgem as três aflições mentais originárias: escuridão mental (classificada diversificadamente pelos tradutores como ignorância, confusão, etc), desejo, e agressão. Tendo como base essas três aflições, surge em torno de 84.000 aflições mentais variadas enumeradas pelo Buda, todas as

quais juntas compreendem o terceiro nível de obscurecimento, chamado obscurecimento das aflições mentais (traduzido variadamente como *klesha*, aflição emocional, emoções conflituosas, etc.). Sob essas influências nós realizamos ações de natureza negativa, o que resulta no quarto nível de obscuridade, chamado de obscuridade das ações ou karma.

Esses quatro níveis ou tipos de obscurecimentos são as causas de todos os seres vivos vagarem pelo samsara. Se eles forem removidos ou purificados, então as qualidades inerentes da verdadeira natureza da mente, às quais nós nos referimos como sabedoria ou *yeshe*, irão se manifestar naturalmente e se espalhar como os raios do sol.

A palavra em tibetano para a remoção dessas obscuridades, *sang*, significa “purificação”, e a palavra para a expansão das qualidades inerentes da mente, que ocorrem como resultado dessa purificação é *gye*, ou “desabrochar”. *Sangye*, a união destas duas palavras, é a palavra tibetana para um Buda. Portanto, o que é entendido por natureza de Buda é o reconhecimento e a realização da mais completa pureza da mente.

Quando a natureza da mente se torna totalmente manifesta, ela passa a possuir o que geralmente é enumerado como as vinte e sete qualidades extraordinárias, tal como completa e inalterável vacuidade e grande felicidade.

Para beneficiar aqueles que serão treinados, a mente de um Buda exibe o que geralmente é enumerado como trinta e duas qualidades, as quais são descritas como os dez poderes, os quatro tipos de ausência de medos e as dezoito qualidades de infalibilidade. Um Buda, por exemplo, conhece a natureza e a situação de todo o samsara e de todo o nirvana. Ele ou ela conhece o passado, presente, e futuro de todo ser senciente.

Essas qualidades da mente de um Buda originam qualidades da palavra, tradicionalmente sessenta qualidades, possuídas somente por um Buda e não por qualquer humano ordinário ou um deus. Essa é uma qualidade tal que se um Buda der um ensinamento em um só momento para 1.000 pessoas, tendo cada uma delas uma língua diferente e sendo de lugares diversos, cada uma delas entenderá o que o Buda está dizendo. Além disso, o Buda tem a capacidade de ensinar de tal forma que cada indivíduo recebe o tipo particular de ensinamento que precisa receber. Então, com um só ensinamento do Dharma, um Buda pode dar o remédio que cada pessoa precisa para sua mais forte aflição mental.

As qualidades do corpo de um Buda são experimentadas em vários níveis. Particularmente o Samboghakaya, ou o corpo completo de felicidade de um Buda, é experienciado somente por Bodhisattvas residentes sobre o oitavo, nono e décimo nível de realização. Um Bodissattva que reside em um desses níveis vê as formas do Sambhogakaya, Vajradhara, Vajrasattva, Avalokiteshvara, etc. O Sambhogakaya é, na verdade, experimentado como a aparência com a qual somos familiarizados, com as vestimentas de seda, os ornamentos de jóias, a forma pura, etc. A verdadeira aparência do Samboghakaya representa que o Buda possui todas as qualidades do mundo e do além mundo.

Com o objetivo de treinar os seres ordinários, os Budas se manifestam como Nirmanakaya, como no caso do Buda Shakyamuni. Tal Nirmanakaya possui as chamadas trinta e duas maiores e oitenta menores marcas da completa budeidade. Elas incluem a *unshnisa* no topo da cabeça, a roda do Dharma com mil raios na palma da mão e na sola dos pés, e etc. Essas qualidades só surgem no corpo de um Buda e não

no corpo de nenhum humano, nem de um deus mundano. Elas aparecerem de uma maneira tal que qualquer um que ver a forma de um Buda, imediatamente se regozija nele, e o acha magnífico. Desse jeito, as qualidades do corpo, palavra e mente de um Buda são superiores às de qualquer outra pessoa.

A verdadeira excelência e superioridade de um Buda consiste no fato de que ele tem a sabedoria, a compaixão, e a habilidade de dar aos seres exatamente o que cada um precisa para se liberar dos sofrimentos do samsara. Então, para beneficiar os seres, o Buda ensina o Dharma, a segunda das três coisas raras e supremas, as Três Jóias. E, como os seres vivos possuem 84.000 aflições mentais (*kleshas*), o Buda ensinou 84.000 ensinamentos do Dharma.

Existem dois aspectos da jóia do Dharma. O primeiro deles são as palavras com as quais o Dharma é transmitido, as palavras do Buda, e as palavras e textos que as recordam. A transmissão é chamada de transmissão do Dharma. Porém, o significado dessas palavras, a realização de seu significado – seja do significado da vacuidade, do significado da compaixão ou, do ponto de vista tântrico, do significado do estágio de desenvolvimento e realização – é chamado do Dharma de realização. Então, o Dharma da Transmissão e o Dharma da Realização são os dois aspectos da jóia do Dharma.

Aqueles que ouvem os ensinamentos do Dharma, estudam-nos e praticam-nos a ponto de poderem guiar os outros são a Sangha. Dentro da Sangha, aqueles que, por meio da prática do Dharma chegaram ao primeiro nível de realização Bodhistva, e que residem no primeiro dos dez níveis de realização, são chamados “os exaltados”. Aqueles que, tendo escutado os ensinamentos, estudado-os e posto em prática, e que residem nos dois caminhos que são preliminares aos dez níveis de realização e aplicação Bodhisattva são chamados de a “Sangha dos indivíduos comuns”.

Portanto, a pessoa deve começar por tomar consciência e entender exatamente o que são as qualidades do Buda, do Dharma e da Sangha. Fazendo assim, ela dará apoio à sua fé neles. A pessoa será capaz de sentir sua fé e de se refugiar neles. É necessário que isso ocorra como base na prática. Além disso, a tomada de refúgio deve ser algo continuamente praticado e renovado nas práticas diárias; isso é extremamente importante.

A razão pela qual tomar o refúgio é tão importante é devido, no presente, ao fato de estarmos imersos no samsara, que é uma experiência de sofrimento, uma experiência de impermanência e uma experiência de constantes mudanças. Se nós desejamos simplesmente nos liberar disto, não podemos fazê-lo por nós mesmos, sem ajuda. Entretanto, podemos trilhar o caminho da liberação apoiando-nos na compaixão das Três Jóias. É por isso que é necessário refugiar-se nelas.

Como seres ordinários, não sabemos nem entendemos os métodos em que devemos nos engajar para alcançarmos a budeidade. Por essa razão, precisamos de um guia ou um companheiro do caminho para a budeidade. Isso pode ser explicado por meio de um exemplo que é facilmente entendido pelos Ocidentais. Se alguém quisesse ir daqui à New York andando, ou não conseguiria chegar lá, ou iria demorar muito para conseguir. Porém, se esse alguém ficasse do lado da estrada e pedisse carona, então, eventualmente algum indivíduo bem intencionado pararia seu carro e o levaria até a cidade. A mesma coisa acontece se quisermos alcançar a cidade da iluminação. Temos que pedir carona ou tomar refúgio nas Três Jóias.

O Buda, o Dharma e a Sangha são coisas ou seres separados de nós, distintos de nós. Somos indivíduos e estamos a uma boa distância deles. Alguém pode

perguntar como é possível estabelecer uma conexão com eles. Em primeiro lugar, todo fenômeno surge na interdependência, pela interação de causas e condições. No caso do caminho, o que deve acontecer é a reunião das condições da sua própria fé, e a compaixão e bênção das Três Jóias. Se esses dois acontecerem juntos, então a conexão é estabelecida e a pessoa pode viajar o caminho.

A presença de fé, de nossa parte, e a presença de compaixão e de outras qualidades, da parte das Três Jóias, é suficiente para criar a conexão. Ela não depende da distância, como uma estação de televisão que está enviando um de seus programas. Quem tiver o aparelho, poderá assistir ao programa. Se a estação de televisão não estiver emitindo o programa, então mesmo quem tiver uma televisão não pode vê-la. Se a estação de TV estiver enviando o programa mas a pessoa não tiver um aparelho de TV, então ele também não poderá ver. Mas em ambos os casos, se essas duas coisas estiverem presentes, apesar da distância que separe as duas, embora não haja uma conexão física direta visível, o programa de TV chegará de alguma forma. Da mesma maneira, a verdadeira bênção e compaixão das Três Jóias podem ser recebidas e podem entrar na pessoa por meio de sua fé.

Outro exemplo é que a compaixão, bênção e poder das Três Jóias são como um gancho, e a fé é como um anel. Se os dois estão presentes e conectados um ao outro, então o gancho guiará o anel e, por consequência, quem estiver preso a ele, de felicidade em felicidade e finalmente à liberação.

Essa é a razão pela qual todos os lamas do Rosário de Ouro do Kagyü sempre deram e continuam a dar o refúgio como a base para a transmissão dos ensinamentos. É por isso que a qualquer hora quando alguém recebe os ensinamentos do Buda-Dharma começa-se recitando o refúgio; também quando alguém pratica as preliminares, *ngondro*, a primeira delas são as 100.000 recitações do refúgio acompanhadas de prosternações.

A raiz ou forma básica de se tomar refúgio é tomar refúgio no Buda, no Dharma e na Sangha – nas Três Jóias. Isso poderia ser chamado de refúgio externo. Além disso, do ponto de vista do Vajrayana, a pessoa busca refúgio no guru, como a raiz de todas as bênçãos, no *yidam*, como a raiz de toda realização, e nas *dakinis* e protetores do Dharma, como raiz de toda atividade. Essa é a forma interna de se tomar refúgio.

Além disso, tomar refúgio em um guru-raiz sozinho, reconhecendo que ele ou ela é a manifestação do Buda, Dharma, Sangha, e os gurus, *yidams*, *dakinis*, e os protetores do Dharma, a encarnação de todos eles numa única forma, possuindo todas as suas qualidades – é a forma secreta de se tomar refúgio.

A forma de tomar refúgio que usamos na linhagem Kagyü é chamada de refúgio das seis partes, por que ela possui seis linhas, três das quais são devotadas às Três Jóias e três devotadas às Três Raízes. As duas primeiras e a última das seis linhas são devotadas às Três Raízes e lidas:

Linha 1: *Eu tomo refúgio nos gloriosos e sagrados gurus.*

Linha 2: *Eu tomo refúgio na assembléia de deidades nas mandalas dos yidams*

Linha 6: *Eu tomo refúgio nos dakas, dakinis e protetores do Dharma que possuem o olho da sabedoria.*

Também existe uma forma abreviada de refúgio:

Eu tomo refúgio no guru.

Eu tomo refúgio no Buda.

Eu tomo refúgio no Dharma.

Eu tomo refúgio na Sangha.

A primeira linha, "Eu tomo refúgio no guru" expressa a convicção de que o guru ou o lama é a incorporação das Três Raízes, pois sua atual forma, seu atual corpo, é o guru; sua palavra é a atividade dos *dakinis* e protetores do Dharma; e sua mente é a natureza dos *yidams*. Seguindo isso, a pessoa toma refúgio externo no Buda, no Dharma e na Sangha. Portanto, essa forma curta de tomar refúgio também contém ambas, as Três Jóias e as Três Raízes.

Existe também a forma especial de tomar refúgio do mahasiddha Tang Tong Gyalpo:

"Eu e todos os seres vivos, minhas mães, que são iguais em número na extensão da infinidade do espaço, tomamos refúgio no guru, que é o precioso Buda."

Essa é a forma secreta de se tomar refúgio. Quem toma refúgio no guru como a incorporação das Três Jóias e Três Raízes.

Seguindo isso, no voto de refúgio do Tang Tong Gyalpo, se diz:

"Eu tomo refúgio no Buda, no Dharma e na Sangha"

Que é a forma externa de se tomar refúgio. Em seguida também se diz,

"Eu tomo refúgio nos gurus, yidams, e dakinis e protetores do Dharma,"

Que é a forma interna de se tomar refúgio. Sendo assim, diz-se:

"Eu tomo refúgio na própria mente, que é clareza, vacuidade e Dharmakaya."

Esse é, na verdade, o quarto nível ou a quarta abordagem para se tomar refúgio, que é chamado do refúgio essencial, ou a forma muito secreta de se ir ao refúgio.

O refúgio essencial, ou o refúgio muito secreto, é baseado na realização e no reconhecimento de sua própria mente como mahamudra, e, portanto, é o verdadeiro e último significado a tomada do refúgio.

No entanto, não tendo essa realização, é difícil para nós verdadeiramente tomarmos refúgio dessa forma. Então, a forma externa e interna de se tomar refúgio são enfatizadas. Porém, é preciso entender ainda que é possível alcançar a completa natureza de Buda simplesmente por meio da tomada de refúgio genuína.

Deveria ser entendido que a tomada de refúgio não é um processo por meio do qual o Buda pega as pessoas que parecem ter devoção a ele e as conduz ao seu lado. Por meio da tomada de refúgio, a pessoa começa o seu próprio processo que, passando por vários estágios, a levará a sua própria realização do mesmo estado, da mesma experiência do Buda.

Na *sadhana* das *Cem famílias dos Pacíficos e dos Raiosos*, é dito, na seção da tomada de refúgio,

"Eu tomo refúgio na essência, na natureza e na compaixão...,"

Que significa dizer, na vacuidade essencial, na clareza natural, e na consciência da mente ilimitada e compassiva;

"Eu tomo refúgio na felicidade, na clareza e na não-conceitualidade...,"

Que são as três qualidades da experiência da meditação; e finalmente:

"Eu tomo refugio no Fruto, no Dharmakaya, no Sambhogakaya, e no Nirmanakaya."

Portanto, se alguém pratica e completa as 100.000 recitações do voto de refúgio, acompanhadas das 100,000 prosternações, isso é maravilhoso, extraordinário, incalculavelmente benéfico. Mas, mesmo se não fizer isso, e somente recitar a oração do refúgio todos os dias, ao menos sete vezes, também já será extraordinariamente benéfico. O resultado dessa aparentemente simples prática é de causar gradualmente a realização completa da natureza do Buda, para trazer gradualmente liberdade aos sofrimentos do samsara, e, além disso, de nos proteger, em todas as vidas, do medo, do perigo e do sofrimento.

Se integrarmos o sentido da tomada do refúgio em nossas práticas, a fé nas Três Jóias e nas Três Raízes surgirá automaticamente. Como resultado disso, as práticas que levam à acumulação de mérito serão muito mais fáceis e virão naturalmente. Por exemplo, qualquer coisa que a pessoa experiencie com os sentidos, que lhe seja agradável, ela imediatamente verá como uma possível oferenda às Três Jóias e às Três Raízes. Ela não mais oferecerá somente as coisas que tradicionalmente se usa para fazer oferendas – assim como flores, incensos, velas e ect. Qualquer coisa que seja bela à vista, que cheire bem, que soe bem, e ect, será usado como oferenda. Por meio desse processo e dessa atitude, a pessoa gerará uma vasta acumulação de mérito.

Se alguém desenvolve esse tipo de atitude, o processo de acumulação de méritos se torna extremamente fácil. Quase toda situação pode ser usada com este propósito. Por exemplo, se alguém está andando na beira de uma estrada, e vê flores bonitas, ou casas belas, ou qualquer outra coisa que seja agradável em seu caminho, então imediatamente irá pensar nelas como uma oferenda e mentalmente as oferecerá às Três Jóias e às Três Raízes.

Todos os Kagyupas precedentes começaram sua prática com a tomada do refúgio. Sendo esta a fundação e a base para toda prática, eles realizaram o último refúgio, que é a tomada de refúgio na última realização do Dharmakaya, Sambhogakaya e Nirmanakaya, e por meio disso, alcançaram a siddhi (realização da natureza do Buda).

Na nossa situação presente como humanos, sentimos que somos extremamente inteligentes, que somos livres, que temos controle ou poder sobre nossa própria situação; em síntese, sentimos que podemos controlar o que quisermos. Porém, se examinarmos melhor a situação, veremos que não temos nem liberdade de corpo, nem de mente, por que o verdadeiro poder está nas mãos do nosso karma, das nossas aflições mentais e dos nossos hábitos (principalmente nossa habitual e recorrente cognição de separar o eu do outro).

Se fôssemos livres, então sempre teríamos sido e sempre seríamos felizes. Nunca ficaríamos deprimidos, e nada desagradável passaria pelas nossas mentes. Se fôssemos livres, então permaneceríamos sempre os mesmos. Teríamos sempre sido jovens, seríamos jovens e permaneceríamos sempre desse jeito. Mas não somos assim. Não temos absolutamente nenhum controle sobre isso; a cada segundo de nossas vidas estamos envelhecendo e eventualmente iremos morrer.

Se tivermos fé intensa e formos capazes de nos confiar aos nossos lamas, aos nossos gurus, e às Três Jóias, e suplicar a eles com completa sinceridade, então é

possível eliminar, ou pelo menos diminuir, estas obscurações, por causa do poder e compaixão das Três Jóias.

Esse é o significado de se tomar refúgio.

A tomada do refugio deve estar acompanhada da geração da Boddhicita, a atitude da mente orientada ao despertar. Desenvolver a Boddhicitta consiste em gerar uma atitude de despertar compaixão por todos os seres. Isso tem que ser desenvolvido numa certa seqüência.

A pessoa precisa começar por entender a verdadeira situação de todos os seres. Depois, meditando sobre isso, ela irá desenvolver uma atitude de compaixão e se tornará acostumada e treinada.

A situação que precisa ser entendida é a de que onde existe espaço, ele é preenchido de seres vivos. Existem tantos seres vivos que poder-se-ia dizer que eles são inumeráveis. E cada ser sensitivo foi mãe de tantos outros seres, tantas vezes, que elas seriam incontáveis. O número de vezes que qualquer ser sensitivo já foi mãe de um outro ser é um número além de estimação. Isso foi dito pelo Buda. Não existe um único ser que não tenha sido mãe de um outro. Naquele tempo quando os seres eram mães uns dos outros, eles tinham a mesma bondade em relação à pessoa, como se fosse sua mãe nesta vida, que significa, por exemplo, que quem foi humano nesta vida, teve uma mãe que o carregou no seu ventre, preocupando-se continuamente com o seu estado, se ele nasceria vivo, se seria feliz, e passaria por enormes sofrimentos e sacrifícios para ajudá-lo a permanecer vivo. Após o nascimento, as mães sacrificam tudo pelo benefício e bem-estar de seu filho. Todo ser senciente já fez isso inúmeras vezes.

Um exemplo de como esses nascimentos podem acontecer vem dos tempos do Buda, quando um de seus discípulos, um arhat chamado Kateyana, foi pedir esmola. Ele passou por uma mulher sentada na beira de uma estrada com uma pequena criança em seu colo a quem ela estava acariciando afetuosamente. A mulher estava comendo peixe, com um pouco do qual ela estava alimentando a criança, e havia um grande cachorro tentando pegar os ossos do peixe da mulher. Ela estava repreendendo o cachorro, expulsando-o, evitando dar-lhe qualquer coisa. Com sua extraordinária cognição, Kateyana examinou as vidas passadas desses seres. Ele viu que o peixe tinha sido o pai da mulher em sua vida anterior. O cachorro que ela estava enxotando havia sido sua mãe, e a criança que ela tinha em seu colo havia sido o seu pior inimigo, alguém que a havia continuamente insultado, causando escândalo sobre ela, alguém contra quem ela tinha lutado maldosamente contra.

Todos os seres, que foram mães uns dos outros incontáveis vezes, inúmeras vezes foram tão gentis uns com os outros como sua verdadeira mãe nesta vida, estão passando por uma infundável e intolerável experiência de sofrimento vagando em círculo nos três reinos do samsara (reino do desejo, reino da forma, e reino da não-forma). Isso é, na verdade, um oceano de sofrimento, porque o que os seres experienciam com qualquer forma de nascimento é só sofrimento. Nos infernos existe a agonia do calor e do frio; como espíritos famintos, as agonias da fome e da sede; como animais, o sofrimento de matar e de ser morto por comida e sobrevivência; como humano, os quatro grande sofrimentos do nascimento, envelhecimento, doença e morte, mas, além disso, os oito ou dezesseis sofrimentos menores também; os asuras, o sofrimento do ciúme e brigas constantes; e como deuses, o sofrimento da morte e a queda num renascimento inferior.

Se compreendermos verdadeiramente o fato de que esses seres que têm sido tão gentis conosco, estão passando por uma experiência eterna de sofrimento insuportável, então pensaremos: “o que eu posso fazer? O que precisa ser feito para liberar todos esses seres do sofrimento e estabelecê-los na felicidade?”. Esse é o começo da benevolência e da compaixão. É por isso que recitamos “Possam todos os seres sencientes ter felicidade e as causas da felicidade. Possam todos os seres sencientes serem livres do sofrimento e das causas do sofrimento.” A causa da felicidade é a prática de ações virtuosas. A causa do sofrimento é a prática de ações não-virtuosas. Então, o que está implicado nesta aspiração é que os seres cessem de acumular as causas do seu sofrimento futuro, acumulem as causas de sua felicidade futura, e que sejam, desde agora, livres do sofrimento e experimentem a felicidade. Esse é o desenvolvimento da bondade amorosa e da compaixão.

Ademais, a mente de todo ser senciente é vazia. Mas não reconhecendo isso, seres sencientes apreendem sua mente como um “eu”, um ego. E, além disso, eles não reconhecem que a natureza das aparências confusas do samsara que chegam à mente são impermanência e mudança. E, não percebendo isso, eles passam por eterno e contínuo sofrimento. Se alguém entende isso, então é impossível não fazer surgir compaixão automaticamente.

A mente de cada um de nós, ou de todos nós, não tem forma. A mente não tem cor e não tem forma. Portanto, ela é vazia. Mas a mente não é simplesmente vazia, visto que a mente pode experimentar os vários objetos que surgem – visões, sons, e etc. Então a mente possui a qualidade da clareza. O que ela na verdade experimenta é a consciência, que é também uma qualidade da mente. A mente é na verdade a inseparabilidade do vazio, da clareza e da consciência. Entretanto, como a clareza e a consciência não possuem forma, cor, tamanho, contorno, e etc, eles não vão além da vacuidade essencial da mente.

Como a essência da mente é o vazio, não há nada na mente que possa morrer ou ser destruído. Isso significa que sempre tivemos essa mente, e até termos atingido a natureza de Buda, continuaremos a experimentar esta mente e continuaremos a renascer e a passar pelos sofrimentos do samsara. Isso pode ser mostrado por um exemplo. A mente é vazia no sentido que o espaço é vazio. E é impossível matar ou destruir o espaço.

Isso pode ser ainda ilustrado ao examinar a situação da mente nos vários estágios da vida. Quando somos concebidos, os pais não vêem uma mente vir flutuando dentro do útero. Não há uma forma material à mente do ser que entra no útero. Não há nada para ser visto. Quando alguém morre, ninguém vê a mente ir flutuando, saindo do corpo para outro lugar qualquer. Não há materialidade ou forma ou existência física à mente que possa ser percebida. E mesmo durante a nossa vida, não podemos encontrar, detectar ou descrever a mente com referência a qualquer tipo de característica física, material ou real. Portanto, pode ser estabelecido que a mente é vacuidade.

E tanto no Hinayana como no Mahayana é aceito que a realização direta da vacuidade da mente é a realização da ausência de ego do indivíduo.

Embora a mente de todo ser senciente seja vazia, nesse sentido, todo ser sensitivo concebe essa mente vazia como um “eu”, e indo ainda mais longe, pensa, “eu sou, eu tenho uma mente, e eu sou minha mente”.

Ao mesmo tempo, nesse aspecto vazio do espírito, a manifestação de sua luminosidade é experimentada como aparências confusas, ilusórias. Por exemplo,

como seres humanos, experimentamos as aparências ilusórias características da vida humana. A natureza delas é como uma ilusão mágica, como um sonho, como o reflexo da lua na água, como um arco-íris, etc. Poderíamos dizer que é muito como um filme da televisão. No caso da televisão, existe uma pequena caixa e as imagens que nós vemos não existem daquela maneira em lugar algum, e certamente elas não são aquilo que aparentam ser. É difícil dizer de onde elas estão vindo, mas certamente elas chegam à essa pequena caixa. E isso se assemelha muito à natureza das alucinações ou aparências confusas da existência samsárica.

A natureza ilusória do que experienciamos pode ser vista mais claramente examinando o estado de sonho. Uma pessoa pode ver muito claramente ao examinar o processo dos sonhos que tudo o que é experienciado na verdade não é nada além da mente. O que acontece quando vamos dormir é que a nossa mente se torna entorpecida e estúpida, e como resultado passamos por uma variedade de alucinações. E, naquele momento, elas parecem ser da mesma natureza e qualidade das coisas que experienciamos quando estamos acordados, exceto que quando acordamos não podemos mais encontrá-las. Elas desapareceram. Por exemplo, quando estamos sonhando, podemos ver lugares, pessoas, eventos, objetos. Mas quando acordamos, eles não estão mais no quarto onde estávamos dormindo. Eles não estão ao nosso redor. Eles também não estão dentro do nosso corpo. Eles não estão em lugar algum. Eles eram simplesmente projeções da mente. E tudo o que experimentamos é assim.

A natureza dessas experiências é algo que surge ou aparece enquanto sendo não-existentes. A maneira por meio da qual experimentamos as coisas é através dos chamados três corpos. O corpo físico, no qual experimentamos o estado de vigília, é o corpo de completa maturação. O corpo que experimentamos no estado de sonho é chamado do corpo habitual. E, o corpo que experienciamos no período depois da morte e antes do próximo renascimento é chamado do corpo mental.

Nesse sentido, todos os seres sencientes que foram nossas mães, percebem aquilo que é impermanente como permanente, o que é falso como verdadeiro, o que é irreal como real, e por causa disso, vagam pelos três reinos do samsara passando por sofrimento. Compreender isso, levará a pessoa a pensar fortemente no que ela deve fazer para trazer todos esses seres à natureza de Buda e à liberdade desse sofrimento. No entanto, ao mesmo tempo, ela entenderá que a única forma que ela poderá ajudar os outros a realizar a natureza de Buda é se ela mesma alcançá-la antes. Então, nesse ponto, uma intensa motivação deve ser desenvolvida para alcançar a natureza de Buda e para engajar-se nos os métodos que levarão a isso.

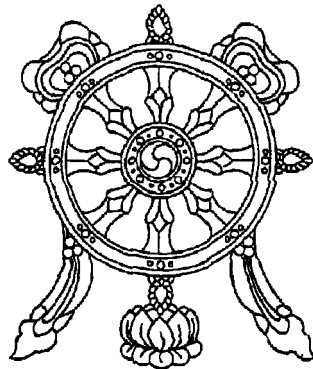
Portanto, devemos, em primeiro lugar, tomar refúgio, e depois gerarmos a atitude iluminada, a atitude do despertar, a Bodhicitta. Essa atitude irá amplificar o poder de todas as nossas ações virtuosas. Mesmo as ações ordinárias, feitas com essa boa motivação, vão se transformar em atos virtuosos que conduzem ao Despertar. Conseqüentemente, é dito que a geração da Bodhicitta e sua prática durante as atividades diárias é como um elixir mágico que transforma tudo o que toca, qualquer metal em que toca, em ouro.

É dito que se a atitude é boa, então a progressão pelas trajetórias e estágios do caminho à iluminação serão boas. E se a atitude for pobre, então a progressão pelas rotas e estágios será pobre. Por essa razão, é dito que não há uma instrução mais profunda ou necessária para o alcance da natureza de Buda que esta instrução sobre o surgimento e a manutenção da atitude do Despertar.

Todos os detentores precedentes da linhagem Kagyü confiando no refúgio e praticando o refugio externo, interno e secreto, atingiram a natureza de Buda. Assim fazendo, eles realizaram vastas atividades para o benefício de todos os seres sencientes, tão vastos como o espaço, tanto no caminho, quanto depois que eles tinha atingido a realização. Não apenas eles prestaram esse serviço no passado, mas também eles continuarão a fazê-lo até que o samsara esteja vazio de seres.

Portanto, como é dito, a distinção entre um praticante de Buda-Dharma e alguém que não está tomando o refúgio, a distinção entre um praticante do Hinayana e um praticante do Mahayana é o surgimento e desenvolvimento da atitude do despertar. Por isso, vamos dedicar a virtude do ensinamento e da escuta do Dharma esta manhã à natureza de Buda de todos os seres sencientes.

Do Shenpen Ösel Vol. 1 nº 2



Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Parte IV

Capítulo 9

ཨ། བྱང་ཆུབ་ཀྱི་སེམས་ཡོངས་སུ་བཟུང་བའི་ལེན།

A Produção da Mente do Despertar II - XI

Capítulo 10

ཨ། མྱོན་པ་བྱང་ཆུབ་ཏུ་སེམས་བསྐྱེད་པའི་བསྐྱབ་བྱ་བསྟན་པ།

A Produção da Mente do Despertar XII

1] Os preceitos da Mente do Despertar em aspiração

Capítulo 11

ཨ། འཇུག་པ་བྱང་ཆུབ་ཏུ་སེམས་བསྐྱེད་པའི་བསྐྱབ་བྱ་བསྟན་པ།

2] Os preceitos da Mente do Despertar em ação

ཨ། བ་རོལ་ཏུ་བྱིན་པ་དུག་གི་རྣམ་གཞག་བསྟན་པའི་ལེན།

1) Apresentação resumida das 6 Virtudes transcendentais

Gampopa
"O Precioso Ornamento da Liberação"

A Produção da Mente do Despertar II - XII *(Capítulos 9 à 11)*

- II Definição da Mente do Despertar** *(Capítulo 9)*
- III Os diferentes níveis da Mente do Despertar**
 - 1] De acordo com as comparações: 22 imagens em relação às 5 Vias
 - 2] De acordo com as terras dos Bodhisatvas : 4 etapas
 - 3] De acordo com a natureza da Mente do Despertar
 - 1) Mente do Despertar Absoluta
 - 2) Mente do Despertar relativa
 - a) A aspiração b) O engajamento
- IV O objetivo da Mente do Despertar**
 - 1] O Despertar 2] O bem dos seres
- V As causas de surgimento da Mente do Despertar**
- VI Com quem tomar os votos da Mente do Despertar**
- VII O Ritual dos Votos**
 - A] A tradição de Shantideva
 - 1] Preparação (6 ramos) 2] Parte principal 3] Conclusão
 - B] A tradição de Dharmakirti
 - 1] Os votos da Mente do Despertar em aspiração
 - 2] Os votos da Mente do Despertar em ação
- VIII Os benefícios em se produzir a Mente do Despertar**
 - 1] Os benefícios que podem ser enumerados
 - 1) Os benefícios da Mente do Despertar em aspiração (8)
 - 2) Os benefícios da Mente do Despertar em ação (+2 =10)
 - 2] Os benefícios que não podem ser enumerados
- IX Os males ligados ao abandono da Mente do Despertar (3)**
- X As causas da perda da Mente do Despertar**
 - 1] As da perda da Mente do Despertar em aspiração
 - 2] As da perda da Mente do Despertar em ação
- XI Restauração dos votos da Mente do Despertar quando se a perdeu**
- XII Os preceitos da Mente do Despertar**
 - 1] Os preceitos da Mente do Despertar em aspiração *(Capítulo 10)*
 - 1) Não abandonar os seres
 - 2) Lembrar-se dos benefícios da Mente do Despertar
 - 3) Praticar as duas acumulações
 - 4) Treinar-se continuamente na Mente do Despertar
 - 5) Rejeitar os 4 comportamentos nefastos e praticar os 4 comportamentos favoráveis
 - 2] Os preceitos da Mente do Despertar em ação: Os três treinamentos *(Capítulo 11)*
 - 1] Apresentação resumida das 6 Virtudes transcendentas
 - a) Classificação b) A ordem das virtudes transcendentas
 - c) Suas características d) A origem de seus nomes
 - e) Suas subdivisões f) A classificação em dois grupos
 - 2] Apresentação detalhada das 6 Virtudes transcendentas *(Capítulos 12 à 18)*

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

A produção da mente de Despertar

(Parte II à XII – Capítulos 9 à 11)

Capítulos 9

II Definição da Mente do Despertar

A Mente de Despertar é o desejo de atingir o Despertar autêntico e perfeito para o bem dos seres.

Assim como diz o *Ornamento da realização perfeita*:

“Produzir a mente do Despertar é aspirar

Ao despertar autêntico e perfeito para o bem dos seres.”

III Os diferentes níveis da Mente de Despertar

Os diferentes níveis da Mente de Despertar são apresentados em três modos: por meio de comparações, segundo as terras dos Bodhisatvas; e segundo a própria natureza da Mente do Despertar.

1] Classificação por meio de comparações

O sublime Maitreya propõe um certo número de comparações para ilustrar as etapas do desenvolvimento da Mente do Despertar, partindo do nível dos seres ordinários até o nível de Buda.

O *Ornamento da realização perfeita* enumera-os assim:

“A terra, o ouro, a lua, o fogo,

O tesouro, a mina de jóias, o oceano,

O diamante, a montanha, o remédio, o amigo de bem,

A jóia mágica, o sol, o canto,

O rei, o cofre do tesouro, a grande roda,

A cavalgada, a fonte,

A música, o rio e as nuvens;

Simbolizam as vinte e duas etapas”.

Essas vinte e duas imagens representam a Mente do Despertar, desde o estado da aspiração até o momento em que se atinge o corpo absoluto.

Eis como se relacionam com as cinco Vias:

A aspiração é comparável à terra: ela forma a base de tudo que se realizar de positivo.

A intenção é comparável ao ouro: ela não se alterará até o Despertar.

A intenção superior é comparável à lua que sobe: com ela, todas as qualidades positivas aumentam com perfeição. Esses três estados correspondem aos três níveis - pequeno, médio e grande - da Via de acumulação dos iniciantes.

A aplicação é comparável ao fogo: ela consome os véus que recobrem a tripla onisciência.

Ela corresponde à via da junção.

A generosidade transcendente é semelhante a um grande tesouro que satisfaz os desejos de todos os seres.

A disciplina é como uma mina de jóias: ela serve de suporte às preciosas qualidades.

A paciência lembra um grande oceano: nenhum evento desagradável pode perturbá-lo.

A coragem é como o diamante: tão duro que nada pode destruir.

A concentração é comparável à rainha das montanhas: é inabalável, pois nada a distrai de seu objetivo.

O conhecimento é o remédio que dissolve os véus emocionais e os véus cognitivos.

O método é comparável a um amigo de bem: nada pode desviá-lo do bem dos outros.

A oração é como a jóia mágica: ela satisfaz todos os desejos.

A força assemelha-se ao sol: faz amadurecer perfeitamente todos os seres que precisam de socorro.

A sabedoria transcendente é como a melodia do Dharma: ela dissipa ensinamentos que inspiram os seres.

Essas dez virtudes transcendentais correspondem respectivamente à Jóia Suprema e às nove outras terras dos Bodhisattvas. Elas constituem o campo da prática das vias da visão e da meditação.

A clarividência é comparável a um grande rei: graças a seu poder sem obstáculos ela realiza o bem dos outros.

Os méritos e a sabedoria são como cofres de tesouro: guardam inúmeras riquezas acumuladas.

Os auxiliares de Despertar evocam uma grande estrada que os seres sublimes tomaram ou tomarão.

A compaixão e a visão profunda são comparáveis a um corcel: permitem progredir facilmente sem desviar-se no samsara nem no nirvana.

O poder de guardar na memória e a confiança são como uma fonte: contendo o Dharma entendido ou não entendido, eles são inesgotáveis.

Essas cinco qualidades correspondem à Via especial dos Bodhisattvas.

O jardim do Dharma é como uma música agradável que ressoa melodiosamente nos ouvidos daqueles que aspiram à liberação.

A via única é comparável a um rio: ela se abre para o bem dos outros sem interrupção.

O Dharmakaya é comparável à nuvem: a atividade destinada ao bem dos seres – manifestado desde o paraíso de Tushita até onde haja atos do Buda - das quais todos os benefícios decorrem.

Essas três últimas imagens correspondem ao nível de Buda.

Essas vinte e duas comparações representam, portanto, todas as etapas da Mente de Despertar, do nível de iniciante até o de Buda.

2] Classificações da Mente de Despertar segundo as terras dos Bodhisattvas

Distinguímos quatro etapas na produção da mente de Despertar: 1) o cultivo da Bodhicitta com interesse; 2) o cultivo da Bodhicitta com pensamento altruísta; 3) o cultivo da Bodhicitta em total maturação; e 4) o cultivo da Bodhicitta sem os véus. No nível da prática, a primeira é a mente do Despertar em "aspiração"; a segunda é a da primeira à sétima terra dos Bodhisattvas: ela é uma "intenção superior"; a terceira é a da oitava, nona e décima terra dos Bodhisattvas: é a que "alcançou à maturidade perfeita"; a quarta é o nível de Buddha: ela "liberou-se de todos os véus".

O *Ornamento dos Sutras* diz:

“A mente de Despertar também se divide
Em aspiração, intenção superior,
Maturidade perfeita
E liberação de todos os véus”.

3] Classificação da mente de Despertar segundo sua natureza

A mente de Despertar pode ser absoluta ou relativa, assim como lemos no *Sutra que elucidava o pensamento do Buda com convicção*:

“Há duas formas de Mente do Despertar: a Mente do Despertar absoluta e a Mente do Despertar relativa.”

O que é a Mente do Despertar absoluta? É a vacuidade que tem como coração a compaixão: luminosa, imutável e livre de toda elaboração conceitual.

O mesmo Sutra explica:

“A Mente do Despertar absoluta transcende o mundo; é livre de toda elaboração conceitual e perfeitamente luminosa; tendo como objeto a verdade absoluta, ela é imaculada, imutável, extremamente clara, tal como a chama contínua de uma lamparina em um local sem vento.”

O que é a Mente do Despertar relativa? O mesmo Sutra a descreve assim:

“A mente de Despertar relativa é o juramento que prestamos, por compaixão, de libertar todos os seres do samsara.”

A Mente do Despertar absoluta é atingida através da realização do Dharmata, enquanto a mente de Despertar relativa, segundo o *Ornamento dos sutras*, é obtida através de cerimônias rituais.

Em qual estado conhecemos a mente de Despertar absoluta? A partir da primeira terra dos Bodhisattvas, Alegria Suprema.

É o que consta no comentário do *Ornamento dos sutras*:

Considera-se que a produção da Mente de Despertar absoluta ocorre a partir da primeira terra de bodhisattva, Alegria Suprema [...].

A mente de Despertar relativa apresenta dois aspectos: a aspiração e o engajamento.

A *Marcha em direção ao Despertar* declara:

“Para ser breve, saibam
Que a mente de Despertar tem dois aspectos:
A aspiração e o engajamento”.

A diferença entre esses dois aspectos deu lugar a inúmeras interpretações divergentes. Segundo o mestre Shantideva, que pertence à linhagem transmitida pelo

sublime Manjushri ao mestre Nagarjuna, a aspiração é apenas a intenção de atingir a perfeita budeidade. Ela é comparável ao desejo de partir em viagem. O engajamento é a colocação em prática dos meios para atingir a budeidade, e assim, corresponde à própria viagem.

Lemos na *Marcha em direção ao Despertar*:

“Assim como ele conhece a diferença
Entre querer partir e partir realmente,
O sábio deverá conhecer na ordem
A diferença entre essas duas mentes de Despertar”.

Segundo o venerável Dharmakirti, que pertence à linhagem transmitida pelo sublime Maitreya ao mestre Asanga, a aspiração consiste em pensar: "Pelo bem de todos os seres, eu atingirei a perfeita budeidade". É o juramento de atingir o fruto. O engajamento (em ação) consiste em: "Eu me dedicarei às seis virtudes transcendentais que conduzem à budeidade". É a promessa de praticar as causas do Despertar. O *Condensado do Abhidharma* exprime um ponto de vista similar:

“Há dois modos de produzir a mente de Despertar, um ordinário e o outro eminentemente nobre. O modo ordinário de produzi-la consiste em pensar: "Que eu possa atingir a budeidade absolutamente perfeita no insuperável Despertar autêntico e perfeito! O modo eminentemente nobre consiste em pensar: "Que eu possa realizar totalmente as virtudes transcendentais, da generosidade ao conhecimento!”

IV O objetivo da Mente de Despertar

Esse objetivo é ao mesmo tempo o de atingir o Despertar e beneficiar todos os seres, como lemos nas *Terras dos Bodhisattvas*:

“A mente de Despertar tem, portanto, como objetivo o Despertar e os seres.”

"Ter como objetivo o Despertar" é procurar a sabedoria do Grande Veículo, como o declara o *Ornamento dos sutras* no capítulo da produção da Mente do Despertar:

“Assim, o objetivo é a busca desta sabedoria”.

"Ter como objetivo os seres" não quer dizer pensar somente em um, dois, ou alguns seres. Visto que, tão longe se estenda o espaço, encontram-se seres. Considerando-se que onde se encontram seres, há karma e emoções negativas, e visto que ali onde há karma e emoções negativas, há sofrimento, a Mente do Despertar é produzida para eliminar o sofrimento de todos esses seres.

Lemos na *Oração da boa ação*:

“Tão longe se estenda o espaço
Encontram-se seres,
Tão longe existam seres,
Há karma e emoções negativas.
Tão longe há karma e emoções negativas
Estendem-se os limites de minha oração.”

V As causas do aparecimento da Mente do Despertar

Segundo o *Sutra dos dez Dharmas*:

“Esta mente é o produto de quatro causas:
A visão dos benefícios de uma tal atitude,
A fé nos Budas,
A percepção do sofrimento dos seres
E a inspiração pura de um amigo de bem.”

As *Terras dos Bodhisattvas* relacionam a quatro outras causas:

‘Quais são estas causas? A primeira causa para o surgimento da mente de Bodhisattva é o potencial perfeito. A segunda é o fato de ser guiado por um Buda, um Bodhisattva ou um amigo de bem. A terceira é a compaixão pelos seres. A quarta é a ausência de medo frente aos sofrimentos do samsara e às provações que é preciso passar, mesmo que esses sofrimentos durem muito tempo, sejam múltiplos, intensos e ininterruptos.”

O *Ornamento dos sutras* afirma:

“A Mente do Despertar surgida de rituais adequados e a mente de Despertar absoluta provêm de duas causas diferentes.

A primeira deve seu aparecimento a um amigo, à causa primeira, às fontes de bem, ao estudo ou ao hábito do bem. Ela pode surgir de modo estável ou instável. Dizemos que se trata da mente de Despertar ensinada pelo outro.

O que entendemos por "Mente de Despertar conduzida pelo outro"? Que o aparecimento dessa Mente do Despertar deve-se às palavras e aos atos de alguém. Ela é qualificada também de "corretamente adotada e transmitida através de sinais". É a mente de Despertar relativa. "Deve seu aparecimento a um amigo": significa que ela nasce às vezes na presença de um amigo de bem. "Que ela deve seu aparecimento. a causa primeira", significa que ela se desenvolve pelo poder da família Mahayana; que ela deve seu aparecimento "às fontes de bem", que ela pode nascer graças ao desenvolvimento desse potencial; que ela deve seu aparecimento "ao estudo", que ela nasce às vezes escutando-se diferentes ensinamentos e suas explicações; e que ela deve seu aparecimento "ao hábito do bem", é que ela pode surgir, pois nesta vida estuda-se, memoriza-se e pratica-se continuamente. Ela não é estável quando aparece graças a um amigo. Ela é estável quando aparece graças à causa primeira ou estável se é devida às três outras forças.

Quais são as causas do aparecimento da mente de Despertar absoluta?

“Agradar supremamente os perfeitos Budas
E adquirir perfeitamente méritos e sabedoria
Fazem surgir a sabedoria que conhece sem conceito todas as coisas.
É por isso que esas suas causas são consideradas supremas.”

A Mente do Despertar absoluta é realizada pelo estudo dos ensinamentos transmitidos, de sua prática e de sua realização.

VI De quem se recebe o voto da Mente de Despertar

Se possível, recebemos o voto da mente de Despertar de um mestre, ou de algum outro modo, em sua ausência.

Se a viagem para encontrar um mestre não apresenta obstáculo para nossa vida ou para a pureza de nossa conduta, recebamos dele, então, o voto, mesmo que more longe.

O mestre deve possuir as seguintes características: conhecer perfeitamente o ritual de transmissão do voto; ter ele próprio recebido o voto e observá-lo sem transgredi-lo; poder mostrar o sentido das palavras e dos gestos do ritual; ocupar-se de seus discípulos com amor, sem interesse pelos bens materiais.

A *Chama da via do Despertar* declara:

“Receba o voto de um excelente mestre
Que possua os sinais autênticos.
Saiba que um excelente mestre
É cheio de compaixão,
Conhece perfeitamente o ritual do voto,
Observa ele próprio o voto que fez
E tem paciência para transmiti-lo”.

Segundo as *Terras dos Bodhisattvas*:

“Tendo gerado a aspiração dos Bodhisattvas, é preciso estar de acordo com o Dharma, ter tomado os votos, ser competente, conhecer o sentido das palavras e poder fazer com que sejam compreendidas”

Se um mestre semelhante mora perto de nós, mas para ir encontrá-lo pode-se colocar em risco a própria vida ou a pureza de nossa conduta, isso equivale a encontrar-se na ausência de um mestre. Nesse caso, diante de uma representação dos Budas, recita-se três vezes, com sinceridade, a fórmula do voto da mente de Despertar em aspiração ou em ação, e recebe-se o voto correspondente.

Pode-se ler nas *Terras dos Bodhisattvas*:

"Quando não se encontra ninguém que possua estas qualidades, o Bodhisattva declarará diante de uma representação dos Budas que ele adota inteiramente os votos da disciplina dos Bodhisattvas”.

Na ausência de mestre e se não se dispõe de uma imagem, deve-se visualizar os Budas e os Bodhisattvas como se eles se encontrassem realmente no espaço diante de si e o voto será recebido repetindo-se três vezes a fórmula da mente de Despertar em aspiração ou em ação.

O *Condensado dos preceitos* declara:

“Na ausência de um amigo de bem semelhante, imagine que os Budas e os Bodhisattvas das dez direções estão realmente presentes e faça o voto você mesmo”.

* * *

VII O ritual do voto

Para o ritual da Mente do Despertar, existem várias tradições, segundo as diferentes instruções transmitidas pelos mestres realizados. Aqui, abordaremos apenas duas:

- A) A do mestre Shantideva, transmitida pelo sublime Manjushri ao mestre Nagarjuna;
- B) A do venerado Dharmakīrti, transmitida pelo sublime Maitreya ao mestre Asanga.

* * *

A) A tradição de Shantideva

Nessa tradição, o ritual acontece em três etapas:

- 1] Preparação;**
- 2] Parte principal;**
- 3] Conclusão.**

* * *

1] Preparação

A preparação do ritual comporta seis partes: a oferenda, a confissão dos atos negativos, a alegria à evocação do bem, o pedido aos Budas de fazer com que a roda dos ensinamentos gire, a súplica para que não passem ao nirvana e a dedicatória das fontes de bem.

1) A oferenda

Dois elementos são considerados: o destinatário da oferenda e a própria oferenda. O destinatário, ou seja, as Três Jóias, podem se encontrar concretamente diante de nós ou não: nos dois casos, a oferenda que lhes fazemos tem o mesmo mérito. Portanto, levemos em consideração todos os destinatários possíveis, estejam eles fisicamente presentes ou não.

O *Ornamento dos sutras* declara:

“Para realizar as duas acumulações,
Ofereça as vestes e outros objetos
Aos Budas, com uma devoção perfeita,
Estejam eles presentes ou não.”

A própria oferenda é dupla: **1) Ordinária**
2) Insuperável.

1) A oferenda ordinária divide-se, por sua vez, em oferenda material e em oferenda da prática.

A oferenda material é a oferenda de prostrações, de louvores, de objetos materiais agradavelmente dispostos, de coisas magníficas que não pertencem a ninguém, de coisas imaginadas e de seu próprio corpo. Aprendamos essas oferendas detalhadamente.

A oferenda de prática de meditação é a meditação sobre o corpo das divindades (*deva-kaya-mahamudra*); são também as oferendas mentais nascidas da concentração dos Bodhisattvas.

2) A oferenda insuperável é dupla: com referência e sem referência. A oferenda insuperável com referência é a meditação sobre a mente de Despertar:

“O sábio que medita sobre a Mente do Despertar
Faz oferenda perfeita
Aos Budas e aos Bodhisattvas’.

A oferenda insuperável sem referência é a meditação sobre a irrealidade do eu. É a oferenda suprema, assim como lemos no *Capítulo solicitado pelo filho divino Sushthitamati*:

“Se o Bodhisattva que aspira ao Despertar
Aprende que nem o indivíduo nem o eu nem a vida existem,
E se ele atingir a paciência da clara luz,
Ele honrará melhor o Buda, o mais sublime dos homens,
Do que lhe oferecendo flores, perfumes, alimentos e bebidas.
Durante kalpas tão numerosos quanto os grãos de areia do
Ganges”.

E no *Sutra do rugido do leão*:

“Não pensar que as coisas são reais e não lhes dar existência em si é fazer oferenda aos Tathagatas. Não apreender nem rejeitar e praticar a não-dualidade é fazer oferenda aos Tathagatas. Amigos, o corpo dos Tathagatas tem como característica ser destituído de existência real, aquele que pensa que esse corpo existe realmente não realiza uma oferenda verdadeira.”

2) A confissão dos atos negativos

De modo geral, todo ato, positivo ou negativo, repousa sobre uma intenção. A mente é soberana; o corpo e a palavra são apenas seus servidores.

Lemos na *Guirlanda de jóias*:

“A mente, precedendo todas as coisas, é chamada soberana.”

Motivada pelo apego, a raiva ou uma outra emoção negativa, comete-se os cinco atos de retribuição imediata, os cinco atos negativos ou os dez atos não virtuosos, ou se rompe os votos ou os samayas. Se nós mesmos cometemos esses atos, se incitamos o outro a cometê-los ou se simplesmente agrada-nos que eles sejam cometidos, produzimos "atos negativos".

Escutar o Dharma, refletir sobre ele ou meditar sobre ele pode também se transformar em ato negativo se isso for motivado pelo apego, a raiva ou outro veneno mental.

O fruto de todos esses atos negativos é o sofrimento, como observa a *Guirlanda de jóias*:

“Os atos produzidos pelo desejo, a raiva e a ignorância
São atos negativos.
Os atos negativos produzem todos os sofrimentos
E todos os mundos inferiores.”

Do mesmo modo, na *Marcha em direção ao Despertar*:

“Os atos negativos produzem sofrimento.
Como se libertar para sempre deles?
Tal é, durante o dia ou a noite,
O único pensamento que deve me habitar.”

Portanto, é necessário confessar todos esses atos. Mas é seguro e certo que a confissão purifica? Não existe a menor dúvida. O *Grande Sutra do nirvana* afirma:

“Quem cometeu atos negativos, mas em seguida arrepende-se e se repara é comparável à água lamacenta que se purifica com a água límpida, ou ainda à lua clara surgindo das nuvens”.

E:

“Portanto, se arrependemo-nos de nossos delitos, quaisquer que sejam, e se os confessamos sem nada esconder, encontramos-nos purificados”.

Como confessar os erros? Recorrendo às quatro forças, assim como explica o *Sutra dos quatro ensinamentos*:

“O Maitreya, o grande Bodhisattva dotado das quatro forças particulares vencerá os atos negativos que cometeu e acumulou. Quais são essas quatro forças? A força do arrependimento, a força do antídoto, a força da renúncia ao mal e a força do suporte”.

1_ A força do arrependimento

A força do arrependimento consiste em experimentar um intenso sentimento de arrependimento pensando-se no mal que se cometeu, e confessando-se a uma testemunha.

Como se cultiva o arrependimento? Com ajuda destes três métodos:

Primeiramente, refletindo sobre o absurdo de nossos atos. “Estes delitos, eu os cometi às vezes para aniquilar meus inimigos, às vezes para defender meus amigos, às vezes para proteger meu corpo, às vezes para acumular bens materiais. Quando, na minha morte, eu partir para o mundo seguinte, nada disso me acompanhará. Como companhia, terei os atos negativos e os véus de meu mau karma, e eles se tornarão então meus carrascos, onde quer que eu renasça”.

O *Sutra solicitado pelo leigo Viradatta* declara:

“Nem pais, nem irmãos, nem irmãs, nem filhos, nem esposo,
Nem servidores, nem riquezas, nem amigos
Seguem-nos depois da morte.
Apenas nossos atos nos escoltam”.

E:

“Neste instante de intenso sofrimento,
Filhos e cônjuge não poderão nos oferecer refúgio.
Só eu deverei sofrer,
Pois ninguém poderia dividir meu destino.”

A *Marcha em direção ao Despertar* diz também:

“Inconsciente, deverei partir
Abandonando tudo.
Realizei, por meus amigos
E contra meus inimigos, múltiplos delitos.

Meus amigos, contudo, desaparecerão,
Meus inimigos não existirão mais,
E eu: nenhuma vantagem.
Não terei mais ninguém.”

Quando agimos mal, pode ser por quatro motivos: por causa de nossos amigos, nossos inimigos, nosso corpo ou por causa de nossos bens. Ora, nada disto nos fará companhia durante muito tempo, e sofreremos muito por pouco. Pensemos nisso e arrependamo-nos profundamente.

“Este atos certamente não têm sentido, mas também não fazem nenhum mal”, poderão gerar grandes remorsos e pequenos benefícios. Passemos, então, ao segundo método destinado a cultivar o arrependimento.

O arrependimento aviva-se quando refletimos sobre o caráter assustador de nossos atos negativos. De fato, são eles que provocam o medo antes de morrer, durante a morte e depois da morte.

Se tivermos agido mal, sofreremos, no momento de nossa morte, as dores da agonia, assim como sofrimentos insuportáveis.

“Estarei estendido sobre minha cama,
E meus próximos farão um círculo a minha volta.
Entretanto, devo sozinho sofrer
Os sofrimentos da morte.”

Quando estivermos mortos, os servidores de Yama, sinistros e cruéis, virão nos agarrar pelo pescoço, com seu laço, para levar-nos aos mundos infernais. Alguns, carregando bastões, espadas e outras armas, baterão em nossas costas e irão infringir-nos mil tormentos.

“Quando os mensageiros de Yama se apoderarem de mim,
Como poderão proteger-me meus amigos e parentes?
O mérito é então minha única proteção,
Mas não pude fazer prova de meus méritos.”

A *Carta a um discípulo* adverte-nos:

“Ao passarem por seu pescoço o laço do tempo,
Os ferozes mensageiros de Yama arrastar-lhe-ão, dando-lhe
Pancadas”.

Os mensageiros de Yama não lhe causam medo? Leia então isto:

“O condenado que se arrasta
Até o local de seu suplício entra em pânico:
A boca seca e os olhos reviram,
Seu rosto se decompõe.
Como relatar então seu terror
E sua aflição imensa
Quando os mensageiros de Yama
Com sua aterrorizante aparência o agarrarem?”

Depois da morte, os atos negativos são a causa de imensos terrores, pois precipitar-nos-ão no grande mundo dos infernos para que ali fervamos, queimemos e soframos outras torturas insuportáveis.

Citemos Nagarjuna:

“Se uma imagem dos infernos, ou uma descrição
Que ouvimos no leito, onde nela pensamos,
Aterroriza-nos, então o que devem sentir
Aqueles que experimentam o pleno efeito intolerável de seus atos?”

Considerando-se que o fruto dos atos negativos é tão aterrorizador, arrependemo-nos de ter agido mal.

Enfim, o terceiro método que permite conservar o arrependimento consiste em suscitá-lo pensando na necessidade de libertar-se o mais rápido possível dos atos negativos.

Talvez pensemos que bastará confessar nossos erros futuramente. Mas não é assim. É preciso confessá-los o mais rápido possível. Por quê? Porque a morte pode acontecer antes que se esteja purificado.

“Antes de ser purificado de meus erros,
Pode acontecer que eu morra.
Apreste-se em proteger-me, para que eu seja desses atos,
Definitivamente liberado.”

"Eu não morrerei antes de me ter purificado", você dirá, então. Mas o diabólico senhor da morte não se preocupa em saber se você foi ou não purificado dos atos negativos. Ele apodera-se da vida se a oportunidade apresentar-se. A hora da morte é, portanto, imprevisível.

“Imprevisível, o senhor da morte
Não espera que tenhamos terminado nossa tarefa,
Doente ou são, ninguém
Pode contar com esta vida efêmera”.

Não sabemos quanto tempo viveremos e corremos o risco de morrermos antes de sermos libertados dos atos negativos: devemos purificar-nos deles o mais rápido possível.

Concluindo, arrependamo-nos com a perspectiva de tão grandes perigos. Pelas três razões precedentes, devemos arrepender-nos de nossos atos, na presença de uma testemunha comum ou extraordinária, devemos reconhecê-los e confessá-los.

Diz-se que se purificar pela força do arrependimento é como obter um perdão de uma dívida de um grande credor.

Outrora, havia um homem malfeitor que se chamava “Colar de Dedos” que, ainda que tendo matado novecentas e noventa e nove pessoas, cultivou a força do arrependimento e purificou-se até atingir o estado de arhat.

“Outrora negligente, e ei-lo consciencioso;
Perfeita é sua bondade de lua sem nuvens,
Como Nanda e Angulimala,
Ajatashatru e Udayana”.

2_ A força do antídoto

Essa força consiste em opor-se ao mal, fazendo apenas o bem, o que tem como efeito colocar um fim nos atos negativos.

O *Condensado do Abhidharma* esclarece:

“Os atos antídotos são mais poderosos que os quatro comportamentos nefastos, pois mesmo se esses últimos já tenham começado a dar seu fruto, esse fruto pode ser transformado pela força do antídoto.”

Segundo o *Tesouro dos Tathagatas*, purifica-se dos atos negativos meditando-se sobre a vacuidade. O *Diamante que corta* recomenda a recitação dos salmos dos profundos sutras. O *Rei do triplo samaya* e o *Sutra solicitado por Subahu* recomendam as recitações do Veículo dos Mantras Secretos. A *Dharani das flores em cacho* aconselha fazer oferendas aos stupas do Buda, e o *Capítulo sobre as representações dos Tathagatas*, fabricar estátuas.

Considera-se igualmente que é possível purificar-se ouvindo, lendo ou copiando o Dharma, e realizando todos os outros atos positivos que desejarmos.

O *Vinaya* explica:

“Quem cometeu atos negativos,
Mas coloca um fim neles através dos atos positivos,
Brilha sobre este mundo
Como o sol e a lua emergindo das nuvens.”

Os atos negativos devem ser remediados realizando-se um número equivalente de atos positivos? Não, isso não é necessário.

O *Grande Sutra do nirvana* declara:

“Um único benefício pode anular um grande número de atos negativos.”

E:

“Assim como um pequeno diamante pode abrir a maior das montanhas, uma faísca pode incendiar florestas e campos, e uma gota de veneno pode abater um ser, um bem mínimo pode conter os graves delitos. Consagrem a isso, então, todos os seus esforços”.

O *Sutra da suprema luz de ouro* assegura:

“Alguém que, durante mil kalpas,
Cometeu horríveis delitos
Pode ficar totalmente purificado
Com uma única confissão radical.

Purificar-se pela força do antídoto pode ser considerado como se lavar e se perfumar depois de ter sido retirado de um lodaçal nauseabundo.

O jovem Udayana tinha matado sua mãe, mas, tendo se purificado pela força do antídoto, renasceu junto aos deuses e alcançou o nível de ser sublime, "entrou na corrente".

Daí o verso de Shantideva:

“Outrora negligente, ei-lo consciencioso;
Perfeita é sua bondade de lua sem nuvens,
Como Nanda e Angulimala,
Ajatashatru e Udayana.”

3_ A força da rejeição ao mal

Esta força consiste em abster-se de cometer atos negativos por temor de seu pleno efeito.

“Ó guias dos seres, perdoem-me:
Reconheço o mal que cometi,
E já que é nefasto agir assim,
Guardarei-me a partir de agora e para sempre”.

Diz-se que se purificar pela força da rejeição ao mal é como desviar o curso de uma enxurrada devastadora.

Nanda, que era o sobrinho de Buda e tinha cometido atos negativos por causa de seu desejo por uma mulher, colocou em prática a força da rejeição ao mal. Purificado, atingiu o estado de Arhat.

Lembremo-nos, uma vez ainda, das palavras de Shantideva:

“Outrora negligente, ei-lo consciencioso;
Perfeita é sua beleza de lua sem nuvens,
Como Nanda e Angulimala,
Ajatashatru e Udayana.”

4_ A força do suporte

Esta força consiste em tomar refúgio nas Três Jóias e em produzir a Mente do supremo Despertar. Sobre a purificação proporcionada pela tomada de refúgio nas Três Jóias, pode-se ler na *Expressão da realização de Varahi*:

“Aqueles que fizeram do Buda seu refúgio
Não cairão nos mundos inferiores.
Ao deixarem sua existência humana,
Renascerão em um corpo divino.”

E no *Grande Sutra do nirvana*:

“Tomando refúgio nas Três Jóias
Ganhamos a ausência de medo.”

A purificação pela mente de Despertar é descrita, da seguinte maneira, no sublime *Sutra em forma de árvore*:

“Ela evoca as profundezas da terra, pois ela faz desaparecer tudo o que é negativo, e o braseiro do fim dos tempos, pois ela consome todos os erros”.

A *Marcha em direção ao Despertar* acrescenta:

“Pessoas escrupulosas, por que não recorrer
Àquilo que pode libertar-lhes sem demora
De seus mais aterrorizantes delitos,
Assim como de um grande medo, um herói intrépido?”

Purificar-se pela força do suporte é como se agarrar a um ser poderoso quando se está em perigo, ou ainda pronunciar mantras contra um veneno.

Outrora, o rei Ajatashatru, que tinha assassinado seus pais, colocou em prática a força do suporte. Purificado de seu crime, tornou-se Bodhisattva. Repetimos mais uma vez ainda:

“Outrora negligente, ei-lo consciencioso;
Perfeita é sua beleza de lua sem nuvens,

Como Nanda e Angulimala,
Ajatashatru e Udayana.”

Se cada uma dessas forças permite a purificação dos atos negativos, o que dizer da confissão que coloca em ação todas as quatro ao mesmo tempo? Se assim confessamos, sinais de purificação aparecerão nos sonhos, como podemos ler no *Dharani de Chunda*:

“Quando sonhamos que vomitamos uma comida estragada, que bebemos leite ou que comemos coalhada, quando sonhamos com o sol ou com a lua, que atravessamos o céu, que vemos um fogo, que vencemos um búfalo ou um homem malfeitor, que vemos uma comunidade de monges e de monjas, que subimos em uma árvore de seiva leitosa, que montamos um boi, um touro, que subimos uma montanha, em um trono sustentado por leões ou um palácio, ou ainda quando sonhamos que escutamos o Dharma, isso significa que estamos nos libertando de nossos erros”.

3) A alegria da evocação do bem

Essa alegria tem como objeto o mérito passado, presente e futuro de todos os seres que fazem o bem. No passado, um número absolutamente inconcebível de Budas apareceu em todas as direções do espaço. Imagine, inicialmente, todas as fontes de bem que criaram, a partir do momento em que produziram a mente de Despertar pela primeira vez, até o momento em que atingiram a budeidade perfeita, depois de terem realizado as duas acumulações e terem se purificado dos dois véus; imagine em seguida, todas as fontes de bem que criaram quando, uma vez tornados Budas, fizeram girar a roda do Dharma, levando os seres à maturidade, passando, finalmente, para o nirvana; imagine, igualmente todas as fontes de bem desde o seu nirvana até que seu ensinamento tivesse se extinguido; considere, enfim, todas as fontes de bem dos Bodhisattvas que apareceram neste intervalo de tempo; aquelas dos nobres Budas-para-si que também vieram, aquelas dos ouvintes e as das pessoas comuns. Alegre-se com tudo isso no seu íntimo e cultive a alegria. Em seguida, cultive a mesma atitude com relação ao bem que todos esses seres realizam presentemente e realizarão no futuro.

Diz-se que:

“Eu me alegro com o Despertar dos protetores dos seres
E das terras alcançadas pelos Bodhisattvas.”

4) O pedido aos Budas para fazer a girar a roda do Dharma

Dentre os Budas que habitam os universos das dez direções, muitos são aqueles que, para que o Dharma permaneça puro e para que o mérito dos seres que pedem seja completo, ainda não ensinam. Voltemos para eles nossa mente e imploremos que coloquem em movimento a "roda do Dharma":

“De mãos juntas, eu invoco
Os Budas de todas as direções:
Os seres estão mergulhados no sofrimento e nas trevas,
Iluminem para eles a chama dos ensinamentos!”

5) A oração aos Budas para pedir-lhes que não passem para o nirvana

Dentre os Budas que habitam os universos das dez direções, há um grande número que, para mostrar a insanidade da crença na permanência e para despertar a coragem dos preguiçosos, apressam-se em passar para o nirvana. Invoquemo-los para suplicar-lhes que não passem para além do sofrimento:

“De mãos juntas, eu invoco
Os Budas que querem passar para o nirvana,
Para não abandonarem os seres em sua cegueira,
Permanecendo dentre nós por inúmeros kalpas!”

6) A dedicatória das fontes de bem

Dedique todas as fontes de bem que você produziu ao desaparecimento dos sofrimentos de todos os seres e à realização de sua felicidade:

“Que o bem acumulado pedindo, assim,
Liberte cada um dos seres de todos os seus sofrimentos”

Podem-se ainda fazer outras orações, o que conclui o ritual de preparação.

II O ritual principal

Trata-se aqui de fazer oralmente uma promessa. O *Condensado dos preceitos* relata que, quando o venerável Manjushri era o rei do Céu, ele produziu a mente de Despertar na presença do Buda Rei da Melodia do Trovão e, simultaneamente, fez o voto. É o exemplo que seguiremos.

“Até o fim do samsara sem começo,
Realizarei infinitas ações pelo bem dos seres.
Diante do protetor do mundo,
Eu me consagro ao supremo Despertar [...]”

Deve-se repetir esse verso três vezes. Ou ainda, segundo o método sucinto extraído da *Marcha em direção ao Despertar*, repete-se três vezes:

“Assim como os Sugatas do passado produziram a mente de Despertar
E progressivamente observaram os preceitos dos Bodhisattvas,
Assim, para o bem dos seres, produzirei a mente de Despertar
E aprenderei progressivamente os seus preceitos”

Se desejarmos produzir a Mente do Despertar ou fazer o voto separadamente, recitaremos a fórmula do ritual que escolhemos. Essa é a explicação do ritual principal.

III A conclusão

O ritual é concluído com uma oferenda de agradecimento às Três Jóias e cultivando-se uma imensa alegria com o pensamento do grande objetivo que acabou de ser definido:

“Tendo assim adotado
A mente de Despertar com entusiasmo,
O sábio a exalta nestes termos
Para que ela se desenvolva [...]”

Aqui se conclui a explicação das três partes do ritual segundo a tradição de Shantideva.

B) A tradição de Dharmakirti

Transmitida pelo sublime Maitreya ao mestre Asanga

Nessa tradição, o ritual desenvolve-se em duas partes:

- I O voto da mente do Despertar em aspiração;**
- II O voto da mente do Despertar em ação.**

* * *

I O voto da mente do Despertar em aspiração

- Ele comporta: 1] **preparação;**
2] **parte principal;**
3] **conclusão.**

1] Preparação

A preparação compreende o pedido do voto, a acumulação de méritos e de sabedoria, e a tomada de refúgio extraordinária.

1) Pedido de voto

O discípulo que quer produzir a mente do Despertar procura um amigo de bem qualificado e prosterna-se diante dele. A partir das instruções do amigo de bem, ele cultiva a fadiga com relação ao samsara, a compaixão pelos outros seres, a vontade de tornar-se Buda, a fé nas Três Jóias e o respeito pelo seu mestre espiritual.

Depois, ele repete três vezes em seguida: "Mestre, pense em mim! Assim como os Tathagatas, os Arhats e Bhagavans, Budas totalmente perfeitos do passado e os Bodhisattvas das terras sublimes começaram por produzir a mente em direção ao insuperável Despertar perfeito, assim, ó mestre, eu lhe peço suscitar em mim a mente voltada ao insuperável Despertar perfeito."

2) A acumulação de méritos e de sabedoria

O discípulo começa por prosternar-se diante da jóia que é seu mestre espiritual. Em seguida, ele lhe faz uma oferenda concreta acompanhada da oferenda mental de tudo o que lhe é possível.

Considera-se que é por meio da acumulação de méritos que se recebe a mente de Despertar sob seus dois aspectos, quando se recebe os votos de noviço de um abade ou de um preceptor, e a ordenação completa da sangha. Não convém, quando se é rico, fazer uma oferenda material pequena; é preciso ser generoso, assim como o eram os ricos Bodhisattvas de antigamente, como aquele que chegou a fazer a oferenda de dez mil templos antes de produzir a mente do Despertar.

O que é mencionado no *Sutra do Bom Kalpa*:

"Quando ele era rei de Jambudvipa, o *sugata* Célebre Generosidade
Produziu pela primeira vez a mente do Despertar
Oferecendo dez mil templos
Ao Tathagata Essência da Lua."

No caso contrário, quando se é pobre, é possível oferecer muito pouco, como os Bodhisattvas pobres de outrora que produziram a Mente do Despertar fazendo apenas uma oferenda mínima. Um deles apresentou uma lamparina que consistia de um simples talo de palha aceso.

No mesmo sutra, podemos ler:

“Quando ele vivia em um vilarejo, o *sugata* Radiante
Produziu pela primeira vez a mente do Despertar
Oferecendo ao Tathagata Luz Infinita
Uma lamparina constituída de um talo de palha aceso”.

Se não se possui nada, não é preciso desesperar-se. Basta prosternar-se três vezes, como aqueles bodhisattvas de outrora que, privados de tudo, produziram a mente do Despertar juntando três vezes as mãos:

“O Tathagata Guirlanda de Virtudes
Produziu pela primeira vez a mente do Despertar
Repetindo três vezes seguidas, com as mãos juntas: 'Homenagem ao
Buda!'
Diante do Tathagata Altivo Andar.”

3) A tomada de refúgio extraordinária

Procederemos de acordo com o que foi explicado mais acima.

2] O ritual principal

O mestre instrui o discípulo da seguinte maneira: “De um modo geral, tão longe se estenda o espaço, existem seres. Em todos os lugares onde há seres, há emoções negativas. Ali onde há emoções negativas, há karma ruim. E ali onde há karma ruim, há sofrimento. Todos esses seres que sofrem são nossos pais de outrora, e todos os pais são pessoas benevolentes. Nossos pais benevolentes, portanto, pereceram no imenso samsara onde, sem refúgio nem protetor, são torturados por desmedidos sofrimentos. Que angústia! Que miséria! Se pudessem encontrar a felicidade! Se pudessem parar de sofrer! Esse pensamento trará por um instante um sentimento de amor e compaixão!”.

"Em seguida diga: 'Eu sou incapaz de ajudá-los neste momento. E, para tornar-me capaz, atingirei a perfeita budeidade, que é o fim de todos os erros, a plenitude de todas as qualidades e o poder de socorrer todos os seres. Tal é meu objetivo.' Esse pensamento criará raízes em você."

O discípulo repete, então, três vezes depois do mestre: "Vocês todos, Budas e Bodhisattvas das dez direções do espaço, voltem suas mentes para mim! Mestre, pense também em mim. Eu, nesta vida e nas outras, produzi, encorajei os outros a produzirem e me alegrei ao vê-los produzir as fontes de bem, praticando a generosidade, a disciplina ou a meditação. Que isso permita seguir os passos dos Tathagatas, Arhats, Bhagavans, Budas totalmente despertados do passado e dos grandes Bodhisattvas das terras superiores, tendo todos começado a produzir a mente do insuperável Despertar perfeito, a fim de transportar para outra vida os seres que não atingiram, a fim de liberar aqueles que não foram liberados, exortar aqueles que não foram exortados, e a fim de que aqueles que não atingiram totalmente o nirvana o atinjam totalmente."

Na terceira repetição dessa oração, o voto é feito.

"Os seres que não atingiram a outra margem" são aqueles que pertencem aos mundos dos infernos, dos *pretas* e dos animais, pois eles ainda não atravessaram o oceano de sofrimentos dos mundos inferiores. "Transportá-los", é estabelecê-los na via dos mundos superiores, liberá-los dos sofrimentos dos mundos inferiores e elevá-los ao nível dos homens e dos deuses.

"Aqueles que são liberados" designam os deuses e os homens, pois suas emoções negativas os mantêm ainda acorrentados. "Liberá-los", é levá-los à via do bem último, onde poderão liberar-se do entrave das emoções negativas e atingir a liberação.

"Aqueles que não foram exortados" são os ouvintes e os Budas-para-si, pois ainda não foram encorajados a seguir o Grande Veículo. "Exortá-los", é convidá-los a produzir a mente do Despertar supremo, a praticar a visão e a ação do Grande Veículo e atingir a décima terra dos Bodhisattvas.

"Aqueles que não atingiram totalmente o nirvana" são os Bodhisattvas, pois eles não chegaram ainda ao nirvana sem duração. O "atingir" exprime o desejo de que após terem sido conduzidos pelas terras e vias, eles atinjam o nirvana completo, ou seja, que se tornem Budas.

"A fim de" exprime a finalidade: é para realizar tudo o que precede que se faz o voto de tornar-se Buda.

3] Conclusão

A conclusão consiste em alegrar-se profundamente em ter realizado uma nobre ação, assim como em enunciar os preceitos.

Aqueles que produziram a Mente do Despertar trazem o nome de "Bodhisattvas", seres que aspiram ao Despertar para bem dos outros, que querem liberar os outros após terem atingido o Despertar, que têm como objetivos, portanto, o Despertar e os seres e que, para se consagrar a esses objetivos, dão prova de uma intrepidez e de uma coragem fora do comum.

II O voto da mente do Despertar em ação

O ritual comporta, aqui também, três partes:

- 1] A preparação;**
- 2] O voto propriamente dito;**
- 3] A conclusão.**

* * *

1] A preparação

A preparação acontece em dez etapas: o pedido, as questões sobre os obstáculos gerais, o enunciado das quedas leves e sérias, o enunciado das conseqüências e da deterioração do voto e dos benefícios que resultam do recebimento do voto, o acúmulo de méritos e de sabedoria, as questões sobre os obstáculos particulares, a exortação, a concepção de uma intenção particular e um breve enunciado dos preceitos.

2] O voto propriamente dito

Quando o discípulo tiver cultivado a aspiração ao voto, o mestre pede três vezes seguidas: "Nobre discípulo, você que se chama : *"fulano"* deseja receber de mim, o Bodhisattva: *"sicrano"*, os preceitos e a disciplina de todos os Bodhisattvas do passado, do presente e do futuro, que habitam os mundos das dez direções do espaço? Deseja receber os preceitos que os Bodhisattvas do passado aprenderam, que os Bodhisattvas aprenderão e que os Bodhisattvas do presente, que se encontram nos mundos das dez direções, aprendem? Deseja receber toda a disciplina dos Bodhisattvas: evitar cometer o mal, praticar o bem e ajudar ao próximo?"

Por três vezes o discípulo responde: "Sim, eu o desejo!"

3] A conclusão

A conclusão comporta seis partes: 1) O discípulo pede ao mestre para dirigir seu pensamento para ele; 2) O mestre descreve os benefícios de aceder à visão da sabedoria; 3) Ele pede ao discípulo para não falar dos votos levemente; 4) Explique brevemente a significação desses votos; 5) O discípulo faz uma oferenda de agradecimento; e, enfim, 6) O mestre e o discípulo procedem conjuntamente à dedicatória dos méritos.

Aqui se conclui a explicação do voto da mente do Despertar em ação segundo a tradição de Dharmakirti.

VIII Os benefícios de ter produzido a Mente do Despertar

A produção da mente do despertar traz:

- 1] Benefícios que podem ser enumerados;**
- 2] Os benefícios que não podem ser enumerados.**

* * *

1] Os benefícios que podem ser enumerados

Dentre os benefícios que podem ser enumerados, distinguem-se:

- 1) Os benefícios da mente do Despertar em aspiração;**
- 2) Os benefícios da mente do Despertar em ação.**

1) Os benefícios da Mente do Despertar em aspiração

Há oito benefícios:

1) O acesso ao Grande Veículo

Enquanto a mente do Despertar supremo não tiver sido produzida, mesmo adotando-se o comportamento mais perfeito possível, não será possível alcançar o Grande Veículo. E sem alcançar o Grande Veículo, não se pode atingir a budeidade.

As *Terras dos bodhisattvas* dizem:

"A partir do momento em que se produz esta mente, alcançamos o Grande Veículo do Despertar insuperável."

2) A conquista da base de todos os preceitos dos Bodhisattvas

Sem a "mente do Despertar em aspiração", que é o desejo de atingir a budeidade, é inútil adotar e observar os preceitos dos Bodhisattvas, o triplo treinamento. Entretanto, aquele que atingir a budeidade pode adotar e observar os três treinamentos, pois essa aspiração forma a base dos preceitos.

As Terras dos bodhisattvas dizem ainda:

"A produção da Mente do Despertar constitui a base de todos os preceitos dos Bodhisattvas".

3) A erradicação dos atos negativos

O antídoto do mal é o bem. Ora, a mente de Despertar é o bem supremo. Quando esse antídoto se manifesta em nós, todos os aspectos nefastos desaparecem naturalmente.

"Este, como o braseiro do fim dos tempos,
Consome sem luta todos os grandes prejuízos em um instante."

4) O enraizamento do Despertar insuperável

Se, assim como a terra, o *continuum* psíquico de um ser é irrigado pelo amor e a compaixão, e se a mente de Despertar ali se enraíza, os trinta e sete auxiliares do Despertar ali se desenvolvem como ramos, o fruto da budeidade perfeita atinge sua maturidade e os mundos recebem sua felicidade e benefícios. Eis porque produzir a mente do Despertar é enraizar a budeidade no fundo de si. *As Terras dos bodhisattvas* dizem ainda:

"Produzir a mente de Despertar é dar raízes ao Despertar perfeito."

5) A aquisição de insondáveis méritos

Lemos no *Sutra solicitado pelo laico Viradatta*:

"Se os méritos da mente do Despertar
Tivessem uma forma
O espaço inteiro não bastaria
Para contê-los".

6) A oferenda que mais alegra os Budas

O *Sutra solicitado pelo laico Viradatta* diz ainda:

"Aquele que, juntando as mãos,
Presta mentalmente homenagem à mente de Despertar,
Faz uma oferenda infinita,
Bem superior àquela que faria
Enchendo de jóias
Campos de buddha numa quantidade comparável
Aos grãos de areia do Ganges
Para oferecê-los aos sugatas."

7) A utilidade para todos os seres

O *Sutra em forma de árvore* diz:

"Assim como a terra é útil a todos os seres que povoam o mundo."

8) A pronta realização da budeidade perfeita

Como lemos nas *Terras dos bodhisattvas*:

"Quem produziu a mente de Despertar escapará dos dois extremos
E atingirá rapidamente a perfeita budeidade".

2) Os benefícios da Mente do Despertar em ação

Esses benefícios são dez, pois, além de experimentar os oito precedentes, o Bodhisattva realiza continuamente seu próprio bem e realiza o bem alheio de várias maneiras.

Uma vez que se tenha produzido a Mente do Despertar em ação, não se deixa, contrariamente ao que acontecia antes, de criar uma potente onda de méritos, mesmo quando se dorme ou quando se desmaia, e mesmo quando se age distraidamente, como lemos na *Marcha em direção ao Despertar*:

“No dia em que este pensamento for verdadeiramente nosso,
Mesmo quando se dorme ou se está desatento,
A onda de méritos cresce sem parar
Até tornar-se tão vasta quanto o céu”.

O Bodhisattva é também útil aos outros de várias maneiras, apaziguando seus sofrimentos, trazendo-lhes felicidade e colocando um fim em suas emoções negativas. Nesse sentido, citemos a *Marcha em direção ao Despertar*:

“Encher de felicidade os infelizes que sofrem mil tormentos,
Libertá-los de seus sofrimentos e de sua ignorância:
Onde encontrar tais virtudes?
Onde encontrar um amigo semelhante?
Onde encontrar um tal mérito?”

2] Os benefícios que não podem ser enumerados

Esses benefícios designam as qualidades que se manifestam, incontáveis, até a realização da budeidade.

IX As dificuldades ligadas ao abandono da Mente do Despertar

Essas dificuldades são três:

- 1] Renascer nos mundos inferiores;
- 2] Não fazer mais o bem aos outros;
- 3] Adiar longamente seu acesso às terras dos Bodhisattvas.

1] Renascer nos mundos inferiores

Não manter a promessa e abandonar a Mente do Despertar é trair os seres, e isso tem como pleno efeito o renascimento nos mundos inferiores.

A *Marcha em direção ao Despertar* diz:

“Se, após ter feito esta promessa,
Eu não a cumprir,
Eu estarei enganando todos os seres.
Qual será meu próximo nascimento?”

2] Não fazer mais o bem aos outros

“Se um tal (abandono) acontecer,
Não poderemos mais realizar o bem a todos os seres.”

3] Adiar longamente seu acesso às terras dos Bodhisattvas

“Assim vagando pelo samsara,
Seja pela força de suas faltas,
Seja pela força da mente de Despertar,
Será preciso muito tempo para se alcançar as terras sublimes.”

X As causas da perda da Mente do Despertar

Distinguiremos:

- 1] As causas da perda a mente do Despertar em aspiração;**
- 2] As causas da perda da mente do Despertar em ação.**

* * *

1] Perde-se a mente do Despertar em aspiração se abandonamos completamente os seres, se dedicamo-nos aos quatro comportamentos nefastos, ou se adotamos uma atitude incompatível com a Mente do Despertar.

2] No que concerne à mente do Despertar em ação, as *Terras dos Bodhisattvas* afirmam que a perdemos quando adotamos um dos quatro comportamentos nefastos que equivalem a "defeitos", envolvendo todo nosso ser nisso. Se cometermos esses atos implicando-nos em parte ou muito pouco, o voto da mente do Despertar acha-se somente deteriorado.

Nos *Vinte Votos* afirma-se que quando se perde a mente do Despertar em aspiração, perde-se também a mente de Despertar em ação.

Segundo o *Condensado das clarificações perfeitas*, quatro causas levam ao abandono do voto dos Bodhisattvas: os dois precedentes, além do fato de romper os votos ou de nutrir visões falsas.

Mestre Shantideva declara, por sua vez, que adotar uma atitude contrária ao voto da mente do Despertar equivale a renunciá-la.

XI Restauração do voto da mente do Despertar quando a perdemos

Quando não cumprimos com o voto da mente de Despertar em aspiração, podemos recuperá-la, restaurando-o. Quando o voto da mente do Despertar em ação foi perdido ao renunciarmos a mente do Despertar votiva, ele é automaticamente restabelecido quando esta última for restaurada. Se quebrarmos o voto por outras razões, é necessário refazê-lo. Se cometermos atos que equivalem a "defeitos" e se estivermos implicados em parte ou muito pouco, basta confessá-los.

Lemos nos *Vinte Votos*:

“Refaça o voto. Para uma infração média,
Confesse-se às Três Jóias,
E para as outras infrações, confesse-se a uma pessoa.
Tudo depende da presença ou não de emoções negativas em sua mente”.

XII Os preceitos da Mente do Despertar

Quando produzimos a mente do Despertar, devemos observar duas séries de preceitos:

- 1] Os preceitos da mente do Despertar em aspiração;
- 2] Os preceitos da mente do Despertar em ação.

* * *

Capítulo 10

1] Os preceitos da Mente do Despertar em aspiração

Eles são cinco:

- 1) Não abandonar os seres
- 2) Lembrar-se dos benefícios da mente do Despertar
- 3) Praticar as duas acumulações
- 4) Dedicar-se continuamente à mente do Despertar
- 5) Rejeitar os quatro comportamentos nefastos e adotar os quatro comportamentos favoráveis.

O primeiro preceito é o meio de não perder a mente do Despertar; o segundo permite-lhe não se degradar; o terceiro é o meio de reforçá-la; o quarto, de aumentá-la; e o quinto, não esquecê-la.

1) Não abandonar os seres para não perder a mente do Despertar

Lemos no *Sutra solicitado pelo rei dos nagas Anavatapta*:

"Há uma qualidade que pode proporcionar a um Bodhisattva as qualidades do Buda, o qual é provido de todas as qualidades. Qual é ela? Nunca abandonar os seres."

"Abandonar os seres", é rejeitar aqueles que nos fizeram mal, não sentir nenhuma simpatia por eles e pensar: "A partir de agora, mesmo se eu tiver a oportunidade, nunca os ajudarei, nem lhes prestarei socorro".

Podemos perguntar se "abandonar os seres" significa abandonar todos os seres ou abandonar apenas um. Não existe ninguém que abandone o conjunto dos seres: os ouvintes e os Budas-para-si não o fazem, assim como os lobos e os gaviões. Conseqüentemente, o abandono de um único ser basta para perdermos a mente de Despertar, a menos que possamos remediar esse fato com o uso do antídoto.

Aquele ou aquela que, mesmo respeitando os outros preceitos, abandona os seres, pretendendo-se um Bodhisattva, age de modo totalmente inepto, como um pai ou uma mãe que acumulariam bens para seu único filho depois de tê-lo assassinado.

Do mesmo modo, não perderemos a Mente do Despertar por causa dos seres que nos fazem bem. Por outro lado, com aqueles que nos prejudicam, esse risco existe. É por isso que devemos trabalhar pela felicidade destes últimos com uma compaixão particular. Assim agem os seres sublimes.

"Se por bem te fazem mal,
Retribua com toda a compaixão.
Os seres sublimes desta terra
Devolvem com bem o mal."

2) Lembrar-se dos benefícios da mente do Despertar, para que ela não se degrade

Lemos na *Chama da via do Despertar*:

“Todos os benefícios que decorrem da aspiração ao Despertar foram perfeitamente expostos por Maitreya”

No *Sutra em forma de árvore*:

Esse sutra explica que os benefícios desta disposição de mente são duzentos e trinta, mas que podem resumir-se a quatro benefícios cujo primeiro é a realização de seu próprio bem:

“Nobre discípulo, a Mente do Despertar é semelhante à semente de onde surgem todas as qualidades dos Budas, e a Vaisharavana que dissipa toda pobreza.”

O segundo desses benefícios é a realização do bem do outro:

“Assim como uma grande construção, ele oferece proteção a todos os seres; comparável à terra, ele abriga a todos”.

O terceiro benefício é o desaparecimento de tudo o que é nefasto:

“Tal como uma lança, ele trespassa os venenos inimigos da mente; como um machado, abate a árvore do sofrimento.”

O quarto benefício é a realização de tudo o que é favorável:

“Como a jarra maravilhosa, ele atende todos os desejos; como a jóia mágica, realiza todas as aspirações.”

Com a lembrança de todos esses benefícios, o Bodhisattva reconhece a importância da Mente do Despertar e a considera como aquilo que existe de mais precioso; ele a coloca, então, em prática e a preserva sem permitir que se degrade. É preciso continuamente guardar na mente esses benefícios e lembrar-se deles.

3) Praticar as duas acumulações, método que permite reforçar a Mente do Despertar

A *Chama da via do Despertar* declara:

“A acumulação de méritos e de sabedoria é a causa da perfeição.”

A acumulação de méritos é efetuada com a ajuda das dez atividades virtuosas, dos quatro meios hábeis, etc. A acumulação de sabedoria consiste no reconhecimento de que todas essas práticas não têm nenhuma realidade em si, e correspondem ao conhecimento.

Essas duas acumulações que reforçam a Mente do Despertar devem ser praticadas sem interrupção, no mínimo uma vez a cada quatro horas, pois é possível acumular méritos e sabedoria, recitando-se apenas um breve mantra.

O *Discurso sobre as acumulações*:

“O Bodhisattva pensa sempre assim:

Hoje, farei tudo o que puder

Para acumular méritos e sabedoria e socorrer os seres.”

4) Treinar continuamente à Mente do Despertar para aumentá-la

A *Chama da via do Despertar*:

“Após ter concebido a aspiração ao Despertar, faça todos os esforços para desenvolvê-la”.

Saiba que há três tipos de treinamento espiritual que permitem aumentar a Mente do Despertar:

- 1_ O treinamento dos pensamentos que levam ao Despertar;
- 2_ O treinamento da própria Mente do Despertar;
- 3_ O treinamento da conduta do Despertar.

1) O primeiro treinamento consiste em cultivar sem interrupção pensamentos de amor e de compaixão pelos seres, no mínimo uma vez a cada quatro horas.

2) O treinamento da própria Mente de Despertar consiste em, três vezes por dia e três vezes por noite, pensar na mente de Despertar ou efetuar o ritual detalhado com o desejo de atingir a budeidade pelo bem de todos os seres. Ele pode ser reduzido, pelo menos, à declamação, uma vez a cada sessão, das seguintes palavras: "No Buda, no Dharma e na sublime Assembléia, tomo refúgio até o Despertar. Pela prática da generosidade e das outras virtudes transcendentais, que eu possa tornar-me Buda pelo bem dos seres."

3) O treinamento da conduta do despertar é duplo:

- a) O treinamento da mente orientada para o bem do outro;
- b) O treinamento destinado à purificação de seu próprio *continuum* psíquico.

a) Dedicar-se a fazer o bem do outro é cultivar o desejo de consagrar seu corpo, suas riquezas e todos os méritos passados, presentes e futuros à felicidade dos outros.

b) Dedicar-se a purificar seu *continuum* psíquico é verificar constantemente o respeito à disciplina, evitando as emoções e os atos negativos.

5) Rejeitar os quatro comportamentos nefastos e adotar os quatro comportamentos favoráveis para não esquecer a Mente do Despertar

A Chama da via do Despertar:

"Para lembrar-se nesta vida e nas outras,
Respeite os preceitos de acordo como são ensinados."

Esses preceitos aparecem no *Sutra solicitado por Kashyapa*, onde os quatro comportamentos nefastos são descritos assim:

"Ó Kashyapa, há quatro maneiras de agir que fazem com que o Bodhisattva esqueça a mente de Despertar. Quais são elas? [...]."

Elas consistem em 1) ludibriar os mestres espirituais e os seres dignos de veneração; 2) lamentar os atos quando não há ocasião para lamentá-los, 3) dirigir com cólera palavras desagradáveis a um Bodhisattva ou um ser que produziu a Mente do Despertar; e 4) enganar os outros.

Quanto aos quatro comportamentos favoráveis, eles são igualmente descritos no *Sutra solicitado por Kashyapa*:

"Se o Bodhisattva adota quatro outros modos de conduzir-se,
Ó Kashyapa, a mente de Despertar irá manifestar-se nele em todas
Suas vias desde o seu nascimento,
e até que tenha atingido o coração do
Despertar não se esquecerá nunca.
Quais são esses quatro modos de conduzir-se? [...]."

Resumidamente, esses quatro comportamentos consistem em: 1) nunca mentir conscientemente, mesmo quando há risco de vida; 2) levar todos os seres ao bem, o que para nós quer dizer ao Grande Veículo; 3) reconhecer nos Bodhisattvas, estes seres que produziram a Mente do Despertar, nosso instrutor o Buda; e 4) louvar em todos os lugares as suas qualidades; e enfim, cultivar sem hipocrisia pensamentos elevados com relação a todos os seres.

Vejamos todos esses pontos detalhadamente.

1) O primeiro comportamento nefasto consiste em enganar, por meio de mentiras e com uma intenção dissimulada, os seres dignos de veneração como seu mestre espiritual, seu abade ou seu preceptor. Independentemente de eles terem consciência disso ou não, estarem descontentes ou não, a mentira ser grande ou pequena, conseguir-se enganá-los ou não, se esta atitude não for remediada a tempo, perde-se a mente do Despertar.

Existe um remédio para esse modo de agir: o primeiro dos quatro comportamentos favoráveis, o qual consiste em nunca mentir conscientemente, mesmo correndo risco de vida.

2) O segundo comportamento nefasto consiste em impulsionar qualquer um que age positivamente a lamentar seus atos. Tendo-se sucesso ou não nessa tentativa, se essa atitude não for remediada em quatro horas, perde-se a mente do Despertar.

Para remediá-la, adota-se o segundo comportamento favorável, esforçando-se para levar todos os seres ao bem, isto é, nesse caso, ao Grande Veículo.

3) O terceiro comportamento nefasto consiste em criticar com raiva um ser que produziu a mente do Despertar. Independentemente de se estar criticando defeitos comuns ou ligados ao Dharma, sendo essa crítica aberta ou não, pesada ou leve, sendo expressa por palavras violentas ou doces, tendo a pessoa criticada ouvido ou não, estando ela descontente ou não, se essa atitude não for remediada em quatro horas, perde-se a mente do Despertar.

Nesse caso, o remédio é o terceiro comportamento favorável: esforçar-se em considerar os Bodhisattvas, isto é, as pessoas que produziram a mente de Despertar, como Budas, e proclamar suas qualidades em toda parte.

4) O quarto comportamento nefasto consiste em enganar voluntariamente um ser, independentemente de quem seja. Tendo ele consciência disso ou não, sofrendo ou não, se essa atitude não for remediada em quatro horas, perde-se a mente de Despertar.

O remédio, então, é o quarto comportamento favorável: manter com relação aos seres um pensamento nobre, ou seja, desejar ser útil de modo desinteressado.

Capítulo 11

2] Os preceitos da mente do Despertar em ação: os três treinamentos

Os preceitos da Mente do Despertar em ação relacionam-se a três treinamentos:

- 1) O treinamento da disciplina superior;
- 2) O treinamento da mente superior;
- 3) O treinamento do conhecimento superior.

Lemos na *Chama da via do Despertar*:

“Quem observa o voto da mente do Despertar em ação
Estudará com cuidado os três preceitos da disciplina
E os considerará com o maior respeito.”

1) O treinamento da disciplina superior consiste na generosidade, na disciplina, propriamente falando, e na paciência.

2) O treinamento da mente superior designa a concentração.

3) O treinamento da consciência superior é o próprio conhecimento. Quanto à coragem, ela acompanha os três treinamentos.

O *Ornamento dos sutras* precisa:

“O Vencedor ensinou perfeitamente
As seis virtudes transcendentais
Em função dos três treinamentos:
As três primeiras formam o primeiro,
As duas últimas referem-se aos outros dois
E a última pertence aos três.”

O estudo dos três treinamentos comporta, portanto, seis temas:

- A generosidade
- A disciplina
- A paciência
- A coragem
- A concentração
- O conhecimento

Lemos no *Sutra solicitado por Subahu*:

“Para que um grande Bodhisattva atinja rapidamente o Despertar perfeito, ó Subahu, ele deve sempre e sem cessar praticar as seis virtudes transcendentais. Ou seja: a generosidade, a disciplina, a paciência, a coragem, a concentração e o conhecimento transcendentais”.

Começaremos por uma apresentação sucinta das seis virtudes transcendentais, depois explicaremos cada uma em detalhe.

* * *

1] Apresentação sucinta das seis virtudes transcendentais

Estudaremos brevemente as virtudes transcendentais sob seis aspectos:

- 1) Classificação das virtudes transcendentais
- 2) A ordem das virtudes transcendentais
- 3) Características das virtudes transcendentais
- 4) A origem de seus nomes
- 5) Suas subdivisões
- 6) Sua classificação em dois grupos

* * *

1) Classificação das virtudes transcendentais

As seis virtudes transcendentais se dividem em dois grupos.

1) O primeiro compreende as três virtudes que levam aos renascimentos superiores: a generosidade para a riqueza, a disciplina para o corpo e a paciência para os próximos.

2) O segundo compreende as três virtudes que levam ao bem último: a coragem para desenvolver as qualidades, a concentração para apaziguar a mente e o conhecimento para atingir a visão profunda.

Lemos no *Ornamento dos sutras*:

“Mundos superiores: riquezas e corpos perfeitos,
E perfeitas relações”.

2) A ordem das virtudes transcendentais

Trata-se da ordem na qual as virtudes transcendentais desenvolvem-se no nosso *continuum* psíquico.

A generosidade permite não mais se preocupar com os bens materiais e praticar corretamente a disciplina.

A disciplina conduz à paciência.

A paciência torna-nos aptos à coragem.

A coragem permite atingir a concentração.

E se permanecermos em equilíbrio meditativo na concentração, poderemos conhecer, tal e qual, a natureza autêntica das coisas.

Essa ordem segue igualmente uma progressão ascendente: as virtudes menos elevadas são ensinadas primeiramente, as mais elevadas em seguida.

Indica, igualmente, uma gradação que vai da mais elementar à mais sutil: a mais elementar e mais fácil de ser praticada é ensinada primeiramente, a mais sutil e a mais difícil, em seguida.

O *Ornamento dos sutras* diz:

“Cada uma apóia-se na precedente,
Elas são mais ou menos elevadas, mais ou menos sutis,
E se sucedem em uma ordem precisa.”

3) Características das virtudes transcendentas

A generosidade e as outras virtudes transcendentas dos Bodhisattvas são dotadas de quatro características: rejeitam o que é desfavorável ao Despertar, suscitam a sabedoria livre de conceitos, atendem todos os desejos e levam os seres à maturidade de três modos.

O *Ornamento dos sutras* declara:

“A generosidade rejeita as condições adversas,
Suscita a sabedoria sem conceitos,
Atende perfeitamente todos os desejos
E faz os seres amadurecerem de três modos”.

4) A origem de seus nomes

A generosidade tem esse nome porque ela libera da pobreza; a disciplina é o que traz o frescor; a paciência, o que permite suportar a cólera; a coragem, o que liga à verdade suprema; a concentração, o que fixa a mente no interior; o conhecimento, o que permite conhecer a realidade absoluta. Essas virtudes são chamadas "transcendentas" pelo fato de conduzirem para além do samsara, para além do sofrimento.

O *Ornamento dos sutras* prossegue:

“Elas são também nomeadas porque liberam da pobreza,
Trazem o frescor, fazem suportar a cólera,
Ligam à verdade suprema, fixam a mente
E fazem conhecer a realidade absoluta.”

5) Suas subdivisões

Cada virtude transcendente pode se subdividir em seis: a generosidade em generosidade da generosidade, em disciplina da generosidade, etc., o que resulta em trinta e seis subdivisões.

O *Ornamento da realização perfeita*:

“Incluindo a generosidade e as cinco outras
Em cada uma das seis virtudes transcendentas,
A prática, formando uma espécie de armadura,
É apresentada em seis grupos de seis.”

6) Sua classificação em dois grupos

Podemos relacionar as virtudes transcendentas às duas acumulações. A generosidade e a disciplina à acumulação de mérito. Conhecimento à acumulação de sabedoria. Paciência, perseverança e meditação em ambas acumulações.

O *Ornamento dos sutras*:

“A generosidade e a disciplina
Fazem parte da acumulação de méritos,
O conhecimento, da acumulação de sabedoria,
E as três outras, das duas juntas.”

* * *

Patrul Rinpoche
As Palavras de meu Perfeito Mestre
A produção da mente do Despertar, raiz do Grande Veículo

I O aprendizado das quatro imensuráveis

- 1] A equanimidade
- 2] O amor
- 3] A compaixão
- 4] A alegria

II A produção da mente do Despertar propriamente dita

- 1] Classificação segundo as três formas de coragem
 - 1) A coragem do rei
 - 2) A coragem do barqueiro
 - 3) A coragem do pastor
- 2] Classificação segundo os níveis de Bodhisattvas
- 3] Classificação da mente do Despertar segundo sua natureza
 - 1) A mente do Despertar relativa
 - 1) A intenção
 - 2) O engajamento
 - 2) A mente do Despertar absoluta

III Os preceitos da mente do Despertar

- 1] Os preceitos concernentes à aspiração ao Despertar
 - 1) Considerar o outro como si mesmo
 - 2) Colocar-se no lugar do outro
 - 3) Prezar o outro mais que a si mesmo
- 2] Os preceitos concernentes à Mente do Despertar engajada
 - 1) A generosidade transcendente
 - 1) A generosidade material
 - a) A doação simples
 - b) A grande doação
 - c) A imensa doação
 - 2) A generosidade espiritual
 - 3) A proteção contra o medo
 - 2) A disciplina transcendente
 - 1) Evitar as más ações
 - 2) Praticar o bem
 - 3) Fazer o bem aos seres
 - 3) A paciência transcendente
 - 1) Suportar a ingratidão
 - 2) Suportar as provas
 - 3) Não ter medo do sentido profundo
 - 4) A coragem transcendente
 - 1) A coragem armadura
 - 2) A coragem em ação
 - 3) A coragem insaciável
 - 5) A concentração transcendente
 - A) *Preliminares*
 - 1) Abandonar as distrações
 - 2) Habitar em um local solitário
 - B) *A concentração propriamente dita*
 - 1) A concentração pueril
 - 2) A concentração claramente discernente
 - 3) A concentração excelente dos tathâgatas
 - 6) O conhecimento transcendente
 - 1) Adquirida pelo estudo
 - 2) Adquirida pela reflexão
 - 3) Adquirida pela meditação

_Prática conjunta das virtudes _Resumir o sentido

Patrul Rinpoche
As Palavras de meu Perfeito Mestre

A produção da mente do Despertar, raiz do Grande Veículo

"Por vosso grande Conhecimento, vós atingistes o nirvana.
Por vossa grande compaixão, vós assumistes o samsara.
Hábil em meios, vós realizastes a identidade de ambos.
Ó Mestre sem igual, a vossos pés me inclino!"

Este capítulo compreende três partes:

- I A aprendizagem dos quatro imensuráveis;**
- II A produção da mente orientada para o Despertar supremo;**
- III Os preceitos da mente do Despertar.**

* * *

I A aprendizagem dos quatro imensuráveis

Os quatro imensuráveis são:

- 1] Amor;**
- 2] Compaixão;**
- 3] Alegria;**
- 4] Equanimidade.**

Em geral o amor vem em primeiro, mas neste treinamento prático onde há o procedimento por etapas, começaremos pela equanimidade. Se não a tomarmos como ponto de partida, não chegaremos a um resultado perfeito, e o amor, a compaixão e a alegria cairiam na parcialidade.

* * *

1] A equanimidade

Equanimidade (*tang-nyom*) significa, de um lado, renunciar (*tang*) em ter ódio por seus inimigos e um apego apaixonado pelos amigos, e, de outro lado, ter uma atitude igualitária (*nyom*) por todos os seres, quer dizer, ter nenhum apego por seus próximos nem ódio por seus inimigos.

Em nossa situação presente, somos extremamente apegados àqueles que estão à nossa volta: pai, mãe, próximos, etc. Por nossos inimigos e as pessoas de seu partido, nós temos um ódio insuportável. Ora, isso é falta de investigação!

De fato, aqueles que hoje são nossos inimigos foram, em vidas passadas, os próximos que amamos, tiveram cuidados conosco num contexto harmonioso e nos cobriram de inimagináveis benefícios. Em contrapartida, um certo número daqueles que vemos atualmente foram em vidas passadas nossos inimigos e nos fizeram mal...

Lembre-mo-nos das palavras do sublime Katyâyana:

“Devora-se o pai, agride-se a mãe,
Tem-se sobre o joelho, o inimigo que matamos,
Uma cadela rói os ossos de seu esposo.
Diante do samsara, o desejo de rir!”

Mas há algo mais edificante. Quando a princesa Claro Lótus, filha do rei dhármico Thrisong Detsen, morreu com a idade de dezessete anos, o rei interrogou o Mestre:

“Eu havia pensado que a princesa, minha filha, tinha um karma puro por renascer como a filha do rei Thrisong Detsen. Encontrando-vos pessoalmente, vós, tradutor e pândita, vós, o Buda em pessoa! Por que sua vida foi assim tão breve?”

-“Não é por efeito do karma puro que a princesa nasceu vossa filha, respondeu o Mestre. Em tempos atrás, eu mesmo, Padma, e vós, Grande Rei dhármico, tivemos um renascimento como Boddhisattva na forma de três meninos de baixa casta. Nós construímos a grande stupa de Boudhnâth quando a princesa, que era um mosquito “*trema*”, vos picou numa pequena veia. Vós a matastes inadvertidamente, batendo com a mão. Ela nasceu vossa filha unicamente por causa de vossa dívida nesta vida passada.”

Se o rei dhármico Thrisong Detsen, que era Manjushrî em pessoa, pôde ter crianças por causa de uma dívida kármica, que pensar, por mais fortes razões, os outros seres!

Somos atualmente, ligados a nossos pais e filhos que nos inspiram paixões e esperanças inacreditáveis. Se sofrerem e forem atingidos por acontecimentos que os afligem, sofreremos mais do que se esse mal estivesse em nós mesmos. Ora, isto se trata unicamente de dívidas kármicas que contraímos e que nos prejudicam mutuamente.

Destes que atualmente são nossos inimigos, não há nenhum que não tenha sido nosso pai e nossa mãe em vidas precedentes. E mais, ainda que os tomemos por inimigos, não é evidente que nos prejudicarão. Alguns de nós nos consideramos adversários. Mesmo aqueles que o fazem, estão às vezes na incapacidade de trazer-nos sombras. Alguns de nós conduzimo-nos de forma a tornarmo-nos célebres nesta vida, a encontrar o Dharma e conhecer mais tarde benefícios e felicidade última... Por outro lado, se somos muito hábeis para encontrar terreno de entendimento e simpatizar com eles, explicando-nos gentilmente, não é difícil fazer amigos...

Em contrapartida, acontece que aqueles que tomamos no presente como próximos, por exemplo, nossos filhos, netos e outras relações, nos enganam, nos matam. Frequentemente se associam a nossos rivais, tomam o partido deles, pilham nossas riquezas, procuram discussões...

Mesmo quando nos entendemos bem com nossos próximos, padecemos com seus sofrimentos e seus problemas mais do que se fossem nossos. Para o bem deles, acumulamos inumeráveis maus atos que nos impulsionam para o inferno na vida seguinte. Eles nos retardam quando queremos praticar o Dharma autêntico. Não renunciando a nossos pais, filhos, família, deixamos o Dharma para mais tarde e nunca encontramos o tempo de o praticar... Ou seja, essas pessoas nos fazem mais mal que os adversários.

Fora deste ambiente, não é certo que os que vemos como inimigos atualmente não façam parte de nossa descendência na vida seguinte, e que nossos amigos não renasçam como adversários.

Tomando por real este curto instante de percepção amigo-inimigo, acumulamos um mau karma de apego ou de ódio. Por que prender assim uma pedra no pescoço para cair nos mundos inferiores?

Conclusões

Decidamos considerar a infinidade de seres como nossos pais ou filhos e à maneira dos seres sublimes de outrora dos quais se pode ler a história, consideremos com o mesmo olhar amigos e inimigos.

1) Começemos por nos treinar de múltiplas maneiras a não mais experimentar cólera ou ódio contra aqueles que nos desagradam profundamente e suscitam em nós estas emoções. Consideremo-los de maneira neutra, como aqueles que não fazem nem bem nem mal.

2) Em seguida, pensemos que entre essas pessoas neutras, inumeráveis, foram nossos pais e mães ao longo das existências sem começo e treinemos até que sintamos por eles o mesmo amor que temos por nossos pais atuais.

3) Enfim, meditemos, até ter a compaixão por todos os seres que percebemos com amigos, inimigos ou que são objetos de indiferença, a mesma compaixão que sentimos por nossos pais atuais.

a) Se colocarmos simplesmente amigos e inimigos em pé de igualdade, não experimentando nem ódio nem compaixão à sua visão, caímos naquilo que se denomina: “equanimidade apática”, nem boa nem má, que não tem a utilidade da imensurável equanimidade.

b) Denominamos “imensurável equanimidade” aquilo que, quando os rishis oferecem um festim, convidam todo mundo, os grandes e os humildes, os fortes e os fracos, os bons e os maus, os sublimes e os medíocres, sem a mínima distinção.

Assim devemos considerar com uma grande e igual compaixão todos os seres que povoam o universo até os confins do espaço. Como não a alcançamos, treinemo-nos!

* * *

2] O amor

Meditando, como na forma precedente, sobre a imensurável equanimidade, consideremos todos os seres que vivem nos três mundos com o mesmo grande amor. Como pais que educam uma criança desprezando sua ingratidão e suas dificuldades e se dedicam fisicamente, verbalmente e mentalmente, pois só conhecem conforto, felicidade e doçura, esforcemo-nos em fazer a felicidade e o bem dos seres, para esta vida e as seguintes, por todos os tipos de meios.

Contradição entre aspiração e ato

Todos os seres aspiram e se dedicam ao conforto e à felicidade. Nenhum deseja o contrário. Mas ignoram a prática do bem, que é a causa da felicidade, e se

entregam aos dez atos nocivos. Seu desejo profundo e suas práticas se contradizem e ainda que aspirem a serem felizes, só encontram o sofrimento.

Devemos repetir sem cessar: “Que maravilha se todos os seres só conhecessem o bem estar e a felicidade, de acordo com seu desejo!” Meditemos assim até que enfim não façamos mais diferença entre eles e nós, seu desejo exclusivo de felicidade sendo idêntico aos nossos.

Amor nos atos, palavras e pensamentos

Os sutras falam de “amor em nossos atos, amor nas palavras e amor nos pensamentos”. Isso quer dizer que quando falamos ou fazemos alguma coisa com nossas mãos, deve ser com retidão e benevolência, sem prejudicar os outros.

Maneira de olhar

“Quando coloco os olhos num ser,
Que seja um olhar honesto e benevolente.”

Lê-se na *Entrada na Prática dos Bodhisattvas*.

Mesmo quando estamos só olhando um outro ser, que isso seja feito com um sorriso e de maneira agradável, de preferência, e não com um olhar de ódio e uma expressão de cólera.

Em outro exemplo, nos é contada a história do rei que olhava os outros sempre com a expressão irritada. Acabou por renascer sob a lareira de uma casa como *preta* comedor de restos e depois, por ter olhado um ser sublime da mesma maneira, renasceu no inferno.

Integrar a benevolência

Em todos os nossos comportamentos físicos, sejamos doces e agradáveis. Evitemos prejudicar os outros, apliquemo-nos a lhes prestar serviço. Mesmo quando nós tivermos só uma palavra a dizer, que ela não seja de desprezo, nem irritante ou dissimulada; mas verídica e agradável de ouvir. Quando nos acontecer de ajudar alguém mentalmente, que não seja na esperança de obter um bem de volta.

Que nosso comportamento e nossas palavras doces não tenham por objetivo se passar por um Bodhisattva aos olhos dos outros, mas que nossa única preocupação seja sinceramente ajudar os outros e lhes tornar felizes.

Façamos sem cessar o voto de nunca prejudicar, de nascimento em nascimento, em todas nossas vidas, a nenhum ser - ainda que seja a um fio de seus cabelos -, mas de ser útil!

Servidores e cães de guarda

Sobretudo, não sejamos cruéis com os animais, os servidores, os cães de guarda sobre os quais temos a responsabilidade, agredindo-os ou fazendo-os trabalhar muito. Sejamos sempre e em toda circunstância benevolentes, em corpo, palavra e mente!

Aqueles que renasceram como servidores ou cães de guarda, os quais todos detestam e desprezam, estão sofrendo o efeito de seus karmas. Reembolsam suas dívidas de uma vida onde eram poderosos e desdenharam e desprezaram os outros. Se no presente, sob o pretexto de sermos poderosos e ricos, desprezamos os outros, reembolsaremos essa dívida numa próxima vida tornando-se seu servidor...Devemos, portanto, tratar nossos inferiores com uma benevolência ainda maior.

Para com os pais, pessoas idosas, doentes

Em particular, toda ajuda física, verbal ou mental dada a nossos velhos pais ou a pessoas que, por exemplo, sofrem com uma longa doença, proporcionam impensáveis benefícios.

Escutemos Jowo Atisha: “Ser benevolente para com viajantes vindos de longe, doentes de longa data ou nossos pais desgastados pela idade equivale a meditar sobre a Vacuidade que tem a compaixão por coração”. Os pais, sobretudo, fazem prova, sob o olhar de seus filhos, de um amor e uma bondade extrema. Os filhos que se desesperam em sua velhice cometem uma péssima ação. O Bhagâvan, ele mesmo, agradeceu sua mãe por sua bondade quando esteve no reino dos Trinta-e-Três Deuses, para lhe ensinar o Dharma. É dito que mesmo que uma criança que carregasse seus pais sobre os ombros e fizesse uma volta na Terra não os honraria o suficiente para lhes agradecer por suas bondades. É introduzindo-os no Dharma que quitariam seu dever. Sirvamos, portanto, nossos pais com nosso corpo, palavra e mente e apliquemo-nos em fazê-los se interessar pelo Dharma.

“Não devemos afligir as pessoas idosas – disse o Grande Oddiyâna, tenhamos cuidados para com elas, servindo-as”. Sejam benevolentes, em atos e palavras, para com todos os mais velhos que nós e tenhamos o cuidado de fazer tudo que lhes seja agradável.

Atualmente, diz-se, correntemente, que é impossível girar pela vida no samsara sem fazer mal aos outros, mas isso é falso.

Havia, outrora, em Liyül, dois noviços que haviam tomado o sublime Manjushirî como objeto de realização. Um dia, ele apareceu-os: “Não existe elo kármico entre nós - disse-lhes. A divindade de todas as vossas vidas é o sublime Avalokiteshavara. Ides vê-lo no Tibete, pois ele é o rei atual”.

Os dois noviços foram para o Tibete. Vendo que muitas pessoas haviam sido mortas e presas atrás dos muros de Lhassa, fizeram a pergunta e viram que aquilo se tratava de um castigo real. “Este rei com certeza não é Avalokiteshavara”- disseram. E pensando que também seriam castigados, pensaram que seria melhor fugir. Ora, o rei, sabendo que eles estavam fugindo, mandou um emissário com a missão de trazê-los de volta.

“Não temam nada” – disse-lhes. “Pelo fato do Tibet ser selvagem e difícil de se submeter, produzi ilusões de condenados executados, decepados ou outros, mas em realidade não causei o menor mal a um ser”.

Esse soberano reinava no País das Neves e dominou os reis dos quatro horizontes. Venceu todos os exércitos de invasores e preservou a paz nas fronteiras. Na obrigação de vencer os inimigos e defender seus próximos numa vasta escala, teve sucesso sem prejudicar em nada, um só ser. Por que seria, portanto, impossível, quando se trata de conservar nossas vis propriedades não maiores que uma toca de inseto, não fazer mal aos outros?!

Quando fazemos mal a um ser é necessário sofrer o mal de retorno. Isso produz, nesta vida e nas seguintes, sofrimentos sem fim. Não tiraremos nenhuma vantagem, mesmo nesta vida. Ninguém enriquece agindo por acaso! As reparações pelo homicídio, melhorias pelo roubo, dinheiro e bens assim dilapidados, é isso tudo o que se obtém.

É dito que o amor imensurável é ilustrado pela mamãe galinha tendo os cuidados com seus pintinhos. Ela começa por preparar um ninho suave e confortável.

Em seguida ela os abriga sob suas asas, mantendo-os aquecidos. Sempre doce para com eles, protege-os até que saibam voar. Imitêmo-la: apliquemo-nos em ser benevolentes com nosso corpo, palavras e pensamentos para com todos os seres que povoam os três mundos.

* * *

3] A compaixão

Meditar sobre a compaixão consiste em imaginar um ser que sofre cruéis torturas em sofrimento e desejar que seja libertado. É dito: “Pense em alguém que sofre imensamente, por exemplo, um homem jogado em uma cela solitária subterrânea, esperando ser executado ou ainda um animal diante do açougueiro que o vai abater. Considere-o com amor, identificando-o com sua mãe”.

Imaginemos o prisioneiro que, sob as ordens do rei, é conduzido ao local de execução ou o carneiro que o açougueiro pega e prende...

Colocar-se no lugar do outro

Abandonemos a idéia de que se trata de um ser exterior a nós mesmos: identifiquemo-nos a ele, perguntando-nos como faríamos em seu lugar. Treinemo-nos pelo pensamento a tomar sobre nós o sofrimento do condenado: “E agora, o que fazer? Nenhum meio de fugir, de me esconder. Nenhum socorro, nenhum refúgio. Eu não posso fugir, eu não sei voar. Não tenho força nem exército para me defender. Agora, neste instante preciso, todas as percepções desta vida vão me deixar. Mesmo este corpo que cuidei, dando-lhe muita importância, vou abandonar e tomar o grande caminho de minha próxima vida... que angústia!”

Ou ainda, consideremos o carneiro que se leva para o abate. Não pensemos mais que seja um carneiro; pensemos do fundo de nosso coração que ele seja nossa antiga mãe que se vai matar e perguntemo-nos como agiríamos neste caso. “Que fazer se mato minha antiga mãe que nada me fez de mal? Qual deve ser seu sofrimento!” Coloquemo-nos sinceramente em seu lugar. Quando do fundo de nosso coração nós experimentarmos o desejo de libertá-la, pensemos: “Este ser que está sofrendo não é atualmente nem meu pai nem minha mãe, mas foi, com certeza, no curso de minhas vidas passadas. Educou-me com uma imensa bondade, como meus pais atuais; ele não é diferente deles. Pobre pai torturado! Que alegria se, agora, o mais rápido possível, instantaneamente, fosse libertado deste sofrimento!” Com tais pensamentos no coração, meditemos com uma compaixão tão imensurável que nossos olhos se encherão de lágrimas.

Quando chegamos a esse ponto, pensemos: “Este sofrimento é o efeito de atos nocivos cometidos tempos atrás. Os infelizes que atualmente entregam-se a atos nocivos sofrerão inevitavelmente da mesma maneira nas suas próximas vidas!” E meditemos sobre a compaixão, pensando em todos os seres que criam causas de sofrimento, por exemplo, destruindo a vida.

Em seguida, consideremos os sofrimentos dos seres nascidos nos infernos, junto aos *pretas* ou em outros locais nefastos. Imaginemos que são nossos pais ou nós mesmos e apliquemo-nos a meditar sobre a compaixão.

Para finalizar, pensemos sinceramente sobre todos os seres dos três mundos: “Até onde se estende o espaço, existem seres; onde há seres, há mau karma e

sofrimento. Pobres seres que conhecem somente o mau karma e o sofrimento! Que alegria se todos estivessem libertos dos fenômenos kármicos, sofrimentos e tendências de cada um dos seis estados de existência, e atingissem a felicidade constante da perfeita budeidade!”

Pensar nos seres um a um

Ao meditar sobre a compaixão, em um primeiro momento, portanto, imagine-se simplesmente um a um, os seres que sofrem. Depois se treina progressivamente até considerar globalmente todos os seres. Se não temos esse procedimento, a compaixão arrisca ser vaga e intelectual, e, portanto, não será autêntica.

Sufrimentos dos animais domésticos

Dediquemo-nos em particular nos sofrimentos e nas dificuldades dos bovinos, carneiros, cavalos de arado e outros animais domésticos. Nós os infligimos com todo tipo de serviços comparáveis aos sofrimentos dos infernos: furamos seu nariz, castramo-los, tiramos seu pêlo, sangramo-los vivos...Nem mesmo a idéia que esses animais possam sofrer nos vem a mente. Devemos bem refletir no fato de que não se cultivou a compaixão.

Se no presente, ao arrancar-nos um só fio de cabelo, gritamos e não podemos suportar! Todavia, arrancamos de nossos yaques toda sua grossa pelagem ao tosá-los, deixando em cada um a marca vermelha da carne viva de onde pingam gotas de sangue. O animal berrou de dor, mas não nos veio à idéia que ele estava sofrendo.

Nós não suportamos uma bolha na mão e às vezes temos uma tal dor nas costas, ao viajar a cavalo, que não nos é possível ficar na sela e devemos ficar de lado, mas nós não procuramos saber se nosso cavalo tem dificuldades ou sofre. Quando, no fim das forças, não se pode mais avançar, desequilibrando-se sem fôlego, pensamos: “É isto que ele faz!” Sem um instante de simpatia, colocamo-nos em cólera e o agredimos com golpes e injúrias.

Pensem em particular no animal que se abate, um carneiro, por exemplo. Quando no início o retiramos do rebanho, um medo inacreditável o invade. No lugar onde foi preso se forma um hematoma. Colocamo-lo sobre o dorso, prendemos as patas com uma tira de couro e amarramos o focinho até que já mais não possa respirar. Se, na tortura da agonia, o animal tarda um pouco a morrer, o açougueiro de mau karma se irrita a maior parte do tempo. “Ele não vai morrer!” – murmura ele. E aplica golpes. Enfim o carneiro morre e o açougueiro o destrincha e o estripa. Logo, um outro animal é posto em sangria e, não podendo dar mais nem um passo, segue titubeando. Mistura-se o sangue do animal àquele do animal ainda vivo e elaboram-se as entranhas do animal estripado. Aqueles que são capazes de comer isso são verdadeiros carrascos da espécie dos ogros.

Consideremos os sofrimentos desses animais, vejamos o que acontece se nos imaginarmos em seus lugares. Colocando a mão sobre nossa boca, bloqueando nossa respiração, insistindo um pouco. Quais são então nossas dores e nosso medo? Quando tivermos observado nossas reações, devemos repetir sem cessar: “Pobres seres que terríveis dores afligem sem repouso! Que alegria se eu tivesse o poder de dar refúgio contra todos os sofrimentos!”

Integrar a mente ao comportamento

São, sobretudo, os lamas e os monges que deveriam ter mais amor e compaixão. Ao contrário, eles não têm o menor átomo e são piores que os laicos para fazer sofrer os seres: é que a doutrina do Buda está próxima de seu fim. Eis aqui a época onde se honram os demônios carniceiros e os ogros!

Outrora, nosso instrutor, Shâkyamuni, rejeitou como um escarro o reino de soberano do universo, para entrar na vida religiosa. Com todos os Arhats que o acompanhavam, tigela de esmolas na mão, foi a pé mendigar seu alimento. Eles não tinham nem cavalo nem mulas nem nada: o Bhagâvan, ele mesmo, não tinha montaria! Ele pensava que fazer sofrer um ser não estava de acordo com o ensinamento de um Buda. Podemos imaginar que o Bhagâvan foi incapaz de proporcionar-se mesmo um velho cavalo já sem forças?

Quando nossos religiosos vão, por exemplo, numa cerimônia na cidade, eles passam uma corda perfeitamente rígida pelo orifício em forma de anel que eles fizeram no focinho de cada yaque. Quando estão sobre a montaria, puxam com as duas mãos, o tanto que podem, essa corda feita com crina da cauda, que está incrustada no nariz do animal. E este já não suporta mais. E começa a andar em círculos e a cambalear. Seu cavaleiro o chicoteia com todas suas forças. Não suportando mais esta nova dor, o yaque começa a correr e logo seu Mestre o puxa pelo nariz. O yaque tem o nariz então, tão dolorido que ele para e aí uma nova chicotada! Um golpe pela frente, outro por trás; o animal é somente dolorosa fadiga. O suor goteja de cada um de seus pêlos, a língua pendente, ele não pode mais avançar; sua respiração torna-se rouca. "O que é que há ainda que não podes avançar?" -pensa o homem. Ardendo em cólera, ele bate nos flancos com o cabo do chicote. Tornando mais forte pela raiva, rapidamente quebra o instrumento em dois. Guarda os pedaços no cinto, pega uma pedra afiada e voltando para a sela, bate com ela na garupa do velho yaque. Tudo isso por não ter nenhuma compaixão!

Colocar-se no lugar do outro

Imaginemo-nos no lugar do velho yaque, o dorso carregado com um fardo muito pesado: sendo puxados pelo nariz com uma corda, nos chicoteiam os flancos, os estribos nos machucam o ventre; à frente, atrás, nos lados, experimentamos agudas dores. Sem um segundo de descanso, nos fazem escalar longas ladeiras, descer declives abruptos, atravessar rios largos e vastas planícies...Não há momento para engolir um só bocado de alimento e no final do dia, devemos, contra a vontade, avançar.

Quais são as dificuldades e a fadiga de uma tal vida? Que tipo de dor, de fome e sede ela faz experimentar? Se tomarmos sobre nós todos esses sofrimentos, não poderemos deixar de sentir uma compaixão intensa e insuportável.

Aqueles que chamamos lamas e monges deveriam ser refúgios, socorristas, protetores e guias indiferenciados para todos os seres. De fato eles favorecem os benfeitores que lhes dão do que comer e beber e lhes fazem oferendas. "Sejais protegidos, socorridos!" -dizem. E dão iniciações, abençoam...em contrapartida, tomam partido contra aqueles que, *pretas* ou espíritos maléficos impulsionados por um karma nefasto, herdaram um mau corpo. Irritam-se contra eles, tomam posturas de combate gritando: "Mate-os! Agrida-os!" Se acreditamos que os deuses e demônios maléficos estão matando e batendo, é porque sucumbiram ao ódio e ao apego que trazem consigo. E eles ignoram a grande compaixão equânime.

Se refletirmos bem, os seres maléficis testemunham mais a compaixão que os benfeitores. Esses deuses e demônios nocivos são assim por causa de seus maus karmas. Renegados como *pretas* no corpo de miséria, suas percepções de dor e medo são inimagináveis. Experimentam sem cessar, a fome, a sede e o esgotamento. Tudo que percebem os angustia. Como têm ódio e maldade agressiva, assim que morrem, muitos vão para os infernos. Que poderíamos encontrar de mais lastimável?

Alguns benfeitores conhecem a doença e a dor, mas isso só faz esgotar o mau karma, sem elaborar novo. Os seres maléficis, em contrapartida, prejudicam de forma premeditada, e esse mau karma os projeta ao final no fundo dos renascimentos inferiores.

Se o Vencedor, hábil em meios e pleno de compaixão, ensinou a arte de expulsar ou ameaçar esses deuses e demônios usando métodos violentos, é por piedade por eles; como, por exemplo, uma mãe bate em sua criança quando não consegue fazer com que ela obedeça. Aqueles que têm o poder de parar a onda do mau karma de um ser principalmente malfeitor e enviá-lo para um campo puro, permitem-se igualmente praticar o ato de liberá-los pelo mesmo motivo.

Mas considerar nossos benfeitores, nossos monges e outras pessoas como sendo nossos próximos, apegar-nos a eles, e olhar os deuses e demônios e seres malfeitores como adversários que odiamos, protegendo uns e agredindo outros... Encontra-se semelhante método nos ensinamentos do Vencedor?

Desde que se tenha este tipo de apego ou ódio, será em vão que se tentará caçar e bater em deuses e demônios, os quais tm um corpo mental. Não obedecerão e nos prejudicarão no retorno. Mesmo se experimentarmos a simpatia por eles, desde que acreditemos que tenham existência própria, são impossíveis de se submeterem. Por mais forte razão caso se tenha pensamento de ódio e de paixão!

Uma vez, Jetsun Mila vivia na gruta da Fortaleza de Garuda, no vale de Chong Vinâyaka, o rei dos obstrutores, produzia fenômenos sobrenaturais: Jetsun Mila viu no seu quarto cinco *atsara*, com olhos grandes como pires. Dirigiu preces ao seu Mestre e seu yidam, mas os demônios não se mexeram. Meditou sobre a fase de criação de sua divindade e recitou mantras violentos, mas não queriam partir. Ele disse a si mesmo então: “Marpa de Lhodrak me revelou o mundo fenomenal e disse que os seres eram minha mente e que essa mente era de natureza vazia e luminosa. Considerar esses demônios e construtores de obstáculos como exteriores a mim e querer que eles partam não faz nenhum sentido”. Sentiu uma poderosa segurança, nascida da Visão, que deuses e demônios eram sua própria percepção e entrou dentro da gruta. Plenos de medo e revirando os olhos, os *atsara* desapareceram...

É nesse sentido que canta a Ogresa do Rochedo:

“A grosso modo, este demônio de tua tendência surgiu de tua mente.
Se não conheces a natureza da mente,
Não partirei quando me pedires para partir.
Se não compreendes que tua mente é vazia,
Conhecerás bem mais outros demônios que eu.
Se você mesmo reconhece tua mente,
As circunstâncias adversas te serão amigas.
E mesmo eu, a Ogresa do Rochedo, serei sua súdita”.

Como se poderá, portanto, submeter os deuses e demônios do ódio sem ter a convicção da Visão que reconhece deuses e demônios como sendo a própria mente?

Quando nossos religiosos vão aos benfeitores, não se preocupam com o número de carneiros que se matou antes de lhes servir. E comem alegremente, sem a menor apreensão. Em particular, fora dos rituais de proteção ou de preces-oferendas, declaram que é necessário, como “ingredientes”, carne pura. O que consideram como tal, são a carne e a gordura sanguinolenta e quente de um animal que acabou de ser abatido. E decoram todas as tormas e todas as oferendas... essa maneira de agir aterrorizante e ameaçadora é semelhante aos ritos *bönpos* e *tirthikas*, não tem nada a ver com a tradição budista. Na tradição budista, quando se tomou refúgio no Dharma, renunciou-se a prejudicar os seres. Ora, por onde se vá, caso um animal seja morto para aproveitar sua carne e seu sangue, isto não vai contra a tomada de refúgio?!

É ainda mais flagrante na tradição dos Bodhisatvas do Grande Veículo, onde se deve ser um refúgio e um socorro para a infinidade de seres. Quando, no lugar disso, sem a mínima compaixão, mata-se um animal de mau karma que deveria ser protegido e se apresenta sua carne bem cozida a um Bodhisatva – seu refúgio! O que há de pior que este último devorando-o alegremente fazendo estalar a língua?

Lê-se nos textos do *Veículo do Diamante dos Mantras Secretos*:

“Por não ter oferecido o festim sagrado de carne e sangue, conforme os textos,

Desagradamos aos *sinha* e aos *thramen*.

Das *dâkinis* dos Altos-Locais nos imploramos o perdão”.

“Oferecer o festim de carne e de sangue conforme os textos”, quer dizer proceder seguindo as diretivas dos textos tântricos dos Mantras Secretos. Quais são elas?

“Cinco carnes e cinco néctares.

Como pratos e bebidas são o festim sagrado exterior”.

Oferecer o festim de carne e de sangue de acordo com os textos é dispor como ingredientes de festim sagrado as cinco carnes dignas de serem substâncias de samaya segundo os Mantras Secretos, ou seja, carne humana, de cavalo, de cão, de elefante e de boi não maculados por atos nocivos de morte com o objetivo de alimentação. Ligado por conceitos de “limpo” e “sujo”, considerar que essas carnes são sujas e inferiores e que a carne gorda e suculenta de um animal que acabou de ser abatido para comer é limpa, é “olhar os cinco samayas de aceitação com os conceitos de limpo e sujo ou ingeri-la de forma desconsiderada”. É cair nas visões de limpo e, sujo e portanto, ir de encontro aos samayas de aceitação.

Mesmo essas cinco carnes só podem ser utilizadas se é possível transformar seu alimento em néctar ou se se pratica com vistas a uma realização em um local solitário. Ingeri-los de maneira fugaz em locais habitados, pelo desejo de sabor é o que se denomina “utilização desconsiderada dos samayas de aceitação”. Isso é também uma transgressão.

É o que se denomina “carne limpa”. Não é, portanto, a carne de um animal abatido por causa de sua carne, mas “a carne daquele que é morto segundo seu karma”, ou seja, a carne de um ser que, pela força de seu karma, morre pela velhice, de doença, etc.

O incomparável Dhakpo Rimpoche declara que colocar em uma mandala a carne e o sangue quentes de um ser recentemente morto faz “desfalecer todas as divindades de Sabedoria”. Alguém diz ainda: “Convidar as divindades de Sabedoria e

lhes oferecer a carne e o sangue de um ser morto é como servir a uma mãe seu filho assassinado”.

Que sentiria a mulher convidada a comer a carne de seu próprio filho?

Os Vencedores e seus filhos amam cada um dos seres que povoam os três mundos como seu único filho. Matar um animal inconsciente submetido a seu mau karma para oferecer a carne e o sangue não pode em nenhum caso alegrá-los.

“Como nenhum dos prazeres pode deixar contente aquele
Cujo corpo inteiro é tomado pelas chamas,
Os grandes compassivos não experimentam nenhuma alegria
Quando aos seres faz-se o mal”.

diz Shantideva.

Quando se procede a rituais como as pedras-oferendas aos Protetores servindo se unicamente a carne e o sangue de animais mortos, vale dizer que as divindades da Sabedoria e os protetores da doutrina do Vencedor, que são puros Bodhisattvas, não aceitam esses produtos de abate, como se faz no balcão dos açougueiros. Eles não podem nem mesmo se aproximar. Em contrapartida, os poderosos gênios malfeitores, que amam a carne e o sangue quentes e são obstinados a sempre fazer mal aos seres, reúnem-se em torno das oferendas para desfrutar.

Depois da passagem daquele que praticou um “ritual vermelho” desfruta-se temporariamente de alguma ínfima circunstância feliz. Mas como esses gênios passam todo seu tempo prejudicando os seres, terão de súbito doenças e males estranhos. E, quando o oficiante de rituais vermelhos apresentar-se novamente, suas oferendas de carne e de sangue trarão no momento um semblante de conforto. Maus gênios e oficiantes “vermelhos” tornam-se inseparáveis companheiros. Semelhantes a ogros esfomeados perseguindo uma vítima, correm na esperança de comer, de pegar e de consegui-los! Os oficiantes, possuídos por gênios maléficos vêm diminuir pouco a pouco a fadiga do samsara, a determinação de se liberar, a fé, a percepção pura e os pensamentos dhármicos que possuíam antes. Mesmo se vissem o Buda voar no céu, não teriam fé nele, e um animal com as entranhas penduradas não lhes suscitaria nenhuma compaixão. Tal o carrasco da espécie dos ogros que partem para a guerra, a face cor de púrpura, tremendo de raiva, a expressão eriçada, não estão nunca em paz. Amigos íntimos dos gênios se vangloriam de ter uma palavra poderosa cheia de “bênçãos”, mas quando morrem vão para os infernos como pedras projetadas por um aríete. Se o mal karma não está ainda completo, renascem no grupo de um gênio maléfico, a possuir a vida dos outros ou na forma de gaviões, lobos ou outros predadores.

Durante o reinado do rei dhármico Thrisong Detsen, os *bönpos* faziam oferendas de sangue em sua honra. Diante desse espetáculo, o Segundo Buda vindo de Oddiyâna, o grande pândita Vimalamitra, o grande abade Bodhisattva, assim como os outros tradutores e pânditas, ficaram extremamente descontentes:

“Uma doutrina não tem necessidade de dois Mestres.
Dois métodos: isso é demais para uma tradição
A tradição *bönpo* se opõe às leis dhármicas.
E bem pior é seu mal, que o mal ordinário.
Tolere; portanto, isto: voltaremos para casa!”

Assim partiram e todos os pânditas agiram da mesma maneira sem serem consultados. Quando o rei pediu para que fizessem pregação do Dharma, nada fizeram. Convidou-os para comer, mas recusaram.

Nós, que pretendemos caminhar sobre os rastros dos pânditas, siddhas e Bodhisattvas de outrora, se prejudicarmos os seres transformamos todos os profundos rituais dos Mantras Secretos em sacrifícios *bönpos*, difamamos a Doutrina e as Jóias, e cairemos com os outros nos infernos.

A prática principal

Concentremo-nos, portanto simplesmente sobre o amor e a compaixão até estarmos verdadeiramente impregnados, sendo humildes, vestindo-nos modestamente e procurando fazer o máximo de bem possível a todos os seres. Fazendo isso, podemos mesmo nos retirar das práticas famosas: preces, atividades virtuosas, grandes obras altruístas, etc.

“Que aquele que deseja atingir a budeidade não exerça numerosas técnicas, mas somente uma. Qual? A grande compaixão. Aquele que sente a grande compaixão conhecerá todos os Dharmas dos Budas como se estivessem na palma de suas mãos” – diz o Sutra que resume autenticamente o Dharma.

Geshe Tönpa recebeu a visita de um monge que era discípulo dos Três Irmãos e de Khampa Lungpa. Que faz Potowa? – perguntou Tönpa ao monge. “Prega o Dharma a centenas de membros da Comunidade”.

_ Maravilhoso! Eis o primeiro. E o que faz Geshe Puchugwa?

_ Ele passa seu tempo construindo suportes do Corpo, Palavra e Mente graças a numerosos objetos oferecidos por ele ou por outros.

_ Maravilhoso! – repetiu Geshe Tönpa. E o que faz Gönpawa?

_ Somente medita.

_ Maravilhoso! – diz ele ainda...Fale-me de Khampa Lungpa.

_ Está na solidão e só chora, a cabeça oculta..

Tönpa se descobriu, uniu as mãos diante de seu coração e verteu muitas lágrimas. “Admirável! – disse. É aquele que pratica o que se denomina Dharma. Haveria muito a dizer sobre suas qualidades, mas se falasse agora, isso o desagradaria”.

Khampa Lungpa chorava sem cessar cobrindo a cabeça, pois pensava nos seres torturados pelos sofrimentos do samsara e meditava sobre a compaixão.

Um dia, Chengawa expunha as numerosas razões da importância do amor e da compaixão. Langthangpa se prosternou diante dele e declarou que doravante ele só meditaria sobre duas coisas. Chengawa descobriu-se e lhe disse três vezes: “Eis uma excelente notícia!”

Nada é melhor que a compaixão para dissolver as faltas e os véus. Em tempos passados, na Índia onde o Abhidharma, depois de ter atacado por três vezes, estava no ponto de desaparecer, um noviço brâhmane chamado Clara Disciplina teve este pensamento: “Tomei um renascimento inferior de mulher, não posso fazer brilhar a doutrina do Buddha. Associando-me com os homens, colocarei no mundo filhos que difundirão o Abhidharma”. Como um *kshatriya*, deu nascimento ao sublime Asanga e com um brâhmane, a Vasubandhu. Quando chegou a idade, os dois meninos quiseram a mesma ocupação do pai, mas sua mãe lhes respondeu: “Eu não vos coloquei no mundo para que tivésseis a ocupação de seu pai, mas para propagar a doutrina do Buda. Estudem o Dharma e difunda-o!”

Vasubandhu foi estudar o Abhidharma junto de Sanghabhâdra da Cachemira. Asanga foi para a Montanha-de-Perna-de-Pássaro onde seguiu a prática do Vencedor Maitreya com a intenção de encontrá-lo em visão e pedir-lhe instrução durante seis anos ao longo quais meditou de forma severa, mas não recebeu nem mesmo um sonho favorável. Pensando que não poderia ter sucesso, desencorajou-se. No caminho, encontrou um homem batendo numa grande barra de ferro com um tecido leve. Ele perguntou o que esperava obter. "Não tenho agulha". - respondeu o homem; "eu quero fazê-la usando esta barra". Asanga pensou que batendo numa barra tão dura com um tecido tão leve, ele não conseguiria nunca fazer uma agulha. Mesmo se cem anos fossem suficientes, onde estaria o homem então? "Quando vejo – disse a si mesmo, quantos seres deste mundo se fazem mal por trabalhos absurdos, eu me dou conta que eu nunca serei capaz de praticar o Dharma com coragem." E voltou a praticar.

Três anos se passaram, mas sempre sem o menor sinal. "Esta vez" - disse a si mesmo, "é certo, eu não conseguirei nunca", e retomou a estrada. Chegou diante de um rochedo tão alto que parecia tocar o céu. Aos pés, um homem batia na rocha com uma pluma molhada. "Que fazes?", perguntou Asanga. "Este rochedo é muito alto, impede o sol de brilhar sobre a casa que está no oeste, então faço isto para que ela desapareça..."

Asanga fez a mesma reflexão que para o homem da agulha e retornou à prática.

De novo três anos se passaram, e sempre sem nenhum sonho. Desencorajado, disse a si mesmo que não conseguiria e se foi. Fazendo o caminho, encontrou uma cadela que só tinha as patas dianteiras e a parte baixa do corpo estava infestada de vermes. Apesar de seu estado, a cadela se excitava contra os outros e se colocando sobre as patas dianteiras, arrastava as posteriores e procurava agarrá-los.

Tomado de viva e incomensurável compaixão, Asanga cortou um pedaço de sua própria carne e lhe deu de comer. E quis tirar os vermes que ela tinha no corpo. Temendo matá-los retirando-os com os dedos, decidiu fazê-lo com a língua, mas vendo a cadela coberta de feridas purulentas, não conseguiu resolver. Fechou os olhos...

No lugar de tocar o corpo da cadela, sua língua encontrou a terra. Reabriu os olhos: a cadela havia desaparecido. Em seu lugar havia o senhor Maitreya num halo de luz.

"Que falta de compaixão" – disse Asanga, "não ter aparecido todo este tempo!"

_Não é verdade que não apareci. Nada nos separa, mas teus maus atos e teus véus eram tão mais importantes que não pudestes me ver. É devido aos teus doze anos de prática que eles diminuíram e pudestes ver a cadela. Agora, graças a tua grande compaixão, teus véus se dissiparam e pudestes me contemplar com teus próprios olhos. Caso você não acredite em mim, coloque-me sobre teus ombros e mostre-me a todo mundo!

Asanga colocou Maitreya sobre o ombro direito, foi ao mercado e perguntou a todo mundo: "O que tenho sobre os ombros?" "Nada"- responderam. Somente uma velha mulher cuja impregnação mental haviam diminuído um pouco lhe disse: "Sobre seu ombro, há o cadáver de um cão deteriorado."

O protetor Maitreya levou Asanga para junto dos deuses Alegres, onde deu, entre outros, o ensinamento sobre os Cinco Ensinamentos de Maitreya. Voltando para junto dos homens, Asanga difundiu a doutrina do Grande Veículo.

Assim como não há melhor prática que a compaixão para se purificar de seus atos nocivos e sabendo que a compaixão é a causa infalível que faz emergir em si a mente do Despertar, apliquemo-nos em meditar de diversas maneiras.

A compaixão tem necessidade de meios

Meditar por acaso é como “uma mãe sem braço cujo filho é levado pela correnteza”. Sua dor é intolerável. Ela não pode pegar seu filho, pois não tem braços. “Qual seria a melhor coisa a fazer?” - diz a si mesma, pensando somente em encontrar um meio. O coração rasgado, ela corre e lamenta...

É assim que todos os seres que povoam os três mundos são levados pelo rio do sofrimento e afogados no oceano do samsara. Mesmo se experimentamos uma extrema compaixão por eles, não temos o poder de salvá-los da dor. Perguntemo-nos o que fazer e meditemos invocando do fundo do coração o nosso Mestre e as Três Jóias.

* * *

4] A alegria

Alegrear-se com a alegria dos outros

Imaginemos alguém de nobre linhagem, forte, próspero e poderoso, alguém que vive nos três mundos superiores, que conheça o conforto, a felicidade e viva por muito tempo, no meio de um séquito cheio de riqueza. Evitemos o ciúme ou querer fazer melhor que ele. Desejemos que possua ainda mais os esplendores dos mundos elevados, de sofrer menos, de ter mais conhecimento, ou seja, de ser ainda mais rico de todos os tipos de perfeições. Devemos repetir sem cessar: “Que alegria se os outros seres pudessem todos se encontrar na mesma situação!”

Para começar, meditemos sobre a alegria, imaginando que uma pessoa cujo pensamento nos alegra facilmente – um próximo, um amigo íntimo possua qualidades, bem estar e felicidade. A alegria, estando presente, devemos cultivá-la por quem sentimos indiferença. Em seguida, imaginemos todos os inimigos que nos fazem mal e, em particular, todas as pessoas das quais temos ciúme. Devemos arrancar este mau espírito que nos torna intolerantes às perfeições dos outros e cultivar uma alegria particular por tudo aquilo que é felicidade alheia. Para terminar, devemos residir num estado sem referências.

Ausência de ciúme

Sendo essa alegria a ausência de ciúme, devemos tentar ardentemente, por todo tipo de exercício mental, nos livrar deste sentimento negativo: o ciúme. Os Bodhisattvas devem, em particular, depois de ter cultivado a mente do despertar para o bem de todos os seres, estabelecer os seres, no final das contas, na felicidade eterna da budeidade e antes disto fazê-los aguardar no mundo dos deuses e dos homens.

Como eles poderiam ficar descontentes com um ser que, pela força de seu karma, possua a menor qualidade, a menor riqueza?!

A partir do momento que se deixa corromper pelo ciúme, não mais se vê as qualidades do outro e maus atos muito graves se acumulam.

Na época onde a glória e as obras de Jetsun Mila se difundiam, um certo Tarlo, professor de lógica, foi roído pelo ciúme e o desafiou. Todas as demonstrações de clarividência e de poderes milagrosos que lhe deu Jetsun Mila o deixaram cético.

Reagindo por meio de visões errôneas e críticas mentirosas, renasceu mais tarde como um demônio...

Uma outra vez Geshe Tsakpuwa, um outro lógico, tentou envenenar Jetsun Mila, por ciúme.

O Buda, mesmo se viesse em pessoa, não saberia guiar aquele que é ciumento. Quando a mente está contaminada pelo ciúme, não se vê as qualidades do outro. Não as vendo, não se pode ter a menor fé e sem fé não se pode receber nem compaixão nem bênçãos.

Devadata e Boa Estrela, pelo fato de serem primos do Bhagâvan, eram atormentados pelo ciúme. Recusavam ter a mínima fé no Instrutor e ainda que tivessem passado toda a vida junto dele, este não teve o menor poder para convertê-los.

Somente o fato de ter um mau pensamento contra alguém é uma falta muito grave, mesmo que nenhum mal efetivo tenha sido cometido.

Havia, antigamente, dois excelentes geshees que faziam concorrência entre si. Um viu que o outro tinha uma mestra. Ele pediu ao seu servidor para preparar um bom chá, pois tinha uma notícia interessante. O chá foi servido, mas qual era a novidade? “Nosso rival tem uma mestra...”

Conta-se que quando Künpang Trakgyel ouviu essa história, sua face tornou-se triste e perguntou qual dos dois geshees haviam cometido a falta mais grave...

Assim, portanto, ciúme e rivalidade constantes não são úteis, não prejudicam verdadeiramente os outros, mas nos fazem acumular o mal absurdamente. Devemos renunciar a isso e diante das qualidades e circunstâncias favoráveis, das quais os outros aproveitam, quer seja a classe social, o aspecto físico, a riqueza, a instrução ou outras vantagens, devemos cultivar sem cessar uma alegria sincera. “Como seria maravilhoso se ela tivesse mais opulência e perfeições, que ela seja mais forte, mais rica, mais instruída, mais transbordante de qualidades!”

A alegria imensurável é semelhante, diz-se, àquela da fêmea do camelo que encontra seu filhote desgarrado. Ela, mais que todo animal, é uma mãe extremamente afetuosa. Se lhe acontece de perder seu filhote, seu sofrimento é tão intenso quanto o amor que sente, e se ela o reencontra sua alegria é inacreditável. Aprendamos a ser semelhante a ela.

As quatro imensuráveis são, portanto a causa infalível que faz emergir em si a mente do Despertar verdadeira. Cultivemo-la a todo custo até que a mente do Despertar esteja em nós.

Ter bons pensamentos

Pode-se, para facilitar a compreensão, resumir as quatro imensuráveis em uma só expressão: bons pensamentos. É necessário exclusivamente treinar-se, sempre e em todas as circunstâncias, a ter bons pensamentos.

Um dia, quando tinha uma dor na mão, Atisha as colocou sobre os joelhos de Drom Tönpa, dizendo: “Abençoe-a, vós que tens bons pensamentos!” Era aos bons pensamentos que dava a maior importância e no lugar de pedir as pessoas: “Como vai a saúde?” Ele dizia: “Tivestes bons pensamentos?” A todos os conselhos que dava, acrescentava: “Tenha, portanto, bons pensamentos!”

Todos nossos atos se tornam “brancos” ou “negros” e variam na força de acordo com um bom pensamento ou um mal que o anime. Quando o pensamento é bom, todo o ato do corpo ou da palavra torna-se positivo, como mostra a história do

homem que colocou um pedaço de couro sobre o *tsa-tsa*. Quando o pensamento é mau, tudo se torna negativo, mesmo sob o ar de virtude. É preciso, portanto sempre e em todas as circunstâncias treinar-se nos bons pensamentos.

“Se os pensamentos são bons, níveis e vias são boas.
Se o pensamento é mau, graus e níveis são maus.
Como tudo depende de nossos pensamentos,
Desejemos sempre que sejam bons!”

1) Como os níveis e as vias podem ser boas, se o pensamento é bom? Era uma vez, uma velha senhora e sua filha que estavam atravessando um rio largo, segurando-se pelas mãos. Ora, a corrente levou as duas. A velha senhora disse a si mesma: “Se somente a menina não se afogue, pouco me importa que eu me afogue!” De seu lado a filha pensava: “Não é grave que a água me leve, mas que não leve minha mãe!” Morreram as duas afogadas e com um tão bom pensamento uma pela outra, renasceram no Mundo de Brahma.

Uma outra vez, sete pessoas entraram em uma barca para atravessar o rio Jasako: seis monges e um mensageiro. A barca se despreendeu da margem. Quando estavam próximos de um quarto da travessia, o condutor declarou: “Estamos muito pesados. Se há entre vós alguém que saiba nadar, que salte na água, senão saltarei eu mesmo e será necessário que um de vocês pegue os remos”. Ora, ninguém sabia nadar ou remar. O mensageiro declarou então que valeria mais a pena que ele morresse e não todo mundo. E ele saltou. Logo apareceu um arco-íris e uma chuva de flores. Ainda que não soubesse nadar, o mensageiro não se afogou e atingiu a margem. Não havia jamais praticado o Dharma antes, mas um só bom pensamento lhe trouxe benefícios...

2) Como os níveis e as vias podem ser más se o pensamento é mau?

Era uma vez um mendigo que se deitou diante da grande porta do palácio real. “Ah! Que bom seria que o rei tivesse a cabeça cortada e que eu pudesse ocupar o seu lugar!” Não parava de repetir. De manhã, o sono o levou e enquanto dormia o rei chegou em sua biga. Uma roda passou sobre o pescoço do mendigo e cortou sua cabeça...

Se, de uma maneira geral, não examinamos sempre e em todas as circunstâncias nossa corrente mental guardando na mente o objetivo de nossa procura dhármica graças à lembrança e a vigilância, pensamentos violentos de apego ou de ódio nos farão acumular, de forma absurda e sem dificuldade, um poderoso mau karma. O velho mendigo imaginou coisas impossíveis, mas o resultado de tais pensamentos não tardou a acontecer; o rei confortavelmente deitado sobre seu leito precioso no meio do palácio, não tinha nenhuma razão de ter a cabeça cortada. E mesmo que fosse morto decapitado, como poderia fazer para que o príncipe herdeiro não subisse ao trono e que os ministros, semelhantes a tigres, panteras, ursos fossem impedidos de governar para colocar no trono um velho mendigo empoeirado?!

Uma vez que maus pensamentos tão absurdos possam surgir em nossa mente, se a examinamos com cuidado, sigamos o conselho de Geshe Shawopa: “Não reine num reino imaginário que provoca um delírio de possibilidades!”

Um dia o Bhagâvan e seus monges haviam sido convidados a receber esmola de um benfeitor. Entre os mendicantes que lá se encontravam, havia um jovem *kshatria* e um jovem brâhmane. O brâhmane foi mendigar antes do Buda e os outros monges não foram e assim, nada receberam. O jovem *kshatria* esperou que todos estivessem se servido e obteve os restos deliciosos e abundantes das tigelas de esmolas. Então,

quando caminhavam juntos à tarde, tiveram esta conversação: “Se eu fosse rico, disse o jovem *kshastria*, "honraria o Bhagâvan e os monges lhes oferecendo vestimentas, esmolas e todas as coisas até o fim de minha vida”.

– “E eu, disse o jovem brâhmane, se eu fosse um rei poderoso, eu faria decapitar esse devoto de cabeça raspada e todo seu grupo...”

Mais abaixo, o jovem *kshastria* seguiu para um local e instalou-se na sombra de uma grande árvore. Quando as sombras das outras árvores mudavam de posição, a sua permanecia imóvel...Ora, o rei deste país morreu. Como não havia herdeiro, todo o povo havia decidido que reinaria alguém que tivesse mais méritos e poder e partiram à procura de um soberano. E encontraram o jovem *kshastria* que apesar de passar do meio dia, estava sempre na sombra da árvore dormindo. Eles o acordaram e o fizeram rei. Em seguida e segundo seus votos, honrou o Buda e seus discípulos.

Quanto ao jovem brâhmane, conta-se que deitou no cruzamento de um caminho para repousar e teve o pescoço cortado por uma roda de biga que passava por ali...

Se nos exercitamos sem cessar em ter bons pensamentos, todos nossos votos se realizarão nesta vida mesmo, os deuses benfeitores serão nossos protetores e receberemos as bênçãos de todos os Budas e Boddhisatvas. Tudo que fizermos será positivo e não sofreremos no momento da morte. Em nossas próximas vidas seremos deuses ou homens e finalmente realizaremos a perfeita budeidade.

Antes de agir de forma precipitada sem examinar sua mente e de se dar o ar de realizar grandes atos benéficos – prosternações, circumbulações, preces, recitações de mantras, etc, é importante que sem cessar observemos a mente e exercer bons pensamentos.



II A produção da mente do Despertar propriamente dita

1] Classificação de acordo com as três formas de coragem

1) A coragem do rei

O rei começa vencendo os adversários, exaltando seus partidários e proclamando-se rei. Em seguida, ele se ocupa de seu reino. De acordo com essa imagem, querer, inicialmente, atingir a budeidade para, posteriormente, levar todos os seres, representa produzir a mente do Despertar à maneira de um rei.

2) A coragem do barqueiro

O barqueiro quer chegar à outra borda do rio ao mesmo tempo em que seus passageiros. Diz-se que aqueles que querem atingir a budeidade ao mesmo tempo em que todos os seres produzem a mente do Despertar à maneira do barqueiro.

3) A coragem do pastor

O pastor faz passar as vacas e os carneiros diante de si, querendo que estes encontrem alimento e água e que não sejam atacados por animais selvagens. Ele fica para trás. É a atitude daqueles que desejam estabelecer todos os seres dos três mundos na perfeita budeidade, antes de atingir, eles mesmos, o Despertar.

1),A maneira do rei, que se qualifica de “grande desejo” revela a coragem inferior.

2) A do barqueiro, denominada “excelente sabedoria”, revela a coragem moderada; é dito que o senhor Maitreya produziu a mente do Despertar dessa maneira.

3) Quanto à maneira do pastor, qualificada de “incomparável”, revela uma grande coragem; esta foi adotada pelo senhor Manjushiri.

2] Classificação de acordo com os níveis de Bodhisattvas

Quando se pratica as Vias de Acumulação e de União, a produção da mente do Despertar é uma “aspiração”. Do primeiro ao sétimo nível de Bodhisattva, é uma “intenção superior perfeitamente pura”. Nos três níveis puros, ela “alcançou a maturidade total”. E, no nível dos Budas, “liberou todos os véus”.

3] Classificação da mente do Despertar de acordo com a sua natureza

Distinguem-se:

- 1) A mente do Despertar relativa;
- 2) A mente do Despertar absoluta.

* * *

1) A mente do Despertar relativa comporta dois aspectos:

- a) intenção
- b) engajamento

* * *

a) Intenção

“Mesmo que se saiba qual é a diferença
Entre querer partir e partir para o bom,
O sábio deverá conhecer, na ordem,
A diferença entre essas duas mentes do Despertar”.

Escreveu Shantideva na sua Entrada na Prática dos Boddhisattvas.

Tomemos o exemplo de uma viagem a Lhasa. No início, temos a intenção de ir. Decidir levar todos os seres à budeidade perfeita corresponde ao “querer partir”: é produzir a mente do Despertar no estágio de aspiração.

b) Engajamento

Quando tivermos preparado os recursos e os animais de carga necessários à viagem e nos colocado definitivamente na estrada, a viagem terá começado. Tendo decidido levar todos os seres à budeidade perfeita, exerce-se efetivamente na Via das virtudes transcendentais (aplicar-se na generosidade, respeitar a disciplina, cultivar a paciência, manifestar a coragem, aplicar-se à concentração e treinar a mente no Conhecimento) é como se colocar efetivamente na estrada: engajar-se na prática da mente do Despertar.

A mente do Despertar de aspiração e a mente do Despertar engajada constituem a mente do Despertar relativa.

2) A mente do Despertar absoluta

Após ter-se longamente treinado na mente do Despertar relativa, nas Vias de Acumulação e da Junção, acessamos enfim, a Via da Visão. Tem-se a realização autêntica do Modo-de-Ser de todas as coisas, da Sabedoria além de toda elaboração, da Vacuidade verdadeira, então se possui a mente do Despertar absoluta.

A mente do Despertar absoluta autêntica não depende de um ritual, pois deve ser atingida pela meditação. Mas aqui, como iniciantes, praticaremos a mente do Despertar relativa, a qual se apóia sobre um ritual.

Tomamos o voto junto ao nosso Mestre de acordo com o rito consagrado. Para não o deteriorar, mas, ao contrário, reforçá-lo sem cessar, devemos reformulá-lo sempre e em todas as circunstâncias.

Visualizemos no céu, como testemunhas, todos os Budas e outras divindades como fizemos na tomada de refúgio.

Entre todos os seres que povoam os mundos até os confins do espaço, não tem nenhum que não tenha sido, desde a noite dos tempos, nosso pai e nossa mãe. É certo que tiveram por nós somente bondade, como nossos pais atuais, cobrindo-nos com todos o tipo de atenção, dando-nos o melhor de suas vestimentas e de seu alimento, educando-nos com muito amor. E, encobertos entre as ondas de um oceano de dores e envolvidos nas tempestades espessas da ignorância, ignoram como adotar a Via e rejeitar o que lhe é contrário. Eles não têm Amigo de Bem autêntico para lhe mostrar o caminho; não têm refúgio nem protetor, nem guia nem esperança. “Antigas mães que se assemelham a cegos sem guia perdidos num deserto, por que me liberaria sozinho abandonando-vos em todas as esferas do samsara? Para o bem de todos os seres, vou produzir a mente orientada para o supremo Despertar. Exercendo-me em imitar os poderosos grandes feitos dos boddhisattvas de outrora, desdobrarei toda energia necessária para que não reste um só ser no samsara”

Neste estado de mente, recitemos a estrofe dos quatro versos seguintes o tanto quanto possível:

“Oh! Por causa da múltipla variedade das aparências,
Reflexos enganadores da lua sobre a água, os seres erram na cadeia do samsara!
Para que cada um repouse no espaço luminoso de sua consciência desperta,
Suscito a mente do Despertar com o pensamento das quatro imensuráveis”.

No fim, com uma intensa devoção pelas divindades do campo de mérito, imaginemos que elas se fundem em luz progressivamente, desde as extremidades, e se dissolvem no Mestre central, união dos três refúgios. O Mestre funde-se por sua vez em luz e desaparece em nós, fazendo claramente emergir, em nossa mente, a mente do Despertar absoluta que reside no Coração das divindades do refúgio.

Recitemos a oração:

“Preciosa mente do Despertar, mente do Despertar supremo,
Que aqueles que não a possuem, possam fazê-la nascer.
E para aqueles que a possuem, possa ela não decrescer,
Mas faça com que cresça mais e mais!”

Dediquemos, enfim, todos os méritos: “Como Manjushiri, o herói, etc.”

Este ensinamento sobre a produção da mente do Despertar é a quintessência dos oitenta e quatro mil métodos ensinados pelo Vencedor. Ele é suficiente e as instruções que não o contêm são ineficazes. É um remédio que trata cem males, uma panacéia. Todas as demais práticas dhármicas, tais como as acumulações, a dissolução dos véus, as meditações sobre as divindades, as recitações dos mantras não são nada além de meios de fazer nascer em si essa jóia-das-aspirações que é a mente do Despertar. Dissociados da Via da mente do Despertar, esses meios, sozinhos, não podem levar à budeidade perfeita. Em contrapartida, se fazemos emergir em nós a mente do Despertar, todas as práticas do Dharma concorrem para a obtenção dessa budeidade. Devemos, portanto, sempre e em todas as circunstâncias, de múltiplas maneiras, suscitar em nós a menor fagulha da mente do Despertar.

O Mestre, que nos dá as instruções cruciais da mente do Despertar, sendo aquele que nos faz tomar a via do Grande Veículo é, em bondade, bem superior aos outros Instrutores. Quando pronunciava o nome de seus outros Mestres, Atisha juntava as mãos sobre seu coração, mas quando se tratava de Suvarnavâpa, ele as juntava no alto da cabeça, os olhos cheios de lágrimas. Seus discípulos lhe perguntavam por que ele fazia essa distinção: “Entre estes Mestres, existe uma diferença de qualidade ou de bondade?” Atisha respondeu: “Todos os Mestres são seres realizados, e nisso suas qualidades são iguais, mas a bondade é diferente: a única e ínfima mente do despertar que tenho em mim vem da bondade do senhor Suvarnavâpa. É por isso que tenho por ele um reconhecimento superior”.

Diz-se da suprema mente do Despertar que “não é simplesmente produzi-la mas realmente tê-la”. O que é necessário, portanto, é que o amor e a compaixão da mente do despertar tenham tomado lugar no interior de nós. Recitar a fórmula centenas de milhares de vezes sem estar impregnado de sua significação não tem a menor utilidade. E não agir de acordo com o voto que se pronunciou diante dos Vencedores e seus filhos é enganar a estes últimos; não há mal pior. Sem cessar, não decepcionemos os seres e trabalhemos para produzir em nós a mente do despertar.

* * *

III Os preceitos da mente do Despertar

1] Os preceitos concernentes à aspiração ao Despertar são três:

- 1) Considerar o outro como a si mesmo;**
- 2) Fazer trocas com outrem;**
- 3) Prezar o outro mais que a si mesmo.**

2] Os preceitos que concernem à mente do Despertar engajada são a prática das seis virtudes transcendentais.

* * *

1] A mente do Despertar como aspiração

1) Considerar o outro com a si mesmo

A causa de nossa erraticidade imemorial no doloroso oceano do samsara reside na crença em um “eu” e um “meu” que não existem, e no fato que esse “meu” torna-se, em seguida, nosso principal objeto de afeto. Devemos refletir: nosso único desejo atual é sempre ser feliz, em todas as ocasiões; nós não desejamos a mínima espécie de sofrimento. O menor ferimento, feito por uma farpa ou uma fagulha, logo nos causa uma dor intolerável e nos queixamos. Se uma pequena pulga nos pica no dorso, encolerizamos-nos imediatamente. Pegamo-la e a esmagamos com todas as nossas forças entre as unhas. Mesmo quando a pulga está morta, continuamos a esfregar com muita raiva uma unha contra a outra... Atualmente a maioria das pessoas pensa que não tem mal nenhum em se matar uma pulga. Mas, como é sempre por cólera que a matamos, eis aí uma infalível razão de renascer no inferno da Reunião e do Esmagamento.

Devemos ter vergonha de não suportar uma dor tão insignificante e de reagir causando tanto mal e sofrimento aos outros. Cada um dos seres que povoam os três mundos deseja toda a felicidade possível. Nenhum deseja o mínimo sofrimento, exatamente como nós mesmos. Todavia, como eles não sabem praticar os dez atos benéficos que são a fonte da felicidade, obstinam-se a realizar atos negativos, que produzem sofrimento. Assim, agem contra seus desejos mais profundos de felicidade e são constantemente torturados. Ora, todos, sem exceção, foram nossos pais e nossas mães, desde a noite dos tempos.

Uma vez que um Mestre sublime e autêntico nos aceitou como discípulos, ultrapassamos a porta do Dharma e conhecemos a diferença entre o benéfico e o nocivo, logo devemos cuidar de todos os seres com amor e compaixão, nossas antigas mães, escravas da ignorância, sem diferenciá-los de nós mesmos. Perdoemos sua ingratidão e sua parcialidade, meditemos tomando a resolução de não distinguir entre amigos e inimigos. Uma vez que sempre e em todas as circunstâncias, os outros desejam - tanto quanto nós - o que é bom e querem o bem-estar, empenhemo-nos em fazer a sua felicidade assim como nos empenhamos em fazer a nossa. Evitemo-lhes o menor sofrimento como o evitamos para nós. Alegremo-nos sinceramente com a felicidade e as riquezas que eles possuam assim como alegremo-nos com o fato de nós também as possuímos.

Não vendo diferença entre todos os seres que povoam os três mundos e nós mesmos, devemos nos comprometer com a tarefa exclusiva de tentar fazê-los felizes, de imediato e por longo termo.

Um dia, Trungpa Zinachen pediu a Padampa Sangye uma só frase que fosse suficiente, à guisa de instruções. “Os outros desejam tudo o que desejas: aja em consequência!”

Devemos suprimir totalmente a mentalidade de avidez e de ódio que nos faz prezar à nós mesmos e odiar os outros. Consideremos os outros como nós mesmos!

2) Fazer trocas com outrem

Olhemos um ser realmente torturado pela doença, fome ou outro sofrimento. Na falta desse ser, imaginemo-lo diante de nós. No momento em que expiramos, pensemos que lhe oferecemos nossa felicidade, o melhor de nós mesmos, nosso corpo, nossas riquezas, nossas fontes de mérito, como se estivéssemos tirando nossas vestimentas para vesti-lo. Depois, inspirando, imaginemos que tomamos sobre nós tudo o que o faz sofrer e, liberado do sofrimento, ele seja feliz. Enfim, estendamos essa meditação a todos os seres.

Quando nos acontece qualquer coisa de indesejável, de doloroso, pensemos sinceramente: “Nos três mundos do samsara, numerosos são os infelizes que suportam dores semelhantes. Que seus sofrimentos amadureçam em mim! Que eles sejam todos liberados da dor! Que eles sejam todos felizes!”

Quando nos sentirmos bem e felizes, aspiremos a que essa felicidade torne felizes todos os seres.

A mente do Despertar que se pratica pela troca de si e de outrem é a última e infalível quintessência dos temas de meditação de todos aqueles que estão engajados no Dharma do Grande Veículo. Uma só experiência desse tipo é suficiente para purificar as faltas e os véus de vários kalpas, adquirir uma imensa quantidade de méritos e de Sabedoria e nos liberar dos mundos inferiores assim como dos renascimentos que podem nos fazer cair lá.

Outrora, nosso Instrutor nasceu em um inferno onde se puxavam carroças. Ele estava atrelado com um outro de nome Kamarupa, mas ambos eram muito fracos para fazer a carroça avançar. Os guardiões os espetavam e lhes batiam com armas extremamente queimantes que causavam terríveis dores. O futuro Buda pensou: “Mesmo em dois, não conseguiremos fazer avançar esta carroça e sofreremos tanto um quanto o outro. Eu vou, portanto, puxar e sofrer sozinho. Que ao menos ele seja feliz”. E dirigindo-se aos guardiões disse: “Passem os correias no pescoço, vou puxar a carroça sozinho!” Os guardiões se irritaram: “Cada um deve assumir seu karma. Quem pode mudar alguma coisa?” E eles o agrediram na cabeça com um martelo de pedra. Graças ao seu bom pensamento, o Buda deixou a vida nos infernos e nasceu nos locais divinos. E assim, é dito, foi que o Muni começou a fazer o bem dos seres.

Eis aqui outra história: o Bhagavan, quando era “Filha” do capitão Vallabha, foi novamente liberado dos mundos inferiores assim que trocou mentalmente de lugar com outro.

Era uma vez um mestre de casa chamado Vallabha, cujos filhos haviam morrido. Decidiu, então, no nascimento de seu último filho, chamá-lo de “Filha”, esperando que isso o faria sobreviver.

Em seguida, partiu para o mar à procura de pedras preciosas, mas seu navio afundou e morreu afogado.

Quando o filho se tornou grande, perguntou à sua mãe sobre o trabalho de seu pai. Temendo que ele partisse para o mar, se ela lhe dissesse a verdade, a mãe respondeu que ele era mercador de grãos. O filho tornou-se mercador de grãos e dava para a mãe as quatro moedas de um *karsha* que ele ganhava por dia.

Os outros mercadores de grãos diziam que ele não pertencia àquela casta e que, por conseqüência, não era conveniente que tivesse aquele trabalho. Constrangido a parar, retornou e perguntou a sua mãe novamente. Dessa vez, ela lhe respondeu que ele pertencia à casta dos mercadores de perfumes. Foi, então, vender perfumes e, com as oito moedas de um *karsha* que ganhava por dia, servia sua mãe. Novamente, os outros o impediram de trabalhar. A mãe lhe disse, então, que seu pai era mercador de vestimentas. E foi vender as vestimentas. Desta vez, eram dezesseis *karsha* que ele oferecia a sua mãe cada dia. Quando foi novamente impedido de trabalhar pelos outros mercadores, a mãe lhe disse que ele pertencia à classe dos joalheiros. Tornou-se joalheiro, e dava a sua mãe trinta e duas *karsha* por dia. Os outros o fizeram compreender que ele pertencia, de fato, à classe daqueles que traziam jóias do oceano e que devia exercer a atividade de acordo com sua casta.

De retorno a casa, disse à sua mãe: "Pertença à casta dos que procuram jóias; partirei para o grande oceano e exercerei meu ofício!"

- "É verdade" - respondeu ela -, "você pertence à casta dos que procuram jóias, mas seu pai e seus ancestrais morreram no mar, você morrerá também. Não parta, fique aqui e exerça o comércio!"

Incapaz de lhe obedecer, Filha preparou tudo que era necessário para navegar. No momento da partida, a mãe, não conseguindo deixá-lo seguir, reteve-o por sua vestimenta chorando. Ele se encolerizou: "Tuas lágrimas no momento em que parto para o oceano são mau augúrio!" - disse ele, dado-lhe um chute na cabeça para afastá-la. E partiu.

O navio espedaçou-se, todos caíram no mar e quase todos morreram afogados, mas Filha agarrou-se a uma prancha e foi parar numa ilha. Chegou a uma cidade que tinha o nome de Alegria. Numa casa muito bonita, feita de substâncias preciosas, quatro belas deusas lhe apareceram. Elas lhe fizeram um assento com almofadas de seda e ofereceram os três alimentos brancos e os três doces. Quando ele se preparava para partir, elas lhe deram uma advertência: "Não vá para o sul, acontecerá uma grande infelicidade!" Mas ele não as escutou e retomou seu caminho.

Chegou a uma cidade chamada Contente, ainda mais bela que a outra, onde oito belas moças colocaram-se ao seu serviço. Como da forma precedente, foi advertido de uma grande infelicidade que o ameaçava caso seguisse para o sul, mas não deu importância e retomou seu caminho.

Chegando à Embriaguez, uma cidade ainda mais perfeita, foi recebido por dezesseis belas deusas que lhe serviram e lhe fizeram a mesma advertência.

Desta vez, sua estrada o levou a uma fortaleza branca cuja ponta tocava o zênite e denominava-se "Castelo do Mestre Brahma". Trinta e duas deusas vieram ao seu encontro e lhe prepararam um assento com almofadas de seda. Elas lhe serviram os três brancos e os três doces e suplicaram para ficar, mas ele tinha desejo de partir. Como retomou seu caminho, elas se colocaram de guarda: "Você deve a todo preço evitar seguir para o sul pois lhe acontecerá a infelicidade!" Decidido a partir, ele se foi assim mesmo.

Logo, encontrou uma fortaleza de aço que penetrava no céu. Na porta, deparou-se um homem negro de olhos vermelhos aterrorizantes que empunhava uma longa barra de ferro. Filha lhe perguntou o que havia naquela construção, mas o outro continuou mudo. Filha aproximou-se e descobriu que havia uma multidão de outros homens negros. Seus cabelos se eriçaram. E disse a si mesmo: “Eis a infelicidade! É realmente a infelicidade!” E entrou na fortaleza.

Ali viu um homem cujos miolos eram pulverizados por uma roda de aço girando sobre a cabeça. “Que ato cometestes?” - perguntou Filha.

-“Eu chutei minha mãe na cabeça e estou experimentando o pleno efeito kármico. Mas tu, por que não aproveitastes a felicidade que te ofereceu o Castelo de Brahma? Porque vens procurar sofrimento neste lugar?”

-Suponho que eu também vim parar aqui por meu karma!” – disse Filha.

No mesmo instante, uma voz que veio do céu declarou: “Que sejam libertados aqueles que estão presos, e presos os que estão livres!” Uma roda turbilhante fundiu-se sobre seu crânio. Seus miolos, como os do outro homem, voaram aos pedaços, ao mesmo tempo em que sentia uma insuportável dor. Ora, essa infelicidade lhe fez experimentar uma intensa compaixão por todos os seres que estavam na mesma situação que ele. “Neste local do samsara, há uma multidão de seres que, por terem como eu chutado suas mães na cabeça, estão sofrendo. Que todo sofrimento amadureça em mim e que eu seja o único a sofrer! Que todos os outros não tenham em nenhuma vida conhecimento de tais dores!” – pensou ele. Logo, a roda saiu, a tortura cessou e ele voou a uma altura de sete palmeiras, num agradável bem-estar...

Esta atitude de mente do Despertar que consiste em trocar com outro é o último e indispensável método para realizar o Despertar, e outrora os Mestres Kadampas fizeram dela sua prática essencial.

Geshe Chekhawa, que conhecia um grande número de ensinamentos da Nova e Antiga Tradição e havia lido vários tratados de lógica, foi um dia ver Geshe Chakshingwa. Ele encontrou sobre sua cabeceira um pequeno livro, abriu-o e leu esta frase:

“Os proveitos e os ganhos, ofeça-os aos outros!
As perdas e os reversos ponham em sua conta!”

“Que ensinamento extraordinário!” – pensou Chekhawa.

Como se chama? – perguntou a Chakshingwa.

-São As Oito Estâncias de Langthangpa.

-Quem conhece as instruções?

-Geshe Langtangpa, o próprio.”

Decidido a receber estas instruções, Chekhawa foi inicialmente a Lhasa onde passou alguns dias fazendo voltas em torno de locais sagrados. Uma noite, um leproso vindo de Langthang, informou-lhe que Geshe havia falecido. Chekhawa lhe perguntou como se dava a sucessão. O leproso lhe disse que havia dois sucessores possíveis: Shangshungpa e Dodepa, mas não haviam chegado a um acordo. Não era uma disputa para tentar sobrepor um ao outro. Shangshungpa disse a Dodepa: “És o mais velho, imploro-te para que tomes a sucessão. Servir-te-ei como se tu fosses Langthangpa”. E Dodepa lhe respondeu: “És tu que tens mais qualidades, aceite ser o sucessor!”

Chekhawa compreendeu que, ainda que eles tivessem uma visão pura um do outro, esse desacordo não era normal e provava que não possuíam o ensinamento de

Langhangpa. Perguntando quem poderia ser no presente o melhor detentor desse Dharma, fez sua pesquisa. A resposta unânime foi que o melhor era Sharawa.

Sharawa estava comentando numerosas obras diante de alguns milhares de monges. Chekhawa o escutou durante alguns dias, mas não ouviu o menor traço do ensinamento que desejava. "Talvez ele também não o possua – disse a si mesmo. "Eu farei a pergunta. Se ele tiver este ensinamento, ficarei; senão, partirei".

Sharawa estava dando voltas em torno da stupa, quando Chekhawa aproximou-se dele, colocou uma vestimenta sobre a terra e pediu para sentar-se um instante. Havia algo a perguntar. "Venerável" – fez Sharawa, "que resolveste? Pessoalmente, é sobre minha almofada que encontrei todas as soluções".

- "Li num texto: Os proveitos e os ganhos, ofereça-os aos outros! As perdas e os reversos, ponham em minha conta! Essas palavras me agradaram. Trata-se de um ensinamento profundo ou não?"

- "Venerável, gostes ou não deste ensinamento, tu somente poderá dispensá-lo se não desejas atingir o estado de Buda".

- "Mestre, conheces as instruções?"

- "Sim, é a mais importante de todas as minhas práticas".

- "Então, eu te suplico que as transmitas a mim".

- "Poderás ficar muito tempo perto de mim? Caso positivo, eu as darei a ti."

Chekhawa recebeu as instruções de uma só prática que durou seis anos e graças à qual foi definitivamente liberto do apego a si.

Essa meditação sobre a mente do Despertar pela troca de si com outrem é um ensinamento insuperável para acalmar as doenças e os sofrimentos desta vida, assim como para domar deuses, demônios, forças mórbidas e criadores de obstáculos. Rejeitemos, portanto, e em todas as circunstâncias, como veneno a mentalidade negativa que consiste em dar importância a si e meditemos com perseverança neste método de mente do despertar onde nos trocamos com o outro!

3) Prezar os outros mais que a si mesmo

"Quer esteja no samsara, quer renasça no inferno, quer esteja doente, febril ou que outros infortúnios me aconteçam, suportarei tudo, mas possam os sofrimentos dos outros amadurecerem em mim. Possam os outros possuir toda minha felicidade e o resultado de meus atos benéficos!"

Esse pensamento que deve vir do fundo de nós mesmos deve ser aplicado concretamente seguindo, entre outros exemplos, os de Maitrîyogi, o Mestre de Atîsha; o de Dharmarakshita e nosso instrutor Shâkyamuni, quando era o rei Padma, uma tartaruga e o rei Ápice-na-Jóia.

A pedra lançada ao cão

Um dia, Maitrîyogi, o Mestre de Atîsha, estava ensinando o Dharma. Perto dele, um homem lançou uma pedra em um cão. "Ai!" – fez o Mestre, e caiu do trono. Os outros, vendo que o cão não tinha nada, disseram que o mestre era um grande simulador. Maitrîyogi, que havia lido seu pensamento, mostrou seu dorso. Via-se a marca deixada pela pedra. Todo mundo se rendeu à evidência: ele havia concretamente tomado o mal do cão sobre si...

Doação de sua carne

Um Mestre chamado Dharmakashita havia sido um pândita Vaibhâshika do Veículo dos Ouvintes. Na primeira parte de sua vida, ele não ouviu os ensinamentos do Grande Veículo. Mas, como ele pertencia à família do Grande Veículo, estava provido, sem esforço, de uma grande compaixão.

Alguém da vizinhança foi atingido por um mal violento. O médico disse que só poderia curá-lo com a carne de um homem vivo, remédio que não se podia encontrar. “Se isto pode curá-lo, eu darei a minha” disse Dharmakashita, cortando a carne da coxa, e a entregou.

O doente comeu e se curou.

Dharmakashita, que não havia ainda realizado a Vacuidade, sofreu muito, mas sua grande compaixão excluiu todo arrependimento. “Você está bem?” – perguntou ele ao doente.

-“Sim, estou melhor, mas veja em que dificuldades eu o coloquei”.

-“Se isto te faz feliz, suportarei até mesmo a morte”.

Ele sofria tanto que não podia dormir. Um dia cochilou e sonhou. Um homem branco lhe dizia: “Quem quiser atingir o Despertar, deve passar por tais e tais provas. Bravo! Bravo!” O homem escarrou sobre o ferimento, massageou-o, e não ficou nenhuma cicatriz.

Quando Dharmakashita acordou, viu que sua cura era real. Esse homem branco era o Grande Compassivo. Na mente de Dharmakashita emergiu a verdadeira realização do Modo-de-Ser e os versos dos Cinco Tratados da Ciência Mediana, de Nagarjuna, começaram a ser murmurados por seus lábios...

O peixe que se sacrifica

Outrora, na época em que Shâkyamuni era o rei Padma, uma grave epidemia se abateu sobre as pessoas, matando algumas. O rei convocou os médicos e pediu a opinião deles. “Poder-se-á curar esta doença com a carne do peixe *rohita* – disseram eles. Esse mal nos obscureceu de tal forma a mente, que nós não conseguimos pensar em outros remédios”.

Na manhã de um dia propício, o rei fez suas abluções e vestiu roupas novas. Fez uma reparação-purificação e imensas oferendas às Três Jóias endereçando-lhes esta oração:

“Possa eu, estando morto, renascer como um peixe *rohita* no rio Nivritta!”

Ele se jogou do alto de seu palácio que tinha cerca de 500 metros e renasceu imediatamente como um peixe. Gritou em linguagem humana: “Sou o peixe *rohita*, pegue a minha carne e coma-a!”

Todos vieram pegar sua carne. Quando eles haviam devorado um lado, o peixe oferecia o outro lado, ao mesmo tempo em que o lado devorado se recompunha. Todos os doentes foram curados.

Então o peixe disse a todos: “Sou Padma, vosso rei. Para vos salvar desta epidemia, renunciei à minha vida e tive um renascimento como um peixe *rohita*. Em gratidão a mim, renunciad ao mal e fazei todo o bem que possais”.

Eles obedeceram e desde então nunca mais caíram em destinos inferiores.

A tartaruga se sacrifica

Na época em que Shakyamuni renasceu na forma de uma tartaruga gigante um navio que transportava quinhentos mercadores naufragou. Todos estavam a ponto de

morrerem afogados, quando a tartaruga gritou para eles em linguagem humana: “Montem em meu dorso, eu os farei atravessar!” Ela transportou todos os mercadores para a terra firme e cansada, dormiu na beira do rio onde uma nuvem de moscas *ketaka* pôs-se a sugar seu sangue. Despertando, viu que realmente havia muitas. Se fosse para a água ou se contorcesse, os insetos morreriam... Ela ficou no lugar, entregando-lhes sua vida. Quando Shakyiamuni foi Buda, as moscas se tornaram os oitenta mil deuses que o ouviram pregar e “viram a verdade”.

Uma outra vez ainda, o Buda renasceu em Shaketa, como filho do rei Ápice-de-Ouro e da rainha Beleza-Que-Alegra. Havia, no alto de sua cabeça, uma eminência feita de uma jóia preciosa de onde escorria um néctar que transformava o ferro imediatamente em ouro. Isso lhe valeu o nome de Ápice-da-Jóia. Quando renasceu, houve uma chuva de todo tipo de substâncias preciosas. Possuía um elefante de espécie superior chamado Montanha-do-Elefante-Perfeito. Esse rei, portanto, dirigia seus negócios de acordo com o Dharma e não parava de fazer grandes doações, o que colocou um fim na pobreza e mendicância.

Um rishi, chamado Brikhu ofereceu-lhe em casamento uma filha predestinada que havia nascido do lótus. Dessa sua união, nasceu um filho semelhante a seu pai e o chamaram Ápice-no-Lótus.

O rei quis fazer uma grande cerimônia de oferenda. Fez vir o rishi Brikhu, rei Dusyanta e numerosas outras pessoas. Foi aí que Indra, querendo sondar as intenções do rei, tomou a aparência de um ogro. Surgiu do fogo da oferenda e, aproximando-se do rei pediu para comer e beber. O rei lhe ofereceu uma quantidade de alimentos e bebidas, mas ele não aceitou. “O que preciso” – disse após leve riso irônico, “é da carne e do sangue quentes de um ser recentemente abatido ...” Essas palavras afligiram um pouco o rei. “Eu não obterei isto sem fazer o mal” – pensou. Ao preço de minha vida, não posso prejudicar outros. Todavia, se eu não der o que deseja vou decepcioná-lo... Que fazer?” Disse a si mesmo que o momento de fazer a oferenda de sua própria carne e de seu próprio sangue havia chegado e declarou: “Vou dar minha carne e meu sangue!” O pânico tomou conta da assembléia. Todos tentaram dissuadi-lo, mas ele não cedeu.

E abriu as jugulares. O ogro bebeu o sangue até o final. Cortou a carne e o demônio devorou até o osso. A assistência estava agitada, a rainha perdeu os sentidos. O rei continuava senhor de seus sentidos e Indra ficou extremamente feliz.

“Sou Indra” – disse, não tenho nenhuma necessidade de sua carne ou de seu sangue. Por favor coloque um fim em sua caridade”. Aspergiu as feridas do rei com néctar divino e o corpo retornou a sua forma, intacto.

Depois disto, Ápice-na-Jóia ofereceu Montanha-do-Elefante-Perfeito a seu ministro Carruagem-de-Brahma. Enquanto isso acontecia, chegou um discípulo do rishi Maruchi, excelente em concentração. O rei lhe fez muitas honras e perguntou o que ele desejava. “Para agradecer meu preceptor que me ensinou os Vedas, desejaria oferecer um servidor que lhe falta em sua velhice. Vim, portanto, solicitar vossa esposa e filho”. O rei concordou e o discípulo partiu para oferecê-los a seu preceptor.

Todavia, o rei Dusyanta desejava o elefante. Retornando a seu reino, expediu uma mensagem dizendo que o desejava. Responderam-lhe que esse elefante já havia sido oferecido a um brâhmane, mas ele não quis ouvir nada e ameaçou entrar em guerra caso persistissem em não oferecê-lo.

Diante das tropas que avançavam, o rei Ápice-na-Jóia ficou profundamente atormentado. “Veja só, o desejo transforma em um instante meu melhor amigo em meu

pior inimigo. Se lhe oponho minhas tropas, não terei nenhuma dificuldade em esmagá-los, mas quantos seres sofrerão! Prefiro fugir.” Quatro Buddhas-para-si lhe surgiram: “Grande rei –disseram eles, o momento de ir à floresta chegou. E partiu para a floresta de Dzuthrül Shentem.

Seus ministros foram pedir o príncipe a Maruchi, que assim o fez. O príncipe tomou a frente do exército e começou a batalha. Dusyanta, esmagado, teve que bater em retirada.

As más intenções e práticas de Dusyanta provocaram epidemias e fome em seu reino. Dusyanta perguntou a seus brâhmanes como colocar um fim. “Precisamos da jóia do rei Ápice, disseram eles. A melhor coisa a fazer é ir solicitar-lhe”. O rei pensou que havia grande chance de ele recusar. Mas os outros afirmaram que estavam certos de seu golpe: Ápice era bem conhecido por nunca recusar algo. E enviaram, portanto, um brâhmane.

O rei Ápice, visitando a floresta, chegou a um local próximo ao eremitério de Maruchi. No mesmo momento, a rainha, sua esposa, percorria o bosque à procura de raízes e folhas, quando encontrou um caçador. Como o homem a atacou, ela gritou: “Rei Ápice, socorro!” Seus gritos chegaram bem longe aos ouvidos do rei, que avançava, intrigado. O caçador, vendo-o se aproximar, pensou que ele era um rishi. Temendo uma maldição, escapou rapidamente. Diante da rainha que havia conhecido uma imensa felicidade no reinado e passava agora por tantas misérias, o rei sucumbiu e pensou: “Veja bem, não se pode confiar em nada que seja condicionado!”

O brâhmane, apressado por Dusyanta, juntou-se a eles nesse momento. Contou a história ao rei e pediu o vértex de seu crânio. “Corte-o e leve-o!” – disse o rei. O brâhmane quitou sua tarefa. No país de Dusyanta, epidemias e fomes cessaram. Sob o efeito da dor causada pela ablação, o rei foi tomado por compaixão pelos seres que renascem nos infernos ardentes. Desmaiou. Conduzidos por bons presságios, um grande número de deuses e membros da corte chegaram. E perguntaram: “O que aconteceu?” O rei agachou-se e secou um pouco do sangue que maculava sua face. “Dusyanta veio pedir a eminência de meu crânio, então eu a dei...”- respondeu ele.

-“Que desejo tivestes ao consentir?”

-“Não tive nenhum desejo pessoal, minha única esperança era de curar seu reino da doença e da fome. Todavia tenho um grande desejo...”

-“Qual é?”

-“Ser o socorro de todos os seres”.

-“Será que, apesar de tudo, você não tendes arrependimento?”

-“Não, nenhum.”

-“Vendo vossa expressão de sofrimento, é difícil de acreditar.”

-“Então, se não experimentar nenhum arrependimento por ter oferecido a eminência de meu crânio a Dusyanta e aos seus, que meu corpo retorne ao que era!”

Ora, isso aconteceu.

Seu séquito lhe suplicou para retornar ao palácio, mas ele recusou. Novamente vieram os quatro Buddhas-para-si que lhe disseram: “Por que não ajudais vossos amigos, se ajudais os inimigos? É conveniente que retornéis ao palácio”.

De retorno ao palácio, proporcionou a seu séquito benefícios e felicidade.

* * *

2] Os preceitos da mente do Despertar engajada: As seis virtudes transcendentais.

As seis virtudes transcendentais são:

As que se referem à prática dos meios:

1] A generosidade

2] A disciplina

3] A paciência

4] A coragem

5] A concentração

E a que se refere à acumulação de Sabedoria:

6] O Conhecimento

* * *

1] A generosidade transcendente

Ela compreende:

1) A generosidade material

2) A generosidade espiritual

3) A proteção contra o medo

* * *

1) A generosidade material

Distinguem-se três tipos de doações:

a) A doação simples

b) A grande doação

c) A enorme doação

a) A doação simples

A doação simples consiste em oferecer objetos materiais, um pouco de chá ou uma tigela de sorgo. Se for realizado com uma intenção perfeitamente pura, o tamanho da oferenda não tem importância. A Confissão das Quedas fala do “poder benéfico que resulta por ter doado ainda que seja uma bocada de alimento a um ser do mundo animal”. Os Vencedores, hábeis nos meios e dotados de grande compaixão, podem ajudar pelo poder das dhâranis, mantras e outros métodos. Os *pretas*, tão numerosos quanto os grãos de areia do Ganges, pode-se ajudá-los dando uma só gota de água ou um simples grão de sorgo.

Sur Tchö e Chu Tor

As “oferendas queimadas brancas e vermelhas” são, no mais alto nível, proveitosas aos *pretas* que se movem nos ares. O alimento que se oferece na forma de odores satisfaz temporariamente os demônios que se comprazem com a vida dos

outros e, pela doação do Dharma, liberam sua mente. Um grande número de seres fica assim protegido de perigo de morte, pois esses demônios não esperam a vida de outrem, o que constitui a doação de refúgio. De fato, encontram-se reunidos nessas esmolas os três tipos de generosidade.

Desde que *tormas* líquidas e oferendas queimadas são fáceis de realizar e muito efetivas, tente praticá-las regularmente e sem interrupção. É bom oferecer cem mil *tormas* líquidas todo ano.

Quando nos acontece de possuir alguns bens e riquezas em nosso túmulo fechado, seremos incapazes de utilizá-los nesta vida e nas seguintes. Quaisquer que sejam nossas posses, sempre que pensamos que somos desprovidos e gememos como famintos, instaura-se uma retribuição kármica do tipo “efeito-conforme-a-cause”, semelhante à dos *pretas*...

Evitemos agir dessa maneira. Apliquemo-nos de forma resoluta nas práticas generosas tais como as oferendas às Três Jóias e a caridade aos mendicantes. “Retiremos o alimento de nossa boca para fazer esmola dela.” – disse Jetsun Mila

Quando somos invadidos por desejos egoístas, chegamos ao ponto onde, mesmo com todas as riquezas do meridional Continente de Jambu, ficamos sempre insatisfeitos. Não ousamos confessar o que possuímos e diante de uma oferenda ou uma caridade a fazer, pensamos: “Um outro qualquer se encarregará, talvez...”

Em regra geral, o Buda ensinou a generosidade material e outras práticas, utilizando riquezas concretas, sobretudo para Bodhisatvas laicos. Quanto aos monges, é importante somente que aprendam a reduzir seus desejos e estejam sempre satisfeitos, sempre praticando com coragem e desprezando as provas, o triplo treinamento da Via superior nos eremitérios das montanhas e nos locais solitários.

Alguns interrompem as suas práticas do bem para se entregar ao comércio, à agricultura e a outros trabalhos, e, por força de enganar e por atos nocivos, guardam suas riquezas materiais. Pretendem praticar o Dharma fazendo oferendas e dando esmolas com seus ganhos. Mas são eles que Dhakpo Rimpoche designa quando diz:

“Quando não se pratica o Dharma de acordo com o Dharma, o Dharma, por sua vez, torna-se causa de maus renascimentos!” Essa atitude é absurda. É importante estar sempre e em todas as circunstâncias satisfeito com o que se tem.

b) A grande doação

Consiste em oferecer aos outros seu cavalo, seu elefante, seu filho, sua filha, ou seja, o que mais estimamos ou o que é raro.

c) A enorme doação

Consiste em oferecer seus membros, seu corpo, sua vida, como o Príncipe de Grande Coração ou a Princesa Mandhe Zangmo, que deu seu corpo a uma tigresa, ou Nagarjuna, que deu sua cabeça ao filho do rei Gautamîputra.

Essa doação só pode ser praticada pelos seres que atingiram um dos níveis de Bodhisatva. As pessoas comuns são incapazes de fazê-lo.

Contentemo-nos, portanto, de imediato, de mentalmente dedicar ao bem dos seres nosso corpo, nossa vida e todos nossos bens sem nos apegar, sempre orando, para sermos capazes, em seguida, de oferecê-los realmente.

2) A generosidade espiritual

Consiste em dar iniciações, em explicar o Dharma, em transmitir os textos, em mergulhar o outro no bem. Entretanto, como nossos desejos egoístas ainda não desapareceram completamente, poderemos nos gabar de trabalhar para o bem dos outros, mas isso será somente aparência.

Atisha foi um dia questionado por seus discípulos: “Quando poderemos guiar os outros? Quando poderemos trabalhar pelo bem do próximo? Quando poderemos praticar a Transferência para um morto?”

-Pode-se guiar os outros" - respondeu o mestre, "quando realizou-se a vacuidade, e quando tornou-se clarividente".

“Pode-se trabalhar para o bem do próximo quando não se pensa mais em si mesmo.”

“Pode-se praticar a Transferência para um morto quando se entrou na Via da Visão”.

Atisha dizia ainda:

“Nesta época degenerada, não é mais o momento de fanfarronar, mas de suscitar a coragem;

Não é mais o momento de se ter altos postos, mas de guardar uma humilde condição;

Não é mais o momento de se ter servidores, mas de viver na solidão;

Não é mais o momento de vigiar os discípulos, mas de vigiar a si mesmo;

Não é mais o momento de insistir sobre as palavras, mas de refletir sobre os sentidos;

Não é mais o momento de ir e vir, mas de ficar no mesmo lugar.”

Ajudar os outros

Os Três Irmãos perguntaram um dia a Geshe Tönpa: “O que é mais importante: praticar na solidão ou ajudar os outros por meio do Dharma?”

-É em vão que o iniciante, que não tem experiência nem realização, tente ajudar os outros com o Dharma. Nenhuma bênção virá dele, como nada escorre de um pote vazio. Suas instruções seriam sem sabor nem substância, como uma cerveja que se tira sem pressão.

Aquele que está no estado de aspiração e ainda não estabilizou o “calor” é incapaz de trabalhar para o bem dos seres. Quando ele abençoa, é como derramar um líquido de um pote a outro: quando o segundo está cheio, o primeiro será doravante vazio. Suas instruções são com uma lâmpada que passa de mão em mão. Enquanto uma outra se ilumina, fica-se na escuridão.

Em contrapartida, aquele que atinge os níveis de Bodhisatva está na medida para se aplicar sobre os outros para lhes fazer o bem. Suas bênçãos são com o poder de um pote mágico: amadurecem todos os seres sem, no entanto, esgotar-se. Suas instruções são como uma lâmpada-mãe: dão luz aos outros sem mergulhar o instrutor nas trevas.

“Nesta época decadente, portanto, não é o momento para um ser comum ajudar concretamente os outros, mas de treinar a sua mente, na solidão, no amor e na compaixão da mente do Despertar.

É o momento de se guardar das emoções negativas ou, formando de uma imagem, proteger o crescimento da árvore medicinal preciosa, ao invés de cortá-la.”

Eis então porque é um pouco difícil fazer concretamente a doação do Dharma. Explicar aos outros o Dharma do qual não fizemos nós mesmos a experiência não trará nenhum benefício. Quanto a acumular oferendas e riquezas, é, como dizia Padampa Sangye, “fazer do Dharma, um objeto de lucro”.

Então, por ainda termos desejos egoístas, não nos precipitemos em ações altruístas. Oremos, antes, para que os espíritos benevolentes sejam liberados ouvindo nossas preces, nossos mantras, nossas leituras das Palavras do Vencedor. Coletemos as preces de doação do Dharma que se encontram no fim das “*tormas* líquidas” ou “oferenda de corpo”, tal como a que começa por: “Sem cometer nenhum mal...”

Quando nossos desejos egoístas estiverem esgotados, será chegado o momento de fazer da atividade altruísta nossa única prática essencial, sem nos deixar levar um só instante pela displicência.

3) A proteção contra o medo

Consiste em dar refúgio àqueles que não o têm, proteger os que estão sem protetor, guiar aqueles que estão perdidos... Em particular, uma vez que o Bhagavan ensinou que salvar a vida dos seres era o mais salutar dos atos benéficos condicionados, essa generosidade consiste em proibir de caçar e pescar, recomprar um carneiro que se levou para ser abatido, salvar um peixe, um verme ou uma mosca a ponto de morrer. Resumindo, trata-se de ajudar concretamente e ardentemente os seres, por todos os meios.

Todas as formas de generosidade constituem o ponto mais importante dos samayas tântricos:

“Como samaya da Família da Jóia,
Pratique sempre os quatro tipos de generosidade.”

Conforme pode-se ler nos *Votos das Cinco Famílias*.

* * *

2] A disciplina transcendente

Consiste em:

- 1) Evitar agir mal**
- 2) Praticar o bem**
- 3) Fazer o bem dos seres**

1) Evitar agir mal

Essa disciplina consiste em rejeitar, como um veneno, cada um dos dez atos nocivos do corpo, da palavra e da mente que não são destinados ao bem dos outros.

2) Praticar o bem

Essa disciplina consiste em produzir, em todas as circunstâncias, tantas fontes de mérito quantas forem possíveis, mesmo as mais ínfimas.

Em geral, segundo a sabedoria popular, “bem e mal se produzem dos atos cotidianos”. Observemos, portanto, sempre os meios: da lembrança, da vigilância e do

cuidado e apliquemo-nos a fazer o bem e rejeitar o mal. Pois, caso contrário, cometeremos uma quantidade de maus atos graves, mesmo no acaso de um jogo...

“Não trate de maneira leve
Os pequenos atos nocivos:
As mínimas fagulhas
Queimam as montanhas de ervas!”

Seguindo esses conselhos, produziremos uma quantidade de méritos inimaginável. Mesmo quando, no caminho, há uma quantidade de pedras gravadas de mantras, o simples fato de tirar o chapéu, manifestar respeito, de contornar essas pedras pela direita é causa infalível de Despertar perfeito, se nos aplicarmos aos três métodos supremos. Por isso:

“Não trate de maneira leve
Vossos menores atos de bem:
As gotas de água se juntando,
Enchem uma grande jarra!”

Conta-se a história do porco que, ao ser perseguido por um cão, fez a volta em uma stupa; e a história das sete lagartas que caíram de uma folha na água e, levadas pela corrente, fizeram sete vezes a volta de uma stupa: nesses dois casos, esses seres plantaram em si a semente da liberação.

Por conseqüência, sempre e em todas as circunstâncias, renunciemos à menor ação nociva, realizemos toda ação benéfica possível e dediquemos tudo ao bem dos seres: aí se encontram reunidos os preceitos e os votos do Bodhisatva.

3) Fazer o bem dos seres

Como vimos mais acima, quando não tivermos absolutamente nenhum desejo egoísta em esforçarmo-nos concretamente para o bem dos seres, empregamos os quatro atrativos. Para os iniciantes, resumimos assim: dedicar ao bem do conjunto de seres toda a prática dos preceitos, como fazer o bem e evitar o mal, utilizando os três métodos supremos.

* * *

3] A paciência transcendente

Consiste em:

- 1) Suportar a ingratidão;**
- 2) Suportar as provas pelo Dharma;**
- 3) Não ter medo do sentido profundo.**

1) Suportar a ingratidão: (antídoto da cólera)

Essa forma de paciência consiste em fazer serviços a outrem com amor e compaixão, sem ódio, nem cólera, em troca de golpes, de derrotas que nos afligem, de seus roubos, de suas palavras ofensivas, de propostas desagradáveis nas nossas costas.

Se cedermos à cólera, os méritos que tivermos acumulado durante mil kalpas serão destruídos por um só momento de raiva, com explica a *Entrada na Prática dos Bodhisatvas*.

“Um acesso de cólera é suficiente para destruir
Todo o mérito adquirido durante mil kalpas
Por meio de boas ações, tais como caridade,
E oferendas feitas a todos os *Sugatas*.
É por isso que a cólera é o pior dos maus atos,
E a ascese é paciência que vale
É por esta razão que é necessário, de forma resoluta,
E por todos os meios, cultivar a paciência.”

Lembrando-nos dos males que produzem a cólera, apliquemo-nos sempre e em todas as ocasiões a cultivar a paciência.

“O inimigo que vos odeia é uma ilusão kármica...
Rejeitem o mau espírito do ódio, pessoas de Tingri!”,
disse Padampa Sangye.

E Atisha:

“Não te importes com aqueles que te fazem mal.
Se você se coloca em cólera contra quem te faz mal,
Quando cultivarás a paciência?”

Se, portanto, insultam-nos ou prejudicam-nos, se nos acusam injustamente, não nos importemos nem procuremos nos vingar. Esgotaremos assim uma quantidade de atos nocivos e véus e graças à paciência, acumularemos méritos infinitamente.

Consideremos aqueles que nos prejudicam como nossos mestres. “Se ninguém nos suscita a cólera, para quem cultivaremos a paciência?” - é dito.

Não há pior defeito que a cólera

Nos tempos atuais, ouve-se dizer que alguém é um bom mestre ou monge, mas que ele é muito colérico. Mas se neste mundo não há defeito pior que a cólera, com pode ser ele “bom”, sendo colérico?!

“Vós não compreendestes – disse Padampa Sangye, “que o ato de um instante ditado pela cólera é um mau ato muito grave, pior que cem atos ditados pelo desejo?”

Quem assimilou o Dharma, deve ter ao mesmo tempo tornado seu corpo, palavra e mente macios como o algodão que se pisa, doce como a sopa de *tsampa* edulcorada com manteiga. Senão, quando realiza a mínima prática virtuosa ou respeita qualquer um dos votos, dá-se importância a si próprio. Constantemente, inflados de orgulho, reage-se de acordo, quando os outros pronunciam a mínima palavra. “Desprezam-me, humilham-me!” Essa suscetibilidade é sinal que a mente está separada do Dharma e que o Dharma em nada o melhorou.

Geshe Chengawa disse: “Quando, entregando-nos ao estudo, reflexão e meditação, nosso eu se infla mais e mais, nossa paciência torna-se frágil como se estivéssemos em carne viva e nosso ciúme mais exacerbado que aquele do demônio Tsang Tsen, é a prova que o estudo, a reflexão e a meditação nos conduziu ao oposto do objetivo desejado.”

É por isso, que sempre e em toda circunstância, permanecer humilde, vestir-se modestamente, honrar todos os seres, bons, maus e medíocres e domar sua mente por meio do Dharma tomando como base o amor e a compaixão da mente do Despertar é, sem erro possível, o essencial da prática. Isso vale, portanto, mais que as sublimes Visões e as meditações abissais que não farão nenhum bem à mente.

2) Suportar as provas pelo Dharma

Para a prática do Dharma, deve-se desprezar, o calor, o frio e todas as dificuldades.

Lê-se nos tantras:

“Deveis atravessar as montanhas de fogo e de navalhas cortantes,
Procureis até a morte o sublime Dharma!”

Os antigos Kadampas formularam quatro objetivos:

"Orienteis profundamente vossa mente para o Dharma,
O Dharma para a destituição,
A destituição, para a morte,
E a morte, para uma gruta deserta.”

Dharma e vida mundana

Atualmente, esperamos poder praticar o Dharma em nossas atividades mundanas, no conforto, na felicidade e no renome sem que coragem e provas sejam, no mínimo, necessárias. “Outros o fazem bem” pensamos. “Eis um bom lama: soube unir o Dharma e a vida profana...” Mas como se pode “unir o Dharma e a vida profana”? Aqueles que se propõem a conseguir isto levam provavelmente uma vida mundana; quanto ao Dharma verdadeiro, estamos certos que eles não o possuem.

Aqueles que pretendem praticar o Dharma e a vida profana parecem-se com as pessoas que se vangloriam de saber costurar com um a agulha de duas pontas, colocar água e fogo num mesmo pote ou montar dois cavalos guiando-os em duas direções opostas. O que eles pretendem é totalmente impossível.

Grandes exemplos

É impossível, para um ser comum, ultrapassar nosso Instrutor, o Buda Shakyamuni. Ora, ele tampouco, encontrou um meio de levar o Dharma e a vida mundana. Ele deixou cair como um escarro um reino de soberania universal e foi para a margem do rio Nairanjanâ onde ficou por seis anos praticando a ascese com uma grande coragem, alimentando-se com uma só gota de água e só um grão de sorgo por ano.

Jetsun Mila também praticou sem alimento ou vestimenta e só comia urtiga, assim só restava dele um esqueleto recoberto de longos pelos verdes, a ponto de que aqueles que o viam perguntavam se ele era um homem ou um demônio...

Uma prática do Dharma tão corajosa e austera significa a impossibilidade de levar em frente o Dharma e a vida mundana. Como pensar que Jetsun Mila não soube combinar essas duas coisas, por falta de recursos?

O grande siddha Melong Dorje praticou durante nove anos alimentando-se de cascas de *lakhe* e atingiu as realizações.

Longchen Rabjampa, o Onisciente Soberano do Dharma, teve por alimento durante todo o período de vários meses somente vinte e uma pílulas de mercúrio. Quando nevava, deslizava para um saco de pêlos duros que lhe servia de vestimenta e assento...

Todos os siddhas de outrora chegaram à realização praticando com coragem e austeridade, após terem abandonado completamente toda atividade mundana. Nenhum obteve resultado praticando atividades por acaso, no conforto, na felicidade e no renome.

Diz o Vidâdhara Jingme Lingpa: “Quando se prepararam abundantes reservas de alimento, vestimentas quentes, um local agradável e bons benfeitores, realizou-se o demônio antes de se ter realizado o Dharma”.

Geshe Shawopa dizia também: “Quando se pratica o Dharma com sinceridade, deve-se orientar a mente para a destituição. No fim dessa destituição, deve-se ser capaz de entrar na morte. Dando essa direção à mente, pode-se estar certo que nenhum deus, demônio ou ser humano não nos colocará em dificuldades.”

Jetsum Mila canta:

“Sem questionar, se me encontro doente,
Sem ninguém para chorar minha morte,
Se eu puder morrer neste eremitério,
Meus desejos de yogi serão satisfeitos.

Sem pegadas sobre a soleira,
E dentro, sem rastro de sangue.
Se eu puder morrer neste eremitério,
Meus desejos de yogi serão satisfeitos.

Sem questionar aonde eu vou, sem lugar certo para onde ir,
Se eu puder morrer neste eremitério,
Meus desejos de yogi serão satisfeitos.

Tudo decomposto, comido pelos vermes,
As moscas me sugando veias e tendões,
Se eu puder morrer neste eremitério,
Meus desejos de yogi serão satisfeitos.

Conclusão

É, preciso portanto, que joguemos para as urticas todos nossos os desejos profanos e pratiquemos desprezando o calor, o frio e todas as dificuldades.

3) Não ter medo do sentido profundo

Quando se apreende o Modo – de - Ser da Vacuidade profunda e, em particular, aquela da Grande Perfeição Natural além de toda atividade e todo esforço, ou bem os Doze Risos de Diamante que ultrapassaram as cadeias causais do bem e do mal, os Oito Grandes Versos Maravilhosos, etc, tentamos apreender o significado sem reagir por visões errôneas.

Ter por essas verdades um falso julgamento ou criticá-las é realizar “o ato nocivo de rejeitar o Dharma”, que tem por efeito nos aprisionar no fundo dos infernos durante inumeráveis kalpas.

“Confesso-me do ato mais nefasto que os cinco crimes de efeito imediato.

Acumulei o mal karma de rejeitar o Dharma.”

Um dia, dois monges indianos que haviam atingido as Doze qualidades do Treinamento apresentaram-se diante de Atisha. Contentes por sua exposição sobre a ausência de existência própria do “eu”, foram tomados de pânico quando o Mestre apresentou a ausência de existência própria dos fenômenos.

Eles lhe suplicaram para não pregar algo semelhante e tamparam as orelhas quando ele recitou um sutra profundo. Atisha disse-lhes: “Se vós não haveis adquirido

a fé nos ensinamentos profundos treinando-vos no amor e na compaixão da mente do Despertar, vossos votos não vos levarão a parte alguma!”

No tempo do Buda, numerosos monges visivelmente muito orgulhosos morreram escarrando sangue quando ouviram ensinar a Vacuidade profunda e renasceram nos infernos. Existem outras histórias semelhantes...

Tenhamos pelo Dharma profundo e para aqueles que o ensinam uma devoção sincera. Mesmo se, com as deficiências de uma mente estreita, não tivermos nenhum interesse, é absolutamente essencial não criticá-los!

* * *

4] A coragem transcendente

Distinguem-se três níveis:

- 1) A coragem-armadura;**
- 2) A coragem em ação;**
- 3) A coragem insaciável.**

1) A coragem-armadura

Não nos desmoralizemos ao ouvir contar a vida dos seres sublimes, dos Budas e Boddhisatvas de outrora, seus altos feitos, as provas por que passaram pelo Dharma, etc. Qualquer que seja a história, eles puderam fazer o que fizeram por serem eles Budas e Boddhisattvas, e nós somos incapazes de fazer o mesmo tanto. Pensemos: “É agindo dessa maneira que eles atingiram a realização. Sendo seu discípulo, não os ultrapassarei, mas não tenho outra escolha senão fazer como eles”.

Se lhes foram necessárias tanta coragem e tantas provas, como poderemos nós deixá-las passar? Sendo esmagados pelo mau karma, não nos beneficiamos de um treinamento espiritual imemorial?

Possuímos uma existência humana livre e rica, encontramos um mestre autêntico e recebemos profundas Instruções. Agora que temos a chance de praticar concretamente o verdadeiro Dharma, a coragem-armadura consiste em jurar praticar sinceramente, quer dizer, aceitando as provas sem hesitar, encarregando-nos de pesados fardos e colocando nossos corpos e nossa vida em jogo e não fazendo muito caso de nossa carne.

2) A coragem em ação

É preciso recusar passar nossa vida tendo desejo de praticar o Dharma e deixar os dias escoarem-se, colocando para amanhã a realização desse desejo.

Escutemos Druk Pema Karpo:

“Esta vida humana é como o cercado do açougueiro,
Em que cada segundo nos aproxima da morte.
Colocando sempre para amanhã o que podemos fazer hoje,
Como gemeremos em nosso leito de morte!”

Sem retardar um só instante nossa prática, devemos reagir como os medrosos que têm uma serpente sobre os joelhos ou a bela com os cabelos tomados pela chamas: abandonemos totalmente as atividades mundanas e apliquemo-nos rapidamente na

prática do Dharma! Senão, sendo dado que as atividades profanas são infindáveis, sucedendo-se como ondas na água, nós nunca teremos o tempo...

É o que diz o Onisciente Longchempa:

“Nossas preocupações mundanas não cessam, até a morte.

Deixemo-las cair para assim findar-se: tal é a lei da natureza!”

E ainda:

“Nossos afazeres assemelham-se aos jogos infantis.

Durando o tanto que se brinca, cessam desde que se pare.”

Quando se sente o desejo de praticar o Dharma, não devemos sucumbir um instante à preguiça e aos adiamentos, mas se colocar em obra imediatamente é o que se denomina a coragem em ação.

3) A coragem insaciável

Quando tivermos praticado um pouco que seja, uma prática de bem – retiro, abordagem-realização, preces ou outros – não devemos nos estimar satisfeitos. Juremos praticar o tanto que vivermos e continuemos nossos esforços por um longo tempo e poderosamente, como um rio, até que tenhamos atingido a budeidade perfeita.

Os seres sublimes de outrora diziam: "No momento de praticar, é preciso se assemelhar a um iaque faminto pastando: este, no momento em que arranca uma bocada de erva, fixa logo seu olhar na próxima. Assim, antes mesmo de terminar uma prática do Dharma, é necessário se fixar nas próximas e tentar fazer a cada vez com mais esforço, sem deixar um só instante nosso corpo, palavra e mente cair na ociosidade ou ausência de Dharma”.

“Ter mais e mais coragem de praticar à medida que se aproxima da morte, eis aqui a quem se reconhece no yogi que não se deixa surpreender pela geada.” - dizia o *vidyâdhara* Jigme Lingpa

Diz-se atualmente: aqueles que têm a reputação de ser muito bons meditantes ou bons Mestres não têm mais a temer que terem de se prosternar, recitar preces, acumular méritos e Sabedoria, dissolver os véus, etc. Tomando a si mesmo por alguém de bem, pensa-se que não se tem necessidade de nada mais.

“O fato de pensar que não se tem necessidade (de praticar) é a prova de que se tem a necessidade” – dizia o inigualável Dhakpo.

O grande Mestre indiano Dipankara (Atisha) aplicava-se todos os dias em fazer *tsa-tsa*, as mãos cheias de barro. “As pessoas desaprovam que um grande Mestre tal como vós trabalheis a argila - declarou seu séquito. Vós vos fatigueis; deixe-nos substituí-lo!

– “O quê!” – fez Dipankara, “então vocês vão também comer meu alimento?”

Enquanto não tenhamos atingido a perfeita budeidade, temos karma e impregnações para dissolver; assim como qualidades cada vez mais altas para adquirir. Não nos deixemos, pois, cair numa prática ociosa ou descontinuada; esforcemo-nos em ser sinceramente insaciáveis em matéria de Dharma.

Praticante inferior e superior

Uma vez que, de maneira geral, atingir ou não atingir a budeidade depende de nossa coragem, apliquemo-nos em praticar suas três formas. Ser de inteligência superior, mas ter uma coragem inferior resulta num praticante inferior. Em contrapartida, ter uma inteligência inferior, mas uma coragem superior, eis aqui um

praticante superior. É em vão que se tenham outras qualidades se não se tem a coragem!

“A inteligência, o poder, a riqueza,
Nem a força podem socorrer,
Aquele que não tem ardor,
Assemelha-se a um remador,
Que tivesse um barco sem remos.”, disse Jigme Lingpa.

Sempre e em todas as situações, não devemos comer mais que o necessário, devemos medir nosso sono, guardar uma firme e constante determinação e fazer prova de uma coragem sem tensão, nem relaxamento excessivo; como na imagem de um arco retesado.

Com uma prática displicente e descontínua, não chegaremos a parte alguma.

* * *

5] A concentração transcendente

A] Preliminares

Não poderemos conseguir a concentração sem antes:

- 1) **Renunciar aos afazeres (abandonar as distrações);**
- 2) **Ficar num local solitário (lugar de retiro).**

Isto porque é importante primeiro abandonar as distrações.

1) Abandonar as distrações

O que é composto se desagrega: pais, irmãos, esposos, amigos e mesmo a carne e os ossos do corpo que recebemos no nascimento deverão se separar. Compreendendo a inutilidade de se apegar aos próximos e amigos efêmeros, devemos ficar sempre sós.

Repa Shiwa Wö disse:

“Em mim se encontra toda a budeidade,
Amigos espirituais, suportes de minha prática,
Se mais de três ou quatro ficam juntos,
Aparecerão os ódios e os apegos,
E por essa razão, ficarei só.”

Vaidade do apego excessivo às posses

Nossos desejos, fontes de todos os males, não são nunca satisfeitos, e nossa avareza aumenta a mesma proporção que nossas riquezas. É dito: “Quando se é rico, se é também avaro”. Ou ainda: “Mais se tem, mais se quer, como os ricos...” E: “Quando não se tem riqueza, não se tem inimigo.”

Mais se tem riquezas, mais roubar e se odeia. Passa-se toda a vida adquirindo, protegendo e aumentando sua riqueza. Tudo isso só traz sofrimento e atos nocivos. O sublime Nagarjuna disse:

“Saiba que as riquezas acumuladas, protegidas,
E acrescidas a grande pena produzem males sem fim.”

Mesmo que um homem possua toda a riqueza e posses de todo o mundo, isso não muda o fato de que ele necessite somente o suficiente de roupa e alimento para uma só pessoa. Todavia, o que quer que se possua, pensa-se que não é suficiente para se alimentar e se vestir a si mesmo! Fazendo pouco caso dos atos nocivos, sofrimentos e críticas, joga-se ao vento sua vida futura e coloca-se o presente em perigo. Por um objeto insignificante, se perde a noção de honestidade, vergonha, prudência, previsão e consideração pelo Dharma e pelos samayas. Passando todo seu tempo a correr após a alimentação, os ganhos e as posições, torna-se semelhante a um mau espírito à procura de *tormas*; esgota-se assim sua existência sem nunca aproveitar um só dia de lazer, de bem estar ou de felicidade. Enfim, de tanto entesourar, chega-se a pagar com sua vida; por simples riquezas, morre-se pelas armas. Os bens materiais e as riquezas que tivermos guardados durante toda uma vida serão utilizados por nossos adversários ou outras pessoas; tudo será dilapidado.

Quanto aos maus atos que essas coisas nos terão obrigado a cometer – uma montanha tão alta quanto o Monte supremo! – recairão sobre nós e erraremos no fundo de insuportáveis mundos inferiores sem nunca nos libertarmos. É por isso que ainda que possuamos poucos bens, devemos consagrá-los durante esta vida em que somos livres e fazer boas provisões para as próximas. Saibamos nos contentar da alimentação estritamente necessária e as vestimentas que protegem do vento polar.

Os amigos pueris

Aqueles que se preocupam com sua vida atual são qualificados de amigos pueris. Quando lhes fazemos serviços, eles nos respondem de maneira ingrata nos fazendo mal. O que quer que se faça por eles, nos é difícil satisfazê-los, pois nunca estão contentes. Se tivermos mais do que eles, eles ficam com ciúme. Se tivermos menos, eles nos desprezam. Mais os freqüentamos, mais nosso demérito aumenta e nosso mérito se obscurece. Renunciemos a essas pessoas, fiquemos bem distantes!

Abandonar as atividades mundanas

O comércio e a agricultura, a fabricação de objetos, as ciências e outras ocupações dessa ordem nos engajam em numerosas atividades, nos oferecem mais assuntos de distração. Continuamente ocupados por poucas coisas, penando sem rima nem razão, não venceremos os nossos adversários e nem protegeremos nossos próximos!

Abandonemos como a um escarro todas as atividades e distrações que não têm fim. Deixemos para trás nosso país, adotemos sem hesitar o dos outros. Instalemo-nos perto de um rochedo. Tomemos os animais selvagens como companheiros. Devemos dar a nosso corpo e a nossa mente as tarefas das quais são capazes. Aceitemos cair sobre a terra o alimento, a vestimenta e a reputação. Devemos passar nossa vida em um vale deserto onde não há ser humano.

Escutemos Jetsun Mila:

“Na minha gruta, nesta região sem ninguém,
Estou triste e meu infortúnio é sem fim...
Ó Mestre, Buda dos três tempos,
Minha devoção por vós nunca me deixa...”

2) Lugar de retiro

Se nos inspiramos com estas palavras: “em um lugar onde a mente está triste, a concentração nascerá”, como se diz, de forma totalmente natural, aparecerão as qualidades da Via: fadiga do samsara, determinação de se libertar, fé, visão pura, concentração, absorção... Esforcemo-nos, portanto a todo preço a agir dessa maneira.

Nas florestas solitárias, nesses locais onde os Budas e Bodhisattvas do passado encontraram a paz, sem afazeres, sem distrações, comércio ou trabalhos de campo, sem “amigos pueris”, os pássaros e os ruminantes são companheiros fáceis de se conviver; as águas dos riachos e as folhas fazem uma boa substância ascética; a consciência está naturalmente clara e a concentração se desenvolve dela mesma. São locais que possuem todos os tipos de qualidades, onde não se tem nem amigos nem inimigos, onde se está liberado das cadeias do apego e do ódio.

Lê-se no *Tocha da Lua* e em outros sutras pregados pelo Bhagavan que o simples fato de querer ir para locais solitários e de fazer sete passos em sua direção é mais benéfico que fazer oferendas a todos os Budas das dez direções durante o tanto de kalpas quanto os grãos de areia do Ganges! Por mais forte razão quando se vai realmente a estes locais e lá se permanece...

Diz-se também:

“Nestes locais supremos, sobre os montes solitários,
Todos os nossos comportamentos se tornam positivos.”

Uma vez que tenhamos dirigido esforços nesse sentido, mesmo se não se produzir mais méritos efetivos, todas as qualidades da Via – fadiga do samsara, determinação de se liberar, amor, compaixão – surgem automaticamente e por isso nosso comportamento se torna naturalmente benéfico. O apego, o ódio, todas as emoções negativas que tentamos em vão parar nos locais formigantes de atividades, reduzem-se por si mesmas. Pelo único fato de se chegar a um local solitário, torna-se fácil fazer nascer em si todas as qualidades da Via.

Todos esses pontos, como as preliminares de concentração, são de importância capital. É, portanto, impossível dispensá-los.

B] A concentração propriamente dita

Distinguem-se três tipos de concentração:

- 1_A concentração pueril;
- 2_A concentração claramente-discernente;
- 3_A concentração excelente dos Tathagatas.

1) A concentração pueril

Quando nos apegamos às experiências de felicidade, de claridade ou de sem-pensamentos, procuramo-las com um interesse particular e a meditação se acompanha de cálculos ligados a esse desejo. A concentração que se pratica é então qualificada de pueril.

2) A concentração claramente-discernente

Quando, desapegados das experiências meditativas, não “saboreamos-se mais a concentração”, mas apegamo-nos, entretanto, ao remédio que é a Vacuidade, conceitualizando-a, pratica-se uma concentração dita “claramente-discernente”.

3) A concentração excelente dos Tathâgatas

Quando não se tem mais o conceito da Vacuidade, o remédio, e se permanece na concentração do Real, sem pensamentos, pratica-se a concentração “excelente dos Tathâgatas”.

Importância da postura

Cada vez que se exerce a concentração, é importante adotar para o corpo “a sétupla postura de Vairochana” e para os olhos, o olhar apropriado.

É dito: “Quando o corpo está correto, os canais estão corretos; quando os canais estão corretos, as energias estão corretas; quando as energias estão corretas, a mente está correta”.

Fiquemos então bem corretos, sem deitar ou apoiar e sem objeto de pensamento: permanecer de maneira uniforme sem nada apreender mentalmente é a essência da concentração transcendente.

* * *

6] O Conhecimento transcendente

O Conhecimento transcendente é adquirido em três etapas:

- 1) Pelo estudo;**
- 2) Pela reflexão;**
- 3) Pela meditação.**

1) O Conhecimento pelo estudo

Obtém-se o conhecimento escutando todas as palavras do Dharma e seu sentido tais como são ensinados pelo Mestre, e compreendendo-os de acordo com suas explicações.

2) O Conhecimento pela reflexão

Não se contentando somente em ouvir e compreender tudo o que o Mestre ensina, deve-se revê-los mentalmente para fixar claramente o sentido por meio da reflexão, o exame, a análise. Questiona-se o que se ignora e, para não ter nada mais a pedir sobre os pontos da prática, deve-se ir a um local solitário para a prática. Não se faz simplesmente o semblante de saber, mas se procede a um exame crítico a fim de se ter certeza de poder fazer sozinho.

3) Conhecimento pela meditação

O que se sabe faz-se pela experiência da meditação. Realiza-se assim, sem erro, o Modo-de-Ser verdadeiro. A certeza é adquirida do interior. Liberado das cadeias da afirmação e da negação, vê-se a face do Modo-de-Ser.

Portanto, após ter eliminado as dúvidas pelo estudo e a reflexão, chega-se à experiência meditativa. Vê-se que todos os objetos exteriores percebidos pelos cinco sentidos são formas vazias insubstanciais que correspondem às oito metáforas da ilusão:

- 1) São como sonho: não têm existência própria e aparecem aos olhos da ilusão.
- 2) São como ilusão mágica: aparecem subitamente a partir de combinações de causas, de circunstâncias, de interdependências.
- 3) São como ilusão de ótica: qualquer coisa parece existir onde não há nada.
- 4) São como miragem: uma aparência sem realidade.
- 5) São como eco: percebe-se, mas não há nada, tanto fora como dentro.
- 6) São como cidade de comedores-de-perfumes: sem nada que contenha, ou esteja contido.
- 7) São como reflexo, pois aparece, mas sem substância própria.
- 8) São como cidade fantasma: um não-ser percebido sob todos os tipos de aspectos.

Compreende-se então que os objetos percebidos são mentirosos.

Quando se observa a natureza daquilo que percebe esses fenômenos, quer dizer, a mente, as aparências não param de surgir, mas os pensamentos que apreendem um objeto se acalmam. Permanecer na realização de Real vazio, luminoso como o espaço, eis aí o Conhecimento transcendente.

Combinações das virtudes

Podemos detalhar nossa exposição das seis virtudes transcendentais dividindo cada uma delas em três, o que faz um total de dezoito. A generosidade material por sua vez, perfaz vinte; vinte e uma, juntando os Meios transcendentais; vinte e dois, com a força transcendente; vinte e três, com a prece transcendente; e vinte quatro, com a Sabedoria transcendente. Entrando mais ainda no detalhe, pode-se subdividir cada uma das seis virtudes em seis outras, o que faz trinta e seis.

Por exemplo, examinemos a generosidade transcendente no seu aspecto doação do Dharma, quer dizer, quando estão reunidos o Mestre que ensina, o Dharma a ser ensinado, o discípulo ao qual se dirige e o ensinamento transmitido. Durante a exposição do Dharma, não procurar ganhos e honras e não misturar ao nosso ato nenhuma ostentação, ciúme ou outra impureza emocional, eis aí a disciplina transcendente. Repetir muitas vezes o sentido de uma frase desprezando todas as dificuldades e o cansaço. Eis aí a paciência transcendente. Não sucumbir à preguiça e adiamentos e fazer a exposição no momento previsto, eis aí a coragem transcendente. Explicar sem deixar sua mente se distrair com palavras e sua significação, sem erros, acréscimos ou omissões, eis aí a concentração transcendente. Aplicar, durante a exposição, o Conhecimento livre dos conceitos dos “três elementos”, eis aí o Conhecimento transcendente. As seis virtudes transcendentais estão, portanto, apresentadas.

Consideremos agora a generosidade material, por exemplo, o fato de oferecer comida a um mendigo. Há a doação, pois estão reunidos: o algo a comer, o doador, o beneficiário e o ato que é realizado. A disciplina, aqui, consiste, em não dar alimento ruim ou estragado, mas algo que beberíamos ou comeríamos nós mesmos. A paciência é não se colocar em cólera quando se é freqüentemente solicitado. A coragem consiste em dar prontamente, sem pensar nas dificuldades e no cansaço. A concentração consiste a não deixar distrair-se por outros pensamentos. Saber que os três elementos da situação não têm realidade própria, eis aí o Conhecimento. Temos, portanto, as seis virtudes transcendentais. As mesmas subdivisões podem ser definidas também para a disciplina, paciência etc.

Para ter um resumo das virtudes transcendentais, escutemos Jetsun Mila:

“Quando não se tem mais o conceito de um eu,
Isso é generosidade.
Quando se rejeitou toda a hipocrisia,
Isso é a disciplina.
Quando se ultrapassou o medo do verdadeiro sentido,
Isso é a paciência.
Quando não se separa mais da prática,
Isso é a coragem.
Quando se permanece sempre no estado de mente inalterado,
Isso é a concentração.
Uma vez realizado o Modo-de-Ser,
Isso é o Conhecimento.
Quando tudo que se faz é o Dharma,
Isso são os Meios.
Quando se venceu os quatro demônios,
Isso é a força.
Quando se realizou o duplo objetivo,
Isso é a prece.
Quando se reconheceu o defeito oculto das emoções,
Isso é a Sabedoria.

“Quais são as melhores coisas da Via?” – perguntaram Khu, Ngok, e Drom a Atisha, que lhes respondeu:

“O melhor dos eruditos é aquele que realizou a ausência de existência própria.
O melhor dos religiosos é aquele que domou a mente. A melhor das qualidades é o grande altruísmo.
A melhor das instruções é sempre observar sua mente.
O melhor dos remédios é saber que nada tem natureza própria.
A melhor das condutas é aquela que não concorda com aquelas do mundo.
A melhor das realizações é a diminuição progressiva das emoções negativas.
O melhor sinal da realização é a diminuição progressiva dos desejos.
A melhor das generosidades é o não-apego.
A melhor das disciplinas é a pacificação da mente.
A melhor das paciências é a humildade.
A melhor das diligências é o abandono das atividades.
A melhor das concentrações é o estado inalterado de mente.
O melhor dos Conhecimentos é a ausência de apreensão mental para o que quer que seja.”

O vidâdhara Jigme Lingpa declarou também:

“No contentamento reside a generosidade transcendente,
E sua essência consiste em soltar a ligação.
Não desagradar as Jóias é possuir a disciplina.
Lembrança e consciência desperta sem falha é paciência suprema.
A coragem deve tudo acompanhar.

Transformar o apego às aparências meditando sobre estas com as divindades, é a concentração.
A liberação espontânea de nossas apreensões mentais e de nossos apegos é o Conhecimento.
Não há, nesse estado, nem pensador nem pensamento;
Estado fora do comum, livre de falsas certezas.
Eis a paz suprema, além do sofrer.
Não declame isso em todos os ouvidos,
Mas guarde-os preciosos em vossa mente!”

Resumo: o sentido

A totalidade das vastas práticas dos bodhisattvas como as seis virtudes transcendentais pode-se condensar na única Vacuidade, que tem a compaixão por coração.

Sahara declara no seu *Dohas*:

“A Visão da Vacuidade sem a compaixão
Não permite encontrar a via suprema.
Mas caso se medite somente sobre a compaixão,
Permaneça-se no samsara: o que é a liberação?
Aquele que possui as duas coisas
Não permanece no vir-a-ser nem no nirvana.”

Não permanecer nem no vir-a-ser nem no nirvana é estar no nirvana “sem residir”, é a budeidade total.

“A Vacuidade que tem a compaixão por coração
É destinada para aqueles que desejam o Despertar”

disse o protetor Nagarjuna.

Drom Tönpa perguntou a Atisha qual era o ensinamento último. Seu Mestre lhe respondeu; “A Vacuidade que tem a compaixão por coração. Por exemplo, existe neste mundo um remédio muito poderoso, uma panacéia, o antídoto de todas as doenças. Da mesma maneira, a realização do Real, da Vacuidade tal com ela é, é o remédio para todas as emoções negativas”.

- Como se faz então – continuou Drom, uma vez que todos aqueles que dizem ter realizado a Vacuidade não têm mais desejo nem ódio?

- Pois a realizaram somente nas palavras! Se eles tivessem realmente realizado a Vacuidade tal com ela é, seus corpos, suas palavras e suas mentes teriam se tornado como o algodão que se pisa ou a sopa de *tsampa* edulcorada com manteiga. Aryadeva dizia que simplesmente se questionar se todas as coisas, no se Modo-de-Ser, são vazias ou não, é suficiente para que nosso mundo se desagregue. Isso porque a justa realização da Vacuidade é uma panacéia que contém todas as práticas da Via.

- Como os métodos da Via podem todos se encontrar na realização da Vacuidade?

- Todos os métodos da Via encontram-se nas seis virtudes transcendentais. Ora, se realizamos verdadeiramente a Vacuidade torna-se livre do apego. Com não sente mais desejo, desejo profundo, nem apreensão mental por nada, se possui continuamente a generosidade transcendente. Sem apreensão-apego, não se pode ser atingido pela mácula dos atos nocivos e a disciplina transcendente está presente e sem interrupção. Quando não se experimenta a cólera que se apóia na crença de “eu” e

“meu”, possui-se sem cessar a paciência transcendente. Como a mente alegra-se plenamente com o que verdadeiramente realizou, a coragem transcendente está presente sem interrupção. Sem a distração que se apóia na apreensão de uma realidade sólida, a concentração transcendente está presente e sem interrupção. E como não se possui mais o conceito dos três elementos à vista do que quer que seja, o Conhecimento transcendente está presente e sem interrupção.

- Aquele que realizou a verdadeira realidade torna-se, portanto Buda unicamente pela Visão e a meditação da Vacuidade? – perguntou Drom Tönpa.

- De tudo que percebemos como aparências e sons – seguiu Atisha, não há nada que venha de nossa mente. A Visão consiste em realizar que a mente é consciência desperta e Vacuidade indissociadas. Guardar continuamente na mente essa realização e não se desviar, eis aí a meditação. Praticar, nesse estado, as duas acumulações como ilusões mágicas, eis aí a ação. Caso se tenha adquirido experiência neste tipo de prática, ela virá no estado de sonho. Se ela se produziu nos sonhos, ela se produzirá no momento da morte e mesmo no bardo. Se ela tem lugar no bardo, é certo se chegar na realização suprema.”

As oitenta e quatro mil portas de acesso ao Dharma que o Vencedor abriu são, portanto, todos os meios de fazer emergir em nós a mente do Despertar, a Vacuidade cujo coração é a compaixão.

Sem a mente do Despertar, as práticas da Visão e da meditação, tão profundas sejam elas, são absolutamente inúteis para realizar a budeidade total.

As práticas tântricas de Criação, de Perfeição ou outras permitem também atingir a budeidade perfeita nesta vida, com a mente do Despertar; mas sem este último, elas não diferem em nada das vias dos *tirthikas*. Estes têm também numerosos métodos: meditam as divindades, recitam mantras, praticam sobre os canais e as energias e têm uma ética que repousa sobre a lei de causalidade. Mas sem tomar refúgio nem produzir a mente do Despertar, não têm o poder de se liberar das esferas samsáricas.

É por isso que geshe Kharak Gomchung declara:

“De nada serve contrair todos os votos, desde a tomada de refúgio até os samayas tântricos, caso não se desvie sua mente das coisas deste mundo.

É inútil pregar o Dharma sem parar, caso não se faça calar o orgulho.

É inútil progredir, caso se coloque no refúgio os preceitos da tomada de refúgio.

É inútil aplicar-se na prática dia e noite caso não lhe aplicarmos a mente do Despertar.”

Se não tomarmos corretamente por base a tomada de refúgio e a produção da mente do Despertar, qualquer que seja a amplidão pretendida de nossos estudos, reflexão e meditação, elas serão como uma fortaleza de nove andares construída sobre o gelo do inverno, na qual se fará o reboco, pinturas murais e outras decorações: a longo termo, isto não faz sentido.

Não subestimemos essas duas práticas pensando que elas são inferiores ou reservadas aos iniciantes. Até o final, devemos nos aplicar no quadro dos elementos de toda a Via; preparação, parte principal e conclusão. Bons ou maus, nobres ou humildes, é importante exercer estas práticas com aplicação.

É indispensável, em particular, que os Mestres e os monges que recebem oferendas de fiéis, guiam os mortos e aceitam seus bens, possuam uma mente do

Despertar sincera. Caso não a tenham, todas as purificações e outros rituais serão também inúteis aos vivos e aos mortos. Superficialmente, eles têm o ar de ajudar os outros, mas no fundo, mesclam todos seus desejos pessoais, e somente atraem uma infinidade de males e de obscurecimentos ligados às oferendas e um futuro renascimento nos mundos inferiores.

Um indivíduo que tivesse o poder de voar como um pássaro, de se movimentar na terra como um rato, de atravessar rochedos, ter uma clarividência ilimitada, deixar as impressões das mãos e dos pés na rocha e realizar todos os tipos de outros prodígios, mas não possuísse a mente do Despertar, seria somente um *tirthika* ou um ser possuído por um poderoso demônio. No início atrairia pessoas crédulas que se devotariam a ele e lhe fariam oferendas, mas o resultado final só poderia ser sua perda e a do outro.

Em contrapartida, uma pessoa dotada de uma verdadeira mente do Despertar poderia não ter nenhuma outra qualidade, e toda relação com ela traria bons frutos.

Entretanto, ignora-se onde se encontram os Boddhisatvas. Mesmo entre os açougueiros e as prostitutas, é dito, existem uma quantidade destes seres hábeis nos Meios... Uma vez que é difícil saber se os outros possuem ou não a mente do Despertar, sigamos a recomendação do Bhagavan: “À exceção de mim mesmo e daqueles que se assemelham, ninguém pode julgar um indivíduo.” Consideremos todos aqueles que suscitaram em nós a mente do Despertar – divindades, Mestres, Amigos de Bem ou outro- como o Buda em pessoa.

Em nossa mente agora, quando nos parecer ter adquirido as “qualidades-sinais de progresso” na Via, quaisquer que sejam – realização do Modo-de-Ser autêntico, clarividência, estado de concentração, visão de nosso yidam - se graças a elas o amor e a compaixão crescem regularmente, estejamos certos que são qualidades. Todavia, se estas experiências só fazem sombrear o amor e a compaixão da mente do Despertar, não há nenhuma dúvida que o que tem um ar de sucesso na Via é ao contrário um obstáculo dos demônios ou um caminho errôneo. Particularmente quando temos a realização verdadeira do Modo-de-Ser, podemos sentir, de maneira extraordinária, fé e visão pura em relação aos seres superiores e também amor e compaixão para aqueles que nos são inferiores.

O inigualável Dhapko Rimpoche perguntou a Jetsun Mila: “Quando poderei guiar os outros?”

- Um dia terás a visão extremamente clara da essência da tua mente, diferente da que tens atualmente, que não deixará lugar para a menor dúvida. Então, você me conceberá, eu teu antigo pai, de uma maneira fora do comum, como o Buda em pessoa. Experimentarás sem falta, de maneira natural, amor e compaixão por todos os seres. Então poderás guiar os outros.”

É preciso, portanto, sobre a base do amor e da compaixão da mente do Despertar, praticar conjuntamente o estudo, a reflexão e a meditação sobre o Dharma.

Não se pode praticar sem previamente ter eliminado suas dúvidas pelo estudo.

“Aquele que medita sem ter estudado,
Assemelha-se a um maneta que faz escalada.”

Ensina-se:

“Eliminar as dúvidas pelo estudo” não significa que é preciso conhecer todo o assunto de conhecimento, os quais são vastos e inumeráveis. Isso seria impossível em uma vida breve nesta época degenerada. O que é preciso é conhecer a fundo e sem erro

como colocar em prática, do início ao fim, os ensinamentos que temos para praticar e eliminar toda hesitação, refletindo.

Quando Atisha estava em Nyethang, Nachung Tönpa de Shang, Kyung Tönpa e Lhantsang Tönpa lhe pediram para ensinar os sistemas de lógica. Atisha lhes respondeu: “Os não budistas *tirthikas* e os budistas têm numerosos sistemas, mas todos são cheios de pensamentos discursivos. Esses inumeráveis pensamentos não são necessários e uma vida não é suficiente para conhecê-los. É-nos necessário reduzi-los à sua essência”.

- Como reduzi-los à sua essência? – perguntou Nachung Tönpa de Shang.

- Exercendo o amor e a compaixão da mente do Despertar para todos os seres cujo número é infinito como o espaço, aplicando-se em perfazer as duas acumulações para seu bem, dedicando as fontes de mérito assim produzidas ao Despertar completo, compartilhado-as entre todos os seres; reconhecendo, enfim, que a essência disto tudo é vazia e tem as mesmas características que um sonho ou uma ilusão mágica.”

Quando não se sabe reduzir a prática à sua essência, saber e compreender tanto e mais não é estritamente de nenhuma ajuda.

Quando Atisha chegou no Tibet, foi convidado pelo grande tradutor Rinchen Zangpo. Atisha lhe perguntou quais ensinamentos ele conhecia. Rinchen Zangpo conhecia tudo. Atisha se alegrou: “Maravilhoso!” – disse ele. “A presença no Tibet de um erudito tal como vós tornais minha vinda supérflua... e como vós pratiqueis todos os ensinamentos em um só assento?”

- Sigo as explicações correspondentes a cada texto...

- Tradutor podre! – explodiu Atisha, fortemente decepcionado. Minha vinda ao Tibet é, portanto necessária!

- Como é necessário fazer, então?

- É necessário praticar reduzindo todos os ensinamentos à sua essência comum!”

É, por consequência, indispensável saber reduzir as práticas à sua quintessência, fundamentando-se sobre as instruções cruciais do Mestre.

Esse saber deve igualmente ser colocado em prática, sem o que ele não serve a estritamente nada. “Quem tem fome não se contenta apenas em ouvir falar de alimento, ele deve comer. Da mesma maneira, conhecer o Dharma é vão se não o colocamos em prática” – disse Jetsun Mila.

O objetivo da prática é servir de antídoto às emoções negativas e a crença em um eu.

Escutemos ainda Jetsun Mila: “Pode-se reconhecer qualquer um que tenha acabado de comer, pelo rubor de sua face. Da mesma maneira, pode-se saber se alguém conhece o Dharma e o pratica vendo se o Dharma tornou-se remédio para suas emoções negativas e de sua crença em um eu”.

Potowa perguntou a Geshe Tönpa: “Onde está a linha de demarcação entre o Dharma e o não-Dharma?”

- Remédio às emoções negativas, eis o Dharma; sem remédio, o não-Dharma. O que não se concilia com o mundano, é Dharma; o contrário, não-Dharma; o que responde aos ensinamentos do Buda e as instruções do Mestre é Dharma; o contrário, não-Dharma. O que deixa boas marcas é Dharma; o resto, não-Dharma.”

O Mestre Chengom diz: “Acreditar na causalidade dos atos é a Visão correta daqueles que têm faculdades inferiores. Realizar que toda coisa exterior e interior se

encontra nas duas Uniões: aparência-Vacuidade e consciência desperta-Vacuidade é a Visão correta daqueles que têm faculdades medianas. Realizar que o que é visto, aquele que vê e a realização são somente uma só e mesma coisa, eis a Visão correta daqueles cujas faculdades são superiores.

“Deixar a mente totalmente concentrada sobre um objeto, tal é a meditação correta daqueles que têm faculdades inferiores. Permanecer concentrado sobre as duas Uniões: aparência-Vacuidade e consciência desperta-vacuidade, eis a meditação correta daqueles que têm faculdades medianas. A ausência de objeto de meditação, de assunto de meditação, de experiência meditativa assim como o conceito de ausência, eis a meditação correta daqueles que têm faculdades superiores.”

"Fazer guarda à causalidade dos atos como à pupila de seus olhos, eis a ação correta daqueles que têm as faculdades inferiores. Agir vendo tudo como um sonho ou uma ilusão mágica, é a ação correta daqueles cujas faculdades são medianas. Não agir em nada e sobre nada, eis a ação autêntica daqueles cujas faculdades são superiores."

“A constante diminuição da crença em um eu, emoções negativas, pensamentos, eis o sinal correto de “calor” comum a todos os praticantes, quer suas faculdades sejam superiores, medianas ou inferiores.”

Encontram-se duas frases semelhantes na *Preciosa Via Suprema* do inigualável Dhakpo.

Quando se estuda o Dharma, deve-se, portanto, saber tudo reduzir à sua essência.

Longchempa, o grande Onisciente declarou:

“O que se pode conhecer é em número semelhante às estrelas,
E os assuntos de estudo não têm fim nunca.
Mais vale desde já apreender sua quintessência,
O imutável baluarte, que é o Corpo Absoluto!”

Em seguida, no momento da reflexão, deve-se eliminar as dúvidas.

“Procure as instruções do Mestre como uma mãe falcão procura suas presas.
Escute o Dharma como um cervo escuta uma música.
Medita como um idiota que saboreia.
Reflita como um nômade do Norte que tosa um carneiro
No momento do resultado, seja como o sol e a lua desimpedidos de nuvens”

Diz Padampa Sangye.

Assim, não é preciso dissociar estudo, reflexão e meditação sobre o Dharma. “Combinar estudo, reflexão e meditação sobre o Dharma” - diz Gampopa, "eis um ponto essencial incontestável”.

O resultado destas três práticas deve absolutamente se manifestar por um constante progresso no amor e na compaixão da mente do Despertar e uma constante diminuição da crença no eu e emoções negativas.

Essas instruções sobre a produção de uma mente orientada no Despertar supremo são a seiva de todos os ensinamentos, a quintessência de todas as Vias.

Não há nenhuma dúvida: somente elas são suficientes e sem elas o Dharma é sem Meios. Vê-se a importância de colocá-las em prática com sinceridade, sem se contentar em escutá-las ou compreendê-las.

Aspiro cultivar a mente do Despertar supremo,
Mas em mim, não se fez nascer!
Estou impulsionado pelas seis virtudes transcendentais,
Mas é para meu próprio bem!
Abençoe-me, com todos meus semelhantes,
Que tem a mente fortemente estreita,
Para que aprendamos a mente do Despertar supremo!



Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação
Parte IV

As seis virtudes transcendentais.

Capítulo 12

༄༅། སྤྱོན་པའི་ཕ་རོལ་ཏུ་སྤྱོན་པའི་ལེས།

A virtude transcendente da Generosidade

Capítulo 13

༄༅། ལྷོལ་བྲིམས་ཀྱི་ཕ་རོལ་ཏུ་སྤྱོན་པའི་ལེས།

A virtude transcendente da Disciplina

Capítulo 14

༄༅། བཟོད་པའི་ཕ་རོལ་ཏུ་སྤྱོན་པའི་ལེས།

A virtude transcendente da Paciência

Capítulo 15

༄༅། བརྩོན་ལགས་ཀྱི་ཕ་རོལ་ཏུ་སྤྱོན་པའི་ལེས།

A virtude transcendente da Coragem

Capítulo 16

༄༅། བསམ་གཏན་ཀྱི་ཕ་རོལ་ཏུ་སྤྱོན་པའི་ལེས།

A virtude transcendente da Concentração

Capítulo 17

༄༅། ཤེས་རབ་ཀྱི་ཕ་རོལ་ཏུ་སྤྱོན་པའི་ལེས།

A virtude transcendente do Conhecimento

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação
A Produção da Mente do Despertar, a Bodhicitta
Apresentação detalhada das 6 virtudes transcendentais

Capítulo 12

A virtude transcendente da Generosidade

I Vantagens da generosidade e inconvenientes da falta de generosidade

- 1] Vantagens 2] Inconvenientes

II Definição de generosidade

"A generosidade é uma doação integral sem apego"

III As diferentes formas de generosidade

- 1] Generosidade material 2] Proteção contra os perigos 3] Generosidade espiritual

IV Características de cada forma de generosidade

1] Generosidade material

1) Generosidade incorreta

1_A intenção

- a) Perversa b) Mesquinha

2_O que é dado

3_O destinatário

4_A maneira de dar

2) Generosidade correta

1_O que é dado

- a) Os objetos interiores

- b) Os objetos exteriores

2_O destinatário (4 tipos)

3_A maneira de dar

- a) A intenção b) A ação

2] Proteção contra os perigos

3] Generosidade espiritual (Doação do Dharma)

1) O destinatário (3 características)

2) A intenção: 1- Boa 2- Má

3) O ensinamento

4) A maneira de dar

V Como desenvolver a generosidade

- 1) Pela sabedoria, tornamo-la superior
2) Pelo conhecimento, tornamo-la ilimitada
3) Pela dedicatória, tornamo-la inesgotável

VI Como purificar a generosidade

- 1) Pelo conhecimento da vacuidade
2) Pela compaixão

VII O fruto da generosidade

1) O fruto último

2) Os efeitos temporários

1_Frutos da generosidade material

2_Frutos da doação de proteção

3_Frutos da doação do Dharma

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

A produção da mente de Despertar

Apresentação detalhada das seis virtudes transcendentais
(Capítulos 12 à 17)

Estudemos, agora, uma por uma as seis virtudes transcendentais.

Capítulo 12

A virtude transcendente da generosidade

- I Qualidades da generosidade e inconvenientes da falta de generosidade
- II Definição da generosidade
- III As diferentes formas de generosidade
- IV Características de cada forma de generosidade
- V Como desenvolver a generosidade
- VI Como purificar a generosidade
- VII O fruto da generosidade

* * *

**I Qualidades da generosidade
e inconvenientes da falta de generosidade**

Quem não pratica a generosidade sofrerá sempre de pobreza e terá grandes chances de renascer entre os *pretas*. Mesmo que renasça humano, será pobre e carente.

Segundo a *Prajnaparamita resumida*:

“Os avarentos renascem junto aos *pretas*,
E mesmo que renasçam humanos, serão pobres.”

E o *Vinaya*:

“Os *pretas* responderam a Shrona que eles haviam sido avarentos,
mesquinhos, que nunca haviam dado nada aos outros;
é por isso que haviam afundado no mundo dos *pretas*.”

Sem a prática da generosidade, não poderemos mais trabalhar pelo bem dos outros nem atingir o Despertar. O mesmo texto declara:

“Quem nunca foi generoso não possui nenhum bem
E não pode juntar-se aos seres;
Menos ainda poderá atingir o Despertar.”

Por outro lado, quem pratica a generosidade será rico e feliz em todas suas vidas, como lemos também na *Prajnaparamita resumida*:

“A generosidade do Bodhisattva o impede de renascer *preta*:
Ela coloca fim à pobreza e à todas as emoções negativas.
Quem a pratica, obtém infinitas riquezas.”

Na *Carta a um amigo*:

“Não existe melhor remédio
Do que a doação corretamente realizada.”

E na *Introdução à via mediana*:

“Sabendo que todos os seres desejam a felicidade,
Que não existe ninguém que não queira ser rico e feliz
E que toda riqueza é decorrente da generosidade,
É isso que foi inicialmente ensinado por Muni.”

A generosidade permite também fazer o bem dos outros, pois é pela doação que nos juntamos ao outro antes de poder levá-lo ao Dharma. O texto precedente diz ainda:

“Graças à generosidade, pode-se conduzir à perfeita maturidade os seres que sofrem.”

Com a generosidade, é igualmente fácil atingir o Despertar insuperável.

A *Corbelha dos Bodhisattvas* declara:

“Não é difícil para quem pratica a generosidade atingir o Despertar.”

O *Sutra do grande número de jóias* diz, inclusive:

“A generosidade é o Despertar dos Bodhisattvas.”

No *Sutra solicitado pelo leigo Ugra*, encontramos alternadamente expostas as qualidades da generosidade e os inconvenientes da falta de generosidade:

“O que você deu retorna para você mesmo; aquilo que você guarda consigo, não. O que você deu é útil; o que você guarda consigo não o é. Aquilo que você deu, não há nenhuma necessidade de proteger; o que você guarda consigo, você deve defender. O que você deu não lhe faz correr nenhum risco; aquilo que você guarda consigo é perigoso. O que você deu mostra-lhe a Via do Despertar; aquilo que você guarda consigo mostra-lhes onde está o demônio. O que você deu transforma-se em riqueza; o que você guarda consigo não se transforma em nada semelhante a isso. O que você deu é um tesouro inesgotável; o que você guarda consigo acaba por desaparecer”.

II Definição da generosidade

"A generosidade é uma doação integral sem apego."

Conforme é expresso nas *Terras dos Bodhisattvas*:

“Em que consiste a generosidade?

Em uma doação total suscitada pela ausência de apego.”

III As diferentes formas de generosidade

Distinguimos três formas de generosidade:

- 1] A generosidade material;
- 2] A proteção contra os perigos;
- 3] A generosidade espiritual.

Elas trazem respectivamente segurança ao corpo, à vida e à mente do outro.

Por outro lado, as duas primeiras proporcionam aos outros a felicidade nesta vida e a terceira nas vidas seguintes.

IV Características de cada forma de generosidade

1] A generosidade material

Há dois tipos de generosidade material.

- 1) Uma é incorreta e precisa ser rejeitada
- 2) Uma é correta e deve ser praticada.

* * *

1) A generosidade material incorreta

Quatro elementos podem ser incorretos:

- 1_A intenção
- 2_O que é dado
- 3_O destinatário
- 4_A maneira de dar.

1- A intenção incorreta

Ela pode ser:

- a) perversa;
- b) mesquinha.

a) A intenção é perversa quando se realiza uma doação com o objetivo de se tornar célebre, para prejudicar alguém ou para rivalizar com alguém. O Bodhisattva rejeita essas três motivações, como lemos nas *Terras dos Bodhisattvas*:

“O Bodhisattva não realiza uma doação para que possa provocar a morte, o aprisionamento, a punição, a perseguição de alguém.[...] O Bodhisattva não faz uma doação para tornar-se célebre ou receber elogios. [...] O Bodhisattva não faz uma doação para rivalizar com os outros.”

b) A intenção é mesquinha quando se é generoso por temor de ser pobre nas vidas futuras, ou porque se deseja obter em outras vidas o corpo e as riquezas de um homem ou de um deus. O Bodhisattva rejeita igualmente essas duas motivações:

“O Bodhisattva não faz uma doação por medo da pobreza. [...] O Bodhisattva não faz uma doação para assegurar a proteção de Indra, de um rei universal ou de Ishvara”.

As outras formas de generosidade incorreta que devem ser rejeitadas são descritas nas *Terras dos Bodhisattvas*. Apresentamo-las brevemente:

2- O objeto dado incorreto

O Bodhisattva não faz uma doação de veneno, de fogo, de armas, nem de outros objetos desse gênero quando alguém lhe pede para prejudicar uma outra pessoa ou a si mesmo. Ele não faz tampouco doações de redes nem de outros instrumentos de caça, assim como também não ensina como devem ser utilizados. Resumindo, ele não dará nada que possa prejudicar aos outros ou fazê-los sofrer.

Ele não oferece seu pai ou sua mãe, nem os aprisiona. Ele não entrega seus filhos, seu cônjuge ou um outro ente próximo contra sua vontade àqueles que os desejem. Se ele é muito rico, ele não faz pequenas oferendas. Ele não oferece tampouco os bens da coletividade.

Lemos na *Guirlanda de jóias*:

“O veneno pode ter um efeito benéfico?

Ofereça-o.

Se o melhor dos alimentos causa sofrimento,

Abstenha-se de oferecê-lo.

O Muni declara que é necessário agir de modo desagradável

Se isso for útil aos outros,

Assim como é preciso, como dizem,

Cortar o dedo picado por uma serpente”.

3- O destinatário incorreto

O Bodhisattva recusará cortar e oferecer seu corpo ou seus membros a pedido de um demônio mal intencionado. Tampouco dará seu corpo a seres mentalmente transtornados ou possuídos por uma entidade maligna, pois mesmo que não desejem nada de particular, eles não controlam sua mente e fazem tudo o que lhes passa pela cabeça. O Bodhisattva não dará de comer ou beber àqueles que já estão saciados.

4- A maneira incorreta de dar

O Bodhisattva não faz uma doação a contragosto, com cólera ou discutindo. Ele não realizará uma doação a pessoas de uma condição inferior com desprezo ou falta de respeito. Ele não faz uma doação criticando, ameaçando ou aterrorizando aqueles que lhe pedem algo.

2) A generosidade material correta

Consideremos aqui três elementos:

1_ O objeto dado;

2_ O destinatário;

3_ O modo de realizar a doação.

1- O objeto dado corretamente

Diferenciam-se:

a) Os objetos interiores;

b) Os objetos exteriores.

a) Os objetos interiores são as diferentes partes do corpo.

Lemos no *Sutra solicitado por Narayana*:

“Se for preciso, eu darei meu braço a quem desejar meu braço, minha perna a quem desejar minha perna, meu olho a quem desejar meu olho, minha carne a quem desejar minha carne, meu sangue a quem desejar meu sangue.”

O Bodhisattva iniciante, que não percebe ainda verdadeiramente o outro como sendo igual a si próprio, pode oferecer seu corpo inteiro, mas não partes desse corpo.

Lemos na *Marcha em direção ao Despertar*:

“Não devo dar este corpo

Enquanto a minha compaixão não for pura.

Devo oferecê-lo com um grande objetivo

Para esta vida e as seguintes.”

b) Os objetos exteriores são os alimentos, as bebidas, as roupas, os veículos, seus filhos, seu cônjuge, etc., contanto que sejam oferecidos de acordo com o Dharma.

Lemos no *Sutra solicitado por Narayana*:

“Os objetos exteriores designam as riquezas, as colheitas, o dinheiro, o ouro, as matérias preciosas, as jóias, os veículos de todos os tipos, nossos filhos, etc.”

O Bodhisattva leigo está autorizado a dar todas as suas posses interiores e exteriores.

O *Ornamento dos sutras* diz:

“Não há nenhum Bodhisattva que não dê aos outros seu corpo e suas posses.”

O Bodhisattva ordenado pode dar tudo o que possui, com exceção de suas três vestes monásticas.

Lemos na *Marcha em direção ao Despertar*:

“Dê tudo, salvo suas três vestes monásticas.”

Se o Bodhisattva ordenado dá suas vestes monásticas, não poderá mais realizar o bem dos outros.

2- O destinatário correto

Há quatro tipos de destinatários: aqueles que se distinguem por suas qualidades, como os mestres espirituais e as Três Jóias; aqueles que nos fizeram bem, tais como nossos pais e mães; aqueles que sofrem, como os doentes e os seres sem protetor; e enfim, aqueles que nos fizeram mal, nossos inimigos, por exemplo.

É assim que a *Marcha em direção do Despertar* fala "daqueles que possuem qualidades, nossos benfeitores, etc."

3_A maneira correta de dar

Distinguiremos:

- a) A intenção;
- b) A própria ação.

a) Dar com uma intenção correta, é dar por compaixão, tendo como objetivo o Despertar e o bem dos seres.

A ação correta é assim descrita nas *Terras dos Bodhisattvas*:

“O Bodhisattva dá com alegria, com reverência, com suas próprias mãos, sente-se contente no momento em que realiza a doação, e em seguida não sente nenhum remorso.”

"Com reverência" quer dizer respeitosamente.

"Com suas próprias mãos" significa que ele não delega a tarefa aos outros.

"No momento oportuno" quer dizer quando ele tem algo a dar.

"Sem fazer mal aos outros" quer dizer que ele dá sem cometer injustiça com seus discípulos ou com as pessoas que dependem dele. Mesmo se as coisas que ele quer dar lhe pertencem, ele não as dará se as pessoas de suas relações que as adquiriram ou fabricaram puderem chorar de desgosto por isso.

Ele se abstém igualmente de fazer uma doação se para isso ele precisar tomar, roubar ou apropriar-se das riquezas daqueles que dele dependem.

O *Condensado de Abhidharma* acrescenta:

“Dê, ainda, imparcialmente, e atendendo a todos os desejos.”

"Dar, ainda" significa dar freqüentemente.

"Imparcialmente" quer dizer sem fazer diferença entre os destinatários.

"Atendendo a todos os desejos", é dar aos outros o que eles querem.

2] A proteção contra os perigos

Consiste em proteger os seres cuja vida é colocada em perigo por causa de bandidos, animais ferozes, doença, afogamento, etc.

Lemos nas *Terras dos Bodhisattvas*:

“Saiba que proteger dos perigos é proteger contra os leões, os tigres, os crocodilos, os predadores marinhos, os tiranos, os bandidos, o afogamento, etc.”

3] A generosidade espiritual ou o doação do Dharma

Ela é considerada sob quatro aspectos:

- 1) O destinatário;
- 2) A intenção;
- 3) O ensinamento;
- 4) O modo de dar.

1) O destinatário

O destinatário é aquele que quer receber o Dharma e o respeita, do mesmo modo como os mestres que o ensinam.

2) A intenção

A intenção pode ser boa ou má. A primeira deve ser cultivada e a segunda, rejeitada.

a) A intenção é má quando o Dharma é ensinado tendo em vista o ganho, o respeito, os elogios, o reconhecimento e outras preocupações materiais.

Lemos na *Prajnaparamita resumida*:

“Ensine o Dharma aos outros sem vislumbrar os bens materiais.”

E no *Sutra solicitado por Kashyapa*:

“O Vencedor elogiou muito aqueles que oferecem o Dharma
Com uma mente pura, sem preocupações materiais.”

b) A intenção é boa quando se ensina o Dharma por compaixão.

A *Prajnaparamita resumida* declara:

“É para fazer desaparecer o sofrimento que ele ensina o Dharma ao mundo.”

3) O ensinamento

O Bodhisattva ensina o sentido dos sutras e dos outros textos sem erro nem contra-senso, como lemos nas *Terras dos Bodhisattvas*:

“A doação do Dharma consiste em ensinar o Dharma sem contra-senso, de maneira apropriada e levando o ouvinte a reter corretamente seus preceitos.”

4) O modo de dar o ensinamento

O Bodhisattva não ensina quando lhe pedem. O *Sutra da chama da lua* diz sobre este propósito:

“Se alguém lhe solicitar
Para que você ofereça o Dharma,
Responda-lhe primeiramente assim:
'Eu não o estudei suficientemente' ”.

E também:

“Não ensine imediatamente;
Examine, inicialmente, a pessoa que lhe pede.
Mas se você considerá-la apta,
Instrua-a, mesmo que ela não lhe tenha pedido.”

Quando se ensina o Dharma, é preciso fazê-lo em um lugar limpo e agradável.

Lemos no *Lótus branco do sublime Dharma*:

“Em um limpo e agradável local
Construa um amplo e confortável trono.”

O Bodhisattva senta-se então no trono do Dharma e ensina.

“Tome lugar em um assento elevado,
Cuidadosamente coberto por sedas variadas.”

É preciso também se lavar, vestir-se corretamente, respeitar um grande asseio e prestar atenção ao seu comportamento.

O *Sutra solicitado por Sagaramati* declara:

“O mestre do Dharma observará um grande asseio, prestará atenção a sua conduta, lavar-se-á e portará belas vestes.”

Quanto aos discípulos, eles se sentam e recitam inicialmente o Mantra que vence o poder de Mara, a fim de impedir os obstáculos.

Esse mantra aparece no *Sutra solicitado por Sagaramati*:

“Tadyathâ, shame samavati, samita shatru, amkure, mamkure,
mâra, jite, karota, tejovati, oloyani, vishuddha, nirmale
malâpanaye, khukhure, grase, grasana, amukhi, param
mukhi, amukhi, samitvani, sarva graha bandhanâme, nigrihitva,
sarvapâra, pravadeni, vimuka; mâta pâsa, sthâvitva, buddha
mudra, anudgatitâ, sarvamâre, pucarita, parishuddhe, vigacchantu,
sarva mâra karmani.

Ó Sagaramati, se você recitar esse mantra antes de expor o Dharma, a cem yojanas em roda, os demônios que puderem aproximar-se serão incapazes de prejudicar-lhes. Pronuncie então as palavras do Dharma de modo coerente, claro e apropriado.”

V Como desenvolver a generosidade

É possível multiplicar consideravelmente as três formas de generosidade, mesmo se aquilo que se ofereça seja pouca coisa.

É o que afirma a *Corbelha dos Bodhisattvas*:

“Shariputra, o Bodhisattva hábil pode transformar uma pequena doação em uma grande doação. Pela sabedoria ele a torna superior, pelo conhecimento transcendente ele a amplifica, pela dedicatória ele a torna ilimitada”.

Tornamos a doação superior através da sabedoria, reconhecendo-se que tanto aquele que oferece, como aquilo que é dado e o destinatário da doação são perfeitamente puros, isto é, semelhantes a ilusões mágicas.

Amplificamos a doação através do conhecimento, de modo que o seu mérito seja consideravelmente aumentado, procedendo-se da seguinte maneira: independentemente do que seja dado, a doação é feita, primeiramente, para conduzir todos os seres ao estado de Buda; em seguida, não se deve apegar-se ao que é dado; e, enfim, não se espera nada do pleno efeito desse ato.

A *Prajanparamita resumida*, de fato, diz:

“Quem permanece sem apego ao que é dado
E não espera nada do pleno efeito de seu ato
É um hábil doador, sua doação é total:
O pouco que dá torna-se ilimitado.”

Torna-se a doação ilimitada ao dedicá-la ao Despertar insuperável, pelo bem de todos os seres.

Citemos as *Terras dos Bodhisattvas*:

“Ele não faz a doação interessado no fruto cármico; ele dedica todas as suas doações ao insuperável Despertar perfeito.”

A dedicatória não apenas amplifica a doação, ela a torna inesgotável, como explica o *Sutra solicitado por Akshayamati*:

“Venerável Shariputra, assim como uma gota de água que cai no grande oceano nunca desaparecerá antes do fim dos tempos, a fonte de bem* dedicada ao Despertar não se esgotará até o coração do Despertar.”

VI Como purificar a generosidade

O *Condensado dos preceitos* declara:

“A prática a vacuidade que tem como seu coração a compaixão purifica os méritos.”

Se aplicarmos o conhecimento da vacuidade às diferentes formas de doação que mencionamos, essas doações não se tornam causas do samsara. Se lhes aplicarmos a compaixão, elas não conduzem ao Pequeno Veículo. Elas levam unicamente ao nirvana sem duração. Conseqüentemente, elas são consideradas puras.

O que quer dizer: "aplicar o conhecimento da vacuidade"?

Segundo o *Sutra solicitado por Ratnachuda*, é preciso aplicar à doação os quatro selos da vacuidade:

“Revestimos a doação com quatro selos: no interior, o selo da vacuidade do corpo; no exterior, o selo da vacuidade das posses materiais; sobre o sujeito, o selo da vacuidade da mente; e sobre o objeto, o selo da vacuidade do Despertar. Ao aplicar esses quatro selos, pratica-se a doação.”

O que quer dizer "aplicar a compaixão"? Que damos porque não toleramos os sofrimentos gerais e particulares dos seres.

VII O fruto da generosidade

Distinguimos o fruto último e os efeitos temporários.

O fruto último é o Despertar insuperável, de acordo com o ensinamento das *Terras dos Bodhisattvas*:

“Os Bodhisattvas atingem a budeidade perfeita no Despertar insuperável quando possuem totalmente a perfeita virtude transcendente da generosidade.”

Graças à generosidade material, gozaremos temporariamente, querendo ou não, todos os bens em abundância. A generosidade permite igualmente atrair os outros para que possamos religá-los à verdade suprema, como lemos na *Prajnaparamita resumida*:

“A generosidade do Bodhisattva o impede de renascer *preta*;
Ele coloca um fim à pobreza e em todas as emoções negativas.
Quem a pratica, adquire infinitas riquezas.
Ela leva à perfeita maturidade os seres que sofrem.”

E nas *Terras dos Bodhisattvas*:

“A doação de alimento o torna forte,
A doação de roupas proporciona uma boa pele,
A doação de veículos traz o conforto,
A doação de lamparinas permite ver com clareza.”

Se protegermos o outro contra o medo, as forças negativas e os obstáculos não terão nenhum poder sobre nós, como o afirma a *Guirlanda de jóias*:

“Se você proteger contra o medo os que estão em perigo,
Nenhuma força negativa poderá lhe prejudicar
E você será supremamente forte.”

Graças ao dom do Dharma, encontramos rapidamente os Budas, permanecemos em sua companhia e obtemos rapidamente tudo o que desejamos.

A *Guirlanda de jóias* diz ainda:

“Se a doação do Dharma àqueles que o escutam
Está livre de qualquer mácula,
Gozaremos da companhia dos Budas
E obteremos rapidamente o que desejamos.”

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação
A Produção da Mente do Despertar, a Bodhicitta
Apresentação detalhada das seis virtudes transcendentais

Capítulo 13

A virtude transcendente da Disciplina

I Vantagens da disciplina e inconvenientes da falta de disciplina

- 1] Os inconvenientes 2] As vantagens

II Definição da disciplina (4 particularidades)

III As diferentes formas de disciplina

- 1] Não fazer o mal
2] Reunir tudo que é virtuoso (*fazer o bem*)
3] Beneficiar os seres

IV Características de cada forma de disciplina

1] A disciplina que consiste em evitar o mal

- 1) **A disciplina comum** (*os 7 votos de liberação individual*)
2) **A disciplina extraordinária**

- 1_ Segundo Shantideva: As 14 quedas
2_ Segundo Dharmakirti: Os 4 defeitos e os 46 maus procedimentos

2] A disciplina que reúne tudo que é positivo

3] A disciplina que consiste em socorrer os seres

1) 13 regras

2) Comportar-se corretamente: *Fisicamente, verbalmente e mentalmente*

a) Comportamentos físicos

- 1° Incorretos
2° Corretos

b) Comportamentos verbais

- 1° Incorretos
 _ Inconvenientes da tagarelice
 _ Inconvenientes das palavras ofensivas
2° Corretos

c) Comportamentos mentais

- 1° Incorretos
 _ Apegar-se aos proveitos e às honras
 _ Se com prazer no torpor e no sono
2° Corretos

V Como desenvolver a disciplina

- 1) Pela Sabedoria, tornamo-la superior
2) Pelo conhecimento transcendente, tornamo-la ilimitada
3) Pela dedicatória, tornamo-la inesgotável

VI Como purificar a disciplina

- 1) Pelo conhecimento da vacuidade
2) Pela compaixão

VII O fruto da disciplina

- 1] O fruto último 2] Os efeitos temporários

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Capítulo 13

A virtude transcendente da disciplina

- I Qualidades da disciplina e inconvenientes da falta de disciplina
- II Definição da disciplina
- III As diferentes formas de disciplina
- IV Características de cada forma de disciplina
- V Como desenvolver a disciplina
- VI Como purificar a disciplina
- VII O fruto da disciplina

* * *

I Qualidades da disciplina e inconvenientes da falta de disciplina

Mesmo sendo generosos, sem a disciplina, não poderemos renascer com um corpo ideal como os corpos perfeitos de um ser humano ou de um deus.

A Introdução à via mediana, de fato, diz:

"Mesmo sendo rico graças à sua generosidade,
O homem que quebra as pernas da disciplina cairá nos mundos inferiores".

Sem disciplina, não encontramos o Dharma.

Como indica o *Sutra da disciplina*:

"Assim como sem os olhos não podemos ver as formas,
Sem disciplina, não vemos o Dharma".

Sem disciplina, não se pode liberar-se dos três mundos do samsara, assim como o Sutra afirma:

"Assim como sem pernas não podemos caminhar,
Sem disciplina não podemos nos liberar".

Sem disciplina, não se atinge tampouco o Despertar insuperável, pois a Via da budeidade permanece incompleta.

Ao contrário, a disciplina permite obter uma existência perfeita.

A Prajnaparamita resumida diz:

Pela disciplina, libera-se dos diferentes renascimentos animais e das oito servidões, e goza-se sempre das liberdades.

Com a disciplina, criamos a base de todas as excelentes qualidades e o bem último. Citemos aqui a *Carta a um amigo*:

"A disciplina é como a terra
Que suporta todos os seres e todas as coisas;
Ela é, ensina-se, o fundamento de toda virtude".

A disciplina é comparável a um campo fértil onde todas as qualidades, tais como sementes, podem crescer.

A *Introdução à via mediana* diz:

"Quando as qualidades crescem no campo da disciplina,
Goza seus frutos sem interrupção".

Graças à disciplina, temos acesso a inúmeras formas de concentração, como podemos ler no *Sutra da Chama da Lua*:

"Rapidamente atingir as concentrações isentas de emoções negativas:
Tal é a qualidade da disciplina perfeitamente pura".

Com a disciplina, todas as preces se realizam.

Assim como indica o *Sutra do encontro do pai e do filho*:

"Para quem observa uma disciplina perfeita,
Todas as preces se realizarão".

Graças à disciplina, é fácil atingir o Despertar.

Como lemos no mesmo Sutra:

"A disciplina pura que tem inúmeras virtudes,
Permite atingir facilmente o Despertar".

A disciplina contém todos os tipos de outras qualidades, o *Sutra da disciplina* cita algumas delas:

"Quem observa a disciplina encontra os Budas quando eles aparecem;
Quem observa a disciplina é louvado pelo mundo inteiro.
A disciplina é o mais belo dos ornamentos
E a fonte de todas as alegrias".

II Definição da disciplina

A disciplina possui quatro particularidades que são descritas nas *Terras dos Bodhisattvas*:

"Saiba que a disciplina caracteriza-se pelos quatro traços seguintes: nós a recebemos de alguém de modo correto, ela é acompanhada de uma intenção perfeitamente pura, nós a restauramos se a tivermos deixado que se degradasse e, para evitar que ela se degenere, nós a guardamos respeitosamente na mente".

Essas quatro características se relacionam a duas palavras: "adotar" para a primeira delas e "preservar" para as outras três.

III As diferentes formas de disciplina

Distinguimos três formas de disciplina:

- 1] A primeira consiste em impedir a si mesmo de praticar o mal;
- 2] A segunda, em reunir tudo o que é virtuoso;
- 3] A terceira, em beneficiar os seres.

A primeira estabiliza a mente, a segunda amadurece as qualidades do *continuum* psíquico, a terceira leva os seres à maturidade perfeita.

IV Características de cada forma de disciplina

1] A disciplina que consiste em evitar o mal

- Diferenciaremos:
- 1) A disciplina ordinária;
 - 2) A disciplina extraordinária.

1) A disciplina ordinária corresponde aos sete votos de liberação individual, assim como se afirmam nas *Terras dos Bodhisattvas*:

"Para os Bodhisattvas, a disciplina que consiste em evitar o mal corresponde aos sete votos autenticamente tomados: aqueles de monge, de monja, de aspirante a monja, de noviço homem ou mulher, e de praticante laico homem ou mulher. Seja em relação à vida laica ou à vida religiosa".

Esses votos consistem em recusar-se a prejudicar aos outros e rejeitar as causas que nos levam a prejudicá-los. Se formos adeptos da liberação individual pura e simples, nós nos recusamos a prejudicá-los pelo nosso bem pessoal. Mas se somos um Bodhissatva, nós nos recusamos pelo bem dos outros, assim como podemos ler no *Sutra solicitado por Narayama*:

"Não se pratica a disciplina para herdar um reino, atingir os mundos superiores, tornar-se Indra ou Brahma, conquistar riquezas, poder, uma bela aparência física [...] Tampouco se pratica a disciplina por medo dos terrores do inferno, dos renascimentos como animais ou no mundo de Yama. Pratica-se a disciplina para tornar-se como o Buda, porque se quer fazer o bem de todos os seres e torná-los felizes".

2) A disciplina extraordinária consiste, para o mestre Shantideva, que segue a disciplina do *Sutra de essência do céu*, em rejeitar as cinco principais quedas do rei, as cinco do ministro e as oito quedas do iniciante, resultando no total em dezoito quedas, mas que de fato, são quatorze:

- a) Apoderar-se dos bens das Três Jóias
É considerada uma queda maior.
- b) Abandonar o sublime Dharma
Consiste na segunda queda, declara Muni.
- c) Mesmo quando um monge não observa seus votos,
Roubar suas vestes monásticas, bater nele,
Jogá-lo em uma prisão, forçá-lo a abandonar seus votos;
- d) Cometer os cinco crimes de retribuição imediata;
- e) Alimentar opiniões negativas;
- f) Destruir os vilarejos e outros lugares semelhantes:
Esses atos, diz o Buddha, constituem as quedas maiores.
- g) Falar da vacuidade a pessoas que não estão preparadas espiritualmente;
- h) Desviar do Despertar perfeito
Aqueles que tomaram a via do Buda;
- i) Introduzir alguém no Grande Veículo
Impulsionando-lhe a abandonar a liberação individual;
- j) Considerar que os veículos inferiores

Não libertam do apego
 E impulsionar os outros a acreditar no mesmo;
 l) Louvar suas próprias qualidades e criticar o outro;
 Para obter vantagens, respeito e elogios,
 m) Declarar, que não é necessário,
 Suportar a verdade profunda;
 n) Mandar punir uma pessoa ordenada
 Fazendo-lhe entregar os bens das Três Jóias
 Aceitando-os para si mesmo;
 o) Impulsionar os outros a abandonarem a prática da calma mental
 Distribuindo às pessoas que recitam orações
 Os bens daqueles que se dedicam à concentração autêntica;
 Essas faltas são quedas principais
 Que fazem renascer nos grandes infernos".

Para Dharmakīrti, que segue a prática das *Terras dos Bodhisattvas*, é preciso dedicar-se à rejeição dos quarenta atos que equivalem aos "defeitos" e os quarenta e seis maus procedimentos. Quais são os atos que equivalem aos defeitos?

Os *Vinte votos* resumem as condutas contidas nas *Terras dos Bodhisattvas*, enunciando-as assim:

"Pelo apego ao lucro e às honrarias,
 Fazer seu próprio elogio e criticar os outros;
 Por avareza não oferecer nem Dharma nem bens materiais
 A quem sofre ou não tem protetor;
 Espancar alguém com cólera
 Sem escutar suas desculpas;
 Abandonar o Grande Veículo
 E ensinar um Dharma equivocado".

Quais são os quarenta e seis maus procedimentos? O mesmo texto diz:

"Não honrar triplamente as Três Jóias,
 Seguir seus pensamentos de desejo,
 Não respeitar os anciãos,
 Não responder às questões que lhe são dirigidas,
 Não aceitar um convite,
 Não aceitar ouro, etc,
 Recusar o Dharma àqueles que o desejam,
 Abandonar aqueles que relaxaram a disciplina,
 Deixar de estudar para inspirar a fé,
 Trabalhar muito pouco pelo bem dos outros -
 Mas o que é feito com amor não é negativo -
 Adotar meios de existência nefastos,
 Perder-se em distrações frívolas, etc,
 Querer liberar-se sozinho do samsara,
 Não se abster por medo de perder sua reputação,
 Não se corrigir quando se tem emoções negativas,
 Responder à injúria com injúria,
 Abandonar as pessoas irritáveis,
 Recusar as desculpas de alguém,

Obedecer aos pensamentos de cólera,
Reunir discípulos por proveito e para obter respeito,
Não afastar a preguiça, etc.,
Dedicar-se às palavras vãs por prazer,
Não buscar a absorção meditativa,
Não abandonar o que obscurece a concentração,
Confundir o gosto da concentração e as qualidades,
Rejeitar o veículo dos ouvintes e os Budas-para-si,
Esforçar-se por seguir uma outra Via, quando já se tem uma,
Ler indevidamente textos exteriores,
Tendo-os lido, com prazer-se com isso
Abandonar o Grande Veículo,
Elogiar a si mesmo e criticar os outros,
Não se consagrar ao Dharma,
Criticá-lo e se prender a palavras
Não acompanhar aqueles que têm necessidade,
Não servir os doentes,
Não dissipar o sofrimento dos outros,
Não ensinar aos indiferentes aquilo que lhes conviria ser ensinado,
Não retribuir um favor,
Não apaziguar a dor dos outros,
Não dar àqueles que solicitam bens materiais,
Não fazer o bem daqueles que nos rodeiam,
Não incentivar os outros,
Não elogiar as qualidades dos outros,
Não impedir o mal por meios apropriados,
E não recorrer aos milagres nem às palavras severas quando necessário.
Entretanto, se você agir por amor
E com uma atitude positiva, não há erro".

2] A disciplina que reúne tudo o que é virtuoso

Uma vez engajado na disciplina que consiste em evitar o mal, o Bodhisattva acumula, com o objetivo do grande Despertar, todos os atos positivos possíveis do corpo e da palavra. Esses atos constituem, com efeito, a "disciplina que reúne tudo o que é virtuoso". Em que consiste essa disciplina?

Segundo as *Terras dos Bodhisattvas*:

"Seguindo a disciplina dos Bodhisattvas e respeitando-a, cultivamos o estudo, a reflexão, a meditação e o amor à solidão, servimos os mestres espirituais e os veneramos, colocamo-nos a serviço dos doentes, praticamos a doação, expomos as qualidades dos outros, alegramo-nos com seus méritos, suportamos o desprezo, dedicamos os atos benéficos ao Despertar e realizamos orações com essa intenção, honramos as oferendas às Três Jóias, praticamos a coragem, estamos presentes no que realizamos, guardamos na mente os preceitos observando-os com vigilância, cuidamos das portas dos sentidos, comemos com comedimento, não dormimos durante a primeira e a última vigília da noite, mas buscamos praticar, confiamos nos seres sublimes e nos

amigos de bem, examinamos nossos próprios erros, confessamo-nos e libertamo-nos deles: seguir essas regras de conduta, preservá-las e progredir em sua prática, é conformar-se ao que chamamos 'disciplina que reúne tudo o que é positivo'".

3] A disciplina que consiste em beneficiar os seres

Essa disciplina está relacionada a onze regras que as *Terras dos Bodhisattoas* descrevem assim:

Ajudar os outros de modo útil, aplacar a dor daqueles que sofrem, instruir aqueles cujos conhecimentos não são suficientes, reconhecer a ajuda dos outros e retribuí-la, proteger aqueles que estão em perigo, consolar os que sofrem, dar os objetos necessários àqueles que deles precisam, reunir discípulos, levá-los à Via segundo suas respectivas capacidades, alegrar os outros possuindo qualidades autênticas, eliminar o que é negativo, evitar criar medo por meio de poderosos milagres, inspirar os outros para os ensinamentos.

Além disso, para suscitar a fé e evitar que sua própria disciplina não se degrade, o Bodhisattva recusa-se a se comportar de maneira incorreta fisicamente, verbalmente ou mentalmente, e adota os três comportamentos corretos.

1) Comportar-se fisicamente de modo incorreto, é, por exemplo, fazer movimentos como saltar ou correr com selvageria e precipitação, sem que isso seja necessário.

Comportar-se corretamente, é agir pausadamente, com suavidade, com um sorriso, etc. Lemos no texto precedente:

"Mantenha o controle de si mesmo,
Aja sempre com um sorriso,
Evite qualquer expressão de cólera,
Seja amigo dos seres e os trate com correção".

Como olhar os outros seres?

"Quando você olhar os outros,
Que seu olhar seja direto e benevolente
Pensando que é graças a eles
Que você se tornará Buda".

Como se sentar?

"Não se sente com as pernas estendidas
E evite esfregar as mãos".

Como comer?

Não coma ruidosamente, falando,
Ou com a boca aberta.

Como se comportar, de modo geral?

"Não deixe cair cadeiras e os outros objetos
Inconsideradamente e com estrondo;
Não abra as portas violentamente,
E procure sempre falar baixo".

Como dormir?

"Na posição do Protetor atingindo o nirvana,
Durma na direção de sua escolha".

2) Comportar-se verbalmente de modo incorreto, é falar demasiado ou dizer coisas ofensivas. Evitemos esses dois erros.

a) Os inconvenientes da tagarelice são descritos da seguinte maneira no *Sutra de muitas jóias*:

"O tagarela torna-se pueril e age de modo oposto ao Dharma;
Ao invés de abrandar-se, sua mente se entorpece ainda mais;
Muito longe da calma mental e da visão profunda:
Eis uns inconvenientes da tagarelice.
Não sentir mais devoção pelos mestres espirituais,
Deleitar-se com obscenidades,
Ele permanece sem essência e seu discernimento se deteriora:
Esses são os inconvenientes da tagarelice".

b) Quanto ao inconveniente das palavras ofensivas, eis o que diz o *Sutra da chama da lua*:

"Qualquer erro que você veja,
Abstenha-se de denunciá-lo,
Pois todo ato produz um efeito análogo".

E no *Sutra onde é demonstrado que as coisas não têm origem*:

"Quem denuncia as desobediências à disciplina de um Bodhisattva distancia-se do Despertar; aquele que fala com inveja distancia-se do Despertar".

Evitemos, portanto, falar em excesso ou dizer coisas ofensivas.

c) Qual é o modo correto de falar?

"Fale de maneira agradável e com coerência;
O que você diz deve ser claro e amável;
Exprima-se com moderação e gentileza,
Sem apego nem raiva".

3) Comportar-se mentalmente de modo impróprio é, por exemplo, apegar-se ao lucro e às honras, ou ainda sentir prazer em dormir ou em permanecer em estados de torpor.

a) Quais inconvenientes há em desejar o lucro e a honra?

O *Sutra que exorta à intenção superior* responde:

"O Bodhisattva deve compreender, ó Maitreya, que os lucros e as honras produzem o desejo, que produzem a raiva, que semeiam a confusão na mente; ele deve compreender que os lucros e as honras fazem com que enganemos os outros;
Que nenhum Buda os afiançou e que nos privam de nossas fontes de bem; ele deve compreender que os lucros e as honras são tão enganadores quanto as cortesãs".

Mesmo quando obtemos o que queremos, não estamos satisfeitos.

O *Sutra do encontro do pai e do filho* declara:

"Do mesmo modo que beber em sonho
Não satisfaz a sede,
Contar com os objetos do desejo
Não proporciona nenhum contentamento".

Examinemos bem nossa situação, depois contentemo-nos com o que possuímos.

b) Quais são os inconvenientes de gostar de dormir?

"Quando chafurdamos no sono e no torpor,
O conhecimento declina ao extremo
E o pensamento se degrada,
Distancia-se cada vez mais da sabedoria".

E:

"Quem se deleita com o sono e com o torpor
Torna-se ignorante, preguiçoso, indolente e confuso,
Os não-humanos encontrarão nele uma presa fácil
E lhe prejudicarão quando se abrigar em um lugar solitário".

Renunciaremos, portanto, a esses dois comportamentos.

c) Conduzir-se mentalmente de modo correto, é cultivar a fé e as outras qualidades que citamos nos capítulos precedentes.

V Como desenvolver a disciplina

Desenvolve-se a disciplina por meio da sabedoria, do conhecimento transcendente e da dedicatória, assim como vimos com relação à generosidade.

VI Como purificar a disciplina

Purifica-se a disciplina por meio da compreensão da vacuidade e pela compaixão, assim como ocorre com a generosidade.

VII O fruto da disciplina

Distinguem-se:

- 1] O fruto último;
- 2] O fruto temporário.

1] O fruto último é o Despertar intransponível, assim como se pode ler nas *Terras dos Bodhisattvas*:

"Quando o Bodhisattva possui uma perfeita virtude transcendente da disciplina, ele se torna plenamente Buda no insuperável Despertar perfeito".

2] Temporariamente, a disciplina traz alegria e conforto perfeitos no samsara, mesmo se não o desejarmos.

É o que afirma a *Corbelha dos Bodhisattvas*:

"Shariputra, não há uma só riqueza perfeita dos deuses e dos homens da qual o Bodhisattva, que preserva a pureza de sua disciplina, não possa desfrutar".

Assim, o Bodhisattva não se deixará dominar pela felicidade e pelo bem-estar do samsara, mas ele se engajará na Via do Despertar.

O *Sutra solicitado por Narayana* afirma:

"O Bodhisattva que observa essa disciplina desfrutará para sempre de um reinado como soberano universal; entretanto, ele ficará atento e aspirará ao Despertar. Ele ocupará continuamente a posição de Indra, mas, sempre atento, ele aspirará acima de tudo ao Despertar".

O Bodhisattva que observa a disciplina receberá igualmente as oferendas e as honras dos seres humanos e não humanos.

Como lemos no mesmo Sutra:

"O Bodhisattva que respeita todas essas disciplinas recebe continuamente a homenagem dos deuses, os louvores dos nagas, o elogio dos yakshas, as oferendas dos gandharvas, as orações dos brâmanes e dos membros da casta principesca, dos grandes mercadores e dos laicos ordinários.

Os Budas pensarão sempre nele. Todos os seres do mundo, incluindo os deuses, não deixarão de lhe conferir seus poderes".



Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação
A Produção da Mente do Despertar, a Bodhicitta
Apresentação detalhada das 6 virtudes transcendentais

Capítulo 14

A virtude transcendente da Paciência

I Vantagens da paciência e inconvenientes da falta de paciência

- 1] Os inconvenientes
- 2] As vantagens

II Definição da paciência

"A paciência consiste em permanecer impertubável"

III As diferentes formas de paciência

- 1] Não prestar atenção ao mal que se suporta
- 2] Aceitar o sofrimento
- 3] Aspirar conhecer verdadeiramente a natureza última dos fenômenos

IV Características de cada forma de paciência

- 1] Não prestar atenção ao mal que sofremos

Suportar a adversidade com paciência *(por 9 razões segundo Shantideva)*

- 1) Os que nos fazem mal não são senhores de si
- 2) O responsável é nosso próprio karma
- 3) A falta retorna ao nosso próprio corpo
- 4) A falta retorna à nossa própria mente
- 5) Todos são culpados no mesmo nível
- 6) Os que nos prejudicam, nos ajudam
- 7) Os outros têm uma grande bondade por nós
- 8) A paciência alegra os Budas
- 9) Os benefícios da paciência são imensos

- 2] **Aceitar o sofrimento** *(encontrado na realização do insuperável Despertar)*

_Os diferentes tipos de sofrimento

_Os verdadeiros "Heróis"

- 3] **Aspirar em conhecer verdadeiramente a natureza última dos fenômenos**

V Como desenvolver a paciência

- 1) Pela sabedoria, tornamo-la superior
- 2) Pelo conhecimento transcendente, tornamo-la ilimitada
- 3) Pela dedicatória, tornamo-la inesgotável

VI Como purificar a paciência

- 1) Pelo conhecimento da vacuidade
- 2) Pela compaixão

VII O fruto da paciência

- 1] O fruto último
- 2] Os efeitos temporários

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

A produção da mente de Despertar

Apresentação detalhada das seis virtudes transcendentais
(Capítulos 12 a 17)

Capítulo 14

A virtude transcendente da paciência

- I Qualidades da paciência e inconvenientes da falta de paciência
- II Definição da paciência
- III As diferentes formas de paciência
- IV Características de cada forma de paciência
- V Como desenvolver a paciência
- VI Como purificar a paciência
- VII O fruto da paciência

* * *

I Qualidades da paciência e inconvenientes da falta de paciência

Por mais generoso que se seja e bom observador da disciplina, sem a paciência fica-se susceptível à cólera. Ora, um acesso de cólera anula em um instante todos os méritos adquiridos pela generosidade, disciplina e outras virtudes, assim como o afirma a *Corbelha dos Bodhisattvas*:

"O que chamamos de cólera destrói as fontes de bem acumuladas durante centenas e milhares de kalpas".

E a *Marcha em direção ao Despertar*:

"Um acesso de cólera basta para destruir
Todo o mérito adquirido durante mil kalpas
Graças às boas ações como a generosidade
E as oferendas feitas a todos os Sugatas".

Sem paciência, a cólera penetra em nós como uma flecha envenenada e a dor que atravessa nossa mente não nos permite sentir alegria, paz nem bem-estar. Acabamos até perdendo o sono.

"Quando os tormentos da cólera se apoderam da mente,
Não sentimos mais paz,
Alegria, nem bem-estar,
O equilíbrio é perdido, assim como o sono".

E:

"Resumindo, não existe ninguém que ao sentir cólera seja feliz".

Quando, incapazes de sermos pacientes, nos deixamos invadir pela cólera, manifestamos nossa raiva exteriormente. Nossos próximos e aqueles que nos servem ficam aflitos e se aborrecem; o alimento e o dinheiro não são suficientes para detê-los.

"Amigos e próximos se aborrecem; nenhum presente poderá detê-los".

Os demônios têm meios de prejudicar e colocar obstáculos àqueles que não têm paciência.

A *Corbelha dos Bodhisattvas*, de fato, diz:

"Aqueles que sentem cólera dão os flancos às forças negativas; os obstáculos os perseguem".

Sem a paciência, as seis virtudes transcendentais que formam a Via da budeidade não estão reunidas completamente e não é possível atingir o Despertar.

Lemos na *Prajnaparamita resumida*:

"Como pode atingir o Despertar, aquele que, tomado pela cólera, ignora a paciência?"

Em contrapartida, quem é paciente possui a melhor de todas as fontes de bem, como diz a *Marcha em direção ao Despertar*:

"Por essa razão, a cólera é o pior dos delitos
E não existe ascese que valha a paciência.
É preciso, portanto, resolutamente
E por todos os meios, cultivar a paciência".

A paciência proporciona temporariamente a felicidade e todas as coisas positivas.

"Quem resolutamente venceu a cólera
É feliz nesta vida e em todas as seguintes".

A paciência conduz ao Despertar insuperável.

O *Sutra do encontro do pai e do filho* declara:

A cólera não é caminho para a iluminação
O Despertar surgirá quando meditarmos sobre o amor.

II Definição de paciência

A paciência consiste em permanecer imperturbável, como se pode ler nas *Terras dos Bodhisattvas*:

"Saiba que a paciência do Bodhisattva consiste em permanecer imperturbável pela única razão que sua mente, transbordando de compaixão, não se preocupa com lucros".

III As diferentes formas de paciência

Distinguimos três formas de paciência.

- 1] A primeira consiste em não prestar atenção ao mal que sofremos;
- 2] A segunda, em aceitar o sofrimento;
- 3] A terceira é uma aspiração ao conhecimento verdadeiro da natureza última das coisas.

Essas três paciências resultam respectivamente:

- 1] Da análise da natureza daqueles que praticam o mal;
- 2] Da natureza do sofrimento;
- 3] Da natureza verdadeira dos fenômenos.

Os dois primeiros tipos de paciência recaem sobre a verdade relativa; o último ,sobre a verdade absoluta.

IV Características de cada forma de paciência

1] Não prestar atenção ao mal que os outros nos fazem

Essa paciência é a capacidade de suportar os golpes, as injúrias, a cólera, as críticas, os obstáculos frente a nossos desejos e todas as coisas desagradáveis que os outros nos fazem sofrer.

O que se entende por "suportar"? Não se irritar, nem responder com o mal, nem guardar rancor. Para Shantideva, torna-se paciente quando se compreende que:

- 1) Aqueles que nos prejudicam não são donos de si mesmos,
- 2) Esse dano é defeito de nosso próprio karma,
- 3) O nosso corpo,
- 4) A nossa mente,
- 5) Todo mundo é culpado no mesmo grau,
- 6) De fato, aqueles que nos prejudicam nos ajudam,
- 7) Eles sentem uma grande bondade por nós,
- 8) A paciência alegra os Budas
- 9) Os benefícios da paciência são imensos.

Examinemos cada um desses pontos.

1) Por causa de sua cólera, aqueles que nos prejudicam não são mestres de si mesmos, como aconteceu com Devadatta. A cólera os invade a sua revelia por causa de um acontecimento desagradável. Eles não são livres e, conseqüentemente, seria injusto reagir.

"Tudo está, portanto, submetido a uma outra coisa
E assim não se pode ser livre.
Tendo conhecimento disso, não sentimos mais
Cólera contra tudo como uma serpente".

2) O responsável é nosso karma. Digamos a nós mesmos: "O mal que sofro agora é a simples conseqüência de um ato análogo cometido por mim mesmo no passado. O erro, portanto deve-se aos meus atos negativos e não convém reagir."

"Tendo cometido outrora
O mesmo mal contra outros seres,
É natural que esse mal, no presente,
Volte-se contra mim".

3) O erro retorna a nosso próprio corpo. Sem este corpo, os outros seriam incapazes de nos atingir com suas armas. Considerando-se que, por causa dele, os outros podem prejudicar-nos, assim não é lógico replicar.

"Sua arma e meu corpo
Ambos são causas de meu sofrimento.
Ele forneceu a arma e eu, meu corpo:
Contra quem vou reagir?"

4) O erro volta-se contra nossa própria mente. Esta última, ao invés de escolher um corpo excelente ao qual os outros não poderiam causar nenhum mal, atribuiu-se um corpo miserável que nada suporta e nos faz sofrer. Já que nosso corpo é responsável, não é justo reagir.

"Já que, cego pelo desejo, eu escolhi
Este furúnculo com forma humana
Quem não sofre quando ele é agredido,
Contra quem reagir quando ele é atacado?"

5) Todo mundo é culpado no mesmo grau.

"Por ignorância alguns cometem o mal,
Outros sentem cólera:
Como distinguir os inocentes e os culpados?"

Evitemos então perder-nos em faltas e erros e cultivemos a paciência.

6) Aqueles que nos prejudicam nos ajudam. De fato, eles nos permitem cultivar a paciência; ora, cultivando a paciência, purifica-se dos atos negativos; purificando-se dos atos negativos, realizam-se duas acumulações; e ao realizarem-se duas acumulações, atingimos a budeidade. Considerando-se que aqueles que nos prejudicam são, de fato, uma fonte de grandes benefícios, sejamos pacientes com eles.

"Graças a eles, praticando a paciência,
Eu me purifico de múltiplas faltas".

Poderíamos encontrar outras citações neste sentido.

7) Os outros cultivam uma grande bondade para conosco. A paciência transcendente é indispensável para realizar o Despertar, e é impossível cultivar a paciência sem que ninguém nos aborreça. Aqueles que nos prejudicam revelam-se, então, como benevolentes companheiros espirituais. Sejamos, portanto, pacientes com eles.

"Eu devo apreciar meu inimigo,
Esse companheiro, em minha prática do Despertar.
E já que o fruto da paciência
Graças a nós dois poderá florescer,
É justo que em primeiro lugar
Seja a ele que retorne,
Pois ele é a fonte de minha paciência".

8) A paciência alegre aos Budas.

"Além disso, para com estes amigos leais
Que nos proporcionam um bem incomensurável,
Como demonstrar nosso reconhecimento
A não ser alegrando os seres?"

9) Os benefícios da paciência são imensos.

"Ao alegrá-los muitas e muitas vezes,
Alcançamos virtudes transcendentais perfeitas".

Lemos ainda nas *Terras dos Bodhisattvas* que é preciso cultivar a paciência guardando na mente cinco pensamentos:

Aqueles que nos prejudicam:

- 1) são seres queridos;
- 2) são simples fenômenos;
- 3) eles são impermanentes;
- 4) eles sofrem;
- 5) devemos ser responsáveis por eles.

(Comentário dessa citação)

1) "Aqueles que nos prejudicam são seres queridos": dentre aqueles que presentemente nos fazem mal, não há um que, durante nossas vidas precedentes, não tenha sido nosso pai, nossa mãe, nosso irmão, nossa irmã ou nosso instrutor, e não nos tenha ajudado de inúmeras maneiras.

Sejamos tão pacientes com eles quanto somos com os seres que amamos, pensando que seria absurdo vingar neles o mal que nos teriam causado.

2) "São simples fenômenos": o mal que os outros nos fazem é o resultado de uma reunião de circunstâncias; trata-se apenas de percepções, de fenômenos.

Na verdade, não existe a menor parte de nós, nem o menor ser sensível, princípio de vida ou indivíduo que sejam reais, nem aquele que nos injuria, bate-nos, acusa-nos ou revela nossos erros a todos.

3) "Eles são impermanentes": os seres são efêmeros e sujeitos à morte. Considerando-se que não há delito maior do que destruir a vida, e que de qualquer maneira os seres morrem, constatemos que é inútil matá-los e pratiquemos a paciência.

4) "Eles sofrem": todos os seres são atingidos por três tipos de sofrimento. Pensemos: "Eu devo dissipar seus sofrimentos e não provocá-los", e suportemos o mal que nos fazem.

5) "Devemos ser responsáveis por eles": devemos ocupar-nos de todos os seres como se fossem nossos esposos ou nossas esposas, e pensar: "Já que eu produzi a mente de Despertar, devo fazer o bem de todos". "Lembremo-nos que, sendo responsáveis pelos seres, não seria lógico responder aos pequenos males que nos infligem, sejamos pacientes com eles".

* * *

2] Aceitar o sofrimento

É com alegria e sem sentir cansaço frente aos sofrimentos que encontramos a realização da mente de Despertar insuperável.

Lemos nas *Terras dos Bodhisattvas*:

"(Esta paciência) consiste em suportar os oito tipos de sofrimentos, como aqueles que dependem do lugar de nascimento".

Concretamente, esses sofrimentos são aqueles que encontramos ao receber os votos monásticos e quando tentamos encontrar as vestes religiosas, pedir esmolas, etc. São os sofrimentos que enfrentamos para realizar as oferendas às Três Jóias e aos amigos de bem, para servi-los, estudar, ensinar, recitar orações e meditar sobre o Dharma; para não dormir durante a primeira e última vigília da noite, mas dedicar-se à ioga, para fazer o bem dos seres das onze maneiras expostas precedentemente, e assim por diante. Desânimo, esgotamento, calor, frio, fome, sede, perturbação mental, tudo deve ser aceito sem cansaço, um pouco como suportamos os sangramentos ou as cauterizações durante o tratamento de uma doença grave.

Eis o que diz a *Marcha em direção ao Despertar*:

"Esses sofrimentos que enfrento
Para atingir o Despertar são limitados,
Como a dor da incisão
Que irá curar o mal que me atormenta as entranhas".

Aqueles que, ao aceitarem as dores provocadas pela prática do Dharma, rejeitam os assaltos do samsara e triunfam das emoções negativas são verdadeiros heróis. Aqueles que matam seus inimigos ordinários, quando estes devem de qualquer maneira morrer, trazem o nome de herói neste mundo, mas não é deste tipo de herói que falamos, pois eles, de alguma maneira, apenas cravam suas armas em cadáveres.

A *Marcha em direção ao Despertar* diz ainda:

"Aqueles que, apesar de seus sofrimentos,
Venceram o ódio e os outros venenos,
Estes são heróis, ganhadores da vitória;
Os outros são assassinos de cadáveres".

3] A aspiração ao conhecimento da verdadeira natureza das coisas

Segundo as *Terras dos Bodhisattvas*, essa forma de paciência consiste em aspirar às oito condições, começando pelas qualidades das Três Jóias.

É também aspirar à realidade última, à vacuidade dos dois tipos de si, e aceitá-la.

V Como desenvolver a paciência

Desenvolvemos a paciência recorrendo à sabedoria, ao conhecimento transcendente e à dedicatória, como para as virtudes precedentes.

VI Como purificar a paciência

Purifica-se a paciência pela compreensão da vacuidade e pela compaixão, como para as virtudes precedentes.

VII O fruto da paciência

Distinguimos um fruto último e um fruto temporário. O fruto último da paciência é o Despertar insuperável, como aparece nas *Terras dos Bodhisattvas*:

"Se ele se apóia na imensa paciência infinita cujo fruto é o grande Despertar, o Bodhisattva atingirá a insuperável budeidade perfeita".

Temporariamente, mesmo se esse não é nosso objetivo, em todas as nossas vidas gozaremos de um corpo bem constituído e de uma boa saúde, de celebridade, da longevidade, e teremos os poderes de um soberano universal.

"No samsara, a paciência proporciona
A beleza, a saúde e a celebridade,
Uma vida infinitamente longa
E a felicidade de um rei universal".

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação
A Produção da Mente do Despertar, a Bodhicitta
Apresentação detalhada das 6 virtudes transcendentais

Capítulo 15

A virtude transcendente da Coragem

I Vantagens da coragem e inconvenientes da falta de coragem

- 1] Os inconvenientes
- 2] As vantagens

II Definição de coragem:

"A coragem é o remédio para a preguiça, o entusiasmo para o bem."

As três formas de preguiça

- 1) A preguiça indolente
- 2) A preguiça pessimista
- 3) A preguiça vil

III As diferentes formas de coragem:

- 1] A coragem armadura
- 2] A coragem em ação
- 3] A coragem insaciável

IV Características de cada forma de coragem

- 1] A coragem-armadura
- 2] A coragem em ação
 - 1) A coragem de evitar as emoções negativas
 - 2) A coragem de realizar os atos positivos

As cinco qualidades da coragem

- 1) A constância
- 2) O entusiasmo
- 3) A imperturbabilidade
- 4) A determinação irrevogável
- 5) A humildade

- 3) A coragem de fazer o bem ao outro
- 3] A coragem insaciável

V Como desenvolver a coragem

- 1) Pela Sabedoria, tornamo-la superior
- 2) Pelo conhecimento transcendente, tornamo-la ilimitada
- 3) Pela dedicatória, tornamo-la inesgotável

VI Como purificar a coragem

- 1) Pelo conhecimento da vacuidade
- 2) Pela compaixão

VII O fruto da coragem

- 1] O fruto último
- 2] O fruto temporário

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

A produção da mente de Despertar

Apresentação detalhada das seis virtudes transcendentais (Capítulos 12 a 17)

Capítulo 15

A virtude transcendente da coragem

- I **Qualidades da coragem e inconvenientes da falta de coragem**
- II **Definição da coragem**
- III **As diferentes formas de coragem**
- IV **Características de cada forma de coragem**
- V **Como desenvolver a coragem**
- VI **Como purificar a coragem**
- VII **O fruto da coragem**

* * *

I Qualidades da coragem e inconvenientes da falta de coragem

Aquele que possui a generosidade e as outras virtudes transcendentais exceto a coragem cai na preguiça. Ora, quando somos preguiçosos, não adquirimos nenhum mérito, somos incapazes de praticar o bem pelos outros e não atingimos o Despertar.

O *Sutra solicitado por Sagaramati* declara:

"O preguiçoso não possui nenhuma virtude transcendente - da generosidade ao conhecimento; o preguiçoso não pratica o bem dos outros; o preguiçoso encontra-se excessivamente longe do Despertar".

Inversamente, a coragem impede que as qualidades positivas se degradem e permite que todas elas se desenvolvam.

Lemos na *Prajnaparamita resumida*:

"Graças à coragem, as qualidades positivas não declinam e pode-se ganhar o tesouro dos Vencedores: a sabedoria infinita".

A coragem permite ultrapassar a montanha dos compostos transitórios.

Segundo o *Ornamento dos sutras*:

"Com a coragem, vai-se para além dos compostos transitórios e atinge-se a liberação".

A coragem permite atingir rapidamente o Despertar insuperável, como o diz ainda o *Ornamento dos sutras*:

"A coragem permite atingir a budeidade no supremo Despertar".

E o *Sutra solicitado por Purna*:

"Para aquele que pratica sem cessar a coragem,
O Despertar virá sem dificuldade".

II Definição da coragem

A coragem é definida como o entusiasmo pelo bem.

O *Condensado do Abhidharma* explica:

"O que é a coragem? É o remédio à preguiça - um profundo entusiasmo pelo bem".

E o comentário do *Ornamento dos sutras*:

"Ela consiste em amar verdadeiramente a prática do bem".

A coragem é, portanto, o remédio à preguiça.

Distinguem-se três formas de preguiça:

- 1] A preguiça indolente;
- 2] A preguiça pessimista;
- 3] A preguiça vil.

1] A preguiça indolente

É o apego ao prazer de ficar indolentemente deitado, adormecido, de ser preguiçoso. Rejeitemos essa atitude. Por quê? Porque a vida não espera.

Lemos em um Sutra:

"Monges, se, inexoravelmente, nossa mente deve obscurecer-se; nosso princípio vital, esgotar-se; nossa duração de vida chegar ao fim; e se os ensinamentos do Instrutor devem mesmo desaparecer, por que não praticar com uma coragem e um ardor inabaláveis?"

E na *Marcha em direção ao Despertar*:

"Já que você deve morrer logo,
Ao esperar, pratique as duas acumulações".

Talvez pensemos que basta praticar as duas acumulações no momento da morte. Não! Será muito tarde, então.

Mesmo se renunciar à preguiça,
Do que adiantará? Será muito tarde.

Podemos também dizer que não morreremos antes de termos nos engajado no bem. Mas esse pensamento tampouco tem sentido.

Diz-se:

"Imprevisível, o mestre da morte
Não espera que tenhamos concluído nossa tarefa.
Doente ou são,
Ninguém pode ter certeza nesta vida efêmera".

Então, como se libertar da indolência? Do mesmo modo como você se defenderia de uma serpente que escorregasse por seu peito; assim como você apagaria o fogo que atinge seus cabelos.

"Então, assim como se levanta de um salto
Quando se percebe que uma serpente escorrega sobre nós,
Quando sobrevierem o sono e a indolência,
Eu os rejeitarei imediatamente".

diz a *Marcha em direção ao Despertar*.

E a *Carta a um amigo*:

"Se repentinamente o fogo atingisse seus cabelos ou roupas,
Você faria de tudo para apagá-lo
E evitaria que ele se espalhasse.
Portanto, não existe uma tarefa que seja mais urgente".

2] A preguiça pessimista

Ela consiste em pensar: como um indivíduo tão ruim quanto eu poderia atingir o Despertar, mesmo realizando todos os esforços? Rejeitemos essa covardia inútil. Por quê? Porque se considera que:

"Mesmo a abelha, o zangão, a mosca,
O verme ou qualquer outro animalzinho,
Ao cultivar a força e a coragem,
Pode atingir o insuperável Despertar.
Eu que, tendo nascido homem,
Posso distinguir o bem do mal,
Como não atingiria o Despertar
Ao praticar sempre?"

3] A preguiça vil

É o apego às atividades negativas, como aquelas que visam vencer os inimigos e conquistar riquezas.

Todas essas atividades devem ser rejeitadas, pois são a própria causa do sofrimento.

III As diferentes formas de coragem

Há três formas de coragem:

- 1] A coragem-armadura;
- 2] A coragem em ação;
- 3] A coragem insaciável.

A primeira é qualificada de intenção perfeita, a segunda, de prática perfeita, e a terceira é resultante das outras duas quando atingem o seu apogeu.

IV Características de cada forma de coragem

1] A coragem-armadura

Ela consiste em adotar a armadura deste pensamento: "A partir de agora, e até que eu tenha levado todos os seres ao Despertar insuperável, eu nunca mais me separarei da coragem benéfica".

Lemos na *Corbelha dos Bodhisattvas*:

"Adote, Shariputra, uma armadura inconcebível: até o fim do samsara, não deixe nunca enfraquecer a coragem que você consagra ao Despertar".

No *Sutra que ensina a postura da armadura*:

"O Bodhisattva deve vestir uma armadura
Para reunir a sua volta os seres.
Pois sendo o número de seres ilimitado
A armadura que ele veste também o é".

No *Sutra solicitado por Akshayamati*:

"Não procure o Despertar sendo calculista e dizendo a si mesmo:
durante muitos kalpas, eu vestirei uma armadura, e durante muitos
outros,
não a vestirei. Adote então a armadura ilimitada".

E nas *Terras dos Bodhisattvas*:

"Carregar a armadura da coragem dos Bodhisattvas é pensar:
Mesmo se para libertar um único ser de seus sofrimentos, eu devo passar
mil kalpas nos infernos, eu me alegro; ainda mais se a duração e os
sofrimentos que ele me faz sentir são muito menores. Isso é denominado
a coragem da armadura de um Bodhisattva".

2] A coragem em ação

Ela é de três tipos:

- 1) A coragem de evitar as emoções negativas;
- 2] A coragem para realizar os atos positivos;
- 3] A coragem para fazer o bem do outro.

1) A coragem de evitar as emoções negativas

Ela consiste em fazer tudo para que as emoções negativas, como o desejo, assim como os atos que elas suscitam, não nos tomem por muito tempo e não nos impregnem, pois elas são a própria raiz do sofrimento.

Lemos na *Marcha em direção ao Despertar*:

"Em meio à massa de emoções negativas,
Eu devo de mil maneiras permanecer inabalável.
Assim como um leão frente aos chacais,
Não as deixarei me prejudicar".

A imagem seguinte ilustra o modo de proceder:

"Como aquele que carrega um pote cheio de óleo,
Aterrorizado por um homem armado com uma espada
Que o ameaça de morte se o óleo se derramar:
De maneira similar deve esforçar-se homem disciplinado".

2) A coragem de realizar os atos positivos

Ela consiste em esforçar-se para praticar as seis virtudes transcendentais a despeito de seu corpo e de sua vida. Como realizar esses esforços?

Cultivando as cinco qualidades da coragem:

- 1_A constância;
- 2_O entusiasmo;
- 3_A imperturbabilidade;
- 4_A determinação irrevogável;
- 5_A humildade.

* * *

1_A coragem é constante quando nunca é interrompida.

Lemos no *Sutra de muitas jóias*:

"A maneira como o Bodhisattva age sempre com coragem em tudo o que faz, sem nunca se cansar, nem fisicamente nem mentalmente, é o que chamamos da coragem constante do Bodhisattva".

2_O entusiasmo consiste em agir com alegria e diligência. O texto precedente diz ainda:

"Assim, para realizar bem sua tarefa,
Ele faz como o elefante
Que mergulha no lago
Quando o calor do meio-dia o atormenta".

3_A coragem é imperturbável quando não se deixa perturbar pelas dificuldades que surgem dos pensamentos, das emoções negativas e dos sofrimentos.

4_A determinação irrevogável qualifica a coragem daquele que, segundo o *Sutra do sublime estandarte da vitória Adamantina*, não recua quando os outros lhe fazem mal, são indomáveis, enfurecem-se, têm crenças degeneradas, etc.

5_A coragem é acompanhada pela humildade quando não valorizamos demasiadamente os esforços que realizamos.

3) A coragem de fazer o bem do outro

É a coragem de dedicar-se aos onze atos particulares, cujo primeiro consiste em ajudar aqueles que ninguém assiste.

3] A coragem insaciável

Nunca se deve estar satisfeito, até o Despertar, com o bem que tivermos realizado.

"Se nunca satisfazemos os desejos
Que se assemelham ao mel no fio da navalha,
Como se satisfazer com os méritos
Cujos frutos são a felicidade e a paz?"

V Como desenvolver a coragem

Como para as outras virtudes, desenvolve-se a coragem por meio da sabedoria, do conhecimento transcendente e da dedicatória.

VI Como purificar a coragem

Purifica-se a coragem aplicando-lhe o conhecimento da vacuidade e a compaixão, como acontece com as outras virtudes.

VII O fruto da coragem

Ele é de dois tipos: Último e Temporário.

1] Seu fruto último é o Despertar insuperável, como afirmam as *Terras dos Bodhisattvas*:

Alcançando a perfeição da coragem transcendente, os Bodhisattvas alcançaram, alcançam e alcançarão a perfeita budeidade no insuperável Despertar perfeito.

2] O fruto temporário da coragem é a fruição da melhor das felicidades deste mundo enquanto for preciso permanecer no samsara.

O *Ornamento dos sutras* diz:

"A coragem permite obter as coisas desejáveis do samsara".

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Parte IV

Capítulo 16

ཨ། བསམ་གཏན་གྱི་ཕ་རོལ་ཏུ་སྦྱོན་པའི་ལེན།

A virtude transcendente da Concentração



Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Capítulo 16

A virtude transcendente da Concentração

I Vantagens da concentração e inconvenientes da falta de concentração

- 1] Os inconvenientes 2] As vantagens

II Definição de concentração:

"A mente calma, focalizada interiormente no bem, sem distrações"

_Para vencer a distração:

1] Isolar-se fisicamente das atividades que distraem

1) Características das atividades que distraem

2) Sua origem

3) Seus defeitos

- 1_ Defeitos gerais 2_ Defeitos particulares

4) Características da solidão

- _ Sua causa _ Um "local retirado"

- _ Qualidades da solidão _ Sua função

5) O que convém fazer para alcançá-la

6) Os benefícios da solidão

2] Isolar a mente dos pensamentos

_ Exame: a motivação _do corpo _da palavra _da mente

_ Treinamento da mente: Aplicar os 6 antídotos nas emoções negativas

III As diferentes formas de concentração

- 1] Concentração que proporciona um sentimento de bem estar nesta vida
- 2] Concentração que gera qualidades
- 3] Concentração que realiza o bem do outro

IV Características de cada forma de concentração

- 1] Concentração que proporciona um sentimento de bem estar nesta vida
- 2] Concentração que gera qualidades
 - 1) A concentração extraordinária
 - 2) A concentração comum
- 3] Concentração que realiza o bem do outro
 - _ Calma mental e visão penetrante

V Como desenvolver a concentração

- 1) Pela Sabedoria, tornamo-la superior
- 2) Pelo conhecimento transcendente, a tornamos ilimitada
- 3) Pela dedicatória a tornamos inesgotável

VI Como purificar a concentração

- 1) Pelo conhecimento da vacuidade
- 2) Pela compaixão

VII O fruto da concentração

- 1] O fruto último 2] O fruto temporário

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

A produção da mente de Despertar

Apresentação detalhada das seis virtudes transcendentais
(Capítulos 12 a 17)

Capítulo 16

A virtude transcendente da concentração

- I **Qualidades da concentração e inconvenientes da falta de concentração**
- II **Definição da concentração**
- III **As diferentes formas de concentração**
- IV **Características de cada forma de concentração**
- V **Como desenvolver a concentração**
- VI **Como purificar a concentração**
- VII **O fruto da concentração**

* * *

I Qualidades da concentração e inconvenientes da falta de concentração

Aquele que, ainda que provido da generosidade e das outras virtudes transcendentais, não tem a mente concentrada, sucumbe à distração, e as emoções negativas fecham suas garras sobre sua mente.

A Marcha em direção ao Despertar diz:

"O homem cuja mente está distraída
Fica preso entre as garras das emoções negativas".

Aliás, sem concentração, a clarividência é impossível, e sem clarividência, é impossível realizar o bem dos seres.

A Chama da via do Despertar declara:

"Na ausência de calma mental,
A clarividência não é possível,
E sem a força da clarividência,
Não se pode realizar o bem dos seres".

Sem concentração, o conhecimento não aparece mais e, sem conhecimento, o Despertar é impossível.

A Carta a um amigo proclama:

"Sem concentração, nada de conhecimento".

Ao contrário, a concentração dissipa o apego pelas coisas inferiores, suscita a clarividência e permite o *continuum* psíquico alcançar um grande número de estados de absorção diferentes.

Lemos na *Prajnaparamita resumida*:

"A concentração permite renunciar aos objetos desejáveis inferiores,
E realizar o conhecimento, a clarividência e a absorção meditativa".

A concentração produz conhecimento, o qual vence todas as emoções negativas, assim como a *Marcha em direção ao Despertar* explica:

"Sabendo que a visão profunda aliada à calma mental
Esmaga completamente as emoções negativas [...]"

A concentração permite ao Bodhisattva ver o real em sua autenticidade, o que o enche de compaixão pelos seres, assim como confirma o *Sutra que resume perfeitamente o Dharma*:

"A mente que está em equilíbrio meditativo percebe o autêntico tal como ele é. Vendo o autêntico, o Bodhisattva é tomado de grande compaixão por todos os seres".

A concentração permite conduzir ao Despertar todos os seres que se deve socorrer.

O *Ornamento dos sutras* declara:

"A concentração leva todos os seres às três formas de Despertar".

II Definição de concentração

A concentração designa a mente apaziguada, ou seja, focalizada interiormente no bem, sem distração. Nas *Terras dos Bodhisattvas*, o capítulo consagrado à definição da concentração fala da "mente colocada sem distração no bem".

Atingimos a concentração livrando-nos de seu contrário, a distração.

Portanto, é preciso renunciar à distração:

- 1] Isolar-se fisicamente das atividades que distraem;
- 2] Isolar a mente dos pensamentos discursivos.

Segundo a *Marcha em direção ao Despertar*:

"Na solidão do corpo e da mente,
Nenhum pensamento discursivo ocorrerá".

1] Isolar-se fisicamente das atividades que distraem

Estudaremos:

- 1) **As características das ocupações que distraem;**
- 2) **Sua origem;**
- 3) **Seus defeitos;**
- 4) **As características da solidão;**
- 5) **O que convém fazer para alcançá-la;**
- 6) **Seus benefícios.**

1) **As ocupações que distraem** designam as atividades ligadas a nossos filhos, nosso cônjuge, às pessoas de nossas relações, nossos bens, etc., que dispersam nossa mente.

2) **A causa das ocupações que distraem**, e ao mesmo tempo o obstáculo que nos impede de renunciá-las, é o apego, quer seja pelos seres - nossos filhos, nosso cônjuge, nossos empregados, etc, aos alimentos, às riquezas e aos outros bens materiais, ou

ainda aos elogios e aos sinais de reconhecimento. É por causa desses apegos que não renunciamos ao que nos distrai.

"O apego e a sede de conquista
Impedem de renunciar ao mundo".

3) As atividades que distraem apresentam dois tipos de defeitos:

- 1_ Gerais;
- 2_ Particulares.

1_Encontra-se uma descrição dos defeitos gerais da distração no *Sutra que exorta à intenção superior*:

"As atividades dispersantes, ó Maitreya, apresentam vinte defeitos: elas nos impedem de controlar nosso corpo, nossa fala e nossa mente; elas favorecem o desenvolvimento das emoções negativas; permitem que os propósitos mundanos nos influenciem; forçam-nos a expor-nos às forças negativas, elas nos tornam negligentes e incapazes de atingir a calma mental ou a visão profunda [...]"

2_No momento vejamos os defeitos particulares. O apego aos seres impede de atingir o Despertar, como se lê no *Sutra da chama da lua*:

"Aqueles que entregam-se aos prazeres dos sentidos
E ávidos por mulheres e crianças,
Levam uma vida doméstica desprezível
Nunca atingirão o Despertar insuperável".

E na *Marcha em direção ao Despertar*:

"Se eu permaneço apegado aos seres,
A autêntica verdade permanecerá velada para mim".

Renunciemos, portanto, a esse apego.

"Considerando-se que não realizam o nosso bem
E que não realizamos o deles,
Fujamos desses seres pueris".

Os benefícios que resultam da eliminação desse apego são descritos no *Sutra da chama da lua*:

"Aqueles que, não tendo mais desejo por filhos e esposas,
Desvencilharam-se e sentem-se aterrorizados pela vida doméstica
Não têm dificuldade para alcançar o Despertar supremo".

Quanto ao apego às riquezas materiais e à glória, ele comporta dois defeitos, uma vez que é impossível guardar os bens indefinidamente e que esses bens são motivo de sofrimentos.

A *Marcha em direção ao Despertar* diz sobre o primeiro defeito:

"Tendo acumulado glória e riquezas,
Para onde elas irão? Ninguém o sabe".

E sobre o segundo defeito:

"Tudo ao que nos apegamos
E que se guarda para si
Transforma-se em sofrimento
Mil vezes maior".

4) Qual é a primeira característica da solidão? A ausência de atividades dispersantes. Qual é a causa da solidão? O fato de permanecer só em um lugar retirado. O que é considerado um lugar retirado? Pode ser um lugar onde os cadáveres são deixados, uma floresta, uma caverna, uma planície ou qualquer outro lugar semelhante, contanto que ele se encontra, diz o *Abhidharma*, a mais de um *krosha*, ou ,dito de outra forma, pelo menos a quinhentos braços (1 braço=1,83 m), de qualquer lugar habitado.

Quais são as qualidades da solidão? O distanciamento das atividades que distraem e o retiro em um lugar solitário, tendo em vista o Despertar e o bem dos seres, implica muitas qualidades: é uma das melhores homenagens aos Budas, reforça a determinação de liberar-se do samsara, afasta as oito preocupações mundanas, impede que as emoções negativas desenvolvam-se e torna possível a absorção meditativa.

Retomemos cada um desses pontos. Se, com a intenção de atingir o Despertar pelo bem dos outros, retiramo-nos para um lugar solitário, e mesmo que tenhamos dado apenas sete passos nesta direção, agradaremos muito mais aos perfeitos Budas do que se os honrássemos com muitas oferendas de alimentos, bebidas, flores e outros presentes.

O *Sutra da Chama da Lua* afirma:

"Não é com alimentos, bebidas,
Roupas, flores, perfumes ou guirlandas
Que prestaremos homenagem ao sublime Vencedor, ao melhor dos humanos.
Aquele que, cansado dos defeitos da existência condicionada
E aspirando ardentemente ao Despertar,
Dá sete passos em direção a um lugar solitário pelo bem dos seres
Conquistará um mérito eminentemente superior".

No que se refere às outras virtudes da solidão, o mesmo sutra declara:

"Ele renunciará sem cessar ao que é composto,
Ele não desejará nada que pertença a este mundo
E suas emoções negativas não se desenvolverão".

A solidão tem como função principal favorecer a emergência da absorção meditativa.

Como o precedente sutra afirma:

"Deixe de amar as aldeias e as vilas; Permaneça sempre sozinho nas florestas; Seja como os rinocerontes que nunca andam em dupla,
E não demorará a atingir a absorção suprema".

2] Isolar a mente dos pensamentos discursivos

Uma vez que estejamos em um lugar solitário, perguntemo-nos: "Por qual razão eu vim aqui?" Retiramo-nos porque fugimos com pavor das cidades, aldeias e dos outros lugares de distração. O que eles têm de apavorante? O *Sutra solicitado pelo laico Ugra* responde:

"Parti para lugares solitários por medo das atividades que distraem, dos ganhos, das honras, das companhias nefastas e dos mestres malignos; por medo do desejo, da raiva e da ignorância; por medo dos agregados, do demônio das emoções negativas, do demônio da morte e do demônio dos filhos dos deuses; por medo dos três mundos inferiores: os mundos dos infernos, dos *pretas* e dos animais".

Quando, enfim, impulsionados por todos esses medos, nos encontrarmos em um lugar solitário, perguntemo-nos: "No que se transformarão meu corpo, minha palavra e minha mente? Considerando-se que meu corpo serve para matar, roubar e cometer todos os tipos de atos negativos, não me diferencio em nada dos animais ferozes, dos caçadores e dos bandidos. E para realizar mesmo que apenas um dos meus desejos eu irei igualarei a eles?" Eis o que devemos evitar.

Examinemos nossas palavras: "Se, neste lugar solitário, eu me deixo levar por afirmações sem conseqüência, pela calúnia, pelos insultos e outros delitos da palavra, eu não me diferencio dos pavões, dos papagaios, dos pardais, das cotovias e outras aves. É dessa maneira que realizarei mesmo que um único de meus desejos?" Conseqüentemente, corrijamo-nos.

Analisemos em seguida nossa mente: "Se eu remôo pensamentos de desejo, de raiva, de ciúme e assim por diante, eu não me diferencio em nada dos ruminantes selvagens, dos macacos, dos ursos e de muitos animais. É dessa maneira que realizarei mesmo que apenas um dos meus desejos?" Corrijamos nossa atitude.

Quando o corpo e a mente encontram-se todos os dois na solidão, a distração desaparece. Na ausência de distração, a concentração pode estabelecer-se.

Em seguida vem o treinamento da mente. Vejamos qual é em nós a emoção negativa dominante e consideremos seu antídoto.

- 1_O antídoto do desejo é a meditação sobre o que é repugnante;
- 2_O antídoto da raiva, a meditação sobre o amor;
- 3_A antídoto da ignorância, a meditação sobre a interdependência;
- 4_O antídoto do ciúme, a meditação sobre a igualdade entre os outros e si mesmo;
- 5_O antídoto do orgulho, a meditação sobre a igualdade entre si mesmo e o outro;
- 6_Se todas as emoções negativas são de igual força, ou se estamos agitados por um excesso de pensamentos, o remédio será a meditação sobre a respiração.

1_Portanto, se é o desejo que domina, eis como meditaremos sobre o que é repugnante. Pensemos, inicialmente, que nosso corpo é composto por trinta e seis substâncias imundas, começando pela carne, a pele, os ossos, a medula, a linfa, a bília, a fleuma, os mucos, a saliva e os excrementos. Dirigimo-nos a um lugar onde são colocados os cadáveres. Alguns estão ali há três, cinco ou mais dias. Alguns estão inteiramente putrefeitos, outros inchados, alguns enegrecidos e outros fervilham de vermes. Apliquemos o que vemos ali a nosso próprio corpo, dizendo-nos que, por natureza, não somos diferentes desses cadáveres.

Dentre os corpos abandonados, encontramos alguns que já se transformaram em esqueletos com apenas alguns restos de carne, outros em que só sobraram os tendões. Alguns estão despedaçados. Outros, mortos depois de anos, adquiriram uma cor esverdeada como a dos pombos ou a cor branca das conchas. Diante desse espetáculo, façamos as mesmas reflexões.

2_Se a raiva é a emoção negativa dominante, poderemos remediá-la, meditando sobre o amor pelos outros. Como vimos mais acima, há três formas de amor. Tratar-se-á aqui do amor que tem como referência o amor pelos seres. Pensemos, primeiramente,

em ajudar aquelas pessoas que amamos e em ajudar a proporcionar-lhes felicidade, até que um sentimento de amor nos domine. Façamos o mesmo com aqueles que nos são mais familiares; depois com nossos conhecidos em geral, em seguida com os habitantes de nossa cidade; e, enfim, com todos aqueles que vivem em todas as direções do espaço.

4_ Se a ignorância é a emoção dominante, meditemos sobre a produção interdependente.

Lemos no *Sutra dos brotos de arroz*:

"Monges, aquele que conhece este broto de arroz conhece a produção interdependente; quem conhece a produção interdependente conhece a natureza das coisas; quem conhece a natureza das coisas conhece o Buda".

Há dois tipos de produção interdependente:

- A) A produção do samsara, que segue a ordem habitual;
- B) A produção do nirvana, que segue a ordem inversa.

A) No primeiro processo, distinguimos a produção interdependente exterior e a produção interdependente interior.

A produção interdependente interior possui ela própria dois aspectos:

- 1° O encadeamento das causas;
- 2° A dependência de alguns fatores.

1° A propósito do encadeamento das causas, o Buda diz:

"Monges, a existência disto produz a aparição daquilo, o aparecimento daquilo produz o aparecimento de outra coisa. A ignorância produz as formações cármicas, e assim por diante; o nascimento leva à velhice e à morte, à mágoa, às lamentações, à dor, ao sofrimento, à desordem da mente; e tudo isso leva a esta imensa e única massa de sofrimento".

Encontramo-nos no mundo do Desejo, e nascemos de uma matriz. No começo, aparece a "ignorância" (1) do objeto de conhecimento. Essa ignorância leva à formação de atos maculados, positivos, negativos ou imutáveis, que chamamos de "formações cármicas" (2) vindas da ignorância. A mente contaminada pelos germes desses atos é chamada "consciência" (3) vinda das formações. Sob o impulso do karma, a mente equivoca-se. Ela penetra na matriz de uma mãe e passa por todas as fases do embrião e do feto; é o que chamamos de nome e forma, (4) que advêm da consciência. Com o desenvolvimento do nome e da forma, a visão, o olfato e as outras faculdades sensoriais formam-se completamente. Falamos das "seis faculdades sensoriais" (5) vindas do nome e da forma. A reunião, de um lado, do órgão visual com os outros órgãos dos sentidos, e, de outro, de seus objetos, e, enfim, da consciência e da experiência que resulta dessa reunião constituem o "contato", (6) o qual advêm das seis faculdades sensoriais. Em função desse contato, experimentamos uma sensação de prazer, desgosto ou neutralidade chamada "sensação" (7) vinda do contato. A este fato de amar essa sensação, de desejá-la, de querê-la ardentemente dá-se o nome de "sede" (8) nascida da sensação. Não renunciar a esse desejo, mas, ao contrário, pretender nunca se separar dele e procurá-lo novamente, é a "apreensão" (9) decorrente da sede. Quando nos esforçamos para alcançar esse objetivo, realizamos com o corpo, a palavra e a mente atos que produzem o devir; é o que chamamos de "devir" (10)

decorrente da apreensão. A formação dos cinco agregados vindos desses atos é chamada "nascimento" (11) decorrente do devir. O nascimento é seguido pelo desenvolvimento e amadurecimento dos agregados, o envelhecimento, e sua destruição, a morte; é o que chamamos de "a velhice e a morte" (12) decorrentes do nascimento.

Por causa da ignorância, a morte suscita um grande sofrimento mental acompanhado de um profundo apego: a aflição. A expressão verbal dessa aflição é chamada lamentação. A experiência dolorosa associada aos cinco processos de consciência é o sofrimento. O sofrimento associado às sensações mentais é o sofrimento mental. Todas as outras emoções que se associam a ele são qualificadas de perturbações.

Esses elementos formam três grupos. A ignorância, a sede e a apreensão advêm do domínio das emoções negativas. As formações cármicas e o devir advêm do domínio do karma. E as sete outras, começando pela consciência, advêm do domínio do sofrimento.

É o que explica a *Produção interdependente segundo a via mediana*:

"Saiba que os doze elementos

Repartem-se em três grupos.

A produção interdependente ensinada pelo Buda

Associa-se, portanto, a três elementos:

Às emoções negativas, ao karma e ao sofrimento.

O primeiro, oitavo e nono elementos advêm das emoções negativas;

O segundo e o décimo, do karma;

E os outros sete, do sofrimento".

Pode-se também comparar a ignorância a um semeador; o karma, a um campo; a consciência, a uma semente; a sede a umidade, nome e forma aos brotos e o resto aos ramos, às folhas, e assim por diante.

Sem a ignorância, as formações cármicas são impossíveis. Sem o nascimento, não há velhice nem morte.

Por outro lado, desde que exista ignorância, as formações cármicas produzem-se; portanto, o nascimento também e, conseqüentemente, a velhice e a morte.

A ignorância não pensa: "Eu vou criar as formações". As formações, por sua vez, não dizem: "Fomos criadas pela ignorância." Tampouco o nascimento pensa: "Eu vou criar a velhice e a morte", nem a velhice e a morte dizem: "O nascimento nos criou". "De fato, se há ignorância, as formações manifestam-se; e se há nascimento, a velhice e a morte se produzem".

O processo interior da produção interdependente é, portanto, percebido como um encadeamento de causas.

2º Mas ele está igualmente ligado a um certo número de fatores, pelo fato do corpo ser composto de seis elementos: a terra, a água, o fogo, o ar, o espaço e a consciência. Aquilo que existe de sólido no corpo é chamado de "terra". O que assegura a coesão é o elemento "água". O que permite digerir os alimentos sólidos e líquidos, é o elemento "fogo". O elemento "ar" produz o vai e vem da respiração. As partes côncavas do corpo são o "espaço". As cinco consciências e a consciência da mente emocional formam o elemento "consciência". Sem esses fatores, o corpo não pode nascer. Em contrapartida, quando os seis elementos interiores encontram-se completamente reunidos, o corpo toma existência.

Os seis elementos não pensam que criam a solidez e as outras características do corpo. Do mesmo modo, o corpo não pensa que são esses fatores que o produzem. A simples presença desses fatores leva ao aparecimento do corpo.

Em quantas vias desenvolve-se o processo completo dos doze elos interdependentes?

O sublime *Sutra das dez terras* responde:

"Aquilo que chamamos de formações cármicas graças à ignorância vêm da vida precedente; o processo da consciência à sensação ocorre na vida presente; os outros elementos, desde a sede até o devir, estão associados à vida seguinte. E o ciclo recomeça".

B) Vejamos, agora, o processo inverso, chamado "da produção interdependente do nirvana".

Quando se realiza que a natureza de todas as coisas é vacuidade, a ignorância chega ao fim. Com o fim da ignorância, os outros elos, das formações à velhice e à morte, gradualmente chegam ao fim.

"Com o fim da ignorância, ocorre o fim das formações cármicas. E assim em diante até que com o fim do nascimento, a velhice, a morte, da mágoa, as lamentações, o sofrimento, o sofrimento mental e as perturbações cessam. Assim conclui-se aquilo que era apenas uma imensa massa de sofrimento".

4_ Se for o ciúme que domina, como antídoto, meditamos sobre a igualdade entre nós mesmos e os outros. Os outros desejam a felicidade tanto quanto nós e, como nós, eles não querem sofrer. Portanto, devemos sentir por eles o mesmo amor que sentimos por nós mesmos.

Lemos na *Marcha em direção ao Despertar*:

"Inicialmente, dedicar-me-ei
A ver os outros como meus semelhantes,
Considerando-se que nossas alegrias e nossas dificuldades são as mesmas,
Cuidarei dos outros como cuido mim mesmo".

5_ Se for o orgulho que é preponderante, como remédio, meditaremos sobre a troca entre nós mesmos e os outros. Os seres comuns, esses seres pueris, só gostam de si mesmos; isso os leva a sofrer no samsara. Os Budas, que gostam dos outros seres e agem apenas pelo bem deles, atingiram o Despertar perfeito.

"Entre os idiotas que buscam apenas seus interesses
E o Muni que busca o interesse dos outros,
Contemple a diferença!"

Reconheçamos, portanto, que gostar de si mesmo é um defeito, e rejeitemos o apego a nossa pessoa. Saibamos que gostar dos outros é uma virtude, e consideremo-los como a nós mesmos.

A *Marcha em direção ao Despertar* diz:

"Sabendo que eu sou cheio de defeitos
E que os outros são um oceano de qualidades,
Não me apegarei mais a minha pessoa
E abraçarei a causa do outro".

6_ Se nossas emoções negativas possuem todas uma força igual, ou se temos, sobretudo, muitos pensamentos, exercitemo-nos a meditar sobre a respiração em seis etapas.

Lemos no *Tesouro do Abhidharma*:

"Contar, seguir e repousar,
Examinar, transformar
E perfeitamente purificar:
Tais são as seis etapas".

Todos os métodos que acabamos de ver representam as diferentes fases do treinamento da mente com objetivo de atingir a concentração.

III As diferentes formas de concentração

Distinguem-se três formas de concentração.

1] A primeira é chamada "concentração que busca um sentimento de bem-estar nesta vida"; ela faz de nosso *continuum* psíquico um receptáculo apropriado.

2] A segunda é chamada "concentração que produz as qualidades"; ela nos permite conquistar as qualidades dos Budas, uma vez que nossa mente tenha se tornado apta a recebê-las.

3] A terceira é chamada "concentração que realiza o bem do outro".

IV Características de cada forma de concentração

1] A concentração que proporciona um sentimento de bem-estar nesta vida

Lemos nas *Terras dos bodhisattvas*:

"A concentração dos Bodhisattvas é livre de conceitos e proporciona o perfeito domínio do corpo e da mente; ela é totalmente, supremamente pacífica, isenta de pretensão, de apego aos sabores, e de características. Saiba que se trata de (do que se chama) sentir-se bem nesta vida".

"Livre de conceitos": o Bodhisattva permanece concentrado sem distração, livre dos enganos conceituais do ser, do não-ser, etc.

"Proporciona o perfeito domínio do corpo e da mente": essa concentração coloca um fim em toda resistência do corpo e da mente

"Totalmente, supremamente pacífica": o acesso à concentração é espontâneo.

"Isenta de pretensão: livre das emoções negativas ligadas às opiniões errôneas

"Isenta de apegos aos sabores": sem emoções negativas ligadas ao devir.

"Isento de características": sem a fruição das formas e de outros objetos de percepção.

Como temos acesso à todas essas qualidades? Pelo exercício do que chamamos as quatro concentrações, cuja primeira é acompanhada da reflexão e da análise; a segunda, de alegria; a terceira de felicidade e a quarta, de equanimidade.

2] A concentração que produz qualidades

Ela é de dois tipos: 1) Extraordinária;
2) Comum.

1) A concentração extraordinária

Designa as absorções múltiplas, inconcebíveis, infinitas que se encontram inclusas nas dez forças. Os ouvintes e os Budas-para-si, ignorando até mesmo os nomes dessas concentrações, não podem, portanto, ali se estabelecerem.

2) A concentração comum

Essa concentração agrupa as liberações perfeitas, as vitórias sobre as percepções, as percepções infinitas, o justo conhecimento de cada coisa, assim como outras faculdades que encontramos nos ouvintes e nos Budas-para-si, mas que são na realidade diferentes e que têm em comum com estas faculdades apenas seus nomes.

3] A concentração que realiza o bem do outro

Qualquer que seja a concentração, ela permite emitir um número incalculável de formas corporais que realizam onze atos, cujo primeiro consiste em fazer companhia aos seres que têm necessidade.

Neste sentido, ouvimos frequentemente falar de calma mental e de visão profunda. Como se definem esses dois termos?

A calma mental é a mente colocada em si mesma em uma absorção verdadeira. A visão profunda, que vem em seguida, é o discernimento perfeito da natureza das coisas; isto é, o discernimento que nos permite conhecer o que convém ou não fazer.

Lemos no *Ornamento dos sutras*:

"Graças à concentração autêntica
Colocamos a mente em si mesma
E discernimos perfeitamente as coisas;
Daí as expressões de calma mental e de visão profunda".

A calma mental designa a própria concentração e a visão profunda, o conhecimento.

V Como desenvolver a concentração

Desenvolve-se a concentração com ajuda da sabedoria, do conhecimento e da dedicatória, como para as virtudes precedentes.

VI Como purificar a concentração

Purifica-se a concentração aplicando-lhe o conhecimento da vacuidade e a compaixão, como explicado precedentemente.

VII O fruto da concentração

Distinguiremos: 1] O fruto último;
 2] O fruto temporário.

1] O fruto último da concentração é o Despertar insuperável.

Como afirmam as *Terras dos Bodhisattvas*:

Perfazendo a virtude transcendente da concentração, os Bodhisattvas alcançaram, alcançam e alcançarão a perfeita budeidade no insuperável Despertar.

2] Seu fruto temporário será uma existência de deus liberado do desejo.

Mestre Nagarjuna declara:

"Graças às quatro concentrações
Isentas de prazer, de felicidade e de sofrimento,
Partilhamos a sorte dos deuses
Nos mundos Pureza, Luminosidade, Mérito Desenvolvido e
Imenso Resultado".

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Parte IV

Capítulo 17

༄༅། ཤེས་རབ་གྱི་ཕ་རོལ་ཏུ་སྦྱོན་པའི་ལེན།

A virtude transcendente do Conhecimento



Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação
A Produção da Mente do Despertar, a Bodhicitta
Apresentação detalhada das 6 virtudes transcendentais

Capítulo 17

A virtude transcendente do Conhecimento

- I Vantagens do conhecimento e inconvenientes de sua ausência**
- 1] Os inconvenientes
 - 2] As vantagens
- _Praticar conjuntamente os meios e o conhecimento
- II Definição de conhecimento**
- "O discernimento perfeito da natureza das coisas"*
- III As diferentes formas de conhecimento:**
- IV Características de cada forma de conhecimento**
- A] O conhecimento mundano
 - B] Os dois conhecimentos supramundanos
 - 1] O conhecimento supramundano menor
 - 2] O conhecimento supramundano maior
- V O conhecimento que é necessário possuir:** *(O conhecimento supramundano maior)*
- 1] **Contestação da crença na existência real das coisas**
 - 1) Refutação de uma existência «em si mesma» dos indivíduos
 - 2) Refutação de existência «em si mesma» das coisas
 - 1_ Inexistência dos objetos
 - 2_ Inexistência da mente que os percebe
 - 2] **Refutação da crença na não existência real das coisas**
 - 3] **Defeitos da crença na não existência**
 - 4] **Defeitos das duas crenças**
 - 5] **A via da liberação**
 - 6] **A essência da liberação: o Nirvana**
- VI Cultivar o conhecimento transcendente**
- 1] As preliminares
 - 2] A meditação
 - 3] Entre as meditações
 - 4] Os sinais de familiarização
- VII O fruto do conhecimento**
- 1] O fruto último
 - 2] Os efeitos temporários

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

A produção da mente de Despertar
Apresentação detalhada das seis virtudes transcendentais
(Capítulo 12 a 17)

Capítulo 17

A virtude transcendente do conhecimento

- I Vantagens do conhecimento e inconvenientes de sua ausência**
- II Definição do conhecimento**
- III As diferentes formas de conhecimento**
- IV Características de cada forma de conhecimento**
- V O conhecimento que é necessário possuir**
- VI Cultivar o conhecimento transcendente**
- VII O fruto do conhecimento transcendente**

* * *

I Vantagens do conhecimento e inconvenientes de sua ausência

Um bodhisattva que possuísse todas as virtudes transcendentais, da generosidade à concentração, mas sem o conhecimento, não poderia atingir a onisciência. Por quê? Porque essas virtudes poderiam ser comparadas a cegos sem guia, incapazes de chegar à cidade de seu destino.

Lemos na *Prajanparamita resumida*:

"Como milhares de cegos privados de guia
que ignorassem o caminho poderiam entrar na cidade?
Sem o conhecimento, as cinco virtudes cegas
São privadas de guia e não podem conduzir ao Despertar".

Em contrapartida, quando o conhecimento transcendente acompanha essas virtudes, a generosidade e todos os outros méritos, assim como uma multidão de cegos conduzida por um guia, podem ser dirigidos sobre a via da budeidade e chegar à onisciência.

A *Introdução à via mediana* diz:

"Assim como o homem que enxerga pode facilmente conduzir
Uma multidão de cegos ao país de seu destino,
O conhecimento guia as virtudes sem olhos
coduzindo-as à budeidade".

E a *Prajnaparamita resumida*:

"Quando, pelo conhecimento, compreendemos perfeitamente a natureza das coisas,

Transcende-se verdadeiramente a totalidade dos três domínios".

"Portanto, o conhecimento basta, talvez possamos pensar. Para que servem, então, a generosidade e os outros métodos?" O conhecimento, entretanto, não basta, assim como afirma a *Chama da via do Despertar*:

'O conhecimento sem os meios

E os meios sem o conhecimento

Aprisionam-nos, diz o Buda.

Não renunciem nem aos meios nem ao conhecimento".

Ao praticar os meios sem o conhecimento, ou o inverso, a que ficamos aprisionados? O Bodhisattva que pratica o conhecimento sem os meios cai na paz do nirvana parcial, no qual os ouvintes acreditam, e dele fica prisioneiro. Ele não atingirá o nirvana sem localização. Segundo a tradição que considera três veículos distintos, ele permanecerá lá para sempre. Para os que acreditam em um único veículo, o Bodhisattva permanecerá prisioneiro durante oitenta e quatro mil grandes kalpas.

Se ele pratica os meios sem o conhecimento, o Bodhisattva não ultrapassará o nível dos indivíduos ordinários, chamados pueris, e permanecerá prisioneiro do samsara.

"O conhecimento sem os meios aprisiona no nirvana. Os meios sem o conhecimento aprisionam no samsara. Portanto, é preciso praticá-los conjuntamente".

diz o *Sutra solicitado por Akshayamati*.

E segundo o *Sutra ensinado por Vimalakirti*:

"O que aprisiona os Bodhisattvas e o que os liberta? O conhecimento isolado dos meios os aprisiona; o conhecimento aliado aos meios os liberta. Os meios separados do conhecimento os aprisionam; os meios aliados ao conhecimento os libertam".

Praticar o conhecimento ou os meios separadamente é como agir como o demônio.

O *Sutra solicitado pelo rei dos nagas Sagara* diz:

"A obra do demônio é dupla: os meios sem o conhecimento e o conhecimento sem os meios. Sabendo tratar-se da obra do demônio, renuncie-a".

Recorramos a uma imagem: aquele que deseja chegar a uma cidade precisa de olhos para ver a estrada e pernas para percorrê-la. Do mesmo modo, para alcançar a cidade do nirvana sem localização, deve-se ter como olhos o conhecimento e como pernas os meios.

Lemos no *Sutra de Gayashirsha*:

"A via do Grande Veículo está relacionada a duas coisas: ao conhecimento e aos meios".

O conhecimento não surge de si mesmo. Utilizando novamente uma imagem, quem atea fogo em um pequeno monte de galhos não poderá ter uma fogueira que dure muito tempo. Por outro lado, ateando fogo em um grande feixe de lenha bem seco, pode-se produzir uma imensa fogueira que durará muito tempo e será difícil de apagar. Do mesmo modo, uma pequena acumulação de méritos não permitirá atingir

um grande conhecimento, enquanto que uma grande acumulação de generosidade, de disciplina e outros méritos permitirá atingir um grande conhecimento, consumindo todos os véus que recobrem a mente.

Em conseqüência, para atingir o conhecimento, é necessário cultivar a generosidade e as outras virtudes transcendentais.

Lemos na *Marcha em direção ao Despertar*:

"Todas essas virtudes auxiliares; é dito que o conhecimento é objetivo delas".

II Definição do conhecimento

"O conhecimento é o discernimento perfeito dos fenômenos."

O *Condensado do Abhidharma* diz:

"O que é o conhecimento? É o discernimento perfeito da natureza dos fenômenos".

III As diferentes formas de conhecimento

O comentário do *Ornamento dos sutras* distingue:

A] O conhecimento mundano,

B] 1] O conhecimento supramundano inferior e
2] O conhecimento supramundano superior.

IV Características de cada forma de conhecimento

A] O conhecimento mundano

É o conhecimento das quatro ciências tradicionais: medicina, lógica, lingüística e tecnologia.

B] Os dois conhecimentos supramundanos

Eles são chamados ciências interiores e designam o conhecimento do Dharma.

1] O conhecimento supramundano inferior é o conhecimento que resulta do estudo, da reflexão e da meditação dos ouvintes e dos Budas-para-si.

Ele consiste na realização de que os agregados que herdamos pela força do karma são impuros, dolorosos, efêmeros e desprovidos de si.

2] O conhecimento supramundano superior resulta do estudo, da reflexão e da meditação do Grande Veículo.

Ele consiste no conhecimento de que todos os fenômenos são por natureza vacuidade sem nascimento, sem base.

Lemos na *Prajnaparamita em setecentos versos*:

"Saber que todos os fenômenos não têm nascimento, eis o conhecimento transcendente".

Na *Prajnaparamita resumida*:

"Compreender perfeitamente que os fenômenos não têm existência por si mesmos é a prática do supremo conhecimento transcendente".

E na *Chama da via do Despertar*:

"Chamamos de conhecimento transcendente a realização de que todos os agregados, os elementos e as fontes de percepção, são vazios de natureza própria e sem nascimento".

V O conhecimento que é preciso possuir

Dos três tipos de conhecimento, o que precisamos possuir é o conhecimento superior. Iremos estudá-lo em seis pontos:

- 1] Refutação da crença na existência real das coisas
- 2] Refutação da crença na não-existência real das coisas
- 3] Defeitos da crença na não-existência
- 4] Defeitos das duas crenças
- 5] A via da liberação
- 6] A essência da liberação: o nirvana

* * *

1] Refutação da crença na existência real das coisas

A *Chama da via do Despertar* do senhor Atisha, depois de uma análise feita com a ajuda dos grandes argumentos, declara:

"O que já existe não pode logicamente nascer,
E o que não existe, como uma flor no céu, também não pode nascer".

Nos ensinamentos da via gradual, considera-se que o que existe realmente, ou o que tomamos como tal, pode relacionar-se a dois tipos de "si", e que esses dois tipos são por natureza vacuidade.

Quais são estes dois tipos de si? O si do indivíduo e o si das coisas.

1_O que é o si do indivíduo? Existem inúmeras opiniões sobre esse ponto. Mas de fato, o que se chama "si do indivíduo", é a continuidade dos agregados cármicos, como o conhecimento.

O *Sutra fragmentado* diz:

"É o *continuum* que se chama indivíduo".

Esse indivíduo que consideramos único e permanente, ao qual nos apegamos enquanto "eu", constitui o que chamamos "si do indivíduo". O si produz as emoções negativas; as emoções negativas produzem o karma; e o karma, o sofrimento. A fonte de todos os males e de todos os sofrimentos é, portanto, o si.

O *Comentário exaustivo do conhecimento verdadeiro* declara:

"Quando há um si, há consciência do outro.
Do si e do outro nascem o apego e a repulsa,
E da combinação dos dois brotam todos os males".

2_ O que é o "si das coisas" ? As coisas designam, por um lado, os objetos apreendidos no exterior, e por outro lado, a mente que os percebe no interior. O que se entende por coisa? O que possui características particulares.

O *Sutra fragmentado* diz:

"O que possui características é denominado fenômeno".

Apreender o objeto e o sujeito como tendo uma existência concreta, e apegar-se a isso, eis o que se chama "(acreditar no) si dos fenômenos".

Vamos explicar a vacuidade natural dos dois tipos de si.

1) Refutação do si dos indivíduos

Pode-se ler na *Guirlanda de jóias* do mestre Nagarjuna:

"Sustentar que o eu e o meu existem,
É ir contra a realidade última".

Na realidade absoluta, o si não existe. Se o si existisse na realidade absoluta, deveríamos ainda constatar sua existência quando vemos a realidade. Ora, no momento em que vemos a verdade, não há nada, o que nos permite concluir que o si não existe.

A *Guirlanda de jóias* prossegue:

"De fato, quando se conhece a natureza essencial da mente,
Realiza-se que o si não existe".

"Conhecer o autêntico", é ver a verdade. "Duas coisas não surgem mais", quer dizer que não existe mais crença no eu e no meu.

Além disso, se o si existe, vejamos:

- 1_ se ele nasce de si mesmo,
- 2_ de outra coisa ou
- 3_ das duas coisas juntas, ou ainda
- 4_ se ele nasce de um dos três momentos do tempo.

1- Ele não nasce de si mesmo, pois, ou ele já existe, ou ele não existe ainda. Se ele não existe ainda, ele não pode ser sua própria causa. E se ele já existe, ele não pode ser seu próprio efeito, já que criar-se a si mesmo é uma contradição.

2- Ele também não pode tampouco nascer de uma outra causa. Por que? Porque toda outra causa é relativa a seu efeito, e considerando que não há efeito, não há causa. Inversamente, enquanto não há causa, não há efeito.

3- O si também não nasce dos dois conjuntamente, pois como vimos precedentemente, cada um desses dois casos é impossível.

4- Ele não provém, tampouco, de um dos três momentos do tempo. Ele não é produto do passado, pois, este último, como uma semente podre, não tem mais nenhum poder. Também não é produto do futuro, pois seria como um filho de uma mulher estéril. Ele não provém também do presente, pois é logicamente impossível que a causa e seu efeito coexistam.

Citemos ainda a *Guirlanda de jóias*:

"Como o eu não vem nem dele mesmo,
Nem de um outro, nem dos dois ao mesmo tempo,
Nem de um dos três momentos do tempo,
A crença no eu desaparece".

Ou ainda, raciocinemos como se segue. Vejamos se este pretendido si encontra-se no corpo, na mente ou no nome. O corpo é formado dos quatro elementos. As partes sólidas constituem o elemento terra, a umidade, o elemento água, o calor, o fogo, e o vento e o movimento formam o elemento ar. Não há si em nenhum desses quatro elementos, do mesmo modo que não há si nos elementos do mundo exterior.

Pensaremos, talvez, que é na mente que se encontra o si. Mas a mente não consiste em nada, já que ninguém, nem nós mesmos, nem os outros, nunca a viram. Por conseqüência, a mente não existindo, o si também não existe.

Podemos perguntar então se o si encontra-se no nome. Mas o nome é uma designação fortuita, sem realidade concreta, sem relação com o si. Portanto, eis demonstrado, por três razões, porque o si dos indivíduos não existe.

2) Refutação do si das coisas

Mostraremos, inicialmente,

A- A inexistência dos objetos percebidos;

B- A inexistência da mente que os percebe.

A- Alguns sustentam que os objetos percebidos no exterior existem realmente.

Os Vaibhashikas afirmam a existência material de partículas ínfimas, esféricas e indivisíveis. Sua reunião constitui os objetos de percepção tais como as formas. Essas partículas são elementos discretos: cada uma é envolvida por outras partículas separadas por espaços. Elas aparecem para nós como sendo uma única e mesma coisa, assim como consideramos uma cauda de iaque ou uma campina. E não se desagregam, pois o karma dos seres os mantém juntos.

Por sua vez, os Sautrantikas declaram que essas partículas são mantidas juntas sem se tocarem, mas sem tampouco existir espaço entre elas.

Esses pontos de vista não resistem à lógica. A partícula ínfima é uma ou múltipla? Se for uma, podemos dividi-la em diferentes direções espaciais? Neste caso, ela possui seis partes: leste, oeste, norte, sul, zênite e nadir e o conceito de unidade não resiste. Por outro lado, se não podemos dividi-la em direções espaciais, tudo se reduziria necessariamente a um único átomo, o que não é manifestamente o caso.

Lemos nos *Vinte versos*:

"Quando seis partículas agregam-se a um átomo,
Este último encontra-se provido de seis partes.
Se essas seis partes ocupassem apenas um lugar,
Sua reunião formaria um único átomo".

Vejamos agora a hipótese segundo a qual as partículas ínfimas seriam múltiplas. Se pudesse existir um elemento indivisível, poderíamos conceber a existência de um conjunto constituído de elementos semelhantes. Ora, visto que a existência de um único desses elementos é impossível, também não pode existir um conjunto constituído por esses elementos. Conseqüentemente, as partículas ínfimas não têm existência real, não mais que os objetos exteriores que elas constituem.

Nesse caso, o que aparece diante de nossos olhos neste momento?

_O que aparece na nossa mente como os objetos exteriores é o resultado de um engano.

Como o sabemos?

Graças: 1° Às palavras do Buda;

- 2° Ao raciocínio;
- 3° A diferentes comparações.

1° Lemos no *Sutra do Avatamsaka*:

"Ó Filhos dos Vencedores, estes três mundos são apenas mente".

E no *Sutra da entrada em Lanka*:

"A mente perturbada pelas tendências habituais
Manifesta-se claramente como objeto
Não há objeto, mas a mente apenas;
O objeto exterior é uma percepção errônea".

2° Passemos agora ao raciocínio. As aparências exteriores são percepções errôneas da mente, pois o que aparece não existe, como os cornos na testa de um homem ou uma árvore que se visualiza. Todas as aparências são apenas alucinações da mente, já que o que existe desaparece, que as percepções mudam segundo as circunstâncias, que a meditação pode modificá-las e que elas diferem [nas seis classes de seres].

3° Comparamos essas aparências a um sonho, uma ilusão mágica, etc.

B- Vejamos agora a inexistência da mente que percebe os objetos

Alguns pensam que a mente que, no interior, percebe as coisas, existe realmente, conhecendo-se e iluminando a si mesma.

Mas não é assim, por três razões:

- 1° não se pode provar a existência da mente se a examinamos em termos de instantes;
- 2° ela não tem nenhuma existência concreta já que ninguém nunca a viu;
- 3° seus objetos não existindo, ela também não existe.

1° Consideremos o primeiro ponto. Essa mente que você afirma que se conhece e se ilumina a si mesma existe em um único instante ou em vários instantes? Se você responder em um único instante, esse instante se divide em passado, presente e futuro? Se ele é divisível, o instante não é uno, mas múltiplo.

A *Guirlanda de jóias* diz:

"Assim como um instante tem um fim,
Deve-se encontrar o seu início e o seu meio;
O que faz três instantes.
O mundo não existe, portanto, em um único instante".

Se ele não é divisível em passado, presente e futuro, esse instante não tem realidade e, conseqüentemente, a mente tampouco.

Vejamos agora a hipótese segundo a qual a mente existe em vários instantes. Se um instante isolado era possível, poderíamos supor a soma desses instantes; ora, o instante não existe, portanto, uma soma de instantes não poderá também existir. E nesse caso ainda, a mente tampouco.

2° Segundo ponto: ninguém nunca viu o que se chama de mente. Procuremo-la em todas as partes do corpo: no exterior, no interior, entre os dois, no alto e embaixo. Procuremos atentamente quais são sua forma e sua cor. Façamos essa pesquisa até

termos uma verdadeira certeza. Aprendamos com um mestre as diferentes fases dessa análise. Se, apesar de todos nossos esforços, não encontrarmos nada, é que não há nada a ver: uma mínima cor que seja, nenhuma característica material. Isso não quer dizer que a mente exista realmente, mas que não vimos ou encontramos nada de semelhante. Isso quer dizer que a mente que busca não pode buscar a si mesma, ou seja, que a mente que busca não pode ser o objeto procurado, que ela é indizível, impensável, inexplicável, inexprimível, e que, onde quer que a procuremos, não a encontraremos.

Escutemos o *Sutra solicitado por Kashyapa*:

"A mente não se encontra nem no interior nem no exterior, ó Kashyapa, e não é concebível em nenhum lugar entre os dois. Kashyapa, a mente não pode ser examinada. Não se pode demonstrá-la, não se pode apoiar-se sobre ela. Ela não é perceptível nem cognoscível, ela não se encontra em parte alguma. Essa mente, ó Kashyapa, nenhum Buda viu, vê ou verá".

E o *Sutra da apreensão perfeita do Dharma*:

"A mente é, portanto, vazia e oca. Quando compreendemos verdadeiramente que ela não existe, não lhe atribuímos mais essência. Os fenômenos são destituídos de essência. Vazios de essência, não existem na realidade. Todas as coisas são designações. Assim, eu mostrei claramente sua natureza. Tendo dominado os dois extremos, o sábio consagra-se à via mediana. Os fenômenos são vazios de essência, eis a via do Despertar que eu ensinei".

E o *Sutra do real imutável*:

"Todos os fenômenos, por natureza, nunca nasceram; não existem em função de uma essência; são livres de karma e de atividade, e não podem ser o objeto do pensamento nem do não-pensamento".

Já que ninguém a vê, dizer que a mente conhece-se e ilumina-se a si mesma não tem sentido.

A *Marcha em direção ao Despertar* declara:

"Já que ninguém pode vê-la,
Dizer que ela se ilumina ou não,
Não tem sentido, do mesmo modo que não se pode falar
Da existência do filho de uma mulher estéril".

Tilopa também:

"Maravilha! Eis a sabedoria da clara consciência espontânea,
Para além das palavras, inacessível ao intelecto".

3º Terceiro ponto: como explicamos mais acima, já que os objetos exteriores assim como as formas, não existem, a mente que, no interior, apreende-os não existe tampouco.

Diz-se no *Capítulo onde é mostrado que o espaço absoluto é naturalmente indivisível*:

"Examine se a mente é azul, amarela, vermelha, branca, marrom ou transparente como o cristal; se é pura ou impura; se é durável ou efêmera, se tem uma forma ou não. A mente não tem forma, não podemos mostrá-la, percebê-la, bloqueá-la, conhecê-la. Ela não se encontra nem no interior nem no exterior, nem em parte alguma entre ambos. Portanto, não possui absolutamente nenhuma existência

verdadeira. Não é necessário libertar-se dela. Ela é da mesma natureza que o espaço absoluto".

E na *Marcha em direção ao Despertar*:

"Na ausência de objeto a conhecer, o que se conhece?
De qual consciência você fala?"

E:

"Portanto é certo que, sem objeto de percepção,
Não há consciência".

2] Refutação da crença na não-existência

Se os dois tipos de si não têm nenhuma realidade, então eles são inexistentes? Não, pois eles só poderiam ser qualificados de existentes se tivessem existido antes. Ora, como nunca existiram, ultrapassam os conceitos extremos de ser e do não-ser.

Escutemos Saraha sobre esse tema:

"Acreditar na existência real das coisas é comportar-se como uma besta,
Mas acreditar na sua inexistência é ser ainda mais estúpido".

E o *Sutra da entrada em Lanka*:

"As coisas exteriores não são nem existentes nem inexistentes.
A mente, também, é totalmente inapreensível.
Escapar de todos pontos de vista:
Tal é a característica do sem-nascimento".

E a *Guirlanda de jóias*:

"Quando não se encontra nada de real,
Como se encontraria algo de irreal?"

3] Defeitos da crença na não-existência

Se a crença na existência real das coisas é a raiz do samsara, o fato de acreditar na sua inexistência não libera do samsara? Essa posição é ainda mais errônea do que a primeira.

Lembremos a citação de Saraha:

"Acreditar na existência real das coisas, é comportar-se como uma besta.
Mas acreditar na sua inexistência, é ser ainda mais estúpido".

Citemos igualmente o *Sutra da acumulação de jóias*:

"É melhor, ó Kashyapa, crer em um si,
mesmo que seja grande como o monte Meru;
que acreditar na vacuidade".

O *Tratado fundamental da via mediana* declara:

"A crença nefasta na vacuidade
Conduz os pobres em sabedoria ao desastre".

E:

"Aqueles que acreditam na vacuidade
São chamados incuráveis".

Por que incuráveis? Tomemos o exemplo do doente a quem administramos um purgante. Ele estará curado assim que o mal e o remédio forem evacuados. Mas se, uma vez que o mal tenha sido afastado, o remédio não for eliminado, o doente ficará incurável e morrerá.

Do mesmo modo, a crença na existência real das coisas é afastada pela meditação sobre a vacuidade; mas apegar-se à vacuidade para acreditar nela é cair no nada e tomar o caminho dos mundos inferiores.

A *Guirlanda de jóias* declara:

"Aquele que crê no ser vai para os mundos felizes,
Aquele que crê no não-ser, para os mundos inferiores".

Essa segunda posição, portanto, é pior do que a primeira.

4] Defeitos das duas crenças

De fato, a crença na existência e a crença na inexistência apresentam defeitos, conduzindo aos extremos da eternidade e do niilismo.

O *Tratado fundamental da via mediana* diz ainda:

"O ser é eternidade;
O não-ser niilismo".

Cair no extremo da eternidade ou no extremo do niilismo é ser ignorante. E a ignorância impede de liberar-se do samsara.

A *Guirlanda de jóias* declara:

"Aqueles que acreditam que o mundo,
Que é como uma miragem,
Existe ou não existe, estão na ignorância,
E na ignorância não há liberação".

5] A via da liberação

Pelo que somos liberados? Pela via mediana que evita os dois extremos.

Citemos ainda a *Guirlanda de jóias*:

"Quem conhece corretamente a autêntica realidade
Evita os dois e libera-se".

E:

"Portanto, evitar os dois é liberar-se".

O que o *Tratado fundamental da via mediana* corrobora:

"Por conseqüência, o sábio não permanece
Nem no ser nem no não-ser"

Qual é essa via mediana livre dos dois extremos?

Lemos no *Sutra da acumulação de jóias*:

"Para o Bodhisattva, ó Kashyapa, qual é o modo autêntico de aplicar-se ao Dharma? É a via mediana, o discernimento autêntico das coisas. O que é a via mediana, ó Kashyapa, o discernimento autêntico das coisas? [...] O que chamamos permanência, ó Kashyapa, é um extremo. O que chamamos de impermanência é um outro extremo. O que se encontra entre os dois não pode ser analisado nem mostrado, não é nem visível ou

conhecível. É o que chamamos, ó Kashyapa, a via mediana, o discernimento autêntico da natureza das coisas. O si é um extremo, ó Kashyapa, a inexistência do si é um outro extremo.

[...] O samsara é um extremo, ó Kashyapa, o nirvana é um outro. O que se encontra entre esses dois extremos não pode ser analisado, não é visível nem conhecível. É a via mediana, ó Kashyapa, o discernimento autêntico da natureza das coisas".

E Shantideva:

"Esta mente que não encontramos nem dentro nem fora,
Nem tampouco em outras partes,
Que não é nem separada nem misturada a outras coisas,
Não é absolutamente nada: é por isso que
Os seres estão naturalmente em nirvana".

Falamos, portanto, da via mediana livre dos conceitos dos dois extremos, mas essa via mediana ela própria não pode ser objeto de nenhum exame; de fato, ela é livre de qualquer apreensão mental e transcende o intelecto.

Atisha precisa:

"Assim, a mente passada desapareceu, a mente futura ainda não apareceu e a mente presente é extremamente difícil de ser observada. Sem forma nem cor, à imagem do espaço, ela não nasceu".

Lemos no *Ornamento da realização perfeita*:

"Como ela não se encontra nem aqui nem ali,
Nem entre os dois,
E conhece a igualdade dos três tempos,
Diz-se que se trata do conhecimento transcendente".

6] A essência da liberação: o nirvana

Considerando-se que nenhum fenômeno do samsara seja realmente existente ou inexistente, o nirvana existe realmente ou não? Alguns, que querem absolutamente representar as coisas, estimam que o nirvana existe realmente. Ora, ele não é nada, assim como podemos ler na *Guirlanda de jóias*:

"Se o nirvana não é inexistente
Como ele existiria realmente?"

Se o nirvana existisse realmente, ele seria composto. Se ele fosse composto, acabaria desaparecendo.

É o que se pode ler no *Tratado fundamental da via mediana*:

"Se o nirvana existisse realmente,
Ele seria composto".

Entretanto, como afirma o mesmo texto, ele tampouco é inexistente.

Então, o que ele é? O que chamamos de "nirvana" é o estado [inefável, transcendendo o intelecto], no qual todo conceito de ser ou de não-ser tomou fim.

Lemos na *Guirlanda de jóias*:

"O fim dos conceitos de real e de irreal,
Eis o que se chama de nirvana".

Na *Marcha em direção ao Despertar*:

"Quando nem o ser nem o não-ser
Se apresentam mais à mente,
Na ausência de toda outra possibilidade,
A mente libertada dos conceitos apazigua-se".

No *Sutra solicitado por Brahma*:

"Aquilo que se chama nirvana perfeito designa o desaparecimento de toda característica, a ausência de toda agitação mental".

No *Lótus branco do sublime Dharma*:

"Kashyapa, assimilar à igualdade de todas as coisas, eis o nirvana".

Assim, o nirvana é apenas o desaparecimento de todo processo conceitual. O nirvana não é nem início nem fim, nem abandono nem obtenção do que quer que seja.

O *Tratado fundamental da via mediana* declara:

"Nem abandono, nem obtenção,
Nem negação, nem eternidade,
Nem cessação, nem nascimento,
Eis o que é o nirvana".

Considerando-se que o nirvana não é nem início nem fim, nem abandono nem obtenção, nada pode fabricá-lo, alterá-lo ou transformá-lo.

O *Sutra do precioso espaço*:

"Sem nada lhe retirar
Nem nada lhe acrescentar
Contemple o autêntico de modo autêntico,
E a visão do autêntico liberar-te-á".

Recorremos à palavra conhecimento do ponto de vista da análise intelectual, mas o que ela significa ultrapassa todo conhecimento e toda expressão, como lemos no *Sutra solicitado por Suvikrantavikramin*:

"Nada permite exprimir o conhecimento transcendente: ele se situa para além de todas as palavras".

E no *Louvor à mãe* por Rahula:

"A virtude transcendente do conhecimento, inefável, impensável,
inexprimível,
Sem nascimento nem cessação, a natureza do céu.
Ela vem do domínio da sabedoria espontânea.
Homenagem à mãe dos Budas dos três tempos!

VI Cultivar o conhecimento transcendente

Se todas as coisas são vacuidade, existe a necessidade, por menor que seja, de cultivar esse conhecimento? Sim. Tomemos a imagem do mineral de prata. Ele é da natureza da prata, mas enquanto não tiver sido fundido e purificado, essa prata permanece invisível. Se quisermos extraí-la, deve-se fundir o mineral e purificá-lo. Do mesmo modo, ainda que todas as coisas sejam desde sempre vacuidade, livres de todas as construções mentais, os seres percebem um grande número de realidades diferentes e fazem a experiência de múltiplos sofrimentos. Portanto, é necessário compreender esse conhecimento e cultivá-lo.

Uma vez, portanto, que se tenha compreendido tudo o que precede, é preciso habituar-se a isto.

Há quatro pontos:

- 1] **As preliminares**
- 2] **A meditação**
- 3] **Entre as meditações**
- 4] **Os sinais de familiarização**

* * *

1] **As preliminares**

As preliminares consistem em deixar a mente estabelecer-se em seu estado natural. Como?

A *Prajnaparamita em sete versos* explica:

"Nobres discípulos, encontrem um lugar solitário, sintam prazer em não ter mais ocupações que vos distraiam e sentem-se com as pernas cruzadas sem ter em mente nenhum conceito".

2] **A meditação**

A meditação consiste em deixar a mente tal como ela é, sem adotar nem rejeitar o que quer que seja, sem conceber o ser, o não-ser ou toda outra coisa.

Segundo as palavras de Tilopa:

"Não pense, não reflita, não conheça,
Não medite, não analise,
Deixe (a mente) tal qual ele é".

O *Repouso na natureza da mente*:

"Escute, filho, quaisquer que sejam seus pensamentos,
Eles não lhe escravizam nem lhe libertam.
Que maravilha! Repouse, portanto,
Deixando sua mente tal qual, sem te deixar distrair nem corrigir".

Nagarjuna:

"Como o elefante domado, a mente estabilizada
Que deixa de ir e vir é naturalmente calma.
Tendo compreendido isso, de que ensinamento terei eu necessidade?"

E:

"Não analise, nem tenha nenhum pensamento,
Não altere nada, deixe tua mente em seu estado natural.
O inalterado é o tesouro do não-nascimento,
A via adotada por todos os Budas dos três tempos".

Shavaripa, o senhor dos eremitas:

"Não veja falha em nada,
Faça a experiência do 'isto não é nada'
E não busque nenhum sinal de sucesso.
Não há, dizem, nada para meditar,
Mas guarde-se da preguiça e da indiferença:
Medita com uma atenção de todos os instantes".

Citemos ainda a *Realização do objetivo da meditação*:

"Quando meditamos, meditamos sobre nada,
E é por convenção que falamos em meditar".

Saraha:

"Se você for apegado ao que quer que seja, renuncie a isto.
Quando a realização acontece, ela é tudo.
Não há nada mais a reconhecer".

Atisha:

"Aquilo mesmo que é profundo, sem elaboração,
Luminoso, incomposto,
Sem nascimento, nem cessação, puro desde sempre,
O espaço absoluto sem meio nem circunferência,
Naturalmente para além do sofrimento,
Contemple-o com o olho da mente,
Sem pensar, sem torpor, sem agitação ou confusão".

E:

"No espaço absoluto livre de elaborações,
Deixe a consciência livre de elaborações".

Deixar a mente colocada desse modo é o método autêntico para cultivar o conhecimento transcendente.

Lemos ainda na *Prajnaparamita em setecentos versos*:

"Nada adotar, apreender nem rejeitar, eis a meditação do conhecimento transcendente. Não permanecer em nada, eis a meditação do conhecimento transcendente. Estar totalmente consciente sem pensar em nada, eis a meditação do conhecimento transcendente".

Na *Prajnaparamita em oito mil versos*:

"Meditar sobre o conhecimento transcendente é não meditar sobre coisa alguma".

E no mesmo sutra:

"Meditar sobre o conhecimento transcendente é meditar sobre o espaço".

Mas como se medita sobre o espaço?

O mesmo sutra continua:

"À imagem do espaço, o conhecimento transcendente é pura ausência de conceito".

Citemos a *Prajnaparamita resumida*:

"Não conceber nem nascimento nem o sem-nascimento,
É praticar o supremo conhecimento transcendente".

Mestre Vagishavara declara:

"Não pense em nenhum objeto de pensamento,
Não pense tampouco no não-pensamento.
Não pensando nem em um nem no outro,
Você verá a vacuidade".

Como se vê a vacuidade?

O *Sutra que resume perfeitamente o dharma* responde:

"Ver a vacuidade é não ver".

E:

"Bhagavan, não ver coisa alguma é a visão autêntica".

E ainda:

"Nada ver é ver a última realidade".

Lemos também na *Verdade mediana*:

"Não ver é ver isto,

Dizem os sutras extremamente profundos'.

E na *Prajnaparamita resumida*:

"'Vemos o céu', dizem as pessoas.

Pergunte, antes, como vemos o céu.

É assim que o Tathagata ensinou-nos a ver a natureza das coisas".

3] Entre as meditações

Entre as meditações, pratique o mais possível a generosidade e os outros atos que permitem acumular méritos, considerando todas as coisas como uma ilusão mágica.

"Aquele que saiba que os cinco agregados são semelhantes a ilusões mágicas,

Não vê diferença entre os agregados e as ilusões mágicas

Está livre de todas as formas de conceitos e conhece a paz profunda

Tal é a prática do supremo conhecimento transcendente",

diz a *Prajnaparamita resumida*.

Lemos no *Sutra da absorção soberana*:

"Os mágicos fazem aparecer cavalos,

Elefantes, veículos e muitas formas,

Mas quaisquer que sejam essas aparências, elas não são nada.

Saiba que o mesmo acontece com todas as coisas".

E na *Última realidade da ação*:

"Quando a mente está atenta e sem conceito,

A acumulação de méritos prossegue sem interrupção".

Quando estamos habituados, então, ao conhecimento transcendente, meditações e pós-meditações tornam-se indiferenciáveis e ficamos livres de toda presunção. De fato:

"Acreditar que se está em meditação, ou ainda que se interrompeu a meditação, eis duas presunções que não existem mais. Por quê? Porque se conhece perfeitamente a natureza das coisas".

Permanecer um único instante no conhecimento transcendente da verdade absoluta, a vacuidade, proporciona infinitamente mais méritos do que escutar o Dharma, ler os textos ou praticar a generosidade e as outras fontes de bem durante o período de um kalpa.

O *Sutra onde é mostrada a realidade última* diz:

"Ó Shariputra, aquele que permanece em absorção na última realidade durante o tempo de um estalo de dedos aumenta mais ainda seus

méritos do que estudando o Dharma durante todo um kalpa. Por consequência, Shariputra, instrua sempre os outros na absorção da última realidade. Shariputra, todos os Bodhisattvas cuja budeidade foi prevista permanecem unicamente nessa absorção".

E o *Sutra do florescer da grande realidade*:

"É mais importante entrar em concentração
Durante um instante do que proteger a vida
De todos os seres dos três mundos".

O *Sutra do grande ápice*:

"Meditar um único dia sobre o sentido do Dharma proporciona mais méritos do que aprendê-lo e refletir sobre ele durante muitos kalpas. Por que? Porquê essa meditação tem a virtude de afastar-nos das veredas do nascimento e da morte".

O *Sutra do acesso à fé*:

"O iogue adquire mais méritos em uma única sessão de meditação sobre a vacuidade do que dando abrigo e alimentando os seres dos três mundos até a sua morte".

É dito que se não compreendemos a vacuidade, os outros atos meritórios não conduzem à liberação.

Também lemos no *Sutra onde é mostrado que as coisas não têm origem*:

"Mesmo observando a disciplina indefinidamente
E praticando a concentração durante dez milhões de kalpas,
Se não se realiza a realidade absoluta,
Essas práticas não levarão à liberação.
Aquele que reconhece que nada existe realmente
Nunca se apegará a nada".

E nas *Dez rodas de Essência da Terra*:

"Somente a absorção resolve as dúvidas.
Os outros métodos não têm esse poder.
Considerando-se que a absorção é o método supremo,
Os sábios a praticam assiduamente".

O mesmo texto acrescenta:

"É mais meritório meditar durante um dia do que escrever, ler, escutar, explicar ou recitar o Dharma durante todo um kalpa".

Não existe uma única prática que não esteja incluída nessa experiência da vacuidade, começando pelo refúgio.

Lemos no *Sutra solicitado pelo rei dos nagas Anavatapta*:

"O Bodhisattva sabe que no seio dos fenômenos não há si, seres animados, vida nem indivíduos. A exemplo de Tathagata, ele não lhes atribui nada: nem forma, nem característica, nem essência. Isso equivale a tomar refúgio no Buda com uma mente isenta de fabricações mentais. A essência dos Tathagatas é o espaço absoluto. O espaço absoluto impregna todos os fenômenos. Considerar-se que o espaço absoluto impregna todos os fenômenos é tomar refúgio no Dharma com uma

mente isenta de elaborações mentais. Quem medita sobre o espaço absoluto incomposto, quem sabe que o veículo dos ouvintes é fundado sobre o incondicionado e que o condicionado e o incondicionado são apenas um, toma refúgio na Sangha com uma mente isenta de fabricações mentais".

O mesmo ocorre com a produção da mente de Despertar.

Lemos no *Sutra da grande produção da mente de Despertar*:

"Todos os fenômenos, ó Kashyapa, são semelhantes ao espaço: não têm características, são desde sempre luminosos e totalmente puros. Compreender isso é o que chamamos produzir a mente de Despertar".

As visualizações de divindades e as recitações de mantras, durante a fase de criação, encontram-se todas, elas também, na experiência da vacuidade. Onde isso é ensinado?

No *Tantra de Hevajra*:

"Não há nem meditação nem meditante,
Nem divindades nem mantras.
Na simplicidade do estado natural,
Divindades e mantras estão completas:
Vairochana, Akshobhya, Amoghasiddhi,
Ratnasambhava e Amitabha".

Na *União dos Budas*:

O iogue não será transformado
Pelas estátuas e as outras imagens,
Mas se ele se dedicar à mente de Despertar com ardor,
Ele tornar-se-á uma divindade".

No *Tantra do pico de diamante*:

"Os mantras têm as mesmas características essenciais:
São o coração de todos os Budas,
Permitem realizar a essência do Dharma,
Contêm perfeitamente o espaço absoluto.
Assim podemos defini-los".

A oferenda queimada encontra-se também incluída na experiência da vacuidade.

Podemos ler no *Tantra do rei da ambrosia secreta*:

"Qual é o objetivo da oferenda queimada?
Vencer os pensamentos
E atingir a realização suprema;
Não mais queimar madeira".

A via das seis virtudes transcendentais encontra-se também incluída na experiência da vacuidade, como exprime o *Sutra da absorção de diamante*:

"Quando não se desvia da vacuidade,
Dominam-se as seis virtudes transcendentais".

Lemos no *Sutra solicitado por Brahma Visheshachinta*:

"Não pensar é a generosidade. Não ser separado: a disciplina. Não diferenciar: a paciência. Não adotar nem rejeitar: a coragem. Não se apegar: a concentração. E permanecer sem conceito: o conhecimento".

No *Sutra de Essência da Terra*:

"A meditação do sábio sobre a vacuidade
Não repousa sobre nada nem permanece em nada que venha deste mundo; ela não fica em parte alguma do devir.
Tal é a disciplina perfeitamente benéfica".

E:

"Visto que todos os fenômenos têm o mesmo sabor,
Já que são vazios e desprovidos de características,
A mente não permanece em parte alguma e nem se apega a nada;
Uma tal paciência proporciona grandes benefícios.
Os sábios que praticam a coragem,
Rejeitando todo apego,
Não colocam sua mente em nada e a nada se apegam.
Eis o que chamamos o autêntico campo de méritos.
Aquele que, pelo bem e felicidade de todos os seres,
Medita em absorção e abandona os pesados fardos,
Elimina todas suas emoções negativas
E possui as marcas do verdadeiro sábio".

A experiência da vacuidade engloba também prosternações.

Lemos nos *Sutra do precioso espaço*:

"Ver realmente a sabedoria espontânea,
Como água derramada na água
Ou óleo no óleo,
Eis a prosternação".

Ter a experiência da vacuidade é também fazer oferendas.

O *Sutra do encontro do pai e do filho* declara:

"Aspirar ao domínio de experiência dos Budas
Praticando a vacuidade,
É fazer oferenda ao Instrutor,
E essa oferenda não tem similar".

O *Tantra do rei da ambrosia secreta*:

"É alegrando-se que se faz a verdadeira oferenda,
Mas não se alegra ao oferecer incensos ou outras coisas:
A grande oferenda que alegra
É uma mente flexível".

A experiência da vacuidade é ela própria a confissão dos atos negativos.

O *Sutra dos atos perfeitamente purificados* diz:

"Aqueles que desejem confessar seus erros
Sentem-se eretos e contemplem o autêntico.
Contemplar o autêntico de modo autêntico
É a melhor purificação dos erros".

Ter a experiência da vacuidade é igualmente observar todas as disciplinas e todos os samayas.

Lemos no *Sutra solicitado por Devaputra*:

"Quando não se tem a presunção de pensar isto é o voto ou que não o é, trata-se da disciplina do nirvana, a disciplina autêntica".

E no *Sutra das dez rodas*:

"Mesmo ao tratar-se de um laico, que não raspa os cabelos e não faz a barba, que não veste nenhuma roupa religiosa e que não fez os votos, aquele que realizou a natureza suprema é chamado de monge absoluto".

O estudo, a reflexão e a meditação encontram-se igualmente incluídos na experiência da vacuidade.

Lemos no *Tantra sem duração perfeito*:

"Uma vez que se tenha experimentado o estado natural inalterado, Sacia-se de todas as doutrinas.

Os seres pueris não o compreendem e detêm-se às palavras.

Mas estas últimas são apenas marcas de nossa mente".

Saraha declara:

"Ler o Dharma, é isto; retê-lo, é isto, meditar também;

Memorizar o Dharma ensinado, ainda é isto;

Mas isto não aparece em nenhuma teoria".

Fazendo a experiência da vacuidade, oferecem-se *tormas* e executam-se as práticas.

Lemos no *Tantra do rei da ambrosia secreta*:

"Na descoberta da natureza da mente

As oferendas, as tormas

E todas as atividades

Encontram-se seguramente incluídas".

Se todas as coisas estão incluídas na meditação sobre a essência, ou a mente em si, por que ensinar tantos métodos graduais? Para guiar os seres menos favorecidos pelo karma, que não compreendem o modo real das coisas.

Lemos no *Sutra dos fenômenos que ornamenta a sabedoria*:

"A interdependência das causas e das circunstâncias,

Assim como as práticas graduais,

São ensinadas a título de métodos aos ignorantes.

Como seria possível treinar-se gradualmente

Para a realidade espontaneamente presente?"

No *Tantra de Mahasamvarodaya*:

"Assim, atinge-se um estado comparável ao céu

Um estado de eterna liberação".

E no *Sutra do precioso espaço*:

"Enquanto ainda não se mergulhou no oceano do espaço absoluto, há, certamente, diferentes vias e diferentes níveis, mas uma vez no espaço absoluto, não se trata mais de níveis nem de vias".

Atisha diz também:

"Não dê prioridade aos atos positivos do corpo e da palavra.

Se sua mente permanece em equilíbrio meditativo sem distração".

4] Sinais de familiarização

Quando se está habituado ao conhecimento transcendente, procura-se fazer o bem, e cada vez menos se está sujeito às emoções negativas, experimenta-se compaixão pelos outros, dedica-se assiduamente à prática, renuncia-se a todas as distrações e não se apega mais às coisas desta vida.

A *Guirlanda de jóias*:

"Quando se está familiarizado com a vacuidade,
Dedica-se a fazer o bem".

VII O fruto do conhecimento transcendente

Ele é duplo: Último e Temporário.

1] O **fruto último** do conhecimento transcendente é o Despertar insuperável.

Como se pode ler na *Prajnaparamita em setecentos versos*:

"O grande Bodhisattva que pratica o conhecimento transcendente,
ó Manjushri, atingirá rapidamente a budeidade no insuperável Despertar
perfeito".

2] O **fruto temporário** é o aparecimento de todas as alegrias e de todos os benefícios.

Assim como o declara a *Prajnaparamita resumida*:

"Toda felicidade e o bem-estar dos Bodhisattvas,
Dos ouvintes, dos Budas-para-si, dos deuses,
E de todos os outros seres, toda essa felicidade, sem exceção,
Provém do supremo conhecimento transcendente".

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Parte IV
Capítulo 18

ཨ། ལམ་གྱི་རྣམ་པར་གཞག་པ་བསྟན་པའི་ལེན་ལུ

As 5 Vias

Capítulo 19

ཨ། སའི་རྣམ་པར་གཞག་པ་བསྟན་པའི་ལེན་ལུ

Os níveis dos Bodhisattvas



Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

As 5 Vias e as 10 Terras

Capítulo 18

1] As 5 Vias

- I A Via da acumulação
- II A Via da junção
- III A Via da visão
- IV A Via da meditação
- V A Via da realização última

Capítulo 19

2] Os níveis de Bodhisattvas

- I O nível iniciante
- II O nível da prática confiante
- III As 10 terras de Bodhisattvas

A] Estudo geral

- 1) Definição
- 2) Etimologia
- 3) Razão da divisão em 10 Terras

B] Estudo de cada Terra

- 1) A 1ª Terra dos Bodhisattvas
- 2) A 2ª Terra dos Bodhisattvas
- 3) A 3ª Terra dos Bodhisattvas
- 4) A 4ª Terra dos Bodhisattvas
- 5) A 5ª Terra dos Bodhisattvas
- 6) A 6ª Terra dos Bodhisattvas
- 7) A 7ª Terra dos Bodhisattvas
- 8) A 8ª Terra dos Bodhisattvas
- 9) A 9ª Terra dos Bodhisattvas
- 10) A 10ª Terra dos Bodhisattvas

Características:

- 1_Nome
- 2_Etimologia
- 3_Domínio
- 4_Prática
- 5_Purificação
- 6_Realização
- 7_Liberação
- 8_Renascimento
- 9_Poderes

- IV O nível de Buda

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Capítulo 18

1] As Vias dos Bodhisattvas

Depois de ter, primeiramente, produzido a mente voltada para o supremo Despertar, o Bodhisattva pratica assiduamente os preceitos e percorre gradualmente as terras e as vias. Quais são essas vias?

- I A via da acumulação**
- II A via da junção**
- III A via da visão**
- IV A via da meditação**
- V A via da realização última**

A *Chama da via do Despertar* ensina claramente que, na via da acumulação, estabelecem-se firmes fundações ao meditar-se sobre os ensinamentos destinados aos seres pequenos e médios; depois, produz-se a mente do Despertar em seus aspectos de aspiração e de engajamento; enfim, esforça-se para acumular méritos e sabedoria.

Neste texto, a explicação da via da junção começa pelas palavras “Pouco a pouco se obtém o calor e os outros sinais”. E a explicação das vias da visão, da meditação e da realização última palavras: “Atinge-se a Jóia Suprema e os níveis seguintes”.

I A via da acumulação

Ela representa todos os esforços de um ser dotado do potencial do Grande Veículo que realiza, no sentido do bem, desde o momento em que produz a mente do supremo Despertar e recebe as instruções de um mestre, até o aparecimento dos sinais de “calor” da sabedoria. Sobre essa via, distinguiram-se quatro etapas: a reflexão, a aspiração, o desejo superior e a obtenção. Por que se dá a esses diferentes estados o nome de “via da acumulação”? Porque neles se “acumulam” os méritos necessários para se tornar um receptáculo adequado ao “calor” e aos outros sinais de realização. As práticas dessa via são igualmente chamadas “fontes de bem aparentadas da liberação”.

Durante essa etapa, medita-se sobre doze auxiliares do Despertar: as quatro fixações da atenção, as quatro supressões e as quatro bases dos poderes milagrosos.

As quatro fixações da atenção têm como objeto o corpo, as sensações, a mente e os fenômenos exteriores. Elas constituem a fase chamada “pequena via da acumulação”.

As quatro supressões consistem em abandonar os atos negativos já cometidos; em não cometê-los novamente; em produzir seus antídotos, isto é, os atos positivos, quando isso ainda não foi feito; e, enfim, desenvolver os antídotos já presentes. Essa fase é chamada “via da acumulação média”.

As quatro bases de poderes milagrosos são quatro absorções meditativas ligadas respectivamente à aspiração, à coragem, à reflexão e à análise. Elas constituem a fase chamada “grande via da acumulação”.

II A via da junção

Quando alcançamos o final da via da acumulação suprema, sucedem-se os que se chama os “quatro elementos do discernimento incontestável, os quais se aliam à realização das quatro verdades. Estes quatro graus trazem os nomes de “calor”, “cume”, “paciência” e “supremo estado mundano”.

Por que essa via é chamada “via da junção”? Porque ela faz o elo com a realização perfeita da verdade.

Nos estados do “calor” e do “cume”, há cinco faculdades espirituais: fé, coragem, memória, absorção e conhecimento. Nos estados da “paciência” e do “supremo estado mundano”, as cinco faculdades tornam-se cinco forças.

III A via da visão

Depois do nível do “supremo estado mundano” vem a via da visão, com a calma mental tendo como objeto as quatro nobres verdades, e a visão profunda do correspondente. Distinguem-se dezesseis instantes de “paciência” e de “conhecimento”, quatro para cada verdade. Para o sofrimento, por exemplo, são: a paciência de conhecer a natureza do sofrimento, o conhecimento da natureza do sofrimento, a paciência do conhecimento completo que se segue e o conhecimento completo que se segue.

Por que essa Via é denominada “Via da visão”? Porque nela se tem a visão de uma verdade sublime que estava até então invisível.

Nesse estado, sete auxiliares do Despertar estão presentes: a atenção justa, o discernimento justo dos fenômenos, a coragem justa, a alegria justa, o domínio justo, a absorção meditativa justa e a equanimidade justa.

IV A via da meditação

Ela começa quando se assimila a via da visão. Ela se divide em via mundana e via transmundana.

A via da meditação mundana compreende a primeira, a segunda, a terceira e quarta concentrações mundanas, assim como as quatro concentrações sem forma: espaço infinito, ausência de tudo, nem percepção, nem não-percepção. Estas meditações têm três objetivos: reduzir o poder das emoções negativas que podem ser eliminadas pela meditação, permitir adquirir os pensamentos incomensuráveis e as outras virtudes especiais e, enfim, servir de base à via transmundana.

A via da meditação transmundana é a calma mental e a visão profunda, assim como tudo que as acompanha, tendo como objetivo as duas sabedorias. Na via da visão, cada uma das quatro verdades dava lugar a duas “paciências” e dois “conhecimentos”. Dentre esses dezesseis graus, as oito paciências são alcançadas na própria via da visão; portanto, essa via é suficiente. Quanto aos oito conhecimentos,

eles exigem uma familiarização com a calma mental e a visão profunda, correspondendo às quatro concentrações e às absorções dos três estados sem forma da via da meditação. O hábito do conhecimento direto do real vem do domínio do “conhecimento dos fenômenos”. A familiarização com as realizações da sabedoria vem do “conhecimento completo subsequente”. A concentração “nem percepção nem não-percepção” é mundana, pois nela se encontra ainda um movimento mental quase imperceptível.

Por que essa via é chamada “via da meditação”? Porque nela habitua-se à meditação da realidade última descoberta na via da visão.

Nesse estado, os oito elementos da sublime óctupla vereda estão presentes: visão justa, pensamento justo, palavra justa, ação justa, subsistência justa, esforço justo, atenção justa e absorção meditativa justa.

V A via da realização última

O que caracteriza essa via é o fato de saber, no final da absorção semelhante ao diamante, que aquilo que tinha aparecido já desapareceu e não reaparecerá mais.

A absorção semelhante ao diamante é a fase que conclui a via da meditação. Qualificada de via da junção e de via sem entraves, é chamada “semelhante ao diamante” porque nada pode contrariá-la: ela é sólida, estável, de um único gosto e penetra tudo.

Nada pode contrariá-la, pois nenhum comportamento mundano poderia pervertê-la; ela é sólida, pois nenhum véu mental pode fazê-la desaparecer; estável, pois ela não é perturbada pelos pensamentos; de um único gosto, pois seu sabor é sempre o mesmo; e ela penetra tudo, pois ela tem como objeto a natureza de tudo o que se pode conhecer.

“Saber, no final da absorção semelhante ao diamante, que o que tinha aparecido desapareceu e não reaparecerá mais”, eis o que se refere à sabedoria ligada à concentração sobre as quatro verdades, a qual surgiu quando a origem do sofrimento não mais se apresentou.

“E (saber que isso) não reaparecerá” remete à sabedoria ligada à concentração sobre as quatro verdades, que surge quando se está livre do sofrimento resultante.

Podemos dizer também que essas duas fases, tomadas conjuntamente, referem-se ao conhecimento que tem como objeto o desaparecimento da causa e o não-aparecimento do efeito.

Por que damos o nome de “realização última” a essa via? Porque, chegando ao final da aprendizagem, entra-se na cidade do nirvana.

Nesse estado, possuem-se dez virtudes chamadas “do não-aprender”: os oito elementos da sublime óctupla vereda – da visão justa à absorção do não-aprender, aos quais se juntam a liberação perfeita e a justa sabedoria do não aprender.

Essas dez virtudes se dividem em cinco grupos chamados “não maculados”. A palavra, a atividade e a subsistência justas do não-aprender formam o grupo da disciplina; a memória e a absorção justas formam o grupo da absorção; a visão, o pensamento e o esforço justos formam o grupo do conhecimento; a autêntica liberação perfeita constitui, sozinha, o grupo da liberação perfeita; e o conhecimento autêntico constitui, assim, a visão da sabedoria da liberação perfeita.

2] Os níveis dos Bodhisattvas

Quantos níveis existem nas cinco vias dos Bodhisattvas? Treze:

- I O nível de iniciante
- II O nível da prática confiante
- III As dez terras dos Bodhisattvas
- IV O nível de Buda

A *Chama da via do Despertar* diz:

"Atinge-se a Jóia Suprema e os outros níveis".

"Jóia Suprema" designa a primeira terra dos Bodhisattvas, e os "outros níveis", os dois níveis inferiores e os dez níveis superiores.

* * *

I O nível iniciante

Ele corresponde ao estado da via da acumulação que leva o *continuum* psíquico à maturidade.

II O nível da prática confiante

Esse nível corresponde ao estado da via da junção, onde se aspira simplesmente a conhecer a vacuidade. Tudo o que se opõe às seis virtudes transcendentais – os venenos, como a avareza, as emoções negativas eliminadas pela visão, assim como as criações da imaginação que encobrem o cognoscível – tudo isso se enfraquece a ponto de não mais surgir.

III As dez terras dos Bodhisattvas

Elas se distribuem a partir da Jóia Suprema até a Nuvem de Dharma, assim como lemos no sublime *Sutra das dez terras*:

"Ó filhos dos Vencedores, eis as dez terras dos Bodhisattvas: Alegria Suprema [...]".

Atinge-se a primeira terra, Alegria Suprema, quando se domina a via da visão. Nesse estado, realiza-se verdadeiramente o sentido da vacuidade. As terras seguintes, da segunda à décima, correspondem à via da meditação. Nelas, familiariza-se com a realidade última que é entendida diretamente ao atingir-se a primeira terra dos Bodhisattvas.

Estudaremos:

- A] as dez terras dos Bodhisattvas em geral;
- B] cada uma em particular.

A] Estudo geral

1) Definição

As dez terras descrevem o *continuum* psíquico do indivíduo que se encontra na via da aprendizagem e possui o conhecimento transcendente, isto é, a autêntica realização da inexistência e do si dos fenômenos, acompanhada da absorção meditativa correspondente.

2) Etimologia

Esses níveis trazem o nome de “terras” porque funcionam como suportes das qualidades que lhes correspondem, ou porque cada um desses níveis produz o que vem em seguida .

3) Razão da divisão em dez terras

Essas terras correspondem aos diferentes estados do treinamento.

B] Estudo de cada terra

Para cada terra, abordaremos nove temas: nome, etimologia, domínio necessário para atingi-la, prática particular que nela se efetua, purificação, realização, liberação, renascimento e poderes específicos.

1) A primeira terra dos Bodhisattvas

Nome: Alegria Suprema

Etimologia

Uma vez que se tenha atingido essa terra, o Despertar está próximo e o bem dos seres realizado. Experimenta-se uma imensa alegria.

O *Ornamento dos sutras*:

"Vendo que o Despertar está próximo
E realizado o bem dos seres,
Experimenta-se uma imensa alegria,
Daí o nome de Alegria Suprema".

Domínio

Atinge-se essa terra porque se domina as dez práticas, cuja primeira é a ausência de hipocrisia em todas as situações.

Como diz o *Ornamento da realização perfeita*:

"Os dez treinamentos perfeitos
Permitem atingir a primeira terra".

Prática

O Bodhisattva estabelece nessa prática as dez virtudes transcendentes ao priorizar a generosidade.

"Ele tem como objetivo atender os desejos de todos os seres".

O *Sutra das dez terras*:

"Sobre a primeira terra, a virtude transcendente principal é a generosidade; o que não quer dizer que as nove outras virtudes não sejam praticadas".

Purificação

Como afirma o mesmo texto:

"Sobre a terra Alegria Suprema, o Bodhisattva percebe, graças à sua visão imensa e a seus votos, inúmeros Budas, centenas e milhares [...] e milhões de milhares. Ao vê-los, ele lhes faz oferenda e manifesta seu respeito com uma imensa intenção superior, [...] ele honra igualmente sua comunidade e dedica essas fontes de bem ao Despertar insuperável. Escuta os ensinamentos desses Budas, estuda-os, conserva-os e pratica-os com assiduidade. Da mesma forma faz amadurecer os seres, recorrendo aos quatro atrativos".

Assim, durante incontáveis kalpas, o Bodhisattva honra o Buda, o Dharma e a Sangha, que o guiam; ele conduz os seres à maturidade e, enfim, dedica o bem assim realizado ao Despertar insuperável. Por essas três razões, suas fontes de bem se encontram perfeitamente purificadas. O mesmo texto acrescenta:

"Como o ouro superior que, quanto mais o ourives submete ao fogo, refina-se, purifica-se e torna-se maleável, as fontes de bem do bodhisattva da primeira terra refinam-se extremamente; perfeitamente purificadas, elas lhe permitem realizar o que ele deseja".

Realização

De uma maneira geral, durante os períodos de meditação, a realização é praticamente a mesma para as dez terras; mas as certezas que sucedem a esses períodos de meditação não são idênticas.

Na primeira terra, realiza-se a onipresença do espaço absoluto. Conseqüentemente realiza-se perfeitamente a igualdade entre si mesmo e o outro.

Liberação

Nesse nível, os véus emocionais que se suprimem são as oitenta e duas emoções negativas das quais é possível liberar-se pela visão. E os três tipos de véus cognitivos são os véus comparáveis à casca de uma árvore que abandonamos. Também libera-se dos cinco medos, que o *Sutra das dez terras* descreve assim:

"A partir do momento que se atinge Alegria Suprema, os cinco medos desaparecem, a saber: o medo de não ter subsistência, o medo de não receber elogios, o medo de morrer, o medo de renascer nos mundos inferiores e o medo de encontrar-se em uma assembléia".

Renascimento

O Bodhisattva dessa terra torna-se geralmente um rei que domina o Jambudvipa e libera os seres das máculas da avareza, como diz o a *Guirlanda de jóias*:

"Quando seu karma alcança a maturidade perfeita,
Torna-se o soberano senhor do Jambudvipa".

Esse renascimento particular descreve o processo natural, mas, como isto aparece nos *Jatakas*, pelo bem dos seres o Bodhisattva pode assumir os aspectos mais variados, a fim de socorrer cada um pelos meios mais apropriados.

Poderes

O Bodhisattva da terra Alegria Suprema deseja praticar a coragem. Se ele renuncia à vida laica, ele pode em um instante: 1) atingir cem absorções; 2) contemplar cem buddhas e conhecer perfeitamente suas bênçãos; 3) remover cem mundos do universo; 4) ir a uma centena de puros campos de Buda; 5) iluminar cem mundos do universo; 6) levar cem seres à perfeita maturidade; 7) permanecer vivo durante cem kalpas; 8) conhecer cem kalpas passados e futuros; 9) elucidar cem ensinamentos do Dharma; 10) produzir cem manifestações de si mesmo, rodear cada um de cem bodhisattvas.

2) A segunda terra dos Bodhisattvas

Nome: Imaculada

Etimologia

Essa terra traz o nome de Imaculada porque nenhum relaxamento da disciplina pode maculá-la.

"Como ela é livre das máculas de uma disciplina relaxada,
É chamada de terra Imaculada".

Domínio

Acessa-se essa terra no final de oito práticas, começando pelo respeito da disciplina e a gratidão.

"Respeito da disciplina gratidão, paciência,
Alegria Suprema, grande amor [...]".

Prática

O Bodhisattva dessa terra pratica de modo geral as dez virtudes transcendentais, mas acima de tudo, a da disciplina.

Purificação

As fontes de bem do Bodhisattva são perfeitamente purificadas pelas três razões mencionadas precedentemente. Diz-se que:

"Da mesma forma que, vitriolizado depois de colocado no fogo pelo ourives, o ouro superior fica ainda mais livre de suas impurezas, as fontes de bem do Bodhisattva da segunda terra são muito mais puras, refinadas e maleáveis que na terra precedente".

Realização

Nesse nível, o Bodhisattva compreende que o espaço absoluto é a verdade suprema e pensa: "Em todas as circunstâncias, buscarei diligentemente atingi-la."

Os textos falam aqui de "verdade suprema".

Liberação

No que se refere aos véus emocionais, a partir da segunda terra e até a décima, as dezesseis emoções negativas que se eliminou pela meditação perdem o poder de manifestação, mas seu germe permanece. No que se refere aos véus cognitivos, são suprimidos aqueles que evocam a nata sobre o leite.

Renascimento

O Bodhisattva dessa terra pode em princípio tornar-se um soberano universal que reina sobre os quatro continentes deste mundo, desvia os seres dos dez atos negativos e os conduz a praticar os dez atos positivos.

"Graças à plena maturidade
Ele se torna um rei universal que,
Com a ajuda das sete jóias, trabalha pelo bem dos seres".

Poderes

Em um instante, o Bodhisattva atinge mil absorções, etc.

3) A terceira terra dos Bodhisattvas

Nome: Luminosa

Etimologia

Nesse nível, o Bodhisattva tem uma experiência luminosa do Dharma e das absorções, e ele faz irradiar o grande brilho do Dharma sobre os seres.

"Damos-lhe o nome de Luminosa
Porque a grande luz do Dharma ali irradia" .

Domínio

O Bodhisattva acessa essa terra quando domina cinco práticas que começam pela escuta insaciável.

"Escuta insaciável,
Doação desinteressada do Dharma [...]".

Prática

O Bodhisattva dessa terra pratica de modo geral as dez virtudes transcendentais, mas, sobretudo, a paciência.

Purificação

As fontes de bem do Bodhisattva são perfeitamente purificadas pelas três razões mencionadas precedentemente.

Assim, confiado a um hábil ourives, o ouro superior é lavado de seus defeitos e de suas impurezas sem nada perder de seu peso inicial, da mesma forma as fontes de bem do Bodhisattva da terceira terra não diminuem, mas tornam-se extremamente puras refinadas e maleáveis.

Realização

O Bodhisattva dessa terra realiza que o supremo sentido do Dharma está relacionado com a causa do dharmadhatu. Para entender uma única instância de ensinamento que o explique, ele está pronto a saltar em um fosso em chamas tão grande quanto um universo de milhares de mundos.

"O sentido do supremo relacionado à causa".

Renascimento

O Bodhisattva dessa terra renasce geralmente como Indra, o rei dos deuses, hábil em desviar os seres do desejo que caracteriza o mundo do Desejo.

"Grande soberano dos deuses, ele é hábil.
Em frear o desejo e o apego".

Poderes

Em um instante, ele atinge cem mil absorções, etc.

4) A quarta terra dos Bodhisattvas

Nome: Radiante

Etimologia

Nesse nível irradia-se a luz de sabedoria dos auxiliares do Despertar, e essa luz consome os dois véus.

"Esta terra possui uma luz
Que, queimando totalmente tudo o que se opõe ao Despertar,
Consome os dois véus;
Ela traz o nome de Radiante".

Domínio

Essa terra é atingida graças ao domínio de dez práticas cuja primeira consiste em permanecer na solidão.

"Permanecer nas florestas, ter poucos desejos, contentar-se com o que se possui,
Observar os votos do autêntico domínio [...]".

Prática

O Bodhisattva desta terra pratica de maneira geral as dez virtudes transcendentais, mas, sobretudo, a coragem.

Purificação

As fontes de bem do Bodhisattva são perfeitamente purificadas pelas três razões mencionadas precedentemente.

"Da mesma forma que, transformado em jóia por um hábil ourives, o ouro superior não pode ser eclipsado pelo ouro que não foi transformado em jóia, as fontes de bem do Bodhisattva da quarta terra não podem ser eclipsadas pelas dos Bodhisattvas das terras precedentes".

Realização

O Bodhisattva dessa terra realiza a ausência de toda apreensão. Assim, mesmo sua sede de Dharma é vencida.

"A ausência total de apreensão [...]".

Renascimento

O Bodhisattva dessa terra torna-se geralmente soberano dos deuses do paraíso Sem Querelas, hábil em vencer a crença na realidade dos compostos perecíveis.

"Ele se torna rei dos deuses Sem Querelas,
Hábil em vencer perfeitamente
A crença nos compostos perecíveis".

Poderes

Em um instante, o Bodhisattva atinge dez milhões de absorções, etc.

5) A quinta terra dos Bodhisattvas

Nome: Difícil de Dominar

Etimologia

Nesse estágio, o Bodhisattva só pára quando levar os seres à maturidade, sem importar-se com a ingratidão deles, e essas duas coisas são difíceis de alcançar.

"Como eles fazem o bem dos seres
Controlando sua própria mente,
Os sábios dominam (essa terra) com dificuldade,
Por isso ela é chamada Difícil de Dominar".

Domínio

Essa terra é alcançada quando são abandonados os dez comportamentos, cujo primeiro consiste em freqüentar os laicos para aproveitar-se deles.

"O apego aos familiares e aos laicos,
A permanência em locais com atividades que distraem [...]".

Prática

O Bodhisattva dessa terra pratica de modo geral as dez virtudes transcendentes, mas, sobretudo, a concentração.

Purificação

As fontes de bem do Bodhisattva são perfeitamente purificadas pelas três razões mencionadas precedentemente.

"Do mesmo modo como o ouro, tratado por um hábil ourives e enfeitado com uma pedra preciosa, torna-se incomparável e não pode ser superado pelo ouro que não foi assim tratado, as fontes de bem do Bodhisattva da quinta terra, uma vez transformadas pela sabedoria e pelos meios, são perfeitamente purificadas e não podem ser ultrapassadas pelas fontes de bem dos Bodhisattvas das terras precedentes".

Realização

O Bodhisattva dessa terra realiza a não-diferença das essências. Ele reconhece as dez igualdades.

"As essências não são diferentes [...]".

Renascimento

O Bodhisattva dessa terra renasce, geralmente, como rei dos deuses do paraíso Tushita, hábil em rejeitar as teses filosóficas dos *tirthikas*.

"Pela plena maturação de seu karma,
Ele torna-se rei dentre os deuses Tushita
E rejeita as visões, vindas das emoções negativas,
De todos os doutrinários *tirthikas*".

Poderes

Em um instante, o Bodhisattva atinge dez bilhões de absorções, etc.

6) A sexta terra dos Bodhisattvas

Nome: Manifesta

Etimologia

Praticando o conhecimento transcendente, não permanecemos nem no samsara nem no nirvana, por isso percebemos o samsara e o nirvana em toda sua evidência.

"Graças ao conhecimento transcendente,
Samsara e nirvana
Aparecem ambos com evidência:
Daí o nome de terra Manifesta".

Domínio

Essa terra é alcançada com o domínio das doze práticas: por um lado, o exercício perfeito da generosidade e das cinco outras virtudes transcendentais, e, por outro lado, a renúncia das seis atitudes, tais como o desejo de atingir o estado de ouvinte ou de Buda-para-si.

"Dominando perfeitamente a generosidade, a disciplina, a paciência, a coragem, a concentração e o conhecimento [...]".

Prática

O Bodhisattva desse nível pratica de modo geral as dez virtudes transcendentais, mas, sobretudo, a do conhecimento.

Purificação

As fontes de bem do Bodhisattva são perfeitamente purificadas pelas três razões mencionadas mais acima.

"Quando um hábil ourives enfeita o ouro superior com lápis-lazúli, esse ouro torna-se incomparável e não pode ser ultrapassado por nenhum outro ouro que não tenha sido assim ornamentado da mesma forma; as fontes de bem do Bodhisattva da sexta terra, uma vez transformadas pela sabedoria e pelos meios, tornam-se perfeitamente puras e luminosas, e não podem ser ultrapassadas por aquelas dos Bodhisattvas das outras terras".

Realização

Nesse nível, o Bodhisattva toma consciência de que não há nem emoções negativas nem pureza. Ou seja, ele sabe que não há produção interdependente que leve ao mundo das emoções negativas ou à pureza.

"Nem emoções negativas nem pureza [...]".

Renascimento

O Bodhisattva dessa terra renasce, sobretudo, como rei dos deuses no paraíso chamado Uso da Magia dos Outros, e ele é hábil em desviar os seres do orgulho pretencioso.

"Graças à plena maturação,
Ele se torna rei dos deuses Sunirmita.
Nem o ouvinte poderia eclipsá-lo.
Ele faz desaparecer o orgulho pretencioso".

Poderes

Em um instante, o Bodhisattva atinge cem bilhões de absorções, etc.

7) A sétima terra dos Bodhisattvas

Nome: Que Foi Longe

Etimologia

Como essa terra é ligada a um único caminho, nesse estágio, o Bodhisattva foi muito longe, ao final da junção.

"Ligada ao caminho único,
Essa terra é chamada 'Que foi longe'".

Domínio

Essa terra é alcançada quando se renuncia às vinte atitudes, como a crença no si, apoiando-se em seus opostos, começando pelas três portas da liberação.

"A crença no si e nos seres [...]".

E:

"Conhecer as três portas da libertação [...]".

Prática

O Bodhisattva dessa terra pratica de modo geral as dez virtudes transcendentais, mas, sobretudo, aquela dos meios.

Purificação

As fontes de bem do Bodhisattva são perfeitamente purificadas pelas três razões mencionadas precedentemente:

"Do mesmo modo que o ouro superior, valorizado dentre todas as jóias por um hábil ourives, torna-se magnífico e não pode ser eclipsado por nenhuma outra jóia do mundo, as fontes de bem do Bodhisattva da sétima terra, sendo extremamente puras, não podem ser ultrapassadas por aquelas dos ouvintes, dos Budas-para-si e dos Bodhisattvas das terras precedentes".

Realização

O bodhisattva desta terra realiza a não-diferença, o que quer dizer que os sutras e os outros textos de ensinamentos do Dharma não têm para ele características diferentes.

"A não-diferença [...]".

Renascimento

O Bodhisattva dessa terra torna-se em geral soberano dos deuses do paraíso dos Vashavartins, hábil em atingir a realização dos ouvintes e dos Budas-para-si.

"Graças à plena maturação do que,
Ele se torna rei dos deuses Vashavartins
E o melhor dos mestres
Que tenham realizado plenamente as nobres verdades'.

Podere

Em um instante, ele atinge um bilhão de bilhões de absorções, etc.

8) A oitava terra dos Bodhisattvas

Nome: Inabalável

Etimologia

O Bodhisattva não fica abalado com a idéia de focalizar sua mente, ou com a idéia de permanecer sem referência.

"Como as duas idéias não abalam (o Bodhisattva),
Chamamos essa terra de Inabalável".

Domínio

Essa terra é alcançada graças aos oito domínios, começando pelo conhecimento perfeito do comportamento de todos os seres.

"Conhecer a mente de todos os seres
E, vendo-a claramente, amá-los [...]".

Prática

O Bodhisattva dessa terra pratica, de modo geral, as dez virtudes transcendentais, mas, sobretudo, a oração.

Purificação

As fontes de bem do Bodhisattva são perfeitamente purificadas pelas três razões mencionadas precedentemente.

"Do mesmo modo que, se um hábil ourives transformar o ouro superior em uma jóia e colocá-la na cabeça ou no pescoço do rei de Jambudvipa, nenhuma outra jóia dos seres desse mundo poderá ultrapassá-la, se as fontes de bem forem extremamente puras, o bodhisattva da oitava terra não será ultrapassado por nenhum ouvinte ou buddha-para-si, nem por nenhum bodhisattva das terras precedentes".

Realização

O Bodhisattva dessa terra toma consciência que todos os fenômenos são semelhantes ao espaço e escapam a todos os conceitos. Conseqüentemente, ele não tem medo da vacuidade, do sem-nascimento. Considera-se que ele "ganhou a paciência com relação ao sem-nascimento". Armado dessa paciência, ele toma consciência que não há nem crescimento nem declínio, ou seja, ele não vê nem crescimento nem declínio no seio das emoções negativas e da pureza.

"A ausência de crescimento e de declínio [...]".

Os textos falam também de "lugar dos quatro poderes".

Os quatro poderes são o poder sobre o não-pensamento, o poder sobre os campos puros, o poder sobre a sabedoria e o poder sobre as atividades. Por sua realização, o Bodhisattva da oitava terra atinge os dois primeiros poderes.

Explica-se ainda que ele conquista dez outros poderes: sobre a duração da vida, sobre a mente, sobre os recursos materiais, sobre o karma, o nascimento, sobre as orações, sobre a aspiração, sobre os milagres, sobre a sabedoria e o Dharma.

Renascimento

O Bodhisattva dessa terra torna-se, geralmente, o deus Brahma: ele reina sobre mil mundos deste universo e compreende perfeitamente a doutrina dos arhats, dos Budas-para-si, etc.

"Graças à plena maturação,
Ele se torna Brahma, reinando sobre mil mundos,

E sem rival que compreenda claramente a doutrina
Dos arhats, dos Budas-para-si, etc".

Poderes

Em um instante, o Bodhisattva atinge um número de absorções comparável ao número de partículas que se encontram em um milhão de bilhões de mundos.

9) A nona terra dos Bodhisattvas

Nome: Discernimento Perfeito

Etimologia

Nesse nível, a inteligência é excelente, capaz de discernir tudo com clareza.

"Como a inteligência discerne ali tudo claramente,
Esta terra é chamada Discernimento Perfeito".

Domínio

Essa terra é alcançada com o domínio de doze práticas, cuja primeira consiste em realizar orações infinitas.

"Orações infinitas.

Conhecimento da linguagem dos deuses e dos outros seres [...]"

Prática

O Bodhisattva dessa terra pratica de modo geral as dez virtudes transcendentais, mas, sobretudo, a força.

Purificação

A fontes de bem do Bodhisattva são perfeitamente purificadas pelas três mencionadas precedentemente.

"Do mesmo modo que, se um hábil ourives fabricar com o ouro superior uma jóia e colocá-la sobre a cabeça ou o pescoço de um monarca universal, todas as jóias usadas pelos reis locais ou pelos seres dos quatro continentes não poderão eclipsar esse adorno; as fontes de bem do Bodhisattva da nona terra, adornadas pela grande luz da sabedoria, não podem ser ultrapassadas por aquelas dos ouvintes, dos Budas-para-si ou dos Bodhisattvas das terras precedentes".

Realização

Graças a sua realização, o Bodhisattva alcança o terceiro poder, o da sabedoria, porque ele alcançou os quatro discernimentos perfeitos. Quais são esses quatro discernimentos?

O sublime *Sutra das dez terras* enumera-os assim:

"Quais são os quatro discernimentos perfeitos? São os discernimentos perfeitos e constantes do Dharma, de seu sentido, da linguagem a ser utilizada e do modo de ensinar".

Renascimento

O Bodhisattva dessa terra renasce geralmente como Brahma, o rei dos deuses, que reina sobre um milhão de mundos e traz a resposta às perguntas.

"Graças à plena maturação,

Ele se torna Brahma, mestre de um milhão de mundos,

Com quem os arhats e os outros não podem rivalizar

Para responder às questões dos seres".

Poderes

Em um instante, o Bodhisattva alcança tantas absorções quantas são as infinitas partículas em um número incalculável de campos de Buda.

10) A décima terra dos Bodhisattvas

Nome: Nuvem de Dharma

Etimologia

Nesse nível, o Bodhisattva é como uma nuvem que verte a chuva do Dharma sobre os seres, curando-os de suas emoções negativas mais sutis. As diferentes absorções e dharanis que existem nesse nível, e que tomam suporte real, são igualmente comparáveis às nuvens que preenchem o céu.

"Porque ela é ocupada por duas coisas,
Como o céu de nuvens, é chamada de Nuvem de Dharma".

Domínio

Esse domínio não é mencionado no *Ornamento da realização perfeita*, mas lemos no *Sutra das dez terras*:

"Discípulos dos Vencedores, até a nona terra, o Bodhisattva distingue e analisa com extrema minúcia os fenômenos conhecidos em número infinito com sua mente investigadora [...]".

É graças aos dez domínios - como aquele que acabamos de mencionar - que o Bodhisattva atinge o nível da transmissão de poder da sabedoria onisciente, isto é, a décima terra dos Bodhisattvas.

Por que a décima terra recebe esse nome? Porque o Bodhisattva recebe ali, sob o aspecto de raios de luz, a transmissão de poder de todos os Budas das dez direções. Para mais detalhe, deve-se consultar o *Sutra das dez terras*.

Citemos a *Guirlanda de Jóias*:

"Como o Bodhisattva recebe a iniciação
Dos raios de luz de todos os Budas [...]".

Prática

O Bodhisattva dessa terra pratica de modo geral as dez virtudes transcendentais, mas, sobretudo, a sabedoria.

Purificação

As fontes de bem do Bodhisattva são perfeitamente purificadas pelas três razões mencionadas precedentemente.

"Suponhamos que uma jóia divina que tenha surgido espontaneamente seja adornada com uma grande pedra preciosa e colocada sobre a cabeça ou o pescoço do soberano dos deuses. Nenhuma jóia dos deuses ou dos homens poderá rivalizar com ela. Do mesmo modo, as causas de sabedoria do Bodhisattva dessa terra não podem ser ultrapassadas por aquelas dos seres ordinários, dos ouvintes, dos Budas-para-si e dos Bodhisattvas das nove terras precedentes".

Realização

Dentre os quatro poderes, aquele que o Bodhisattva da décima terra alcança por sua realização é o poder sobre a ação, pois ele trabalha voluntariamente pelo bem dos seres, manifestando-se em muitos aspectos.

Renascimento

O Bodhisattva dessa terra renasce, geralmente, como Maheshvara, hábil em ensinar as virtudes transcendentes a todos os seres ordinários, aos ouvintes, aos Budas-para-si e aos Bodhisattvas.

"Graças à plena maturação,
Ele se torna o supremo Maheshvara,
Deus soberano dos Locais Puros
E detentor da sabedoria infinita".

Poderes

Em um instante, o Bodhisattva pode alcançar um número tão grande de absorções quantos as infinitas partículas que existem nos bilhões e bilhões de campos de Buda, e nelas entrar em meditação. Além disso, ele pode de cada poro de sua pele, fazer surgir em um instante uma infinidade de Budas rodeados de inúmeros Bodhisattvas. Ele pode também fazer aparecer um grande número de humanos, de deuses e de outros seres. Ele pode, para ajudar cada um através dos meios que lhe convém, tomar a forma de Indra, de Brahma, de um guardião do mundo, de um rei, de um ouvinte ou de um Buda, e ensinar o Dharma, assim como se pode ler na *Introdução à via média*:

"Ele tem o poder de fazer aparecer em um instante
De todos os seus poros Budas perfeitos,
Inumeráveis, com seu séqüito de Bodhisattvas,
E, ainda, deuses, homens e semideuses".

IV O nível de Buda

Ele é alcançado na via da realização última, no momento em que, graças à absorção semelhante ao diamante, os véus emocionais e os véus cognitivos que são eliminados na via da meditação, comparados ao coração (da árvore), são abandonados de uma só vez.

O tempo que é preciso para percorrer as dez terras é de três kalpas incalculáveis.

Lemos nas *Terras dos Bodhisattvas*:

"Todas essas terras são perfeitamente percorridas em três grandes kalpas incalculáveis. Durante o primeiro grande kalpa incalculável, o Bodhisattva ultrapassa o nível da prática confiante e alcança a primeira terra, Jóia Suprema. Ele obtém esse resultado por um esforço constante; ser-lhe-ia impossível alcançá-la sem esforço. Durante o segundo kalpa incalculável, ele ultrapassa a primeira terra e depois todas as outras até chegar à sétima, Longínqua Alameda, e ele alcança, enfim, a oitava, Inabalável. E isso é certo, pois o Bodhisattva que possui um tal pensamento se dedica ao esforço infalivelmente. Durante o terceiro kalpa incalculável, ele ultrapassa perfeitamente as oitava e nona terras, e

alcança a décima, Nuvem de Dharma. Alguns, dentre os mais valentes, podem reduzir essa duração de um grande número de kalpas intermediários; outros podem mesmo reduzi-la, em vários kalpas, mas ninguém pode reduzi-la de um kalpa incalculável".

འབྲས་བུ།

༄༅། འབྲས་བུ་རྫོགས་སངས་རྒྱལ་གྱི་སྐྱེ།

Parte V

Capítulo 20

O Fruto : A perfeita budeidade





Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Parte V
Capítulo 20

O Fruto: A perfeita budeidade

- I Natureza da perfeita budeidade**
 - 1] A liberação perfeita
 - 2] A sabedoria perfeita

- II Sentido da palavra « Buda »**

- III Divisão em três Corpos**

- IV Apresentação dos três Corpos**

- V Por que três Corpos ?**

- VI Características de cada um dos três corpos**
 - 1] O Corpo absoluto
 - 2] O Corpo de fruição
 - 3] O Corpo de aparição

- VII Particularidades dos três corpos**
 - 1] A igualdade
 - 2] A permanência
 - 3] A aparição

Parte VI
Capítulo 21

A atividade dos Budas

Indra
O tambor dos deuses
A nuvem
Brahma
O sol
A preciosa jóia mágica

Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação
Parte V
Capítulo 20

O Fruto: a perfeita budeidade

"O fruto é o corpo de perfeita budeidade."

Após ter assim percorrido os níveis e as vias, alcança-se a budeidade perfeita em um triplo "corpo".

Lemos na *Chama da via do Despertar*:

"O Despertar do Buda não está tão distante".

Estudaremos os três corpos da budeidade em sete pontos:

- I Natureza da perfeita budeidade
- II Sentido da palavra "Buda"
- III Divisão em três corpos
- IV Apresentação dos três corpos
- V Por que três corpos?
- VI Características de cada um dos corpos
- VII Particularidades dos três corpos

* * *

I A natureza da perfeita budeidade

A budeidade é caracterizada:

- 1] pela liberação perfeita;
- 2] pela sabedoria perfeita.

1] A liberação perfeita

Os véus emocionais e cognitivos neutralizados durante a progressão pelos níveis e as vias são totalmente eliminados no momento da absorção semelhante ao diamante. Os outros véus, como aqueles da absorção meditativa, encontram-se incluídos nos dois véus principais. Quando estes dois últimos são dissipados, todos os outros, obrigatoriamente, também o são.

2] A sabedoria perfeita

Esse tema deu lugar a diversas interpretações. Uns dizem que um Buda possui ao mesmo tempo pensamentos e a sabedoria; outros, que ele não tem pensamentos, mas que possui uma sabedoria que tudo conhece com clareza.

Outros ainda são da opinião que não há mais sabedoria, e outros, enfim, que os Budas jamais tiveram sabedoria.

No entanto, faz-se menção à sabedoria dos Budas tanto nos sutras quanto nos comentários.

Na *Prajnaparamita resumida*, por exemplo:

"Portanto, se você aspira à suprema sabedoria dos Budas,
Tenha fé na Mãe dos Vencedores".

Na *Prajnaparamita em cem mil versos*:

"O Desperto autêntico e perfeito detém uma sabedoria que conhece, sem véus, todas as coisas".

No capítulo XXI do mesmo texto:

"A sabedoria insuperável dos Budas existe;
O giro da roda do Dharma existe;
A ação de fazer amadurecer os seres existe".

Nos outros sutras também fala-se muito da sabedoria. Vejamos agora o que dizem os comentários:

O *Ornamento dos sutras*:

"Quando um raio irradia do sol,
Todos os outros raios irradiam também.
Saiba que o mesmo ocorre
Com a sabedoria dos Budas".

E:

"A sabedoria, assim como o espelho, é imutável
E dá suporte a três outras (sabedorias):
A sabedoria da igualdade, a sabedoria do discernimento
E a sabedoria da realização das atividades".

Muitos outros comentários mencionam a sabedoria dos Budas. Alguns, portanto, apóiam-se nesses textos, são da opinião de que os Budas dispõem de sabedoria. Em que ela consiste? Ela apresenta dois aspectos: por um lado, o conhecimento das coisas tais como elas são e, por outro, o conhecimento de cada uma dessas coisas.

A sabedoria que conhece as coisas tais como elas são é o conhecimento da verdade absoluta. Uma vez que se está perfeitamente familiarizado com a verdade última, durante a absorção semelhante ao diamante da qual falamos precedentemente, quando todas as elaborações mentais ligadas aos objetos de percepção chegaram ao fim, os pensamentos desaparecem completamente. O espaço absoluto sem elaboração e a sabedoria, tendo um sabor idêntico, encontram-se inseparáveis, como a água misturada à água ou o óleo ao óleo. Diz-se que não se vê, então, nenhuma forma, apenas o espaço, ou ainda que o grande conhecimento supremo livre de percepção torna-se o suporte de todas as preciosas qualidades.

"Como a água misturada à água
Ou o óleo ao óleo,
O cognoscível, sem elaboração,
E a sabedoria misturam-se indissolúvelmente.
É o que se chama de corpo absoluto,
A essência de todos os Budas".

E:

"'Nós vemos o céu', dizem as pessoas.
Pergunte, antes, como vemos o céu.
É assim que o Tathagata nos ensinou a ver a natureza das coisas.
Essa visão não pode ser explicada de outra forma".

A sabedoria que conhece cada coisa é o conhecimento da verdade relativa, convencional, sob todos seus aspectos. Graças à absorção semelhante ao diamante, todas as sementes que permitem que os véus reapareçam são destruídas e dão lugar ao grande conhecimento: todo o cognoscível, as coisas do passado, do presente e do futuro são vistas e conhecidas tão claramente como "o fruto fresco do mirabólo na palma da mão". Os sutras dizem, eles também, que os budas conhecem a verdade relativa. Assim, podemos ler:

"As diferentes causas que produzem
Um único estema sobre as plumas do pavão
São conhecidas apenas pelo Onisciente.
Esse conhecimento é uma de suas forças".

E no *Continuum insuperável*:

"O Grande Compassivo conhece o universo
Vendo o universo inteiro [...]".

Como ele conhece ou vê, o mundo? Ele não o vê acreditando que ele exista realmente, mas do mesmo modo como vemos e reconhecemos uma ilusão mágica.

O *Sutra que resume perfeitamente o Dharma* declara:

"Assim como alguns mágicos
Buscam libertar-se de suas ilusões
Porque, conhecendo-as claramente,
Não se apegam a elas,
Aquele que conhece o perfeito Despertar age da mesma forma,
Pois ele sabe que os três mundos são ilusórios".

E o *Sutra do encontro do pai e do filho*:

"O mágico, sabendo perfeitamente
Que as formas que ele produz são ilusões,
Não se deixa enganar.
É assim que você deve ver todos os seres.
Homenagem e louvores Àquele que vê tudo!"

Alguns dizem que os perfeitos Budas detêm o conhecimento da verdade absoluta, ou da natureza das coisas, mas não o conhecimento da verdade relativa, ou de cada coisa. Eles não querem dizer que os Budas não conheçam os objetos cognoscíveis mas que, se a verdade relativa que se pode conhecer não existe, a sabedoria que essa verdade deveria conhecer tampouco existe.

Em que sentido a verdade relativa não existe? A verdade relativa é aquela que os seres ordinários, pueris, percebem sendo eles próprios o produto da ignorância que carrega as emoções negativas. Ela é também percebida pelos três tipos de seres sublimes nascidos do conhecimento desperto, isento de emoções negativas. Sua percepção é comparável a de uma pessoa que, atingida por uma doença ocular, tem a impressão de ver pequenas moscas voando ou formas flutuando.

Quanto ao Buda, ele liberou-se da ignorância no final da absorção semelhante ao diamante. Ele vê a verdade última, e seu modo de ver consiste em não ver nada. Portanto, ele não cai no engano da verdade relativa. Ele se parece com os doentes curados, cujos olhos não vêem mais “moscas volantes” ou outras formas flutuando.

Considerando-se que a percepção da verdade relativa resulta da ignorância, essa verdade só é enunciada do ponto de vista dos seres ordinários. Para os Budas, ela não existe. Conseqüentemente, a sabedoria que a conheceria não existe também. Se a mente de um Buda percebesse os fenômenos relativos, ela perceberia objetos ilusórios e ele mesmo cairia no erro. Isso seria contrário às escrituras que dizem, por exemplo, que os grandes sábios encontram-se continuamente em um estado de equilíbrio meditativo.

Aqueles que compartilham da opinião precedente argumentam que o simples fato de estar em estado pós-meditação não quer dizer que o Buda esteja distraído, e que, conseqüentemente, não há nenhuma contradição com os textos que afirmam que o Buda encontra-se continuamente em equilíbrio meditativo.

Tampouco convém falar de engano quando se trata apenas de perceber os “objetos do engano”. O Buda percebe os objetos do engano que aparecem aos olhos dos outros seres, mas saber que toda mente que acredita na realidade desses objetos está iludida, eis a própria causa que conduz os seres aos mundos superiores e à liberação. Como um saber semelhante poderia ser um engano?

Lemos no *Imenso Desabrochar*:

"Se soubermos perfeitamente que ali só existe engano,
Apreendemos, com certeza, sem engano".

Outros ainda declaram que perceber os objetos da verdade relativa sem, todavia, acreditar em sua realidade, não constitui uma impossibilidade lógica. Mesmo se os Budas os percebem, eles não estão iludidos.

Portanto, segundo a opinião precedente, o que se chama de conhecimento de cada coisa seria a sabedoria resultante dos Budas.

Considera-se que:

"Inicialmente, há o conhecimento da natureza das coisas,
O equilíbrio meditativo sem engano, isento de pensamento.
Em seguida vem o conhecimento de cada coisa,
O estado resultante, acompanhado da percepção da ilusão e dos pensamentos".

Alguns, enfim, pensam que os Budas não possuem sabedoria resultante.

Lemos no *Sutra da realização de uma infinidade de métodos*:

"Tendo atingido a budeidade totalmente perfeita, o Tathagata não concebe nem conhece nada. Por quê? Porque não existe objeto a ser conhecido".

Também se diz:

"Existem *tirthikas* que declaram
Ir à liberação.
Você, você diz que vai à paz,
Antes de desaparecer como uma chama que se extingue".

Eis as diversas opiniões com relação a essa questão.

Os gushes declaram que o Buda autêntico e perfeito é o corpo absoluto. “Corpo absoluto” é apenas um termo convencional que designa o fim de toda

confusão, ou ainda o contrário dessa confusão. De fato, o corpo absoluto é o sem-conhecimento livre de toda elaboração conceitual.

O *Ornamento dos sutras* diz:

"A libertação é apenas o esgotamento do erro".

O Buda é, portanto, o corpo absoluto, e o corpo absoluto sendo sem-nascimento e livre de toda elaboração conceitual, o Buda não possui sabedoria.

Pode-se argumentar que isso vai contra os sutras que mencionam duas sabedorias. De fato, não há contradição. Do mesmo modo que dizemos que vemos o azul quando uma aparência de cor azul apresenta-se à consciência visual, é quando a sabedoria torna-se o espaço absoluto que se fala de "conhecer a natureza das coisas". Quanto ao conhecimento de cada coisa, ela vem da verdade relativa e corresponde às percepções dos seres a socorrer. Essa "explicação" foi qualificada de "prática".

Assim, a libertação e a sabedoria perfeitas constituem a essência ou a natureza da budeidade.

Lemos no *Continuum insuperável*:

"A budeidade é indivisível

Mas, analisada somente segundo as aparências,

Ela se caracteriza pela libertação e pelas duas sabedorias,

Que se pode comparar ao céu e ao sol".

E no *Ornamento dos sutras*:

"Quando as sementes dos véus emocionais e cognitivos, há muito tempo presente, são totalmente destruídas em uma imensa libertação, uma transformação acontece e alcança-se o bem e as qualidades supremas: é a budeidade".

II Sentido da palavra "Buda"

Por que empregamos o termo Buda (*sangs rgyas*)? Porque ele designa aquele que dissipa (*sangs*) o sono da ignorância e cuja mente desenvolveu-se (*rgyas*) a ponto de abarcar os dois objetos de conhecimento.

"Ele dissipou (*sangs*) o sono da ignorância

E sua mente desenvolveu-se (*rgyas*): é o Buda (*sangs rgyas*)".

"Dissipar o sono da ignorância" é a libertação perfeita da qual falamos. "Desenvolver sua mente até abarcar os dois objetos de conhecimento" é a sabedoria perfeita.

III Divisão em três corpos

O estado de Buda assume três aspectos, ou "corpos": o corpo absoluto, o corpo de perfeita fruição e o corpo de aparição. Lemos no *Sutra da suprema luz de ouro*:

"Todos os Tathagatas têm três corpos: o corpo absoluto, o corpo da perfeita fruição e o corpo da aparição".

Alguns textos falam de dois, quatro ou cinco corpos. Certamente, mas, como se pode ler no *Ornamento dos Sutras*, os três corpos contêm todos eles:

"Saibam que os corpos dos Budas

Resume-se em três".

IV Apresentação do três corpos

A] O corpo absoluto é o verdadeiro Buda.

Lemos na sublime *Prajanaparamita em oito mil versos*:

"Não considere o Tathagata como o corpo formal:
O Tathagata é o corpo absoluto".

E no *Sutra da absorção soberana*:

"Não considere que o rei dos Vencedores tenha corpo formal".

B] Saiba que **os dois corpos formais** resultam da reunião de três fatores:

- 1) a bênção do corpo absoluto;
- 2) as percepções dos seres a socorrer;
- 3) as orações anteriores.

1) Se estes dois corpos provêm unicamente da bênção do espaço absoluto, como este último impregna todos os seres, seria lógico que todos atingissem a libertação sem esforço, ou que encontrassem os Budas. Como não é o caso, os corpos formais não resultam apenas da bênção do espaço absoluto.

2) Se eles não se devessem exclusivamente às percepções dos seres a socorrer, sendo a percepção de algo que não existe um engano, a budeidade seria atingida com base em um engano. E já que todos os seres estão desde a noite dos tempos mergulhados no engano, seria lógico que todos já fossem Budas por essa única razão. Considerando-se que não é assim, a percepção dos seres não pode ser a única causa (dos corpos formais).

3) Assim, os corpos formais são resultado somente dos pedidos dos Budas? Duas possibilidades apresentam-se: ou os perfeitos Budas têm o poder de fazer pedidos que se realizem, ou eles não o têm. Se eles não o têm, eles tampouco são oniscientes. Mas se o têm, visto que pedem sem discriminação por todos os seres, estes últimos deveriam ser liberados sem sofrimento. Ora, já que não é o que ocorre, os pedidos não podem ser a única causa (dos corpos formais).

Os corpos formais provêm, portanto, da reunião dessas três causas.

V Por que três corpos?

É necessário que existam três corpos, pois o corpo absoluto serve para o bem daquele que o realiza, e os dois corpos formais para o bem dos outros.

Por que o corpo absoluto está a serviço do bem daquele que o realiza? Porque sua realização é o fundamento de todas as qualidades, tais como a força e a coragem, que se apresentam, então, como se fossem convidadas.

Por outro lado, sem mesmo falar em alcançá-lo, aqueles que aspiram ao corpo absoluto e o realizam parcialmente, em parte ou em grande parte possuem respectivamente poucas, muitas ou inúmeras qualidades. De fato, todas as absorções, as clarividências e os poderes perfeitos, até o nível do "dharma mundano supremo", são qualidades que decorrem da aspiração ao corpo absoluto. Todas as qualidades, como a liberação, a clarividência e os poderes milagrosos dos grandes arhats-ouvintes vêm do fato deles terem realizado um pouco o corpo absoluto. A liberação, a clarividência e todas as outras qualidades dos nobres arhats-Budas-para-si decorrem

da realização de uma parte do corpo absoluto. A liberação, as absorções e a clarividência e todas as outras qualidades dos Bodhisattvas dos diferentes níveis e vias resultam do fato deles terem em grande parte realizado o corpo absoluto.

O corpo formal destinado ao bem dos outros é necessariamente duplo, porque existem dois tipos de seres a socorrer. O corpo de fruição aparece aos seres puros, e o corpo de aparição àqueles que não o são.

Portanto, é necessário que os Budas tenham três corpos.

VI Características de cada um dos três corpos

1] O corpo absoluto

O termo corpo absoluto é apenas uma palavra que designa o esgotamento de todos os erros, ou ainda a reversão das percepções negativas, uma vez realizado o sentido do espaço absoluto, a vacuidade. Na verdade, nem o corpo absoluto nem suas características, nem sua própria base de existência têm existência real. Todavia, buscando um aspecto para vislumbrá-lo, podemos encontrar oito atributos: ele é igual, profundo, permanente, único, autêntico, puro, luminoso e ligado à perfeita fruição.

Ele é igual, pois no corpo absoluto não há diferença entre os Budas; profundo, pois, livre de toda elaboração conceitual, é difícil de ser realizado; permanente, pois, incomposto e, portanto, sem início nem fim; único, pois o espaço absoluto e a sabedoria, não sendo distintos, ele é indivisível; autêntico, pois, para além dos julgamentos excessivos, ele permanece sem erro; puro, pois ele não é maculado por nenhum dos três véus; luminoso, pois, isento de pensamento, ele tem como objeto o próprio não-pensamento; ligado à perfeita fruição, pois ele é substrato do corpo de perfeita fruição e de suas imensas qualidades.

Lemos no *Continuum insuperável*:

"O iogue em equilíbrio meditativo

Que realiza a natureza do espaço absoluto

Visto que não tem nem início, nem meio, nem fim, que é indivisível,

Não-dual, intemporal, e sem mácula nem pensamento".

E no *Ornamento dos sutras*:

"O corpo da natureza autêntica é igual,

Sutil e ligado à perfeita fruição".

2] O corpo de fruição

O corpo de fruição é, também, provido de oito características:

- 1) o séquito;
- 2) o lugar;
- 3) o Buda;
- 4) as marcas;
- 5) o ensinamento;
- 6) as atividades;
- 7) a espontaneidade;
- 8) a inexistência do si.

- 1) O séquito, ou aqueles que partilham a experiência do corpo de fruição, é unicamente constituído de Bodhisattvas da décima terra.
- 2) Os lugares dessa experiência são os campos de Buda totalmente puros.
- 3) Os Budas que têm essa experiência são Vairochana e os outros.
- 4) As marcas que esses buddhas possuem são as trinta e duas excelentes marcas maiores e as oitenta marcas menores.
- 5) O ensinamento que é o objeto da perfeita fruição é somente o do Grande Veículo.
- 6) As atividades dos Budas consistem, entre outras, em prever o Despertar dos Bodhisattvas.
- 7) Sua espontaneidade designa o fato que suas atividades são realizadas por si só, sem o menor esforço, como no caso da jóia mágica.
- 8) A inexistência do si quer dizer que mesmo que diferentes fenômenos se produzam, tais como formas de Budas, esses fenômenos não existem em si, como cores refratadas pelo cristal.

Lemos no *Ornamento dos sutras*:

"Em todos os mundos, o corpo perfeito de fruição
 Distingue-se pelo séquito, o lugar, as marcas,
 Os Budas, a fruição do ensinamento integral
 E as atividades".

E no *Ornamento da realização perfeita*:

"Como o detentor das trinta e duas marcas maiores
 E das oitenta marcas menores
 Frui do Grande Veículo,
 Chamamo-lo de corpo de fruição do Muni".

3] O corpo de aparição

O corpo de aparição apresenta, também, oito aspectos:

- 1) seu suporte;
- 2) sua causa;
- 3) seu lugar;
- 4) sua duração;
- 5) a forma que ele toma;
- 6) o engajamento;
- 7) a maturação;
- 8) a liberação que ele provoca nos seres.

- 1) O suporte do corpo de aparição é o imutável corpo absoluto.
- 2) Sua causa é a grande compaixão que consiste em querer socorrer todos os seres.
- 3) O lugar onde ele se manifesta pode também ser um campo puro ou um campo não puro.

4) Ele não tem interrupção e se apresenta até o fim dos tempos.

5) Ele pode assumir três formas:

a) O corpo de aparição caracterizado pelo talento artístico brilha em diferentes disciplinas, como a música.

b) O corpo de aparição caracterizado pelo renascimento pode renascer sob toda forma de existência mesmo inferior, como por exemplo, de uma lebre.

c) O corpo de aparição supremo manifesta os oito fatos de Buda: ele desce do paraíso de Tushita, penetra em uma matriz, etc, e parte, finalmente, para a grande paz.

Lemos no *Ornamento dos sutras*:

"Sem interrupção manifesta a habilidade física,
O renascimento, o grande Despertar e o nirvana,
Os corpos de aparição do Buda
Oferecem grandes meios de liberação'.

E no *Continuum insuperável*:

'Manifestando-se de inúmeras maneiras,
Renasce realmente,
Desce do paraíso de Tushita,
Entra em uma matriz, vem ao mundo,
Adquire o domínio de todas as artes,
Diverte-se com suas reais esposas,
Renuncia ao mundo e pratica a ascese,
Atinge o coração do Despertar,
Vence os demônios e, com perfeição,
Gira a roda dos ensinamentos do Despertar,
Depois passa para além do sofrimento.
Esses atos, ele os manifesta
Em mundos impuros
Até o fim dos tempos".

6) Fala-se de engajamento porque o corpo de aparição busca que todos os seres ordinários do mundo aspirem ao corpo dos três tipos do nirvana que lhes for conveniente e com ele se comprometam.

7) Maturação refere-se ao fato que ele leva à perfeita maturidade as acumulações de mérito e de sabedoria daqueles que se engajaram na via.

8) E liberação quer dizer que ele liberta das correntes do devir os seres cujo mérito conduziu à maturidade.

O *Continuum insuperável* diz ainda:

"Corpo de compaixão que engaja os seres mundanos na via da paz,
Leva-os à maturidade e prevê-lhes o Despertar".

Tais são as oito características do corpo de aparição.

Lemos no *Ornamento da realização perfeita*:

'Este corpo que, pelo bem dos seres,
Age de mil maneiras simultâneas
Enquanto o mundo existir
É o corpo continuamente manifesto do Muni'.

VII Particularidades dos três corpos

Os três corpos possuem cada um três particularidades:

- 1] A igualdade;
- 2] A permanência;
- 3] A aparição.

1] A igualdade

Os corpos absolutos de todos os Budas são iguais, pois seu suporte, o espaço absoluto, não é diferente.

Os corpos de perfeita fruição de todos os Budas são iguais, pois sua realização não é diferente.

Os corpos de aparição de todos os Budas são iguais, pois suas atividades são comuns.

Lemos no *Ornamento dos sutras*:

"Por seu suporte, sua realização,
E suas atividades, eles são iguais".

2] A permanência

O corpo absoluto é permanente por natureza, porque na verdade última ele não nasce nem cessa.

O corpo de fruição é permanente pela continuidade, porque ele frui sem cessar do Dharma.

O corpo de aparição desaparece para reaparecer sem interrupção; mesmo que não tome a mesma forma, ele não deixa de surgir no momento oportuno. Sua atividade é, portanto, constante.

Lemos no *Ornamento dos sutras*:

"Por sua natureza, sua continuidade
E sua constância, eles são permanentes".

3] A aparição

O corpo absoluto aparece quando os véus cognitivos que ocultavam o espaço absoluto foram dissipados.

O corpo de fruição aparece quando os véus emocionais forem dissipados.

O corpo de manifestação aparece quando os véus do karma forem dissipados.

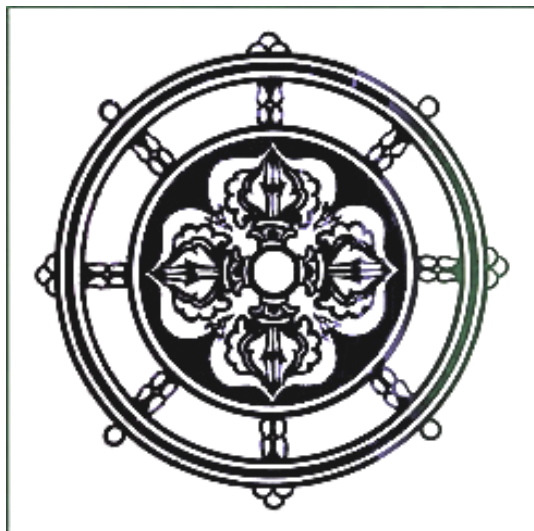
འཕྲིན་ལས།

༄༅། འཕྲིན་ལས་རྟོག་མེད་འགྲོ་དོན་མཛད།

Parte VI

Capítulo 21

A Atividade dos Budas



Gampopa
O Precioso Ornamento da Liberação

Parte VI

Capítulo 21

A Atividade dos Budas

"Sua atividade, diz-se, consiste em trabalhar, sem conceito, pelo bem dos seres. "

O Bodhisattva produz, inicialmente, a mente de Despertar, em seguida, pratica a via, e enfim, atinge a budeidade. Considerando-se que essas etapas têm apenas um único objetivo, o de dissipar o sofrimento dos seres, realizando sua felicidade, poderemos perguntar se, uma vez que se tenha tornado Buda, pelo fato de não ter mais pensamentos nem despendido esforços, age-se de qualquer maneira pelo bem dos seres. De fato, mesmo sem ter o menor pensamento nem realizar o menor esforço, um Buda realiza, entretanto, o bem dos seres, espontaneamente e sem interrupção.

Como isso é possível? É o que iremos ver, explicando como, sem conceito, o corpo, a palavra e a mente de um Buda permitem-lhe trabalhar pelo bem dos seres.

Encontramos no *Continuum insuperável* um certo número de imagens que ilustram como os Budas trabalham sem conceito pelo bem dos seres, através de seu corpo, de sua palavra e de sua mente:

"Como Indra, o tambor dos deuses, a nuvem, Brahma,
O sol, a preciosa jóia mágica,
Como o alaúde e o Tathagata,
Como o céu e como a terra".

Indra

O exemplo de Indra ilustra como um Buda trabalha com seu corpo, e sem conceito, pelo bem dos seres. Rei de um mundo divino, ele vive com suas rainhas em um palácio Todo Vitorioso. Esse palácio é feito de lápis-lazúli puro e transparente, permitindo que a forma de Indra seja visível do exterior. Vendo a forma do rei e de suas riquezas, aqueles e aquelas que ali se encontram fazem o voto de tornarem-se o mais cedo possível como ele. Esforçam-se pelo bem para conseguirem e depois de sua morte renascem como Indra.

Essa aparição da forma de Indra é imutável e produz-se mesmo que não se pense nela. De modo idêntico, aos seres que, engajados na via do objetivo supremo, cultivam a fé e as outras qualidades, aparecem, de um modo imutável e sem conceito, como os Budas perfeitos, ornados das marcas maiores e menores, que caminham, permanecem em pé, sentados, ou deitados, que ensinam o Dharma, meditam ou realizam todos os tipos de prodígios. Essas aparições suscitam a fé e o entusiasmo nos seres. Para transformar-se em budas, estes últimos cultivam a mente de Despertar e as outras causas da budeidade, e acabam por se tornarem Budas.

"Como sobre a clara superfície do lápis-lazúli
Revela-se a forma do rei dos deuses,
Aos seres cuja mente é pura
Aparece a imagem do Rei dos Munis".

O tambor dos deuses

O exemplo do tambor dos deuses ilustra a maneira pela qual os Budas trabalham através da palavra, e sem conceito, pelo bem dos seres. No alto do palácio Todo Vitorioso encontra-se o tambor chamado Carregado com a Força do Dharma, o qual provém do poder dos atos positivos que os deuses de outrora realizaram. Sem conceito, ele exorta os deuses negligentes, lembrando-lhes que todos os compostos são impermanentes, e outras verdades.

"Assim como nas terras divinas,
Graças aos bons atos passados dos deuses,
Sem esforço, sem localização, sem corpo nem espírito
Nem conceito, o tambor do Dharma
Exorta oralmente, ainda e sem interrupção, todos os deuses negligentes
Proclamando a impermanência, o sofrimento,
A inexistência do si e a paz [...]"

É assim que, sem esforço nem conceito, a palavra de um Buda proclama o Dharma apropriado a todos àqueles cujos méritos o permitem.

"Do mesmo modo, sem esforço nem conceito,
O onipresente Buda dissemina sua palavra
Sobre todos os seres sem exceção,
E aos outros seres afortunados ensina o Dharma".

A nuvem

O exemplo da nuvem ilustra a maneira como os Budas trabalham com a mente, e sem conceito, pelo bem dos seres. No céu do verão, as nuvens acumulam-se sem esforço nem conceito, depois elas caem em forma de chuva e molham a terra, permitindo que o grão brote.

"Como no verão as nuvens, sem esforço deixam cair através da chuva
Uma grande quantidade de água sobre a terra
Que dará colheitas perfeitas [...]"

Da mesma maneira, a mente de um Buda, sem nenhum conceito, faz cair sobre os seres que deve socorrer a chuva do Dharma que proporcionará o amadurecimento da colheita do bem.

"Do mesmo modo, a atividade compassiva, traz a chuva sem conceito
Do ensinamento dos Vencedores, cuja colheita é o bem dos seres".

Brahma

Sem abandonar sua morada, Brahma, um outro rei dos deuses, aparece em todos os lugares divinos. Da mesma maneira, o Buda, sem abandonar o corpo absoluto, realiza o bem dos seres a socorrer, manifestando para eles os doze fatos de sua vida e outros atos.

"Assim como, sem deixar sua residência, Brahma aparece sem esforço
Em todos os lugares divinos,
Sem abandonar o corpo absoluto, o Muni
Mostra sem esforço em todos os mundos
Formas de si mesmo aos seres afortunados".

O sol

Sem o menor pensamento, os raios de sol fazem desabrochar simultaneamente o lótus e inúmeras flores. Do mesmo modo, graças aos raios de luz de seu ensinamento, um Buda faz abrir para o bem, sem conceito nem esforço, o lótus da mente dos seres cuja natureza e as aspirações são inúmeras.

"Como o sol, cuja luz
Faz sem conceito e simultaneamente
Desabrochar o lótus
E faz florescer outras flores,
Os raios de sol
Do Dharma dos Tathagatas
Iluminam sem conceito
O lótus dos seres a socorrer".

Pode-se dizer também que, assim como a imagem do sol se reflete no mesmo momento em todos os recipientes de água clara, um Buda aparece no mesmo momento a todos os seres que devem ser socorridos cujas percepções são puras.

"Em todos os recipientes
Dos seres puros a socorrer,
A imagem do sol dos Tathagatas
Reflete-se em número incalculável".

A preciosa jóia mágica

A jóia mágica satisfaz todos os desejos daqueles que lhe peçam, ainda que não tenha pensamentos e ignore o esforço. Do mesmo modo, é graças aos Budas que os ouvintes e os outros discípulos realizam seus desejos.

Do mesmo modo que a jóia mágica,
Sem pensar e no mesmo instante,
Atende aos desejos,
Daqueles que lhe pedem,
Acreditando no Buda que atende os desejos,
Os seres com intenções diversas
Ouvem muitos ensinamentos
Mas o Buda não tem nenhum pensamento.

Os exemplos do alaúde, do céu e da terra ilustram por sua vez como os Budas realizam o bem dos seres, sem conceito.



